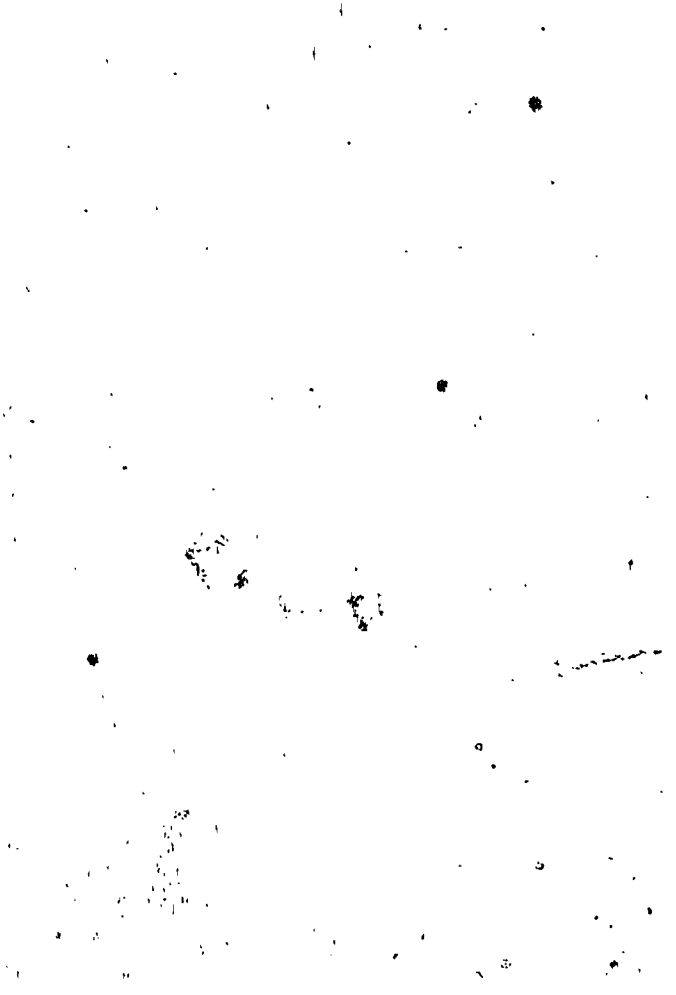
00100589

3454 C-206

Processed at
The Preservation & conservation
Laboratory of
The Asiatic Society of Bombay
Date..Nov..11...

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 20 February, 2016

922.2254
Xav/Per/Res
100589



S. FRANCISCO XAVIER.

APOSTOLO, DEFENSOR, E PATRONO DAS INDIAS.

100589

INTRODUCÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO.

O *Resumo Historico* da Vida do Glorioso Apostolo, Protector, e Defensor das Indias=S. Francisco Xavier=que publicámos por occasião da solemne exposição do seu venerando Corpo em 1859, apesar de ser coordenada á pressa pela escassez do tempo, e de ser impresso entre mil embaraços pela affluencia de serviço, tendo merecido aceitação dos devotos visitantes, esgotou-se em menos de 20 dias a sua edição de 2.500 exemplares (a maior que até aquella e, havia sahido dos Prelos da Imprensa Nacion. sem com tudo estar satisfeita a anciedade publica de possuir aquelle Opusculo, não pelo seu estilo, que não passava do vulgar, não pelo delicado do seu formato, nem belesa das suas gravuras, porque aquelle era uma brochura muito ordinaria, e estas eram abertas por quem não sabia da arte; mas sim pelo seu assumpto, que não obstante ser uma brevissima relação dos factos praticados pelo nosso Santo, durante a sua trabalhosa missão, deixava apparecer as maravilhosas façanhas da sua Apostolica vida, que os devotos folgam de ler como elegantemente *Viale*:

Mas quem de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa;
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios gosa?
Mil vezes mais que bellica façanha
Vai do apostolo a empresa gloriosa.

. . . . . .

Bosq. metrico da Hist. de Port.

Visto que, seja embora a mesma vida escrita extensa ou resumidamente: em verso ou em prosa: por penna bem ou mal aparada: pelos Escritores Nacionaes ou Estrangeiros: Catholicos ou Protestantes, tem a singular propriedade de todos que a tem escrito concordarem na substancia dos [illegible] odigiosos della, e de acclamarem o seu [illegible] a uma voz.

« Apostolo e Pai do Povo Christão das Indias »

E nesta rasão D. Francisco de la Torre applicar-lhe o seguinte elogio de Marcial a Cesar:

« Vox diversa sonat, Populorum est vox tamen una, cum [illegible] Patriæ dixeris esse patrem »

Tal he o motivo certamente, porque este *Resumo Historico*, apesar de ser uma relação summaria, mereceo ser traduzido nas linguas *Ingleza*, *Tamul*, e *Maratha*; com tudo, como ainda continua a anciedade referida, e varios pedidos de di[illegible] parte[illegible] resolvemos-nos a publicar esta 2.ª

SUMMARIO CHRONOLOGICO

DA

VIDA, MILAGRES E REVELAÇÕES

DO

APOSTOLO E DEFENSOR DAS INDIAS,

S. FRANCISCO XAVIER.

E DE OUTROS FACTOS NOTAVEIS RELATIVOS AO MESMO SANTO.

PARTE PRIMEIRA.

DIVISÃO PRIMEIRA.

VIDA E VIAGENS.

	Parag.	Pag.
1497—Nasce no Castello de Xavier.....	1	1
,, Vai estudar na Universidade de Pariz.	,,	3
1534—Faz voto de pobreza e castidade.. ..	3	4
,, Item de ir a Terra Santa.....	,,	,,
1536—Nov. 15—Parte para Venesa..	,,	,,
,, Fica mortal por ligaduras, no caminho.	,,	,,
1537—Jan. 8—Chega livre á Venesa..	4	5
,, Chupa a materia de 1 chaga.....	,,	,,
,, Passa 40 dias em um ermo.....	,,	,,
,, Em Vicencia diz a primeira Missa..	,,	,,
,, Adoece gravemente e é visitado por S. Jeronimo.....	,,	,,
,, Em Bolonha prégа pelas Praças . ..	,,	,,
1540—Chega a Roma e occupa-se a prégar.	,,	,,
,, Tem a visão de ter 1 Indio negro sobre ás Costas.....	6	7
,, Item a do epilogo de trabalhos por que tinha de passar.....	,,	,,
,, Março 15—He nomeado Missionario para a India	,,	,,
,, 16 Parte para Lisboa com o Embaixador.....	7	8

	Parag.	Pag.
1540—Junho 30—Chega a Lisboa	9	10
,, Dedica-se á reformar os costumes dos seus habitantes.....	,,	,,
,, Peregrina a N. Senhora de Nazareth.	,,	12
1541—Abril 7: Embarca para a India.. ..	11	14
,, Na viagem exercita o seu zelo e caridade.....	,,	,,
,, Agosto: Chega a Moçambique, e occupa-se dos enfermos no Hospital....	12	16
1542—Fev.: Sahe de Moçambique para Goa.	13	17
,, Mar. 16: Chega a Melinde, e desputa com os Mouros.....	,,	,,
,, Maio 6: Chega a Goa.....	,,	,,
,, Applica-se a servir os enfermos do Hosp. e reformar os costumes	14	18
,, Outubro: Parte ao Cabo de Comorim.	18	37
,, Dedica-se ao trabalho de conversão..	,,	,,
,, Disputa com os Bramanes sobre a Religião.....	20	40
1543—Dez.: De volta chega a Cochim. ...	26	49
1544—Jan.: Chega a Goa, e continua os trabalhos encetados.....	,,	50
,, Fev.: Volta para o Cabo de Comorim.	,,	,,
,, Soccorre os Parvas com mantimento..	,,	,,
,, Volta para Travancor.....	27	51
,, Baptisa 10$000 idolatras em um mez.	,,	,,
,, Converte os da Ilha Manar.....	30	55
,, Nov.: Parte para Manapar por terra..	31	59
,, Dez.: 16 Chega a Cochim.....	,,	,,
,, 19: De Cochim passa para Baçaim..	,,	60
,, Volta para Cananor.....	,,	,,
1545—Jan.: Passa a Cochim	32	61
,, Mar.: Em Cochim se embarca para Colombo.....	33	62
,, Na viagem reduz o Piloto aos deveres de Christão.....	,,	63

		Parag.	Pag.
1545—	Chega a Columbo e passa a Manar.	,,	63
,,	Baptisa os habitantes de Manar.....	,,	,,
,,	Passa a Ilha das Vacas, e a Negapatão.	,,	,,
,,	Mar. 29: Se embarca para Cochim.	,,	,,
,,	Abril 7: Arriba a Negapatão	,,	64
,,	Peregrina a Meliapor.....	34	64
,,	He fustigado pelos demonios	,,	66
,,	Converte a João de Eyró.....	35	68
,,	Setembro: Se embarca para Malaca.	36	69
,,	—— 25: Chega a Malaca	37	70
,,	Acolhe-se ao Hospital, e se applica reformar os costumes dos Habitantes.....	,,	71
,,	Converte muitos Gentios, Mouros, e Judeos.....	38	72
1546—	Jan. 1: Navega para Amboino	40	74
,,	Fev.: Chega a Amboino, converte alguns infieis, e funda 1 Igreja.....	,,	75
,,	Consegue admiraveis conversões de Hespanhoes, peccadores obstinados..	41	76
,,	Parte para Ternate.....	42	77
,,	Navegando para as Ilhas perde 1 pequeno Crucifixo de sua devoção.....	43	77
,,	Chega a Tamalo e recupera o Crucifixo trasido por um Caranguejo.....	,,	78
,,	Se embarca para Ullate e baptisa os seus habitantes	44	79
,,	Maio 31: Volta de Ullate para Ternate.	45	80
,,	Consegue arredar os portuguezes do caminho de perdição.....	,,	,,
,,	Agosto: Passa para a Ilha de Moro.	46	81
,,	Converte 24 a 25$000 habitantes...	47	82
,,	Volta para Ternate, e se emprega nos exercicios costumados.....	49	83
1547—	Embarca se para Malaca.....	50	84
,,	Toca em Amboino, e confessa muita		

		Parag.	Pag.
	gente.....	51	84
1547—	Julho: Chega Malaca e continua nos seus exercicios.....	53	86
,,	Faz maravilhosamente apresiar uma armada contra os Achens.....	57	90
,,	Dez.: Navega para Goa.....	74	105
1548—	Jan. 12 Chega a Cochim.....	,,	110
,,	Volta ao Cabo de Comorim.....	,,	,,
,,	Março 20: Chega a Goa, e navega para Baçaim.....	75	110
,,	Ab. 2: Volta a Goa, e se embarca para Careapatão.....	76	112
,,	Torna a Goa, ainda a bem morrer ao V.Rei D. João de Castro, e se dá a vida contemplativa.....	78	114
,,	Set. 9: Navega para o Cabo de Comorim.....	80	118
,,	Out. 22: Volta a Goa.....	,,	,,
,,	Se embarca novamente para Baçaim.	81	120
,,	Dez. 13: Chega a Cochim.....	,,	,,
1549—	Fev. Volta para Goa.....	81	128
,,	Abril 25: Se embarca para Malaca..	,,	129
,,	Maio: Chega a Malaca, e afugenta os demonios, que perseguiam o Vigario..	,,	132
,,	Junho 24: Navega para Japão.....	82	133
,,	Ag. 15: Chega a Congoxima de Japão, e he bem recebido.....	83	135
,,	Começa a prégar com fructo.....	,,	,,
1550	Setb. Parte para Firando, e de caminho entra em uma Fortaleza onde converte varios Idolatras.....	87	139
,,	Chega a Firando com o fardel de paramentos ás costas.....	88	140
,,	He bem recebido dos Portuguezes..	,,	,,
,,	Dez.: Vai para Meaco com grandes incommodos.....	90	141

	Parag.	Pag.
1550—Pelo caminho serve de lacaio a 1 mercador Japonez	91	142
1551—Jan.: Chega a Meaco, e nada consegue.	92	142
,, Fev.: Volta logo a Amanguchi	,,	,,
,, Emprega meios, e obtem licença e começa a prégar	93	143
,, As suas predicas fazem grandes conversões, e despovoar os 100 Mosteiros da Cidade	95	145
,, Set.: Parte para Fige	98	147
,, He recebido pelos Portuguezes com grandes salvas de artilheria	99	148
,, He mandado visitar e convidado pelo Rei	102	159
,, Apresenta-se com singular aparato em Palacio	103	151
,, Formalidades com que he recebido	105	152
,, Recebe extraordinarios comprimentos do Rei	109	154
,, Tem grandes disputas com o Bonzo Focarandono	116	159
,, Novb.: Despede-se do Rei e se embarca para Malaca	125	165
,, Padece grande tormenta na viagem	,,	,,
,, Dez.: Chega a Sanchão	133	170
,, 31: Segue para Malaca	134	,,
,, Na viagem convenciona com Diogo Pereira para ir a China	,,	171
,, Na viagem soffre grande tufão	135	171
,, Chega a Malaca, e se embarca para Goa.	141	174
1552—Jan. 24: Chega a Cochim, e converte o Rei de Maldiva	143	175
,, Termina a questão sobre a Igreja de Madre de Deos	144	175
,, Fev.: Larga Cochim e chega a Goa.	145	176
,, Recebe a Patente de *Preposito* Provin-		

		Parag.	Pag.
	cial da India	147	178
1552 –	Reforma o Collegio e o Seminario	148	179
,,	Castiga exemplarmente ao Padre Antonio Gomes	,,	,,
,,	Reforma as Missões	149	,,
,,	Não acceita o convite de Chaul para construir 1 Collegio naquella Cidade	,,	,,
,,	Obtem do V. Rei Diploma de Embaixador para China a Diogo Pereira	152	180
,,	Despede-se dos Religiosos, e dos Amigos	154	181
,,	Abril 14: Se embarca para Malaca	155	,,
,,	Toca de passagem em Cochim e se faz na volta de Malaca	156	182
,,	Chega a Malaca, e se occupa dos apestados	157	,,
,,	Soffre com indisivel paciencia a acintosa opposição para não ir a China	159	183
,,	Despede-se de D. Alvaro	171	192
,,	Escreve 1 Carta sentimental a Diogo Pereira e se embarca	,,	,,
,,	Torna a desembarcar para se despedir de N. Sr.ª do Outeiro	172	194
,,	Sacode os Sapatos e se embarca para Sanchão	,,	195
,,	No Estreito de Sincapura escreve varias Cartas	173	196
,,	Converte a bordo 1 Mouro com a sua familia	175	198
,,	No porto de Chincheo converte 60 mouros	,,	199
,,	Agosto: Chega ao porto de Sanchão	176	200
,,	Da-se ao trabalho de prégar, e confessar os mareantes	,,	,,
,,	Casa 1 moça orfã e pobre	177	,,
,,	Contrata a sua viagem para a China	179	204

		Parag.	Pag.
1552—	Soffrè opposição e protestos dos Portuguezes.....	„	„
„	Adoece, e se restabelece em 2 semanas.	181	206
„	Vive com o Creado de esmolas..	182	207
„	Nov 19: Vê com sentimento passar este dia ajustado para ir a China....	182	„
„	20: Adoece novamente.....	„	„
„	Certificado de sua morte se recolhe á náo St.ª Cruz.....	183	208
„	Desembarca da náo e se põe na praia.	„	„
„	He conduzido pelo Portuguez Jorge Cabral para a sua Choupana..	„	„
„	22: He sangrado mal e soffre espasmo .	„	„
„	28 Augmenta-se-lhe o mal, e começa a delirar.....	184	209
„	Dez. 2: Fallece (em dia Sexta-feira) repetindo— *In te Domine esperavi*..	185	210

DIVISÃO SEGUNDA.

FACTOS POSTERIORES AO FALLECIMENTO.

„	Acodem os Portuguezes da náo e lamentam a sua morte.....	186	„
„	Amortalham-no em Vestimentas Sacerdotaes.....	„	„
„	Divide-o entre si, como reliquia, um pedaço da loba, que lhe tiram das Costas.....	„	211
„	O Piloto guarda para si 1 bota, por isso he alcunhado—*o de bota*	„	„
„	Fica insepulto até ao dia Domingo	187	„
„	He sepultado metido em 1 Caixão, sendo conduzido por 2 mulatos, e acompanhado unicamente pelo Creado Antonio.....	„	212
„	Escreve a D. Alvaro 1 Creado seu que Xavier morrera sem fazer milagre, e		

		Parag.	Pag.
	fora sepultado como qualquer dos outros.	190	214
1553—	Fev.: He desenterrado, e acham-no incorrupto	191	215
„	Concorrem os Portuguezes da não para ver a maravilha, e chorão todos por diversos affectos	193	216
„	Conduzem o Caixão ás costas para o batel, e deste para a não	„	217
„	Larga a não para Malaca	194	„
„	Março 22: A não lança o ferro no porto do seu destino	„	„
„	23: He condusido o Corpo com grande solemnidade para a Capella de N. S. do Monte	197	218
„	Sepultam-no pela 2.ª vez, e sahe-lhe sangue vivo do pescoço	„	„
„	He examinado novamente, e acham no inteiro	198	219
„	Embarcam-no para Goa em uma não velha	199	„
1554—	Jan.: Toca a não em Cochim, e passa a Baticalá	200	220
„	Março 15: Chega o Corpo a Goa e he depositado na Igreja de Ribandar	202	221
„	16: He condusido procissionalmente e com grande aparato para a Igreja do Collegio de S. Paulo	205	232
„	Colocam-no na Capella-mór armada de festa	206	232
„	Concluidas as solemnidades he depositado em uma sepultura de abbobada.	207	233
1560—	Desta sepultura o transferem para varios lugares	208	„
1615—	Cortam-lhe o braço direito	210	234
1622—	Mar. 26—Foi canonisado pelo Papa Gregorio XV	230	251

		Parag.	Pag.
1622—	Merecimentos do Apostolo para a sua canonisação	231	252
„	Epilogo das suas qualidadades pessoaes e virtudes moraes: seu amor divino: amor dos homens: obras de misericordia heroica paciencia, peregrinações e conversões ..... Cap.	76	235
„	Conceito que fazem os Protestantes de sua virtude e missões.....	228	246
1624—	Fev. 16—Festeja-se a sua canonisação.	233	255
„	19: He colocado o seu Corpo na Capella de S. Francisco de Borja.....	234	„
1655—	Trasladado-se dali para a Capella e Tumulo onde presentemente se venera.	234	259
„	Fazem-lhe muitas oblatas	237	266
„	Levanta-se um Padrão em sua memoria na Ilha de Sanchão.....	238	269
„	A alta consideração em que tem os Reis de Portugal, e os seus Delegados neste Estado ao Santo..	239	270
1699—	Mar. 24: He tomado por Defensor do Oriente por El-Rei D. Pedro 2.º ..	„	271
1748—	Mar. 27: He declarado pelo Papa Benedicto 14.º Protector de toda a India.	„	272
1769—	Ab. 17: Manda-se proceder ao auto do seu Corpo.....	„	„
1782—	Jan. 1.º: He exposto a veneração publica.....	„	„
1859—	Out. 12—Procede-se ao novo auto do estado do seu Corpo.....	„	„
„	Dez. 3 Novamente he exposto a veneração publica.....	„	„
1860—	Memoria Historica da exposição do seu veneravando Corpo.....	„	„

FIM DA PARTE PRIMEIRA.

PARTE SEGUNDA.

DIVISÃO PRIMEIRA.

DOS MILAGRES, PROPHECIAS, E REVELAÇÕES FEITAS PELO SANTO, DURANTE A SUA VIDA.

		Parag.	Pag.
1540—	Salva o Secretario da embaixada enterrado n'um monte de neve	8	9
,,	Item um Companheiro que levava uma corrente	,,	,,
,,	Item um Creado do Embaixador despenhado com o cavalo de um monte a baixo	8	,,
,,	Item de morte um ferido em desafio.	10	12
1541—	Cura um frenetico em Moçambique..	12	16
1542—	Revela a perda da náo Capitania que vinha de Moçambique	13	18
,,	Na Costa da Pescaria sara os doentes com o toque de Contas	24	46
1543—	Em Manapar espele do Corpo de um enfermo o diabo que lhe perseguia..	,,	47
,,	Em Punicalé profetisa a um seu hospede que teria a prole masculina, que desejava	25	47
,,	Em Pandocal resuscita a Antonio seu Creado	,,	,,
,,	Em Combutura 1 filho de 1 viuva ..	,,	48
,,	Em Punicalé 1 mancebo morto de peste	,,	,,
,,	Item um leproso, lavando-o com as suas mãos	,,	49
1544—	Com a simples intimação faz retirar o formidavel exercito dos Badegas	28	52
,,	Em Coulão resuscita um defunto enterrado desde 3 dias	29	53
,,	Em Mulião um menino	,,	,,
,,	Profetisa em Cananor a 1 Portuguez,		

		Parag.	Pag.
	que o seu filho, que o desgostava		
	seria Religioso Franciscano	31	61
1545—	Em Cochim profetisa a Cosme Annes, então Vedor da Fazenda, o perigo da		
	não em que remettera 1 diamante, e, passado tempos, que o diamante es-		
	tava são e salvo nas mãos da Rainha.	32	61
,,	Em Paliim faz cessar a peste.....	33	63
,,	Na Ilha das vacas resuscita um me-		
	nino.....	,,	,,
,,	Em Manar profetisa uma tempestade.	,,	,,
,,	Item Sangue e mortes em Ceilão.....	,,	64
,,	Em Meliapor dá moedas a um pobre..	34	67
,,	Por meio de contas livra 1 naufrago..	35	68
,,	Em S. Thomé dá saude a 1 menina.	,,	,,
,,	Revela a João de Eyró a sua intenção..	,,	,,
,,	Na viagem para Malaca faz recuperar		
	o perdido a 1 jugador.....	36	69
,,	Desembarcado em Malaca, nomea pe-		
	los seus nomes os mesmos que o cer-		
	cam.....	37	71
,,	Salva de morte 3 doentes.....	38	72
,,	Resuscita uma menina já sepultada..	39	73
,,	Faz recuperar 600 xerafins a 1 Sol-		
	dado, que os havia perdido ao jogo..	,,	74
1546—	Em Amboino profetisa a proxima mor-		
	te de João d'Araujo.....	41	77
,,	Em Ternate revela a sua verificação.	42	77
,,	Em Veranula recupera, trasido por 1		
	Cazanguejo, o Crucifixo perdido no		
	mar.....	43	78
,,	Em Rocalo profetisa a 1 menino que		
	morreria repetindo o nome de *Jesu*..	,,	79
,,	Em Uiate faz chover abundante neute.	44	79
,,	Maio: Em Ternate revela a morte de		
	João Galvão.....	45	80

	Parag.	Pag.
1546—Agosto: Navegando para a Ilha de Mare revela a morte de alguns Portuguezes naquella Ilha	46	81
„ Salva-se sobre 1 trave da perseguição dos ferozes Javaros	48	83
1547—Revela em Amboino a morte de Diogo Gil	51	85
„ Em Malaca prediz a João de Eyró que seria Franciscano	54	87
„ Profetisa a proxima vinda de 2 Embarcações	62	95
„ Dez. 6: Revela a Victoria ganhada pelos Portuguezes sobre os Achens	67	99
„ Faz cessar 1 tormenta nos baixos de Ceilão	74	108
„ Profetisa outra na volta da náo	„	110
1548—Em Baçaim revela a Rodrigo de Sequeira as suas faltas, e o faz voltar aos seus deveres	75	111
„ Em Cariapatão converte um valentão impenitente	77	113
„ Em Cochim cura um menino	81	122
„ Revela a Diogo Madeira o seu máo pensamento	„	125
1549—Em Japão faz fecundar o mar, que estava esteril	84	136
„ Cura um menino enchado, tomando-o nos braços	„	„
„ Item um Gentio leproso fazendo sobre elle uma Cruz	„	„
„ Resuscita uma menina	85	137
1551—Em Amanguchi falla a lingua Sinica, e com uma resposta satisfaz muitas perguntas em diversas lingoas	94	144
„ Faz fallar um mudo paralitico	„	„
„ Item a um outro mudo	„	„
„ Item ouvir um surdo	„	„

		Parag.	Pag.
1551	—Item voltar o batel perdido da não St.ª Cruz.....	131	169
,,	Profetisa ao Piloto da dita não, Francisco de Aguiar, que elle não morreria na agoa &c.....	133	170
1552	—Jan.: Profetisa que a não St.ª Cruz nunca perigaria no mar, e se desfaria no lugar onde fora construida.....	135	171
,,	Prediz que acharia em Malaca a não de Antonio Pereira, para ir a India..	140	173
,,	Fev.: Em Goa cura um Padre que estava agonisante na enfermaria de S. Paulo.....	146	177
,,	Profetisa aos seus amigos, e a Catharina de Chaves sua confessada que mais se não veriam nesta vida.....	154	181
,,	Prediz porém a dita Catharina que o tornaria a ver antes de partir desta vida.....	,,	,,
,,	Salva a não em que ia, na altura das Ilhas de Nicobar.....	156	182
,,	Revela estar graçando peste em Malaca.....	,,	,,
,,	Em Malaca resuscita um menino.....	158	183
,,	Profetisa que Diogo Pereira seria remunerado das perdas sofridas na malograda embaixada.....	170	191
,,	Item, que nem a elle nem a seus filhos nunca faltaria de comer.....	,,	,,
,,	Item, a breve morte de Gaspar Mendes.....	,,	,,
,,	Item, que o Padre Francisco Perez, que estava gravemente doente viveria muitos annos.....	,,	192
,,	Item, que D. Alvaro seria castigado na honra, fazenda, e no corpo.....	,,	,,

		Parág.	Pag.
1552—	Prediz que não se encontrariam mais nesta vida com D. Alvaro	172	194
,,	Na viagem para Sanchão adoça a agoa do mar	175	199
,,	Faz aparecer, depois de 6 dias um menino cahido no mar	,,	,,
,,	Profetiza a proxima morte de Diogo Queroz	,,	,,
,,	Revela que haviam passado o porto demandado	,,	,,
,,	Item, que a embarcação que julgavam perdida vinha com refrescos, acompanhada de varios Navios	,,	,,
,,	Em Sanchão profetiza a Pero Velho que nunca lhe faltaria com que passasse nesta vida commodamente, e que saberia o dia da sua morte	177	201
,,	Resuscita um menino defunto	178	203
,,	Afogenta a alcatea de tigres que infestava uma Ilha visinha	,,	,,
,,	Revela aos Portuguezes os disgostos que corriam em Malaca	,,	,,
,,	Item que a não que julgavam perdida estar a salvo em Japão, e que na mesma semana chegaria a Macáo	,,	,,
,,	Profetiza a morte de um Capitão de Navio, em cuja choupana se abrigava.	181	207
,,	Item a da maior parte dos 7 Portuguezes, que estavam com elle em conversação	182	208
,,	Item o máo fim do seu Creado Christovão	184	209

DIVISÃO SEGUNDA.

MILAGRES E APARIÇÕES DEPOIS DA MORTE.

1553—	Larga a náo as velas para Malaca com o Corpo do Santo, e cessão alguns		

		Pazag.	Pag.
	annos os tufões que eram frequentes naquellas paragens.....	194	217
1553—	Chegado o Venerando Corpo a Malaca com o tocar do peito de um doente ao seu Caixão fica são.....	196	218
„	Com a sua entrada na Cidade cessa a peste e a fome que reinava..... ..	197	„ „
„	Na conducção do seu Corpo para Goa salva a náo em que ia, de 2 perigos eminentes..	199	220
„	Em Baticalá cura a mulher do Feitor.	200	221
„	Chegado o Corpo a Goa cura muitos enfermos, cegos, tolhidos, e leprosos.	204	232
„	Faz tremer a Capella, e os que estavam nella, quando se quiz cortar-lhe o Braço..	209	234
„	Milagres que fez depois de sua collocação no Tumulo.....	235	260
„	Epylogo dos seus milagres e apparições..... .....Cap.	76	235

FIM DA PARTE SEGUNDA.

branda, cortez e aprazivel, mas tão recatada e honesta, que de todos o fazia amado; e para mais claro sinal da Divina Providencia, seguindo os outros irmãos as armas por destino só elle, nem desigual nos brios, nem inferior nas forças, se entregou ás letras por affeição. Levado desta inclinação, sendo já de maior idade, passou á Universidade de Pariz, onde estudou o curso das Artes, e Sagrada Theologia com tão feliz successo, que na mesma Academia, emporio então das sciencias de toda Europa, ensinou publicamente Filosophia.

CAPITULO 2.º

De Sua associação a St.º Ignacio,—voto para ir a Jerusalem—Viagem para Veneza, Bolonha e Roma;—e successos por que durante ella passou.

2—Muito diversos eram os designios de Xavier, e os de Deos nestes estudos. Xavier aspirava á gloria das dignidades Ecclesiasticas, fundando bem suas esperanças na nobreza do sangue, na modestia dos costumes, e na excellencia das prendas. Deos intentava communicar-lhe no exercicio das sciencias thesouros de sabedoria para o constituir Mestre e Doutor das gentes Orientaes! Para este fim o foi dispondo com os conselhos de Ignacio de Loyola, seu companheiro no Collegio de Santa Barbara, a trocar as Cadeiras de Pariz, e todas as glorias possuidas e esperadas, pelo timbre de maior gloria de Deos na Companhia de Jesu, que já então formava aquelle Patriarca, que hoje a Igreja venera por Santo. Entregue já Xavier nas mãos de Ignacio fez os exercicios espirituaes com tanta consolação, que passou os primeiros quatro dias sem comer bocado, satisfeito com as delicias da contemplação continuada por dias e noites. O modo exterior de orar nestes primeiros exercicios era presentar-se diante de Deos atado fortemente de pés e mãos. Acabado o tempo destes santos exercicios de meditação, e mortificação, sahio delles tão

trocado, e tão differente de si mesmo, quanto vai de um cigenhoso Academico com os olhos nas vaidades da terra, a um Varão Apostolico, todo applicado a levar os homens ao Céo.

3—Tinha St.º Ignacio outros cinco Companheiros de raras qualidades, os quaes todos de commum accordo resolveram consagrar-se a Deos com voto de pobreza, e castidade perpetua, e navegar á Palestina a pregar o Evangelho aos infieis (1); e quando esta viagem se não verificasse dentro de um anno depois de chegados a Veneza, irem lançar-se aos pés do Summo Pontifice, submettendo-se á sua obediencia em qualquer serviço da Igreja. Tomada esta resolução, se foi Xavier com os mais ao Templo de St.ª Maria no Monte dos Martyres (Montmartre) fora de Pariz, e nelle offereceo a Deos seus votos, dia da Assumpção de N. Sr.ª no anno de 1534, sendo então de 37 annos. Partiu depois a Veneza no coração do inverno, levando comsigo tres companheiros, e passando pelos grandes incommodos na viagem pela alta Alemanha, e neves perpetuas dos Alpes. Xavier para se punir da complacencia, que lhe tinha inspirado em outro tempo a sua agilidade em saltar e correr, exercicio naquelle tempo muito usado entre os estudantes de Pariz, se tinha apertado por cima de joelhos, e pelos buchos dos braços com uns cordeis delgados, e torcidos em nós, tão rijamente que entrando pela carne com o movimento do caminho foram profundando-se até chegarem aos ossos a serem insoffriveis. Sentou-se então desfallecido o fervoroso Peregrino, e declarada a cauza, chamaram um Cirurgião, o qual vendo os cordeis tão profundamente metidos pela carne inchada, e tão vizinhos aos nervos, desconfiou de os poder cor-

(1)—Diz Ferdinand Diniz que ainda existe em Pariz uma torrinha, que se diz ir ella no Collegio de St.ª Barbara, bairro da Universidade velha, onde elle (Xavier) e St.º Ignacio fizeram os memoraveis conciliabulos, em que resolveram navegar.

edição do mesmo *Resumo*; mas dando-lhe outra forma, e ampliando o seu conteudo com passagens, que na 1.ª, por brevidade, haviamos apenas apontado, com referencia aos Autores, e com novas peças officiaes, e algumas integras, trechos, e citações de varias Cartas do glorioso Apostolo, que confirmam diversos factos relatados pelos Escritores que compilamos; sem com tudo termos o desvanecimento de que damos ao Publico uma historia acabada da vida do grande homem, de quem D. Francisco de la Torre diz:

« La vida de San Francisco Xavier es perfecta,
« en sus obras, y abundante en sus maravillas,
« ninguno cumplidamente la ha acabado »

Em vista pois deste testemunho de um abalisado Escritor daquella mesma vida, he facil de se conhecer que bem alheia he de nós uma tal presumpção; tanto mais que este nosso trabalho no seu fundo não passa de uma recopilação do que escreveram extensa, mas não completamente, os Autores que deixamos apontados na introducção da 1.ª Edição.

Dividimos esta 2.ª Edição em duas partes. Contem a 1.ª os factos historicos *da vida, conversões, e milagres* do Santo Apostolo, e tudo o mais notavel que tem tido lugar depois do seu feliz transito até aos nossos dias: e a 2.ª a historia da recente

solemne exposição do seu venerando Corpo em 1859, e do mais que respeita ao mesmo acto, e sahe a obra adornada com mais 4 Estampas novas, além das 9 da 1.ª edição.

Para se formar juizo das longas distancias de umas para outras paragens, que o afamado Missionario percorreo, e da grandeza e sumptuosidade dos edificios religiosos da antiga Cidade de Goa, emporio nos felises tempos do vasto Imperio Lusitano, alguns dos quaes edificios são alludidos pelo inclito Xavier, e outros adduzidos na historia da sua vida, e da ultima exposição do seu Corpo, cuja noticia he pouco sabida, ajuntamos nos respectivos lugares notas illustrativas, comprehendendo umas as distancias itinerarias das mencionadas paragens, e outras a noticia abreviada dos sobreditos edificios, afim de que ao menos esta discripção em miniatura da magnificencia passada daquella Cidade fique em registo *ad rei futuram memoriam*, e para que, como diz Ferreira (1), os que depois de nós vierem vejam quanto se trabalhou por seu respeito, para que elles para os outros assim sejam.

Finalmente, para os nossos leitores acharem facilmente o que houverem de procurar no texto, documentos, ou nas notas deste Opusculo faze-

1) *Poem. Luiz. Cart. 3.*

mos acompanhal-o no principio de um Indice de Capitulos, e de um Summario de factos principaes da vida e milagres do Apostolo, e no fim semelhantemente de dous Indices, um de documentos, e o outro alfabetico de objectos salientes das Notas.

sustento de cada dia. Seu maior cuidado foi a reforma de Lisboa (13). Dizião missa de madrugada, e consolados no corpo e no espirito os doentes do Hospital, sahião a prégar, e doutrinar pelas praças, ouvião de confissão, fazião pazes, vizitavão os carceres da Inquisição, e assim reduzirão a melhor vida a muitos da principal nobreza da Corte. Edificou-se com isso tanto o povo de Lisboa, que a uma voz os começarão a chamar Apostolos, titulo que approvado por El-Rei e pela Corte foi recebido sem contradicção pelas mais Cidades. El-Rei estava tão affeiçoado aos Padres, vendo a reforma dos costumes do povo, que não podia acabar comsigo de os apartar de si, e não lhe parecendo zelo bem ordenado tratar mais do bem das Conquistas, que do proprio Reino, propoz o negocio em Conselho, e apezar do Infante D. Henrique, votou-se que ficassem os Padres em Portugal (14). Escreverão elles logo a St.° Ignacio, manifestando-lhe de uma parte a promptidão de sua obediencia, e de outra significando-lhe o receio de perderem tão gloriosa empreza. Fallou o Santo com o Pontifice, o qual resolveu que se acommodassem em tudo ao gosto d'El-Rei. Mas St.° Ignacio, inspirado por Deos, escreveu a D. Pedro Mascarenhas, que os dous Missionarios estavão de todo entregues á disposição de Sua Alteza; porém que se lhe pedissem o seu parecer, satisfaria ambas as partes, mandando ao Padre Mestre Francisco para a India, e retendo em Portugal ao Padre Mestre Simão. Aceitou El-Rei este conselho, como vindo do Ceo, e assim se executou (15).

(13)—Em consequencia da positiva recommendação d'El-Rei, conforme affirma o Santo na supracitada Carta p. 22.

(14) A'cerca desta conservação dos Padres em Portugal, S. Francisco Xavier dá comprida noticia aos Padres da Companhia de Roma na sua carta datada em Lisboa em 4 de Julho de 1540 (Vol. 1.° p. 13) e a St°. Ignacio na outra de 24 do mesmo mez (Coll. V. 1.° p. 31.)

(15) A respeito desta escolha de Xavier para a India, diz elegan-

CAPITULO 5.º

De sua peregrinação a N. Senhora de Nazareth, do que ahi passou com um fidalgo mortalmente ferido, sua volta, e despedida d'El-Rey.

10—Em quanto se aprestava a frota para a India, peregrinou Xavier a N. Senhora de Nazareth, para lhe merecer em tão comprida e perigosa navegação. Quando diante do altar da milagrosa imagem estava em fervorosa oração foi chamado para confessar certo fidalgo, ferido mortalmente em um desafio. Não podendo o Santo persuadir o penitente ao perdão do inimigo, perguntou-lhe se perdoaria o aggravo fazendo-lhe Deos mercê da vida? E respondendo elle que sim, levantou os olhos e o coração ao Ceo e pedio a Deos, e no mesmo instante se achou o moribundo livre da morte, e são da ferida, e cumprio a palavra. Acabada a romaria voltou o Santo a Lisboa, e antes de se embarcar para a India o mandou El-Rei chamar, e lhe encommendou encarecidamente a conversão dos infieis, a confirmação na fe dos novamente convertidos, os costumes e vidas dos Portuguezes: que visitasse as Fortalezas, e Presidios, procurando extirpar os abusos e remediar as desordens dos Capitães, e Feitores de sua fazenda, e o avizasse por Cartas de tudo quanto julgasse conveniente ao serviço de Deos, e da Coroa (16). Nesta occasião entregou-lhe, para com maior authoridade mane-

temente De la Torre=*España la dió al Mundo, Francia á la Religion, Roma á Portugal, y el Cielo á la India*=!

(16)—Conforme a Collecção das Cartas de St.º Xavier, da edição castelhana de 1752, se conhece que este escrevera a El-Rei D. João 3.º cinco Cartas, mas datas de 20 de Janeiro de 1545—17 de Janeiro de 1547—26 Janeiro 1548—17 de Janeiro 1549—e de 25 de Junho de 1552, todas sobre os assumptos recommendados, e muito edificantes, as quaes por serem bastante extensas não reproduzimos.

jar a conversão das almas, quatro Breves, nos quaes o Summo Pontifice Paulo 3.° o creava a elle seu Nuncio e da Sé Apostolica em todas as Provincias descubertas alem do Cabo de Boa Esperança. O primeiro Breve era expedido em Roma aos 27 de Julho de 1540—o 2.°, mais amplo em poderes, aos 2 de Agosto—o 3.° e 4.° aos 4 de Outubro do mesmo anno. Os primeiros dous com os poderes de Legacia; o 3.° (17) recommendando-o a todos os Principes e Senhores da Costa Oriental de Africa, Mar Roxo, Sino Persico, e de ambas as Indias, aquem, e alem do Ganges; e no 4.° a David Imperador d'Ethiopia (18). Por tanto, diz o P.e Souza, que não havia que duvidar que o Apostolado da India havia sido commettido a S. Francisco Xavier por eleição e authoridade da Santa Sé Apostolica (19).

(17)—O Ab. Gedescard, a pag. 38 diz que este 3.° Breve era de recommendação ao Rei David d'Ethiopia, e o 4.° a todos os mais Principes do Oriente.

(18)—Diz o Padre Sousa no seu *Oriente Conquistado*, (Conq. 1. § 12 pg. 15) que os ditos 4 Breves se conservavão no seu tempo na Secretaria de Goa (Archivo da Companhia) metidos em uma bolça de veludo verde. O nosso Santo uma unica vez fallou do Breve de sua Nunciatura, quando soffreo impedimento da parte de D. Alvaro de Attaide para a viagem da China, como no lugar competente se verá—Na occazião de se forrar de novo o Caixão externo do Santo tendo-se descuberto uma gaveta occulta, julgamos ser este um grande achado, porque conteria certamente a sobredita bolça verde, com os referidos 4 Breves, na sua abertura porem, pcrante a commissão, se conheceo estar absolutamente vago, e para no futuro não estar neste estado fizemos depositar nella, *ad rei futuram memoriam*, 1 Exemplar do Auto da Abertura do Caixão, outro da 1.ª edição deste Resumo Historico da Vida do Santo: outro da sua novena. 1 Jogo de 4 Estampas de sua vida: 1 Estampa de sua Effigie: outra do seu Retrato no estado actual, e varias Medidas do seu Corpo, e outras Memorias da sua Exposição.

(19)—A'cerca do mesmo Apostolado, diz o Ab. Gedescard que o

CAPITULO 3.º

Do seu embarque para a India, do que passou na viagem até a chegada a Moçambique.

11—Despedido Xavier da Corte e do seu amigo o Padre Mestre Simão, que o foi acompanhando até o meter na náo —Capitania—onde hia o Governador Martim Affonço de Sousa, saio pela foz do Tejo aos 7 de Abril de 1541 (20), seguido de mais 4 naós. Não passou a sua matolotagem de alguns livros espiritnaes, e tres vestidos grosseiros, que a custo aceitou da Fazenda Real. Vinhão na Capitania perto de 1000 pessoas, entre soldados e maruja, que derão bastante materia ao zelo e caridade do novo Missionario. Pregava Xavier nos Domingos e dias santos, e todos os dias doutrinava a gente rude, emendava juramentos, compunha discordias, desterrava cantigas profanas, introduzindo outras devotas (21). O Governador lhe offereceo a sua meza, mas elle a não aceitou, e pedia de esmola aos passageiros o seu sustento. Aceitou a ração commum do porão, e a repartia pelos mais necessitados (22). Hia algumas vezes ao fogão cosinhar para si, e para os outros, não julgando esta acção, como dizia, menos

---

Papa Urbano 8.º com justo titulo lhe chamava (a S. Francisco Xavier) *Apostolo das Indias.*

(20)—S. Francisco Xavier, na sua carta aos Padres da Companhia de Jesus de Roma, datada em Goa aos 18 de Setembro de 1542 diz o seguinte:= « El dia 6 de Abril de 1541 nos dimos á la vela en la misma Nave, en que iba el Virrey, y llegamos á la India el ano siguinte de 42 á 6 de Maio; y assi gastamos mais de um ano en la navegacion, y es regular un ano y dos meses.» =

(21)—Estas cantigas devotas, diz o Padre Sousa que preservarão ainda quando elle fez a viagem da India, com palavras Castelhanas e Portuguezas, conforme a lingoagem que o Santo então fallava, Or. Conq. D. 1. § 13. p. 16.

(22)—Do bom tratamento que recebeo do Governador, e da occupa-

decorosa á dignidade de Nuncio Apostolico; porque só o peccado a podia desdourar. A grande demora, e calmarias soffridas na linha tendo feito corromper os mantimentos e a agoa, se ateou na náo um contagio universal. Jazião os miseraveis lançados pela culcrta, e como era grande o seu numero, e maior a desordem, impedião uns aos outros o pequeno serviço que podião fazer os sãos. Deste lastimozo hospital era Xavier o medico, o enfermeiro, o capellão, o alivio, o pai, o servo, em uma palavra, tudo para todos. Andava em continuo giro preparando as medicinas, dando de comer, lavando a roupa, varrendo e alimpando as enfermarias, dispondo-os á confissão, e assistindo-lhes no ultimo artigo da vida. De noute descançava apenas poucas horas sobre uma amarra. Offereceu-lhe o Governador um camarote: acceitou-o, e o transformou em pequena enfermeria, onde recolhia os doentes mais perigosos. Em fim taes mostras deo de si nesta viagem, que sahindo Nuncio de Lisboa, ferrou Moçambique no fim de Agosto acclamado de todos por *Padre Santo*, appellido que sempre lhe durou, ainda entre os gentios em quanto viveo (23).

ção em pregar, e confessar durante a viagem o Santo dá conta na sua carta de 18 de Setembro de 1542, dirigida de Goa aos Padres de Roma. Coll. Vol. 1. pg. 61.

(23 —Em Mocambique reina ainda hoje entre os Negros a tradição de que querendo Xavier passar a terra firme, o barqueiro lhe pedira *meio vintem*, e que o Santo lhe dissera que *essa seria sempre o seu pedido*; por tanto que os negros geralmente pedem por qualquer serviço *meio vintem*, ainda que hajam de receber meia pataca. Que de outra vez não querendo o barqueiro transportal-o para a outra banda da Ilha o Santo estendera a sua Capa e sobre ella passara. Que o Sante em uma das suas cartas aos Padres de Roma descrevera minuciosamente a má fé da gente da terra (Mouros), asseguraudo que elles sempre permanecerião nella; mas na Collecção das cartas que possuimos não achamos a de que falla a tradição, finalmente que na sua retirada daquella Cidade deixara aos moradores como memoria da sua estada naquella terra as duas

CAPITULO 7.º

De sua chegada a Moçambique, e da occupação que teve no Hospital.

12—Em Moçambique teve maior occasião de exercitar sua grande caridade pelo grande numero de doentes, que das cinco náos se recolherão no Hospital (24). Como as doenças eram muitas, e contagiosas, Xavier no meio de seus trabalhos ficou acomettido de febre maligna, que o abrazava, e segundo o juizo do Medico não havia doente mais perigoso; com tudo elle levantava-se da cama, como se estivesse muito são, servia, confessava, e assistia aos moribundos. O Medico vendo-o nestas occupações, lhe rogou que se retirasse ao seu catre, e não se levantasse. Assim o farei, respondeo elle, mas primeiro me hei de occupar com um enfermo, que morrerá depressa, e ainda se não confessou. Era este um grumete, que já frenetico com agudissimas febres jazia no chão, fel-o levantar e deital-o no seu proprio leito, e apenas o tocou, milagrosamente ficou livre do frenesi, e se confessou, e recebidos os ultimos Sacramentos expirou aquella mesma noute. Depois disto Xavier obedeceo ao Medico, sujeitou-se á ca-

pegadas que se vem impressas sobre um penedo na estremidade da Ilha, onde costumava ir rezar. Hum devoto do Santo que no anno proximo passado voltou daquella Ilha trouxe um pedaço do referido penedo, cuja parte nos deo, asseguramdo-nos com admiração, que estando o mesmo penedo no grupo de outros só elle era respeitado pelas agoas do mar que naquella paragem eram bastante agitadas, e sem embargo de o penedo ter a contextura granulosa como as outras era dura de quebrar; por tanto a muito custo pudera obter o pedaço que trouxera o qual tinha quasi duas polegadas de cumprido, e uma e meia de largo.

(24)—Na supracitada carta descreve Xavier a Ilha de Moçambique, e dá noticia da molestia que soffreram as guarnições das Naós, de sua assistencia e occupação no Hospital, e da viagem até che-

ma, e tratou-se de curar. Não aceitou o convite dos moradores, que á porfia o queriam levar para sua casa, entretanto o mal se aggravou, por tres dias o privou dos sentidos, sangrou-se então, e na setima sangria abrandou a febre, e em poucos dias ficou livre.

CAPITULO 8.º

Da sua sahida de Moçambique, das disputas com os Mouros de Melinde, e da chegada a Goa.

13—Não obstante de estar o Santo mal convalecido se embarcou a para India para acompanhar o Governador que ia doente, no fim de Fevereiro de 1542 (25) no Galeão Coulão, por ser mais ligeiro; e chegado a Melinde teve Xavier suas praticas com os Mouros daquella Cidade sobre a verdade da Religião Catholica. Hum dos Principaes lhe perguntou então se havia mais piedade na Europa que em Melinde, visto que de 17 misquitas, que haviam na Cidade, apenas tres eram frequentadas por mui poucos mouros. Esta pergunta fez convencer ao Santo a grande cegueira deste povo (26). Despedidos os navegantes do Rei de Melinde, foram seguindo sua viagem, tocando apenas em Socotora. Finalmente entrou Xavier pela barra de Goa aos 6 de Maio do mesmo anno. Das 5 naós, que partiram pouco depois do Governador, 4 chegaram no fim de Maio; porém a Capitania Santiago assaltada de um furioso temporal deo á costa entre Baçaim e Versavá. Deste naufragio estava o Santo sabedor; pois que quando os

gar a Goa, tocando Melinde, e Socotrá.

(25)—Diz o Abb. Godescard que o embarque teve logar em 13 de Março, Vol. 12 p. 10—e o Padre Lucena em 15, Livro 1.º Cap. XI.

(26)—Sobre esta pratica, que teve Xavier com um Mouro de Melinde, de elle conta na atraz citada carta, Vol. 1. pg. 66

homens do mar louvavam a não, de ser mais possante e a melhor de vela de quantas andavam nesta carreira, costumava elle dizer—*que lhe não tardaria muito um lastimoso fim*—Depois de chegar a Goa fallando-se da mesma não, que cada dia se esperava, rompia muito sentido nestas palavras: *Oh! aquella nao!—Oh! aquella não!* O que brevemente se soube que era allusão ao seu naufragio.

CAPITULO 9.º

De sua applicação em Goa ao serviço dos enfermos, ensino da doutrina, e a outros exercicios piedosos.

14—Logo que Xavier aportou a Goa começou a exercitar as virtudes mais oppostas aos vicios, que reinavam nesta Babilonia Portugueza. Viviam então os Portuguezes soberbos, e arrogantes com as continuas victorias, que alcançavam, e riquezas immensas, que possuiam, como se já se não lembrassem da humildade e modestia Christãa. E para lhes renovar a memoria de tão importantes virtudes, não escolheo outra pouzada em Cidade tão rica e populoza, senão o publico Hospital, onde se consagrou como escravo ao serviço dos enfermos. Antes de começar a pregar se foi lançar aos pés do Bispo, e entregou-lhe os Breves do Summo Pontifice, para que fosse sabedor da sua missão de Nuncio Apostolico. Era Bispo da India D. Fr. João de Albuquerque (27) Prelado de conhecida virtude, o qual levantou-o nos braços, viu os Breves, e fazendo-lhe outra vez entrega delles, lhe offereceo tudo quanto estivesse na sua mão, e o animou para uzar dos poderes concedidos sem receio algum de embaraços.

15—Quanto mais se acumulavam em Goa as riquezas de toda a India, tanto mais crescia a cobiça dos seus Ci-

(27)—Foi 1.º Bispo de Goa, veio a este Estado em 1538, e falleceo em 28 de Fevereiro de 1553. A Igreja Goense foi erecta em Bispado em 1534 pela Bulla de 3 de Novembro. Vid. a Coll. do

Bem dissemos que o Autor do artigo leo muito de relance o *Resumo historico*; e isto se confirma porque, referindo-se a nota (1) a pag. 38 dos documentos da 1.ª edição, que corresponde a nota 278 da presente, a qual era especial ao *dedo esponjoso* accusado no auto, diz=*do que foi* abocado *pela devota não falla*: quando deste dedo dá conta o auto censurado de 1782 a pag. 28 dos documentos, e nós damos sua noticia, na nota (1) a pag. 107 do *Resumo* da 1.ª edição, declarando quem o havia tirado e o destino que elle tivera, o que corresponde na presente edição a nota (211) a pag. 240, e o mais que dizemos, ampliando a mesma noticia, fica na nota 350 a pag. 532 esclarecendo o artigo sobre o mesmo dedo, publicado no *Jornal de Commercio* de Lisboa n.º 1877 de 30 de Dezembro de 1859, reproduzido neste Opusculo na citada pag. 532.

Nova-Goa, 31 de Julho de 1861.

ADDITAMENTO.

Estando já no Prelo esta folha tivemos hoje á mão o Caderno do *Archivo Pittoresco* que corresponde ao mez de Agosto de 1860, vindo pela Fragata—D. Fernando—chegada a Goa em 22 do mez de Setembro deste anno de 1861, e a pag. 183 do mesmo Caderno deparamos com algumas observações concernentes ao objecto desta nossa *Advertencia*, e são as seguintes.

« Antes de proseguirmos a narrativa do que se passou « n'esta ultima exposição, cumpre-nos advertir que a admi- « ração que mostramos a pag. 143, de se não conhecer em « Goa o volume dos sermões de Vieira, em que vem tan- « tas particularidades da vida de S. Francisco Xavier, se « referia ao que viamos escripto no auto de exame feito « em 1782; pois que o auctor do « Resumo » tanta vez « citado n'esta noticia da exposição, menciona esse volume « no elenco das obras por elle consultadas para a publica- « ção do citado « Resumo », e d'elle faz algumas trans-

« cripções. Não cita, porém, nem parece ter lido a impor-
« tante carta dedicatoria dirigida á rainha D. Maria So-
« phia, pelo Padre Balthazar Duarte, que resolve algu-
« mas duvidas, e corrige os erros que já notamos no « Re-
« sumo ».

« Depois de escripto o artigo a que nos estamos repor-
« tando, é que reparámos que o auctor do « Resumo », ,
« n'uma nota a pag. 123, diz que fôra induzido em erro,
« n'outra nota aos documentos, pelo epitome do Padre Fi-
« gueiredo, sobre o nascimento das infantas a quem a tra-
« dição attribuia o bordado das vestes sacerdotaes de S.
« Fsancisco Xavier. Mas ainda esta emenda ficou errada,
« porque, segundo o testimunho contemporaneo, do citado
« Padre Balthazar Duarte, quando a Rainha fez a offerta
« de taes vestimentas ao Santo, ainda nenhuma das suas
« filhas era nascida !

« Fazemos estas observações para que taes erros se cor-
« rijam, e não por menos prezar o livro do Sr. Felippe
« Nery Xavier, que é na verdade mui noticioso, contém
« grande copia de documentos inéditos, e é o trabalho mais
« completo que até agora temos a respeito do que toca a
« um varão Santo, que tanto glorificou e afamou a nação
« Portugueza ».

Agradecemos ao auctor dos artigos do *Archivo Pittoresco* não só esta sua correcção imparcial, e espontanea, mas ainda a honra com que trata o nosso humilde nome, o o nosso pobre livro.

A este fizemos para melhorar o mais que coube em nossas forças nesta presente edição, o que folgaremos que seja bem acceito pelo dito auctor, e outros homens competentes.

Nova-Goa, 15 de Outubro de 1861.

INTRODUCÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Aproveitando do ensejo da presente exposição do venerando Corpo do Glorioso Apostolo, e Defensor do Oriente, e especial Patrono das Indias=S. Francisco Xavier=offerecemos aos seus devotos visitantes este Resumo Historico da sua apostolica vida, contendo factos os mais maravilhosos por elle praticados durante a sua longa missão em differentes Paizes, que percorreu, coligidos do que extensamente escrevem o Padre João de Lucena, na sua *Vida do Padre Francisco de Xavier* (da edição de 1600). O Padre Antonio Vieira, no seu *Xavier dormindo, e Xavier acordado* (edic. de 1694). O Padre Mestre Francisco de Sousa, no seu *Oriente Conquistado a Jesu Christo* (edic. de 1708). D. Francisco de la Torre, no seu *El-Peregrino Atlante S. Francisco Xavier, Apostol del Oriente* (edic. de 1728). O Padre Pedro de Ribadaneira, no seu *Flos Sanctororum* (edic. do 1728). O Padre R. Jacob Conesio, no seu *Flos Sanctorum, seu vitae et res gestae sanctorum* (edic. de 1741). O Padre Francisco Cutillas, na sua *Collecção das Cartas de S. Francisco Xavier Apostol de las Indias* (edic. de 1752). Fernão Mendes Pinto, na sua *Peregrinação* (edic. de 1762). Mr. Ferdinand Denis, no seu *Portugal Pittoresco ou Descripção Historica d'este Reino* (edic. de 1846). O Histo-

riador Inglez d'Alban Butler, traduzido pelo abbade Godescard, nas *Vies des Peres, des Martirs, et des autres principaux Saints* (edic. de 1854), e outros que vão apontados nos respectivos lugares.

Para satisfação dos mesmos devotos, e afim de lhes fazer recordar, e deixar memoria aos vindouros do solemne acto da alludida exposição, que teve lugar depois de 77 annos volvidos, apresentamos nos seus devidos lugares a Effigie do grande Thaumaturgo da India, tocada no seu milagroso Corpo, duas vistas do seu sumptuoso Tumulo, dadiva do Grão-Duque de Toscana, com a sua descripção (1), as duas faces do grande Medalhão de ouro, commemorativo da sua inauguração em Defensor do Oriente, que lhe fôra dedicado por El-Rei D. Pedro 2.° de Portugal, o dezenho das Armas da Rainha de Portugal, D. Maria Sophia, que estão bardadas na riquissima vestimenta sacerdotal que ella offrecéra, e que hoje he toda a gala do veneravel Corpo do Santo, na lingoagem do Padre Sousa. Finalmente fazemos a-

(1) Extraida do n.° 6 de 1846 do Jornal da Santa Igreja Lusitana do Oriente, ordenada pelo Administrador do Collegio do Bom-Jesus e da Capella do Glorioso Santo, o Arcediago da Sé Primacial, e actual, Governador do Arcebispado, Caetano João Peres.

companhar, para o completo da historia, que respeita ao inclito Protector das Indias, varias noticias pouco vulgarisadas, os autos de exame que se fizeram em differentes épocas do estado do seu sagrado Corpo, e diversas Pecas Officiaes da respeitavel antiguidade, todas ineditas, e pouco conhecidas do publico.

INDICE GERAL.

PARTE PRIMEIRA

Do Nacimento, vida, viagem, e milagres.

Pag.

Introducção da 2.ª Edição..... 3
Advertencia..... 9
Introducção da 1.ª Edição..... 21
Summario Chronologico da Vida Milagrosa e revelações do Apostolo..... I
Cap. 1—Do nacimento, e filiação de S. Francisco Xavier..... 1
Cap. 2—De sua associação a Santo Ignacio, voto para ir a Jerusalem e viagem para Veneza..... 3
Cap. 3—De sua nomeação de Missionario para India 6
Cap. 4—De sua chegada a Lisboa e do que aqui fez. 10
Cap. 5—De sua peregrinação para Nazareth..... 12
Cap. 6—De seu embarque para India..... 14
Cap. 7—De sua chegada a Moçambique..... 16
Cap. 8—De sua sahida para Goa..... 17
Cap. 9—De sua chegada a Goa..... 18
Cap. 10—Da noticia que deo aos Padres de Roma sua chegada &c..... 22
Cap. 11—De sua partida para Cabo de Camorim..... 37
Cap. 12—De suas disputas com os Bramanes..... 40
Cap. 13—De sua conferencia com um Bramane..... 42
Cap. 14—Do desengano que teve de reduzir o Bramane. 43
Cap. 15—Das curas milagrosas que fez..... 46
Cap. 16—Da volta de Xavier para Goa..... 49
Cap. 17—Da descida dos Badegas sobre Travancor.. 52
Cap. 18—Dos milagres que fez em Travancor, &c. 53
Cap. 19—De sua viagem a Baçaim..... 58
Cap. 20—Dita de Cochim para Columbo, Manar &c. 62
Cap. 21—De sua peregrinação a Meliapor..... 64
Cap. 22—De sua viagem a Malaca..... 69
Cap. 23—De sua chegada a Malaca..... 70

Pag.

Cap. 24—De sua ida para Amboino..... 74
Cap. 25—Dito para Ternate e outras Ilhas..... 77
Cap. 26—Dito para a Ilha de Ulate..... 79
Cap. 27—Dito para a Ilha de Moro..... 81
Cap. 28—De sua volta para a Ilha de Ternate..... 83
Cap. 29—Do seu embarque para Malaca..... 84
Cap. 30—De sua chegada a Malaca..... 86
Cap. 31—Do assalto que soffreo Malaca dos Achens.. 88
Cap. 32—Do Cartel de disafio dos Achens..... 91
Cap. 33—Do dessastre que sofreu a nâo Capitania da Armada..... 92
Cap. 34—Da partida da Armada contra Achens.... 96
Cap. 35—Da sua navegação, e da triste noticia que correo 100
Cap. 36—Da batalha que teve e victoria que alcançou 103
Cap. 37—Da partida de Xavier para Goa..... 105
Cap. 38—De sua ida a Bacam para fallar ao V. Rei.. 110
Cap. 39—Do seu embarque com um valentão..... 112
Cap. 40—Da sua volta a Goa, e sua assistencia ao V. Rey D. João de Castro..... 114
Cap. 41—Da sua ida para o Cabo de Comorim..... 118
Cap. 42—De sua partida para Japão..... 133
Cap. 43—Dos milagres que Xavier fez em Cougoxima 136
Cap. 44—Da embaixada dos Bonzos ao Rei..... 138
Cap. 45—Da chegada de Xavier a Firando..... 140
Cap. 46—De sua viagem a Meaco..... 141
Cap. 47—De sua chegada e volta desta Cidade.... 142
Cap. 48—De suas pregações, e dom de lingoas..... 143
Cap. 49—Da chegada de uma Nâo ao Porto de Tige.. 144
Cap. 50—Da partida e chegada de Xavier a Tige.... 147
Cap. 51—Do aparato com que se apresentou ao Rei.. 151
Cap. 52—Do encontro do Xavier com o Rei..... 154
Cap. 53—Da conversão dos Idolatras de Tuncheo.... 157
Cap. 54—Da despedida de Xavier ao Rei, e das disputas que teve com um Bonzo..... 159
Cap. 55—De novas disputas com Fucarandono..... 162

Pag.
Cap. 56—De nova despedida ao Rei..... 165
Cap. 57—Do seu embarque em Sanchão..... 170
Cap. 58—De sua chegada a Malaca..... 174
Cap. 59—De sua chegada a Cochim..... 175
Cap. 60—De sua partida para Goa..... 176
Cap. 61—De sua despedida e partida para Malaca.... 180
Cap. 62—Da chega do Apostolo a Malaca..... 182
Cap. 63—Da opposição que soffreo para não ir a China 183
Cap. 64—Da despedida do Santo a D. Alvaro..... 192
Cap. 65—Da sua chegada ao estreito de Singapura.. 195
Cap. 66—Dito a Sanchão..... 200
Cap. 67—Das deligencias que fez para ir a China.... 204
Cap. 68—Da doença que soffreu..... 206
Cap. 69—Do conhecimento que teve de sua morte. 208
Cap. 70—De sua gloriosa morte..... 210
Cap. 71—Do tempo que viveo o Santo..... 213
Cap. 72—Da exhumação do seu Corpo..... 215
Cap. 73—Da partida da Não com o Corpo do Santo.. 217
Cap. 74—Da 2.ª exhumação, e embarque para Goa. 219
Cap. 75—Da chegada do corpo a Goa, e sua recepção. 221
Cap. 76—Epilogo e suas qualidades e virtudes &c... 235
Cap. 77—Do conceito que fazem delle os Protestantes. 246
Cap. 78—Das diligencias para a sua canonisação.... 251
Cap. 79—Dos seus merecimentos para a canonisação.. 252
Cap. 80—Dos festejos da sua canonisação..... 254
Cap. 81—Dos milagres posteriores a sua colocação.. 260
Cap. 82—Das oblatas que teve o Santo Apostolo.... 266
Cap. 83—Da consideração que mereceu o Apostolo em vida, e depois da morte..... 270

PARTE SEGUNDA

Da exposição do Venerando Corpo em 1859.

Cap 84—Da noticia previa da exposição do corpo do Santo á veneração publica em 1782..... 352

Pag.

Cap. 85—Da autorisação Regia para a exposição de 1859 355
Cap. 86—Da abertura do Caixão do Sagrado corpo para exame 356
Cap. 87—Dos preparativos preliminares para a dita exposição 362
Cap. 88—Aspecto da Velha Cidade no dia da exposição 370
Cap. 89—Das Aparatosas disposições do interior do Templo do Bom-Jesus 380
Cap. 90—Das solemnes cerimonias com que se abrio a exposição 388
Cap. 91—Da solemnidade com que continuou a exposição em dias posteriores 393
Cap. 92—Das pomposas cerimonias com que se encerrou a exposição 406
Cap. 93—Do desgosto que causou a encerramento a muitos devotos 409
Cap. 94—Do que mais se passou até ao dia do anniversario da exposição 415
Indice dos Documentos 571
Dito das Notas 575

ESTAMPAS.

Da Effigie 1
Da moeda de Achar 261
Do Tumulo 268
Do Medalhão 271
Do Retrato, (quando vivo) 274
Do Retrato (no auctual estado) 357
Das Armas da Rainha 361
Da Medalha que tinha na mão 365
Da Vista do Templo no dia da exposição 390

FIM.

RESUMO HISTORICO

DA

VIDA DO GLORIOSO S. FRANCISCO XAVIER,

APOSTOLO, DEFENSOR, E PATRONO DAS INDIAS.

España le dió al Mundo,
Francia á la Religion,
Roma á Portugal, y
El Cielo á la India.
(De la Torre)

PARTE PRIMEIRA.

CAPITULO 1.º

Do nascimento de S. Francisco Xavier, sua filiação, e estudos.

1—D. Francisco de Jasso e Xavier nasceu no anno de 1497 (1), em que Vasco da Gama partiu da praia de Rastello em Lisboa ao descobrimento da India. Alta dispo-

(1) A'cerca do nascimento de Xavier divergem os Authores. O *Rev. Alban Butler* no Vol. VI (da edição de Dublin de 1802) diz—*his great saint was born in Navarre. . . . in the year* 1506—a quem seguem o seu traductor o Abb. Godescard, e *Saint Laurent*, (da edição de 1842)—A *Bibliotheque Sacrée par les Reverends Peres Ricard et Geraud* Tom. 11, diz. . . *naquit le 7 d'avril de* 1506—a quem segue Ferdinand Diniz, referindo-se a Lecuy; porem os Padres Sousa, Lucena, Ribadaneira, e Vieira fixam o seu nascimento em 1497, com os quaes concorda D. Francisco de la Torre, e como este tinha mais razão de saber ao certo o nascimento de Xavier, assim por ser seu nacional, como por ter apresentado a sua genealogia; e dedicado a sua obra a um parente do mesmo Santo; por todos estes fundamentos seguimos o que diz o Padre Sousa [illegible] escrito. A divergencia entre os Authores he a causa da differença que se nota no computo da idade de Santo.

sição da Providencia Divina crear o Apostolo no mesmo tempo, em que movia o coração daquelle filho da ventura, o esclarecido Rei D. Manoel, a lhe mandar abrir a missão por mares nunca trilhados de outras quilhas, para tanta gloria da Nação Portugueza, e augmento da Igreja Catholica! Foi sua patria o castello de Xavier, antigo solar de seus ascendentes por linha materna, distante sete legoas da Cidade de Pamplona. Seu pai se chamou *D. João de Jasso* (2), Senhor de Idossim, Presidente do Conselho d'El-Rei D. João 3.º de Navarra, e seu privado; e sua mãi *D. Maria de Azpilqueta y Xavier*, appellidos das duas familias mais illustres daquelle Reino. Era D. Maria unica descendente da casa de *Xavier*, e para que não fenecesse com ella este sobrenome indicativo de tanta nobreza, e tão antiga, alguns dos seus filhos ao paterno de *Jasso*, acrescentaram o materno de *Xavier*, um dos quaes foi D. Francisco o menor entre seus irmãos (3), e o mais querido de todos, qual outro Benjamim entre os filhos de Jacob. E como Deos o havia escolhido e predestinado para succeder ao Apostolo S. Thomé na conquista espiritual do Oriente, teve cuidado de o formar com taes disposições de alma e corpo, que recebendo depois as impressões da graça, podesse satisfazer ás obrigações de sua Apostolica vocação. Foram estas, uma compleição sadia e robusta, um coração alto e dilatado, uma indole

(2)—Ferdinand Diniz diz que D. João se appellidava de *Lasso* e não de *Jasso*, outros porém discordam nisto, especialmente D. Francisco de la Torre, que dá minuciosa noticia da genealogia de D. João.

(3)—O Abbade Godescard affirma que os irmãos mais velhos usaram de *Azpilqueta*—; e assim parece, porque o proprio Santo o dá a seu irmão mais velho, na carta que lhe dirigiu de Pariz, em 25 de Março de 1533, Coll. Vol. 1.º p 1., e continuaram a usar os descendentes dos irmãos, como D. João Baptista do Orendayn y Azpilqueta, Marquez de la Paz, a quem he dedicado por D. Francisco de la Torre o seu—*El Peregrino Aleante*.

tar, e remettendo a cura ao remedio sobrenatural, o deixou arriscado a uma morte de espasmo. Os companheiros lançaram mão do remedio do Cirurgião, recorrendo a Deos aquella noute por meio da oração, e amanheceo o enfermo são, e valente, a beneficio de dous milagres, um que lhe fez os cordeis em mil pedaços, outro que lhe fechou perfeitamente as chagas.

4—Livre do perigo no mesmo dia continuou a marcha agradecido a Deos, e obrigado aos companheiros, e chegado a Venoza a 8 de Janeiro de 1537 se recolheu no Hospital dos incuraveis, onde chupando a materia da horrivel chaga de um quasi cadaver, venceo o asco, que sentia em servir os enfermos, e nunca mais sentio semelhante repugnancia. Junto a Monte feliz, perto de Padua, passou mais de 40 dias em um ermo todo elevado em Deos, interrompendo a oração só quando sahia a pedir de esmola pão e agoa para o sustento do dia. Em Vicencia, onde disse a primeira Missa, enfermou gravemente com o grande peso das penitencias, e recolhido por esmola no Hospital dos incuraveis, a unica medicina que aqui teve foi uma visita de S. Jeronimo, de quem era especial devoto, o qual lhe profetisou maiores tempestades de trabalhos. Em Bolonha, não obstantes as impertinentes quartãs que padecia, trabalhou no serviço dos proximos, prégando pelas praças publicas, confessando de dia e de noute, e dirigindo um grande numero de devotos, que o consultavam como Oraculo, e veneravam como Santo. Finalmente desobrigado, por causa de guerras, da peregrinação á Terra Santa se encaminhou a Roma, onde já estava S.to Ignacio com alguns companheiros, mas tão desbaratado de saude e forças, que o julgavam incapaz de tornar a cobrar alentos bastantes ao mais leve trabalho; mas elle mostrando que o vigor do seu espirito confortado por Deos suppria as forças do corpo fez maravilhozas provas do zelo da salvação das almas em muitas Igrejas de Roma, onde pregou. Em quanto elle se occupava em prégar, e S.to Ignacio em impetrar do Summo Pontifice a confirmação da Companhia

chegou o tempo predefinido por Deos á sua eleição para a conquista Apostolica do Oriente: e foi assim.

CAPITULO 3.º

De sua nomeação de Missionario para India, partida para Lisbôa, e varios successos que tiverão logar nesta jornada.

5—Achava-se neste tempo em Roma, por singular disposição do Céo, o Dr. Diogo de Gouvea, Portuguez, que tinha sido Reitor do Collegio de St.ª Barbara em Pariz, quando nelle estudavam St.º Ignacio, S. Francisco Xavier, e seus companheiros, e como tinha larga experiencia de suas excellentes virtudes, zelo, e industria em levar as almas a Deos, informou amplamente por cartas a El-Rei de Portugal sobre a suas qualidades, e como professavam por instituto reduzir peccadores, converter infiéis, e fazer vida em qualquer parte do mundo. El-Rei, que dezejava oppôr valerosos combatentes á pertinaz idolatria oriental, escreveu a D. Pedro Mascarenhas seu Embaixador em Roma, (5) que voltando para Portugal lhe levasse ao menos seis companheiros do Padre Ignacio, fallando com elle de sua parte, e se fosse necessario, com o Summo Pontifice. Propoz o Embaixador o dezejo d'El-Rei a St.º Ignacio, e este, com approvação do Pontifice, escolheo dous dos seus dez companheiros, os Padres Simão Rodrigues, Portuguez, e Nicolão de Bobadilha, Castelhano. Mas querendo Deos mostrar que esta eleição era toda sua, escolheo outro, de quem se não lembrou St.º Ignacio. O Padre Simão Rodrigues, ainda que partiu de Roma como Missionario da India, ficou em Lisboa, e fundou a Provincia de Portugal. O Padre Bobadilha chamado de Calabria, onde estava por ordem da Santa Sé, não pôde seguir a viagem por uma grave doença. Estava já para partir o Embaixador, e não queria sahir de Roma sem levar o segundo Padre; neste aperto St.º Ignacio, movido de superior impulso, nomeou

(5)—Depois Vice-Rei da India, desde 23 de Setembro de 1554 até 16 de Junho de 1555, em que falleceo.

a S. Francisco Xavier. Foi Deos ordenando de tal modo os successos ao fim determinado por seus decretos, que veio a parecer effeito da necessidade o que foi disposição de sua Providencia.

6—Acceitou Xavier esta nomeação com incomparaveis jubilos de seu espirito, vendo cumpridos seus dezejos, nunca d'antes declarados; e já explicados os enigmas, em que Deos lhe havia promettido de o fazer instrumento de sua gloria entre nações barbaras, e idolatras, á custa de gravissimas fadigas. Porque muitas vezes lhe aconteceo entre sonhos levar ás costas por largo espaço de terra um Indio negro, e tão pezado, que apenas o podia sustentar: e opprimido do peso, rompia em suspiros, e altas vozes, até despertar o companheiro, e ainda depois de acordado se sentia tão cansado, e moido, como se aquella molestia não fosse sonhada, se não real e verdadeira. Bem se reprezentava neste Indio o grande peso de trabalhos, que o Santo tomou por tantos annos pela salvação da gente Indiana. Em outras occasiões mostrou-lhe Deos quantas molestias havia de padecer pela exaltação do seu nome. Vio reduzidos a compendio os trabalhos futuros de sua vida: fomes, sedes, caminhos, navegações, tormentas, tradições, tempestades de pedras, chuveiros de setas, invasões de barbaros, perseguições dos Christãos; e outros diversos padecimentos. Não desmaiou com esta vista aquella generosa caridade, que não poderam apagar os mares tantas vezes atravessados, antes como se tudo isto fosse pouco, ainda pedia mais, gritando em alta voz. *Mais, mais, Senhor, mais* (6). O Padre Rodrigues ouvio-o, mas por então não poôde tirar delle a explicação daquelle *mais* tantas ve-

(6)—Diz o Padre Vieira (*Xavier dormindo*, Proposta p. 4) que passou isto em um Hospital de Roma: que estes tres *mais*, não eram nenhum dos tres *mais* que ha neste mundo, pelos quaes suspirão, pelos quaes anhelão, pelos quaes morrem, e pelos quaes se matão os homens—*mais fazenda, mais honra, e mais vida!*

zes repetido. Só na despedida de Lisboa para a India por entre os ultimos abraços lhe revelou este segredo, por lhe deixar algum penhor do seu amor. Notavel foi nesta materia a profecia de D. Maria Magdalena, sua irmãa, Abbadesça do Mosteiro de St.ª Clara de Gandia. Intentava D. João de Jasso tirar a Xavier dos estudos de Pariz, por causa de despezas. Sabendo-o D. Maria, e antevendo por divina revelação como Deos se queria servir de seu irmão em uma nova e apostolica conquista, escreveu logo a D. João seu pai, dissuadindo-o do intento, declarando que Deos o tinha destinado Apostolo de um novo mundo, para gloria do seu nome, e acrescentamento de sua Igreja (7). Taes foram os preludios com que Deos o foi dispondo a emprehender com confiança na sua divina protecção as grandes difficuldades destas gloriosas conquistas.

7—Embarcado já para Portugal o Padre Simão, e o Padre Paulo Camerte, apenas recebido na companhia, partio Xavier de Roma na companhia do Embaixador a 16 de Março de 1540, um dia depois da sua nomeação; demora necessaria a remendar sua loba velha para o caminho, a despedir-se dos amigos, a beijar o pe e pedir a benção ao Summo Pontifice Paulo 3.º, que lh'a concedeo amplissima. Antes de se pôr a caminho, e de tomar a ultima benção

(7)—O seguinte he o tansumpto da Carta referida, que traz D. Francisco de la Torre a pag. 10 do seu *El Peregrino Atlante*=« No impidiesse a su hermano la assistencia, y obstentacion de su ingenio, porte, y liberalidad en los estudios. Que aquellos gastos avian de resultar en ganancias de corazones perdidos. No estorbasse el camino, que para tantos avia de ser del Cielo. Que Dios tenia señalado a Francisco para siervo, y para Señor de tantas almas, que havia de reducir al perfecto obedecer. Que en opuesto dictamen no rompiesse la hebra, que havia de sacar del ciego laberinto à numerosas gentes. No quebrasse el vaso escogido, por el qual se avian de ministrar en los ultimos terminos de la tierra, los cristales del Bautismo, los tesoros de la Cruz, las fragrancias de la Fe.

de St.º Ignacio, entregou ao Padre Diogo Laines uma cedula, escrita de sua letra, na qual dizia que de sua parte approvava a Regra e Constituições, que o Padre Ignacio e seus companheiros haviam de ordenar, e se obrigava á observancia dellas; assim como elegia por Geral da Companhia ao dito Padre Ignacio, e por sua morte ao Padre Fabro, finalmente que fazia a Deos os tres votos religiosos de *pobreza, castidade, e obediencia* na Companhia de Jesu, para terem vigor quando ella fosse confirmada. Não levou comsigo nesta viagem mais que o seu Breviario debaixo do braço. Quando chegou a Bolonha, onde antes andara em missão, foi recebido de toda a Cidade com singular benevolencia, e elle satisfez a todos confessando-os de dia e de noute, e dando-lhes de sua mão a sagrada Eucaristia. (8). A'partida o foram acompanhando muitas milhas fora da Cidade.

8—Ao passar dos Alpes o Secretario da Embaixada cahio de um alto precipicio em um monte de neve; todos viram o perigo, e só Xavier teve o coração para salval-o com o risco da propria vida. Na corrente de um rio impetuoso se hia affogando outro dos principaes da Embaixada, todos choravam a sua perda, e ninguem lhe podia valer, e o Padre Francisco por meio de uma fervorosa oração conseguio salval-o (9). Semelhantemente salvou da morte a um creado da dita Embaixada, que com o ca-

(8)—Do que deo conta a St.º Ingacio na sua Carta datada em Bolonha em 31 de Março de 1540, (Coll. Vol. 1. pag. 9). declarando ácerca dessa communicação =» Conviene mucho que las Colonias estén tan estrechamente unidas con las Metropolis, como lás hijas con las madres: lo que se consigue con una continuada communicacion de noticias de una, y otra parte=»

(9)—Deste facto faz menção o St.º na sua Carta datada de Lisboa em 4 de Julho de 1540 aos Padres de Roma, attribuindo-o aos rogos do Embaixador. Coll. Vol. 1. pag. 15

vallo em que hia montado se tinha precipitado de um rochedo, e o cavallo estava reduzido a pedaços, e o cavalleiro julgado por morto.—Descidos os Pirineos foram passando por junto a *Xavier*, sua patria, onde ainda vivia sua mãi, irmãos, e parentes, que não vira havia muitos annos, nem havia de ver mais em sua vida, perdida esta occasião, o importunaram todos, e efficazmente o Embaixador, para os ir ver, mas nem porisso Xavier quiz torcer aquelles poucos passos do caminho direito da sua missão.

CAPITULO 4.º

De sua chegada a Lisboa, exercicios em que se occupou, da resolução de S. Alteza para o deixar nessa Cidade.

9—Chegado Xavier a Lisboa no fim de Junho de 1540 (10) foi pouzar no Hospital de todos os Santos com os Padres Simão Rodrigues, e Paulo Camerte, que muito antes tinham vindo por mar, e com um milagroso abraço livrou ao Padre Simão da quartã, que lhe costumava entrar naquella mesma hora (11), e passados tres dias foram ambos chamados a Palacio, onde El-Rei, e a Rainha receberam a Xavier com as veneraçõs devidas a um varão Santo, e depois de largas praticas os despedirão (12), mandando aos seus Ministros, que os tratassem à medida de seu real animo e larga mão; elles porém nada quizeram aceitar, e voltando ao Hospital mendigavão pela Cidade o

(10)—O Padre Ribadaneira diz que chegara no principio de Junho.

(11)—Desta cura faz menção o St.º na citada Carta de 4 de Julho, attribuindo-a á grande satisfação que teve o doente com a sua chegada. Diz que gastara na viagem 3 mezes. Carta supracitada. Coll. Vol. 1. pag. 13.

(12)—Deste chamamento, recebimento e pratica que tiveram com El-Rei e a Rainha sobre diversos objectos dá o nosso Santo minunciosa conta na sua carta citada de 4 de Julho, Coll. Vol. 1. p. 13.

ADVERTENCIA.

1—Lemos nos Cadernos dos mezes de Junho e Julho de 1860 do *Archivo Pittoresco*, que se publica em Lisboa, um artigo com algumas correcções sobre o que escreveo o Sr. Conselheiro Rivara no *Boletim do Governo*, e nos no *Resumo Historico*, e nas suas notas, ácerca da exposição do Glorioso Apostolo S. Francisco Xavier.

2—A'quellas que respeitavam ao escrito do Sr. Rivara satisfez este em uma Carta ao Sr. Tullio, digno e illustrado redactor daquelle Jornal, a qual reproduzimos neste Opusculo na nota (o) a pag. 476.

3—A respeito, porem, daquellas que fazem cargo ao nosso *Resumo* e suas notas, temos a observar; que sendo o alludido *Resumo* uma compilação ordenada muito á pressa do que extensamente dizem os Autores apontados na sua introducção, e outros citados nos respectivos lugares das passagens compiladas; e sendo tambem impressa mui apressadamente, á proporção que se aprómptava a materia, e em separado os documentos, como se colhece da numeração das paginas, tudo com o fim de aprómptar aquella edição antes da abertura da annunciada exposição: com tudo, só na antevespera, a muito custo, se expoz á venda, faltando ainda uma Estampa (Vid. Bol. n.º 93 de 1859 pag. 615). Nestas apertadas circumstancias não seria de admirar que nos escapassem, (embora por descuido, ou por estarmos pouco seguros na historia de Portugal), os factos e passagens sugeitas á censura pelo Autor do artigo do que tratamos; mas combinadas as passagens censuradas com as transcritas no artigo, se conhece que se por ventura houve algum engano de nossa parte foi unicamente em suppôr, como fará qualquer outro em nosso logar, que as ricas vestes sacerdotaes de que está revestido o Santo Apostolo teriam sido offerecidas pela Rainha de Portugal

em 1699 (1), por occorrer neste anno a occasião plausivel de ser o Santo inaugurado *Defensor do Oriente* por El-Rei D. Pedro II; visto que o *Oriente Conquistado* do P.e Sousa, donde haviamos tirado a noticia daquella offerta, guardava silencio a respeito do anno em que ella teve lugar, e não tinhamos lido a Carta (Dedicatoria) do P.e Balthasar Duarte, que está no principio da 8.a Parte dos Sermões do P.e Vieira, porque o volume que tinhamos á vista, e do qual extractamos varias passagens interessantes, a trazia muito estragada, por tanto julgamos inopportuno perder tempo com ella.

4—Se por não termos lido, pelos motivos declarados, a dedicatoria do P.e Balthazar commettemos a falta referida, tambem, permitta-se-nos que o digamos, o artigo apresenta varios enganos nas suas correcções, seja por o seu autor passar pela vista muito de corrida o nosso *Resumo*, seja por que os periodos que transcreve da sobredita dedicatoria estejam alterados em alguma edição posterior a de 1694, de que se servira: todavia vem ao caso todas essas divergencias para os nossos leitores acharem os seus objectos melhor illucidados como se vai ver.

5—A pag. 143 do 1.o Caderno diz o Autor do artigo, referindo-se aos dous autos do exame do Corpo do Apostolo e suas notas, que acompanham no *Resumo Historico* de sua vida a pag. 28 e 34 dos Documentos da 1.a edição, e a pag. 341, e 348 desta:

« Sobre taes autos, e notas de que os acompanhou o
« autor no *Resumo* temos que fazer algumas observações.
« Diz-se no primeiro (auto), constar *por tradição* ter
« ido o braço direito do Santo para Roma.
« Não he por simples tradição, mas por documento im-
« presso que nos admira, não ser conhecido em Goa! »

Em seguida a este trecho historia o Autor o petitorio que

(1)—Sem embargo de estarmos certos que a Rainha D. Maria Sophia fallecera em 4 de Agosto deste anno—Hist. Geneal. da Casa Real—Padre Barbosa—Oração Funeb. de Arceb. de Craag. D. Dio-

a Rainha D. Maria Sophia fizera ao P.e Vieira (2) para lhe fazer um Sermão do Santo, e transcreve do Sermão *do braço* a passagem que respeita ao seu corte (no supposto de não ser ella conhecida em Goa), passagem que, alias, sem nós fazermos cargo do que disse o Auto de 1782, apresentavamos no citado *Resumo* a pag. 104, e está consignada neste Opusculo a pag. 233 § 209.

6—Na pag. 151 do 2.º Caderno diz mais:

« O Corpo do Santo achou-se revestido com todos os « paramentos Sacerdotaes, e sobre elles diz a nota a pag. « 35 do citado *Resumo* (alias dos seus documentos) o se- « guinte....

Copea aqui a nota (2) da pag. 35 dos documentos do dito *Resumo*, a qual corresponde, nesta 2.ª edição, ao que se lê no § 250 a pag. 360, e sobre o seu contheudo se expressa:

« Toda essa nota está inçada de anachronismos e igno- « rancias da verdadeira historia das riquissimas vestes « de S. Francisco Xavier «

7—E passa depoisa fazer as seguintes correcções á mesma nota.

1.ª—« Aquellas preciosas vestes foram para Goa muito « antes da data da Carta Regia, que declarou o Santo De- « fensor do Oriente, por que sendo esta de 1693, o Pa- « dre Balthazar Duarte na Carta que escreveu á Rainha « doadora, em 1693, lhe louvava a offerta nestes termos..

Transcreve aqui o trecho da dedicatoria (Carta), que não reproduzimos por desnecessario; com tudo não fixa o anno ou a época em que as mesmas vestimentas vieram para Goa. A'esta correcção já respondemos (§ 3) declarando o motivo que occorreo para um tal engano.

---

go—Llantos Funebres de D. Pedro de Chaves Masa.—Ecco Saudoso de Domingos Lopes Coelho; porque entre a remessa em Março, menção propria, e o fallecimento havia grande intervalo.

(2)—O Padre Vieira falleceu em 18 de Março de 1697, na idade de 90 annos. Crav.

8—2.ª—« Tambem na historia de Portugal está pouco se-
« guro o autor da nota, porque diz que em 1690 (data
« que suppõe a offerta dos paramentos) tinha a Infanta
« D. Theresa 6 annos, e D. Francisca 7, quando a pri-
« meira tinha então 3, e a segunda era apenas nascida.
« E tudo isto para provar que estas meninas não podiam
« ter bordado as vestes do Santo, como suppunha a tra-
« dição (lá na India?) quando lhe era mais facil abrir
« um Compendio de historia e com elle evidenciar que
« nenhuma dessas Infantas era nascida quando sua mãi
« offertára ao Santo áquelles preciosos paramentos. »

Fomos discipulos da Escola Velha, por tanto mereceriamos desculpa de estarmos pouco seguros na historia de Portugal: com tudo nas geraes que temos lido de curioso, e compilado na Folhinha Historica de 1841, e nos Compendios a que se refere o autor do artigo, não vem datas dos nacimentos dos filhos dos nossos Reis; mas sim unicamente nas especiaes (tambem com algumas lacunas), a *Historia Genealogica da Casa Real de Portugal* pelo P.e D. Antonio Caetano de Souza, e o *Catalogo das Rainhas de Portugal* pelo P.e D. José Barbosa, obras rarissimas em Goa. A parte censurada, porem, da nota foi dedusida do *Epitome da Vida dos Reis de Portugal* do P.e Figueredo, que tinhamos á mão; mas não sendo ella explicita a rectificamos na nota (2) a pag. 123 do dito *Resumo*, apontando as datas do nascimento das Infantas, seguindo nisto o citado P.e Barbosa. Esta rectificação certamente escapou ao autor da correcção na rapida leitura que fez do dito *Resumo*.

9—3.ª—« Diz-se no *Resumo* (alias na nota (2) a pag. 35
« dos documentos, que corresponde ao que se lê no § 250
« a pag. 360 deste Opusculo) que falta o barrete que o
« Santo *tinha posto*, sem se mencionar que foi feito delle.
« Mas igualmente se sabe qual foi o destino d'este bar-
« rete, porque nol-o refere o Padre Balthasar Duarte na
« citada Carta dirigida á Rainha D. Maria Sophia, que se
« estampou a (esta) do Vol. 8.º de Vieira, que se intitula

« Xavier dormindo, e Xavier accordado. Foi o caso, que tendo fallecido poucos dias depois da nascença, ó primogenito d'esta Rainha, e de seu marido El-Rei D. Pedro II, temendo-se que faltasse successor á Coroa, e a Hespanha voltasse a inquietar-nos com as suas pretenções, aconselhou á Rainha o seu confessor, que era o Jesuita Sebastião de Magalhães tomasse ella por intercessor a S. Francisco Xavier para ter filho varão. Assim o fez. E o certo é que teve tres a fio. Mas estando perigosa do parto do terceiro, lhe conselharam mais que mandasse vir de Goa o barrete do Santo, e o poseese na cabeça quando sentisse as dores. Assim se fez. Veio o barrete e a Rainha não só teve o seu bom successo com o barrete do Santo na cabeça, mas prometteo que se fosse filho varão, logo que elle se pozesse por em pé, o vestiria com o habito do S. Francisco Xavier. Isto consta do Sermão gratulatorio que pregou o Padre Vieira por essa occasião e tambem das memorias do tempo, que todas são de muita curiosidade como sabem os que se dão a estes estudos. »

Transcrevemos abaixo litteralmente, a passagem *do barrete de S. Francisco Xavier* que a Rainha D. Maria Sophia poz na sua cabeça, extrahida da Carta (dedicatoria) do P.e Balthasar Duarte, a que se refere o Autor da correcção acima, e se acha á testa da *Oitava parte* dos Sermões, o 11.º Volume das obras sempre interessantes do celebre e mui illustrado classico Portuguez P.e Antonio Vieira, da edição de 1694, que tem o titulo de=„ *Xavier dormindo, e Xavier accordado*;„ eil-a.

« ..... He pois beneficio de Xavier o felicissimo, e « continuado Parto de tres filhos varões; assim o con- « fessam, não só eu, e o Reino todo, se não tambem V. « Magestade, que se lembra muito bem do que lhe advi- « nhou o animo, presago do futuro, quando cheia de fé, « entre suavissimos jubilos do seu coração, *recebeo a pri-* « *meira vez em sua Real cabeça o Sagrado barrete de Xavier,* « *trasido hacia pouco de Goa; porque lançadas as contas com* « *toda a exacção, dali a nove mezes sahio V. Magestade a luz*

« tom o primeiro e desejado Herdeiro deste Coroa ; confirman-
« do a fé do presagio a infallibilidade do successo. He ver-
« dade, que o Ceo, com seu direito, tomou para si estas
« primicias do Real sangue de V. Magestade; mas foi
« para recompensar a terra Plaata, cortada em flor, com
« novos fructos. Assim foi; succedeo o segundo, dado por
« Xavier, seguio-se o terceiro, devido tambem a Xavier
« por especiaes titulos..... se bem padeceo não pe-
« quenas difficuldades para ficar mais patente o Autor de
« tão grande beneficio. Oh quanto teve de semelhante á
« prodigio, que accommettida V. Magestade de um repen-
« tino symptoma, que ameaçava perigo á Mãi, e ao Filho, se
« lhe não devessem applicar remedios humanos! Porque
« em quanto disputavam entre si, com pareceres contra-
« rios, os mais experimentados Medicos, depois de varias
« consultas, não só de muitas horas, se não de muitos dias
« impedidos de força occulta, mas superior, nenhuma cou-
« sa souberam, nem poderam determinar, para medicina do
« mal presente. O deixar então remedios da terra, se
« julgou por saudavel á Mãi, e Filho; pois lá do Ceo
« tratava da cura de ambos o mais sabio e poderoso Ma-
« chaonte. Desta sorte livre V. Magestade por seu Ce-
« lestial Salvador, deste, e outros perigos, que occor-
« reram, um dia depois daquelle, em que alegre recebeo
« as graças pela nova fundação do Collegio de Xavier,
« confirmada já e restabelecida, tambem em uma sexta-
« feira, dia sempre fausto para V. Magestade, nos deo fe-
« lizmente, com feliz parto, aquelle seu Xavier, a quem
« hoje vemos, com inexplicavel gosto nosso, para que pelo
« dia do nascimento, acabasse V. Magestade totalmente
« de entender, que o filho nascido era premio indubita-
« vel, com que Xavier remunerava a liberalidade, e mu-
« nificencia de V. Magestade para com elle. »

Esta passagem do barrete citada pelo Autor do artigo como fundamento da sua 3.ª correcção, diverge absolutamente pelo seu theor da contextura da critica, e he de crer que tenha isto acontecido por o Autor della acertar quando a formulou, com a Carta (dedicatoria) adulterada em alguma posterior edição daquello volume; posto que não tenhamos noticia de outra, salvo a Collecção moder-

namente annunciada das obras do dito P.e que ainda a não tivemos á mão.

Voltemos agora ao assumpto da passagem transcrita. He sabido que El-Rei D. Pedro II desposara a Rainha D. Maria Sophia em 11 de Agosto de 1687 (3): assim como que o Principe D. João, primogenito deste consorcio, nascera em 30 de Agosto de 1688 (4), e segundo affirma o P.e Baithazar, *exactamente 9 mezes depois de a Rainha ter recebido a primeira vez em sua cabeça o barrete de Xavier, trazido havia pouco de Goa*, donde se segue que esse barrete não foi o que fez parte da rica vestimenta offerecida por aquella Rainha ao Apostolo, mas sim um outro offerecido ao mesmo Santo pela Rainha D. Anna de Hespanha, que levara o V. Rei Conde de Alvor na sua retirada, e o encorporára no seu morgado, como diz o P.e Sousa nos seguintes termos=„ *Partio Francisco de Tavora (Conde de Alvor) para Portugal aos 15 de Dezembro de 1686 (5) e levou comsigo um barrete tirado da cabeça de S. Francisco Xavier, o qual encorporou no seu morgado: e dizem que a Rainha nossa Senhora se valêra delle no parto do seu primogenito. Este barrete mandou a S. Francisco Xavier*

---

(3)—*Hist. Gen. da Casa Real* Vol. 7.º pag. 741—Arco Triunfal de Pascoal Ribeiro Coutinho.—Ainda que El-Rei D. Pedro não tivesse communicado a noticia do seu consorcio, nem do nascimento e fallecimento do Principe ao Governo deste Estado; todavia a Rainha escreveu ao Governador D. Rodrigo da Costa em data de 22 de Março de 1688, recommendando-lhe para mandar entregar ao seu procurador os *soqueis* que lhe pertenciam dos Reis Vizinhos. Esta Carta foi recebida em Setembro, e respondida em 31 de Outubro do mesmo anno. Liv.º das Monç. n.º 53 fl. 387 e 388.

(4)—*Hist. Gen.* Vol. 7.º pag. 735.

(5)—He facto que o V. Rei Conde de Alvor largou o governo em 13 de Dezembro de 1686, em consequencia da licença que para isso teve, e se embarcou em 15 do mesmo mez, na náo S. Francisco de Borja, conta n.º 2 no Liv.º das Monç. n.º 32 fl. 3—Fac-simile das Assig. dos V. Reis.

a Catholica Rainha de Hespanha D. Anna, filha do Imperador Maximiliano, e 4.ª mulher de Felippe Prudente (6)=.

Das duas declarações que acabamos de lêr dos Padres Balthasar, e Sousa, se pode inferir que o Conde depois de uma longa viagem, propria da época, tendo chegado a Portugal apoz o casamento de El-Rei D. Pedro, fizesse por ventura conhecidos da Corte os favores que no seu governo recebera do Apostolo por occasião da invasão de Sambagi (7), e isto excitasse a fé dos cortesãos e da Rainha para esta pôr na sua cabeça, pela primeira vez, aquelle barrete, como affirma o P.e Balthasar e tambem na occasião do parto como diz o P.e Sousa (8).

He igualmente sabido que o sobredito Principe fallecera 19 dias depois do seu nascimento (9), e que a Rainha dera á luz outro Principe (El-Rei D. João V) aos 22 de Outubro de 1689 (10). Assim mais que em 23 de Maio de 1691 nascera, depois de grandes trabalhos, o Infante D. Francisco Xavier *devido a Xavier por especiaes titulos*, segundo o testemunho que lemos atraz do P.e Balthazar Duarte, e con-

(6)—*Or. Conq.* Vol. 1. C. 1. D. 1. § 108.

(7)—Vid. o 2.º milagre a pag. 118 do *Resumo* da 1.ª edição, e no § 236 a pag. 262 deste volume.

(8)—Ainda que o Padre Sousa começasse a escrever o seu *Oriente Conquistado* nos annos proximos dos factos referidos, como se conhece da *Licença da Religião* datada de 13 de Dezembro de 1697, que vem no principio do Vol. 1.º; com tudo tendo elle escrito a mesma obra em Goa, de certo não teve noticia da vez primeira que a Rainha usou do barrete, porque este acto devia ser muito privado, e conhecido apenas das pessoas de familia.

(9)—*Hist. Gen.* Vol. 7 pag. 755.

(10)—*Dic. Hist.* Vol. 8.º pag. 1—Deste nascimento deo S. Magestade noticia ao Governador deste Estado, mandando fazer os costumados festejos, por sua C. R. de 22 de Outubro de 1689, a qual foi recebida em Setembro de 1690, e respondida, dando conta da execução, na data de 23 de Janeiro de 1691. Liv.º das Mons. n.º 35 fol. 116 e 117.

forme o do P.e D. Antonio Caetano *debaixo dos auspicios de S. Francisco Xavier* (11): por tanto lhe imposeram o nome do Santo; porem contra estes testemunhos diz o texto da censura=„ *Mas estando perigosa do parto do terceiro* (D. Francisco) *lhe aconselharam mais* (á Rainha) *que mandasse vir de Goa o barrete do Santo, e o pozesse na cabeça quando sentisse as dores. Assim se fez. Veio o barrete e a Rainha teve bom successo com o barrete do Santo na cabeça &c.*

Seria isto possivel? Não por certo, ainda mesmo que naquella epoca houvessem as maravilhosas invenções do seculo presente *Telegrafos electricos* para pedir, e *Barcos a Vapor* para levar.—O que porem se pode colligir, em presença do *parto perigoso, da imposição do nome do Santo ao recemnascido, e as declarações de ser devido o seu nascimento a Xavier por especiaes titulos*, e o de ter nascido *debaixo dos auspicios de S. Francisco Xavier*, que este parto fosse a occasião proxima para a Rainha fazer voto e offerecer ao Santo a rica vestimenta de que está revestido e o cumprisse na monção correspondente, que vem a ser a em que veio governar este Estado o V. Rei Conde de Villa Verde (Vid. a nota 11).

10—4.°=« Diz outra nota do Resumo historico »

Copía neste lugar a nossa nota (2) da pag. 37 dos do-

(11)—*Hist. Gen.* Vol. 8. pag. 409—S Magestade não communicou ao Governo deste Estado esta feliz noticia por escrito, porque a trazia pessoalmente o V. Rei Conde de Villa Verde, que sendo despachado em 4 de Fevereiro de 1692 e sahido de Lisboa em 25 de Março do mesmo anno, chegou a este Estado em 26 de Maio de 1693, e respondendo o mesmo V. Rei á C. R. de 15 de Novembro de 1691, pela qual El-Rei agradecia ao Governo interino o festejo mandado fazer pelo nascimento do Principe D. João, lhe deo conta do novo festejo feito pelo nascimento do Infante D. Francisco Xavier, na data de 8 de Dezembro de 1693, Liv. da Monç. n.° 57 fl. 57 e 58.

cumentos da 1.ª edição, que corresponde á nota 267 a pag. 349 da presente, ommittindo porem a ultima parte da mesma nota, e ácerca della diz o que se segue:

« Este ponto está bem ilucidado na *Vida de S. Francisco*
« *Xavier* escrita elegante e classicamente pelo Padre João
« de Lucena. E Vieira tambem diz expressamente que o
« cadaver não fôra embalsamado, apesar de ser esse uso
« communissimo no Oriente »

A nossa censurada nota foi deduzida do que referem os citados P.es *Lucena*, *Vieira*, e *Sousa*, transcrevendo deste literalmente o trecho que na mesma se lê sobre o modo como o Corpo fora sepultado (12), por julgarmos mais conciso do que a tal respeito dizem o P.e Lucena (13) e o P.e Vieira (14), e na parte ommittida da mesma nota referiamos os testemunhos dos Doutores Saraiva e Ribeiro, que tirados do P.e Lucena, na sua integra, faziam parte da Collecção dos documentos a pag. 8 e 9 da 1.ª edição, e na presente se veêm a pag. 290, em uma e outra sob o N.º 2

11—5.ª=« Falta tambem um dedo do pé direito, que certa
« devota levou nos dentes quando foi beijar o S.to.
« Tambem nos recorda ter lido algures como isto foi,
« anecdota galante que ainda havemos de procurar.
« Uma nota do Resumo a este respeito, diz apenas que
« ha no pé direito um dedo separado, mas preso por um
« fio de seda encarnada. Do que foi *abocado* pela devota
« não falla.

(12)—*Or. Conq.* Vol. 1 Conq. 4 D. 1 § 91, relativamente a cal que pozeram sobre o Corpo de Xavier para provar que este não fora embalsamado.

(13)—*Lucena*—Vida de S. Francisco Xavier Liv.º 10 Cap. 28 pag. 898.

(14)—*Vieira*—Xavier dormindo, e Xavier accordado Sermão 9.º *Braço*, pag. 352. Col. 2.ª

dadãos. As mortes dos inimigos se compravam a dinheiro contado, ás escravas se obrigavam com tirannicas ameaças a responder cada dia a seus senhores com tanto de ganho; e para este effeito era preciso vender-se a castidade, tudo se dissimulava, e consentia (28); as culpas provadas em juiso, se absolviam a peso de ouro; e nos tratos e contratos se não destinguia o licito do lucrativo (29). Para remedio deste mal aproveitariam pouco as prelações de Xavier, se não fossem authorizadas com o exemplo de sua summa pobreza, e desprezo de todas as cousas do mundo. O maior de todos os males de Goa era o descuido em que os homens viviam de sua salvação. Muitos nem depois de largos annos se chegavam ao Sacramento da Penitencia. E se por ventura algum se confessava e commun-

---

Fac-Similles das assig. das Arceb.

(28)—Em Mocambique, e suas dependencias era tambem estabelecido os escravos de ambos os sexos ganharem para os seus senhores certo salario diario, e isto se observava ainda modernamente.

(29)—A'cerca desta desmoralisação muito se queixou a El-Rei o Bispo Dumiense na sua Carta datada de Cochim em 12 de Janeiro de 1522, a qual existe na Torre do Tombo de Lisbôa (Corpo Chronologico. Parte 1.ª Masso 27, Docum. 55), e ha della uma copia na Bibliotheca Publica de Evora, conforme diz o Senhor Rivara, no *Cathalogo dos Manuscriptos* da mesma Bibliotheca Tom. 1.º pag. 25—E diz o eruditissimo Padre Antonio Vieira, no seu *Xavier dormindo*, Sonho 1.º—que tal era a corrupção de Goa, (comparando-a á corrupção dos homens, que deo nascimento á geração dos gigantes), e taes eram os monstros, que da mesma corrupção tinham nascido, e com ella crescido enormemente, quando lá chegou o novo Hercules, que os havia de domar e vencer. Compunha-se aquelle grande emporio do Oriente, como de 5 *humores*, de 5 differentes seitas, *Judeos, Mouros, Gentios, e Christãos*. Os Judeos se guiam obstinadamente a Lei de Moyses, os Mouros o Alcorão de Mafamede, os Gentios o culto e ritos dos Pagodes e Idolos, e posto que os Christãos professavam a Fé, e verdade do Evangelho, a Fé estava nelles, tão morta, e a verdade tão casada com o apetite, e tão sugeita a elle que pelo trato, communicação, e costume, o Judeo, o Mouro, o Gen-

gava fóra de Quaresma, era reputado por fino hypocrita. Para despertar os homens deste mortal lethargo tratava Xavier com igoal desvelo do bem de sua alma, e da salvação dos proximos, ordenando o tempo por este modo. Nos Domingos e Santos, ao dispontar da manhãa, dizia Missa aos Leprosos de S. Lazaro, e depois de os confessar, e fazer-lhes uma pratica espiritual, lhes dava a communhão por suas mãos. Do Hospital de S. Lazaro voltava para a Cidade, e na Igreja do Rozario pregava aos Portuguezes com tanta vehemencia de espirito, que em pouco tempo fez que os Portuguezes, que apenas se confessavam uma vez no anno, recorressem repetidas vezes no mez a este saudavel Sacramento, e que o mesmo Xavier escrevendo de Goa a Roma disesse=*que se Deos o multiplicasse em dez, e no mesmo tempo o reproduzisse em dez lógares, ainda assim não bastaria para satisfazer a tantos penitentes!* (30)=Já se lançavam fóra as concubinas, desfaziam-se contratos usurarios, restituiam-se famas e fazendas, dava-se liberdade aos cativos sem justo titulo, perdoavam-se aggravos, e já havia mais justiça e menos interesse nos Tribunaes. E assim dentro de poucos mezes estava Goa tão trocada, que os Mouros se confundiam, e os Gentios ficavam assombrados vendo por experiencia o verdadeiro e sincero proceder do Christianismo (31). Nestas occupações gastava o Santo as manhãas.

16—Explicava de tarde aos naturaes da terra a doutrina Christãa com tanto concurso de povo, que não cabia na Igreja, e para se acommodar melhor aos ouvintes, fallava de proposito em Portuguez barbaro e grosseiro. Nos

---

tio, e o Christão, tirada a differença dos nomes, nenhuma se lhes via nos costumes. Todos seguiam uma Lei, que era a da natureza corrupta: todos adoravam dous idolos, que eram o da *cubiça* e da *torpeza*...!!

(30)—Na Carta de 18 de Setembro de 1542 dirigida de Goa aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Roma.

(31)—Este estado de cousas parece que passou breve, e depois da morte do Apostolo a desmoralisação voltou a reinar em Goa, e

dias feriaes, depois de servir aos enfermos, e ouvir grande numero de penitentes que o buscavam, visitava os encarcerados, aos quaes ensinava o modo de examinar a consciencia. Daqui se partia a correr Goa com uma campainha na mão, e tocando-a nas bocas das ruas principaes levantava a voz, e lançava este pregão—« *Fieis Christãos, amigos de Jesu Christo, mandai vossos filhos, escravos, e escravas, a ouvir a Santa doutrina por amor de Deos.* » A este clarim do Ceo nunca d'antes ouvido na India era extraordinario o concurso de toda a sorte de gente, que acudia, e só os meninos passavam algumas vezes de trezentos. O Santo os ordenava em fileiras, e levava á Igreja de Rozario, onde cantadas as orações para ficarem mais impressas na memoria, declarava algum artigo da Fé ou preceito do Decalogo. Avultava tanto em Goa o fructo da Santa Doutrina, que por ordem do Illustrissimo (Bispo) se estendeo a imitação a todas as Parochias (32). Chegou até Lisboa o som da campainha de Xavier, e soou tambem aos ouvidos d'El-Rei D. João (o 3.º) que por carta de 1545 ordenou ao Governador D. João de Castro mandasse abrir escolas, para se doutrinarem os meninos por todas as Aldêas onde houvesse

em toda a sua vasta dominação, como testemunha o Soldado Prático do illustrado Couto, e relativamente á Religião testificam o teor dos Concilios Provinciaes—da 1.ª Constituição Goana,—e das Pastoraes dos Prelados, para extinguir o composto de ritos e cerimonias gentilicas então em uso.

(32)—Como diz o S.t.º Apostolo na citada carta de 18 de Setembro de 1542, e ainda hoje nas Escolas das Freguezias se ensina a doutrina em lingoa do Paiz, não obstante de ter sido ordenado pelo Alvará de 22 de Agosto de 1668 do V. Rei Conde de S. Vicente para a ensinarem em Lingoa Portugueza. Pelo que respeita as Orações os meninos das ditas Escolas além de as cantarem na Igreja cantam tambem quando se retiram para suas casas acabada a Escola, como se observa em varias Freguezias.

alguns Christãos (33). Este uso de cantar a doutrina foi recebido com tanta devoção, e perseverança nas christandades da India, que alem do exercicio quotidiano das escolas e das Igrejas, poucas são as casas particulares, onde se não cantem quasi todas as noutes (34). Para commodo dos meninos compoz Xavier um tratado da Doutrina Christam, que se imprimio em Goa em 1557.

CAPITULO 10

Do que diz Xavier aos Padres da Companhia de Roma a respeito da sua viagem a Goa, e de sua occupação na mesma Cidade.

17—Sobre a sua chegada a Goa, de como achou esta Cidade e de sua occupação nella, diz o Santo o seguinte (35)..... ....« Ya ya para 6 mezes, que arribamos a Goa, que es el Capital de la India es una ciudad de bella vista (36), poblada toda de christianos. En ella

(33)—O estabelecimento de Escolas das Freguezias que sustentam as Communidades, certamente, teve origem na citada ordem d'El-Rei D. João.

(34)—Communmente não se canta a doutrina em todas as noutes, salvo a excepção de raras casas; mas sim nas occazioes de novenas e Festa dos Santos e Santas de devoção da respectiva familia, e quasi geralmente por occazião da Festa de St.ª Anna.

(35)—Na sua carta citada de 18 de Setembro de 1542 Coll. Vol. 1. p. 61.

(36)—He em verdade digna de se ler a minuciosa descripção da grandeza, trato e magnificencia da Cidade de Goa, dos seus habitantes, e estabelecimentos no primeiro seculo da sua conquista (a que se deve o velho rifão—*Quem vio Goa, não precisa ver Lisboa*), que apresenta o celebre Francisco Pyrard na 2.ª parte da sua *Viagem as Indias Orientaes*, a qual traduzida em Portuguez publica o Sr. Rivara.

hay un gran convento de Religiosos Franciscanos (37);

(37)—A respeito deste grande Convento, o 1.º dos estabelecidos, e um dos mais sumptuosos de Goa, concordamos o que escreve o Sr. Rivara a pag. 415 do seu *Ensaio Historico da Lingoa Concani*, publicado em 1858.= « O Convento de S. Francisco da Cidade de Goa, que teve principio nos Frades, que logo no anno de 1510, em que a Cidade foi conquistada por Affonso d'Albuquerque, receberam deste a Mesquita grande dos Mouros, para a converterem, como converteram em Igreja christãa; e ahi residiram até no anno de 1521, em que ficou completa a nova Igreja, mandada erigir por El-Rei D. Manoel. Esta Igreja foi depois sagrada com o titulo do Espirito Santo pelo Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, no anno de 1603. Depois ameaçando ruina a mesma Igreja, foi necessario derrubal-a, e reedifical-a, para o que se lhe lançou de novo a primeira pedra no anno de 1661. O architecto teve a discrição de conservar na Igreja restaurada o primitivo portal, o qual he provavelmente hoje o unico fragmento, que em toda a Asia resta da nossa architectura portugueza dos principios do seculo XVI. Assim mesclada representa esta Igreja as duas memoraveis epócas da historia dos Portuguezes na India: a epóca gloriosa da conquista sob os auspicios do felicissimo Rei D. Manoel, e a epóca lastimosa de D. Affonso 6.º, em que os membros do grande imperio portuguez do Oriente se lacerarão e desconjuntaram. —Para a restauração desta Igreja fez o mesmo Rei D. Affonso 6.º mercê das Capitanias de Sofalla e de Diu, para que os Prelados as podessem vender na primeira instancia applicando o seu producto as ditas obras: mas como as esmolas dos fieis eram sufficientes, renunciaram elles a referida mercê. No anno de 1707 se arruinaram os Claustros do Convento, e se reedificaram com as esmolas dos fieis, e dos Ferrolhos de Pardez e do Norte. No anno de 1762 se reedificaram as cellas do dormitorio do Rato, a portaria e as cellas contiguas á aula da Asumpta. Sendo Provincial Fr. Antonio de Padua, no anno de 1765. alcançou do Arcebispo Primaz D. Antonio Taveira de Noiva Brum, o pedaço de chão, pertencente á Sé, onde fez a Portaria do Carro (do mar?); igualmente fez o dormitorio do Guardião, reedificando as cellas, que estavam todas arruinadas: fez o Creão novo (hoje está na Igreja de Margão), cobrio os claustros de tijolo, e de lagem a casa do Lavapés, e fez outras obras para a perfeição do Convento, cuja Sacristia deveo

la Igzila Cathedral es mur magnifica, assi por su arquitec-

ao seu zelo e aceio muita prataria, e ricas alfaias, merecendo entre tudo memoria particular a Cruz e Ceriaes de prata etc. Hoje conserva-se o edificio em soffrivel estado: a Igreja porem está quasi desmantelada, e não se celebra nella acto algum do culto. Vive no Convento um Padre (o Egresso Fr. Manoel do Carmo ex-Provincial da Provincia Capucha da Madre de Deos) como Administrador.=

Acresentaremos a esta relação circunstanciada o seguinte:—a reunião dos Frades estabelecida na Misquista referida, que conforme a historia fôra do Idalcão, depois de convertida em Igreja christãa, foi em 1518 instituida em *Custodia* sob a invocação do Apostolo S. Thomé, e Fr. Antonio Padrão a seu 1.º Custodio; e com este titulo ficou sujeita á Provincia de Portugal até ao anno de 1583, em que no Capitulo geral celebrado em Toledo se lhe deo o titulo de=*Provincia de S. Thomé da India Oriental*=do qual começou a uzar em 1612, depois de confirmado por Paulo 5.º—A Igreja suprareferida, que visitamos com a Mesquita pela 2.ª vez em dois de Maio do corrente anno, tem as seguintes dimensoens: de comprimento 252 palmos e de largura 58. O Arco da Capella-mór tem altura desmarcada, ou assim parece por o Corpo da Igreja ser mais comprido do que largo, em razão de uma parte desta largura occuparem os corredores lateraes, que davam passagem para 6 Capellas ou Altares, que com o Altar-mór, e 2 altares lateraes do cruzeiro completam o numero de 9. O magestoso Retabulo do altar-mór todo dourado e bem conservado apresenta na sua maior altura, por cima de um tabernaculo delicadamente fabricado, um colossal Crucifixo, dourado e pintado, figurando ter o braço direito despregado da Cruz e abracando a Imagem, tambem colossal, e dourada de S. Francisco, Patriarcha da Ordem. Aquelle tem de altura 9 palmos, e esta, que parece estar de joelhos sobre um estrado de 3 degráos, 8 e meio, e nos 3 degráos, ou na face vizivel do estrado a seguinte legenda—*Pobreza—Humildade—Obediencia*—em letras maiusculas. Este grandioso Templo, que o visitante não pode penetrar sem se compungir da desolação que vê dos seus altares ou Capellas lateraes, e ornatos correspondentes, tem o seu solo, como o do Capitulo, e Corredor contiguo, juncado de bastas campas sepulcraes, sendo a ultima do V. Rei D. Manoel da Camara no centro da Capella-mór, com varias brazões d'Armas, distinctivos, e legendas, muitas dellas singulares, que dando idea do gosto das épocas, em que foram collocadas,

fazem recordar varios feitos gloriosos dos Cavalleiros, cujas cinsas cobrem !—Possuimos apontamentos dessas Louzas, mas he materia para um longo artigo, e não para uma nota; e temos fé que uma penna muito illustrada, que proximamente tomou iguaes apontamentos com mais cuidado e paciencia, os dará á luz como cumprir á historia de Goa.—Os ornatos e molduras da porta principal que foi da Igreja primitiva, e pela qual passou S. Francisco Xavier, são de pedra préta, custosa, e curiosamente lavrada, lavores que hoje, de certo, apesar do progresso da arte, não seriam imitados em Goa !—Fronteiro á porta principal na extremidade opposta do Adro se eleva uma bem lançada e colossal Cruz de pedra preta sobre uma peanha de alvenaria de proporcionadas dimensões.—Ao lado direito da Igreja passa uma rua denominada de—*S. Francisco*—tradicional nas antigas eras, e na parte esquerda está estabelecida a Portaria do Convento, e sobreposto a ella o seu corredor principal, o qual tendo no pavimento inferior o noviciado da Ordem, construido sobre a abobada da já referida Mesquita, olha para o Adro da Igreja, e forma o angulo da travessa de St.ª Catharina.—Sobe-se ao andar superior do Convento por uma larga e magestosa escada de pedra préta de 32 degraos, e para os *Gates*, que é uma repartição superior a este pavimento, a qual habitavam os Prelados veteranos, por 22 degraos, tambem de pedra préta.—Passando finalmente á Mesquita, ella ainda existe bem conservada, prometendo longa duração, e sobre a sua abobada se levanta o Noviciado dos Franciscanos, como fica dito.—Desce-se a este antigo Templo do Rei Mouro de Goa, hoje abandonado gudão ou loja subterranea, por uma escada de 52 degraos, divididos em 6 lanços: o 1.º com 11 degraos—o 2.º com 2—o 3.º com 13—o 4.º com 17—o 5.º que dá passagem para o interior da Mesquita, com 5—e o 6.º, que conduz para o pateo, com 4—A Mesquita he abobadada com simples alvenaria, e sem estuque, e a abobada he dividida em 6 quadros enlaçados, e sustentados, de um lado sobre 6 arcos, sendo destes 4 abertos, e 2 fechados (os das estremidades), e do outro lado sobre a parede, dando idea da architectura Azitica contemporanea —O pavimento não se conhece se era lageado, por estar coberto de entulho.—O edificio he dividido em Capella-mór, e Corpo, este tem 115 palmos de comprimento, e aquella 25, ao todo 140, e de largura 24.—Na Capella-mor ainda existe

tura, como por el numero grande de canonigos (38): hay

o altar, que se pode suppor ser o em que se disse a primeira missa em Goa, e assim o affirmam os Religiosos que ainda existem. Esse altar tem de comprido 10 palmos, e de altura 3, na actualidade.—Da primitiva existe ainda nesta divisão, ao lado esquerdo uma porta baixa e estreita, que dá entrada a um bem escasso quarto escuro, por que, tal vez, a sobredita escada, que he otra posterior fechasse a janella, que por ventura tivesse, visto estar encostada á parede do fundo do dito quarto.—Da época da construcção do supra alludido noviciado existem no centro do Corpo do Templo 4 columnas de alvenaria, collocadas nas juncções dos já referidos quadros, para servir de esteio á abobada que sustenta o mesmo noviciado.—As mencionadas columnas tem actualmente de altura 18 palmos, e de grossura em quadro 2½.—Das obras posteriores existe entre as primeiras duas columnas uma especie de sofá, de alvenaria, e na extremidade inferior do Corpo ligados á parede alguns fugões.—Muito teriamos que dizer a respeito desta Mesquita, do Convento, e sua Igreja, mas isto nos levaria bastante longe, por tanto limitamos-nos ao que importa ao objecto principal desta nota.

(38.)—A Igreja Cathedral a que se refere o Glorioso Xavier não he a actual, mas sim a antiga, que foi Cathedral do Bispo.

Na Relação da visitação do Exm.º Arcebispo Torres, estampada no n.º 4.º do *Jornal da S.ta Igreja Lusitana do Oriente* de 1846, a qual Relação he obra do fallecido Governador do Arcebispado, o Reverendo Mestre-Escola Caetano João Peres, se lê acerca da Sé de Goa o seguinte =» Conquistada pela segunda vez a Cidade de Goa por Affonso d'Albuquerque aos 25 de Novembro de 1510, dia em que a Igreja celebra a festividade de S.ta Catharina de Alexandria, elegeo este pio e grande Capitão a gloriosa Santa por Padroeira da Cidade, e cuidou logo em lhe erigir um Templo, onde fosse publicamente venerada, e que servisse de Igreja Parochial aos Christãos, que ali fizessem assento. Em breve se completou esse Templo; e quando em 1512 volton a Goa o mesmo heroe, da conquista de Malaca, ahi correo logo a dar graças a Deos pelas mercês recebidas. Collegiada foi depois esta Igreja, que Barros com antecipação denominou Sé, (Dec. 2. Liv. 7. Cap.

4. p. 128; e em 1534 erigida em Cathedral do Bispo de Goa, por Bulla, *Æquum reputamus* de 3 de Novembro do Summo Pontifice Paulo 3.°, passando o Prior a Deão, os Beneficiados a Dignidades, e Conegos, e preenchendo-se os mais logares com os Clerigos de fóra.—Por Bulla *Etsi Sancta* de 4 de Fevereiro, a elevou Paulo 4.° em 1557 a Sé Archiepiscopal Metropolitana Primacial das Indias, que desde o Arcebispo D. Fr Aleixo de Menezes se intitula *Primaz do Oriente*.—Foi até 1542 a unica Parochia da Cidade; e com quanto pelo progressivo augmento do numero dos Christaons, se erigissem depois outras, contava ainda no anno de 1600 mais de 80.000 freguezes; e por isso o Arcebispo D. Fr Christovão de Lisbôa, dando Regimento á mesma Cathedral, no anno de 1614, alli estabeleceu dous Curas para a administração dos Sacramentos.—Já em 1532 se ampliara este Templo; mas desde 1562 se tratou de edificar outro mais grandioso, cujas obras continuaram até que o dito Arcebispo D. Fr Christovão dando-lhe grande impulso, foi o novo Templo sagrado (segundo dizem) por o seu successor D. Fr Sebastião de S. Pedro, que governou a Diocese 6 annos, começados em 1623.—A lapida, colocada na parede externa do frontispicio por cima do portão do meio, tem o seguinte letreiro= *o Reinando o Muí Catholico Rei D. Sebastião mandou fazer esta Sᵗᵃ Sé de Gôa no anno do Senhor de 1562, sendo Administradores della os Arcebispos Primazes. Os Catholicos Reis seus Successores a mandaram continuar á custa da sua Real Fazenda até o presente, que he Arcebispo Primaz D. Fr Francisco dos Martires e V. Rei deste Estado*.—Assentada foi esta Cathedral sobre as ruinas de um Pagode ou Mesquita, cujos restos ainda existem soterrados de baixo da sua Capella-mór.—As suas proporções são as seguintes. *Comprimento* desde o umbral da porta principal até o Cruzeiro palmos 198—Cruzeiro até o arco da Capella-mór, Coro de Conegos 50—Presbiterio até o degrão do Altar-mór 38—Dito do degrão até o retabulo 16—*Largura* do Cruzeiro 126—Corpo da Igreja fóra as Capellas 96—Nave do meio identica com a da Capella-mór 48—Cada uma das duas Naves lateraes 24—*Altura* da Nave do meio 100—Naves lateraes 80—Corpo da Capella-mór 77—Presbiterio 74—*Comprimento* da Capella do Santissimo, desde a porta dourada até a parede atraz do retabulo palmos 100—*Largura* 30—*Altura* 28—Dita da sua porta dourada 32—*Largura* desta porta 20—*Comprimento* das outras Capellas palmos 30—*Largura* 30—*Altura* da do

Nossa Senhora das Necessidades, e de outra fronteira a ella 37 — *Dita* de outras 6 Capellas 33.—*Altura* do frontispicio, entrando a Cruz, que terá 10 palmos de comprido, 160—*largura* do dito 140—*Altura* da torre 180—largura de uma face (sendo as outras eguaes) 21 »

A'esta minuciosa Relação do Revd.º Peres ajuntaremos alguns documentos os quaes devemos ao favor do Sr. Rivara, e outros apontamentos tirados do Archivo da Secretaria, e Cartorio da Fazenda.

Carta em nome d'EL-REI.

Dom Sebastião per graça de Deos Rey de Portugal e dos Alguarues daquem e dalem maar em Afriqua Senhor de Guinee e da conquista nauegação comercio de Etiopia Arabia Persia e da India.

A quantos esta minha carta virem faço saber que auendo eu respeyto à necessidade e ao seruiço de Deos e meu e ser em nobreza da minha cidade de Goa e aumento dela fazer-se na dita cidade See nova pela que ora ha ser velha e estaar danificada, e eu mandar que se faça e ter a iso obrigunação, ey por bem e mando que da feytura desta carta em diante todas as fazendas de defuntos que nestas partes falecerem sem testamentos nam tendo enleadas (sera *entradas*?) nem se lhe sabendo erdeiros certos a que pertençam se entreguem à pesoa ou pesoas, que o Arcebispo Dom Gaaspar pera iso ordenaar pera se despenderem nas obras da dita See, as quaes fazendas se entreguarão per mandados do Proveder moor dos defuntos pella ordem que atee ora se entreguão as ditas fazendas aos Padres do Mosteiro de Sam Domingos da dita cidade com decraração que da feytura desta em diante nenhua pessoa alguma não averaa a fazenda dos ditos defuntos, antes todas se despenderão nas obras da dita See sem se cumprir outra nhuã provisão saluo esta, e da mesma maneyra se farna entregua das fazendas dos mouros e judeus e mais pesoas que eu mando que se entreguem nas minhas feytorias, e que asy ey por bem sem embargo de quaes quer regimentos meus que aja em contrayro, e me praaz que as ditas fazendas asy humas como outras se nam dee llamça alguua senão que asy como as ouuer e se descobrirem se entreguem à dita pesoa por quanto à dita See he de minha obrigunação e eu mando fazer, e quando quer que vierem erdeiros a que pertenção, de minha fazenda se hum de pagnar as ditas fazendas pera o que todas as que asy arrecadarem se carre-

guaram em receyta sobre o meu feytor da dita cidade ou da fortaleza honde estiuer, de que passará conhecimento em forma pera os contos dos Provedores e oficiaes a que pertencer, e tanto que asy forem carreguadas se entreguaram logo a tal pesoa sem mais nyso o dito feytor emtender, e pera sua comta lhe ficaraa o treslado desta carta com conhecimento da dita pesoa declarando que ficam asemtadas e carreguadas sobre ele no L.° que hande ter pera se despemder nas ditas obras como dito he pera que em todo tempo se saiba vindo os ditos erdeyros o que se lhes deue, e como se guastou nelas. E mando aos contadores dos defuntos sob pena de perdimento de seus cargos que pasem todas as certidões de seus cartoreos e das comtas que tomarem que lhe ele a dita pesoa ou pesoas requererem pera bem de arrecadarem a dita fazenda e toda a que houuer e se achaar nas ditas comtas pera que toda se emtregue da maneira sobredyta. E asy ey por bem e mando que todas as fazemdas dos gemtios e infieis que falecerem nesta cidade e ilha de Goa e nas outras ilhas a ella adjacentes, e em Salleete e Bardes e em todas as mais fortelezas e luguares meus destas partes que me pertemcem por falleçerem sem erdeyros comforme ao foral asy movel como de rayz, e as mais fazemdas que me pertemecerem por qualquer vya que seja, e estiuerem sonegadas em todas estas partes todas se entreguem pela mesma maneyra pera as obras da dita See a dita pesoa ou pesoas pera que tudo aja e arrecade da feytura desta carta em diamte pera elas, e nhuã provisam de mercee de qualquer das ditas fortalezas que se pasar se cumprirá nem averaa efeyto saluo esta, posto que seja de fazemda certa e pesoa especiallmente decarada, por que todas ey por nhuãs e de nhum efeyto. Portanto o notefico asy aos Veadores de minha fazenda e ao Provedor moor dos defuntos, e a todos os ouuidores Juizes e justiças e Provedores e quaes quer outros oficyaes e pesoas a que pertemcer, e lhes mando que asy o cumprão e façam inteiramente comprir e gardar sem duuida nem embargo allgum por quanto asy he minha mercee, e o ey por meu seruiço. Dada em a minha cidade de Goa sob meu selo a iiij (4) de Nouembro. ElRey o mandou per Dom Francisco Coutinho Comde do Redondo e Viso Rei da imdia. Ruy Martins a fez ano do nacimento do noso Senhor Jhũ X.° de mil bcbiij (1562).—*Comde ViseRey.*—(Registado n'um L.° do registos contemporaneo no Cartorio da Fazenda, a f. 231).

INSCRIPÇÃO SOBRE A PORTA DA SÉ.

Reinᵈᵒ o Mui Catᶜᵒ
Rey D. Sebᵐ mᵈᵒⁿ
Fazer esta SSe
...(a)...o anno do
Sʳ de 562 sᵗᵒ
Administradores
Della os Arcebpos
Primazes ⋈⋈⋈
Os catolicos Reis seus
successores

A mandaram conti-
nuar á custa
De sua Real Fa-
zᵈᵃ ate o prezente
Q' he o Arcebpo Pri-
maz D. Frey Franᶜᵒ
dos Martyres e
Vizo Rey deste
Estado (b)

Novamente reprodusimos litteralmente a legenda supra, copeada pelo Sr. Rivara, tal e qual, do original, visto estar inexacta por inconsideração do copista, a que apresentou o sobre dito Rvd.º Peres na sua Relação, que deixámos atraz transcrita. A mesma legenda, com tudo, carece de algumas explicações para a sua boa intelligencia, e taes são.—No centro das duas columnas, em que ella se vê dividida está colocada uma Tiara com as chaves, insignias do Papa:—no lugar da lacuna (a) estão apagadas algumas palavras, que parecem ser as seguintes=*O V. Rei D. Francisco Coutinho*, ou estas outras equivalentes=*O V. Rei Conde do Redondo*=escritas em breve, porque de facto este V. Rei ordenou a construcção da quella Sé, por sua Provizão que já lêmos atraz, de 4 de Novembro de 1562; pois que o estilo das antigas inscripções e legendas de obras começadas ou acabadas he declarar em primeiro lugar o nome do Reinante, em segundo o do governante do Paiz, em terceiro o do autor da obra, não sendo o proprio governante, e em seguida as de mais circunstancias relativas, do que dão testemunho as variadas inscripções que se lêm na Folhinha Historica de 1841 a pag. 154 e seguintes.—A flor que se segue á palavra *Primazes* he indicativo da conclusão da historia da fundação: e a restante parte da mesma legenda respeita ás posteriores Regias determinações, para a continuação da obra, e a essa continuação, a qual tendo sido effectiva ate ao tempo em que D. Fr Francisco dos Martyres era Arcebispo de Goa, este, talvez, mandasse colocar a lapida deixando o lugar (b), para pôr o nome do V Rey,

que fosse ao tempo da conclusão da obra, no que houvesse depois descuido, porque a Sé ficou vaga por muito tempo; pois he sabido que o referido Arcebispo governou a Diocezе desde 21 de Outubro de 1636 até 25 de Novembro de 1652 em que falleceo, e ficou a Diocezе vaga até 24 de Setembro de 1675; semelhantemente tendo fallecido na viagem a este Estado o V. Rei Conde de Aveiras, e em sua consequencia retirando-se para Portugal o V. Rei D. Felipe Mascarenhas em 31 de Maio de 1651 entregou o governo do Estado ao referido Arcebispo, a Francisco de Mello e Castro, e a Antonio de Sousa Coutinho, os quaes deram posse ao V. Rei Conde de Obidos em 3 de Setembro de 1652, e este foi depósto em 22 de Outubro de 1653.

Na borda da Pia Baptismal

(em letra gothica minuscula):

=« Esta pia mandou fazer Jorge Gomez e a deo a esta Sé em onra e louuor do Senhor Deos em 1532. »=

A referida Pia he de pedra prêta, oitavada e mui grande. Ella foi offerecida á Igreja de St.ª Catharina quando era apenas Priorado. He presumivel que o glorioso Apostolo S. Francisco Xavier tivesse nesta Piscina purificado do peccado original os seus proselytos, ou pelo menos que naquelle baptisterio muitos dos seus catechumenos tivessem abjurado a doutrina do Bramá.

Voltando á Sé actual: Por C.R. de 8 de Fevereiro 1591 mandou-se encarregar a Ambrosio Argueiros, ou a Mestre Simão a direcção das obras desta Sé, para a sua breve conclusão: Por outra de 2 de Janeiro de 1596 mandou-se applicar ás mesmas obras a importancia das penas, condemnações, descaminhos, e o producto da venda da viagem para a China, e por Real Prov de 27 de Dezembro de 1598 o dinheiro dos abintestados, cujos herdeiros o não tivessem procurado durante dez annos.—Conforme a conta do Governador da India de 14 de Fevereiro de 1620, as obras do corpo da Igreja ficaram concluidas em 1619, e no mez de Julho em dia do Anjo Custodio se houve collocar o Santissimo com grandes solemnidades e festejos, que duraram por alguns dias.—Cumpre ainda advertir que a Sé actual não he edificada no mesmo sitio da antiga, como diz o Revd.º Peres; mas n'outro proximo.—A Torre desta Sé, do lado do Norte abateo-se em Junho de 1776, e foi orçada em 50 mil xerafins a sua reconstrucção, que até agora não teve lugar.

demás de este otros muchos Templos (39)..... Yo en Goa

Pelo que resucita ao grande numero de Conegos de que falla o nosso Santo, tal era o estado do pessoal da Sé na data da Carta, notada, conforme a C. R. de 24 de Março de 1560 que lhe estabeleceo a ordinaria em dinheiro.

Pessoal	Vencimentos
Arcebispo.....	12000:0:0
5 Dignidades, Deão.....	1010:3:48½
Chantre, Thes.-mór Arcediago, e Mestre Escola a	610:3:56½
	3453:1:36
10 Conegos a 510:3:56½.....	5167:4:28
4 Meios Conegos a 288:3:34....	1154:0:00
2 Quartanarios a 283:1:40.....	566:3:20
12 Capellães a 166:3:20.....	2000:0:00
7 Cantores a 133:1:40.....	933:1:40
4 Meios Cantores a 66:3:20.....	266:3:20
3 Tiples a 80...	240:0:00

Pessoal	Vencimentos
1 Cura.....	220
1 Sub-Chantre ..	100
1 Mestre-Capella	208
1 Sub-Thesoureiro.....	200
1 Organista.....	200
1 Mestre de Ceremonias.....	146:3:20
1 Mestre de Latim.....	66:3:20
2 Altareiros a 80	160:0:00
1 Porteiro de Maça.....	107:1:00
6 Meninos do Coro a 53:1:40..	320:0:00
3 Sacristães a 96	298:0:00
1 Merinho Geral	40:0:00
3 Sineiros a 72 .	216:0:00
1 Aljubeiro.....	40:0:00

Estes vencimentos e o pessoal tem soffrido alterações em épocas posteriores. Veja-se os Orçamentos.

(39)—Relativamente a muitos Templos alludidos pelo Santo, em verdade he digno de admiração que o espirito religioso então dominante, vencendo difficuldades de mingoa de Engenheiros, de Operarios, e trazendo materias de longes terras (Goa não tinha nessa época madeiras, especialmente de tecca, empregada de preferencia nesses Templos, ferro, e pedra prêta) no meio de estrepito bellico de campanhas, soccorros, e combates, dentro e fora do Paiz, podesse na roda de um seculo fazer avultar, como por encanto, sobre o solo da velha Cidade sumptuosos e mui custosos Edificios, dedicados á Religião, além de outros publicos e particulares

(a fóra os que levantaram fóra da Cidade, e nas Pracas e Fortalezas) cujas ruinas he hoje objecto de especial visita dos Estrangeiros, um dos quaes deixou escrito os seguintes versos no Arco do Portico dos V. Reis!

ISTA OLIM PRÆCLARA CIVITAS
POSSIDENS MULTA ÆDIFICIA,
ET NON PAUCAS DIVITIAS,
EJUS HABITANTIUM MALITIA
HODIE VIDETUR IN RUINAS

2 Januar. 1852.

Dr. Hartmann.

O Santo tinha rasão de dizer muitos Templos, porque na data de 18 de Setembro de 1542 da sua notada Carta, elle chegou a ver funccionando os seguintes, a fóra as Capellas dos Fidalgos, das quaes não nos he possivel dar conta.

Dentro da Cidade.		**Fora da Cidade.**	
Sé, construida em....	1512	(Construidos antes de 1541)	
Igreja da Misericordia	1520		
—do Convento de S. Francisco.....	1521	Ermida de S. Thiago de Banastarim	
—da Sr.ª da Luz, antes de.....	1541	—de N. Sr.ª de Divar (Naroá)	
—do Semin. de Stª Fé	1542	—de N. Sr.ª da Conceição de Pangim	
Ermida ou Capella do Palacio.....	1512 a 42	—de Sr.ª de Guadalupe de Batim	
—do Real Hospital.	1511 a 12	—de S. João de Carambolim	
—da Sr.ª da Serra..	1514	—de Madre de Deus de Daugim	
—do Tronco ou Cadea	1511 a 13	—de Stª Luzia d'Ella	
—do Hosp. de S. Lazaro, antes de.....	1542	—de S. Braz do Paço Secco	
—de S. Jeronimo, dito	1542	—de N. Srª do Cabo	
—de St.º Antão, dito	1542	—da Sr.ª da Ajuda de Ribandar antes de 1551	

estoy de continuo en el Hospital (40), administrando á los

Durante a Vida do Santo

Priorado do Rozario ..	1513
—de N. Sr.ª da Luz	»
Ermida ou Igreja de St.º Antonio....	»
—de S. Martinho....	1547
—do Hospital de todos os Santos.....	1547
—de St.ª Catharina, em..... 1549 a	1550
Igreja e Convento de S. Domingos.....	1550

Durante o Seculo

Ermida das Chagas, antes de.....	1555
—do Monte.....	1557
Collegio de S. Paulo o velho.....	1560
A Inquisição com suas Capellas.....	1560
Igreja de S. Thomé...	1569
—de S. Pedro em 1561 a	1562
Convento de St.º Agostinho.....	1572
Collegio de S. Paulo o Novo (S. Roque)...	1580
—de S. Thomaz.....	1585
Casa Professa do Bom Jesus.....	1594
Capella da Sr.ª da Conceição, antes de	1595
Collegio do Populo...	1600
—de S. Boaventura...	1602
Conv. de St.ª Monica	1606
Recolhimento da Sr.ª da Serra.....	1606
—das Convertidas....	1606
Igreja de SS. Trindade, entre..... 1597 a	1610
—de St.º Aleixo .... a	1610

N. B.—As ultimas 2 Igrejas foram construidas pelo grande Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, o qual durante a sua estada neste Estado construio á sua custa em Goa, e em Cranganor muitas Igrejas, por isso se lhe fez mercê de 50$ x. por C. R. de 21 de Novembro de 1598.

A maior parte dos referidos edificios e outros posteriormente construidos ainda existiam em 1833, e hoje muitos delles estão em ruinas. Vid o Bol. do Gov. n.º 98 do anno de 1839, pag. 611 a 613, e pag. 617.

(40) Este Hospital se deve entender que era o *Hospital Real*, em que habitava o Santo; porque na data da Carta cotada (18 de Setembro de 1542) existiam apenas 2 Hospitaes, o de que se trata, e o de *S. Lazaro*, unicos de que falla Xavier, ainda que um escrito moderno dá por mais antigo o de *Todos os Santos* do que o de *S. Lazaro*, referindo-se a uma lapida; mas uma Memoria da Santa Casa da Misericordia diz que o de Todos os Santos fôra construido em 1547, o que parece confirmar o Santo com o seu silencio na dita Carta.—

enfermos los Sacramentos de la Confession, y Comunion. Pero de más de esto, es tanta la muchedumbre de los sanos, que desean confessar-se, *que se pudiera yo multiplicar-me en diez lugares distintos, siempre tendria á quien confessar.* Despues de haver recorrido los enfermos; me aplico á oir las confessiones de los que vienen; despues de medio dia me voy á la Carcel (41), y haviendoles dado el methodo, que deben tener, y explicado el modo de hacer una buena confession, les oigo generalmente de toda la vida passada: concluido este ministerio, me buelvo á una Hermita de la Santissima Virgem, *que está muy cerca de el Hospital* (42) : alli enseño á los niños, (que

---

O Hospital Real, era em tudo á altura: sobre esta grandeza, verdadeiramente Real, veja-se o que com admiração diz Francisco Pyrard.—Nós chegámos a alcançar em 1821 uma como sombra dessa grandeza passada, no trato que recebiam os doentes, especialmente os Officiaes, quer entrassem doentes, para se tratarem, quer entrassem saõs, com o fim de poupar o miseravel soldo d'então, para empregal-o na reforma dos uniformes, como se praticava, por falta de outro meio de supprir a falta que sentião, como por exemplo um Tenente que vencia 38 xerafins por mez.—Este estado de liberalidade passou ao extremo opposto com a reforma do V. Rei D. Manoel de Portugal e Castro de 31 de Dezembro de 1830.

(41) O Carcere, Prizão, ou Cadea se denominava nesta época, (ainda muito depois), *Tronco*, e estava situado na visinhança do Palacio da Fortaleza ou dos V. Reis, conforme as antigas Plantas da Cidade, que temos a vista, o qual nas tentativas de reedificação da Cidade porem parece que fôra situado no angulo da entrada da *Rua direita* quasi fronteiro ao Portico dos V. Reis, onde o achámos entre os annos de 1814 a 1816.

(42) Diz o glorioso Apostolo—*que ensinara os meninos na Ermida da Santissima Virgem, que estava muito perto do Hospital*: em vista pois desta declaração do Santo, parece que as circunstancias expressadas não respeitam á *Igreja do Principal do Rozario*, designada pelo Padre Sousa: 1.° porque na época desta estando o Hospital estabelecido em logar fronteiro aquelle em que hoje se vê a desmantelada enfermaria do Convento de S. Francisco, e esta situação para a da Igreja do Rozario distando mais de 20 minutos,

muchas veces passan de trecientos) las oraciones, el Credo, y los Mandamientos. El Obispo mandò se hiciesse lo mismo en todos los Templos, como con efecto se hace. El fruto, que se consigue, es mayor de lo que se puede pensar, y esto con singular gusto de toda la Cuidad. El tiempo, que estuvo en aquella Hermita, que he dicho de la Virgen, todos los Domingos, y dias de Fiesta por la mañana, predicaba al Pueblo, que se componia de Portuguezes, y Nacionales : despues de comer explicaba à los Naturales la Doctrina Christiana con tanto concurso, que no cabian en la tal Hermita. En el Hospital de los Leprosos, que està en un Arrabal de la Ciudad, oia las confessiones de todos; les decia Missa, y daba la Comunion; de suerte, que no quedaba alguno, que no recibiesse estos Santos Sacramentos. A todos los que me oian una vez hablar desde el Pulpito, les debia me quedassen muy aficionados. Ahora tengo orden del Virrey para partir à cierta Region, donde tenemos grande esperanza, que se han de hacer muchissimos christianos. . . . . »

---

não se verifica a proximidade apontada : 2.º porque os documentos officiaes do Archivo do Governo affiançam que a Igreja do Rozario fôra construida em 1543, vindo para esse fim operarios de Portugal ; em vista do que fica dito julgamos que a Ermida de que falla o Santo Xavier deve ser uma outra que estivesse ao lado do Hospital, ou a da invocação de N. Senhora da Conceição, que até o anno de 1595 figurou no Tombo Geral entre as propriedades da Fazenda, e depois teve extincta a sua memoria.—He de crer que esta Ermida da Conceição estivesse situada no sólo da soltreita enfermaria, conjunctamente com umas Casas, as quaes tendo S. Magestade mandado comprar e dar ao referido Convento, pela Regia Provisão de 30 de Março de 1585, e C. R de 10 de Março de 1593, ahi vez por não ser sufficiente para o fim proposto a área das ditas Casas, fosse tambem cedida a da Capella, por tanto se não acha mais memoria desta Capella, e este juiso tem a seu favor a erecção, que teve lugar da Confraria da Conceição no referido Convento de S. Francisco em 4 de Novembro de 1638, por ventura

CAPITULO 11

De sua partida para o Cabo de Comorim, e dos trabalhos a que alli se dedicou.

18—Andando Xavier tão bem occupado nas suas prégações, e doutrinas, e mitigado já o rigor do inverno o chamou o Espirito Santo á Costa da Pescaria (43), para onde partio na entrada de Outubro do mesmo anno de 1542, cinco mezes depois de chegar a Goa, levando comsigo 2 Diaconos, e 1 Minorista, filhos daquellas terras. Desembarcado no Cabo de Comorim, que está fronteiro á Ilha de Ceilão, foi primeiro visitar os logares daquelles que pouco antes se haviam feito Christaõs (44), e estavam totalmente desamparados de Sacerdotes, e destituidos de todo o pasto espiritual.—Nada sabiam da Religião que abraçaram, alem de confessar que eram Christaons.—Depois que chegou correo o Santo todos aquelles logares baptizando os meninos, e tão grande era o numero das creanças que accudiam, que lhe não deixavam nem rezar, nem comer, nem dormir (45)!—E que podia eu

em substituição da supprimida Ermida, a qual Confraria depois da extincção do Convento foi transferida para a Igreja de S. Pedro onde está. Só no caso exposto, na falta de outra noticia positiva, se pode dizer que se verifica a circunstancia de contiguidade expressada pelo Santo, visto que o intermedio era apenas a largura da rua que ainda existe.

(43)—Costa da Pescaria se diz desde o Cabo de Comorim até a Ilha de Manar, e dista de Goa 70 leg. Carta de 18 de Set. de 1542. Vol. 1. pag. 76.

(44)—Em 1532 a 1533, sendo Capitão de Cochim o Doutor Pedro Vas de Amaral, para obterem a protecção dos Portuguezes contra os Mouros que os perseguião, e havião sido baptizados pelo Vigario Geral da India o Padre Miguel Vas. Cr. Conq. C. 2. D. 1. pag. 214.

(45)—Carta de S. Francisco Xavier datada de 23 de Maio de 1543 dirigida a S. Ignacio, Coll. Vol. 1. pg. 81.—Nesta Carta dá o Sam

aqui mais fazer (escreve Xavier), se eu os não entendia a elles, nem elles a mim, porque eu fallava Portuguez, e elles Tamul? (46). Para supprir a lingoa que ignorava escolhen alguns do Paiz, que alem da lingoa materna entendiam em parte a Portugueza, e com elles em varias reuniões verteo, com summo trabalho, de Latim em Tamul *o modo de persignar, e benzer, o Simbolo da Fé, os Mandamentos, o Padre nosso, Ave Maria, Salve Rainha, e a Confissão geral*.—Tomou tudo isso decor, e depois correndo pelas Aldeas, e ajuntando ao som de uma campainha quantos podia, assim homens, como mulheres, lhes ensinava duas vezes no dia a doutrina Christam, que os meninos decoravam felizmente em um mez, com obrigação de ensinarem aos domesticos e vizinhos.—Aos Domingos se congregava o povo todo, e com singular alegria cantavão as orações do catechismo, e depois de concluido o Credo, o Apostolo tornava a repetir na sua lingoa delles os artigos, um por um, e no fim de cada um delles lhes perguntava se o crião verdadeiramente, e elles com os braços cruzados sobre o peito respondiam juntos em uma voz que sim, e repetiam com o mesmo Santo uma oração pedindo graça para crer e rezavam um Padre nosso.—Acabado o Credo passavam aos Mandamentos, intermediando igoaes preces, pedindo graça para obrar.—Não se pó-

---

to conta de que acudindo a uma mulher gentia, que estava desde tres dias com dores de parto, e já desenganada, lhe explicara os principaes misterios da Fé, e querendo ella ser christã, rezara primeiro o Envangelho, e a baptisara, *e o mesmo foi acabar de baptisala, que parir aquella mulher um menino*, e este milagroso facto fizera converter e tomar baptismo ao seu marido, filhos, e mais familia.

(46)—Assim se lê no *Oriente Conq.* C. 1. D. 2. pg. 217; mas na Carta do Glorioso Xavier, datada em Cochim aos 12 de Janeiro de 1544, e dirigida aos Padres da Companhia de Roma, e seguinte = *Y como ellos no me entendiessen, ni yo a ellos, por ser su Lengua, Mugar, y la mia Espanõla*= Coll. Vol. 1. p. 115.

de explicar, diz o mesmo Xavier (47), como ficavam admirados assim os Gentios como Christãos de ver quam Santa e recta seja a Lei de Jesú Christo, e quam conforme á luz da razão natural.—Doutrinados com tanta diligencia por um mez, e baptizados os moradores de um logar, antes de passar a outro, constituia os mais instruidos *Canacapoles* (Mestres do povo).—A estes recommendava repetissem a doutrina aos mais pelo estilo declarado, todos os Domingos e dias Santos.—Tambem lhes encarregava o cuidado das Igrejas, que levantava nos povos numerozos.—Em premio deste trabalho lhes consignou o Governador Martim Affonço de Sousa quatro mil fanoês, que se tributavam aos chapins da Rainha de Portugal. Approvou esta resolução do Governador a Rainha D. Catharina a rogos de Xavier, o qual lhe escreveo *que andando os seus chapins iria mais segura ao Paraiso* (48).

19— Crescia tanto o concurso a sagrada fonte que muitas vezes lhe acontecia não poder levantar os braços para baptizar, e faltar-lhe a voz para repetir tantas vezes a instrucção necessaria antes de baptismo.—Havia dia que baptizava um logar inteiro (49).—Só as creanças, que antes de perderem a innocencia baptismal foram gozar de Deos, passaram de mil.—Os meninos dezejosos de saber algum novo misterio da Fé, nem de dia lhe davão tempo para comer, nem de noute para repouzar.—Escondia-se para resar o Officio Divino; mas eram elles tão destros em o buscar, que lhe não valia este retiro.—Eram continuas as disputas que travavam com os gentios, apanhavam os idolos, quantos podiam, e os despedaçavam aos pés do Santo.—Reprehendiam os Christaõs que adoravam algum

(47)—Na a cima citada Carta de 12 de Janeiro. Vol. 1.º p. 113.

(48)—O Santo Apostolo dá conta aos Padres de Roma de todos estes factos, e da consignação de 4 mil fanões feita pelo Governador, na supracitada carta de 12 de Janeiro.

(49)—Confirma o Santo estes factos na citada Carta de 12 de Jan.

pagode, ou os delatavão ao Santo, que com um esquadrão delles hia a casa do apostata, e tirando quantos idolos achava os entregava ao ludibrio dos meninos (59). Soube de um Christão, que idolatrava com publico escandalo, e não querendo ceder as admoestações, mandou pôr fogo a casa, e fez arder os objectos de sua adoração, para castigo do delinquente, e terror para os que quizessem faltar a Deos a fé promettida.—Desta grande authoridade usava o Nuncio Apostolico, e não havia em toda a Costa quem ouzasse contradizel-o; porque os estupendos milagres que Deos obrava por elle, lhe haviam grangeado summa veneração e respeito.—Foi patente a todos a vingança que o Ceo tomou de um grande Senhor de Manapar pelo não tratar com a devida cortezia. Chegou o Santo à sua porta, e lhe mandou pedir audiencia. O Gentio não só o não quiz ouvir, mas mandou-lhe dar com as portas no rosto, dizendo que lhe fizesse tambem elle o mesmo quando o visse ás portas da Igreja, e de facto não tardou muito tempo que elle atacado de um tropel de gente armada, querendo refugiar-se n'uma Igreja, esquecido da sua maldição, os Christaõs reunidos, julgando que o tumulto se dirigia para roubar a Igreja, fecharam as portas quando o fugitivo punha os pés no umbral, e o mizeravel perdeo a vida nos fios das espadas inimigas.

CAPITULO 12.

Dos Sacerdotes Bramanes, do seu procedimento com o Santo, e das disputas que este teve com elles.

20—Os Sacerdotes Bramanes, a quem o Santo perseguia descobrindo as suas maldades, como inimigos da Fe, se no coração o aborrecião, no exterior mostravam

(59)—Confirma o Santo estes factos na sobredita Carta.

mal-o, e respeital-o como a Santo.—Muitas foram as disputas que teve com elles, muitos os milagres que obrou á sua vista, e não pôde converter se não um só, convertendo alias a milhares os seus discipulos.—Foi um dia a um Convento dos Bramanes, onde viviam mais de duzentos, sahio grande numero delles a recebel-o.—Depois de primeiros comprimentos perguntou-lhes que cousas mandavam fazer os deuses para entrar na Bemaventurança depois da morte.—Depois de grandes porfias sobre quem devia responder, disse um velho de mais de 80 annos=*duas cousas levam* as almas á gloria, duas cousas as fazem participantes da companhia dos deuses, as quaes elles mandaram por sua mesma boca, e vem a ser =*não matar Vacas, e dar esmola aos Bramanes, que servem nos Pagodes!* Confessa Xavier escrevendo esta historia (51), que lhe vieram as lagrimas aos olhos, compadecendo-se de tão lamentavel cegueira, e que levantando-se repetio em voz alta o Simbolo da Fé, e os preceitos do Decalogo, dando de cada um delles breve explicação na lingoa do paiz: que manifestara o que era Paraizo e Inferno; qual a gloria daquelle, e as penas deste: Com attenção e pasmo ouviram os Bramanes todas estas cousas, e levantando-se todos em pé o abraçaram dizendo que *o Deos dos Christaõs era o verdadeiro Deos.* Fizeram-lhe depois varias perguntas sobre a alma, Deos, e diversos outros objectos, e satisfeitos das respostas se mostraram agradecidos com muitos elogios.—Vendo-os o Santo já instruidos, os exhortou para se fazerem Christaõs. *E que dirá de nós o mundo*, disseram elles, *se nos vir fazer esta mudança?—De que havemos de viver, se largarmos os pagodes, de cujas esmolas nos sustentamos?* E assim não pôde o Santo vencel-os (52).

(51)—Na Carta supracitada de 12 de Janeiro de 1544. Coll. Vol. 1. pag. 135.

(52)—Desta pratica dá o Santo mui circunstanciada conta aos Padres da Companhia de Roma na sua Carta acima citada.

CAPITULO 13

Da conferencia que Xavier teve com um Bramane de grande nomeada, e da revelação que este lhe fez dos misterios da sua Religião.

21—Vivia naquelles contornos um Bramane de grande nome, por haver estudado em uma das mais celebres Academias do Oriente, erudito, e noticioso dos misterios mais reconditos do gentilismo, e que se descobrem somente aos mais sabios Mestres da sua Theologia.—Dezejava o Santo vel-o, e elle tambem ver-se com o Santo, para qualquer delles saber a doutrina do outro, e de mais Xavier para tentar se no Mestre podia ganhar à Fé os discipulos, que o veneravão como um Oraculo da sua ley.—Visitaram-se ambos cortezmente, e logo se meterão em discursos de Religião.—Ficou o Bramane muito affeiçoado ao Santo, e descubrio-lhe os misterios que lhe havião sido revelados na sua Universidade com juramento.—O primeiro destes era que os idolos eram demonios, e que não havia se não um só Deos Creador do Céo e terra, o qual sómente devia ser servido e adorado.—Que os mais sabios entre elles guardavam, em honra de Deos, um dia na Semana (como nós o Domingo), como dia sacrosanto, e nelle repetiam muitas vezes esta só oração, e nenhuma outra: *Oncré Narayva Noma* (Adoro-te Deos com tua graça e ajuda para sempre) (53): e costumavão proferil-a com voz baixa e submissa, que nenhum outro percebesse, para não quebrarem o juramento.—« Disse-me mais (são palavras de Xavier) os dez Mandamentos de Deos, que elles tem em uma lingoa particular, como entre nós a Latina: digo que me referio mui bem os Mandamentos cada um delles com uma boa declaração ».—Tambem lhe disse que

(53)—Diz Xavier na citada Carta, que repetem muitas vezes no Domingo, em sua lingoa=« *O Dios! ye te vengo, é implóro vuestra ayuda para siempre.* »

o ter muitas mulheres entre os seus não era lei, se não privilegio da natureza: que nos seus livros antigos se vaticinava um tempo indeterminado, no qual o mundo todo seguiria uma só lei.—Estes foram os misterios que o Bramane confiou de Xavier, e depois lhe perguntou pelos seus, e para que não occultasse algum dos principaes, lhe deo palavra de nunca os revelar.—Antes, replicou o Santo, nenhum vos descubrirei se não com obrigação de os publicardes, e recebida a condição, tomou por thema as seguintes palavras de Christo=*Qui crediderit, et baptisatus fuerit, salvus erit*=explicando-as por extenso lhe fez conhecer a necessidade do baptismo.—Deo-se o Bramane por convencido, e pedio ser baptisado, mas occultamente, e com algumas condições repugnantes, por tanto não recebeo o baptismo.—Pedio, e alcançou do Santo por escrito as sobreditas palavras de Christo, e sua explicação, e tambem o Simbolo da Fé (54).

CAPITULO 14

Do desengano que teve o Apostolo de reduzir os Bramanes, e da vida que estes levavam naquella Costa.

22—Vendo Xavier, depois de tantas experiencias, que era insuperavel a malicia dos Bramanes, e não bastava convencê-los para os reduzir, resolveo publicar ao povo os seus embustes; pois conhecendo e confessando secretamente a falsidade dos idolos, e a verdade de um só Deos, andavam prègando ao povo protentozas fabulas, e mentiras para não perderem a honra do Sacerdocio e a conveniencia das offertas.—Com esta publicação cahiram em despreso do povo, e até os meninos lhes lançavam em rosto

(54)—Da entrevista e conferencia que teve com o Bramane erudito e o seu resultado communica o Apostolo aos Padres de Roma com muita mesdesa. Vid. a Carta citada de 12 de Janeiro de 1544, Vol. 1.º pag. 136.

quantas maldades sabiam delles, afrontando-lhes sobre tudo o juramento de occultar a verdade, a falsa fome dos pagodes, ou a verdadeira cubiça dos Bramanes.—Considerando-se estes desemparados dos devotos, faltos de credito, e multados nas offertas, denunciaram ao povo terriveis ameaças da parte dos idolos, *fome, peste, terremotos*, e quanto lhes sugeria a raiva, e mizeria; porém de balde, porque estava descuberta a traça, e o povo que antes tremia, agora zombava.—Grande milagre foi da virtude de Xavier, ou respeitada ou temida até dos inimigos, não se atreverem os Bramanes a uzar com elle de outra força, se não de humildes rogos, para o enternecer, e movêr a ter piedade delles.—Vinham muitas vezes vizital-o, o certificavam da sua crença em um sò Deos, e lhe pediam os deixasse viver em paz; pois a ficção dos pagodes não era, como elle publicava, malicia da vontade, mas remedio da fome, se não de que haviam de viver?—Quem poria os olhos nelles, e os manteria em um paiz tão pobre, sendo elles tantos em numero? Que gloria redundava a Deos, se elles, suas mulheres, filhos, e seus pais velhos morressem á fome?—Ou que detrimento lhe resultava, se o povo com grande merecimento de piedade os sustentasse?—Enviaram-lhe grandes presentes de dinheiro, e perolas.—Mas o Santo nem ouvia rogos, nem aceitava dadivas, e sem as ver as tornava a mandar com alguma advertencia saudavel (55).

23—Era a vida dos Bramanes naquella Costa não só despreso, mas tambem abominação, comparada com a virtuoza de Xavier.—As suas delicias eram um pouco de arroz torrado, e agoa, e raras vezes um pouco de peixe, e tudo isto pedido de esmola aos paizanos.—Dormia em qualquer cabana de pescadores, ou no campo sobre a terra nùa, porque de uma colcha e de um travesseiro que

(55)—Falla o Santo dos factos referidos neste § na sua citada Carta de 12 de Janeiro.

o Governador Martim Affonço lhe mandou metter no navio quando partio de Goa, fez logo esmola ao primeiro pobre que encontrou.—As botas que trazia estavam já gastas, e andava portanto descalso; mas como era maior o incendio de caridade no peito, não sentia os calores das areias abrazadas nos pés.—Elle mesmo confessa que eram muitas e insuportaveis as fadigas padecidas na cultura dos Parvas (56); mas o desejo de ganhar as almas a Deos lhe adoçava todas as amarguras da vida!—Deixando de parte o prégar, o instruir na Fé, o ouvir confissões, em que muito se affadigava, entre mais de quarenta mil christaõs, he muito para notar que não nascia litigio ou differença no povo, sobre que o não consultassem, esperando delle a decizão da causa.—E como eram tantas as demandas, assignou horas determinadas depois de meio dia, nas quaes ouvia, com incrivel paciencia, as rasões, ou por dizer melhor as teimas daquelles rudes, e os compunha, para que litigando, e porfiando entre si não viessem ás armas, como antes faziam. Não havia enfermo que o não mandasse chamar, e só lhe dava pena que algumas vezes o seu numero espalhado por diversas Aldêas distantes lhe não permittisse satisfazer a todos, ainda applicando a noute, com reserva apenas de tres horas para o accostumado descanço.—Acodia a quantos nasciam, e a quantos morriam, para dar a uns o baptismo, e a outros sepultura.—Este era em parte o theor de sua vida, e a medida de seus trabalhos na missão da Pescaria.—O mesmo Santo escrevendo á Companhia de Roma (57) os trabalhos desta missão, e fallando de si em terceira pessoa, conclue dizendo = « Muchas veces acontece, que le oygo decir á una persona, que anda entre estos nuevos christianos: Ay!

(56)—Na Carta dirigida a Santo Ignacio, datada em Cochim a 22 de Janeiro de 1545.—Vol. 1. p. 170.

(57)—Carta de 12 de Janeiro de 1544—Coll. Vol. 1.° p. 141.

Ay! Señor. Se fueredes servido, no me deis tantas consolaciones en esta vida; y vá que me las deis, por vuestra misericordia infinita, llevadme á vuestra Gloria, pues es una pena muy grande vivir sin veros, y gozaros, despues que tanto os comunicais interiormente á vestras criaturas. »=

CAPITULO 15

Das curas milagrosas que fez o Santo, por si, e pelos meninos por elle baptisados, por meio de objectos de sua devoção.

24—Resplandecia tanto no novo Apostolo o dom de sarar os enfermos, que adoecendo qualquer gentio recorria logo a elle por saude, e por baptismo.—E como era grande o numero dos doentes, e não bastasse elle só, foi Deos servido substituir-lhe na virtude das curas milagrosas os meninos baptizados e doutrinados por elle. Estes pois recebendo das mãos do Santo, quem as contas, quem o crucifixo, quem o relicario, ou qual quer outro objecto de devoção se espalhavam pelas Aldêas circumvizinhas, onde havia enfermos que pedissem saude. E para que a saude dada a um aproveitasse a todos, convocavam toda a vizinhança e cantavam em alta vóz a doutrina christãa, e depois perguntavam aos doentes, se criam de todo o coração em Jesu-Christo, e queriam ser baptizados.—E respondendo affirmativamente um dos meninos o tocava com a santa reliquia, e com este toque lhe dava a saude, que lhe faltava.—Quasi nunca o Santo trazia consigo estas riquissimas jóias, porque andavam nas mãos dos meninos em continuo exercicio de milagres (38).—Doutrinando um dia em Manapar grande multidão do povo, vi-

(38)—São confirmados estes factos pelo Xavier na sua já tantas vezes citada Carta de 12 de Janeiro de 1544; a qual por muitissimo interessante cumpria apresentar neste opusculo, mas por muito extensa a reservamos para a annunciada Collecção das mesmas Cartas.

eram-lhe pedidos de uma familia authorizada para lançar do corpo do seu amo um fero demonio, elle entregou a um dos seus meninos a Cruz, que trazia no peito, e o mandou a casa do energumeno.—Foram os meninos, e com elles muitos curiozos.—Entraram onde estava o possesso fazendo desatinos, sem algum temor, tão natural á tenra idade, e dispondo-se á roda do obsesso cantaram as orações costumadas, e o obrigaram a beijar a Cruz, e no mesmo instante ficou o paciente livre do máo espirito.—Da mesma sorte, e pela virtude participada de Xavier os meninos restituiram as almas aos corpos a dous mortos em Punicale.

25—Quem era tão maravilhozo por seus substitutos, que prodigios não obraria por si mesmo?—Não só fazia Xavier milagrozos aos meninos, mas tambem fazia que nacessem meninos por milagre.—Em Punicale um paizano, que caridosamente o hospedava, tendo tres filhas, e dezejando ter um filho, resolveu a pedil-o ao seu hospede, e este o animou a ter confiança em Deos dando-lhe boas esperanças.—Não ficando satisfeito o devoto, quiz que o Santo lhe desse em penhor o nome de *Francisco* escrito em um papel.—Xavier satisfez o novo pedido, escrevendo o seu nome, acrescentando-lhe *que Deos infalivelmente o consolaria.*—Foram os effeitos tão conformes ás promessas de um, e desejos de outro, que dentro em poucos annos se vio pai de outros tantos filhos, quantas eram as filhas. Mais admiravel se mostrou ainda nas resurreições, que nos nascimentos.—Nos processos da sua canonização consta que foram muitos os resuscitados na Costa da Pescaria; com tudo se appresentam aqui somente tres casos.—Acompanhavam o Santo dous meninos Indianos, que lhe serviam de ajudantes da Missa, e de Catequistas: chegado em uma noute a Pandocal, Aldêa entre Tale e Manapar, dormiram os dois meninos em uma choça, e o Santo ficou orando em outra.—Durante a noute um dos meninos foi mordido de uma cobra de capello, e morreu em duas horas.—Pela manhãa accordado o outro, e achando morto o

companheiro deu parte ao Xavier, e este chegando á palhota se pôz de joelhos ao seu lado, e depois de uma breve oração, lhe untou com a saliva o pé mordido e inchado e fazendo sobre elle o sinal da cruz, lhe disse= *Antonio levanta-te em nome de Jesu Christo*=. Levantou-se immediatamente não só vivo, mas forte e valente.—O segundo resuscitado foi em Combutura, era filho de uma viuva que se afogára em um poço, e o levavam a sepultar, sahindo o Santo ao encontro para consolar a mãi, que o acompanhava com grandes prantos, esta se pôz a seus pés e lhe pediu com os circunstantes que o resuscitasse, já que tanto podia com Deos: compadecido o Santo da viuva, se pôz de joelhos, e orou breve, e levantando-se tomou o menino pela mão e lhe mandou que em nome de Jesu Christo se levantasse, e o effeito foi prompto.—O terceiro milagre foi em Punicale, onde corria um contagio pestilencial, que fazia andar o Santo em uma roda viva, visitando com caridade, e sarando com milagres os enfermos.—Com tudo tendo morrido um mancebo dos principaes da terra, unica esperança da casa dos seus pais, lamentavam-se estes de homecidas do seu proprio filho, por não haverem recorrido, como outros, ao Santo; porém alentados com a esperança de que o podia resuscitar levaram-no ao Santo e lho lançaram aos pés chorando, e protestando se não apartariam daquelle lugar até o não verem vivo.—Não pôde vêr Xavier aquelle espectaculo digno de lastima, e pondo os olhos no Céo, como costumava, orou, e chamando pelo defunto o entregou vivo a seus pais.—Já temos visto a virtude dos seus milagres; vejamos agora um milagre de sua virtude.—Junto ao Cabo de Comorim (59) topando com um mendigo, todo despido; porém tão coberto de sarnas,

(59)—O Cabo ou Promontorio de Comorim dista de Goa 1100 milh. itinerarias, pelo intermedio de Belgão.—He de notar que há 2 vias itinerarias, de *Vingurlá* e *Belgão*, e a que apontamos se deve entender a mais abreviada.

e de chagas, que fazia chorar a quem o via, Xavier o chamou á parte, e o lavou com as suas mãos, estando observando tudo dous Christãos de Manapar.—Ajoelhou depois, e começando a orar, seccaram se de improviso as sarnas, e se fecharam as chagas do venturoso mendigo. —Lavava Xavier muitas vezes as feridas dos chagados, e bebia depois a agoa, impetrando-lhes de Deos repentina saude á custa de tão heroica mortificação.

CAPITULO 16.

Da volta do Santo para Goa, do seu regresso para o Cabo de Comorim, do mantimento que levou aos Parvás, retirados dos Badegas, e da conversão de Travancor.

26—No fim de Dezembro de 1543 voltando Xavier da Costa da Pescaria chegou a Cochim (60), donde escreveo uma carta á Companhia de Roma, e passou logo a Goa em Janeiro de 1544, e a rogo do Mestre Borba foi pouzar ao Collegio de S. Paulo (61) ou Seminario de St.ª

(60)—Cochim dista de Goa 522 milhas itinerarias, pelo intermedio de Vingurlá.—Affonço de Albuquerque, e Francisco de Albuquerque construirão nesta Cidade uma Fortaleza, e Antonio Real foi o seu 1.º Capitão: ella se perdeo em 6 de Janeiro de 1663, sendo seu Capitão Ignacio Sarmento de Carvalho.—Foi Cochim creado Bispado pelo Papa Paulo IV, por Bula=*Pro Excelenti*=de 4 de Fevereiro de 1557.—Foi seu 1.º Bispo D. Fr. Jorge Temudo, Dominicano, depois Arcebispo de Goa; e actualmente he Governador daquelle Bispado, e do Arcebispado de Crangenor, o Reverendo Conego Honorario da Sé Primacial de Goa, Antonio João Ignacio Santimano.

(61)—S. Paulo era Orago da Igreja do Seminario.—Este Seminario tinha a invocação de St.ª Fé, mas era mais conhecido com a de *S. Paulo*, e por isso os Jesuitas eram tambem chamados *Padres de S. Paulo* ou *Paulistas*.

Fé.—Approvou a occupação do Padre Paulo Camerte, e o deixou continuar no ensino e direcção dos Collegiaes, cujo numero augmentou com os que conduzira da Costa da Pescaria, e não achando Missionarios vindos da Europa, tornou em Fevereiro para o Cabo de Comorim, levando comsigo um Sacerdote Indiano, outro Castelhano, e alguns Seculares devotos.—Antes de dobrar o Cabo de Comorim aportou a uma das Fortalezas Portuguezas (segundo se conjectura a de Coulão) (62), e resolvendo-se a entrar pela terra dentro, escreveu (63) ao Irmão Francisco Mansilha, que estava na Pescaria. =« Por nenhum modo vos detenhaes por muito tempo em algum logar, mas andai sempre visitando todos esses logares, como eu fazia quando ahi estava, e agora tambem faço aqui onde estou; posto que não tenho interprete.—Donde facilmente podeis entender que vida seja a minha, e quaes sejam as minhas praticas; todavia baptiso os meninos, porque para isto não necessito de interprete, e acudo ao desemparo dos pobres, que sem interprete sabem muito bem explicar suas miserias, e pobreza.»=Desceram neste tempo os Badegás, gentios por seita, e soldados por exercicio, e inimigos da Fé de Christo, sobre os Christãos da Pescaria, os que escaparam do primeiro impeto se recolheram aos penêdos ou Ilhotas inhospitas, mas inaccessiveis ao inimigo, deixando abandonado á sua furia todo o paiz.—Soube Xavier lá, onde estava, do exterminio dos seus Parvás, e da extrema miseria que padeciam nas Ilhéas desertas, e como este golpe lhe chegou ao coração

(62)—Hoje Quilon, segundo a linguagem Ingleza.—Dista de Goa 610 milhas, via Vinguria.—A Fortaleza referida deve ser a novamente construida, porque a antiga havia sido demolida em 1524, conforme Barr. por Ordem da Côrte, sendo Capitão da Fortaleza Fernão Gomes de Lemos.

(63)—A Carta he escrita no Reino de Maduré, sem data. Coll. Vol. 1.º p. 145.—Maduré dista de Goa 623 milhas pelo intermedio de Belgão.

desceo logo á ribeira do mar, e correndo pelas nossas Fortalezas ajuntou tantas esmolas, que carregou vinte embarcações de mantimentos, e com elles os soccorreo. —Choravam os pobres Parvas de alegria vendo o Santo Apostolo, e elle se desfazia em lagrimas de sentimento, vendo-os em tão penoso e lamentavel desterro.—Repartio entre elles quanto levava, e consolou-os com ternura, sentio com uns a perda de mulheres, com outros a de filhos e com todos a das pobres alfaias.—E por que demorava a retirada do inimigo escreveo a diversos Regedores, exhortando-os para contribuir com algum subsidio aos miseraveis fugitivos, advertindo porém ao Irmão Mansilha para cobrar a esmola unicamente dos ricos, que dessem voluntariamente!

27 — Consolada e subsidiada a gente retirada aos Ilheos, voltou o Santo a Costa de Travancor (64), e com o favor dos Portuguezes de Coulão alcançou do seu Rei, tributario então do Estado, faculdade para prégar o Evangelho, e começando a seguir o mesmo estilo, que havia observado na Pescaria, vio remunerado o seu trabalho com igual fructo.—Logar houve, como elle mesmo escreve (65), onde dentro de um mez baptizou com sua mão dez mil idolatras: e havia dia, em que baptizava uma Aldêa inteira como o diz tambem (66).—Era um espectaculo de incrivel

(64)—Travancor—Era um Reino da Costa do Malabar ou Malavar.—Or. Conq. Conq. 2. D. 1. § 21.

(65)—Como se segue=« En este Reyno de Travancor, donde ahora me hallo, (por escriviros algo acerca de estas cosas de la India, que considero las deseais saber) son muchissimos los que ha traido Dios á la Fe de Jesu-Christo su Hijo.—En el espacio de solo un mes *baptisé diez mil personas*.....»=Carta de 8 de Fevereiro de 1547 escrita aos Padres de Roma. Coll. Vol 1 p. 189.

(66)—Na Carta de 12 de Janeiro de 1544 dirigida de Cochim aos Padres da Companhia de Roma, nos seguintes termos=«..... Es tanta la multitud de los que se convierten á nuestra Santa Fé en esta tierra, donde ando, que muchas veces me acontece cansar-

alegria para o Santo ver, como logo depois de baptizados, á porfia destruiam os altares e os idolos.—Andava Xavier sempre descalso, e vestido de uma loba mui velha, e rota: trazia na cabeça um chapeu de palha, forrado de estofo preto. -Mandou-lhe dar EL-REI boa quantidade de dinheiro, que elle repartiu logo aos pobres.—Fundou junto ao mar muitas Igrejas.—Fallava perfeitamente bem a lingua daquelles barbaros, e não havendo na Aldêa lugar capaz para conter os ouvintes sahia ao campo com cinco a seis mil almas, e subindo a uma arvore lhes pregava a redempção.—Celebrava a Missa no descampado sobre um Altar toldado de vélas das embarcações dos pescadores. —Converteu em poucos mezes uma grande parte da marinha, e não foi sem dispendio do seu sangue, porque os inimigos da Fé lhe atiraram por vezes com algumas settas, com que o feriram.

CAPITULO 17

Da descida dos Badegás sobre o Reino de Travancor, e da sua prompta retirada, intimados imperiosamente pelo Santo.

28—O Badegás ouvindo o progresso da Fé em Travancor, instigados pelo diabo, ou convidados pelos gentios do mesmo Reino pegaram em armas, cuja noticia abalou todo o Reino.—O Rei reunindo a sua gente se pôz á sua testa para recebel-os; mas vaticinava-se sua derrota infalivel, pelo numero, e ousadia dos Badegás, e certamente o prognostico seria verdadeiro se Xavier não tomasse sobre si todo o peso desta guerra, e como a causa era de Deos, prostrado por terra, arrasado em lagrimas, fez uma breve, mas efficassissima oração, a qual concluida, levantando-se

---

seme los brazos de bautizar: y hay dia, en que bautizo todo un lugar: y assi, havrá yá treinta lugares de christianos en esta Costa.=Coll. Vol. 1. p. 119.

cheio de confiança e coragem sobrenatural correu a encontrar-se com os Badegás, que vinhão marchando.—Encontrando-se o Santo com as primeiras fileiras inimigas parou e com voz alta e imperiosa lhes mandou em nome de Deos se voltassem para as suas terras!—Em vista de uma tal intimação o inimigo assombrado não ousou dar mais um passo, e se retirou espantado!—O Rei sabendo do acontecido sahio a receber o Santo, e abraçando-o com singular affabilidade, lhe disse=« *Eu me chamo o grande Rei* (67), *e vós daqui por diante vos chamarão o grande Padre.*»=Em seguida confirmou este novo titulo fazendo lançar um bando por todo o Reino, mandando que obedecessem todos *ao grande Padre*, como a sua propria pessoa, e se fizessem Christãos quantos quizessem.—Reconhecia este Principe em Xavier a virtude de obrar milagres, mas como não alcançava que Deos era o seu primeiro Autor, nunca se deliberou a receber a Fé, que permettia francamente aos vassalos.—Com tudo, varias vezes, assim os gentios, como os Christãos o buscaram para lhe tirar a vida, aquelles por vingarem as affrontas de seus pagodes, e estes por não poderem supportar as severas reprehensões de seus vicios, mas não se encontrando com elle, desafogavam o odio queimando as palhotas onde se recolhia.

CAPITULO 18

Dos Milagres que fez Xavier em Travancor, Coulão, Mutão, Manar e outras partes, e as conversões que promoveram os mesmos milagres.

29—Quanto mais perseguido se via Xavier, tanto mais

(67)—Chamava-se então *Grande Rei* a respeito dos muitos Regulos da Costa do Malavar ou Malabar. *Or. Conq.* Conq. II. D. 1. § 21.—Diogo de Couto na sua Dec. 8.ª Cap. 10 divide o Malabar em 25 Senhorios sobre si, ou livres, e Faria e Sousa, na sua Asia, tambem em 25 Reinos independentes.

milagroso o viam aquelles barbaros, porque não fallando dos milagres que obrava sobre enfermidades, consta dos processos de sua canonização que resuscitara quatro mortos em Travancôr.—Prégava um dia em Coulão, onde havia convertido alguns homens, e construido uma Igreja (68), e vendo que não podia convencer o auditorio da verdade do que dizia, fez uma breve oração, e seguro de que estava bem despachado, se voltou aos ouvintes, e lhes fez esta proposta=Já que não daes credito amim, ou a Deos, que por mim vos está fallando, vede que testemunho quereis em prova desta verdade.—*Abri aquella Sepultura* (era ella de um defunto enterrado no dia antecedente), *e vede se o corpo está morto.*=Foi immediatamente obedecido, viram todos que o corpo estava morto, e esperavam attonitos o fim deste apparato, quando Xavier pondo-se de joelhos depois de breve oração, intima ao defunto, da parte de Deos, para que se levantasse, em testemunho da verdade que prégava, e em continente o morto se levantou vivo e vigoroso.—Não foram necessarias mais exhortações onde prégava tão evidente maravilha.—Exclamaram todos em alta voz « *Grande he o Deos dos Christãos, e verdadeira a Lei que o grande Padre nos ensina* » E sem mais demora se foram todos lançar a seus pés, e se baptizaram, e a sua imitação muitos moradores do logar e Aldêas circumvizinhas.—Com este milagre obteve o Santo tal opinião de poder alcançar de Deos quanto lhe pedisse, que em Mutão, logar entre Cariapatão e Alicalé um prestito funebre de

(68)—Esta Igreja, celebre pelo seu fundador, tendo sido usurpada pelos Propagandistas, a causa proposta foi decidida a favor do Real Padroado, em vista da Carta d'El-Rei D. João 3.º de 8 de Março de 1546 dirigida ao V. Rei D. João de Castro, e os usurpadores expulsos della formalmente.—A mesma Igreja foi reconstruida em 1857 pelas diligencias do sobredito Rd.º Conego Honorario Santimano, e subscripções de devotos.

um menino, encontrando-se com o Santo, que passava, julgaram os pais que Deos o enviava para resuscitar o defunto, e nesta certeza lançaram a seus pés o cadaver, pedindo lhe com affectos, e rogos que o restituisse á vida. —Commove-se o Santo, faz oração a Deos, borrifa o defunto de agua benta, faz sobre elle o Sinal da Cruz, pega-lhe por uma mão e levantando-o em nome de Jesu Christo, o entrega vivo a seus desconsolados pais.—Em memoria desta maravilha se levantou no logar uma Cruz, aonde todos concorriam a fazer oração, e Deos pelos merecimentos do Santo Apostolo, de cuja intercessão aqui se valiam fez continuos e grandes milagres.

30—Derramou-se a fama de tão estupendas maravilhas, nunca ouvidas no Oriente depois dos tempos do Apostolo S. Thomé, por todas as Costas e Reinos circumvizinhos, e já a Xavier não era necessario andar buscando novos Reinos para converter, por que elles mesmos lhe mandavam rogar por suas cartas, e convidar por seus embaixadores.—Foram os primeiros nesta diligencia os habitantes da Ilha de Manar (69), que lhe mandaram pedir

(69)—Manar, conforme o Padre Sousa (Or. Conq. Conq. 2.ª D. 1. § 24), he Ilha pequena, situada entre a costa da Pescaria, e a Ilha de Ceilão, e diz o nosso Santo na sua carta de 8 de Fevereiro de 1545 dirigida de Travancor aos Padres da Companhia de Roma, que a referida Ilha dista 50 legoas de Travancor. Coll. Vol. 1. p. 193.—Senhorearam-se della os Reis de Jafanapatão até 1560, em que a conquistou D. Constantino de Bragança, e fundou nella uma Fortaleza com uma Residencia da Companhia de Jesu, e outra dos Franciscanos.—Perseverou na posse deste Estado até 19 de Fevereiro de 1658, em que foi entrada de 1500 Holandezes, e 1000 Chingadas e Bandaneses em 26 embarcações.—Segundo os documentos officiaes do Archivo do Governo, para a construcção da Fortaleza, além de 2 mil cruzados adiantados, tinham sido applicados 10 mil no rendimento dos Curiaces (Passaportes) e a mesma Fortaleza se perdeo em 25 de Janeiro de 1658, sendo Capitão Francisco de Pina Dinis.

que fosse servido de os ir instruir e baptizar; mas Xavier occupado na conversão de Travancor, mandou em seu lugar um Sacerdote que havia levado de Goa.—E como os seus enviados participavam a graça do seu espirito, como os meninos da Pescaria, o enviado se portou com tanto zelo e fervor, que em breve instruio e baptizou grande parte dos moradores da Ilha.—Sabendo disto o tiranno de Jafanapatão (70), de quem eram vassalos os Manarezes, se deu por tão offendido que mandou passar a todos a fio de espada!—Não foi menos cruel a execução que a ordem, e assim quantos Christãos se acharam em Manar, sem distincção de sexo e idade, perderam a vida em

(70)—Jafanapatão he um Reino da Ilha de Ceilão e dista 28 leg. de Columbo sua Capital, e 12 de Manar: O V. Rei D. Constantino de Bragança em 1560 castigou o seu Rei, despojou-o dos thesouros, cativou-lhe o Principe Herdeiro, e tomou do seu grande Pagode o *dente de Budu* (famoso filosopho) o qual fez pisar em um almofariz por mãos do Arcebispo D. Gaspar, e o pô deitar em um brazeiro, e as cinzas lançar ao rio, apesar das observações dos Fidalgos, e o resgate de 300$ cruzados offerecido pelo Rei de Pegú, pelos seus Embaixadores.—Vid. Or. Conq. Conq. 1. D 2. § 79.—Segundo os apontamentos que possuimos procedentes de documentos Officiaes do Archivo do Governo, o Estado perdeo a Fortaleza que possuia naquelle Reino em 1658, sendo seu Capitão João de Mello Sampaio, cujo processo por tal motivo durou desde 1659 até 1666, em que foi condemnado em degredo de 2 annos para Africa, inhabilitado para occupar cargos. Em huma Planta do mesmo Reino da época da referida perda, com perspectiva do assedio e posição da esquadra inimiga, que temos á vista, litteralmente se lê o seguinte=« O Serco foi posto a Fortaleza p', os Olandezes aos 16. de Março do anno de 1658. Renderá-na a falta de fome de mantimentos. e mais monisões aos 23. de Junho. do mez anno. a partido. Sendo os Olandes mil, e tantos, cõ 300. Bandanezes. e muitos chingalas. e 11. Naos. 3. Pataxos. 9. Lanchas 2. Sumacas. que jugauão 2. pessas de abater. os Protuguezes e topazes herão 700. pouco mais o menos. de q. ao Render herão mortos muitos. » =

numero de setecentas pessoas (71).—O Lugar onde foi offerecido a Deos este sacrificio mudou o nome antigo de *Patim*, e se chamou a *Villa dos Martyres*.—A semelhança do tiranno de Jafanapatão praticou igoal barbaridade o Rei de Ceilão (72) para com o seu proprio filho, a quem mandou degolar, e lançar o seu corpo no campo, para ser devorado pelas feras, por se ter feito Christão.—O Portuguez que o havia instruido, e baptizado, e o amava como discipulo, e venerava como martir, o sepultou em uma noute ás escondidas.—Quiz Deos acreditar o martirio deste Principe, e dar ao mundo um evidente sinal da gloria que

(71)—Desta mortandade dá conta Xavier ao Irmão Francisco Mansilha na Carta de 18 de Dezembro de 1544, e aos Padres da Companhia de Roma na de 8 de Fevereiro de 1545—Coll. Vol. 1.° p. 183 e 194.

(72)—A grande Ilha de Ceilão he situada na Lat. N. 70:40, e Long. E. 81, e dista da terra firme 40 leg.—Ella havia sido descoberta em 1505 por D. Lourenço d'Almeida, filho do V. Rei D. Francisco d'Almeida; e foi doada ao Rei de Portugal pelo seu Imperador D. João Percapandar, por Escriptura de 12 de Agosto de 1580, confirmada por outra (relativamente ao Reino de Candea) pelo Principe D. João, filho do Rei D. Felippe, segro de Percapandar. —Foi seu 1.° Capitão Pedro Homem Pereira, e quando se perdeo em 1664, Francisco de Mello e Castro era seu General.—Ha muito que dizer desta Ilha,— quer seja sobre a convecção que houve, e não se comprio, entre Portugal e Inglatera, sua actual possuidora, no Tratado de casamento da Infanta de Portugal e cessão de Bombaim, datado de 23 de Julho de 1661, do discurso que fez a tal respeito nas Camaras o Barão de Sabroza,—quer seja sobre a origem do seu governo, das fabulas das Xastras dos Gentios, que a denominam *Lanca*—da divisão do seu solo em Reinos, e estes em Corlas e Aldêas—do Grande numero de Edificios que construiram os Portuguezes—da sua população, religião, governo, rendas etc. etc.; mas não cabendo tudo isto no ambito de uma nota, recomendamos aos curiosos a leitura de que escreve João de Barros, e contem os documentos que comporta o L.° 2.° das Monções ás folhas 175 a 182, 253 a 286, e 350.

gozava no Paraizo.—Na manhãa seguinte á noite do seu enterro appareceu sobre a sua sepultura uma Cruz entalhada profundamente na mesma terra, á qual correspondia outra resplandecente no ar (73).—Foram ambas as Cruzes vistas do povo com espanto geral, e com magoa dos infieis, os quaes não podendo apagar a Cruz que resplandecia no alto, quizeram pelo menos extinguir a da terra, e para esse fim em tres dias ignalaram, e bateram o chão, mas logo se tornava a esculpir sobre elle o glorioso sinal, para significar a copiosa christandade que havia de produzir em Ceilão o sangue daquelle martir.—E não tardaram os effeitos deste prognostico, porque muitos idolatras receberam o baptismo apesar do tiranno, que ardendo em nova ira pôz grande numero a cutelo.—O segundo filho e successor deste barbaro Rei, por insinuação de sua tia (de certo christã occulta) tomou baptismo, e se retirou para uma das nossas Fortalezas, donde navegou para Goa, e de passagem tocou em Travancor em procura de Xavier (74), que o abraçou com ternissima benevolencia, e lhe deo saudaveis concelhos, e Cartas aos Padres de S. Paulo, onde foi agazalhado depois de sua chegada a Goa.—Em seguimento deste Principe vieram outros nobres do Reino, que depois de instruidos foram baptizados no mesmo Collegio.

CAPITULO 19

De sua viagem a Bacaim, tocando Cochim e Cananor, para solicitar do Governador castigo ao tiranno de Jafanapatão, e da conversão e prophecias que fez.

31— Considerando Xavier quanto importava ao au-

(73)—Confirma o Santo os factos da barbara morte do filho do Rei, e da aparição milagrosa das cruzes na sua citada carta de 8 de Fevereiro. Coll. Vol. I. p. 196.

(74)—Tambem do baptismo do 2.º filho do Rei, da sua retirada para Goa, e do encontro que com elle teve. Xavier dá conta na supracitada Carta de 8 de Fevereiro, Coll. dita p. 197.

gmento da Religião; e credito da Fé entenderem os Principes Orientaes que havia na India quem deffendesse os novos Christãos, e tomasse a devida satisfação das affrontas, que lhes faziam, deliberou ir procurar ao Governador Martim Affonço de Sousa, e solicitar delle uma armada para castigar o tiranno de Jafanapatão.—Antes de sua partida deu as convenientes instrucções ao Irmão Mansilha a cerca da direcção dos Christãos da Pescaria (75).—E de facto partio de Manapar em Novembro de 1544 por terra tocando Travancor, sem companheiro, lingoa, ou viatico, e chegou a Cochim em 16 de Dezembro do mesmo anno, e daqui escreveo ao Irmão Mansilha (76) para ir a Travancor, e de passagem baptisar os moradores de Macuco (77), que o dezejavam.—Passados apenas tres dias se meteo em um Catur e navegou para

(75)—Em Carta de 8 de Novembro de 1544. Coll. Vol. 1. p. 149.—Abre-se Xavier nesta Carta com o companheiro, quasi enfadado e magoado das continuadas offensas que via commetter contra a Divina Magestade, e se exprime assim=« Confiesso-os, que á las veces me canso do vivir, y desco antes morir por Christo, que vivir entre tantas offensas de Dios, que no puedo dexar de vèr, sin poderlas remediar; y por no verlas, ni oirlas, quisiera irme á la tierra del Preste Juan, á donde se puede hacer tanto servicio á Dios nuestro Señor, sin que haya quin nos impida, y persiga. »=Aproposito do enfado da continuação de *cousas*, e *objectos* diz o erudito Padre Vieira =» Não ha cousa tão preciosa, e tão util, que continuada não enfade. Por isso sendo a mais estimada, e mais amada de todas a vida, não só variou Deos o anno em Primavera, Estio, Outono, e Inverno, se não que até os dias, e noutes fez tão desiguaes, e dessimelhantes, que dentro da mesma roda do anno só um he igual e semelhante ao outro.—*Xavier accord.* Sermão 5.º Jogo.

(76)—Carta de 18 de Dezembro de 1544. Coll. Vol. 1. p. 153.

(77)—Macuco, diz o Padre Sousa (Or Conq. Conq. II. D. 1 § 28); e Xavier—« de camino bautizareis á los de el *Macuchia*, lugar, que está del cavo de Comorim á cinco á seis leguas »—Carta supracitada p. 153; e Francisco Pyrard os chama *Mucuás* ou *Polias*, e dá curiosa descripção delles na sua viagem Vol. 1.º p. 326.

Bacaim (78) onde estava o Governador.—Hia no mesmo Catur um Portuguez de vida escandoloza, com quem o Santo travou logo estreita amizade, e tomando a terra em Cananor (79) foi com elle passeando até um palmar, e lançando-se de repente a seus pés começou a tomar uma viva disciplina, e vendo o companheiro como pagava o justo pelo peccador, lançou mão á disciplina, e prostrado por terra se offereceo a confessar os seus peccados.—Cumpriu a promessa confessando-se no mesmo logar com sinaes de contrição, e em seguida se embarcaram, um contente com a presa, que fizera, e o outro alegre com a carga que largara.—Chegado a Bacaim fallou Xavier com o Governador, dando-lhe conta do barbaro procedimento do tiranno de Jafanapatão, e sahindo bem despachado (80) voltou para Cananor, onde foi hospedado em casa

(78)—Bacaim (hoje Bassein como quer o seu dominante) denominada nas antigas eras a *Corte do Norte* em relação á Capital de Goa: esta situada na Costa do antigo Reino de Melique: dista de Bombaim 32 milhas, e de Goa 353, via Vingurlá.—Foi fundada pelo Governador do Estado Nuno da Cunha em 1533, e Garcia de Sá, seu cunhado, o 1.º Capitão, o qual mais tarde foi Governador da India por morte de D. João de Castro, em 1548.—Era ella assento de grande numero de ricos, e mui prosperados fidalgos, e á esta circunstancia deveo o epitheto de *Côrte do Norte*.—O Maratha por instigações traiçoeiras se empossou della em 19 de Maio de 1739, sendo Capitão Caetano de Sousa Pereira.—As suas curiosas particularidades Vid na palavra *Bacaim* no Diccionario Historico-explicativo, que accompanha a Viagem de duas mil legoas pelo Senhor Lagrange, re-impressa em Goa em 1848.

(79)—Hoje *Cananore* na fraze ingleza: dista de Goa 363 milhas pelo intermedio de Vingurla: O Estado possuio nesta Cidade uma Fortaleza, da qual, segundo Barros, Lourenço de Brito foi Capitão em 1503, a qual Fortaleza se perdeo em 6 de Janeiro de 1663, sendo seu Capitão Antonio Cardozo.

(80)—Segundo a Carta do nosso Santo de 8 de Fevereiro de 1545 (Coll. Vol. 1. p. 193) aos Padres da Companhia de Roma, em resultado da entrevista o Governador despachou uma expedição para

de um Portuguez, seu devoto.—Este Portuguez vivia muito afflicto pelos procedimentos do seu filho, ainda menino, mas muito mal inclinado.—Queixando-se o desconsolado pai ao Santo, este, para gratificar-lhe a boa hospedagem, fez uma breve oração, todo banhado em lagrimas, e lhe disse «= *Este minino que agora vos traz disconsolado se mudará com os annos, e será Religioso de S. Francisco e de grandes letras, e de virtude insigne* =» O tempo verificou a prophecia, por que o menino foi Franciscano, e se chamou Fr. Lucas.—Foi grande letrado, viveo com fama de Santo, e foi martirizado em Candea pelos Chingalás (81).

32—De Cananor chegou Xavier a Cochim em 27 de Janeiro de 1545.—Nesta Cidade se encontrou com Cosme Anes, Vedor da Fazenda, seo amigo e lhe perguntou se tinha dado hom aviamento as cargas das naos daquelle anno.—Respondeo-lhe affirmativamente, dando conta das cargas que levavam as náos, acrescentando que mandava a S. A. um dos melhores diamantes da India; que comprado por dez mil xeraffins em Goa, seria lá estimado por 25 mil cruzados.—Perguntou o Santo qual das náos levava o diamante, e sabendo que ia na Atougia repprovou a escolha da náo.—Não repare V. Paternidade, replicou o

---

destruir o tiranno de Jafanapatão, e colocar em seu logar o seu Irmão, se quizesse fazer-se Christão como promettia; mas conforme a outra Carta do mesmo Xavier de 8 de Maio do dito anno, aos Padres Borba, e Camerte (Coll. Vol. 1. p. 202), a expedição não teve effeito; porque foi preciso dissimular a intenção para salvar uma náo do Estado com o seu rico carregamento, que de volta de Pegú fora por uma tempestade arrojada nos dominios daquelle Rei, e o qual se havia empossado della.

(81)—Candea (Candy inglez) he um Reino da Ilha de Ceilão, era comprehendido na doação do imperador Percapandar (Vid. a nota 72), dista 28 leg. de Colombo, e de Goa 1061 milh. itin., via Belgão.

Chingala—quer dizer *Leão* na propriedade da lingua de Ceilão, conforme o Padre Sousa, Or. Conq. Conq. 1. D. 2. § 5 p. 103.

Vedor, já sobresaltado, na agoa que essa não fez aqui uma vez, porque depois foi bem calefetada, e vai como se fora nova.—Não reparo nisso, disse Xavier; e não foi mais por diante.—Bem suspeitou o discreto Vedor a significação do silencio, e lhe pediu com muito affecto que recommendasse a Deos a prospera viagem da quella não, visto que na perda do diamante elle perdia o seu valor, porque ia sem ordem d'El-Rei.—Estando ambos em outra occasião á mesa, e o Vedor trazendo á lembrança o diamante, que lhe dava grande cuidado, o Santo lhe disse, que desse graças a Deos, porque já o seu diamante estava nas mãos da Rainha.—Soube-se depois que a nao Atougia na viagem abrira agoa ao pé do mastro grande, cortado este como ultimo remedio, fechou-se o rombo, sem se saber como, e a não, com a substituição que fizeram do mastro, acompanhou as outras, e todas juntas lançaram ferro a um tempo em Lisboa.

CAPITULO 20

De sua viagem de Cochim a Columbo, Manar, Ilha das Vacas, e Negapatão, da arribada que soffreo, e do milagre e conversões que fez.

33—Estevo Xavier em Cochim até ao principio de Março do referido anno de 1545, e sahindo desta Cidade navegou para Columbo (82).—Durante a viagem conhecendo que o Piloto do navio era estragado de consciencia, e levava comsigo as occasiões de sua ruina, que o não

(82)—He um antigo Reino, e Capital de Ceilão, o Estado teve uma Fortaleza neste Reino, e Pedro Homem Pereira era o Capitão della ao tempo da posse dos mais Reinos da Ilha (Vid. a nota 72), e a perdemos em 12 de Maio de 1657, sendo seu Capitão Antonio d'Amaral de Menezes, depois de grandes feitos de armas dos nossos, nos repetidos assaltos que soffreo dos Hollandezes desde 28 d'Out. de 1655. Columbo dista de Goa 989 milh. ita via Belgão.

deixavam confessar havia muitos annos, por meio de conversação e trato de amizade o reduziu aos deveres de christão.—De Columbo passou Xavier para Manar, com desejo de venerar o lugar de Patim regado com sangue dos martires atraz referidos.—Estava esta Ilha soffrendo molestia contagiosa, e morriam por dia mais de cem pessoas.—Sabendo os paisanos que era chegado *o grande Padre*, se foram a elle perto de tres mil gentios, e lhe pediram com grande humildade, que os livrasse daquelle estrago, enterneceu-se o Santo e pediu tres dias para fazer oração, e impetrar de Deos aquella graça, no fim delles sahiu tão bem despachado, que cessou totalmente o contagio, e ficaram bons os affectados do mal.—A vista deste prodigio todos os habitantes se converteram, e foram baptisados pelo Santo.—De Manar passando a Ilha das Vacas resuscitou aqui um menino, e passou para Negapatão (83), onde depois de alguns dias, se embarcou para Cochim em 29 de Março (era Dominga de ramos), mas os ventos sendo contrarios o navio largou ferro ao abrigo de um monte, e aqui estiveram surtos por sete dias, durante os quaes o Santo não comeu, nem bebeu cousa alguma, passando a semana em perpetuo jejum. —No Sabbado Santo a rogo do Piloto do navio bebeu uma pouca de agoa, na qual se tinha cosido uma cebolla, como elle mesmo havia pedido.—Seguindo a viagem, perguntou Xavier ao Piloto *se a não podia suportar uma tormenta*, e respondendo-lhe que *não*, replicou então *tornemos ao porto.—Em um mar tão quieto*, disse o Piloto, *e vento tão brando teme V. Paternidade?*—E não foi possi-

(83)—Negapatão he uma povoação na Costa de Cromandel, e dista de Goa por via de Belgão 672 milhas. — O Estado teve ali uma Fortaleza, da qual Antonio Teixeira da Camara foi Capitão em 1620.— A mesma povoação, a seu pedido, foi tomada debaixo da protecção do Estado, por Assento do Conselho do Estado de 3 de Dezembro de 1642.

vel ao Santo mudar o Piloto de sua resolução de continuar na derrota.—Breve seguiu porém o arrependimento; porque se levantou de repente um furioso temporal, que obrigou ao Piloto arribar a Negapatão.—O Santo durante esta viagem voltando os olhos á Ilha de Ceilão disse algumas vezes. —« *Ai Ilha infeliz, de quantos corpos mortos te vejo cheia, e quanto sangue de christãos se ha de derramar sobre ti!*—E se verificou este vaticinio quando os Holandezes tomaram Ceilão.

CAPITULO 21.

Da sua peregrinação a Meliapor, do que praticou nesta Cidade, e dos milagres e conversões que fez.

34—Aos 7 de Abril estava outra vez Xavier em Negapatão, donde recommendando ao Padre Mansilha (84), a christandade de Comorim, peregrinou para Meliapor (85), para venerar os ossos do Apostolo S. Thomé, e por sua

(84)—Em Carta de 7 de Março de 1545. Coll. Vol. 1. p. 201.

(85)—Meliapor—He uma Cidade da Costa de Coromandel, dista de Madrasta 5, e de Goa 589 milh. itin., via Belgão.—O Governador D. Duarte de Menezes, por ordem da Côrte, mandou a Manoel de Faria, Capitão da Costa de Coromandal procurar nesta Cidade, em 1523, o Corpo do Apostolo S. Thomé e o acharam nas ruinas da Igreja por elle construida, tendo ao lado a lança com que fôra morto, e o bordão com que andava! Mandou-se reedificar a Igreja e o Corpo do Santo foi depositado em uma arca marchetada de prata.—Desde o referido descobrimento teve aquella povoação, que depois foi elevada a Cidade, a denominação de *S. Thomé*, que ainda conserva.—O Governador do Estado Garcia de Sá em memoria do mesmo Santo em 1548 mandou cunhar *Santomes* de ouro, tendo de um lado a effigie do dito Santo, e de outro as Armas Reas, os quaes Santomés se chamaram depois *celhos*, segundo as ordens da Côrte, em relação aos novos, mandados cunhar com a Cruz da Ordem de Christo em uma face e n'outra as referidas armas, mas parece, segundo os docu-

intervenção alcançar de Deos a sua vontade, se elle de-

---

mentos que temos á vista, que a Cruz cunhada foi a da Ordem de Aviz, como a trazem os Santomés que existem.—Dos primeiros apareceu um, e dos segundos alguns, de differentes valores, em uma das Collecções de moedas apresentadas na Exposição da Industria Nacional do corrente anno.—Pelo theor dos 1.os Santomés, se cunharam tambem de *prata* em 1551 a 1554, que pouco duraram, e em 1650 por ordem da Côrte mandou-se cunhar pardáos, e tangas, tendo de um lado a Cruz da Ordem de Christo, e do outro as Armas, das uaes algumas faziam tambem parte da sobredita Collecção.—Em 1560 o V. Rei D. Constantino de Bragança construio uma Igreja da invoção de S. Thomé no campo de S. Lazaro na Cidade velha, conforme a ordem da Rainha D. Catharina, e tendo mandado trazer o Caixão sobredito de reliquias do Santo, para ser colocado na dita Igreja, se não levou a effeito o pensamento pela opposição dos Christãos de Meliápôr, os encarregados, portanto, trouxeram apenas, a muito custo, um pedaço de osso do dito Santo, e outro da lança, passando o mais a uma arca segura de tres chaves, em guarda uma do Bispo, outra da Camara, e a terceira do Capitão da Fortaleza.—A sobredita Igreja tendo soffrido algumas avarias se chamou *S. Thomé quebrado*, e de facto ella se abateo, e as suas Confrarias tendo passado para Corlim, dali foram depois transferidas para Ribandar....!—Por Provizão de 12 de Julho de 1683 (Liv. 1.º de Serviço fl. 25 v.) as ditas reliquias, que estavam em guarda particular, mandou-se depositar em um caixão de 3 chaves—A Cidade de Meliapôr pertenceo ao Estado: fundada e murada pelos Portuguezes depois da descuberta das reliquias do Santo, e a perdeo, pela 1.ª vez, em 1662, sendo Capitão da Praça Lourenço Ferreira de Brito (Vid., Or. Conq. Conq. II. D. 1. § 34).—Posteriormente veio á posse do mesmo Estado e la tivemos Capitão da Fortaleza, logar que foi extincto por C. R. de 2 de Setembro de 1706, sendo Capitão Matheus Carneiro da Silva, e por Provizão deste Governo de 8 de Maio de 1708 foi o Senado daquella Cidade incumbido do seu governo.—Posteriormente o Grão-Mogol senhoriou-se della; mas o celebre Bispo de Halicarnasse, Fr. Antonio da Purificação, Religioso da ordem Franciscana, que em Governador de Ponda se intitulava *D. Antonio de Noronha, Nababo Dilavaryenga Xamáxur Badur*, e a quem um docu-

via ou não ir converter os Macassares (86).—Chegado pois ao termo de sua peregrinação se recolheu em casa do Vigario daquella povoação, separada da Igreja de S. Thomé por uma pequena horta, a qual estava infestada de demonios de horriveis figuras; com tudo o Santo por ella passava á Igreja depois de o Vigario estar dormido.—Frequentando o Santo pela maneira referida, foi assaltado uma noute pelos demonios, que lhe traziam boa vontade, com uma tão fera tempestade de golpes, que o obrigaram a tomar cama por dous dias.—Convalecido do assalto tornou a frequentar de noute a Igreja, reservando o dia á utilidade do proximo, e approveitou-os bem fazendo milagrosas conversões, emendando adulterios publicos, compondo discordias, desfazendo contratos usurarios, e praticando outros actos proprios do seu Apostolico ministerio.—Tars foram os motivos porque esta Cidade, mais que outras, se mostrou muito rendida ao Santo, e por isso lhe mereceu a ultima bençam de despedida, com a prophecia do seu augmento.— Alguns casos maravilhosos acontecidos nesta Cidade fizeram ao Xavier mais illustre e conhecido na India: o 1.º de um Portuguez que sendo roubado pelos Corsarios junto ao Cabo de Comorim voltou a Meliapôr, e pedindo um dia esmola ao Santo, como pedia a outros, e o Santo não tendo que lhe dar disse.= « *Irmão Deos te soccorra* »= e se foi andando, dando po-

---

mento Official chamava.— *Cavalheiro da fortuna e comprehendedor temerario*, realmente teve a fortuna de obter do dito Grão-Mogol por mercê aquella terra, em 1749, e a perdeo em 1762 a 63—Vid. *Bispo de Halicarnasse* no Diccionario Historico administrativo.—Meliapôr erecto Bispado por Paulo IV. em 1606, foi seu 1.º Bispo D. Fr. Sebastião de S. Pedro, Agostiniano, transferido de Cochim, e depois Arcebispo de Goa, e hoje, depois do proximo fallecimento de Mt.º Reverendo Miguel Francisco Lobo, esta encarregado do governo daquelle Bispado o Reverendo Domingos Jose Antonio Pereira.

(86)—Como se lê na sua Carta de 8 de Maio de 1545, dirigida aos Padres Borba, e Camerte, Coll. Vol. 1.º p. 206.—A explicação da palavra Macassar vid. na nota (89).

rém quatro a cinco passos, chamou pelo pobre, e pondo a mão a algibeira, que já tinha procurado antes, e tirando della cincoenta moedas, parte em ouro e parte em prata, de um cunho já mais visto, ou conhecido na India lhas deu, recommendando que as gosasse, já que Deos lhas mandava, e guardasse segredo.—Mas o mendigo julgou que devia ser agradecido ao seu bemfeitor, e publicar o milagre para maior gloria de Deos, e tambem por sua conveniencia para que todos favorecessem a quem o Ceo soccorria, e logo correu a fama do milagre por toda a Costa de Coromandel.

35—Maior foi ainda o prodigio com que por meio de contas de Xavier escapou outro navegante da morte.—Era este um mercador muito seu devoto, que despedindo-se delle para ir para Malaca (87), lhe pediu alguma lem-

(87)—Malaca, he o nome da Cidade Capital, e de todo o territorio, que he quasi Ilha, situada na Lat. N. 2:12, e na Long. E 19:45, e dista de Goa 500 legoas, conforme o nosso Santo (carta de 2 de Dezembro de 1543, Coll. Vol. 1. p. 103)—Foi da primeira ordem antes do estabelecimento de Singapura pelos Inglezes.—Tinha sido conquistada pelo grande Albuquerque em 17 de Julho de 1511, e elevada a Bispado pelo Papa Paulo IV em 1557, e foi seu 1.º Bispo D. Fr. Jorje de Sousa de St.ª Lusia, Dominicano, e actualmente he Bispo Eleito D. João de Trindade, que está em Portugal, e he Governador daquelle Bispado o Muito Reverendo Manoel Jose Gomes.—O Estado possuio aquella Cidade e suas dependencias desde 1511, sendo seu 1.º Capitão Rui de Brito Patalim, até 1640 em que a perdeo, sendo seu Capitão ou General Luiz Martins de Sousa, o qual foi levado prisioneiro pelos Hollandezes para Jacatara.—A perda teve por causa principal a falta de accordo e união entre os fidalgos, os quaes entregues á guerra civil foram muitos delles victimas dos seus caprichos.—Tem actualmente 15 a 16 mil habitantes, sendo destes tres mil *denominados portuguezes*, como descendentes dos antigos conquistadores, qualidade de que muito se ufanam, como diz o Sr. C. Caldeira na sua interessante viagem *de Lisboa a China, e reciproco*, onde o curioso achará todas as particularidades que quizer daquella

brança sua, e o Santo não tendo outra cousa tirou do pescoço a Corôa de N. Sr.ª, por onde resava, e lha deu, dizendo que — *fizesse della grande estimação, porque em quanto a tivesse comsigo, escaparia seguro de qualquer fortuna do mar.*—De facto o mercador tendo escapado de morte, com alguns mais, no alto mar sobre um penedo, tentaram ganhar terra, em uma jangada que construiram dos fragmentos do navio, e apenas se tinham metido no mar o mercador perdeu os sentidos pela agitação das ondas, e no quinto dia se achou, sem os companheiros, na costa de Negapatão, sem saber como.—Um Portuguez morador em S. Thomé importunava o Santo pedindo-lhe saúde para uma filha gravissimamente doente. —Escusava-se elle dizendo que melhor era deixar ir a creança para o Ceo, pelo perigo que correm as mulheres adultas na India; mas taes foram as rogativas do pai, que o Santo lhe concedeu o que pedia, mediante meia hora de oração.—Finalmente converteu a João do Eyró Portuguez muito rico, com as suas admoestações, o qual repartindo o seu cabedal pelos pobres, dedicou-se á vida contemplativa de meditação e penitencia; mas separado de Xavier em uma casa alugada.—Não pôde Eyró suportar por muito tempo a pobresa, o retiro, e o desapego dos gostos e delicias do mundo.—Arrependeu-se de haver sido tão precipitado em desperdiçar tantas riquezas, e querendo voltar á vida passada, ao tempo de se embarcar Xavier o mandou chamar, e lhe disse=*cós peccastes, João de Eyró, cós peccastes*=tanto bastou para elle se arrepender, confessando a sua falta e entregar-se inteiramente ao Santo, e a acompanhal-o na sua peregrinação (88).

Cidade, denominada nas eras felizes=*Babilonia Portugueza*=Vid. a Instrucção do Marquez d'Alorna p. 74, da Parte I, e p. 63 da Parte III, e suas notas.

(88)—Mais adiante dizemos o destino que teve este Eyró.

CAPITULO 22

De sua viagem para Malaca, e da passagem que teve com um jogador blasfemo.

36—Desta maneira deixando reformada a Cidade de Meliapôr, e dando providencias para a cultura da Pescaria, e Travancor, passou Xavier no principio de Setembro de 1545 para Malaca.—No curso da viagem, passando o golfo de Bengala, correndo o navio a fortuna, por conseguinte todos os que iam dentro, se poseram a jogar as cartas dous passageiros.—Um dos jogadores teve a tão favoravel, e outro tão contraria, que este perdeu, e lhe deixou nas mãos quanto levava proprio.—Crescendo com a perda o desejo de se desquitar, que he a maior tentação no jogo, valeu-se da fazenda alheia e de partes, que levava a seu cargo; e, acompanhando-o pertinazmente a mesma desgraça, tambem a perdeu toda.— Acabou-se o jogo porque não tinha mais que perder.—Reconheceu então o pobre homem a sua irremediavel desgraça, e começou comsigo a lamentar.= « *Perdi o meu, perdi o alheio, perdi o credito! Que conta hei de dar de mim? Que vida hade ser a minha? Como posso aparecer diante da gente?* »—Estas considerações poseram-no no ultimo grão de desesperação, a ponto de dirigir blasfemias contra Deos, e se resolver a lançar-se ao mar!—Chegou a noticia deste frenesi ao grande Xavier, medico universal.— Visitou o Santo amorosamente ao desesperado, consolou-o, animou-o, mas o caso pelas suas circunstancias não era dos que se curam facilmente com palavras.—As do miseravel como rematadamente frenetico, em logar de agradecerem a caridade do Santo, foram affrontosas contra elle.—Neste estado de cousas (como não ha virtude tão engenhosa como a caridade) Xavier pede emprestados 50 réales, mete-os na mão ao perdido, e diz-lhe que torne a jogar, e tentar a ventura.— Em seguida toma as cartas e as baralha publicamente por algumas vezes.—

Dos circunstantes que viam uma acção tão nova, e ao parecer tão indigna de taes mãos, os mais familiares do Santo estavam pasmados, os que o conheciam menos a pessoa, não sabiam como a concordar com a fama.—*Este he, diziam entre dentes, o chamado Padre Santo!—Este he de quem se conta que resuscitou mortos!—Este he o Legado mandado do Summo Pontifice!—O qual em vez de mandar lançar as cartas ao mar as está baralhando?!*—No entre tanto o jogador que tinha ganhado acceitou facilmente proseguir a empresa não sabendo com qual pequeno anzol se lhe queria pescar o que tinha engolido. Deram-se de parte a parte as cartas, e as que tocavam ao jogador perdido, como se nas mãos se lhe pintassem, eram tudo o que havia mister, que tão bem amassadas estavam.—A poucos lances se vio restituido do que fôra seu, e seguindo a mesma fortuna recuperou tambem o das partes, de maneira que ja hia voltando sobre o contrario.—Então o Santo, que a tudo assistia, disse, basta, e bastou que o dissesse.—O que tinha emprestado os reales cobrou os mesmos.—O que tinha perdido embolçou outra vez.—Os que murmuravam, celebraram a gritos o milagre, e o que agora perdeo quanto tinha ganhado não ficou descontente.—Finalmente o Apostolo ganhou para Deos as almas dos dous jogadores: um livre das desesperações, e o outro dos escrupulos!

CAPITULO 23.

De sua chegada a Malaca, seu recebimento nesta Cidade, retiro que escolheo, e da reforma de vida que conseguio dos seus habitantes.

37 — Chegado a Malaca em 25 de Setembro não tinha ainda posto os pés em terra, logo se derramou, como por encanto, por aquella populosa Cidade a noticia da vinda do *Padre Mestre Francisco*: e desceu subitaneamente o povo todo á praia, e particularmente quantos

meninos. Havia na Cidade, e as mães, e amas com as creanças ao colo para receber o Padre Santo.—Não esteve aqui a maravilha, porque já o conheciam pela fama dos seus grandes milagres.—Saltou em terra e todos o cercaram beijando-lhe a mão, e pedindo-lhe a benção; elle de natural agradecido e cortez os festejou com a affabilidade, e cariciando os meninos, foi notado que nomeava a cada um delles pelo seu proprio nome como se fosse antigo morador de Malaca, e sendo elles tantos, e já mais vistos por elle.—Desembaraçado da multidão foi visitar o Capitão da Praça, a quem deo conta da sua missão aos Macassares (89), o que elle approvou, e lhe disse que iria em Janeiro que era o tempo da monção.—Aceitou Xavier o conselho, porque queria traduzir o Catechismo na lingoa Malaia.—Despedido do Capitão acolheu-se ao Hospital.—Neste retiro passava as noites em oração, representando a Deos o lastimoso estado dos Cidadãos de Malaca, e pedindo-lhe o fizesse instrumento da sua reforma.—Era Malaca uma feira geral de todas as drogas aziaticas, concorrida de mouros, gentios, judeos, e outras seitas, como patria commum dos mercantes.—Não se tratava nella mais que do augmento dos cabedaes.—Os habitantes mais se distinguiam dos infieis pelo trage que pela vida.—A gula, e a lascivia reinavam nella em grande tom.—Começou Xavier a reforma dos costumes desta terra, pregando nos Domingos com a liberdade, e zêlo de espirito que demandava a soltura do seu povo (90),

(89)—Macassar ou Celebes he uma das Ilhas do Archipelago das Molucas, dividida em 4 Reinos: está situada ao S. das Filipinas, e ao E. de Borneo, e dista de Malaca 360 leg. (20 ao grão), conforme Mr. Vosgien, e Mr Bonne, e segundo o nosso Santo 500 de Travancor e mais de 1000 de Goa. Cartas de 20 de Dezembro de 1543, e 8 de Fevereiro 1545. Coll. Vol. 1. p. 112 e 197.

(90)—A respeito desta soltura, diz Xavier na sua Carta datada de Malaca em 5 de Dezembro de 1545 ao Padre Simão Rodrigues, pedindo-lhe Missionarios=e Seam persons muy aprobadas en la

ensinando nos dias de guarda a doutrina aos escravos, e nos feriados aos meninos.—A'boca da noute tocava a sua campainha, e convidava os fieis a orar pelas almas do Purgatorio, e pelos que viviam em peccado mortal (91).—Para satisfazer a Deos pela gula dos Malaccenses passava muitas vezes dous e tres dias sem comer, affligindo-se com asperas penitencias, e offerecendo a Deos por elles o santo sacrificio da Missa.

38—Por estes meios desterrou o abominavel costume de andarem as meninas pela Cidade vestidas em traje de homens.—Compôz cantigas pias, e as substituio ás canções deshonestas, reduziu a melhor vida a muitos, fazendo deitar fora da casa tres até sete concubinas, casando-os com as mais formozas, e ás regeitadas procurando maridos.—Converteu a Jesu Christo grande numero de mouros, Gentios, e Judeos, sendo de entre as conversões a mais singular a de um Rabino, que zombava do Santo publicamente, impugnando as suas razões, e atribuindo os seus milagres a feitiços, e a santidade a hypocrisia.—Em retribuição do agasalho que recebeo por alguns dias em casa de um pobre seu devoto, pagou-lhe o aluguel da pouzada, lançando-lhe uma bençam, e prophetisando-lhe que quantos habitassem nella, dali por diante, seriam felizes no seu estado, e os effeitos verificaram a promessa; até tendo caido 3 meninos daquella casa de muros abaixo, que eram muito altos, nenhum mal soffreram.—Salvou de morte a muitos enfermos: e os mais notaveis são Antonio Fernandes, menino de 13 annos, que alem de grave molestia, estava possuido do demonio,

---

vida y virtud: porque los lazos, y ocasiones para el mal, son aqui muchos, y muy frequentes.—Coll. Vol. I. p. 209.

(91)—O Santo na sua Carta datada de Malaca em 15 de Dezembro de 1545 aos Padres da Companhia de Portugal da miuuciosa conta da sua chegada, e occupação nesta Cidade e o fruto que colhia.—Igual Carta dirige na data de 16 de mesmo mez aos Padres do Seminario de Goa.—Coll. Vol. I. p. 211 e p. 214.

de que lhe livrou lançando-lhe ao pescoço o seu relicario: Francisco Lopes, que estava proximo ás ultimas agonias: Rodrigo Dias, que prostrado de forças não comia havia tres dias: e um menino affectado de mania e convulsões.—O 1.° por meio de imposição de mãos: o 2.° ouvindo-o de confissão: e o 3.° resando um Evangelho; pois no processo de sua canonisação se diz, que em Malaca quantos enfermos tocava todos sarava.

39—Semelhantemente resuscitou tambem uma menina, que tendo fallecido na sua ausencia estava sepultada havia tres dias, maravilhado da fé da mãi que lhe supplicou aquelle milagre, começando a repetir as palavras de Martha ao Salvador—*que se elle estivesse presente, não seria morta sua filha; e todavia, se quisesse poderia restituir-lhe a vida.* —O Santo depois de uma breve oração voltando-se para ella lhe disse, que se fosse, porque a sua filha estava viva. —Ella entre a esperança e o temor, replicou que a defunta estava sepultada havia já tres dias.— *Isso não importa*, tornou o Santo, *andai, abri a sepultura e vereis como está viva.*—A mulher corre á Igreja e manda abrir a cova á vista de muito povo, e achou a filha viva com espanto, assim dos presentes como daquelles a quem chegou a noticia do milagre.—Ainda estando em terra se estendia o seu patrocinio ao mar.—Havendo de partir daquella Cidade uma armada, ou esquadra de náos, perguntou Xavier a um seu amigo em qual dellas se embarcava com a sua carregação, e respondendo-lhe elle, que em tal; não, disse o Santo, porque hade soffrer um grande perigo.— Não podendo o mercador desembarcar a fazenda, se resolvia a aventural-a á fortuna, e salvar a vida deixando-se ficar em terra.—Então Xavier recolhendo-se dentro de si mesmo, disse-lhe depois, que estivesse de bom animo, e não consentisse alijar-se ao mar a fazenda, fosse qual fosse o perigo.—No meio da viagem foi a náo encalhar em um baixo, e querendo os mareantes aliviar o navio, se oppôz o devoto mercador, dando conta da

propheeia, e aviso do Santo: e de facto ella se verificou, porque crescendo de improviso as agoas a náo se desembaraçou, e seguiu a sua derrota.—Chegando um dia á mesa de jogo, na qual um Soldado tinha perdido 600 xeraffins, estava porém muito sobre si para não jurar.—Edificou-se o Santo de tanto comedimento, e querendo remunerar-lhe a modestia com que jogava, pegou das cartas, e baralhou-as, e tal virtude lhes imprimiu, que o Soldado se forrou, e querendo continuar, acodiu o Santo, e o bom Soldado em agradecimento lhe prometteu de nunca mais jogar, e o cumpriu.

CAPITULO 24

De sua ida para Amboino, do trabalho a que se dedicou nesta Ilha, e o soccorro que nella prestou a uma armada Castelhana.

40—Em o 1.º de Janeiro de 1546 largou Xavier as praias de Malaca, e navegou para Amboino (92) acom-

(92)—O Santo dá razão na sua carta de 16 de Dezembro de 1545 (Coll. Vol. 1. p 214), porque desistio da sua primeira tenção de ir a Macassar, e preferiu passar a Amboino, que he tambem outra Ilha do referido Archipelago de Molucas, distante de Malaca 600 legoas, Mr Bonne.—A sua historia lea-se no Or. Conq. Conquista III, D. 1 § 9., e na carta do Apostolo aos Padres de Roma, datada de Amboino em 8 de Maio de 1546 (Coll. Vol. 1. p. 225), na qual a pag. 246 o Apostolo diz entre outras cousas, muito maravilhado, o que se segue == « En esta Isla (de Amboino) he visto una cosa increible, y nunca o dà, que acaso puede servir, en alguna ocasion el saberla —Vi, pues, á un Macho de Cabrio, (o Padre Sousa diz *chibarro*, bode capado, no Or. Conq. Conq. III D. 1. § 31), que daba de mamar á un pequeño cabritillo, porque tenia un pecho en el vientre, de el qual sacaban cada dia como una escudilla de leche.—Yo por mis mismos ojos lo vi esto, le que de otra suerte no pudiera reducirme á creerlo.—Un Portuguez, hombre de distincion, se lleva consigo este macho cabrio, con animo de remitirle á Portugal. »==

panhado de João de Eyro, de quem atraz fallamos.—Havia já um mez e meio que navegavam com vento fresco, mas Amboino não apparecia, os Pilotos estavam assustados, o Santo então sorrindo-se, lhes disse que não se molestassem, porque na manhãa seguinte ao romper de alva avistariam Amboino. — De facto á hora indicada do seguinte dia, 14 de Fevereiro, se acharam sobre a Ilha, e mandaram para a terra a Padre Francisco, seguindo a não para Banda (93), sua directa viagem.—O Santo, com os que o acompanhavam, chegou a demandada Ilha aos 16 do referido mez, desviando-se dos piratas, que haviam sahido ao seu encontro.—Sete lugares de christãos achou Xavier, como elle mesmo escreve (94), e estavam tão mal cultivados, que só no baptismo se distinguiam dos infieis. — Tomou o Apostolo a peito instruil-os, e doutrinal-os; não tanto com palavras, quanto com o exemplo da vida, e obras de caridade, soccorrendo aos pobres, visitando os enfermos, e dando sepultura aos mortos com suas proprias mãos.—Desta sorte conseguiu o Padre Santo domesticar os Amboinos, e reunir os que, perseguidos pelos barbaros da Ilha de Moro (95), viviam como selvagens pelos matos e cavernas dos montes, sem curar nos trabalhos e perigo de propria vida.—Restaurada nos já baptisados a Fé e a piedade christãa, começou a prégar a idolatras, e mouros, e com tão bom successo, que conseguiu converter grande parte da Ilha. — Construiu em cada lugar uma Igreja, dos mais sezudos constituiu mestres, e mantenedores da christandade.

(93)—Banda, he tambem uma Ilha do sobredito Archipelago afastada de Amboino 40 leg. , Mr. Bonne.

(94)—Na Carta de 8 de Maio de 1546, escrita de Amboino aos Padres do Seminario de Goa, Coll. Vol. 1. p. 248.

(95)—Moro, he uma outra Ilha do mencionado Archipelago, distante de Amboino 76 leg. Carta citada de 8 de Maio aos Padres de Roma.

41— « *Neste tempo* (diz Xavier) (96) *chegou a esta terra a armada de Fernão de Sousa, composta de 8 navios, que continha castelhanos para Maluco* (97). *—Foram tantas as occupações espirituaes com esta armada, assim confições continuas, como pregações aos Domingos, e fazer pazes, vesitar os enfermos, confessal-os, e ajudal-os a bem morrer, que me faltava tempo para cumprir com todos, de maneira que me não faltavam occupações assim na quaresma, como fóra della.* »—Bem se deixa vêr disto quanto trabalhou o Santo com a gente daquella armada, durante 3 mezes que ella esteve em Amboino, para curar os doentes. —Pelo mesmo tempo conseguiu admiraveis conversões de peccadores obstinados; menos a de um mercante muito rico, mas summamente avarento, sobre quem verteu lagrimas de dôr; e a respeito de outro tambem rico, (João d'Araujo seu amigo, e companheiro de viagem de Malaca até Amboino) a quem havia mandado pedir pouco de vinho para remedio de um enfermo, e que elle o dera de má vontade, dando a entender que « *queria o seu para si e não trouxera vinho para a provisão da armada*, fez expressar o Santo o seguinte: »—*Imagina o Araujo que hade beber o seu vinho, e para o guardar para si o nega aos pobres de Christo?—Pois engana-se: primeiro se lhe acabará a vida, que o barril.—Esta he a ultima terra que vê, e depois da sua morte, quer elle queira, quer não toda a sua*

(96)—Na citada Carta de 8 de Maio de 1546.—Nesta Carta dá o Santo minuciosa conta da sua peregrinação em Meliapôr, Malaca, Amboino, e outras ilhas e terras que percorreo desde 8 de Fevereiro do anno antecedente, Coll. Vol. 1. p. 221.

(97)—Maluco, he uma Ilha do Archipelago denominado das Molucas, que comprehende 10 Ilhas grandes, e de grande numero de pequenas. Maluco foi descuberta pelos Portuguezes em 24 de Junho de 1511, e dista de Goa mais de 1000 leg., conforme o posso Santo na sua carta de 4 Janeiro 1549. Coll Vol. 2 p. 9.—As suas particularidades Vid. na Instrucção do Marquez de Alorna ao seu successor na nota (a) á p. 60.

fazenda cahirá nas mãos dos pobres. » = Encontrando-se pouco depois com o Araujo intimou-lhe a vizinhança da morte, exhortando-o a despender agora com merecimento, o que logo havia de deixar por necessidade.—O successo verificou em tudo a prophecia.

CAPITULO 25.

De sua viagem a Ternate, e outras Ilhas, das prophecias e milagres que fez, e do crucifixo que lhe cahiu no mar, e foi trazido por um caranguejo.

42—Partiu Xavier de Amboino, e querendo João d'Araujo acompanhal-o, não póde, por falta de lugar no navio para a fazenda.—Dahi a poucos dias dizendo o Santo missa em Ternate (98) se voltou para o povo, pedindo aos circunstantes rogassem a Deos pela alma de João d'Araujo, que fallecéra em Amboino.—Admirados ficaram elles do aviso, porque Ternate distava de Amboino mais de cem legoas de mar, mas passados onze dias chegou Rafael Carvalho, que assistira á morte d'Araujo e se confirmou que ella tivera lugar no momento do aviso.—Convalecidos-os Soldados a armada largou para o seu destino, e Xavier vaticinou a um navio de sua conserva, que se havia de ver no caminho em manifestos perigos de ir a pique, e assim foi, porque uma vez deu em uma pedra que lhe fez saltar o leme fóra, e depois encalhou nos baixos de Chilão, e por milagre se não abriu.—Em quanto se aprestava a embarcação, em que havia de atravessar Molucas, correu o Santo Apostolo as Ilhas circumvisinhas, obrando milagres, e conquistando almas.

43—Navegando um dia de certa Ilha a outra, ficou acommettido de uma furiosa borrasca.—Tirou do peito o seu crucifixo do comprimento de um dedo, e chegando-

(98)—Ternate, he uma Ilha das Malucas, distante de Amboino 130 leg. *Vogien.*

se ao bordo da náo o lançou ao mar por um cordel, que lhe cahio das mãos, e as ondas o sorvobraram.—Affligiu-se com esta perda, e deu mostras de incomparavel sentimento.—Vinte e quatro horas depois aportou á Ilha de Veranula (99), e caminhando pela praia para a povoação de Tamalo acompanhado de Fausto Rodrigues, viram ambos sahir do mar um caranguejo com o crucifixo entre as suas garras, ou tenazes, levantado, e direito correu a encontrar-se com o Santo o novo Alferes de Christo, e parou diante delle com o divino estandarte arvorado (100).—Pôz-se Xavier de joelhos, e o caranguejo esperou até que elle lhe tirou o crucifixo, e logo tornou ao mar

(99)—Veranula, Tamalo, Rucalo e outras, cujas distancias não especificamos, são pequenas Ilhétas, que fazem parte do grande numero dellas, de que se compoem o Archipelago de *Molucas*, como fica dito (nota 97); a respeito de algumas dellas, diz o Apostolo, na sua Carta de 8 de Maio de 1546 (Coll. Vol. 1. p. 241), fallando de sua crueldade o seguinte=« En el trecho, y espacio que abraza este mar, hay algunas Islas, cuyos habitadores comen carne humana, principalmente la de aquellos enemigos que matan en la guerra.—Quando alguno de los suyos muere de enfermidad, le cortan los pies, y las manos; y abstendose de lo restante del cuerpo, dichas estremidades es el plato mas regalado para ellos.—Y se hemos de creer lo que se dice, passa tan a delante su inhumanidad, y su barbara crueldad, que se alguno debe prevenir, y hacer algum combite mas explendido, pieda á su vecino, que le entregue á su padre, ya anciano, el qual haviendo degollado, le faça á la mesa, como un particular regalo para sus combidados; pero esto siempre se hace com esta condicion, de que el que pide, queda obligado á entregar el suyo, si á el dicho vecino se le ofrece hacer semejante combite.=»

(100)—Em memoria deste milagre, certamente, o V. Rei Conde de Sarzedas possuia um crucifixo arvorado como fica descripto nas garras de um caranguejo de metal bronzeado, ou de bronze, o qual durante o seu governo vimos no altar da Capella do Palacio, e nos disseram ser o proprio do Santo Apostolo, hoje porém ficamos certos de ser imitado, porque tinha de comprido um palmo.

donde sahira.— Restituido o Santo da sua carissima prenda lhe deu mil osculos e abraços e com os braços cruzados diante do peito assim de joelhos como estava, se deixou ficar em oração por espaço de meia hora.— De Tamaló passou Xavier á Ilha de Rucalo, e aqui começou a pregar aos idolatras, e só um póde converter de toda a povoação.— Ao convertido deu o seu nome de Francisco, e lhe prophetisou que havia de morrer invocando devotamente o nome de Jesú.—Foi muito celebrado entre os Portuguezes o novo christão por causa desta prophecia, cuja verdade se manifestou depois de 42 annos; porque sendo Francisco Soldado foi ferido em 1588 na batalha contra Hiamão, e morreu proferindo continuamente o nome de Jesú.

CAPITULO 26.

De sua passagem para a Ilha de Ulate, do milagre e conversões que fez na volta para Ternate, e o que aqui praticou.

44—Desenganado Xavier de obter mais fructo em Rucaló, se embarcou para a Ilha de Ulate, a qual achando apertadamente sitiada, e o Regulo a pactear a entrega, por falta de agoa, usou de traça para se introduzir na estacada dos cercados, e ser conduzido á presença do Rei. —Prometteu ao Rei agoa do Céo em nome de Jesu Christo, se lhe permittisse levantar uma cruz no meio da Cidade, com palavra de se baptisar com os seus vassalos.—O Regulo que já se via perdido, assentiu logo a proposta, obrigando-se com fé publica a estar pelo concerto, se visse verificada a promessa.— Então o Santo fazendo colocar uma grande cruz no sitio emminente, á vista de um numeroso concurso de Soldados, paisanos, mulheres e meninos, que haviam concorrido a novidade, de joelhos fez uma oração em voz alta.—No fim da oração chuveu copiosamente, e encheu-se a cava, e quantas vasilhas haviam na Cidade.—Os inimigos, cuja victoria pendia da sêde,

levantaram o sitio, e se retiraram envergonhados.—Então o Regulo com toda a gente daquella ilha, e de outras á ella sujeitas receberam o baptismo pelas mãos do Santo Apostolo, mais vencidos do milagre, que obrigados da promessa (101).

45—No fim de Maio o Santo se fez na volta de Ternate levando comsigo a João de Eyro.—Meteu-se ao golfo em uma *Caracora*, e João Galvão em outra, e no meio do caminho apanharam um grande temporal, que os fez separar por diversos rumos.—A do Galvão foi correndo á fortuna conforme a levava a tormenta, e a de Xavier depois de soffrer grandes riscos chegou a Ternate.—No primeiro dia de festa estando o Santo pregando interrompeu o discurso com estas palavras.—*Encomendai a Deos a alma de João Galvão afogado nestes mares.*—Esmoreceram os ouvintes com uma tal inesperada nova, mais por interesse particular de cada um, do que por compaixão do defunto.—Acabado o Sermão elles interrogaram os marinheiros sobre o naufragio, e nada colhendo delles, respiraram, attribuindo o que dissera o Santo a conjectura provavel, e não a revelação infalivel; mas no terceiro dia, em vista dos corpos, remos, e fazendas arrojadas ás praias, mudaram de opinião, a seu pezar, e ajuntando a isto o annuncio da morte de João de Aguiar de que já fallamos, e a noticia das maravilhas obradas pelo Santo na India, formaram delle tão alto conceito, quanto lhe era necessario para reformar a estragada vida dos Portuguezes de Ternate, onde a devassidão tinha chegado a tal cegueira, que por evitar adulterio tinham por licito sustentar muitas concubinas.—O Santo demorou-se nesta terra tres mezes, e desenvolvendo, o seu espirito de caridade, conseguiu arredar do caminho

(101)—Desta conversão o Santo dá conta aos Padres de Roma e de Goa, nas cartas datadas em Amboino a 8 de Maio de 1546, Coll. Vol. 1. p. 221 e seguintes.

de perdição assim os Portuguezes como os naturaes, e converter a Christo grande numero de gentios e mouros, sendo das mais notaveis a conversão da Rainha governante *Niaquilé*, a quem impôz o nome de Izabel (102).

CAPITULO 27.

De sua viagem a Ilha de Moro, como ali foi recebido, do que praticou, e como se salvou do ataque dos Javaros.

46—Nos fins de Agosto do mesmo anno de 1546. apezar das persuasões dos christãos, e amigos, para Xavier não ir as Ilhas do Moro, em rasão de supina maldade dos seus povos, atrocidades dos seus habitantes, elle se embarcou para cultivar a grande christandade que existia naquellas Ilhas.—He verdade, como diz o Santo (103), que nestas Ilhas a par de devassidão reinavam abundantissimos perigos por causa de odios intestinos, guerras civis, e outras causas que aponta, mas tudo isto não foi bastante para mudal-o do seu intento. — Durante Xavier navegava para as Ilhas de Moro, de repente deu um altissimo brado, e rasgando a loba sobre o peito rompeu neste sentimento—« *Ah Jesu, que mataram aquelles pobres, que matarão aquelles pobres!* » e dizendo estas e outras palavras de compaixão estava com os olhos fixos do lado das Ilhas que demandava.—Amedrontados todos lhe perguntaram que mortos eram aquelles, porque nada viam. — Nada respondeu o Santo e continuou a orar;

(102)—Destas conversões, e da sua applicação effectiva em doutrinar os infieis, e reformar a vida dos estragados, o Apostolo dá minuciosa conta á Companhia de Roma na sua estensa carta de 26 de Janeiro de 1548, Coll. Vol. 1. p. 195.

(103)—Na Carta supracitada de 26 de Janeiro, na qual dá tambem uma relação circunstanciada da sua missão desde 1546, e do estado moral e fisico destas Ilhas, e dos seus habitantes, Coll. Vol. 1. p. 294.

e ferrando a uma das Ilhas, acharam na praia os corpos de 8 Portuguezes mortos ás cutiladas, e logo entenderam, que estas eram as mortes que o Santo Padre lamentava, os quaes foram ali sepultados.—Quando o Apostolo desceu, correu a recebel-o á praia uma grande turba de paizanos, com desuzada festa, e demonstrações de respeito, gritavam em altas vozes na sua lingoa=*Eis-aqui o Padre Santo, Eis-aqui o Padre Santo.*=Cobraram animo os companheiros vendo este proceder dos barbaros, e o Santo logo tratou da empresa da conversão, unico fim da sua jornada.

47—Discorreu por todas as Villas e lugares dos christãos, que se tinham tornado ás barbarias e ferezas, e parando nos lugares publicos cantava em voz alta o symbolo da Fe, e outras orações, em lingoa Malava.—Attraidos os barbaros da novidade se reuniam em grande numero, e assim conseguiu o agrado dos habitantes daquellas Ilhas, e d'est'arte domestical-os, afogar as creanças, e ensinar os meninos as divinas canções, a que os paes se affeiçoavam, para que repetindo-as em casa movessem os mais adultos a irem buscar a explicação dellas.—Dispostos assim os animos, começou livremente a prégar ao estilo das outras partes, e com igoal fruto.—Não ha parte boa escusada em um Missionario.—Já vimos Xavier poeta em Malaca: agora o vemos musico no Mero, porque como a Fé devia entrar pelos ouvidos, mal os podiam estas serpentes applicar a pregação do Evangelho, se as não encantasse primeiro a melodia de santa doutrina.—Foram elles 24 para 25 mil almas (104), parte convertidas de novo, parte reduzidas da apostasia, inclusivè os meninos baptisados.

(104)—Conforme o Padre Sebastião Gonsalves, Chronista da Companhia de Goa, citado pelo Padre Sousa na Conq. 3. D. 1. p. 379. de seu Or. Conq.

48—Não se sabe se o Apostolo converteu alguns Javaros, gente muito fera; mas consta que andou a pé elles, como a caça de tigres e leões, pelas cavernas mais horriveis, e brenhas fechadas.—Estava em um dia pregando junto de um rio a uma grande manada destes brutos, que ouvindo reprehender e condemnar a barbaridade dos seus costumes, o interromperam furiosamente ás pedradas, e sem duvida o teriam morto, se Deos o não guardasse para outras empresas.—Não podia o Santo escapar da morte por industria natural, porque corria o rio largo e caudaloso de uma parte, e de outra voavam as pedras despedidas das mãos vigorosas dos inimigos.—Neste aperto recorreu ao poder de fazer milagres, e moveu com summa facilidade uma grande trave que estava fixa na terra a margem do rio, e não seria facil a muitos braços de a arrancar, e pondo-se sobre ella passou á outra ribeira, deixando aos barbaros attonitos da valentia, e pasmados do novo modo de navegar.

CAPITULO 28.

De sua volta da Ilha de Moro para a de Ternate, e os exercicios a que se applicou.

49—Voltou Xavier do Moro a Ternate onde se deteve tres mezes, e foi continuando com os seus costumados exercicios de pregar, doutrinar, ouvir de confissão, explicar ás mulheres dos Portuguezes separadamente os artigos da Fé, os 10 Mandamentos da Lei de Deos, os Sacramentos da confissão, e communhão, e desta maneira conseguiu em seis mezes que os evé em Malaco que assim os Portuguezes, como suas mulheres e filhos, e os christãos da terra se adiantassem na piedade.—Não lhe foi porem possivel converter a El-Rey Aeyro, que naquelle anno (105) tinha voltado de Goa, acclamado Rei de Ma-

(105)—No de 1546, em que o V Rei, D. João de Castro acclamando-o solemnemente Rei de Maluco o fez restituir ao seu Rei-

luco, apesar de tratar o Santo como este diz (106), com muito agrado, desejar a sua amizade, e de lhe pedir que o não aborrecesse por ser mouro; com tudo não foram na Côrte infructuozas as suas diligencias, porque baptisou duas Irmãs d'El-Rei, e alguns Cacchis do mesmo sangue.

50—Desejando o Apostolo voltar para Malaca na monção de 1547, compôz instrucções na lingoa Malaia, do que he necessario saber para bem crer, e obrar, e a entregou ao povo de Ternate, como prenda do seu amor.—Ella se divulgou immediatamente por todas as Ilhas do Archipelago, e ainda depois de sua morte se liam publicamente nas Igrejas, e os meninos e as meninas cantavam de dia e de noute.—Escolheu d'entre os meninos alguns, (com consentimento dos pais) para mandar crear no Seminario de Goa.—Ordenadas assim as cousas desta christandade, tratou de se embarcar em segredo pela meia noute, para evitar pranto dos amigos, e dos neofitos a despedida, e não conseguiu o intento, porque o cercaram não obstante aquella hora adiantada o que muito o enfernecen, e lançando-lhes a sua ultima benção se embarcou para Malaca (107).

CAPITULO 29.

Do seu embarque para Malaca tocando Amboino, e o que praticou nesta Ilha.

51—De caminho tomou Amboino, onde se deteve 20

no, donde havia sido mandado para Goa carregado de ferros por um Capitão da Fortaleza, e um outro o fez morrer depois com inaudita barbaridade! Vid. Inst. do Marq. d'Aloroá P. III. not (d) a p. 60—e not. 226 a p. 61.

(106)—Carta de 26 de Janeiro de 1548, datada em Cochim aos Padres da Comp. de Roma, Coll. Vol. 1. p. 294.

(107)—Desta despedida o Santo dá conta na sua Carta citada na nota antecedente.

dias para ajudar a gente de 4 *naos Portuguezas*, surtas naquelle Porto.—Durante aquelles dias reduziu a muitos á paz e concordia.—Confessou entre outros um Soldado de vida estragada, e ja nos ultimos paroxismos de vida, e tanto que elle espirou, levantou os olhos ao Ceo chorando de alegria, e disse=« *Bemdito seja Deos que me trouxe aqui a tempo de ganhar esta alma*=» Agonizava em Ternate Diogo Gil no mesmo tempo, em que o Santo prégava em Amboino.—Mostrou-lhe Deos o estado do enfermo, e cortando o fio do Sermão disse aos ouvintes=« *Irmãos, encomendai a Deos ao nosso Diogo Gil, que neste ponto está agonizando em Maluco.*=Pozeram-se todos de joelhos, e resaram um Padre nosso, e uma Ave Maria: e no mesmo ponto, como depois se soube expirou o moribundo.—Navegavam para Malaca as referidas 4 naos, e como o Santo fazia a mesma derrota, pediram-lhe os officiaes e passageiros de uma dellas, que se embarcasse com elles, por ser a mais possante, e bem aparelhada; porem não aceitando elle o convite, disse, voltando-se a Gonçalo Fernandes=« *Esta nao, eu a vejo em grande perigo*=» Ao desembocar o estreito de Sabão deo a nao em um baixo, e por singular favor do Ceo, saltou-lhe apenas o leme fóra dos anneis, quebradas as agulhas.

52—Nos referidos dias que o nosso grande Apostolo se deteve em Amboino, arvorou uma cruz, que foi depois muito celebrada por um illustre milagre.—Havia na terra grande seca, e algumas mulheres, que antes de se baptisarem costumavam fazer certos feitiços para haver chuva, deslumbradas do demonio tornaram á execravel arte, e á roda de um idolo fizeram as antes costumadas ceremonias; ficando todavia as nuvens infecundas. —Chegou isto á noticia de uma devota christãa, que reprehendeu as outras asperamente, por haverem recorrido ao idolo, e não á cruz levantada por S. Francisco Xavier com promessa de receberem tudo quanto pedissem a Deos diante della: e levando-as comsigo onde estava a cruz arvo-

rada, se pôz de joelhos com as mais, e todas juntas pediram a Deos, que para remedio daquella secura, e affronta do idolo lhes acudisse com agoa.—Foi Deos servido de as ouvir, e logo se condensaram as nuvens, e choveo em abundancia.—Então correram todos ao idolo, e derrubando-o do altar, o foram deitar no mar, motejando-o de que davam um mar de agoa a quem lhe não pudera dar uma só gota.

CAPITULO 30.

De sua sahida de Amboino, e chegada a Malaca de sua occupação nesta Cidade, e da penitencia de Eyró.

53—Sahiu Xavier finalmente de Amboino, e chegou a Malaca em Julho do mesmo anno de 1547. depois de um anno e meio de ausencia.—Estavam já nesta Cidade tres Religiosos da Companhia, dos nove que em Setembro do anno antecedente haviam chegado a Goa, na armada de Lourenço Pires de Tavora (108).—Extremamente se consolou o Santo com o encontro dos ditos tres, o Padre João da Beira, o Padre Nuno Ribeiro, e o Irmão Nicolão Nunes, assim por se ver nelles substituido, como por serem os primeiros da Companhia, que via no Oriente, não fallando em seus dous companheiros, Paulo Camerte, e Francisco Mancilha (109).—Depois de instruidos no modo de viver e doutrinar os referidos tres Jesuitas, o Apostolo

(108)—Padre Lucena, vida do Padre Francisco de Xavier Liv. 3.º Cap. 1. p. 293.

(109)—O Vedor Geral da Fazenda Cosmo Annes, na Carta a El-Rei, datada em Baçaim nos 30 de Novembro de 1547, sobre negocios da India, falla na morte do Vigario Geral Miguel Vaz; no Mestre Francisco (S. Francisco Xavier), e mais extensamente no novo Collegio da Companhia de Jesus de Goa, e tem esta notavel clausula=«*Por que os Padres que ca vieram da ordem de Jesus, tirando Mestre Francisco, todolos outros não são capazes pera isso*=» Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Pub. Ebor. por Sr. Rivara.

os mandou no fim de Agosto para Maluco, e no mesmo anno fundaram elles a residencia de Ternate.—Entre tanto que Xavier esperava pela volta da monção para passar á India, não interrompeu os seus gloriosos trabalhos, e costumados exercicios.—Pregava a christãos, gentios, e mouros, e o seu numero era tal que lhe obrigou a mudar o pulpito ao logar mais espaçoso.—Os confessantes não podendo ser satisfeitos todos a um tempo se queixavam do Santo.—Pela luz do Céo viu o Santo a barbara tenção de um Soldado que arrebatado da furia dos ciumes, queria tirar a vida á sua mulher, por suspeitas mal fundadas.—Correu Xavier com tanta velocidade, quanta requeria o perigo, e convencendo ao marido de seus delirios livrou da morte a innocente mulher.

54—Soube, por Divina illustração, ou por noticia humana, que o seu discipulo João de Eyró havia recebido, a titulo de esmola, grossa quantia de dinheiro, sem dar conta.—Em castigo desta culpa o desterrou para a Ilha de Upe, para fazer penitencia em solidão, e abstinencia, até elle o mandar chamar.—O delinquente foi cumprir o seu degredo, e recolhido em uma palhota por elle construida observava os exercicios impostos.—Estando uma noute orando, se lhe representou em visão uma formosa Igreja.—Na Capella-mór estava a Rainha dos Anjos sentada em magestoso Throno com o seu menino, que descendo dos seus braços tomou pela mão do Eyró, e o foi apresentar diante della.—Não consentiu a Senhora que o penitente chegasse ao estrado, e o reprehendeu asperamente de certas culpas, e defeitos, que elle não conhecia por largueza de sua consciencia.—Acabado o tempo da penitencia, o mandou Xavier chamar para dar conta da consciencia, e como elle passasse em silencio o que tinha visto e ouvido na Ilha, perguntou-lhe pelo successo da visão: e vendo que negava tudo, lhe foi referindo, e interpretando tudo, e por remate lhe deu licença para escolher outra vida profetisando-lhe que entraria na Religião de S. Francisco, e nella perseveraria até a morte,

e assim se verificou.—Tambem lhe prophetisou um grande perigo na viagem de Malaca para a India na náo Bufala, a qual junto a Ceilão foi varar sobre um banco de area, com tanta força, que foi milagre não se fazer em pedaços.—Já não esperavam escapar; neste extremo João de Eyró deu conta da prophecia do Santo, que assim como predisse o risco, anteviu o remedio, e confiados nella esperaram até encher a mare, e ficaram salvos.

CAPITULO 31.

Do assalto repentino que soffreu Malaca de uma poderosa armada dos Achens, do Cartel de desafio que dirigio o seu Capitão-mor ao Capitão da Fortaleza por 7 desgraçados.

55—Em uma quarta-feira, 9 d'Outubro de 1547 (110) foi a Cidade de Malaca atacada repentinamente por uma poderosa armada dos Achens (111), composta de 70 lancharas, fustas, e galeotas de remo, com 5000 homens de peleja. — Uma parte da gente aproveitando da escuridão da noute, acommetteu a Cidade para abalroarem á tranqueira por meio de numerosas escadas que levavam, mas achando-a a bom recado não teve effeito o seu intento.—A outra parte da gente, ao mesmo tempo, foi sobre a Ilha das náos, e lançou fogo a 6 ou 7 navios, em que entrou uma grande náo do Estado chegada de pouco de Banda, com rico

(110)—Este extracto, que respeita ao assalto de Malaca pelos Achens, he do Cap. CCIII e seguintes da *Peregrinação de Fernam Mendes Pinto*.—Preferimos este Autor aos Padres Lucena, e Sousa, por ter sido testemunha de vista dos factos principaes daquelle assalto, e porque aquelles divergem desto em algumas cousas, especialmente nas copias dos documentos apresentados.

(111)—Achem: he Cidade Capital do Reino do mesmo nome, situada na parte Sept. da Ilha de Sumatra, e jaz na Long. 113:30, O.—Lat. 5:30 N., Vogien.

carregamento.—A revolta e a perturbação era de tal natureza, que ninguem se entendia, nem atinava na resolução a tomar, porque a subita chegada do inimigo, sem ser sentido, a grande escuridão da noute, que era chuvosa, o tanger dos sinos sem cessar, e a grita da gente, que soava por todas as partes, tinha causado confusão desordenada e aniquilado os animos para determinar.—Começando já a esclarecer a manhãa se viu da Fortaleza uma grande quantidade de vellas com muitas bandeiras e estandartes de sêda, contra as quaes mandando o Capitão (Simão de Mello) atirar com algumas peças grossas, elias se retiraram a ponta da Ilha Upe, distante um terço de legoa, aonde esperaram até a vespera com estrondo de grita, como que ganhassem alguma grande victoria inesperada.

56—Aconteceu por desdita achar-se neste tempo pescando naquella situação um Parão com 7 homens e suas familias, o inimigo lançou mão delles, e fez cortar a todos 7 os narises e as orelhas, e a alguns tambem os artelhos, como por despreso, e enviol-os desta forma ao Capitão, com a seguinte Carta, escrita com o sangue daquelles infelises, « =Biyayá Sóra, filho do Seribiyayá Pracamá de Rajá, que em bocetas de ouro traz guardado para sua honra o riso do Grande Sultão Alaradim, castiçal com pivetes de cheiro da Santa Casa de Meca, Rey de Achem, e da terra de ambos os mares: te faço saber para que assim o digas ao teu Rei, que neste seu már, em que estou descançado, assombrando com meu bramido essa sua Fortaleza, hei de estar pescando a seu despeito, e muito em que lhe pez, o tempo que me vier á vontade: e por testemunhas disto que digo, tomo a terra, e as gentes, que nella habitam com todos os mais elementos até o Céo da Lua, e lhes certifico a todos com palavras ditas da minha boca, que o teu Rei fica vencido, e sem honra nenhuma, e as suas bandeiras derrubadas no chão, para já mais as poder levantar sem licença do que o venceu; pelo que metida a sua cabeça de baixo do pé do meu Rei, como Senhor que a todos sogiga

(subjuga), fica de hoje por diante por seu escravo.—E para te fazer confessar ser verdade isto que digo, eu te desafio daqui donde estou, se por sua parte mo quizeres contradizer.»=Esta Carta era assignada pelos Capitães da frota, como cousa que se fizera por conselho de todos.

CAPITULO 32.

De como foi recebido o Cartel de desafio, do que disse seu respeito o Padre M. Francisco Xavier, e com que maravilha fez aprestar uma armada contra os Achens.

57—Chegados os desgraçados á Cidade foram logo levados ao Capitão, a quem entregaram a carta, a qual sendo lida publicamente, o Capitão e alguns seus affeiçoados estiveram zombando com ditos cortesãos.—Neste tempo chegou o Padre M. Francisco Xavier, que vinha de N. Sr.ª do Outeiro, depois de dizer missa, como sempre costumava, e o Capitão se levantou em pé, e o sahio a receber dous ou tres passos donde estava sentado, e lhe disse sorrindo, como que não fazia caso da carta:=« Que conselho me dá V. Reverencia neste desafio? Parece-me que o hei de remetter á maior alçada, como Juiz Pedaneo, que em causa crime appella por parte da Justiça »=O Padre lhe respondeu=» O meu parecer he, já que V. Mercê me pergunta, que não havia de passar isto tanto por graça, que se não fizesse algum modo de armada, se fosse possivel, para que não cuidassem estes Mouros de nós que de todo estamos tão desapercebidos, que lhes não possamos fazer algum damno, se outra vez cá tornarem »=A que o Capitão disse=»Muito bem me parece isso, se por alguma via podera ser; mas bem vê V. Reverencia da maneira que nós estamos, que he com 4 pedaços de fustas pôdres, em que não ha já concerto, e dado que o houvera, gastára-se nelle muito mais tempo, que em as fazer de novo »=E o Padre lhe tornou »=Se a cousa não está em mais, que no concerto

das fustas, eu quero por honra de Deos, e d'ElRei N. Senhor tomar este concerto dellas á minha conta, e ir, se fôr necessario, em companhia destes servos de Christo, e irmãos meos a pelejar com esses inimigos da Cruz.» —O que ouvindo o grande numero de homens nobres, que estava presente, todos á uma voz responderam: — «Se V. Reverencia isso fizer, que ha ahi que dizer? Por que assaz de bem judeo será o christião, que se escusar de ir em jornada tão santa. —A isto se seguiu um quasi *motim santo* no povo, com fervor tão animoso em Deos, que se julgou cousa sobrenatural.

58—O Capitão que estava então assentado á porta da Fortalesa, se levantou assaz satisfeito de ouvir a animosa resolução da gente, e tomando a Padre pela mão, se foi á Ribeira para ver a armada que estava varada, e achando 7 fustas, e um catur, mandou ao Feitor Duarte Barreto, que desse immediatamente o preciso para se concertarem os mesmos navios; e o Feitor lhe respondeu que na feitoria não havia cousissima alguma do que se precisava para o concerto, do que o Capitão ficou bastante triste, e a gente toda muito mais.—O Padre então levantando os olhos, e correndo a vista pelos circunstantes disse: = «Ora sús irmãos, e senhores meus: não vos entristeçaes, porque vos affirmo que Deos N. Sr. he comnosco; e de sua parte vos requeiro que nenhum se negue a ir nesta santa jornada, porque elle nos manda que assim o façamos.—E quanto ao inconveniente, que o Feitor poem da falta do necessario para o concerto da armada, não ha isso de ser bastante para nos fazer tornar atraz do nosso santo proposito.» =Com isto pôz os olhos em sete dos que estavam á roda, todos Capitães, e senhores, que tinham náos suas, e eram ricos e honrados, e nomeando-os por seus nomes, disse a cada um delles = «Irmão meu, cumpre á honra de N. Sr. Jesus Christo que vós, como servo seu, tomeis a vosso cargo concertardes aquella fusta, que alli está (sinalando a cada um a sua) com a maior brevidade que fôr possivel, por que tam-

bem cumpre muito a seu serviço; e quanto ao premio do vosso trabalho, eu vos fico que elle vos seja pago a cento por um; o que elles todos aceitaram com tal fervor e zelo santo, que logo se disse, que era isto mais obra de Deos, que dos homens, e todos os sinalados pelo Padre na mesma hora puzeram mãos a obra.

59—Tal foi o esforço e diligencia que se empregou na obra do que parecia impossivel fazer se em um mez, ainda que lhe sobejará tudo, se fez em cinco dias, porque em cada uma das fustas trabalharam mais de 100 operarios.— Em quanto a armada se aparelhava, o Capitão da Fortaleza nomeou Capitão-mór da empresa a D. Francisco d'Eça seu cunhado, e o Padre M. Francisco se resolveu decisivamente a acompanhal-o na jornada.—Os Irmãos da Misericordia sabendo da determinação do Padre se ajuntaram com todos os casados, e levando comsigo o mesmo D. Francisco d'Eça, se dirigiram ao Padre e lhe pediram da parte de Deos, que não desemparasse aquella Fortaleza que ficava tão só, com a sua ausencia, porque aliás protestavam de se irem com elle.—O Padre com um tal pedido ficou embaraçado, segundo nelle se vio, porque a sua nobre condição e grande caridade lhe dictava condescendencia com os dous extremos oppostos, mas isto não podia ter logar.—Sobre o que tendo havido conselho com rasões pro e contra, o mesmo D. Francisco, por entender ser assim necessario, pediu ao Padre que fizesse vontade aquelle povo, e elle cedeo.—Em sua consequencia fez uma breve pratica espiritual com que consolou a todos os presentes, e entusiasmou a gente que ia na armada a ponto de protestarem logo alli de morrerem todos pela Fé de Christo.

CAPITULO 33.

Do accidente que soffreu a Capitania da armada; de como o remediou Xavier, e fez desvanecer o descontentamento que havia por causa da expedição.

60—Estando já a armada prestes a partir, composta

de 7 fustas, e 1 catur, com 180 bons soldados; apenas a fusta Capitania, com grande regosijo de todos, havia dado as velas, se socolreu, salvando-se unicamente a gente, de que o povo ficou confuso, os da armada com animo perdido, e todos como pasmados!—Este mao successo deu occasião para alguns soltarem demasiadamente a lingua, dando por autores do mal ao Capitão Simão de Mello, e ao Padre Mestre Francisco, e para dizerem em altas vozes que aquella fraca armada mandavam entregar aos Achês, para, a sua vontade, a destruirem com a gente que levava, porque ella se compunha de 7 fustas, e a do inimigo de 70, e os nossos eram 180 homens, e os delle 5000.—A disproporção era em verdade demasiada, por isso ella deu credito ao que diziam, e fez quasi amotinar o povo.—As diligencias do Capitão e as da Justiça não tendo sido bastantes para fazer conter a exaltação dos animos, o Capitão da Fortaleza, e o Capitão-mor da armada mandaram a pressa chamar o Padre Mestre.—O mensageiro achou o Padre dizendo missa, e na passagem de—*Domine non sum dignus*—com o Sr. nas mãos, deixou-o commungar, e depois chegou-se a elle para dar o recado; mas Xavier lhe acenou com a mão para que não fallasse.—Concluida a missa disse ao mensageiro, sem elle dar-lhe o recado que levava=« *Ide, meu Irmão, e dizei ao Capitão que logo vou, e que se não aguste Sua Mercê por cousa nenhuma, porque nas maiores pressas he o Senhor*=» (112).

61—O Apostolo depois de tirada a vestimenta fez uma fervorosa oração de joelhos diante de uma imagem da Sacristia, e concluida a mesma se dirigiu á Fortaleza.—O Capitão vendo o Padre sahiu a recebel-o dando seis á sete

(112)—O Padre Sousa traz este recado nos seguintes termos= « Tornai, disse, para casa, e dizei ao Sr. Capitão da minha parte que não se afflija, que Deos não falta a quem espera nelle, e que nos maiores apertos se mostra mais liberal. »=

passos, e affrontado da soltura, e união do povo, lhe disse—« *Que he isto Padre meu? Ouça V. Reverencia o que diz esta gente, e desculpe-me para com ella, já que não sou poderoso para lhes tapar as bocas*—» Xavier com rosto severo, e semblante alegre lhe respondeu :—*Valha-me Deos: e com tão pouca cousa se agasta V. Mercê? Não seja assim: tenhamos firme fé no Senhor, e na sua omnipotencia, porque elle terá cuidado de remediar nossas faltas* ;—e abraçando com isto todos os Capitães e Soldados, lhes recommendou a primeira firmesa do seu bom proposito.—Praticando-se depois sobre o successo da fusta e se devia ou não a armada seguir o seu destino: o Capitão Simão de Mello, vendo o grande numero dos discontentes, para seu descargo quiz consultar os Cidadãos e Soldados, por meio de votos.—Mandou para esse fim fazer assento por Balthazar Ribeiro, Escrivão da Alfandega e da Feitoria, em presença de todos os Officiaes da Justiça e da Fazenda.—A votação dos Cidadãos foi, *que era temeridade o que se cometia*, fundando todas as rasões, e causas, que para isso davam, naquelle desastre, *dizendo que viera aquillo por permissão Divina ; porque quiz Deos atalhar outro mal muito maior, como se houvera de seguir, se o intento do Capitão e do Padre fôra por diante*.—Os pareceres do Capitão-mór, e mais Capitães e Soldados porém consistia em dizerem todos— *que ainda que vissem a morte diante dos olhos, se não haviam desdizer do que tinham promettido a Deos, e que assim o tornavam de novo a prometter, e jurar ; porque tanto montavam 6 fustas; como 7, pois a copia da gente toda hia nas seis*.

62—Em vista deste resultado inutilisou-se o Assento, e o Capitão não ficou desgostoso, pela honra que esperavam que ganhassem naquella ida; e assim em geral todos os da Fortaleza, e em particular o Capitão-mór e outros Capitães da empresa. —O Padre Mestre Francisco vendo a firmesa, e bom proposito dos Capitães e Soldados, lho louvou muito, e lhes disse.—*Que tivessem to-*

dos muita confiança em Deos N. Sr., porque em lugar daquella fusta perdida, elle lhe traria alli muito cedo duas, e que disso fossem todos mui certos, porque assim havia de ser sem falta alguma naquelle mesmo dia.—Todos os presentes lhe deram credito, pelo que ouviram; mas não faltaram tambem alguns que com palavras retorcidas, nascidas de animos incredulos, dessem de entender que era aquillo invenção, com que o Padre os queria consolar.—Dissolvida a assemblea, todos tinham a vista sobre o mar, conforme a fé que cada um tinha: sendo porem quasi o tempo de pôr-se o sol se deu rebate de cima do Outeiro de N. Sr.ª que appareciam duas vélas latinas, com que todo o povo se alvoroçou.—O Capitão despachou logo um Balão para trazer noticia do que era, o qual na volta deu conta de serem 2 fustas, em que hiam 60 portuguezes, de uma era Capitão Diogo Soares o Galego, e da outra Balthazar Soares seu filho, que vinham de Patane, e seguiam para Pegú.—Disto se deu logo parte ao Xavier que estava em N. Sr.ª, o qual sahindo fóra da Ermida para se informar melhor, encontrou-se com o Capitão que a grande pressa o hia buscar, para lhe agradecer do bom prognostico, a quem o Padre disse: *Vá-se V. Mercê fazer oração a N. Sr.ª, e mande me logo esquêpar o balão, porque quero fallar com Diogo Soares antes que passe de largo, já que leva a determinação que dizem.*

63—De facto Xavier partiu logo, acompanhado do *Alcaide do mar*, em um balão; chegou bastante tarde, mas foi recebido por Diogo Soares com grandissima festa e alegria.—O Padre dando-lhe conta do acontecido lhe pedio por Deos N. Sr., e pelas suas chagas, que por honra sua acompanhasse a D. Francisco d'Eça.—Diogo Soares lhe respondeu, que elle vinha com determinação de não tocar Malaca para lhe não obrigarem a pagar direitos das fazendas que levava; mas já que Sua Reverencia lhe pedia com taes palavras, e lhe requeria da parte de Deos, cedia ao seu pedido, mas levando-lhe declaração do Capitão e dos Officiaes da Alfandega que não seria obri-

gal a pagar direitos das fazendas, alias que não entrava no porto.—O Padre Mestre depois de lhe agradecer da sua promessa, e prometendo-lhe mandar o que pedia, se despediu delle pela meia noute.—Chegado a Fortaleza deu conta ao Capitão do que tinha ajustado com Diogo Soares: immediatamente o Capitão mandou passar a Provisão requerida, e a remetter pelo Capitão-mor D. Francisco para maior satisfação de Diogo Soares.—Pela manhãa cedo Diogo Soares veio surgir ao porto, e desembarcado em terra foi recebido com muita satisfação pelo Capitão, e povo que estava reunido.—Em seguida foram todos a Sé e ouviram missa do Padre Mestre Francisco, e depois trataram dos aprestos da armada e sua partida.

CAPITULO 34.

Da partida da armada contra os Achens: do que se passou em Malacu com o falso rumor da perda della: da tentativa do Rei de Jantana contra a Malacu: e da revelação feita pelo Padre Mestre Francisco da victoria da armada.

64—Fornecida a armada do necessario largou do porto, em uma sexta-feira 25 de Outubro de 1547 (113), composta de 8 fustas e um Catur, levando 230 Soldados escolhidos.—No entretanto que a armada seguia a sua derrota, com varios ventos, para chegar ao ponto dado, segundo as instrucções que levava, o Padre Mestre Francisco nas sextas-feiras e Domingos, em que pregava, pedia no fim do Sermão que resassem um *Pater Noster*, e uma *Ave Maria* a N. Sr. Jesus Christo para que elle tivesse por bem dar victoria aos que hiam na armada a pelejar com os inimigos da Santa Fe.—Os ouvintes resaram o *Pater noster* durante 15 a 20 dias; depois do que

(113)—O Padre Sousa diz em uma sexta-feira 21 de Outubro, Or. Conq. Conq. III. D. I. § 41.

não tendo absolutamente noticia alguma da armada, assentaram que os Achens a tinham tomado.—Confirmou esta presumpção um rumor surdo espalhado pelos Mouros, como sabido de um Lauchára vindo de Salangôr, de que em um tal dia junto da barra de Pera os Achens haviam tomado a armada, e passando a fio de espada todos os que nella hiam, a tinham levado para o Achem. —O Capitão com todas as suas diligencias não pôde vedar o mesmo rumor; e, ou arrependido do que fizera, ou enfadado do que ouvia, raras vezes se apresentava em publico, contra o que aliás praticava.—Os declamadores, que de tudo faziam cabedal para dar vulto ás suas conjecturas, não deixaram passar desapercebido o não usado retiro do Capitão para sustentarem a perda da armada.

65—De facto, tal vulto fez esse boato falso, que o Rei de Jantana (114) filho do antigo Rei de Malaca, que residia em Andraguiré, porto seu na Ilha de Sumatra, sendo avisado da noticia que corria, veio logo com uma frota de 300 vélas meter-se no rio de Muhar, a 7 legoas da nossa Fortaleza.—Colocado já em um ponto certo, despachou Balões de remos por toda a costa para saber a certesa do que se dizia, para com ella seguro se meter em Malaca.—Assim mais para dissimular este seu pensamento e obter facil entrada no Porto, mandou visitar o Capitão com uma carta do theor seguinte: ==« Esforçado Senhor Capitão: Estando eu na crecença da Lua em Andraguiré com esta armada prestes, para a mandar sobre El-Rei de Patane, por algumas rasões que me moveram a castigal-o, de que tu já terás alguma noticia, fui certificado das crueis mortes, que os Achens deram aos teus, de que tive tanta dôr em meu coração, como se todos foram meus filhos; e porque sempre desejei mostrar a El-Rei de Portugal meu irmão o amor entranhavel, que lhe tenho, tanto que soube esta triste nova, esquecendo-me da vingança, que

(114)—O Padre Sousa, diz o Rei de Viantana, Or. *Conq.* Conq. III. D, 1. § 42.

pretendia de meus inimigos, me vim meter aqui neste rio para delle como bom amigo te soccorrer com minhas forças, gente, e armada: pelo que te peço muito, e da parte do teu Rei, meu irmão, te requeiro, que me dês licença, para em seu favor, e ajuda ir surgir nesse porto, antes que os inimigos a teu despeito o façam, como sou informado que querem fazer.—Sepetú da Raja meu Aurobalão te dirá por palavra o subejo, com que desejo agradar em tudo a El-Rei de Portugal meu irmão, e como seu verdadeiro amigo estou aqui esperando por tua reposta, com a qual porei logo em effeito isto, que pretendo fazer por elle.»=

66—O Capitão depois que lêo a carta, fingindo que não entendia a sua damnada tenção, lhe respondeu com os agradecimentos correspondentes aos offerecimentos, que lhe fazia, encubrindo com tudo suas faltas, e mostrando, que não havia mister de soccorro algum, porque estava de tudo bem provido.—Com estes comprimentos dissimulados de um e outro, esteve o inimigo as portas da Fortaleza por 23 dias, dando em todos elles muito cuidado.—Tendo finalmente voltado os seus baléos com a noticia, não esperada, nem desejada por elle, da victoria dos nossos, ficou tão magoado, que de nojo mandou matar o primeiro que lhe deu tal noticia, e immediatamente mandou largar para Bintão, fingindo estar acommettido de febres.

67—Voltando ao Padre Mestre Francisco: continuava este perseverantemente em pedir no fim de todos os seus Sermões um *Pater Noster* e uma *Ave Maria* pela victoria dos nossos: os ouvintes porém que criam a armada perdida, assim pela voz que corria, como por não haver noticia della desde a sua partida, entendiam que a encommendação do Padre Mestre era mais por comprimento, do que por lhe parecer que era ainda necessario; por tanto se acotovellavam entre si com risinhos, e palavras retorcidas dizendo uns «Bofé, Padre, *muito melhor fora esse* Pater Noster *por suas almas, que por esta victoria que dizeis, e de que Deos a vós e ao Capitão ha de pedir estreita conta, por serdes ambos causa de suas mortes*» e outros por zom-

baria—« *Desses e dos ungidos ha ahi tão poucos, que não ha nenhuns;* » e outros—« *Se os vós alguma hora virdes, bem vos podeis benzer delles.* »—Finalmente em um Domingo 6 de Dezembro (115) do referido anno de 1547 estando o Padre Mestre quasi no fim do seu Sermão, se virou para o Crucifixo, que estava em cima no arco da Capella, e fallando com elle com devotissimas palavras, envoltas em muitas lagrimas, de que todos os ouvintes estavam pasmados; propôz por figuras toda a batalha dos nossos como passava, e lhe pediu com grande efficacia, que se lembrasse dos seus, porque ainda que eram peccadores, e muito peceadores; todavia professavam seu Santo Nome com protestação continua de viverem e morrerem na Santa Fé Catholica: e em muitos passos apertando os punhos das mãos com um fervor impetuoso, e o rosto abrasado dizia—« *O' Jesu Christo, amores de minha alma, pelas dores da vossa Sagrada Paixão que nos não desampareis;* » e a este modo muitas palavras: (de que não estou lembrado, diz o Autor) no fim das quaes inclinou a cabeça sobre o pulpito, como que descançava daquelle trabalho, e assim esteve por espaço de dous a tres Credos, depois do que tornando-a a levantar, com rosto alegre, e bem assombrado disse aos presentes;—« *Dizei um Pater Noster, e uma Ave Maria pela victoria, que Deos N. Senhor agora deu aos nossos contra os inimigos da sua Santa Fé* (116), com que em toda a Igreja houve muito rumor de devoção, e de lagrimas.

(115)—O Padre Sousa no seu *Or. Conq. Conq. III. D. I* § 11. diz *Domingo* 4; e o Padre Vieira no seu *Xavier accordado* sermão 3.º *confiança* diz *Domingo* 6 como a testimunha ocular a quem seguimos.

(116)—O Padre Sousa accrescenta neste logar que o Apostolo disséra—*Sexta-feira chegará aqui quem nos traz a nova: pouco depois vereis a armada victoriosa, rica com os despojos dos seus, e dos nossos inimigos.* Or. Conq. Conq. III. D. I. § 11.—E o Padre Vieira—*Quarta feira chegará a nova, e sexta-feira veremos a mesma armada, Xavier accordado*, sermão 3.º confiança.

68—Dahi a seis dias (em dia sexta-feira) quasi solposto chegou um balão, que fôra dos inimigos com um soldado por nome *Manoel Godinho* a pedir alviçaras da victoria ao Capitão, o qual relatando em publico todo o successo della, disse *que fôra o Domingo de ante as dez horas do dia*, que pela conta se achou que fôra na propria hora, em que o Padre o disse do pulpito; pelo que sem duvida tiveram todos para si, e confessaram publicamente, que Deos N. Senhor lho revelára em espirito, como se já vira em outras cousas, que logo alli se contaram como feitas, e ditas por elle.

CAPITULO 35.

Da navegação da armada: da sua ida ao rio de Parles: da noticia que aqui teve do inimigo, e do preparativo que fez para o receber.

69—Velejando a armada com vento prospero, aos 4 dias chegaram a Pullo Cambillão, distante 60 legoas de Malaca, onde largou o ferro, conforme as instrucções que tinha, e alli se deixou ficar por alguns dias, sem poder obter noticia do destino do inimigo, que por tanto se supunha já de volta para Achem.—O Capitão-mór pôz em conselho o negocio, e sendo as opiniões encontradas, se resolveu em se não afastar do seu regimento, e deu ordens para se fazer na volta de Malaca; mas apresentando-se ventos pouteiros pela prôa, ficou a armada como pregada, sem poder dar um unico passo avante por 23 dias.—Como porem ella levava mantimento para um só mez, e eram já passados 36 dias, e não tinham já cousa alguma para comer, se vio forçada a largar as velas para ir buscar mantimento a Junçalão ou a Tanaucarim, portos muito distantes, na costa do Reino de Pegú (117).—Chegada a armada

(117)—Pegú: He um Reino da Azia, situado na Costa oriental do Golfo de Bengala, no Imperio Birmaa, dista de Ava 100 leg. —Long. 93:33—Lat. 17:10 *Vosgien.*

na costa de Guedá (118), e entrando no rio Parles para fazer agoada, vio de noute passar um parão de pescadores ao longo da terra.—O Capitão-mór o mandou buscar para saber delle o logar da agoada.—Trasido o parão, elle fez agazalho aos que vinham nelle, de que elles ficaram contentes: e perguntados um por um de algumas particularidades necessarias, responderam todos que a terra estava toda deserta, e o Rei fugido para Patané, por causa de uma grossa armada, que havia mez e meio que alli estava de assento com 5 mil Achens fazendo uma Fortaleza, e esperando as náos dos Portuguezes que viessem de Bengala (119) para Malaca.

70—Em vista destas noticias não esperadas, o Capitão-mór chamando os Capitães a conselho propôz o objecto, e todos unanimente accordaram que se mandasse logo 3 balões pelo rio acima para trazerem noticias certas do inimigo, e que entre tanto se lizessem todos prestes, e não perdessem da memoria o que Padre M. Francisco lhes encomendára, que era *interiormente trazerem sempre Christo crucificado em suas almas, e no exterior mostrarem prazer, e alegria com bom esforço, porque com estas mostras de fóra se animassem os fracos, que hiam ao remo.*—O Capitão-mór provêo com toda a brevidade em tudo, o que era necessario, e mandou que toda a artilheria se disparasse, e se embandeirassem as fustas, o que tudo se cumpriu.—Prestes os tres balões o Capitão-mór mandou no primeiro por Capitão dos outros a Diogo Soares, no 2.° a Balthasar Soares seu filho, e no 3.° a João Alvares de Magalhães.—Os balões seguindo a viagem na distancia de 5 a 6 legoas deram de rosto com 4 balões dos inimigos, dos quaes um fugiu, e os nossos tomaram tres, para os quaes passaram logo, por serem melhores, e largaram fogo

(118)—Guedá: He um Reino situado nas visinhanças do Estreito de Malaca. Long 116:30—Lat 6:25 *Vorgien.*

(119)—Bengala: Vasto paiz da India atravessado pelo rio Ganges.—A sua Capital era *Mosouabad*, e hoje *Calcutta*.

100589

aos em que havião hido.—Alcançada esta victoria, voltaram os balões á armada, trazendo 6 Achens que escaparam vivos, os quaes perguntados sobre varios objectos, responderam com contumacia unicamente: *Mate, mate, quita fadulce*, que quer dizer: *Matai-nos, matai-nos que não nos dá nada disso.*—Foram por isso metidos a tormentos sem piedade, de que 2 morreram logo, 2 atados de pés e mãos foram lançados ao rio, os restantes 2 confessaram que haviam 42 dias estavam naquella terra como sua, onde tinham morto 2 mil pessoas, e tinham cativas quasi outras tantas.—Que tinham mandado ao Rei de Achem uma parte do grande despojo daquellas terras.—Que o seu Capitão-mór para satisfazer ao regimento que trazia, em que lhe ordenava que demorasse nequelle rio e tomasse todas as embarcações que de Bengala fossem a Malaca, sem dar quartel a Portuguez ou Christão algum, ficava ali demorando por tanto tempo.—Que quando se ouvira os tiros de artilheria julgara que as naos esperadas eram chegadas, por tanto a armada se preparava, e não tardaria muito a chegar.

71—O Capitão-mór com a referida informação se fez logo prestes para receber o inimigo.—No immediato dia que era Domingo, ás 9 horas da manhãa os balões de espia vieram-se safando do inimigo, gritando com vozes muito altas: = « *Prestes, prestes, prestes com nome de Jesu*, que aqui temos os inimigos. »— Com este rebate houve grande alvoroço em toda a armada.—O Capitão-mór vestido galhardamente de suas armas correu todos os navios animando a todos os Capitães e Soldados, e trazendo-lhes a memoria o que lhes encommendara o Padre Mestre Francisco, que por elles estava orando continuamente a N. Sr., cujas lagrimas e orações haviam de ser ouvidas, e muito aceitas diante de Deos, pois era elle tão santo como todos sabiam; por tanto lhes convinha trabalhar para levar bom nome diante delle, porque a armada, e os Soldados delle se chamavam do nome de *Jesu*, nome que o Bemaventurado Padre lhes puzera quando

partiram.—Desta maneira exhortando-os se recolheu á sua não, e apenas entrava nella se descubriu a armada inimiga, que com grande grita, e estrondo de diversos instrumentos, e já na ordem de batalha vinha disposta da maneira como se segue.

CAPITULO 36.

Da cruel batalha da nossa armada com a do inimigo, no rio de Parlés, e da gloriosa victoria que aquella alcançou sobre esta apóz um mortifero combate.

72—Na dianteira da armada vinham 3 galeotas de Turcos comboiando um lanchará, em que vinha o Capitão-mór Biyayá Sorá, entitulando-se Rei de Pedir (120), atraz destas viñham 54 náos em 9 fileiras, cada uma de 6, e eram ao todo 58, além de lanchas, e fustas que atiravam camelletes por prôa, e algumas meias esperas com seus falcões na coxia, afóra muitos berços, e outra artilheria meuda.—Como todas ellas vinham arrojadas pela violenta corrente do rio, acompanhadas do estrondoso sôm de variados instrumentos guerreiros, grita horrida da chusma, e descargas de arcabuzeria representava tudo isto objecto de tal terror e espanto que as carnes tremiam de mêdo.—A 1.ª fileira arremetteu á nossa ala dianteira, em que estava o Capitão-mór D. Francisco d'Eça, e o combate se travou entre ambas, em que os Capitães-mores se encontraram, e estando no calor d'acção um tiro de camello da fusta de João Soares se empregou tão bem no lanchará do Biyayá que a meteu no fundo com morte de mais de 100 Mouros.— As galeotas querendo acudir aos que lutavam contra a morte no rio, especialmente o seu Capitão-mór, se embaraçaram todas tres, a que acresceu, com a rapidez da corrente, vir cahir sobre ellas a 2.ª fileira, após esta a immediata, e assim todas as mais, e

(120)—Pedir: He um Reino da Ilha de Sumatra, Vorgião.

tornar-se tudo um grupo confuso inconcebivel, sobre o qual a nossa armada empregou tres surriadas tão certeiras que lhe meteu 9 lancharás no fundo, e as outras quasi todas ficaram destroçadas.—Vendo os nossos o bom successo da primeira acção, e como Deos ordenava tudo em seu favor, cobraram tanto animo e esforço, que invocando o nome de *Jesu* arremeteram ao inimigo tanto sem medo, que 4 fustas das nossas abalroaram 6 das suas, e lançando-lhes muita quantidade de panellas de polvora, e praticando outros meios apropriados conseguiram em meia hora matar 2000 dos inimigos.—Os restantes que estavam ainda vivos se lançáram ao rio, obrigados do aperto em que se achavam, contando salvarem-se a nado, mas todos se affogaram, porque estavam uns feridos, outros queimados, e todos quebrados de forças com luta desesperada que haviam sustentado.—Os nossos, já desaffrontados do inimigo, deram muitas graças e louvores a N. Sr. pelo bom successo de tão gloriosa victoria, e se apoderaram da armada inimiga que eram 38 vélas, afóra as 9 que se meteram no fundo, sem escapar mais que tres, em que se salvou Bivayá Sorá, gravemente ferido.

73—Na armada se acharam 300 *peças de artilheria*, sendo a melhor parte *falcões* e *berços*, inclusive 62 *com as armas portuguezas*, que elles em outro tempo tinham tomado; além disto 800 *espingardas*, e grande quantidade de *zarquinchos*, *lanças*, *terçados*, *arcos*, *frechas*, *crizes*, *azagayas* guarnecidas de ouro.—O Capitão-mór mandou fazer resenha da sua gente, e se acharam mortos dos nossos 28, sendo 5 portuguezes, e feridos 150, destes 70 portuguezes.—A fama desta gloriosa victoria tendo rapidamente corrido por toda aquella terra, o Rei de Parlés que estava refugiado no mato, com uns 500 dos seus, deu na tranqueira que o inimigo lhe havia tomado, e onde estavam todas presas, que lhe tinham feito, e cuja guarda eram 200 doentes, aos quaes todos passando a fio da espada recuperou o mesmo despojo.—Em seguida o Rei veio visitar a D. Francisco, e lhe deu os parabens da victoria, e

prometteu com juramento solemne de ser vassallo d'El-Rei N. Sr. com tributo de dous cates de ouro cada anno, que são 500 cruzados, e que lhe promettia tão pouco por que não tinha possibilidade para mais, do que se fez assento assignado pelo Rei.—D. Francisco se fez logo prestes para voltar para Malaca, e vendo que não tinha gente para marear tantas velas, lhes mandou largar fogo, e trouxe comsigo unicamente 25.—Na viagem tomou um Parao com 15 Achens, os quaes postos a tormento, confessaram que os mortos no combate, e afogados eram mais de 4000, que 500 delles eram *Orabalões* de manilha de ouro, que são fidalgos, 60 *Turcos*, e 20 *Gregos* e *Janizaros* que tinham vindo de Judá a Pacém (121).

CAPITULO 37.

Da partida de Xavier para Goa, tocando Cochim: das tormentas que soffreu na viagem, e como dellas se salvou.

74—No fim de Dezembro navegou Xavier para Cochim, onde lançou ferro a 12 de Janeiro de 1548.—Mandou diante na não de Gonçalo Fernandes 19 ou 20 meninos Maluquezes, para se crearem no Seminario de Santa Fé em Goa; e ainda que Gonçalo Fernandes não quizesse aceitar outra paga que o merecimento da esmola; o Santo com tudo lhe recompensou os fretes, avisando-o tres vezes de um grande perigo em que se vio, batendo com a prôa da não em um penedo; porém Deos o livrou pelas orações do seu servo.—O motivo de o Santo ir a Goa era com vistas de solicitar do Governador da India as necessarias providencias, e trazer Padres para passar a Japão (122), e ali prégar o Evangelho.—O desejo de ir áquelle Imperio foi

(121)—Pacém: Cidade da Ilha de Sumatra, no Reino de Achem, *Vosyien.*

(122)—Japão: He um grande Imperio formado de muitas Ilhas, de qual daremos noticia em outro logar.

suscitado no animo do Apostolo á chegada a Malaca do Japão *Angiro* (123) na companhia de Jorge Alvares, e Fernão Mendes Pinto (124), o qual desde o primeiro encontro se entregou inteiramente a Xavier.—Continuando pois o Santo com o seu Japão a viagem para Cochim, no Golfo de

(123)—Angiro: A historia deste Japão consiste em elle ter escapado a bordo da nao de Jorge Alvares, ajudado de Fernão Mendes Pinto, de 20 homens a cavalo que o perseguiam, tratando-o de traidor.—*Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto Cap. CCII.

(124)—Fernão Mendes Pinto. Este nome, que pertence a um extraordinario navegante do seculo 16.°, e cujas viagens, e trabalhos se parecem com os das 7 aventurosas viagens do celebre *Sindbad o Marinho* das mil e uma noites, e feitos quasi romanticos do singular Bispo de Alicarnasso (D. Antonio de Noronha) de quem já fallamos (nota 85), está associado á muitas passagens da portentosa vida do nosso glorioso Apostolo, de quem tratamos; e como mais veses temos de produsir o testemunho daquelle famoso viajante em prova das maravilhas obradas pelo nosso Santo, e por elle presenceadas em differentes regiões, que percorreram juntos, he indispensavel dar aqui uma breve noticia do que lhe respeita particularmente, o que faremos, extrahindo-a do Livro das suas *Peregrinações*, por elle mesmo escrito, e do que a seu respeito refere o Padre Sousa no seu *Oriente Conquistado*, a fim de chegar ao conhecimento daquelles dos nossos Leitores, que não tiverem lido as alludidas peregrinações, *tão verdadeiras na bocca dos noticiosos, como duvidosas na opinião do vulgo* (como diz o citado Padre Sousa), pelo seu maravilheso, e a que se deve a troca do seu sobrenome de *Pinto* em *Minto*; mas que hoje os modernos viajantes, em resultado de observações, fazem a merecida justiça aquelle seu escrito.

Fernão Mendes Pinto, nasceu na Villa de Montemor o Velho, de pais pobres.—Veio a Lisboa em 15 de Dezembro de 1521 (dia de quebra escudos pela morte d'El-Rei D. Manoel), e se embarcou pouco depois para Setubal, residencia então d'El-Rei D. João 3.°—Na viagem foi prisioneiro de um corsario Francez, que o lançou nas praias de Melides, mesmo em Portugal, donde passou para Santarem, e annos depois voltando para Lisboa, se embarcou para a India em 11 de Março de 1537.—Invernando em Moçambique naquelle anno, chegou a Diu em 5 de Dezembro de 1538, sendo Capitão da sua Fortaleza o illustre e valente Antonio da Silveira, ir-

Ceilão foi assaltado por uma horrivel tempestade, que o proprio Xavier achou maior de quantas tinha visto.—Tres dias, e tres noutes durou a tormenta, em uma das quaes cresceu a tanto excesso o impeto dos ventos, e

---

mão do Conde de Sortelha), e em tempo em que estava aquelle theatro de gloriosos feitos portuguezes, ameaçado pelo grão Turco com todo o seu formidavel poder.—Descançando apenas 17 dias se embarcou para o Estreito de Meca, para explorar a armada Turca, cuja vinda se recevava.—Nesta viagem começaram ao nosso intrepido navegante as suas quanto perigosas, tanto fadigosas peregrinações na *Ethiopia, Arabia, China, Tartaria, Macassar, Sião, Pegú, Martabão, Sumatra, Japão etc.*, nas quaes foi 13 vezes captivo, e 16 vezes vendido! Estando já em Goa em 1551, com destino para Portugal, no mesmo dia (16 de Março) em que fôra condusido e depositado na Capella-mór da Igreja do Collegio de S. Paulo, o corpo do nosso Glorioso Apostolo, tendo chegado um Embaixador do Rei do Japão com um rico presente, e uma interessante carta (está transcrita no Cap. CXXVIII. das Peregrinações, e a não reproduzimos por muito longa), na qual o Rei perguntava ao V. Rei o motivo porque o nosso Santo não tinha voltado ao Japão, como havia promettido; e pedindo-lhe que rogasse de sua parte ao Santo, *já que os Reis da terra lhe não podiam ordenar*, para cumprir a sua promessa naquella monção.—O V. Rei apresentando aquella carta ao Padre Mestre Belchior Nunes, conseguio que elle se resolvesse a ir naquella mesma monção, e nomeou ao nosso viajante por Embaixador ao Rei.—De facto elles partiram em 16 de Abril do mesmo anno de 1551, e chegaram ao seu destino com muito trabalho em Junho de 1556.—Cumprida a missão voltou o Embaixador e chegou a Goa em 17 de Fevereiro de 1557, e apresentou a Francisco Barreto, que governava o Estado por Via de Successão, a carta do Rei do Japão, e o rico retorno do sagoate que trazia, e o Governador lendo a carta, e examinando as peças do sagoate, disse ao Embaixador=« *Certifico-vos em toda a verdade que tanto préso estas armas, e peças que agora me trouxestes, como o proprio governo da India; porque com ellas, e com esta carta d'El-Rei de Japão espero agradar tanto a El-Rei Nosso Senhor, que depois de Deos ellas me livrem do Castello de Lisboa, aonde os mais dos que governamos este Estado vamos desembarcar por nossos peccados.* »=Finalmente o nosso Heroe voltou para Portugal e chegou a Lisboa a 22 de Setembro

braveza dos mares, que todos se deram por perdidos.— Já a não levada de mares e ventos ia chegando aos baixos de Ceilão, perigosos ainda em bom tempo, quando sahindo Xavier do seu retiro onde estava orando, pediu

---

de 1558, no governo da Rainha D. Catharina, a quem deu a Carta que levava do Governador da India, em abono dos seus serviços, e ella o remetteu ao encarregado dos despachos (Vid. *O Soldado Pratico* do Chronista Diogo de Couto), o qual lhe deu muito boas esperanças, e dellas não passou, desenganado por tanto de obter resultado de suas deligencias *deixou o feito á Justiça Divina*, como elle o diz, e se retirou para descançar de suas fadigas!—

O Padre Sousa porém, a respeito da missão, e embaixada de que tratamos, diz o seguinte (*Or. Conq.* Conq. 1. D. 2. §§ 7.° e 8.°)—Que Fernão Mendes Pinto achando-se em Goa, em 1554, para ir para Portugal, e antes de se embarcar querendo fazer uma confissão geral, recorrera ao Padre Mestre Belchior Nunes, então Vice-Provincial da India, e este o conduzira a Ilha de Chorão (denominada—*Ilha dos Fidalgos*) e na Igreja da N. *Senhora da Graça*, se confessara geralmente.—Note-se que esta Igreja não he a do Noviciado de Chorão dos Jesuitas, porque aquelle Noviciado com a sua Igreja, da invocação da *Senhora da Assumpta*, foram construcções posteriores, e depois da proscripção dos Jesuitas foi o noviciado convertido em Seminario, conforme o A. R. de 21 de Março de 1779, e desde o anno de 1858 está abandonado por mal sadio, e a Igreja da Graça está reconstruida em 1859 em outro local.—Tendo Fernão Mendes acabado a confissão como fica dito, e estando um dia conversando com o Padre M.e Nunes sobre a Christandade do Japão, e casos prodigiosos que observara, no meio da conversação dissera, que se o Padre Nunes se resolvesse a ir para aquelle Imperio, elle, em serviço da Fé, e conservação da Companhia (dos Jesuitas) naquelles Reinos, despenderia com alegre coração até 12 mil pardaos (pardão ou xeraffim he unidade da moeda de Goa, divide-se em 300 réis fracos, ou em 360 fortes) que tinha em dinheiro.—Que com 4 mil pardaos fundaria um Collegio em Amanguchi, donde os da Companhia podessem ir prégar nas mais partes daquelle Imperio, e com isto satisfaria o cordeal affecto com que amava ao Padre Mestre Francisco o nosso glorioso Apostolo).—Que esta resolução repentina de um homem que se afadigára para acumular riqueza parecera ao

a sonda, e atando-lhe no prumo um pedaço da sua lôba, o lançou ao mar fazendo esta deprecação: *Deos Padre, Filho e Espirito Santo, tende compaixão deste povo, e de mim.*— Ditas que foram estas palavras acalmou completa-

---

Padre Nunes obra da mão de Deos, e consultando acerca desta aos Conegos da Sé, e aos Religiosos das Ordens de S. Domingos, e S. Francisco se decidira para a jornada.—Em seguida se dirigira ao V. Rei D. Affonço de Noronha para lhe pedir licença para aquella viagem, e apenas tinha chegado á sua presença, sem ainda ter dito uma unica palavra sobre o negocio que o levava, o mesmo V. Rei lhe disséra: *Que faz V. Paternidade aqui: porque se não vai para o Japão?* E dizendo isto lhe mostrára 3 cartas, que estava lendo, uma do Rei de Firando, outra do de Amanguchi, e a terceira do de Bungo, em que se offereciam por amigos da côroa portugueza, e pediam Padres da Companhia.—Que esta pergunta do V. Rei acabára de persuadir ao Padre Nunes ser inspiração Divina, e respondéra *que esse era o unico motivo da sua vinda ao Paro.*— Assentada pois com o V. Rei a viagem, começou Fernão Mendes a repartir sua fazenda.—Remetteo para Portugal 2 mil cruzados empregados para os parentes pobres—applicou á para outras esmolas—libertou grande numero de escravos que possuia; excepto tres, que quizeram conservarem-se na escravidão.—Comprou ricas fazendas para offerecer aos Reis do Japão, andando nesta divisão do seu cabedal muito mais alegre do que quando o ajuntava.—Que o V. Rei tendo noticia do que praticava Fernão Mendes, e ganhando-lhe por isso affeição, o nomeára seu Embaxador para o Rei de Bungo, e lhe mandára entregar os presentes, e as Cartas de recommendação sobre os Padres.—Divulgada pela Cidade a noticia desta missão se offereceram muitos Seculares, ate matronas de muita idade para fazerem parte della, allegando que podiam servir para pregar a Fé ás Senhoras do Japão.—Em fim assentado o dia do embarque, na vespera o Padre Nunes passou a Chorão a tomar a benção da N. Senhora da Graça em cuja presença poucos dias antes tinham sido concebidos os desejos da viagem.—Na manhãa do seguinte dia (13 de Abril) disse Missa o Padre Nunes, e renovou os seus votos, conforme o costume da Companhia, e com elle os mais que o acompanhavam, e foram tantas as lagrimas de devoção e caridade, com que se foram abraçando uns aos outros, commovido com aquella vista Fernão Mendes, que estava presente,

mente a tempestade.—Pedro Vaz, que lhe deu a sonda, fez muita festa ao milagre; mas o Santo temperou a sua excessiva alegria com a prophecia de outro perigo que a esperava na sua volta para Malaca.—Aplacada a tempestade seguiram a viagem, e chegaram a Cochim a 12 de Janeiro de 1548 como fica dito.—Deteve-se aqui o Santo o tempo preciso para escrever a Portugal, e a Roma, e voltando ao Cabo de Comorim foi visitar a sua Christandade primogenita da Pescaria, e atrevessando Ceilão aportou a Goa em 20 de Março do mesmo anno.

CAPITULO 38.

De sua hida a Baçaim para fallar ao V. Rei D. João de Castro: do que passou com um seu confessado, e da volta para Goa.

75—De Goa navegou logo o Santo para Baçaim a tra-

sem examinar, como manda o Evangelho, se tinha forças para o que se propunha, levantou a voz, e com o rosto abrasado e todo desfeito em lagrimas *fez voto de pobreza, castidade, e obediencia*, e de viver e morrer na Companhia de Jesu, e de empregar toda a sua fazenda no serviço da christandade Japoneza.— Assim acontece aos que nunca gostaram a doçura do espirito, que quando a primeira vez lhe tomam o gosto, levados da suavidade da consolação não reparam em fazer votos, de que finalmente se arrependem passados os primeiros fervores.—Um dos Companheiros o quiz interromper para que não continuasse, mas foi em vão esta diligencia; porque elle arrebatado do impeto do seu fervor proseguio adiante, e o Padre Nunes, como se tudo viesse de Deos, lhe fez uma breve exhortação, e o recebeo na Companhia.—Sahiram os Padres da Igreja, e o fervoroso noviço se deixou ainda ficar nella, tirou dos dedos alguns annéis de valor, e os poz aos pés de um Menino Jesu, que estava nos braços da Senhora.—Todos estes fervores se foram depois a esfriar, e finalmente desvaneceram.—Acabada a solemnidade se embarcaram logo para Malaca.—Tal he a relação que o Padre Sousa deixou escrita á cerca da missão do Padre Nunes, embaixada de Fernão Mendes, e admissão repentina deste em Noviço da Companhia.

tar do negocio importante a que vinha de Malaca com o Governador D. João de Castro (125), que o recebeo com muita benevolencia e veneração; e como só o conhecia por fama, e não de vista, folgou por extremo de o ver, e conversar, deferindo liberalmente a todas as suas propostas.—Quiz depois ouvil-o prégar, e a despedida lhe rogou, que se demorasse em Goa durante o inverno, porque lhe desejava communicar com mais socego os segredos de sua alma, e lograr de sua presença com algum socego.—Antes de Xavier se embarcar se encontrou com Rodrigo de Sequeira, que tendo commettido em Malaca um grave crime, se havia refugiado no Hospital, onde confessando-se geralmente com o Santo, por sua intervensão havia-se reconciliado com os inimigos, e o promettido passar immediatamente a Europa, e faltando á promessa estava occupando a feitoria de Baçaim.—O Santo lhe disse.—*Ainda estais aqui meo filho, ainda estais na India? Como não fostes para Europa, de que destes palavra a Deos e a mim, e só por esta causa vos ausentastes de Malaca? Quem vos obrigou a retratar a promessa, e a viagem?* Confuso o Sequeira, querendo desculpar-se, lhe disse o Santo=*De não estares em Portugal podeis lançar a culpa a quem vos impedio a viagem, com a conveniencia do Officio; porem que escusa podeis dar de não haver chegado ao sacramento da confissão ha dous annos? Ora ide, e se quereis ser meu amigo, primeiro haveis de fazer as amizades com Deos.*=O Sequeira prometteo de tornar logo aos seus pés, e cumprio, perseverando até a morte na reforma de seus procedimentos.—Despedido do Governador chegou Xavier a Goa a 2 de Abril.

(125)—Tomou posse em os 12 de Setembro de 1545 como Governador, em Outubro de 1547 foi elevado a V. Rei para governar mais 3 annos, mas gozou deste titulo apenas 11 dias, por fallecer em 6 de Junho de 1548.—*Fac-Simile* n.° 13.

CAPITULO 39.

Do seu embarque com um valentão impenitente, da amizade que com elle travou, com reparo dos companheiros: e da conversão que delle conseguio.

76—Preparavam-se neste tempo com muita urgencia 8 fustas para irem em soccorro de Aden, juntando-se á armada, que estava em Baçaim, sob o commando de D. Alvaro de Castro, filho do V. Rei, e em uma dellas se embarcava certo valentão tão desalmado, que achando-se em muitas batalhas a evidente risco de vida, passou 18 annos sem se confessar, e so uma vez se havia posto aos pés do Vigario de Goa, unico então na Cidade, para satisfazer o publico, e o Vigario o havia lançado de si por impenitente e sacrilego, com que elle havia largado inteiramente as redeas á liberdade da consciencia.—O Santo sabendo-o, começou a tratal-o com carinho, quando se encontrava com elle, derramando entre tanto por elle muitas lagrimas diante de Deos.—Chegado o dia destinado á partida, lhe perguntou Xavier em qual das fustas se embarcava, e quem era o seu Capitão.—Respondeu o Soldado a uma e outra cousa.—*O que grande ventura foi a minha*, replicou o Santo, muito alegre, *pois tenho tenção de partir na mesma fusta, e havemos de ir ambos camaradas.*—Aceitou elle a offerta, sem lhe virem ao pensamento os designios de Xavier, e se embarcaram com summo gosto do Capitão, e grande festa dos Soldados, que não penetravam o fim da jornada.—Na viagem foi o Santo dispondo o animo do Soldado, e para grangear-lhe a vontade comia com elle, assistia-lhe quando jogava, festejava seus ditos, defendia suas rasões, e aproveitando as occasiões lhe trazia á pratica a misericordia Divina, a facilidade de confissão, a incerteza da morte e das penas do Inferno, com muita suavidade, e finalmente em occasião opportuna lhe perguntou quanto tempo havia que se não confessava, e elle declarou ingenuamente que havia 18 annos,

lançando porém a culpa á aspereza do Vigario de Goa, que o não quizera absolver, como se Christo não morrera pelos maiores peccadores.—O Santo reprovando a imprudencia dos confessores, exhortou-o para se preparar, e lhe prometteo ouvil-o de confissão, e repartir entre ambos a penitencia como bons, e leaes amigos.—Rendido a estas palavras o valentão, já trocado se poz todo nas mãos de Xavier, para que o fosse dirigindo a uma confissão bem feita, e como toda a dificuldade se cifrava ao exame de tantos annos, o mesmo Santo o foi examinando, e como por isso andavam retirados da conversação dos mais, os Soldados diziam entre si—*que se o Padre Mestre Francisco fosse Propheta, saberia qual era o segredo a quem se fazia tão familiar.*

77—Entre tanto tendo entrado na enseada de Cariapatão (126), saltando em terra se foram os dous para um bosque.—Tiveram curiozidade dois Soldados, de saberem em que vinham a parar tantos segredos, e tão estreita e familiar amisade; e indo-lhes no alcance, cautelozamente, viram que o Santo se sentava ao pé de uma arvore, e que o valentão posto de joelhos se confessava. —Acabada a confissão, e dada a penitencia, que não passou de um Padre nosso, e uma Ave Maria, se internou o Santo mais para dentro, e despindo as costas tomou um Crucifixo na mão esquerda, e com a direita se foi ferindo com umas cadêas de ferro, tão fortemente que todo se lavava em sangue.—Suspeitando o penitente o fim da retirada do confessor, lhe foi seguindo os passos sem ruido, e vendo-o empenhado a fazer aquelle destroço a si mesmo, rompe pelo bosque, e arrojado aos seus pés, chora amargamente, e brada: Ah meu Santo! Eu sou o que heide fazer essa penitencia.—Pede-lhe a cadêa, desembaraça-se dos vestidos, e toma uma boa disciplina, estando vendo tudo, e chorando de devoção

(126)—Cariapatão, ilha de Goa 23 legoas, *Or. Conq.* Corn. 1. D. 1. § 39.

as duas espias.—Então o abraçou o Santo, e lhe declarou como só pela salvação de sua alma tinha feito aquella viagem, e nas primeiras almadias voltou para Goa.

CAPITULO 40.

Da volta do Santo a Goa, sua assistencia a ultima molestia do V. Rei D. João de Castro, e da occupação a que se entregou durante o inverno.

78—Estando já em Goa continuando com os seus exercicios de prégação, doutrinas, confissões, visitas de Carceres (127), e Hospitaes (128), que nunca interrompia em

(127)—Existiam na época, de que se trata, 4 Carceres ou prisões, a denominada *Tronco* na Cidade: *Corrente*, e *Sala* das bragas no Arsenal: e *Corrente* da casa de Polvora.

(128)—Nesta época existiam 3 Hospitaes (na 1.ª edição dissemos 4 por não estar bem averiguada a sua respectiva fundação que agora vai notada); O grande, em tudo, *Hospital Real*, do qual já atraz fallamos: o *de S. Lazaro*—e o de *Todos os Santos* (Vid. as notas 39 e 40)—O 1.º era administrado pela Fazenda, e os dous immediatos pela Santa Casa de Mizericordia—Em 1551 o Padre Paulo Camerte abriu um Hospital á custa do Collegio de S. Paulo, assim para os Christãos como para os gentios; passou depois a Margão, unido ao Seminario ali construido, e depois para Rachol na sua Horta com a frente para a rua direita, onde vimos as suas ruinas:—este Hospital não era da Mizericordia,—Mais tarde o Senado da Camara estabeleceu um outro Hospital sob a invocação de *N. Senhora da Piedade* o qual foi adjudicado em 17 de Setembro de 1681 ao de todos os Santos da administração da referida Santa Casa, e se denominou então=*Hospital de todos os Santos e de N. Senhora da Piedade.*= O Senado no contrato de adjudicação se comprometteo a dar 120 xerafins por mez, (que foram depois reduzidos a 240 por anno), além de 600 xerafins annuaes, juros de 12 mil xerafins doados pelo V. Rei Conde de Linhares que tal vez fosse autor ou concorrente daquella fundação.—Actualmente os tres Hospitaes da administração da Santa Casa estão fundidos em um só, sob a denominação de=*Hospital da Santa Casa de Mi-*

qualquer Cidade ou Fortaleza, em que estivesse, chegou de Baçaim o Governador D. João de Castro, no fim de Abril, o qual passado poucos dias adoeceu, e teve a ventura de fallecer nos braços de S. Francisco Xavier em 6 de Junho (129).—Como a este tempo a barra estava fechada entregou-se o Santo a vida contemplativa, largando de todo as vélas de seu fervor á oração, e trato familiar com Deos.—Em doces e amorozos coloquios com *Jesus Crucificado* empregava as horas do dia restantes de suas ordinarias occupações; e he a esta epoca, e ao Santo que se attribue o seguinte soneto que os seus devotos trazem nos seus Devocionarios ás veses traduzido em Portuguez.

SONETO

A

JESU CRUCIFICADO.

No me mueve, mi Dios, para quererte,
El Cielo que me tienes prometido,
Ni me mueve el infierno tan temido,
Para dejar por eso de ofenderte:

Tu me mueves, Señor, mueve me el verte
Clavado en esa cruz y escarnecido:
Mueveme el ver tu cuerpo tan herido,
Mueveme tus afrentas y tu muerte.

Mueveme enfin tu amor, y en tal manera,
Que aúnque no hubiera Cielo, yo te amara,
Aúnque no hubiera infierno, te temiera.

No me tienes que dar porque te quiera,
Pues que si cuanto espero no esperara,
Lo mismo que te quero te quisiera.

---

sericordia; e o Real Hospital de Militar se chama *Hospital Regimental* desde o 1.° de Dezembro de 1851.

(129)—El-Rei D. João 3.° recommendava muito a este Governa-

79—De noute andava passeando, todo elevado no Céo, entre as devotas Ermidas, uma de S. Antão, e outra de S. Jeronimo, que havia na horta do Collegio de S. Paulo, sem que a frescura do jardim, nem os sopros do vento lhe podessem mitigar os incendios do coração.—Os Padres e Irmãos, que tinham por devoção espreital-o algumas vezes, em certa noute de luar lhe viram accodir com as mãos a desabafar o peito e dizer anciado.—*Não mais, Senhor, não mais*, isto he, tantas consolações.—He em relação a este facto que D. Francisco de la Torre apresenta o seguinte soneto.

SONETO.

Domine sat est.

Ea, Señor reprime tu grandeza,
No toda sobre mi quieras construilla,
Que si inclino à la carga la rodilla,
Adoracion serà de la flaqueza.

Mas como si la llama es ligereza,
En mi es peso, y tan grave? (ò maravilla!)
Truecas su sèr? Tambien para sufrilla
Dispon, que mude yo naturaleza.

Basta, ò mi Dios; que es tempestad la calma:
Y à tanto peso, à tanto ardor no ciego,
Quen podrà ser el Fenix, quien la Palma?

Basta, ò Jesus, que en mar de amar me anego;
O si gustas que muera, aparta el alma,
O si quieres que viva, apaga el fuego.

---

der para que ouvisse o parecer de *Mestre Francisco* sobre todos os negocios tocantes à propagação da fé, em consequencia das contas que o Santo lhe dava (Vid. as Cartas de 20 de Jan. de 1545, 16 de Jan. de 1547, 26 de Jan. 1548, Coll. Vol. 1° pag. 156, 267,

Teve logar este facto na Capella de S. Francisco Xavier, que existe ainda hoje na sobre dita horta (130).

e 323—de 17 de Junho de 1549, e 13 de Abril de 1552, Vol. 2.º pag. 62 e 352) como se póde vêr dos seguintes extractos da C. R. de 8 de Março de 1546, em que El-Rei diz ao dito Governador:

« Por Miguel Vaz, e por cartas de *Mestre Francisco* e por outras soube quanta gente nessas partes he convertida, e se converte ao nossa santa fee catolica »

« E mais adiante diz que manda dez *clerigos* da Companhia de Jesu, e seis frades da Provincia *da Piedade* dos quaes se podem mandar aos lugares, em que houver maior necessidade os que parecer que convem, e são necessarios; o que vós lá ordenareis com a pratica de *Mestre Francisco*, e do Miguel Vaz, e do Bispo. »

E adiante continúa:

« No negocio do Rei de Jafanapatão, e da morte que deu a aquelles martyres recibi grande descontentamento, e o senti tanto como era rasão; o segundo vi por cartas de *Mestre Francisco*, Martim Affonso ordenava de lhe mandar dar o castigo conforme aa calidade do caso.....*Mestre Francisco* me escreve que este Rei tem um irmão, o qual diz que lhe disse que se tornaria christão e o povo todo, se lhe eu desse esta terra etc. »

Esta Carta vem por extenso entre os Documentos, que o Bispo D. Fr. Francisco de S. Luiz accrescentou à *Vida de D. João de Castro* por Jacinto Freire de Andrade, Lisboa 1835.; e he ahi o Decumento n.º 25.

(130)—Diz o Padre Sousa que conforme a tradição para a perpetua recordação do referido—*Não mais*—se fabricára aquella Capella: que ella era toda pintada em quadros da vida do Santo, na qual todos os annos em uma sexta-feira da Quaresma se dedicava ao Santo solemne Missa e prégação, a que concorria a principal nobreza de Goa.—Que as noticias escritas não concordavam com a dita tradição, sobre a construcção, porque o Padre Manoel Xavier nas suas breves noticias do Oriente diz, que o mesmo Santo em sua vida a mandára edificar, e que nella dizia Missa, per tanto se conservava com tanta veneração e decencia. —Que bem póde ser que a mesma Capella fosse uma das Ermidas, em que o Santo orava, quando Deos lhe fez aquelle favor; e que se mudára depois a invocação, e deste modo se fica concordando a tradição escrita com a vocal.

CAPITULO 41.

Da ida do Santo para o Cabo de Comorim, e da noticia que correu do seu martyrio: de sua volta para Goa, e partida para Malaca tocando Baçaim e Cochim.

80—Aberta a barra, em 9 de Setembro o Apostolo partio para o Cabo de Comorim. — Andando Xavier visitando a Christandade de Comorim, correo fama em Goa que os Badegas o haviam aprisionado, e martyrizado pela Fé.

Ainda hoje existe a referida Capella, isto he a parte principal della, que parece era a primitiva Capellinha, e os augmentos posteriores estão em parte abatidos, e outros por abater. —A tradição attribue a milagre do Santo a conservação da Capellinha por tantos seculos em um tal logar ermo, e entre basto mato: que a sua porta era baixa, por ser o Santo de estatura pequena.—O Governo do Estado tem mandado aceiar a Capellinha, o desembaraçal-a do mato, e concertar o caminho, que conduz a ella, para facilitar aos devotos o transito para a visitarem.—Existe igual tradição a respeito da casa do Veneravel Padre José Vaz, situada no bairro Anaulim da Aldêa Sancoale de Salcete.—Visitamos esta casa em 1846, e achamol-a em bom estado, apesar de não ser de construcção solida, ao mesmo tempo observamos as visinhas abatidas, e uma e outra novamente reedificada, e isto talvez seja o fundamento da tradição.—A casa de que se trata tem 3 pequenas janellas á frente: a direita da entrada existe um quarto quadrilongo, em que nascêra e vivêra o P.e José Vaz.—Na parede do fundo deste quarto está um nicho em figura de altar, no qual se vê um crucifixo, dadiva do Cardeal de Tournon.—Voltando á Capellinha: he tambem de tradição que o Apostolo da India na sua vida tinha plantado uma jaqueira á porta da dita Capellinha, cuja casca fazia curar varias doenças, sendo applicadas as suas raspas diluidas em agoa.—Vimos na Capella de St.ª Rita de Maina de Curtorim um crucifixo, cuja cruz, que he de jaqueira, tem no verso a seguinte legenda=*He formada esta cruz do lenho da jaqueira, que plantou o Glorioso S. Francisco Xavier Apostolo da India junto da sua Capella no Collegio velho de S. Paulo de Goa. Anno* 1803.=Pertenceu este crucifixo ao Convento de S. Francisco, e depois da sua extincção, em 1835, o Prelado Diocezano na distribuição, que fez das Imagens

—Ouvidas estas novas, começaram todos a publicar repetidos elogios de suas heroicas virtudes: não se fallava em outra cousa se não na multidão de seus milagres, na verdade de suas prophecias, no fervor de sua caridade, na confiança que tinha em Deos, no soffrimento dos trabalhos, e na pureza angelica de sua vida.—Resolviam alguns de seus devotos e amigos, irem buscar entre os inimigos as reliquias do Santo corpo, e já destinavam para a despesa trinta mil cruzados, tratando muito deveras de pedir a El-Rei D. João que o fizesse escrever no cathalogo dos Santos. —Estando as cousas neste estado 2 Padres vindos da Pescaria trouxeram as felizes novas da vida de Xavier, e com satisfação universal elle entrou pela barra a dentro em 22 d'Outubro.—Com a sua chegada o Santo fez distribuição de differentes cargos do Seminario da Santa Fé, e do serviço das missões, pelos Padres que acabavam de chegar de Portugal, tomada a entrega das mãos do Vedor Geral da Fazenda Cosme Annes do referido Seminario com todos os seus pertences, com obrigação de mandar vir mais Missionarios de Europa, e elle os pedio effectivamente (131).

---

pelas Igrejas, com authorisação competente, deu o referido á Capella sobredita.—Ha quem possue tambem alguns pedaços da mesma jaqueira.—Consta-nos tambem que alguem, abusando da boa fé de um devoto de Portugal, que lhe pedia alguma cousa, que respeitasse ao Santo, lhe mandára uma cadeira de feitio dos seculos passados, como aquella em que o Santo se sentava a porta da sua Capellinha para ensinar doutrina!

(131)—Em Cartas datadas em Cochim em 14 de Janeiro de 1549 a Santo Ignacio, e em 28 do mez e anno ao Padre Simão Rodrigues. Coll. Vol. 2. p 1. e p. 22.—Nestas Cartas o Santo da mui circunstanciada noticia das missões, em geral, pede a Santo Ignacio para mandar para estas missões ao Padre Rodrigues, e a este aconselha para vir, e communica finalmente a ambos a sua ida para Japão.—Já que o nosso Santo tomou entrega do Seminario da Santa Fé, julgamos indispensavel dar aqui alguma noticia da fundação deste Seminario e de suas instituições, extrahida do *Or. Conquistado* e de outros documentos.—Em 1541 os Padres Mi-

81—Determinadas as cousas da maneira referida navegou para Baçaim, e ali dadas as precisas ordens acerca da Christandade, e fundação do Seminario passou á Co-

---

guel Vaz (Vigario Geral) e o Padre Diogo de Borba, ambos Clerigos Seculares, consultando entre si os meios convenientes para o augmento da Christandade de Goa, assentaram instituir uma Confraria sob a protecção e governo dos homens de maior zelo e poder, tendo por empresa=*perseguir a idolatria, e favorecer os novos Christãos*.=Deram disto conta ao Bispo D. Fr. João de Albuquerque, a Fernão Rodrigues de Castello-branco, Vedôr da Fazenda e Governador do Estado, na auzencia de D. Estevão da Gama, ao Dr. Pero Fernandes, Ouvidor Geral, e a Cosme Annes, Escrivão da Matricula geral, e de accordo com elles formularam os Estatutos da projectada Confraria com o titulo de—*Santa Fé*,—e no Domingo de Pascoela, aos 24 de Abril (mez em que S. Francisco Xavier partira de Portugal para a India) assistindo na Igreja da Luz toda a nobresa e povo Goano, o Padre Mestre Borba publicou do pulpito a instituição da Confraria, e merecendo ella approvação dos presentes, foi a Confraria recebendo grossas esmolas para o subsidio dos neophytos (esta Confraria certamente foi a origem das Confrarias e Irmandades das Freguezias). —O Altar deputado á Congregação foi o da *Conversão de S. Paulo* seu Patrono.—Os Congregados para promover a conversão dos infieis considerando que a grande falta que havia de Sacerdotes, e Operarios era um obstaculo para levar a effeito um tão santo fim, julgaram por isso dever fundar um Seminario, no qual se creassem em letras, e bons costumes, meninos de todas as nações orientaes, especialmente *Canarins, Decanis, Malavares, Cingalas, Bengalas, Pegús, Malaios, Jaos, Chinas, Abexins* &c. a fim de que depois de Sacerdotes tornassem as suas patrias, e pregassem o Evangelho aos seus naturaes, e os que, por sua rudeza, não podessem ordenar-se, servissem de linguas, e leis interpretes.—O Vedôr da Fazenda Fernão Rodrigues de Castello-branco deitou logo o projectado Seminario com 800 cruzados por anno, das rendas que tinham sido dos Pagodes da Ilha de Goa, como diz o P.e Sousa no § 25 da Conq. 1.ª Div. 1.ª; mas conforme o Assento de 28 de Junho de 1541, tomado entre o sobredito Vedôr da Fazenda e os Gancares da Ilha de Goa sobre a renda dos demolidos Pagodes, e do outro de 30 do mesmo mez e anno,

chim onde chegou a 13 de Dezembro.—Nesta Cidade se demorou Xavier até os ultimos de Fevereiro, durante este

dividindo as mesmas rendas para differentes applicações; a dotação alludida foi de 300 pardãos, e o mais que sobejasse das respectivas applicações; e no primeiro anno toda a renda ajustada, que sommava em 2000 tangas brancas ou 760 pardãos, como se vê dos mesmos Assentos publicados no Gabinete Litterario Vol. 2.º p. 98 e seg., e reproduzidos no Bosq. Historico das Communidades a p. 10 da 2.ª Parte nota (33).—Advertiremos aqui que estes documentos foram transladados naquellas obras por uma copia, que sendo agora confrontada com o registo que existe no Tombo Geral da Fazenda, se conheceu ser excessivamente incorrecta, todavia o essencial delles, e as quantias indicadas não tendo soffrido mudança servem bem aqui para o fim para que os citamos. — Voltando ao Seminario, em os 10 de Novembro do mesmo anno se deu principio ás obras deste Seminario na rua chamada então (e ainda depois nos documentos publicos) a *Carreira dos Cavallos*, que depois se denominou de *S. Paulo*, em respeito ao Collegio.—Concluida em menos de seis mezes a construcção da casa e Igreja, sob duas invocações, de *Collegio de S. Paulo*, orago da Igreja, e de *Seminario da Santa Fé*, pelo titulo da Confraria, se recolheo nella o Mestre Borba, seu principal fundador com 60 Collegiaes, aos quaes governava como Reitor, e doutrinava como Mestre.—Estando o Seminario neste estado chegou o nosso Apostolo a Goa (em 6 de Maio de 1542, vid. § 13), e o Reitor conhecendo nelle especial talento para educar a mocidade, lhe pediu, e fez muitas instancias para tomar o governo daquelle Seminario, mas não conseguio reduzil-o a acceder ao seu pedido.—Depois tendo chegado a Goa o Padre Paulo Camerte, o Reitor soube convencel-o para se encarregar da lição da Grammatica e da direcção espiritual dos Collegiaes.—Em Janeiro de 1544 voltando a Goa o nosso Santo, a rogo do Mestre Borba foi pouzar ao Collegio de S. Paulo ou Seminario de Santa Fé, e approvou a occupação do Padre Paulo Camerte, e o deixou continuar nella, e augmentou o numero dos Collegiaes com alguns que trazia da Pescaria.—Em 1548 fallecido o Padre Borba, o Padre Camerte (Jesuita) ficou governando só o Seminario, sendo tambem superior dos Religiosos da sua ordem, que nelle residiam, limitando-se porem a sua jurisdicção ao espiritual; por quanto a administração das rendas, e o sustento dos Padres, a

tempo curou um menino que estava ardendo em febres

titulo de esmola, corria á conta dos Mordomos da Confraria. —Tendo, porém, neste anno vindo de Portugal 5 Padres da Companhia, e achando-se tambem em Goa o nosso Santo, julgou Cosme Annes, já então Secretario do Estado, e Vedor da Fazenda (unico mordome que ficava da Confraria de Santa Fé, pelo fallecimento dos outros) que, á vista de suas occupações, convinha entregar o Seminario, e as suas rendas á administração da nascente Companhia de Jesus em Goa, e dando disto parte fundamentada ao Governador do Estado, e ás pessoas principaes da Cidade, verificou effectivamente o trespasso nas maõs do nosso Apostolo, que aceitando o encargo, tomou de tudo entrega em nome da Companhia, o que mereceu approvação Regia.—Verificada a posse se mandaram levantar dous edificios distinctos, um com o titulo de *Seminario de Santa Fé*, dividido em duas Estancias, uma para 100 meninos de varias nações Orientaes, e orfaõs, filhos de Portuguezes, para aquelles que mostrassem engenho para as lêtras, e boa indole para o Sacerdocio serem passados á 2.ª Estancia, aûm de se applicarem a estudos competentes, e os ineptos serem despedidos, ou empregados em algum officio, e os seus logares substituidos por outros; e o outro edificio, sob a denominação de *Collegio de S. Paulo* para a habitação dos Padres da Companhia.—O Santo entregou o governo do Collegio ao Padre Antonio Gomes (em attenção a recomendação do P.e M.e Simão Rodrigues) e nomeou Coadjutores espirituaes aos Padres Paulo Camerte, Antonio Criminal, Nicolão Lanceloto, e Affonço Cypriano.—Ordenado por este théor o governo do novo Seminario o Santo Apostolo se embarcou para Japão.—Em Outubro de 1551 chegando a este Estado o Padre Mestre Gaspar Barzeu, que estava em Ormuz, encarregado de publicar o primeiro *Jubileo plenissimo* concedido á India, á instancia de Santo Ignacio, e de nosso S. Francisco Xavier, levou a effeito esta incumbencia na Igreja de S. Paulo, e aproveitando do ensejo da extraordinaria comoção geral, preparada pelo espirito religioso dominante, e decidida pela publicação do jubileo, para a reforma dos costumes, instituio uma *Procissão de disciplinantes*, que reunidos em todas as sextas-feiras na referida Igreja depois de differentes praticas estabelecidas, se disciplinavam.—Em seguida estatuio as *Prégações, Representações da Passos da Paixão de Christo—a Procissão nas sextas-feiras da Quaresma.—As encommendações nocturnas em alta voz, das*

continuas desde quatro mezes, sem esperança de vida.— Os afflictos pais recorrendo a final ao Santo, elle compa-

---

Almas do Purgatorio, e dos que andavam em peccado mortal, (chamadas Devotas) —os Mestres da Capella—As missas cantadas a canto de orgão — as *Procissões* de meninos com capellas de flôres, etc. etc. —Tal he a fonte donde dimanaram diversos actos religiosos que ainda hoje se observam nas Igrejas deste Estado, e nas das Missões. —Na primitiva essas instituições passaram genuinas ás Igrejas do Real Padroado, levadas pelos Jesuitas, que as exercitaram no Seminario da Santa Fé, e imitadas pelos Franciscanos, Dominicos, e Religiosos das outras Ordens, que igualmente parochiavam.— Ao principio ellas soffreram alguma alteração conforme as circunstancias locaes: como por exemplo, a procissão dos *disciplinantes* fazer parte das procissões dos passos da paixão, na Quaresma, para as quaes em cada Freguezia deste Estado destinaram certo Domingo, ou dia especial da semana, em os quaes ainda hoje continuam as representações dos mesmos passos; desde o Arcebispo S. Galdino dentro da Igreja, e antes disso, assim os das semanas, como os da Sexta-feira-maior eram representados, aquelles em altos, aparatosos, e ricamente ornados theatros, levantados em ramadas altas e espaçosas na frente da Igreja, e este tambem em ramadas altas e espaçosas, forradas de dó, na frente das Capellas dos montes, onde os haviam ou nos lugares destinados para esse fim — O toque de orgãos era substituido pelo de Harpa, e hoje nem amostra existe deste instrumento, que foi subplantado pelo orgão, para actos ordinarios, e para festividades solemnes por Orchestra. —As procissões de meninos tambem soffreram alteração; mas ainda hoje subsistem na maior parte das Freguezias, nos seguintes termos: nos Sabbados os meninos da escola com capellas de flôres artificiaes depois de cantarem o terço no corpo da Igreja, processionalmente se dirigem ao Altar da Sr.ª cantando o Hymno *O Gloriosa Virginum* e concluido se retiram; na occasião porém da festa da Sr.ª do Monte (Natividade de N. Sr.ª) os mesmos meninos com as capellas de flôres naturaes, e cestinhos com flôres, depois de cantarem o terço, ladainha e mais orações, vão dous a dous entoando uma cantata em lingua da paiz ao altar respectivo, ou ao Cruseiro onde em pequena banqueta fica de antemão colocada uma imagem de N. Sr.ª, e espalham cantando as flores dos cestinhos, que levam: o que concluido se dá por terminada a procissão.—A par destes e outros actos serios da Religião, e mesmo no seu exercicio, os Jesuitas intro-

decido delles fez sobre o enfermo o sinal da cruz, como

duziram uma infinidade de abusos, ceremonias, e acções theatraes, quasi comicas, pelas quaes, na falta de outros fundamentos, bem valeria o juizo que delles formou o Védor da Fazenda Cosme Annes (Vid. a nota 109), se porventura não houvessemos de crer que occorressem razões de conveniencia, para, á imitação dos Padres dos meiados dos seculos 9.° e 10.°, darem accesso ás representações externas, muitas dellas burlescas, a bem da promulgação da nova Religião, diametralmente opposta á existente no Paiz—para fortalecer a fé dos convertidos—finalmente para contrapesar a superstição reinante dos idolotras, a pesar de terem a consciencia de serem ellas alheias á pureza da doutrina ensinada pelo grande Apostolo S. Francisco Xavier.—He tambem de crer que muito concorresse para este novo estado de cousas, o predominio absoluto que os Provinciaes, successores do mesmo Apostolo, se arrogaram sobre os Parochos seus subditos, assim na sua administração religiosa, como na das Fabricas das Igrejas, de que annualmente tomavam restrictas contas, como se conhece, a respeito de Salcete, do Livro da Fabrica da Igreja de Loutolim, dos annos 1665 a 1675 que por um acaso nos veio á mão, e temos á vista, do qual transcrevemos aqui algumas peças, em prova do que levamos dito.—Requerendo os Christãos de Loutolim ao Provincial Bento Ferreira duas missas publicas (ditas conventuaes ou do Povo) nos Domingos e Dias Santos, e a procissão na festa do Orago dar volta ao terreiro da Igreja—Despacho—*Havendo segundo Sacerdote, que diga uma dellas; concedo o que pedem visto o que allegam. E a procissão do dia do Orago do Salvador, que se faz á roda da Igreja continue sem impedimento para consolação deste povo, e se faça lembrança no Livro da Igreja. 16 de Setembro de 1674.*—Bento Ferreira.—Ordem do mesmo Provincial sobre o objecto referido da missa, datada de 3 de Maio de 75(1675)—*Estou informado, que duas missas publicas, que concedi nesta Igreja, desordenam essa Freguezia, e que o mesmo vem a ser duas missas, que nenhuma missa. Pelo que V. R. torne ao estilo antigo, e commum em Salcete. Isto não tira, que se algum velho, ou enfermo, ou mulher angoada quiser ouvir missa das quatro horas sem publicidade, V. R. lho poderá permitir. Entrando os homens pela porteria, e as outras por um dos postigos, que será aberto por um dos Officiaes da Igreja com o Sanchristão. E assim o fará V. R. observar.*—Estas poucas linhas dos 2 documentos que reproduzimos, revelam os usos da época, as disposições regulamentares que os dirigiam, e o absoluto mando dos

consumava, e resou um Evangelho, com que o deixou completamente livre.—Revelou a Diogo Madeira, homem de

---

Provinciaes dos Jesuitas, a despeito da autoridade dos Ordinarios do lugar.—Passando agora aos inventarios de ornamentos, roupas, alfaias e utensilios da Igreja, feitos nos annos 1665, 1668, e 1672 a fl. 89 e seguintes do citado Livro, e approvados pelos Provinciaes *Simão Ferreira*, e *Antonio Boleiko*, lê-se que naquellas épocas existiam as seguintes peças singulares:

Harpas 2—*Lobas dos Meninos* 18—*Sobrepelizes dos ditos* 7—(seriam tal vez para suprir a falta de Clerigos para Acolitos determinados no Decreto Graciano, e no Synodo Camaracense de 1550).

Lobas de Meninos, que levam martirios na procissão da 3.ª Dominga 9 (As dos Meninos do Seminario da St.ª Fe eram brancas com Cruz encarnada no peito)—*Sobrepelizes dos ditos* 9—*Alvas dos Meninos da procissão da 3.ª Dominga* 9—*Martirios, Columna, Cruz, Martelo, Tenaz, Azorrague, Escada, Lança, Esponja, Pregos, e Coroa de espinhos.*

Vestidos dos penitentes ou flagelantes 22—*Disciplinas dos ditos* 22 (*de ferro*)—*Vestidos dos Bogios* 7—*Ditos dos Viloens* 7—*Ditos dos Pastores* 5—*Giboens* 4—*Cabaias* 4—*Barretes* 4—*Veronicas para procissão* 2—*Vestido da Morte* 1—*Dito dos Diabos* 3—Material do theatro para armar passos &c.—A nomenclatura destes objectos dispensa a explicação do seu uso.—Além destes as Communidades das Aldêas e Confrarias especiaes tinham tambem a seu cargo muitos outros objectos de differente especie, para igual fim, taes como Vestimenta de *Adão, Eva, Abrão, Izac, David, Anjos, Apostolos, Necodemo, Centurião, Judeos, Judas, Selvagens* &c.—Os referidos abusos, praticas e ceremonias exoticas tendo sido admittidas e toleradas no Seculo 16.º, muitas dellas, apesar de 5 Concilios Provinciaes, e Pastoraes dos Diocesanos do 17.º e 18.º seculos continuaram até os nossos dias, como se verá: hoje porém já não existem, salvas raras excepções, devendo-se essa mudança não tanto as censuras ecclesiasticas, quanto ao indiferentismo creado pelo tempo.—Os Concilios referidos podem os nossos leitores vêr no *Fasciculo* 4.º do *Archivo Portuguez-Oriental* que publica o Sr. Rivara; quanto ás Pastoraes de algumas mais notaveis dellas daremos aqui noticia muito succinta, relativamente ás festividades e actos da Igreja, por não ser possivel dar mais ampla, pelo seu subidissimo numero, afim de se poder fazer juizo da qualidade dos abusos, que ainda existiam nas epocas de suas publicações.—Pela Pastoral de 8 de Março de 1775 foram prohibidos os *flagelantes* nas procissões, e *as rendas de objectos na I-*

vida estragada, o máo pensamento com que andava, o Ma-

greja.—Pela de 6 de Abril do mesmo anno a cerimonia do *descendimento de Christo morto na Domingo de Ramos, fazer mover as imagens* nas representações de passos da paixão: *uma creatura vivente* representar Maria Santissima, a *Côia* na quinta-feira-máior.—Collocar-se o Santissimo no Sepulcro prêto na sexta-feira-máior, fazer-se na sexta-feira-máior descendimento de manhãa, e de tarde com *figuras vivas*, armadas de barbas compridas, toucas mouriscas e vestiduras correspondentes (para figurar Judeos)—Os *espectros* conduzindo o feretro do Sr. Morto:—deixar abertas as portas da Igreja na noute de quinta-feira-máior, e as abrir antes de nascer o sol na sexta-feira santa.—Pela de 14 de Novembro do referido anno o acto denominado *Fama* ou *Olly* na lingoa do paiz, que consiste em levantar a som de tambores na frente ou ao lado da Igreja, na vespera da 1.ª novena da festividade de qualquer Santo, uma arqueira ou mastro com uma bandeira com a effigie do Santo, o que ainda hoje de pratica.—No Edital de 20 de Dezembro do sobredito anno na noute da vigilia do Natal os Cantos ou *Letras* extravagantes em *lingua do Paiz*, *Espanhol*, *Portuguez* ou *Cafreal* (algumas eram bem desagradaveis por indecentes) nos intervalos dos Psalmos e Responsos das Matinas: *as decidas* dos tectos ou janelas, por meio de cordas, de rapazes vestidos de Anjos cantando *Gloria in excelcis* Deo (vimos esta descida no Convento de S. Francisco, mas de um Anjo de madeira, ou de papelão com vela acesa na mão: isto mesmo executou-se em 1838 em Loutolim, e foram 2 os anjos, e observa-se ainda em Bardez): o *discorrerem* da Capella-mór até a porta da Igreja homens tocando pandeiros, e recitando cantos ridiculos.—Pelo de 4 de Março de 1780 deu-se regulamento para as cerimonias, vestimentas, toque de sinos na semana Santa, e acerca dos movimentos das Imagens nos passos.—Pelo do 1.º de Fevereiro de 1781 ordenou-se aos Parochos ensinar doctrina, fazerem oração mental.—Pelo de 6 de Março prohibiu o chamado *nosso costume*, e se permittiu ir nas Procissões de passos, sem mais figuras, alguns meninos vestidos de anjos levando instrumentos da paixão, outro com a veronica (o que se pratica ainda hoje): Os penitentes com alguns instrumentos de penitencia por devoção (os que nós alcançamos traziam os braços levantados em forma da Cruz, presos a páos atrevessados, e o corpo ferido natural ou artificialmente, ou com pennas fisgadas,

deira confuso desta descuberta inesperada mudou de vida. —Edificado o povo de Cochim com o exemplo de sua

não por devoção, mas por ajuste com os mordomos dos passos, e ainda modernamente representavam estes penitentes na Procissão de Margão): e prohibiu-se absolutamente os *flagelantes*: determinou-se tambem que a Nossa Senhora para o encontro de Christo devia sahir de alguma Capella, ou lugar destinado, mas sem movimento algum das imagens: na procissão do Senhor morto permittiu-se apenas um *Centurio* (Centurião) vestido de preto, e tocando matraca diante da Cruz (nós alcançamos esta entidade em forma de um terrivel espantalho, cujas vestimentas de curioso observamos annos depois, e não ha muito tempo que ellas se perderam com as de outros representantes de iguaes scenas): alguns estudantes diante do andor (notamos meninos de canto de baixo do feretro) cantando-*Populi facti sumus*: —ordenou-se tambem que os Padres fossem á procissão referida cobrindo a cabeça com a ponta da sobrepeliz, ou com amito bindo paramentados: prohibiu-se em todos os passos da paixão o movimento das Imagens (a fóra o do *Ecce Homo*, para mostrar as Costas) e outras representações de figuras vivas ou artificiaes: conduzir as imagens por escadas (figurando-as das casas de Caifas, Pilatos &c.).—Pela Pastoral de 18 de Julho de 1784 prohibiu-se a *Fama* (Olly) e *Zagor*: armações e ornatos de calaim: procissão na noute do Natal: cantar nessa noute versos ridiculos.—Por Decreto de 30 de Janeiro de 1791 foram renovadas as prohibições, e a pena de excommunhão contra os autores da *Fama* e *Zagor*.—Pela Pastoral do 1.º de Janeiro de 1793 os *Acolitos* e *Thuriferarios* seculares para o serviço do Altar (para vestir os seculares certamente eram as 9 Lobas e sobrepelises que achamos no Inventario de Loutolim) havendo ecclesiasticos: o capitulante incensar todos os altares: os asperges nas Salves das novenas (a esta prohibição he de crer que se deve o nascimento do actual uso de percorrerem, durante a salve, pelo meio das Irmandades, desde o arco do côro até o altar respectivo, meninos vestidos de Anjos levando borrifadores com agoas aromaticas, e salvas com flôres, cantando *Salve Regina* e aspergindo a agoa, e espalhando flôres): a missa chamada de *novena* no dia da festa: o darem ao Parocho o noivo um galo, e a noiva uma galinha, ou viceversa, no dia do recebimento.—Pela Pastoral de 31 de Agosto de 1812 foi renovada a prohibição de *Fama* e *Zagor* (uma

vida e prégações, deu Xavier á vela para Goa, e orde-

e outra cousa ainda continuam, apezar de o zagor pagar de imposto mais de 25 xerafins !) : das procissões fóra da Igreja (salvo as exceptuadas) : de levar nas procissões imagens de Santos não canonizados, e as ridiculas figuras de *Adão com enchada*, *Eva com roca*, a da *Serpente*, *Abrão*, *Izaac*, *Penitentes*, *Flagelantes* &c. &c. e permittindo unicamente nas procissões de passos *os Anjos* para levarem as insignias da paixão : na do Sr. *morto*, ordenando aos Sacerdotes, para paramentados levarem o esquife ; e prohibiu-se absolutamente representar os passos fóra da porta da Igreja, em ramada : de representar mais de um passo de paixão (representavam 7) em cada dia : meninos vestidos de anjos para correrem as cortinas, outro com Calix na mão, as figuras de verdugos, o Centurião (ainda continua a figurar em algumas Igrejas das Ilhas), o descendimento da cruz á vista do povo, a representação da Cêa do Sr. com as figuras de 12 Apostolos : tomarem no pulpito disciplinas, queimarem as mãos e outras visagens a titulo de penitencia : — tanto basta para o fim a que propuzemos.

Voltando novamente ao Seminario de Santa Fé : achando-se muito arruinada a sua Igreja de S. Paulo se derrubou esta e se póz a 1.ª pedra a nova de 3 naves em 25 de Jan. de 1560, sendo Provincial o Padre Antonio de Quadros : e em 1581 foi fortificada a mesma Igreja com 3 magnificos arcos da parte de fóra, por se abrir algum tanto a abobada, com os quaes ficou mais formoso o Edificio, e os seus pégões se affastavam tanto das paredes, que entre elles, e a Igreja passava uma estrada real, e daqui lhe resultou o novo titulo de *S. Paulo dos arcos* : nós chegámos a ver estes maravilhozos arcos ; assim como no Adro dessa Igreja uma bem lançada e colossal Cruz de pedra préta, apresentando no seu corpo, no verso e reverso, os instrumentos do martirio de Christo em alto relevo, levantada sobre uma peanha de alvenaria de grandes dimensões, uma e outra cousa incomparavelmente mais notaveis do que a Cruz e peanha de que fallamos na nota 37 a p. 25 ; e com grande pena vimos tambem as ruinas dos arcos, e da Cruz ; pois que tendo-se abatido brutalmente estas obras monumentaes entre os annos de 1829 a 1833 para extrair pedras para as obras de Pangim, nada aproveitaram, e as peças de que ellas se compunham reduzidas a fragmentos ficaram juncando o solo, como a

nadas na melhor forma possivel as cousas do governo nesta Cidade voltou logo para Cochim, onde já estava de verga d'alto a náo em que devia ir a Malaca, e se embarcou aos 25 de Abril e chegou a Malaca no ultimo de Maio de 1549.—Estava neste tempo mortalmente doen-

---

ruinas de Palmira ! O Engenheiro dos referidos arcos foi o Jesuita João de Faria, o qual foi tambem autor da fundição dos caracteres da lingua Tamul, e da impressão de obras naquella lingua.—Já o Seminario de Santa Fé ou o Collegio de S. Paulo como sede da Provincia da India tinha a seu cargo além dos primitivos estabelecimentos, um *Noviciado*, uma *Casa professa*, um *Hospital* dos pobres, e *Aulas* estabelecidas em 1556 por ordem d'El-Rei D. João 3.º, de *Latinidade*, *Filosophia* e *Moral*.—Em vista da acomulação destes novos encargos carecendo de mais habitações, a Companhia deligenciou comprar umas casas no Monte da Senhora do Rozario, (denominado *Monte Santo*).

Este monte que estava despovoado até 1526, havia sido comprado por Pedro de Faria, Capitão que fôra de Malaca (por duas vezes, nos annos 1526 a 1528, e 1537 a 1540), o qual construindo a sobredita casa, tinha dado lugar para as Igrejas da Sr.ª do Rozario, e St.º Antonio, e dividido o resto entre varios particulares para fabricarem casas terreas, afim de lhe não tomarem a vista do mar.— A mencionada casa passando depois a Jordão de Fretas, Capitão que fôra de Ternate (desde 1541 até 1547), e deste ao Dr. Francisco Marques Botelho, Ouvidor Geral, este as mandou vender, e as comprou a Companhia em 1578, e por achar esta situação a mais sadia da Cidade destinaram aquella casa para a residencia dos seus convalecentes, e effectivamente ella serviu para aquelle fim desde 1580 até 1585, em que foi reduzida a casa professa.

Posteriormente a casa professa passou para o Terreiro dos Gallos (Bom-Jesus, de que breve trataremos), e a residencia da Sr.ª do Rozario ocupou o Noviciado da Ordem.—Posteriormente se transformou este Noviciado em Collegio, e se chamou *Collegio Novo de S. Paulo* em relação aquelle de que atraz fallamos, e o vulgo o chamou de *S. Roque* por motivos que logo saberemos.— Transformado em Collegio, como fica dito, o Noviciado voltou para o primitivo Collegio ou *S. Paulo Velho*, donde passou para a *Ilha de Juari*, e depois para a *Ilha de Chorão* (tal he a rasão porque dissemos atraz que a Igreja da Graça desta Ilha não era a do Noviciado).—Em vista do

te, e desenganado dos Medicos o Padre Affonço Martins, natural de Covilhãa, e Vigario de Malaca, o qual sendo avisado para se dispôr a bem morrer, elle considerando a conta que tinha de dar de 30 annos que fôra Vigario em uma Cidade tão dissoluta, cahiu em profunda triste-

---

que acabamos de descrever se conhece que essa casa de Pedro de Faria *foi primeiro domicilio dos seculares*, depois *casa de convalecença dos Religiosos*—*Casa professa*—*Noviciado*—finalmente *Collegio de Estudos*, dentro de 32 annos, que decorrem desde 1578 até 1610.—Foi tambem ella fatal pelos incendios que soffreu: o 1.º em 1.º de Janeiro de 1591 que levou a Igreja, quando serviu de Noviciado: o 2.º em 26 de Junho de 1617, sendo Collegio, e morreu queimado o Padre Jeronimo Xavier, seu Reitor.—Advirta-se que este P.e era parente de S. Francisco Xavier, e por este motivo foi muitissimo estimado na Côrte do Grão-Mogol, onde avultava muito a fama do nome do nosso Apostolo; sendo que ao Padre Jeronimo bastavam as suas proprias virtudes de que tinha dado provas, para lhe grangearem estima e benevolencia, como refere Padre Sousa no seu *Or. Conq.* Vol. 1.º Conq. 1.ª D. 1. § 102: o 3.º em Dezembro de 1663, que levou o corredor de cima e os cubiculos: o 4.º em 6 de Janeiro (dia dos Reis) de 1675, que levou a maior e melhor parte do madeiramento: em fim o 5.º em 1698 procedente de um raio que cahiu na rouparia.—O orago da Igreja, em quanto o edificio foi casa de convalecença, era *S. Roque*, depois de Noviciado foi *N. Sr.ª da Conceição*, e passando a ser Collegio, *S. Paulo novo*; todavia o vulgo ainda hoje quando allude áquelle edificio o chama de *S. Roque*.—A passagem dos Jesuitas para este Collegio foi por Provisão do V. Rei, em consequencia de authorisação Regia: mas poucos dias antes de se verificar a mesma mudança, que havia sido concedida sob varias condições, sendo a mais saliente a de não terem Igreja grande, com confessionarios &c. (as quaes elles illudiram completamente).—Representou-se ao Senado em nome dos Religiosos de St.º Agostinho, Freiras, Freguezes da Sr.ª do Rozario, e de St.º Antonio, para ella se não verificar, apresentando-se gente armada com espadas empunhadas para deitarem fóra os Jesuitas, mas homens prudentes fizeram ceder os animos, atempando a decisão da questão para quando voltasse o V. Rei, que estava ausente, como se lê na Conta de 9 de Janeiro de 1610 (Mono. 12 p. 210 v.).—Pelos motivos já referidos a Companhia construiu em Margão de Salcete um Collegio em 17 de Maio de 1574 (aponta-se esta data porque nella tomou

sa.—Aproveitou-se o demonio da occasião, e acomettendo-o pela parte mais fraca o carregou de pensamentos de temor e disconfiança, até fazel-o desesperar de sua salvação. — Era cousa espantosa as visagens que fazia e ouvir as palavras que dizia. — O Apostolo sabendo do

---

posse dos Nomoxins dos Pagodes derrubados em 1567, em numero de 280) e a elle uniram o sobredito Hospital do P.e Camerte.—Este Collegio foi queimado pelos Mouros em 1579; por tanto em 1580 construiram outro em Rachol, donde foi mudado outra vez para Margão, conforme a Ordem de 1597 do Visitador Nicolão Pimenta, finalmente tornou a voltar para Rachol em 1606.—A primeira pedra deste Collegio lançou o P.e Gaspar Soares, no dia de todos os Santos, e no anno de 1609 se cantou a 1.ª missa em um Sabbado, vesperas de todos os Santos, finalmente em 1610 para elle se mudaram os Padres do Collegio de Margão.—O Collegio, em quanto permaneceu em Margão se chamou do *Espirito Santo*, orago da Igreja, e depois de St.º *Ignacio*, Patrono da Igreja propria.—Este Collegio teve a seu cargo 1 *Hospital dos pobres* (o do P.e Camerte), 1 *Seminario de Meninos pobres*, 1 *Casa de Cathecumenos*, 1 *Escola de doutrina*, onde se ensinava tambem *ler, escrever e contar*: teve igualmente *uma de Theologia moral, e uma outra da lingoa Canarina*.—Foi o mesmo Collegio convertido em Seminario de estudos ecclesiasticos por A. R. de 21 de Março de 1779, e ainda gosa deste titulo.

A Companhia de Jesus tinha a sede da sua Provincia da India neste Estado, e a do Malabar em Cochim, e Vice-Provinciaes no *Japão*, e *China*.—Em 1636 a Provincia da India contava sob a sua administração 8 Collegios, 1 Casa professa, e 1 Noviciado; e as missões do Ethiopia e Mogol, e 25 vigararias em Salcete.—Foi extincta esta Ordem Religiosa pelos motivos expendidos na *Deducção Chronologica e Analitica* do Dr. José da Seabra da Silva, *alias* do Marquez de Pombal) por Instrucções Regias de 26 de Março de 1759, levada a effeito neste Estado em 25 de Setembro do mesmo anno, com reclusão de 221 Jesuitas, que estavam em Goa.—Depois da extincção referida, o Seminario de *Santa Fé*, e o Collegio de *S. Paulo velho*, que estavam de facto *velhos*, e quasi abandonados por doentios, depois da epidemia da Cidade, começada em 1570 do lado dos mesmos edificios, ficaram em ruinas, mas essas ruinas eram objecto de enleio até 1830, e o Frontespicio da Igreja até 1842, em que por nossa indicação o Conselheiro Lopes de Lima, então

que se passava fez voto a Deos de grande numero de missas, e assim preparado deu mãos a obra para exortar o desesperado enfermo, e conseguiu dispol-o a pedir a Deos perdão de suas culpas, o que feito, e recebidos os ultimos sacramentos morreu com grande serenidade, e paz de consciencia.

Governador Geral mandou tirar a sua perspectiva, e de outros magestosos edificios daquella Cidade, e não consta que se levasse a effeito aquella determinação.—O sumptuoso Collegio de *S. Paulo novo ou S. Roque* era edificio de 3 andares, soberbo pela sua sobranceira posição, esmerada construcção (propria dos Jesuitas), grandeza, e extenção, acerca da qual ouvimos a uma respeitavel pessoa contemporanea, que tendo elle hido para fallar ao Reitor, acompanhado de um P.e, de volta se perdêra no meio dos corredores, sem poder acertar com a escada, até o encontro casual de um Leigo, que lhe servira de Cicerone para, depois de muitos rodeios e descida de longas escadas, o conduzir á Portaria.—Uma parte deste edificio temporariamente occupou o Hospital Real, entre os annos de 1760 a 1764, por estar o primitivo magestoso Hospital, situado ao pé do Arsenal, ameaçando ruina, em quanto se não se promptificava o Palacio de Panelim destinado para o substituir, por resolução do V. Rei Conde da Ega, que já tinha mudado a sua residencia (em Dezembro de 1759) daquelle Palacio para Pangim na Fortaleza que havia sido do Idalcão, convertida em Palacio, onde até hoje residem os seus successores.—Na época da tentativa da reedificação da Cidade (1777) occupou uma parte terrea daquelle Collegio o Regimento do Brigadeiro Henrique Carlos Henriques, que estava incumbido da inspecção das obras da dita reedificação.—Posteriormente servio tambem de Collegio de estudos.—Em 1791 foi orçado o seu concerto em 113.600 xerafins (Liv. 172 p. 778) e não se effeituou, por tanto cahiu em ruinas.—A'cerca destas ruinas o V. Rei Conde de Sarzedas n'uma conta que deu á Côrte, em 18 de Dezembro de 1810 (Liv. 190 p. 741), diz o seguinte.... « *O magnifico Convento dos Jesuitas* (S. Roque), *que havendo quem desse por elle* 200$000 *xerafins* (!) *ficou em desemparo, e hoje he um montão informe de ruinas, e quasi tudo quanto tinha de bom foi roubado!* » — Com tudo essas mesmas ruinas, resistindo por pares de annos ás injurias das estações, serviam de admiração a curiosos e passagei-

CAPITULO 42.

De sua partida para Japão: dos trabalhos que teve na viagem: de sua chegada a Cangoxima, como foi recebido, e a que se dedicou nesta Cidade.

82—Nesta Cidade se embarcou Xavier, acompanhado de um Sacerdote, outro Padre e tres Japões convertidos (132), aos 24 de Junho para Japão (133).— Durante a via-

---

ros, especialmente um espantoso arco que isolado na maior altura do edificio se divisava até 1830, em que aquelle grande edificio foi demolido para com as suas pedras se construir o Quartel d'Artilheria do Pangim, e do solo que occupou aquella grande maça de alvenaria até os indicios se apagaram!!

(132)—Conforme a Carta datada em Congoxima aos 3 de Nov. e dirigida aos Padres do Collegio de Goa. Coll. Vol. 2.º p. 102.

(133)—Diz o Padre Sousa no seu *Or. Conq.*, C. IV. D. 1 § 1 que os Chinas chamam a este Imperio, composto de muitas Ilhas, *Gipon*, nome que os Portuguezes corromperam em *Japão*, e os naturaes *Nifon*, (principio do Sol), por ser situado na parte Oriental deste hemisferio—que elle não era conhecido dos antigos Geographos, e fôra descuberto por tres Portuguezes, levados áquellas Ilhas por um tufão em 1542, anno, em que o grande Xavier entrou em Goa, destinado por Deos para seu primeiro Apostolo.—Assim da ida dos Portuguezes a este Imperio, como do Apostolado de Xavier andavam já pelo mundo prophecias.—Os nomes dos naufragados eram Antonio da Mota, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto.—Antes, ou depois destes 3, porém no mesmo anno, foram aportar a uma Ilha daquelle Imperio, servindo a um Corsario, Fernão Mendes Pinto, Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto.—Era Principe daquella Ilha Nautaquim, o qual vendo aos Portuguezes proferiu admirado estas palavras=« *Que me matem, se não são estes os Chinchigogies*, (isto he Portuguezes), *que voando por cima das agoas hão de vir a ser Senhores dos habitadores das terras, onde Deos depositou as maiores riquezas do mundo: e será grande ventura nossa, se elles vem com bom amor*=» Fernão Mendes diz que a Ilha se chamava *Meaigina*, e relata o que lhe aconteceu para esta descuberta, dando comprida relação do Principe e do Paiz etc. *Peregrinações*, Cap. CXXXIII, e seg.

gem teve de soffrer muitas contrariedades da parte do Capitão ácerca do destino da derrota; muitos incommodos, e fadigas por causa de tufões, que apanharam pelo caminho.—Finalmente não podendo tomar outro porto daquelle Imperio largaram ferro aos 15 de Agosto em Cangoxima, patria de Paulo de Santa Fé, um dos Japões convertidos, que antes se chamava Angiro, e era companheiro da viagem.—Foi o Santo recebido pela fami-

---

S. Francisco Xavier nas suas Cartas de 3 e 5 de Novembro de 1549—de 20 de Novembro de 1550—de 20 de Agosto de 1551—e de 25 de Janeiro de 1552 datadas em Cangoxima, Amanguchi, Syncapura, e Cochim, aos Padres de Roma, ao Padre Barzeo, aos Padres de Goa, ao Governador de Malaca, aos Padres de Malaca, e a St.º Ignacio, dá minunciosa relação da sua missão neste Imperio, e descreve sobre o seu estado, riqueza, commercio, religião, e outras particularidades relativas aos seus habitantes—Fernão Mendes Pinto tambem dá extensa noticia da missão de S. Francisco naquelle Imperio, como testimunha de vista, (Cap. CCVIII).—O Padre Sousa igualmente dá noticia daquelle Imperio, sobre a sua situação, população, governo, com referencia á época da missão de Xavier; finalmente o Abbade Godescard a pag. 57 not. (1) com referencia a Kæmpfer, e ao anno de 1691 dá igual noticia com maior especificação, enumerando os Palacios, Pagodes, Pontes, Casas, Bonzos &c.

Japão havia sido creado Bispado pelo Papa Xisto V em 1588, e neste anno o occupava D. Sebastião Moraes, Jesuita, e em 1596 D. Pedro Martins.—E parece que tendo cessado aos Portuguezes o commercio deste Imperio pela sentença do seu Imperador, datada de 4 de Agosto de 1639, que nesta época ficára tambem cessada a missão, e a nomeação de Bispos para aquella Diocèze; pois já anteriormente os missionarios tinham sido cruelmente perseguidos, e alguns martyrisados, e para inquerir sobre os mesmos martyrios, consta que em 1640 chegára a este Estado um Arcebispo de Mira (Italiano da Ordem Franciscana) munido de Breves Apostolicos, Conta de 16 de Nov. de 1640 (Liv. 4.º de copias de Ordens Regias fl. 218 v.) —No numero dos referidos martyres talvez entrasse tambem o P.e Marcello Francisco Masurili, Autor da Novena do nosso St.º, como affirma D. Francisco de la Torre.

lia de Paulo, pelo Capitão do logar, e Alcaide da terra, e pelo povo com muita benignidade e amor, maravilhando-se todos de ver Padres das terras dos Portuguezes.—Nada estranharam fazer-se Paulo Christão: o Duque (Regedor) da terra folgou muito com elle, e de joelhos adoron com muito acatamento as imagens de Christo e de N. Senhora que lhe apresentou Paulo, e mandou a todos os presentes que tambem fizessem o mesmo, e concedeu licença para promulgar a Lei de Christo que Paulo lhe pediu.

83—Alcançada a licença começou o Santo Apostolo a prégar com summa acceitação dos Japões.—O primeiro que pediu baptismo foi um pobre de fortuna, e depois de baptisado sahiu raro exemplar de todas as virtudes, e chamou-se Bernardo. — Seguiram-se logo outros dos principaes da terra, inclusive dous Bonzos, que se offereceram navegar a Goa, e o fizeram com muitos Japões, para aprenderem as cousas da Lei de Christo (134).— Já passavam de 100 os convertidos, inclusivè toda a familia de Paulo, convertida por este, conforme o testemunho de Xavier (135).—Os Bonzos receiando o prejuizo que isso traria ao culto que professavam, e aos seus interesses, procuraram atalhar o damno, e conspirando todos juntos começaram a prégar, e dizer quantas calumnias poderão excogitar contra as verdades do Evangelho, e seus ministros.—Escomungaram a quem assistisse á prégações, e até quizeram promover motim popular para desterrar os Padres.—Não tiveram successo todas as tentativas que empregaram, pará affastar os habitantes de ouvir a Xavier, e abraçarem a Religião Christãa.

(134)—Carta de S Francisco Xavier datada de Cangoxima em 5 de Nov. de 1549 aos Padres do Collegio de Goa, Vol. 2. p. 90.

(135)—Na carta supracitada de 5 de Novembro.

CAPITULO 43.

Dos milagres que Xavier obrou em Cangoxima para confundir a malicia dos Bonzos.

84—Para confundir ainda mais a malicia dos Bonzos, e confirmar as verdades Evangelicas Deos permittiu que o Santo continuasse a obrar as costumadas maravilhas. —Havia na terra absoluta falta de peixe, que era a comida ordinaria do povo, e o mar estava esteril, o que era objecto de grande afflicção na Cidade.—O Santo movido de piedade foi a praia, fez uma breve oração, lançou a benção ás redes, e mandou-as estender no mar. —Obedeceram os pescadores, que já o respeitavam como homem maravilhozo, e puxadas as redes á terra as acharam providas de toda a sorte de peixes, e dali por diante mais fecundo aquelle mar, e mais abundante do que antes era.—Huma mãi lhe apresentou um menino desformemente inchado por causa de uma larga opilação.—Tomou-o Xavier nos braços, e disse duas ou tres vezes—*Benza te Deos*—e isto bastou para elle ficar completamente hom.—Hum Gentio leproso, desesperado de obter cura com os remedios da medecina mandou pedir ao Santo que o fosse curar.—Estava elle muito occupado, por tanto mandou a um companheiro, ordenando lhe perguntasse tres vezes ao enfermo, se recebida a saúde queria abraçar a Lei de Christo, e em elle respondendo *sim* constantemente, então fizesse sobre elle o sinal da cruz, que lhe daria saúde; e depois o instruisse, e baptizasse.—Tudo assim succedeu felismente.—Ainda depois de tantos prodigios houve um insolente que publicamente o affrontasse instigado pelos Bonzos.—Xavier soffreu-o com muita paciencia, e Deos lhe revelou o castigo que lhe queria dár, para exemplo de terror aos outros: e assim voltando-se para elle com muita serenidade, lhe disse: *Deos te guarde a boca.*—Ainda não acabava de dizer isto, quando appareceu um cancro na boca do miseravel que toda lhe foi corroendo pór dentro, e por fora, desfazen-

do-se em materia, fervendo em bichos, e exahalando intoleravel cheiro.

85—O milagre com que mais avultou a verdade do Evangelho naquelle povo foi o seguinte.—Na flôr de annos morreu uma menina de estremada beleza, filha unica de um velho idolatra, dos mais ricos, e nobres do paiz.—Endoudecia com pena, e causava compaixão a todos.—Entre outros amigos dous christãos que o foram a consolar, lembrados das maravilhas de Xavier o exhortaram a recorrer a elle.—O velho alentado com o conselho, e acompanhado dos circunstantes se foi prostrar aos pés do Santo, e lhe pediu que remediasse com uma resurreição duas vidas, a da filha morta, e a sua que não podia durar muito.—Enternecen-se Xavier ás lagrimas do triste pai, e retirando-se para dentro a orar com o Irmão João Fernandes depois de um breve espaço tornou a sahir para fóra, e lhe disse *que fosse para casa, porque sem duvida sua filha estava viva.*—Vendo-se o pai despachado com tão poucas palavras, cuja virtude não penetrava; desconfiou, e tão sentido, como colerico, lhe deu as costas, e partiu.—Junto da casa sahiu-lhe ao encontro um creado com a noticia de que estava a menina não só viva, mas sem sinal algum de doença.—Admirado do que ouvia, accelerou os passos, e apenas pisava a entrada da porta, quando viu com seus proprios olhos a filha viva, que alegre sahia a encontrar-se com elle.—O pai depois de lhe dár mil osculos, e abraços, perguntou a filha pelas circunstancias do caso.—Contou ella que, depois de morrer, dous ferocissimos algozes a quizeram lançar em uma profunda cova cheia de fogo, nisto que sobrevindo outros dous de veneravel aspecto, a tiraram das suas mãos, e depois, sem saber como, se achára viva.—Bem entendeu o pai quem eram os dous, que a tinham livrado, e conduzindo-a a render graças a Xavier, tanto que a menina o viu, e com elle o Irmão João Fernandes, voltando-se para o pai muito admirada deu um grito dizendo.=*Estes são aquelles dous que me livraram do fogo e da morte.*=

O fruto deste milagre foi pedirem ambos o baptismo, e se fazerem christãos quantos haviam na familia.

CAPITULO 41.

Da embaxada dos Bonzos ao Rei, em nome das divindades Amida e Xaca: *da prohibição de deixar a Lei do Japão: da retirada de Xavier para Firando: e do encontro que teve na viagem.*

86—Os Bonzos vendo sem effeito as suas diligencias de ameaças fulminadas, e continuas afrontas que faziam a Xavier de dia e de noute, para largar o campo, e retirar-se para India, traçaram uma embaixada em nome de todos os idolos Japonezes, e cometteram o negocio aos mais authorizados em annos, e famigerados nas lêtras, os quaes a poseram em effeito, representando ao Regulo em nome das divindades *Amida* e *Xaca* o que levavam estudado, com mais arrogancia que eloquencia. —Intimidado o Regulo, fez o que lhe pediram os Bonzos (136).—Não revogou porém logo a licença concedida para pregar, assim para se não mostrar timido ao povo das ameaças dos subditos, como por esperar náos Portuguezas ao seu porto, porque dezejava fazer aquella Cidade escala do commercio da China e da India.—Mas tendo sabido que algumas náos tinham aportado a Firando, cujo rei era seu inimigo, queixou-se a Xavier, tratando os Portuguezes de pouco agradecidos.—Em seguida mandou publicar um Edicto por toda Cangoxima, prohibindo, sob pena de morte e confiscação de bens, deixar a lei antiga do Japão pela nova dos Bonzos da Europa.—Com isso se malograram todas as fadigas de Xavier empregadas para converter aquelle povo.—Reti-

(136)—Conforme a Carta de S. Francisco Xavier aos Padres de Goa, datada em Amanguchi em 20 de Novembro de 1550, Coll. Vol. 2. p. 130.

rou-se amedrontada das penas do Edicto a grande multidão dos seus ouvintes, e só os Christãos se offereceram a mostrar a sua lealdade frequentando os seus Sermões.

87—Nestas circunstancias o Santo deixando aquella christandade ao cuidado e magisterio de Paulo de Santa Fé, partiu de Cangoxima com o Padre Cosme de Torres, e o Irmão João Fernandes no principio de Setembro de 1550 para Firando.—Esta Cidade he a Capital do Reino de Figem.—Na sua digressão, passando por uma Fortaleza, sahiram a receber a Xavier muitos paizanos, que o conheciam pela fama de seus milagres, e o levaram dentro da praça.—Governava a Fortaleza Exeãdono vassallo d'El-Rei Saxuma. — Entrou nella Xavier e logo a conquistou a Jesu Christo, porque usando da liberdade, que lhe deu a cortezia dos Soldados, começou desde logo a prégar a Fé, e de um golpe receberam baptissimo 17 idolatras, e a receberiam todos se tambem se baptisasse Exeãdono, que se mostrava mais disposto que todos.—Porém elle mais deu licença, que exemplo, porque atemorizado com o Bando do seu Senhor, não quiz arriscar a cabeça, declarando-se Christão!— Concedeu que se baptizasse a sua mulher, e o seu filho primogenito, promettendo baptizar-se em se mitigando a ira do Regulo.—Entre outros que aqui se baptizaram foi o Mordomo-mór, homem maduro nos annos, como no juizo, e substituio a Xavier na sua auzencia, em Mestre, e promotor daquella pequena christandade, conforme as instrucções que o Santo lhe deixou na sua retirada.—Na despedida fez dous presentes, um á mulher de Exiãdono, e outro ao velho. — Consistia o primeiro em uma bolça contendo umas Ladainhas, e algumas orações devotas, escritas pela sua propria mão, que ella recebeu como um thezouro, e por meio della conseguio curar muitos enfermos, lançando-lhas ao pescoço.—A outra dadiva foram as suas mesmas disciplinas, com que o velho conseguio fazer muitos milagres, tocando-as aos enfermos.

CAPITULO 45.

Da chegada de Xavier a Firando: sua recepção: apresentação ao Rei: conversões e viagem para Amanguchi.

88—Chegou finalmente Xavier com os seus dous companheiros a Firando, levando todos tres às costas os paramentos sagrados.—Foram recebidos com incomparavel alegria das naos dos Portuguezes, a bandeiras largas, a som de clarins, e a salvas de artelharia, por se encontrarem no cabo do mundo com o grande Xavier, que por onde quer que andava, levava comsigo o coração da India!—Com muita pompa, e reverencia o acompanharam ao Paço d'El-Rei, que co[illegible] estava inteirado de suas admiraveis obras, e virtudes, o recebeu com singular agrado, e benignidade.—Pediu-lhe o Santo licença para pregar a Lei de Christo, e baptizar a quem a quizesse seguir, e tudo lhe concedeu El-Rei.—Começaram pois os tres Missionarios a promulgar o Evangelho, e em menos de 20 dias baptizaram mais do que converteram em um anno em Cangoxima.—Vendo Xavier que este terreno correspondia bem á cultura, o entregou aos cuidados do Padre Cosme de Torres, edificou com as esmolas dos Portuguezes uma Igreja junto a praia do mar, e com o Irmão João Fernandes, no fim de Outubro, partiu para Amanguchi (137), para dali partir para Meáco.

89—Chegado Xavier a Amanguchi começou com o companheiro a prégar a Lei de Christo, sem pedir licença ao Rei, nem grangear a benevolencia dos Bonzos.—Numerosos foram sempre os auditorios, muita disposição mostraram os ouvintes, mas não consiguio convertel-os; por não poderem largar os habitos em que viviam.—Os rapazes, e a gente vil, começou a tel-os por vagabundos, e novelei-

(137)—Fernão Mendes Pinto que residio nesta Cidade, nas suas Peregrinações a nomea *Omanguché*, e os de mais Autores citados como vai expressado no texto. Cap. CCVIII.

ros, e os fazer correr ás pedradas.—Chegou á noticia do Rei, que uns diziam bem, e outros mal dos dous prégadores.—Quiz elle por si ouvil-os, e fazendo-os ir á sua presença, lhes perguntou quem eram, donde, e a que fim vinham, e tendo-lhe respondido, explicando-lhe os dogmas da Religião, o Rei o ouvio attentamente, e sem dar sinal algum de approvação, ou enfado, o despediu cortezmente.—Vendo pois o Santo que era inutil a sua assistencia nesta Cidade se despediu della.

CAPITULO 46.

Da viagem de Xavier para Meaco, com grandes, e incriveis trabalhos.

90—No meado de Dezembro, se pôz Xavier a caminho para o Meaco, levando os seus companheiros.—Dous eram os seus designios nesta trabalhosa jornada: o 1.°, ver se conseguia conquistar para Jesú Christo aquella grande Capital do Imperio: e o 2.°, ver, se por alguma via, podia introduzir-se na graça do *Zazo*, (Prelado) a quem somente pertencia approvar ou reprovar as novas seitas, e obter uma patente de approvação da Lei de Christo, com o fim de evitar estorvos dos Bonzos.—Com estas vistas, sem attender o dilatado e aspero do caminho, o rigor do inverno, os bosques, as montanhas, e os valles atravessados de ribeiras, que tinha de transpôr, a se defender ou evitar os salteadores nas estradas, os corsarios, e tempestades no mar, seguio a viagem encetada.

91—Um mez resistiu o Santo ao incomportavel trabalho, e em Sacay ficou doente, apenas melhorado seguio a marcha prégando pelo caminho a Lei de Christo a todos que encontrava.—Os passageiros vendo-o mal vestido, descalço, estrangeiro, e todo desfigurado pelos trabalhos, e pregar cousas estranhas, ameaçando castigos e prometendo a gloria eterna, o tinham por louco, e a plebe vil corria apoz elle, atirando-lhe uns com lodo, outros com pedras, e gritando por escarneo *Deos*, *Deos*, palavras que

repetia o Santo muitas vezes, para não usar da palavra propria do Japão.—Em fim na ultima parte da viagem não podendo atinar com o caminho, difficultoso aos proprios paisanos; e tambem para se desviar dos soldados e salteadores, se accommodou por lacaio de uns mercadores Japonezes, que a cavallo faziam aquella derrota, com fardel ás costas correndo atraz delles, que por fugirem dos ladrões marchavam sempre a galope.

CAPITULO 47.

Da chegada do Apostolo a Meaco: de sua volta para Amanguchi: e da licença que alcançou para prégar.

92—Chegou finalmente Xavier a Meaco (138), e ahou o povo todo envolto em guerras com os vizinhos, e não havia quem attendesse ás suas prégações.—Não lhe foi tambem possivel fallar com o *Dairi* (Imperador ou Rei) nem com o Zazo, para obter licença para prégar o Evangelho, porque só para ser admittido a audiencia de qualquer delles lhe pediam 600 cruzados.—Voltou portanto para traz no fim de Fevereiro (de 1551) e se tornou a metter nos mesmos perigos, e discomodos de mar e terra supportados na primeira viagem, e entrou o Apostolo segunda vez em Amanguchi, 4 mezes, ou mais, depois de haver sahido daquella Cidade corrido ás pedradas.—E desejando muito introduzir nella a Fé de Christo, conseguio a benevolencia do Rei com um curioso presente de 13 peças de Europa, que lhe tinham sido dadas para semelhantes occasiões, pelo Governador da India, e Capi-

(138)—Fernão Mendes Pinto chama esta Metropole do Imperio do Japão *Miaco*, *Peregrinações* Cap. CCVIII; e S. Francisco Xavier descreve compridamente esta Cidade, sua Religião, habitantes, usos e costumes, commercio, trato etc. etc. na carta datada de Cochim em 29 de Janeiro de 1552 aos Padres da Companhia da Europa. Coll. Vol. 2. p. 232.—O Abb. Godescard. tambem dá igual relação com referencia a Kæmpfer, Vol. 12. p. 57.

tão de Malaca.—Das quaes as principaes eram um Relogio, e um cravo ou manicordio.

93—O Rei mandou-lhe em recompensa do presente, que teve em muita conta, por ser composto de cousas peregrinas naquelle paiz, uma grande riquesa em ouro e prata.—O Santo nada quiz aceitar, mandando lhe dizer, que não viera a Japão por cubiça de cousas do mundo, se não para lhe descubrir um thesouro de infinito preço; e que a graça que desejava, elle mesmo a iria pedir aos pés de S. Alteza.—No dia seguinte lhe foi entregar as cartas, que para isso levava comsigo, uma do Bispo, e outra do Governador da India, e depois pedin-lhe licença para prégar aos povos do seu Reino.—Foi ampla a concessão, porque o Rei mandou logo pendurar pela Cidade taboas escritas, como se publicavam as ordens Regias, nas quaes dizia, como lhe agradava muito que os seus vassalos abraçassem a nova Lei, que ensinavam os Bonzos de Portugal.—E por quanto eram estrangeiros e voluntariamente pobres, e não tinham onde morar, lhes assignava um Mosteiro dos Bonzos, que estava desbabitado.

CAPITULO 18.

De suas prégações; dom de lingoas: milagres, conversões e a despovoação que estas causaram nos cem Mosteiros de Amanguchi.

94—Com este seguro real começaram Xavier, e o Irmão João Fernandes, a prégar duas vezes no dia pelas praças publicas, bramando os Bonzos, mas não ousando impedil-os.—Remunerou Deos aqui a Xavier as immensas molestias que padeceu em aprender a lingoa Japonesa, infundindo-lhe milagrosamente a lingoa Sinica, por assim o pedir a necessidade.—Concorria a este porto grande multidão de Chinas, e Xavier lhes pregava de manhãa no seu proprio idioma, e de tarde aos Japões na sua mesma lingoa.—Aqui lhe succedeu o estupendo mi-

agre de satisfazer com uma só reposta ás perguntas de muitos, sobre diversos objectos e em varias lingoas!— Daqui se pode ajuizar, que Xavier não respondia a nenhum, e só pedia a Deos satisfizesse as duvidas de todos, e produzia Deos nos ouvidos de cada um delles as palavras necessarias para intelligencia da sua respectiva duvida, e como todos o viam fallar, e cada um percebia no mesmo tempo a reposta de sua questão, inferiam que o Santo com uma só reposta resolvia todas as propostas, porque todos se davam por satisfeitos!—Os Bonzos attonitos e espantados de tão profunda sabedoria, e de tão excellente arte de responder, se foram retirando de sahir a campo com elle.—Esta insigne maravilha, acompanhada de outros tres milagres que foram, *fazer fallar, e andar um mudo e paralitico: dar falla a outro mudo, e ouvidos a um surdo*, renderam ao Santo Apostolo em menos de dous mezes 500 convertidos, entre nobres, e letrados (139); sentindo elle muito por não poder converter o Rei, e o seu primeiro Ministro, apesar de serem seus muito devotos.

95—Influio tambem bastante para estas e outras conversões, que se lhe seguiram, a inesperada de um dos mais sabios e autorisados letrados, que existia naquella terra, inimigo implacavel da Lei de Christo, e o mais empenhado em refutar a doutrina do Apostolo.—Assistia elle a um Sermão que prégava o Irmão João Fernandes n'uma praça de muito concurso, e observou, que sahindo d'entre os ouvintes um gentio mal creado lançar na cara do Prégador uma asquerosa fleuma, e se mostrar muito ufano deste feito, dando por elle grandes risadas, dos ouvintes, uns se riam, e outros abominavam a vilania; porem tinham todos a vista no Irmão, e este tendo alimpado o rosto com o lenço, continua-

(139)—A Carta já citada de S. Francisco Xavier de 20 de Novembro aos Padres de Goa aponta esse numero de convertidos, e diz que ainda continua, Coll. Vol. 2. p. 199.

va com a prégação, sem dar mostra alguma do que se tinha passado.—Abalado o sabio com um tal facto discorreu pela maneira seguinte=Cuspir a um homem no rosto em uma praça publica á vista de uma Cidade, estando ensinando como mestre, afronta he digussima de um excessivo sentimento.—O aggravado he homem de tanto respeito, como merecem suas virtudes, e nos mostram as veneraçõs, que lhe rendem os *Portuguezes, nação altiva, rica, e bellicosa:* nem podem deixar de ser homens de coração intrepido, e magnanimo os que largando suas fazendas, e as conveniencias de suas patrias, vem do fim ao principio do mundo, atravessando immenssos mares, tolerando infinitos incomodos, escapando de innumeraveis perigos, e vencendo insuperaveis difficuldades, e isto não por cubiça de riquezas, porque as despresam, nem por ambição de honras, porque nos os despresamos a elles, se não por um entranhavel amor, que tem ao seu Deos, desejando de o fazer conhecido e adorado de povos tão alongados nos climas, tão contrarios nas religiões, e tão differentes nos costumes.—Segue-se logo que estes homens em obzequio á Divindade que adoram, *tem os trabalhos por alivio*, por isso se expoem a tantos, e tão grandes: *tem a pobreza por patrimonio*, por isso engeitaram a nossa prata: *tem as afrontas por honra, os despresos por coróa, os vituperios por gloria*, por isso soffrêm tão desmarcadas injurias com animo sereno e imperturbavel.—Por conseguinte sendo tudo isto procedente da Lei que prégam, não pode ella ser invenção dos homens se não verdadeira doutrina de um só Deos verdadeiro.—Em seguida a este discurso se prostrou aos pés de S. Francisco Xavier e tomou baptismo.—Tal foi a revolução que causou em Amanguchi a successão dos factos referidos, que os 100 mosteiros que existiam, e até os Monges que não tinham tenção de ser Christãos, despiam os habitos, apertados de fome por falta de esmolas, para recorrerem a outros meios de vida.

CAPITULO 49.

Da noticia que teve Xavier da chegada de uma Náo ao Porto de Fige: da carta que escreveo, e resposta que teve.

96—A Christandade de Amanguchi progredia a largos passos, e em menos de um anno o numero dos convertidos subia a 3 mil.—A este tempo chegou á noticia de Xavier que no Porto de Fige (140) do Reino de Bungo (141) estava surta uma náo Portugueza.—Despachou logo a Matheus, um dos dous Japões, que o acompanhavam, com uma carta ao Capitão e mercadores do theor seguinte = « O amor, e a graça de Jesu Christo « nosso verdadeiro Deos, e Senhor faça por sua miseri- « cordia continua morada em suas almas. Amen.—Por « algumas cartas de aviso, que vieram dessa Cidade, tive- « ram os mercadores desta recado da boa chegada de Vv. « Mercês: mas porque esta nova me não pareceu tão ver- « dadeira, como em meu coração desejo, determinei man- « dar saber por esse Christão a certeza dela: pelo que « lhes peço muito que me mandem dizer donde vem, e « de que porto partiram, e em que tempo determinam « tornar para a China, que queria trabalhar o possivel « por passar este anno á India; e des y me escrevam « por seus nomes, o da náo, e o do Capitão della, e to- « da a mais certeza da paz, e da quietação de Malaca, « e se aparelhem com furtarem aos negocios um pedaço « de tempo para examinarem suas consciencias; porque « esta he a fazenda, em que o ganho está mais certo, que « na sêda da China, por muito que se nella dobre o di- « nheiro: porque eu determino, se Deos N. Senhor fôr ser-

(140)—A *Fige* he conforme diz o Padre Sousa; mas segudo Fernão Mendes Pinto, a *Fucheō*, Metropole do Reino de Bungo. *Peregrinações* Cap. CCVIII.

(141)—Dista Bungo de Amanguchê 60 legoas terrestres. *Peregrinações* Cap. CCVIII.

« vido, ser lá logo com elles tanto que vir seu recado. « —Christo Jesu por quem he nos tenha a todos de sua « mão, e nos conserve nesta vida por graça no seu San- « to serviço. Amen.—Desta Cidade de Omanguché o 1.° « de Setembro de 1551.—Irmão em Christo de Vv. Mer- « cês. Francisco. »» (142)

97—O mensageiro chegado aos Portuguezes foi delles recebido, como de quem vinha, com muita satisfação, e responderam logo, assim o Capitão como os mercadores, dando-lhe noticia da India e Malaca: que elles haviam de partir dentro de um mez para a China, onde 3 navios faziam carga, para em Janeiro partirem para Goa, em uma das quaes estava o seu amigo Diogo Pereira, com quem S. Reverencia iria á sua vontade.—Com esta resposta voltou o mensageirio muito contente, pelo muito que lhe deram, e pelo bom agazalho com que fôra tratado durante os dias que lá esteve, e com grande alvoroço foi tambem recebido pelo nosso Santo pelas noticias que lhe levava, em vista das quaes se resolveu partir com a maior promptidão possivel.

CAPITULO 50.

Da partida de Xavier a Fige ou Fuchéo: sua recepção: admiração que isto causou: da visita, carta, e convite que recebeu do Rei de Bungo.

98—Passados tres dias encomenda Xavier a Deos a nova Christandade de Amaguchi, e deixando para a dirigir o Padre Cosme de Torres, e o Irmão João Fernandes, se poem a caminho no meado de Setembro de 1551 (143).—Fez o Santo esta jornada a pé, como costumava, levando ás costas o seu precioso fardel de or-

(142)—Transcrita literalmente do citado Cap. das *Peregrinações*.

(143)—Esta relação he tirada dos Capitulos CCVIII e seguinte da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, um dos Portuguezes que estava na náo de Duarte da Gama, e acompanhou ao Apostolo,

namentos para dizer a missa.—Eram seus companheiros além de Bernardo, e Mathias, dous nobres Japoneses, baptisados de pouco, aos quaes por isso, o Rei privara de 3 mil crusados de renda, que cada um delles possuia.—Em um Sabbado o Capitão da náo, Duarte da Gama, foi sabedor por 3 Japões christãos que acompanhavam ao Santo, que este ficava dali duas leguas, em *Pinlaxan*, com dôr de cabeça, e os pés inchados das 60 leguas, que caminhára.

99—O Capitão immediatamente fez reunir os Portuguezes, que estavam na Cidade, e os fez partir em busca de Xavier.—Os Portuguezes tendo andado pouco mais de um quarto de legoa o encontraram, vindo pelo caminho, com um fardel ás costas de objectos necessarios para dizer a missa.—E como todos hiam vestidos de gala, e em bons cavallos, com a vista do Santo no estado referido ficaram confusos, e não querendo o Apostolo aceitar a cavalgadura que lhe offereceram, se viram obrigados a acompanhal-o a pé, bem que contra a sua vontade, de que muito se edificaram os novos christãos que o acompanhavam.—Chegados ao rio de Fige aonde estava a náo, o Santo foi nella recebido com todas as demonstrações de alegria: disparou-se a artilheria toda por quatro vezes, em que se atiraram 63 tiros de berços, falcões, e camellos, pela maior parte com balas, os quaes pelas concavidades, que havia nas serras visinhas, fizeram espantoso estrondo.

100—O Rei, que a este tempo estava na Cidade, ouvindo o desacostumado estrondo d'artilheria, julgou que a náo estava de envolta com alguma armada de ladrões, de que havia fállar na Cidade.—Despachou logo á gram pressa um fidalgo para saber o que aquillo era, o qual chegando a Duarte da Gama lhe deu o recado do Rei, com offerecimentos convenientes ás circunstancias.—Duarte da Gama lhe respondeu com respeito e cortezia correspondente a um tal recado, e offerecimento—*que festejavam a chegada do Padre, por ser homem santo, e a aquem*

El-Rei de Portugal tinha muito respeito.—O fidalgo espantado do que ouvira e do que via, disse= « Vou con-« fuso no que hei de dizer a El-Rei, porque os nossos « Bonzos lhe tem certificado que este homem não he San-« to, como vós outros dizeis; mas que por vezes o vi-« ram fallar com os demonios, com quem tinha par-« ceria; e que por feiçaria obrava algumas maravilhas, « de que os ignorantes se espantavam, e que era pobre, « e tão pobre, que até os piolhos, de que andava cu-« berto, haviam nojo de lhe comerem a carne; pelo « que temo que desta vez percam elles o credito com « El-Rei, para nunca mais os ver, nem ouvir, porque « homem por quem vós tanto fazeis, e a quem com « tanta honra festejaes dessa maneira, de crer he que « na verdade he o que vos dizeis, e não o que elles qui-« zeram persuadir a El-Rei= » Os Portuguezes tornaram a ratificar o que haviam dito ácerca do Padre, com que o fidalgo se retirou muito admirado.

101—De volta o mensageiro deu conta a El-Rei de que as descargas de artilheria eram para festejar a chegada do Padre, com o qual os *Portuguezes estavam contentes, como se tivessem a sua nao carregada de prata*: que o que os Bonzos disseram a S. Alteza a respeito do Padre era falso: que o Padre era homem de rosto tão grave, que ninguem o veria, sem grande acatamento.—El-Rei depois de ouvir attentamente o que o fidalgo lhe dissera, respondeu= « *Tem razão no que fazem, e tu muita nisso que presumes delles*; e mandou logo visitar o nosso Santo por um Moço fidalgo seu parente, e por elle escreveu-lhe nos seguintes termos.= » Padre Bonzo do Che-« machicogim: A tua boa vinda á minha terra seja tão a-« gradavel ao teu Deos, quanto lhe satisfaz o louvor dos « Santos.—Por Quamsio Nafama, que mandei a essa nao « fui certificado da tua chegada de Omanguchê a Fingem, « de que fiquei tão contente, quanto todos os meus de « mim te diram: pelo que te rogo muito, já que me « Deos não fez digno de te poder mandar que por

« satisfazeres este meu desejo com que minha alma « te ama, me queiras bater, antes que venha a ma- « nhãa, ao postigo da casa em que te espero, ou me « mande que eu te importune sem esquivança de brados, « com pedir de joelhos prostrado por terra ao teu Deos, « que eu confesso por Deos de todos os deuses, e melhor « dos melhores, que vive nos Ceos, que pelos gemidos da « tua doutrina manifesta aos inchados da terra quanto « com pobresa lhe agrada a tua santa vida, para que a « cegueira dos filhos da nossa carne se não engane com « as falsas promessas do mundo: e de tua saude me man- « da dizer, para que durma contente no repouso da nou- « te, até que os gallos me despertem, e digam que vens « pelo caminho. »

102—Chegou o Fidalgo a bordo da náo, acompanhado de 30 mancebos tambem fidalgos, e um velho por seu Ayo, foi recebido pelo Capitão, Padre e mais Portuguezes com a consideração que merecia, pela sua commissão, e fidalguia, e na despedida a náo lhe fez salva de 15 tiros de artilheria, de que o fidalgo muito satisfeito, e ufano, olhando para o Ayo lhe disse.= « *Grande deve ser o Deos desta gente, e seus segredos muito ocultos a nós, pois permitte que homem tão pobre, como os Bonzos affirmam a El-Rei que este era lhe obedeçam as náos dos ricos, e suas bombardas manifestem com bramidos tão grandes, que o Senhor se satisfaz com mercadoria tão baixa, e tão despresada na opinião dos que vivem na terra, que parece peccado grave só o pensamento que nisso se occupa.* —A que o velho respondeu.= « *Bem pode ser que haja este a veniaga de sua pobresa tão agradavel ao Deos que serve, que em a seguir por seu respeito fique muito mais rico, que os ricos do mundo, ainda que os nossos Bonzos digam tão ousadamente o contrario disto a quem os ouve.* »

—Chegando o fidalgo a Cidade, com a satisfação com que hia, pela muita honra que recebera por causa do Padre, disse a El-Rei=« Convem que V. Alteza não fal- « le com este homem da maneira que os Bonzos lhe dis-

« seram, porque lhe affirmo que será grande peccado ; « nem tenha V. Alteza para si que he pobre, porque o « Capitão com todos os mercadores me disseram que se « elle quizesse a não assim como estava, lhe dariam lo- « go sem falta alguma « =A que El-Rei respondeu » = « Estou confuso a isso que dizes, e muito mais do que « os Bonzos me disseram ; mas eu te prometto que os « tenha daqui por diante na conta, que elles merecem. »

CAPITULO 51.

Do conselho que houve a bordo sobre o modo como Xavier devia apresentar-se ao Rei : de sua partida : do acompanhamento que levou : e da etiqueta com que foi recebido no Paço.

103—No seguinte dia da visita e convite do Rei, o Capitão Duarte da Gama reuniu em conselho todos os Portuguezes que estavam na não, para deliberar sobre o modo como o nosso Santo devia apresentar-se ao Rei, e resolveu-se por unanimidade dos votos « que por hon- « ra de Deos elle devia ir com maior aparato que po- « desse ser, porque com isso ficariam os Bonzos tidos por « mentirosos no que delle haviam dito ; porque claro « estava que da maneira que o vissem tratado, nesta con- « ta a teriam ; e por isso entre gente, que não conhecia « a Deos, era muito necessario ser isto como elles di- « ziam. »—Ainda que esta resolução foi contra o pare- cer do Apostolo ; todavia, em vista das rasões apresen- tadas foi elle forçado a condescender com ella.

104—Em conformidade da deliberação tomada, todos se prepararam o melhor que foi possivel, e partiram para a Cidade no batel da não, e em mais 2 manchúas, com os seus toldos, e bandeiras de sêda, empavesadas todas, com trombetas, e frautas, que hiam tocando alternadamente, o que causou grande novidade no povo, por ser cousa nunca d'antes vista, e de tal sorte se apinhoou a gente, que não havia logar para desembarcar, e a muito custo se poseram

em terra.—Aqui os estava esperando, de ordem d'El-Rei, Qamsi Andono, Capitão de Canafama, com umas andas, para conduzir o Padre, que as não aceitou, e partiu a pé para o Paço, acompanhado de muita gente nobre, e dos 30 Portuguezes, com outros tantos creados destes, todos bem vestidos, e com cadêas de ouro ao pescoço, na seguinte ordem.—O Padre hia vestido de uma loba de chamalote prêto sem agoas, e levava uma estola de veludo verde, com seu sevastro de brocado.—O Capitão da não hia com uma cana na mão, como Porteiro-mór, e 5 dos mais honrados, e ricos e de melhor nome levavam certas peças nas mãos, como creados seus: 1 levava um livro metido n'um saco de setim branco: outro umas chinellas de veludo preto: outro uma cana de Bengala com castão de ouro: outro 1 retabulo (painel) de Nossa Senhora n'um envoltorio de damasco roxo: outro 1 sombreiro (chapeo de sol) de pé pequeno.—Com este aparato e ordem transitou o acompanhamento pelas 9 ruas principaes da Cidade que estavam atulhadas do povo, occupando ainda os telhados das casas.

105—Desta sorte chegado o acompanhamento ao primeiro terreiro do Paço, passou por meio de 600 homes da guarda de honra, armados de arcos, lanças, e treçados, commandados por Fingeindono seu Capitão, para uma comprida varanda, onde os 5 Portuguezes que levavam as peças mencionadas, postos de joelhos, as offereceram a Xavier, e os grandes da Côrte que estavam presentes disseram com espanto—« *Vão se enforcar os nosos Bonzos, e não appareçam mais diante de gente, porque este homem não he o que elles disseram a El-Rei, se não cousa vinda da parte de Deos para confusão dos invejosos.* »

106—Da referida varanda passou a uma grande casa em que havia muita gente nobre com *alfirnas* de setim e de damascos de muitas côres com seus treçados chapeados de ouro, e entre elles um menino de 6 a 7 annos de idade que um velho tinha pela mão o qual chegan-

do-se ao Padre lhe disse—» Tua boa entrada nesta casa « d'El-Rei meu Senhor seja ati, e a elle tão agradavel, « como a agoa que Deos manda do Ceo, quando a lavou- « ra de nossos arrozes lha pede: entra seguro e com « rosto alegre, porque te affirmo em lei de verdade « que todos os bons te querem grande bem, e os « máos se entristecem como noute chuvosa de grande « escuro.»—E Xavier lhe respondeu por seu modo a es- tas palavras com outras semelhantes, a que o meni- no lhe tornou, dizendo. —« Grande deve ser a tua « ventura, pois vieste do cabo do Mundo a ser infama- « do com nome de pobre em terras alheias, e muito mais « grande sem comparação a bondade de Deos, a quem « esta confusa opinião do mundo não agrada, de que os « nossos Bonzos todos estão tão alheios, que com jura- « mentos affirmam publicamente que mulheres, nem po- « bres não podem ser salvos por nenhum modo.»—Ao que Xavier respondeu — « Permittirá o Senhor, que vi- « ve reinando em cima nos Ceos, tirar-lhes a nuvem que « tem sobre os olhos, e então conheceram o erro da sua « cegueira; e quando Deos lhes der este lume então « lhes dará graça para se desdizerem dessa opinião fal- « sa, que seguem.»—Os Portuguezes ficaram muito ad- mirados do que dizia o menino em objectos tão altos.

107—Desta casa o Santo entrou na outra onde esta- vam assentados muitos moços, filhos dos Senhores do Reino; os quaes vendo o Padre se levantaram, e de- pois de fazerem seus *gromenares* (zumbaias) pondo por tres vezes a cabeça no chão, ceremonia que he espe- cial de vassallo ao Rei, ou de filho ao pai, lhe dis- seram dous delles, em nome de todos.—*Tua boa vinda, Padre Bonzo Santo, seja tão agradavel a El-Rei nosso Senhor, como o riso do menino mimoso para a mãi, que o cria no seu peito; porque te juramos pelos cabellos das nossas cabeças que até as paredes que vês com os teus olhos, nos mandam que festejemos tua entrada para glo- ria de Deos, de que em Omanguchi dissestes tantas ma-*

ravilhas quantas cá temos ouvido.—E fazendo todos mostras de o querem acompanhar, o menino que o levava pela mão, lhes acenou que se tornassem a assentar.

108—Daqui entrou o Santo com o seu acompanhamento em uma varanda muito comprida, que corria ao longo de umas laranjeiras, e passando por ella entrou em outra casa grande, na qual estava Facarandono, irmão do Rei, a quem o nosso Apostolo fez grande acatamento, e elle correspondeu por igual maneira, dizendo—*« Certifico ao Padre Bonzo que hoje he o dia do prazer desta casa, e em que El-Rei meu Senhor se há por mais rico que se tivera os 32 thesouros da prata da China.—Tua vinda a ella seja para tanto seu gosto, e honra tua, quanto tu pretendes por remate dos teus desejos »*—O menino que o levava pela mão, lho entregou ao Irmão do Rei, e este o conduzio a outra casa, onde estavam muitos Senhores do Reino, os quaes fizeram ao Apostolo muito grandes honras, e aqui ficou esperando.

CAPITULO 52.

Do encontro de Xavier com o Rei; do mutuo entretenimento; e dos singulares obsequios do Rei a despeito dos Bonzos.

109—Passado algum tempo o Irmão do Rei tendo recebido recado de outra casa contigua, que estava ricamente armada, introduziu nella ao Padre, e o Rei que o esperava, sahio a recebel-o 5 a 6 passos do logar onde estava.—Xavier quiz inclinar-se a seus pés, mas o Rei o não consentio, antes o levou nos braços, e lhe fez 3 vezes *o gromenare*, de que os Senhores que estavam presentes ficaram admirados.—Depois disto assentando-se o Rei no estrado, fez assentar tambem comsigo ao nosso Apostolo; ao seu irmão um pouco mais abaixo, e aos Portuguezes acompanhantes de fronte dos Senhores do Reino.—Tomados os assentos se fizeram cumprimentos de parte a parte, em que o Rei se mostrou ao Padre mui-

to amigo, e este lhe respondeu por palavras mui agradaveis.

110—O Rei ouvindo a resposta do Padre olhou ao seu irmão e mais Senhores, e disse em voz alta = « Quem « podesse perguntar a Deos o por onde isto caminha, ou « qual he a causa, porque permittio haver em nos ta- « manha cegueira, ou neste homem tamanha sabedoria? « Porque por uma parte vemos nós agora com nossos olhos « o que delle geralmente todos dizem, e provar elle o « que diz com umas palavras, que não tem contradição, « e tão proprias a toda a razão natural, que quem bem « considerar nesta maravilha, se confundira, e a não ne- « gara; mas antes, se tiver bom juizo, confessara ser « verdade: e por outra parte vemos os nossos Bonzos tão « embaraçados na nossa verdade, e tão desvariados na- « quillo que pregam, que hoje dizem uma cousa, e a- « manhãa outra; de maneira que toda a sua doutrina « para homens de juiso claro he confusão, e em partes « duvidosa da salvação. »

111—Um Bonzo que estava presente, corrido do que El-Rei disse, lhe respondeu = « *Não he isso materia, em que V. Alteza se possa resolver tão depressa, pois não estudou em Francina; e se tem alguma duvida, pergunte-ma a mim e eu lha declararei, e então verá quão verdadeiro he o que pregamos, e quão bem empregado o que porisso nos dão.* — A que El-Rei respondeu: » *Pois o tu sabes, dize-o, e calarme-hei.* » — O Bonzo então fez uma longa enumeração dos seus estudos, das suas occupações, trabalhos na cura dos enfermos, na instrucção da mocidade, na pacificação de discordias, com que os Bonzos eram amigos do Sol, das estrellas, e dos Santos do Ceo, para fallarem sempre de noute com elles, e tê-los muitas vezes nos braços, repetindo com colera o El-Rei no meio destes desatinos *foxidehuso* (peccador cego sem olhos).

112—El-Rei ouvio tão corrido do que dizia o Bonzo, que enfadado acenou ao Irmão para o fazer calar, o que logo fez, então El-Rei lhe disse = « segundo temos ou-

« vido na prova, e justificação, que quisestes dár da tua « santidade, não tá queremos negar ; mas tambem te con- « fesso que a soberba das tuas desenfreadas palavras nos « escandalisou de maneira, que ousarei a jurar a meu salvo « que mais parte tem o inferno em ti, do que tú tens nos « Ceos, aonde Deos tem sua habitação « = A isto o Bonzo lhe respondeu=» Tempo virá, em que me eu não que- « rerei servir dos homens, nem elles, nem tú, nem to- « dos os Reis, que agora governam, serão dignos de me « tocarem.»—O que ouvido, El-Rei surrindo-se da soberba do Bonzo, olhou para o Padre, como quem dizia—que te parece —e elle pelo applacar lhe disse=« Deixe V. « Alteza isso para outro dia, em que o Bonzo esteja mais « desagastado : a que El-Rei tornou=« Tens razão no que « me dizes, e eu muito pouca em o ouvir=« e mandando-o levantar, lhe disse=« Quando houveres de fallar de Deos « não te justifiques com Deos, que peccaras gravemente ; « mas com palavras por amor delle te purga da cólera, « que trazes comtigo, e ouvir-te-hemos.= O Bonzo, como affrontado das palavras do Rei, virando-se para os pre- sentes, disse=« *Hiacata passiram figiancor passinau*, quer dizer=« *Rei que tal diz, fogo do Ceo o abraze* »= e levantando-se se retirou pela porta fóra rosnando, sem fazer as devidas cortezias, e os Senhores ficaram zom- bando.

113—Apoz isto, por serem já horas, trouxeram de co- mer ao Rei, e este pediu a Xavier que jantasse com elle, de que o Padre se escusou por tres vezes com muita cor- tezia, dizendo que não tinha necessidade.—A isto o Rei respondeu.= « Muito bem sei que não deves de ter fóme, « pois dizes que não tens necessidade de comer : mas tam- « bem entendo que já saberas (se és Japão, como nos), « que he este offerecimento entre os Reis o mais certo si- « nal de amor, que se lhe pode mostrar, e porque te eu « tenho nessa conta, te hei por muito honrado em te con- « vidar. »—A que o Padre fazendo mostras de lhe querer beijar o treçado, que tinha na cinta, para lhe agradecer

disse: « Deos N. Senhor, por cujo respeito me fazes isso, « te communique lá do Ceo tanto da sua graça, que por « ella mereças professar a sua Lei, como verdadeiro ser- « vo seu, para que no fim de teus dias mereças possuil-o ». —A isto o Rei lhe tornou: « Concedo nisso, que por mim « lhe pedes, com tanto que tu, e eu estejamos ambos jun- « tos, para praticarmos nestas cousas que agora passamos. » —E offerecendo-lhe, com a bôca cheia de riso, o prato de arroz que tinha diante de si, lhe tornou de novo a ro- gar que comese, e o Padre o fez logo; pelo que nós todos (diz o Autor) assim o Capitão, como os Portuguezes nós possemos de joelhos por aquella grande honra, que pu- blicamente, e em despreso dos Bonzos fazia ao Padre, sem embargo do seu poder e intrigas.—Terminado o jan- tar voltou Xavier com os seus companheiros a bordo da náo.

CAPITULO 53.

Da applicação de Xavier em converter os Idolatras de Funchéo, Capital do Bungo, e do que mais praticou.

114—Durante 46 dias que Xavier se demorou nesta Ca- pital, se occupou inteiramente da conversão dos infieis, e os Portuguezes não podendo achar tempo para entretel-o como desejavam, se lhe queixaram, a que elle respondeu: » « Peço-vos, irmãos meus em Christo N. Senhor, que nun- « ca ao jantar espereis por mim, nem me tenhaes nessa « parte em conta de vivo para me agasalhardes; porque « vos affirmo em boa verdade que receberei disso muito « grande disgosto: porque sabei que o banquete em que « mais me deleito, e em que tenho mais gosto, he ver ren- « der-se uma alma a quem a remio, e confessar pela bôca o « que hoje confessou Saquasi Girão principal Bonzo de Ca- « nafama, o qual depois de conceder o que antes negava, « se pôz de joelhos com as mãos levantadas no meio « da praça, que estava cheia de gente e perante todos « disse chorando:—« *A vós Eterno Jesu Christo Filho de Deos se rende a minha alma, e confesso aqui com a bôca*

o que tenho fixo em meu coração: pelo que requeiro a todos quantos me ouvem que digam ás gentes, com quem faltarem, que me perdoem por quantas vezes lhes preguei por verdade o que agora estou vendo, e entendendo que he falsidade, e mentira ».—« E sabei de certo, irmãos, que esta « Santa confissão deste novo servo de Deos, e irmão « nosso fez tanto abálo em todo o povo, que se eu hoje « quizesse, se baptisarião mais de 500 pessoas; mas con- « vem tratar este negocio com muita prudencia, e não « lho fazer tão leve, por causa dos Bonzos, que lhes « aconselham que, já que se hão de perder com se fa- « zerem Christãos, me peçam por isso muito dinheiro: e « isto porque lhes parece que não lho dando eu por « ser pobre, e não ter que dár, perder o credito, que « elles lhes dizem que tem nas palavras, que me ouvem; « mas o Senhor proverá com sua misericordia neste im- « pedimento, que o astuto inimigo da cruz lhe procura ».

113—O Apostolo com a sua effectiva applicação sobre dita não só converteu muitas almas a Deos, mas até fez que o Rei affastasse de si os Bonzos, désse de mão a muitos vicios, em que estava engolfado, que prohibisse com gravissimas penas que as mulheres matassem as creanças que parissem, a que eram costumadas pelos conselhos dos Bonzos, e assim acabar tambem alguns outros vicios de igoal natureza, devidos á doutrina dos mesmos Bonzos.—Em vista do que o Rei costumava muitas vezes dizer aos da sua côrte—« Que quando lhe ap- « parecia diante o Padre Francisco sentia tremer toda « a alma, e confundir-se a consciencia, que lhe parecia « ver o rosto daquelle divino homem como um purissi- « mo espelho, onde divisava a bruta imagem da sua vida « com tal horror de si mesmo, que não podia pôr os « olhos nelle sem proposito de a reformar, e daqui lhe « nasciam uns vivos efficases desejos de estabelecer no- « vas leis para emenda do seu Reino e dos Bonzos. »

CAPITULO 54.

Da despidida de Xavier e dos Portuguezes ao Rei, e das disputas que nesta occasião teve Xavier com um celebre Bonzo.

116—No entre tanto estando já a náo prestes a partir o Capitão Duarte da Gama, e mais Portuguezes em companhia do Apostolo foram despedir-se d'El-Rei e dár as graças pelo bom tratamento que lhes fizera na sua terra.—El-Rei depois de os receber com semblante alegre lhe disse:—« Confesso-vos que me fica mágoa no meu « coração, porque não posso ser um de vos outros pela « inveja que vos tenho da companhia, que levaes com « voseo, de que eu fico tão orfão, quanto a minha al« ma me está cá chorando, porque temo muito que o « não hei de ver mais nesta terra. »—A que o Padre, depois de lhe dár graças pelo amor que lhe mostrava respondeu: » — *Que se Deos lhe desse vida, elle tornaria muito cêdo a ver S. Alteza* (144)» o que El-Rei lhe agradeceu muito.

117—Estando ainda entretidos com os mutuos comprimentos de despedida, e tendo chegado da distancia de 12 legoas o grande Bonzo Fucarandono, mandou este pedir audiencia a El-Rei.—He de saber que este Bonzo tinha sido convidado pelos Bonzos daquella Cidade, como o maior sábio das suas Universidades para disputar com o nosso Apostolo sobre a Religião e recuperar o crédito que elles haviam perdido, tanto mais porque se julgavam affrontados por El-Rei, por dar grande consideração ao mesmo Apostolo, sendo elle estrangeiro, só, pobre, e mal vestido, porisso chamado *Inocosen* (cão fedorento).—El-Rei ficou surprendido e triste com um tal pedido, receando que o nosso Apostolo discutindo com o

(144)—He a esta promessa que se refere a embaixada, e cartas deste Rei, de que atraz já fallamos na nota (124) a pag. 106.

Fucarandono sobre a religião, perdesse a honra ganhada com os outros.—O nosso Santo conhecendo isto em El-Rei lhe pediu muito por mercê que o mandasse entrar, e El-Rei permittiu ainda que com muita repugnancia.

118—Entrado o Bonzo, e feito o seu divido acatamento, perguntou-lhe El-Rei « *o que queria* ; e elle respondeu : *Que vinha vêr o Padre do Chencico , para se despedir delle, antes que se fosse.*—Em seguida chegando-se ao Padre, que o recebeu com muito agrado, depois de trocarem os comprimentos de civilidade de parte a parte, o Bonzo fez em seguida, em tom de zombaria, varias perguntas inconsequentes, ás quaes Xavier respondeu com razões tão claras, e concludentes, que El-Rei ficou muito satisfeito, e o Bonzo confuso, mas tão contumaz, e emperrado na sua brutalidade, que por nenhuma maneira quiz conceder em razão alguma, até que os Senhores que estavam presentes lhe disseram :—« Se tu vens para pelejar, vai « te ao Reino de Omanguché, que está agora de guerra, « e lá acharas com quem quebres a cabeça ; porque nós, « Deos seja louvado, estamos agora cá todos em paz : po« rem se vens para argumentar, ou sustentar, ou negar « tuas opiniões seja por palavras mansas, e quietas, como « vês que faz este Bonzo estrangeiro, que te não respon« de a mais que aquillo, para que tu lhe dás licença ; e « se assim o fizeres, ouvir-te-ha S. Alteza, se não janta« rá, porque se vão já fazendo horas.—A isto respondeu o Bonzo com palavras tão arrogantes que El-Rei de affrontado o mandou levantar, e lançar pela porta fóra, jurando-lhe que se não fôra Bonzo, lhe mandára cortar a cabeça.—Assim terminou-se as disputas deste dia, e Xavier, com os Portuguezes se retiraram do Paço.

119—A aspereza com que El-Rei tratou o Bonzo offendeu a tal ponto o melindre dos Bonzos, que fez que todos elles se amotinassem contra El-Rei, e os Senhores do Reino, e fechassem os Templos todos da Cidade, não ministrassem ao povo nenhum sacrificio, nem aceitassem suas esmolas.—Nestas circunstancias foi preciso a El-Rei

compôr o negocio com muita prudencia, para aquietar a desunião, e o motim da gente baixa, que já começava a se desenfrear.—Os Portuguezes do seu lado receiosos de algum tumulto promovido pelos diabolicos Bonzos se embarcaram no outro dia, e pediram a Xavier que tambem assim o fizesse; mas elle se escusou.—Em vista desta escusa os Portuguezes reunidos a bordo resolveram que o Capitão Duarte da Gama o fosse em pessoa buscar em terra, antes que acontecesse algum desastre, que era muito de esperar.

120—O Capitão indo em busca do Apostolo, o achou em um pobre casebre com 8 christãos, a quem deu o recado que levava de todos os Portuguezes, e lhe expôz diversas razões, porque lhe convinha embarcar-se logo; antes que lhe acontecesse algum desastre.—Ao que Xavier respondeu: « Irmão meu quem fôra tão bemaventurado, que poderá merecer a Deos N. Sr. vir sobre « elle esse desastre, de que vos receaes; mas muito bem « sei que não sou digno de tamanha mercê: e quanto « a me embarcar tão depressa, como esses Senhores me « pedem, e V. mercê tambem me aconselha, não me con« vém agora fazel-o, porque será escandalo muito grande para estes novamente convertidos a Fé, e dar motivo, e occasião por meu máo exemplo de elles poderem « lançar mão por aquillo, que o demonio por seus so« quases lhe procura.—E já que V. mercê entende de « mim esta verdade, póde-se ir muito embóra com todos « esses outros Senhores, pois por seus fretes lhes está « tão obrigado; porque tambem o eu estou muito mais, « e mais a um Deos tão misericordioso, que por me sal« var morreu pregado em uma cruz. »—Com este dissengano se tornou o Capitão para a náo, e depois de contar aos Portuguezes o que passava, lhes disse, que quanto á obrigação que tinha de os tornar ao porto de Cantão, donde partira, que elle lhes falgava a náo com a carga, para fazerem de tudo o que quizessem, porque não queria desemparar o Padre por nenhum caso.

121—Esta resolução do Capitão pareceu boa a todos, e lhe concederam todo o tempo que fosse preciso para o fim que tinha em vista, e em sua consequencia voltaram a não aonde antes estava, e a tornaram a amarrar.—O Santo sabendo deste proposito ficou muito consolado e satisfeito: os christãos animados: e os Bonzos confusos, e magoados, por verem que a pobresa que o Padre professava, e de que elles calumniavam tanto, era mais por respeito do serviço de Deos, que por falta do necessario, como elles diziam.

CAPITULO 35.

Das novas disputas que o Apostolo teve com o sabio Fucarandono, e o seu resultado.

122—Sabendo os Bonzos que El-Rei estava certo que o Padre determinava esperar todos os contrastes, e inconvenientes que elles lhe puzessem ao que elle dizia e pregava, deliberaram de commum accordo, que a disputa de Fucarandono com o Padre fosse por diante.—Do que deram conta a El-Rei, e elle o permitiu sob as condições bem contrarias ás que elles indicavam, e são as seguintes: 1.ª que não bradariam alto, nem fallar descortesias: 2.ª que haviam de conceder com o que aos ouvintes parecesse rasão: 3.ª que se haviam de accommodar ao que depois da disputa se determinasse por mais votos: 4.ª que não impediriam por si nem por outrem os que se quizessem fazer christãos: 5.ª que nas materias do que se argumentasse, quando quizessem negar ou provar, haveria Juizes que o determinassem: 6.ª que concederiam naquillo que com rasões naturaes se provasse, e a que o juizo dos homens se sujeitasse.—Estas condições foram contrariadas pelos Bonzos, dizendo que não era honra sua sujeitarem-se a juizes arbitros que não fossem Bonzos.—Emfim consentiu no que havia proposto, por lhe parecer rasão: e elles se viram obrigados a ceder com muito desgosto.

123—No seguinte dia compareceu Fucarandono em Palacio, acompanhado de 3 mil Bonzos; mas El-Rei não consentio que entrassem mais de 4, por não ser honra delles de se apresentarem 3 mil contra um só; todavia posteriormente aos 4 se agregaram mais 2.— E avisado o nosso Apostolo compareceu tambem sendo acompanhado dos Portuguezes, ainda com maior fausto do que da primeira vez, servindo de creados os mais ricos delles, pondo a tudo os joelhos em terra e tendo sempre nas mãos as gorras que eram guarnecidas de perolas, e de cadêas de ouro.—O Fucarandono e os mais Bonzos vendo tanta riquesa, tanta honra, e tanto fausto se houveram por muito affrontados, e se vio nelles grande magoa, e espanto do que viam; mas El-Rei e os Senhores se mostraram muito satisfeitos, e trocando entre si remoques pesados ácerca da pobresa do Padre inculcada pelos Bonzos.—Fucarandono considerando tudo o que viu e ouviu, disse a um dos Bonzos que tinha ao pé de si, parece-me que hoje iremos mais affrontados do que no outro dia.—Entrado o P.e na forma referida, El-Rei o recebeu com muita honra, e depois de lhe fazer grandes comprimentos disse ao Fucarandono que dissesse, por parte dos Bonzos, *que razão havia por se não receber no apão a Lei que o Padre vinha pregar* —O Bonzo já brando, e refreado de sua soberba respondeu, *porque era inimicissima, e contraria de todas as suas, e deshonra publica dos servos de Deos, que lhe tinham feito voto de religião &c.* El-Rei disse então ao Padre que respondesse, e assim começaram-se as disputas sobre diversos pontos da Religião, ás quaes todas Xavier respondeu com completa satisfação de El-Rei e dos Senhores do Reino, que não consentiram que o Bonzo voltasse com novos sophismas aos pontos discutidos, desta forma terminaram-se as disputas do primeiro dia e a reunião se dissolveu, retirando-se Xavier com os seus companheiros para a casa dos christãos onde dormiram aquella noite.

124—No seguinte dia á tarde, El-Rei fingindo que passava por acaso pela rua mandou dizer ao Apostolo *se queria ir ver o seu jardim, aonde tinha por nova que estava a caça já esperando por elle, e que se armasse bem, porque tal vez, que ainda hoje derrubaria um par de minhotos daquelles sete, que hontem lhe quizeram arrancar os olhos.*—O Padre entendendo a metafora saiu logo á rua, aonde El-Rei o estava esperando em pé com tres privados seus, e tomando-o pela mão, e os Portuguezes um pouco affastados, o levou com muita honra por todas as ruas até ao seu Paço aonde os Bonzos já estavam com grande numero de gente nobre esperando pelo Padre.—Os Bonzos tornaram de novo a repetir questões sobre a materia resolvida, apresentando um grande papel cheio de repostas, o qual El-Rei não quiz ver, e disse: « O que já se julgou uma vez, não se pode jul-« gar duas, como vós quereis; por isso fallai em outra « cousa, porque este Padre esta já embarcado para se « partir, e o Capitão não vos deve tanto pelo parentes-« co, nem por amisade, que por vosso respeito queira « perder sua viagem, e por isso lograi-vos delle estes 2 « dias, que aqui hade estar, se vos prouver, ou vos tor-« nai para Miaygima donde viestes. »—A isto responderam os Bonzos que assim o faziam, e pediram licença a El-Rei para praticarem com o Apostolo em cousas boas, que desejavam saber delle, em que não havia de haver porfia alguma.—Obtida a licença se chegaram ao Padre, e lhe pediram perdão do passado, e lhe perguntaram muitas cousas curiosas, e boas, que El-Rei folgou muito de ouvir, versando as mesmas perguntas sobre a creação dos Anjos, e seu desmacho: sobre a sabedoria de Deos, creação do mundo, de Adão, Serpente, do peccado, da vinda de Christo ao mundo &c. &c., gastando em cada uma dellas horas perdidas, não com o zelo de saberem, e de se converterem, mas somente para calumniarem a Lei de Deos, e perturbarem o seu servo, mostrando-se duros em concederem as rasões que lhes dava.

—El-Rei enfadado já da pertinacia com que os Bonzos negavam tudo o que o Padre dizia, se levantou exprimindo :—« *Os que hão de argumentar sobre a Lei tão fundada em toda razão, como esta he, não hade estar tão fora della, como vos outros vindes* »—e assim deu por terminadas as disputas, que duravam 5 dias, e tomando o Padre pela mão, acompanhado de todos os grandes, que estavam com elle, o levou até a casa dos christãos aonde pousava, de que todos os Bonzos receberam grandissimo disgosto, e ficaram muito envergonhados, e praguejaram publicamente em altas vozes que o fogo do Ceo venha sobre El-Rei, por se enganar tão facilmente por um feiticeiro, vadio, e sem nome.

CAPITULO 56.

Da nova despedida de Xavier e Portuguezes ao Rei: do seu embarque, da tormenta que soffreu na viagem, e dos prodigios que obrou até chegar á China (Sanchão ou Sanchoão).

125—No seguinte dia (20 de Novembro de 1551) Xavier com os Portuguezes despedindo-se d'El-Rei, o qual lhes fez as honras e o agazalho, que sempre costumava, se embarcaram, e Xavier depois de 2 annos, e 4 mezes sahiu de Japão, semeando a Fé de Christo desde Cangoxima até a grande Cidade do Meaco (145), e aos 22 do mesmo mez a não largou as velas para a China.—No principio tiveram bom vento e alegre viagem; mas passados 7 dias levantando-se uma furiosa tempestade, por cinco dias não viram de dia o sol, nem de noute estrella al-

(145)—He em verdade muito interessante ácerca da missão e conversão de Japão a longa Carta do nosso Santo escrita aos Padres da Companhia da Europa, de Cochim na data de 29 de Janeiro de 1552 Vol. 2. p. 238.—Assim como a de 13 de Abril do mesmo anno (a ultima) escrita a El-Rei D. João 3.º p. 352.

guma.—O Piloto não sabendo qual o rumo que tinha a seguir, no aperto em que se vio pôz a prova ao rumo, que julgou, por conjecturas, se dirigiria a paragem das Ilhas dos Papuas, Selebes, ou Mendanaus, que distavam dali 660 legoas.—A tempestade porém tornando-se cada vez mais furiosa e a nao não obedecendo ao leme, se viram os navegantes na necessidade de alijar tudo ao mar, arrazar os castellos até o andar de convés, para assim ficar a não desafrontada, e amarrar o batel por poupa com duas amarras de cairo novas, e tendo-se concluido esta ultima diligencia quando a cerração da noute era muito grande, não foi possivel recolher-se a nao a gente occupada no dito batel, que eram 15 pessoas, sendo destes 5 Portuguezes, e os outros escravos e marinheiros, por conseguinte todos ficaram no batel aquella noute.

126—De tal natureza era a tempestade, que todos estavam inteiramente desanimados, assim pela afflicção em que se viam, como fatigados de indisiveis trabalhos, acerca dos quaes refere Fernão Mendes Pinto fallando do nosso Santo Apostolo = « Em todos estes trabalhos e in-« fortunios nos acompanhou este Bemaventurado Padre « assim de noute, como de dia, por uma parte tra-« balhando por sua pessoa, como cada um dos outros, « e por outra animando e consolando a todos; de ma-« neira que depois de Deos elle só era Capitão, que nos « esforçava, e nos dava alento, para de todo nos não « rendermos ao trabalho, e nos entregar-mos de todo á « ventura, como alguns queriam fazer algumas vezes, « se elle não fora (116).

127—Sendo já quasi meia noute os do Batel deram um grande grito = *Senhor Deos, misericordia* = e acodindo todos para saber o que era, viram o Batel ir atravessado, rotos os calabres com que estava preso.—O

(116)—*Peregrinações* Cap. CCXIV.

Capitão com a dôr daquelle desastre mandou que a náo seguisse o batel bolinando, parecendo lhe que o poderia salvar; mas apenas tinha dado um lado aos mares quando cahiram sobre ella 2 serras de agoa, de que ficou quasi soçobrada, e em estado de ir a pique, se sobrevviesse a terceira.—Aos gritos da gente acode Xavier, que estava em oração, vê o navio no estado em que estava, a gente pelas amuradas um sobre outros, maltratados pela maior parte de encontrões das capoeiras dos conveis: diz então, levantado as mãos ao Ceo *O Jesu Christo, amores de minha alma, valei-nos Senhor pelas 5 chagas, que por nos padecestes na arvore da vera cruz:* no mesmo instante a náo meia sepultada surgio e se pôz em via.

128—Passado este terrivel susto, voltaram todos a lamentar a perda dos 15 companheiros que iam no batel, e Xavier se magoava singularmente de 2 mouros, e com este sentimento recolhendo-se dentro em si mesmo, como costumava em casos urgentes, levantando a pensamento a Deos, com breve, mas efficaz oração, lhe pedio a salvação daquelles desemparados, e sentindo-se bem despachado disse muito alegre, e satisfeito aos circunstantes que os 15 companheiros estavam salvos, e que dentro em 3 dias o filho viria a buscar a mãi, isto he o batel a náo.—Muito dura de crer parecen a todos a prophecia, assim por parecer impossivel não se virar o batel em mar tão tormentoso, como de poder alcançar a náo, que corria precipitada a discrição do tempo.

129—Tudo isto succedeu de noute, como fica dito; logo ao romper da manhãa subiram á gavea, e nada viram.—Dahi á duas horas apparecen Xavier e comprimentou cortezmente aos que achou nos conves, mostrou desejo de que tornasse o gageiro acima.—Mas a isto acodiu Pero Velho, dizendo por ironia, *que se não cansassem, porque o batel appareceria, quando o outro se perdesse,* por que a náo não tinha outro batel a perder.

—Então o Apostolo, pesando lhe o que ouvira, respondeu (147)=« O' irmão Pero Velho, muito pequena fé « he essa, que tendes; e duvidaes vós por ventura que « pode ser alguma cousa impossivel a Deos N. Senhor? « Pois confio nelle, e na Sacratissima Virgem Maria « sua Mãi, a quem por elle tenho prometido 3 missas na « sua bendita Casa do Outeiro em Malaca, que ha de « permittir que aquellas almas, que vão nelle, se não « percam.» de que Pero Velho ficou corrido, e se calou. —O Mestre então por compraser ao Santo mandou á gavia um marinheiro para vigiar o mar.

130—Advertiu Fernão Mendes Pinto, um dos passageiros, como havia 2 dias, e 3 noutes, que o Santo nem comia nem dormia, e compadecido de sua muita fraqueza lhe offereceu o seu camarote para repousar.—Acceitou elle a offerta; mas o repouso que o Santo buscava, era de oração, e das 7 horas da manhãa até fenecer o dia estivera continuamente de joelhos orando fervorosamente.—A boca da noute sahiu ao convés, e perguntou ao Piloto se havia noticia do esquife, que já não devia estar muito longe.—Respondeu-lhe que *quando por milagre não estivesse submergido, distaria de não* 30 *legoas, que era trabalho em vão esperar por elle.* —Instou todavia que antes de ser mais noute subisse algum marinheiro a ver se o descubria.—O Piloto não tanto pelo contentar, quanto por lhe tirar de todo aquella, como elle suppunha, mal fundada esperança, subiu elle mesmo acima, e correndo com os olhos toda a circunferencia do orizonte, disse *que não apareciam se não ondas e escumas, e tornou a descer.*—Valeu-se então o Santo de palavras brandas, e amorosas contra a incredulidade dos mareantes, e rogou ao mestre que man-

(147)—Diz Fernão Mendes Pinto.—*Peregrinações* Cap. supra-citado.—O Padre Sousa diz apenas no respectivo lugar que o Santo reprehendera severamente a Pero Velho.

dasse arreiar o traquete á espera do esquife, que estava perto.—Eram tão respeitadas suas palavras, que sendo todos de contraria opinião, arreiaram ao meio mastro a verga da prôa, e com perigo de os *comer o mar* 3 horas o esperaram sem esperança!

131—Apuraram os passageiros a paciencia com os continuos balanços da náo, e querendo satisfazer as lastimosas queixas, mandou outra vez o mestre issar a vela.—Contradizia Xavier, mas vendo a obediencia dos marcantes, correu a lançar mão da drissa, e com os olhos postos no Ceo, lançou esta devotissima jaculatoria—*Iesu Christo, meu verdadeiro Deos e Senhor, pelas dores de vossa sagrada morte, e paixão, vos supplico salveis a vida daquelles vossos fieis, que com perigo tão manifesto vem navegando naquella barquinha.*—Ditas estas palavras deixou-se assim estar: neste comenos grita de repente um menino, que estava sentado nas *Xarcas* (insarcas), milagre, milagre aqui vem o nosso batel.—A tão inesperada voz se alvoroçaram todos, e viram vir o batel saltando sobre as ondas.—Correram logo a lançar-se aos pés de Xavier, chorando como creanças de alegria, e contendendo sobre quem havia de beijar o pé, elle porem envergonhado se retirou para a Camára do Capitão.

132—Entre tanto se avisinhava o batel, andando o mar tão impinado em serras, sem nunca se desviar a uma ou outra banda, como se quizesse mostrar a mão invisivel de quem o governava, e isto se conheceu melhor, quando chegando ao bordo da náo por si mesmo se aquietou.—Não havia por este tempo quem se podesse ouvir, nem entender na náo com abraços, lagrimas, exclamações de um tão grande bem não esperado.—Mas tudo interrompeu por algum tempo nova occorrencia de espanto; e foi, ouvirem dizer aos do batel, como vinham atravessando por meio de tão rota borrasca, ainda no maior escuro da noute, sem temor algum de naufragio, ou desvio, pelos grandes alentos, que lhes infundia a presença do Padre Mestre Francisco, que vinha com elles

no esquife, e o governava com arte maior que de Piloto. —E porque os da náo juravam assistira sempre com elles o Padre Francisco, e recontavam todos os successos referidos; os outros que tambem o haviam visto presente não podiam acabar comsigo de lhes dar credito, salvo se por milagre se ouvesse reproduzido no mesmo tempo em dous logares.

133—Os dous mouros, que iam no batel conheceram com evidencia serem sobre naturaes estas maravilhas, e se baptisaram: tudo isto teve lugar no dia 17 de Dezembro do mesmo anno.—Inda não cessava o vento quando Xavier ordenou ao Piloto Francisco de Aguiar que tivisse as vélas lestes, porque o contraste acabaria logo, e o vento saltaria do Sul ao Norte para irem seguindo sua derrota.—Nada disto promettia a experiencia, mas o Piloto dando inteiro credito ás palavras do Santo, mandou largar a vela grande; começou então vento fresco, e a náo chegou a Sanchão em tres dias. —No mesmo dia em que mudou o vento o Santo assegurou ao dito Piloto, que elle *não morreria em agoa se não em terra, e levaria a salvamento todas as embarcações onde navegasse, por maior que fosse a tempestade.*—Continuas experiencias lhe confirmaram a verdade desta prophecia, especialmente na viagem que fez de Tanassari a Pegú, em uma pequena embarcação muito velha, comtudo ella se salvou n'uma grande tempestade, tendo naufragado todas as náos que iam com ella não obstante de serem novas e fortes!

CAPITULO 57.

De seu embarque em Sanchão: dos arranjos que fez para se introduzir no Imperio da China: da tormenta que soffreu: das prophecias e milagres que fez até chegar a Malaca.

134—No porto de Sanchão se passou Xavier á náo

de Diogo Pereira, seu leal amigo, e em 31 do dito mez de Dezembro largaram para Malaca.—O Santo na viagem deu conta a Diogo Pereira do estado em que deixára a christandade do Japão, e quão importante lhe era trabalhar para ter entrada na China, assim para divulgar naquelle Imperio a Lei de Christo, como para obrigar aos Bonzos de Amanguchi para acreditarem na mesma Lei, visto que estes diziam que da China lhes viera a Lei que prégavam ha 600 annos, e era tida por boa, da qual elles não desdiriam, sem que soubessem que elle convencera os Chins com as mesmas razões, com que lhes queria provar ser boa a Lei que prégava.—Tal era o motivo do seu empenho para ir á China.—Praticando-se entre os que iam a bordo sobre o meio de introduzir-se, sem perigo, naquelle Imperio, resolveu-se que o unico era mandar o V. Rei da India uma embaixada ao Imperador da China em nome d'El-Rei de Portugal, e o Santo fazer parte da embaixada.—Acharam tambem que uma tal embaixada era muito custosa, e o V. Rei não poderia fazer a grande despesa que ella demandava, visto as guerras que tinha a defender.—Então Diogo Pereira se offereceu a tomar o cargo por serviço de Deos, e pela amisade ao Padre, e fazer toda a despesa precisa assim da embaixada, como do sagoate competente ao Imperador.—O Padre aceitou o offerecimento e lhe prometteu por isso satisfação de El-Rei.

135—Passados alguns dias encontraram um tufão furiosissimo e terrivel.—Vendo-se pois acommettidos de tão formidavel inimigo, todos os passageiros, e mareantes se deram por perdidos, e sobre todos o Pereira, que por mais experimentado conhecia melhor o perigo, recorreram então todos ao Santo, pedindo-lhe alcançasse de Deos a salvação daquella náo.—Xavier sem dar reposta se retirou a fazer oração, e sahindo logo com semblante angelico levantou o braço direito diante do Pereira e lançou uma benção á náo dizendo.=« *A náo Santa*

Cruz (assim era o seu nome) *nem agora, nem nunca periçará no mar, mas por si mesmo se desfará no mesmo logar onde foi feita.*—E acrescentou *assim pudesse dizer isto da outra não, que sahiu com nosco do porto*.—Logo se foi experimentando a verdade da prophecia, porque se desvaneceu o perigo.—Daqui a pouco encontraram as drogas e alfaias da outra não soçobrada pelo vento, e os corpos mortos dos passageiros nadando sobre o mar, e 2 marinheiros ainda vivos, que foram recolhidos na não.

136—Divulgou-se logo por todos os portos do Oriente a benção da não Santa Cruz, por esta razão lhe chamaram a *não do Santo*, e quando dava fundo em qualquer porto, era recebida e festejada com applauso do povo, e respeitada pelas outras náos com salvas de artilheria.—Contendiam os negociantes sobre quem havia de assegurar nella os seus fundos e pagava-se maior frete, e levava tanta carga quanto lhe cabia dentro e fóra.—E como depois da morte do Santo durou ainda 30 annos estava decrepita, carcomida, e tão fraca que mal se podia ter em cima d'agoa; mas nem porisso a deixavam de carregar, como se então sahisse do estaleiro.—Uma só diligencia lhe faziam, e era recatala da terra, e por mais necessidades que tivesse de concerto nunca a varavam na praia: no mar a calefetavam, espalmavam, e mettiam alguma taboa necessaria.

137—Esta não soffreu grandes borrascas, de que era impossivel escapar, mas nunca soffreu avaria alguma.—Apresentando-se uma vez no porto de Malaca os navios de frota para Cochim, carregaram tanto as fazendas, e os passageiros sobre a não Santa Cruz, que estava quasi toda mettida de baixo d'agoa; e sahindo de conserva com as mais distaria já da barra 8 legoas, quando com um tiro de canhão, e logo com outro, e com os gritos descatoados dos passageiros, pediu soccorro ás companheiras.—Foi o motivo ir-se alagando, de sorte que não era crivel á prudencia humana poder fazer viagem.—As outras não quizeram repartir a sua carga, tornou a entrar então

a não Santa Cruz pela barra a dentro.—Grande admiração causou em Malaca a arribada tão desusada, e todos desceram a praia a saber a causa: e quando souberam que era temor de ir a quique, foram tantos os *silvos, vaias, e risadas*, em desperso dos incredulos a um milagre confirmado com 22 annos de experiencia, que se viram constrangidos a voltar a prôa ao mar, e forçando a vêla alcançaram as da sua conserva, e juntamente com ellas chegaram a salvamento sem avaria alguma.

138—Assim andou a não Santa Cruz 30 annos em uma roda viva por todos os mares, e portos do oriente, até que veio a ter ás mãos de um Capitão da Fortaleza de Diu, cujo feitor vendo-a já tão podre, e desbaratada, se arriscou a mandal-a conduzir a terra em Cochim, para a renovar em uma praia, defronte de N. Sr.ª da Guia, onde ella fôra construida.—Aqui deitada sobre um lado para ser concertada, uma noute cahiu sobresi mesma vencida da sua muita velhice, e pela manhãa não appareciam della se não alguns pedaços de taboas, e traves, que só podiam servir para o fogo.—Concorreu a vêl-a toda a Cidade, e se fez uma publica solemnidade em memoria de tão manifesta, e repetida maravilha!

139—Jorge Nunes que tambem havia hido presenciar a maravilha, com grande fé nos merecimentos do Santo Apostolo tomou uma taboa da não desfeita, e a encaixou na sua fragata, e com ella dando-se por seguro de qualquer naufragio, começou a fazer animosamente dilatadissimas viagens, sem respeitar mares, nem tempos e com tal ventura, que sempre sahio victorioso dos maiores perigos, e das mais horriveis tempestades!—Depois de navegar muitos annos com a mesma segurança da não Santa Cruz, teve igoal fim como aquella, quando a quizeram renovar no estaleiro de Coulão.

140—Prophetisou tambem Xavier na viagem de que tratamos que havia de achar no porto de Malaca a não de Antonio Pereira já prompta a partir e que nella havia de passar á India, e de facto assim foi.

CAPITULO 58.

De sua chegada a Malaca: do que praticou nesta Cidade ate se embarcar para a India.

141—Chegado finalmente a Malaca foi Xavier recebido pelos grandes e pequenos, Christãos, Mouros, e Gentios com grande respeito, que lhe era devido pela sua pessoa, e pelas maravilhas que obrava.—Durante os poucos dias que elle se deteve nesta Cidade, deu conta a Pedro da Silva, Capitão da Praça, e a seu Irmão e successor no cargo D. Alvaro d'Attaide, dos intentos que trazia de ir á China, em companhia de um Embaixador, explicando-lhes o motivo desta pretenção, dos arranjos que tinha feito com Diogo Pereira, de elle ir na qualidade de Embaixador, correndo á sua conta toda a despeza.—Os dous Irmãos não só approvaram, mas tambem louvaram o projecto, e o accordo havido a tal respeito.

142—Acabando de dar este primeiro passo em favor do seu empenho de ir á China, Xavier se despediu de D. Pedro, de seu irmão, e de Diogo Pereira, Embaixador ajustado, convencionando com este ultimo de se reunirem em Junho nesta Cidade, para seguirem para o imperio celestial.— Despediu-se tambem do Rd.º Vigario e dos mais que eram seus conhecidos, promettendo-lhes voltar na monção correspondente, e se embarcou finalmente na náo do sobredito Antonio Pereira, com destino para India, acompanhado de Francisco de Caminha (148) agente de Diogo Pereira, que ia premunido de 30 mil cruzados em sêdas, e almiscar, para o seu producto empregar em valiosas peças, e mais objectos, dignos do sagoate, que o Embaixador devia levar a Magestade Sinica, na forma da pratica.

(148)—Conforme as *Peregrinações* Cap. CCXV.

CAPITULO 59.

De sua chegada a Cochim: e do que praticou durante a sua estada nesta Cidade.

143—Chegou Xavier a Cochim, com muito prospera viagem, e sem accidente algum, no dia 24 de Janeiro de 1552, e teve grande satisfação de achar que os Padres empregados nesta christandade tinhão tomado á sua conta o cuidado de 150 meninos de Portuguezes, e Indianos, atrahidos com a utilidade de os ensinar a lêr e escrever, e instruil-os na fe e observancia da vida christãa, e elles estavam tão bem instruidos que conduziam os proprios paes á confissão.— Não foi de menor alegria ao Santo a conversão do Rei de Maldiva, o qual fugindo da conjuração dos Maldivanos tendo vindo a esta Cidade para implorar soccorro dos Portuguezes, foi recolhido pelos Padres e cathequisado pelo Padre Antonio Eredia.—Tinha já sufficiente instrucção quando chegou o nosso Apostolo, o qual o baptizou com grande pompa e solemnidade.

144—Entre tantos motivos de consolação teve Xavier um de grande sentimento, e foi achar aquella Cidade menos afeiçoada á Companhia, pelas imprudencias do Padre Antonio Gomes; e como a Igreja de Madre de Deos (149) era toda a occasião dos dissabores, convocou ao

(149)—Esta Igreja era construida pelos Confrades (*Vid. Or. Conq.* Conq. 1. D. 1. § 68) e doada aos Padres da Companhia, e pelas imprudencias do Superior o Padre Antonio Gomes os Confrades pediam a sua restituição, e o Santo a restituiu nesta occasião, entregando-lhes as chaves della; os Confrades porem tocados altamente da sinceridade, com que Xavier lhes fallou, fizeram nova doação da dita Igreja, por escriptura de 2 de Fevereiro de 1552.—Não sabemos se esta Igreja he a denominada de Mundacrá, que servia de Pro-Cathedral de Cochim, depois de abatimento da propria, e que foi reconstruida no principio do anno de 1859 á custa do actual Governador do Arcebispado de Cran-

Coro da Sé o Senado, todo o Corpo da Confraria, com quem fôra a contenda, o Vigario, e os Clerigos, e terminou a questão á satisfação dos que contendiam, e escrevendo cartas para os Padres de Roma e Portugal (150) se despediu de todos para se embarcar para Goa.

CAPITULO 60.

De sua partida para Goa: e do que praticou nesta Cidade: e das prophecias que fez durante a sua estada nella.

145—Nos primeiros dias de Fevereiro largou o Apostolo o porto de Cochim com destino para Goa, onde chegou nesse mesmo mez, e antes de entrar no Collegio de S. Paulo visitou os Religiosos de S. Domingos (151), e de S. Francisco, e os doentes do Hospital, seu costume inviolavel, quando entrava em Fortaleza ou Cidade nossa.

---

ganor e do Bispado de Cochim, o Conego honorario Antonio João Igoacio Santimano.—Não consta que Xavier tivesse construido Igreja em Cochim, mas sim em Coulão, da qual já fallamos no § 28.

(150)—Nas datas de 25, 29, e 30 de Janeiro. Coll. Vol. 2.º p. 211, 232, e 391.

(151)—Religiosos de S. Domingos: vieram a este Estado 13 em 1548, por determinação de El-Rei D. João III, recommendados ao Governador Garcia de Sá, para estabelecerem a sua Religião.—Foi seu Prelado Fr. Diogo Bermudes, o qual deu principio ao Convento em 30 de Abril de 1550, concorrendo para aquelle acto o V Rei D. Affonço de Noronha, que havia dado para aquella construcção 40,000 cruzados á conta da Fazenda, além da terra occupada pelo mesmo Convento, a qual havia sido comprada, tambem á custa da Fazenda, a Pedro Godinho, do que se passou Alvara em 26 de Junho de 1551.—Este Convento foi depois augumentado, tomando-se para esse fim algumas casas visinhas, á cerca das quaes se lê no *Tombo Geral* (fl. 27 v.) o seguinte=De 11 casas nos limites da Aldêa *Guluvem* (será tal vez algum bairro da Aldêa Ella, porque no Foral de 1526 não existe Aldêa daquelle nome) pagavam os moradores 12 casas, mas sendo estas compra-

156—Chegou finalmente Xavier á Portaria do Collegio, e entre os amorosos abraços, perguntou se haviam doentes em casa, foi-lhe respondido que só um estava com candea para espirar.—Vai-se á enfermaria, visita-o, consola-o, resa-lhe um evangelho com a mão sobre a cabeça, lança-lhe a benção, e subitamente começa a melhor o enfermo, que convalecido em poucos dias viveu depois muitos annos.

---

das para construcção do Convento de S. Domingos lhes foram dimittidos os foros pelo Governador Fernão Telles, por carta de 15 de Julho de 581 (1381) registada a fl. 271 do Liv. 5.º—Em 1584 o Arcebispo do D. Fr. Vicente da Fonceca deu conta a S. Magestade que o mesmo Convento estava situado em máo lugar, por tanto que os Religiosos muito padeciam, por isso convinha construir um Collegio em lugar sadio, e dar-lhe de ordinario parte dos bens dos Pagodes, e S. Magestade mandou tomar este objecto em consideração por Carta Regia de 11 de Fevereiro de 1585, § 2, (Mouç. Liv. 3.º fl. 110).—Porem neste mesmo anno, por ordem do V. Rei D. Duarte de Menezes construio-se em Pangim, e na visinhança da sua Igreja um grande e sumptuoso Collegio, sob a invocação de Santo Thomas, do qual vimos os alicerces nos annos de 1829 a 1832, quando o V. Rei D Manoel de Portugal e Castro, entre as diversas obras que emprehendeu da Cidade (vid *Passagem da Viagem de 25000 legoas*) tratou abrir naquelle local uma passagem da rua da Conceição para o bairro das Fontainhas, ou communicação com a auctual rua de 4 de Abril.—Este Collegio por perseguido de cobras do Capêllo foi transferido para Bangueem, onde existem as suas ruinas.—Elle teve de ordinaria em especie 4 pipas de vinho de Portugal, inclusive 1 de muscatel, 8 cantaros de azeite do Reino, 16 Candis de trigo, 20 de arroz, e 10 corjas de Cotonias, por Alvará de 3 de Novembro de 1599 o que tudo foi reduzido a 1050:2:00.—O mesmo Collegio soffreu incendio em 1626 e morreram alguns religiosos.—O incendio foi procedente dos barris de polvora recolhidos nos seus gutões, por ordem do Vice-Rei Conde da Vidigueira.—Voltando ao Convento principal, este era grande e sumptuoso: contava em 1636 ao todo 250 religiosos, e muitos Conventos, Collegios, e casas religiosas debaixo da sua superior administração, espalhadas na Azia, Africa,

147—Entregaram-lhe depois 2 Patentes de St.° Ignacio, uma de 10 de Outubro de 1549, em que o declarava *Preposito Provincial da India*, e de todos os Reinos Ultramarinos do Oriente, e a outra de 3 de Dezembro do mesmo anno, na qual plenissimamente lhe communicava todos os privilegios, e graças concedidas ao Geral da Companhia, excepto a licença para admittir a profissão de quatro votos.—Estas patentes haviam chegado em 1550, mas o Santo teve della posse em Fevereiro de 1552, em que começou exercer o cargo de Preposito Provincial.

---

e Oceania, cuja relação omittimos, para não ser longa esta nota —Teve ordinaria em especie no principio, segundo o estilo da época, a qual foi depois reduzida a 3585:0:20.—Estava estabelecida neste Convento a Confraria de *Jesus e Senhora do Rosario*, e tendo-se abatido uma parte do Convento e a Sacristia nos fins de Maio de 1841, perderam-se todos os effeitos que pertenciam a mesma Confraria, com excepção de 4 imagens, 1 sino, e 4 Lanternas; e a Confraria foi posteriormente transferida para a Freguezia de S. Mathias, e a imagem da Padroeira collocada no Altar do Santo Antonio, por Portaria do Arcebispo Primas de 6 de Março de 1846. — Desmantelado finalmente este grandioso edificio, as suas grandes columnas de pedra pôta e algumas traves de ferro foram empregadas no monumento levantado nesta Capital ao grande Affonso d'Albuquerque, cujo alicerce foi aberto em 17 de Fevereiro de 1843, e inaugurado em 29 de outubro de 1847.— O grande sino da sua Igreja foi dado ou vendido á Igreja de Moirá de Bardez, para cuja colocação lhe foi preciso construir de proposito uma torre atraz da Capella-mór, como vimos.—O madeiramento e as imagens e outros effeitos foram recolhidos no grande sumidouro do Arsenal (!), onde ainda existe, na Sacristia da Capella de Chagas, a magestosa e colossal imagem do Patriarcha da Ordem, que tem de altura 3½ covados ou 10½ palmos, e de circumferencia 2½ covados e 1½ polegada ou 7½ palmos, e 1½ polegada.— Finalmente os demais materiaes foram todos desbaratados! Nós com mais dous companheiros estivemos retirados neste Convento por duas semanas, na época virtiginosa de 1835, mas as circumstancias da época não nos permittiram tomar apontamentos curiosos, por tanto apenas apresentamos o que podemos colher posteriormente.

148—O seu primeiro governo foi despedir todos os noviços, que não podiam ser uteis á Companhia.—Lançou fora do Seminario todos os filhos dos Portuguezes, introduzidos em logar dos naturaes da terra, e o tornou a reduzir aos principios de sua fundação.—Deo ao Padre Antonio Gomes exemplar castigo, apartando-o de Goa, e desterrando-o para a Fortaleza de Diu, e depois despedindo-o da Companhia, apezar de grandes protecções que elle tinha, e de haver recorrido ao braço secular (primeiro caso desde a conquista).—Partio o despedido para Europa para se lançar aos pés de St.º Ignacio, mas na viagem foi a nao ao fundo, e naufragou o disgraçado passageiro; não querendo Deos que a sentença dada por S. Francisco Xavier fosse a Roma por revista.

149—Ordenadas por este modo as cousas do Collegio de Goa, tratou de reformar as missões da India com novos operarios, e para esse fim despachou escolhidos Missionarios para Baçaim, Taná, Cochim, á Costa da Pescaria, e Meliapor.—Nomeou um Procurador Geral de todas as missões Orientaes para ir a Europa, &c.

150—Neste comenos chegaram ao nosso Apostolo enviados da Cidade de Chaul (152) pedindo quem fundasse um Collegio á Companhia.—Como porem os Jesuitas a este tempo não passavam de 30 individuos, e o Santo mais desejava multiplicar missões que Collegios (!) não acceitou o offerecimento, e respondeu que não era bem empenhar muitos sugeitos em uma só Fortaleza, quando para muitas Fortalezas destinava um só sugeito.

151—As historias antigas não fazem menção que o nosso Apostolo tivesse estado em Chaul sendo aliás de tradição certa que se deteve varias vezes nesta Cidade navegando a Baçaim, como uma escala certa.—Sendo

(152)—Dista de Goa, pouco mais ou menos 60 leg. Or. Conq. Vol. 1. Conq. 1. b. 1. § 70.

irrefragavel testemunha desta tradição uma Capella consagrada ao Santo Apostolo pela devoção daquella Cidade e Fortaleza, e fabricada no mesmo lugar onde o Santo costumava agasalhar-se na casa de um seu devoto.—Quando um seculo depois da morte do Santo se fundou a final Collegio da Companhia em Chaul com a dotação deixada por Sebastião Pinto, Cavalleiro da Ordem de Christo (cujo retrato se vê hoje na Casa do Bom-Jesus de Goa), estabeleceu-se o estilo de em todas as sextas-feiras do anno ir um Padre da Companhia deste Collegio dizer missa naquella Capella que corria a conta da Cidade (Senado), e na oitava do Santo solemnisava a sua festa o mesmo Collegio com missa cantada e prégação.

152—Em seguida a todos estes arranjos, tratando de levar a effeito o seu pensamento dominante, deu parte ao V. Rei da India D. Antonio de Noronha, filho do Marquez da Villa Real, do seu projecto de ir ao Imperio da China, levando a Diogo Pereira em Embaixador, correndo á conta deste toda a despeza.—O V. Rei festejou muito a pretenção, e a louvou e agradeceu da parte de El-Rei a Xavier e a Diogo Pereira, e deu ordens para expedir logo os competentes Diplomas ao Embaixador, e ordens mui positivas e terminantes ao Capitão de Malaca para favorecer a pretenção.

CAPITULO 61.

Da despidida e partida do Apostolo para Malaca: do que passou na viagem, e prophecias que fez.

153—Despachadas todas as cousas necessarias para a viagem, teve muita difficuldade em socegar os fervores, e enxugar as lagrimas dos Padres e Irmãos do Collegio de S. Paulo, porque todos queriam ser seus companheiros, e sinalando-se mais o Padre Gaspar Barzeo (153),

(153)—Já falamos deste Padre na nota 181 á pag. 122.

a quem, para conservar em Goa, Xavier nomeou Reitor do Collegio, e Vice-Provincial na India, e presente todo o Collegio se prostrou aos seus pés; e lhe rendeu a obediencia em nome de toda a Provincia (154) para dar exemplo aos subditos do respeito devido aos Superiores.

154—Ao despedir-se dos amigos seculares prophetisou a muitos claramente, que nunca mais se haviam de tornar a ver nesta vida, e muito em particular a Catharina de Chaves, illustre Matrona de Goa, sua confessada.—Significou-lhe que estas eram as ultimas vistas, e desfazendo-se ella em lagrimas, elle a consolou, prometendo-lhe que antes de se partir desta vida o tornaria a vêr.—Cumpriu o Santo sua palavra depois de morto, apparecendo-lhe no ultimo artigo da vida, infundindo-lhe com a sua vista tão extraordinaria alegria, que lhe perguntaram os assistentes, donde provinha uma mudança tão repentina: e ella respondeu=*Não vedes o Padre Mestre Francisco.—Bem desempenhou a sua palavra; porque quando-se partiu para a China me disse, que não morreria sem o ver*: »=já o vi, e sua vista causou em mim esta nova alegria (155).

155—No dia da partida, que foi Quinta-feira Santa, aos 14 d'Abril de 1552, ao dar e receber os ultimos abraços, recommendou a todos com as lagrimas nos olhos *a perseverança na vocação, a humildade nascida de verdadeiro conhecimento da propria vileza, e sobre tudo a promptidão da obediencia*, e levando os companheiros que escolheu se foi embarcar já exposto o Divinissimo Sacramento, e se fez à vela para Malaca.

(154)—Nesta época a Provincia era unica e nascente, ella se dividiu depois em duas. Vid. a nota 131.

(155) Diz o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1. D. 1. § 72) com referencia ao Padre Sebastião Gonsalves.

156—De passagem tocou em Cochim, e se fez na volta de Malaca, com tempo prospero até as Ilhas de Nicobar (156).—Aqui o vento se mudou de tal forma, que convertendo-se em uma tormenta horrivel, as ondas tragaram 2 grandes fustas, que iam de conserva ao Galeão, em que estava Xavier.—A' mesma sorte estava sugeito o Galeão, por mão de véla, peior de pairo, e ainda mais por muito carregado.—Na afflicção em que todos estavam, com o perigo á vista, mandou o Capitão alijar as cargas pesadas, e já os mareantes vinham com os fardos ás costas, quando o Santo, doendo-se daquella perda, pedio ao Capitão que esperasse mais um pouco, porque Deos os livraria daquelle perigo; e porque os mareantes representavam que engrossando-se a tempestade depois de sol posto, não poderiam aliviar a náo do peso superfluo, tornou então o Santo, *que se não affligissem com isso, porque sobre tarde abrandaria o vento, e veriam terra.*—Creo o Capitão, e logo se verificou completamente a prophecia!—Alegravam-se todos, e só Xavier se entristecia, e suspirava, e perguntando pela rasão, respondeu que rogassem a Deos por Malaca, porque estava infectada da peste!

CAPITULO 62.

Da chegada do Apostolo a Malaca: sua applicação em acudir os apestados: e do milagre que fez.

157—Desembarcou finalmente Xavier em Malaca, em Maio, e logo começou a servir os apestados, que todos se queriam confessar com elle, tendo para si que morrendo nas suas mãos, morriam em graça e se salvavam. —Na Cidade era grandissimo o numero da gentalha to-

(156)—São 2 Ilhas deste nome, situadas na entrada do Golfo de Bengala, e distam 10 legoas de Achem.—A principal dellas, que he maior, tem porto commodo, e serve de escala aos navios, *Vosgien.*

cada da peste, e as ruas eram suas enfermarias.—Acodava o Santo com os seus companheiros levando-os ás costas para a propria residencia: não bastando esta tomou outras casas, finalmente dispuseram-se ao longo do mar os cascos das fustas, e navios velhos para os accommodar, tal era o numero dos affectados.

138—Do contacto destes miseraveis enfermos ficaram tão milagrosas as mãos de Xavier, que davam vida aos mortos.—Um menino chamado Francisco de Chaves, filho unico de uma devota do Santo, meteu na boca por descuido uma setta ervada, cuja pessonha activa logo o matou.—Já o amortalhavam para o enterrarem quando acodiu o Apostolo todo enternecido ás lagrimas da mãi, e pegando lhe por um braço como quem o queria levantar, so com lhe dizer, Francisco, levanta-te em nome de Jesu, o resuscitou.

CAPITULO 63.

Da grande opposição que Xavier soffreu a respeito da sua missão para o Imperio da China (137).

139—Estava já para tomar posse da Capitania de Malaca D. Alvaro de Ataide, Capitão-mór do mar, e governava actualmente a Vedor da Fazenda Francisco Alvares, em quanto tirava a residencia de D. Pedro, Irmão daquelle, que tinha acabado o tempo da sua Capitania. —Porem todos adoravam a D. Alvaro como a Sol, que havia de nascer, e que já entrava em tudo antes de sahir.—Estava este fidalgo aggravado de Diogo Pereira por lhe ter negado 10 mil cruzados que lhe pedira

(137)—O Imperio Chinez se limita pelo N. com a Siberia, pelo O. com o Industão e Tartaria independente, ao S. pelo Birmam, Anamau, e mar, e pelo E. pelo Oceano pacifico.—A sua superficie he de 650,000 legoas quadradas, e a população 363,000,000 habitantes etc. etc. *Saint-Laurent.*

emprestados, pouco antes da viagem para Sunda.—A este sentimento se accrescentava a inveja que o consumia, dos excessivos lucros (138), que havia de tirar o Embaixador da viagem a China, alem da gloria do bom successo, o aplauso de toda a India, e a remuneração futura de El-Rei, porque só as cousas grandes se tem inveja.

160—Em quanto o Embaixador não chegava de Sunda com a sua náo, occultava o Ataide em seu peito o que determinava fazer, e quando o Santo o visitava, fugia-se alegre no semblante, e rasgava-se em pomposos comprimentos, porque lhe devia obrigações, e entre outras a patente de Capitão-mór do mar de Malaca, que lhe havia de novo alcançado do V. Rei, e era mercê distincta do governo da Fortaleza; e foi o intento do Santo grangeal-o com este serviço, para que não impedisse uma empresa de tanta gloria de Deos.

161—Entrou finalmente o Embaixador pela barra de Malaca, e o nosso Apostolo o mandou logo advertir, ao mar, que não desembarcasse em terra com fausto, e que se portasse em tudo com muita submissão e singeleza; e elle o fez.—Não lhe valeu porem a humildade contra a soberba, e arrogancia de D. Alvaro, que mandou logo tirar o leme á náo, e trasel-o á sua porta, e foi esta a primeira acção, em que exercitou os poderes de Capitão do mar, contra quem lhe obteve a patente, contra o V. Rei, que lhe fez a mercê, e sob pena de caso maior prohibia qualquer estorvo da Embaixada, contra os miseraveis Portuguezes captivos na China, que punham nella a unica esperança do seu remedio, contra as conveniencias do Estado, na liberdade do commercio com aquelle riquissimo Imperio, e o que mais he contra Jesu Christo, cuja lei se pretendia publicar naquelle vastissimo territorio.

(138)—A respeito dos lucros que tiravam então os Capitães das Fortalezas lea-se o *Soldado Pratico* de Diogo de Couto.

162—Quiz D. Alvaro ao principio rebuçar a inveja com capa do serviço de El-Rei, lançando fama que se aprestava na Java uma poderosa armada contra Malaca, e que tinha necessidade da não, e da gente do Embaixador para segurança da Fortaleza.—Desvaneceu-se breve este fingimento, porque veio noticia da mesma Java por um Navio Portuguez, que os Jaos ardiam entre si em guerras, por tanto não havia projecto algum contra Malaca —Então tirou D. Alvaro a mascara e a rosto descuberto entrou a vomitar o veneno que o abrasava por dentro, zombando da Embaixada, e afrontando de palavra o Embaixador, sem o poderem apartar de tão baixa resolução, nem as murmurações da Cidade, nem os rogos do seu Irmão D. Pedro da Silva (159), nem o respeito devido ao Apostolo, que em uma doença que teve por este tempo, lhe serviu de enfermeiro, e Capellão, indo todos os dias dizer missa á sua Camara, para ver se com estes obsequios abrandava a duresa de tão obstinado coração.

163—Em vista do estado de cousas, alguns homens

(159)—D. Pedro da Silva, e D. Alvaro de Ataide eram filhos do grande Argonauta Portuguez D. Vasco da Gama, casado com D. Catharina de Ataide, e teve os filhos seguintes: D. Francisco da Gama, (2.º Conde da Vidigueira)—D. Estevão da Gama, (foi Capitão de Malaca, e depois Governador da India por successão, nos annos de 1540—1542)—D. Paulo da Gama (morreu no ataque da Cidade de Jor)—D. Pedro da Silva de Gama (foi Capitão de Malaca nos annos 1549 a 1552, e conduziu para Portugal os restos mortaes do seu Pai)—D. Alvaro de Ataide (foi Successor na Capitania de Malaca do seu Irmão D. Pedro) *Retratos e Elogios dos Varões e Donas da Nação Portugueza.*—D. Francisco da Gama bisneto do referido D. Vasco da Gama foi duas vezes V. Rei deste Estado: a 1.ª nos annos 1597—1600, e desta vez tomou posse do Governo no dia em que se prefaziam 100 annos a descuberta da India, e da 2.ª vez nos annos 1622 a 1627, (*Pac Similes das assignaturas dos V. Reis*) e foi o unico V. Rei que governando por duas vezes este Estado chegou de volta para Portugal!

honrados, movidos do zelo da honra de Deos foram em uma manhãa pedir a D. Alvaro que não quizesse tomar sobre si uma cousa que tanto offendia a honra de Deos, dando-lhe muitas rasões de conveniencia da viagem, em abono daquelle seu pedido.=« Ao que elle respondeu « que era já velho para lhe darem conselhos, que se « o Padre queria tomar o trabalho de ir a China por « amor de Deos, fosse ao Brasil ou ao Manamotapa, onde « havia tambem gentios como na China; porque tinha « jurado que em quanto fosse Capitão, não havia de « ir Diogo Pereira a China, nem por Mercador, nem « por Embaixador, e que lhe tomasse Deos disso con- « ta, porque elle lha daria quando lha pedisse, porque « aquella ida que Diogo Pereira queria fazer a som- « bra do Padre para trazer 100$000 cruzados da Chi- « na, era mais propriamente sua pelos serviços do Con- « de Almirante seu pai, que de um creado de D. Gon- « çalo Coutinho, a quem o Padre sem ter rasão, que- « ria sustentar em cousa tão mal feita, e com isto os « despediu »

164—O Vedor da Fazenda, e Feitor, e os Officiaes da Alfandega vendo quam fóra de proposito D. Alvaro respondera aos referidos homens honrados, lhe representaram na uma manhãa da parte d'El-Rei= « que naquella « Alfandega estava um Regimento dos Governadores pas- « sados, em que mandavam expressamente que por ne- « nhum caso que fosse se tolhesse viagem a nenhuma « nao, que quizesse ir para fóra, obrigando-se a tornar « ahi a pagar direitos, e que Diogo Pereira lhes tinha fei- « to um Requerimento que apresentavam, no qual se obri- « gava a dar a El-Rei só dos direitos daquella não 30$000 « cruzados para as necessidades daquella Fortaleza, sen- « do metade adiantada, pedindo portanto que lhe não « tolhesse a sua viagem, que aliás elles protestavam por « parte d El-Rei de os haver S. Alteza pela Fazenda del- « le Capitão=« A que elle respodeu » que se Diogo Pe- « reira se obrigava a dar a El-Rei pelos direitos da sua

« não 30$000 cruzados, como elles diziam, tambem elle « se obrigava para aquelle requerimento que faziam, a « lhes dar a todos 30$000 pancadas com o cabo daquel- « la chuça; e arremettendo a um cabide para o fazer, « elles se acolheram bem depressa. »

165—Vendo que nada aproveitavam os remedios brandos, recorreu Diogo Pereira ao braço do Vedor da Fazenda Francisco Alvares, que ainda governava, o qual mandou por sua sentença (certamente ordem) a D. Alvaro que entregasse o leme da nao, e não estorvasse a jornada, e querendo-o fazer obedecer por força, se póz elle em armas deliberado á resistencia.—Atalhou Xavier com sua authoridade este perigo, fazendo desistir ao Vedor, porque não era bem se levasse por estes termos uma empressa toda consagrada á maior gloria de Deos.

166—Até este tempo nunca se tinha Xavier declarado por Nuncio Apostolico, salvo quando apresentou os Breves ao Bispo D. Fr. João d'Albuquerque (§ 14), tendo sempre a sua authoridade, como espada mettida na bainha, como disseram os Auditores da Rota Romana (160); mas querendo agora experimentar-se D. Alvaro como Christão temia mais as penas da Igreja que os Alvarás do V. Rei, fez uma petição (161) ao Vigario de Malaca,

(160)—Conforme o Padre Sousa no seu *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4.ª D. I. § 72.

(161)—O theor desta petição deixa ver entre outras cousas muito importantes, que nenhum Ecclesiastico podia usar das Bullas Apostolicas em qualquer terra sem o exequatur do seu Padroeiro, e ainda mesmo com este exequatur, sem a licença dos Bispos, Priores, e Parochos constituidos pelo Padroeiro nas suas respectivas Dioceses, Priorados, e Freguezias; e isto não he para admirar em vista do que se pratica na occasião das visitas Pastoraes, que os Prelados fazem ás suas Dioceses.—Não obstante de serem annunciadas as mesmas visitas por meio de Circulares, de ellas serem dentro da jurisdição da Diocese, não se começam as ceremonias da abertura da visita de cada Freguezia sem que

que era o maior Prelado da terra, do theor seguinte=« Re-
« verendo Senhor. — Diz o P.e M.e Francisco, que o
« Papa Paulo III a requerimento d'El Rei nosso Senhor
« o mandou a estas partes para converter os infieis, e para
« que a Santa Fé de N. Sr. Jesu Christo seja acrescen-
« tanda, e o Creador do Mundo seja conhecido, e ado-
« rado das creaturas, que á sua imagem, e semelhança
« creou; e para fazer este officio mais perfeitamente, o
« fez o Santo Papa Paulo III Nuncio Apostolico; as quaes
« Provisões de Nuncio Apostolico mandou a El-Rei N. Sr.,
« para que, se S. Alteza disso fosse contente, tivesse eu
« seus poderes espirituaes tão compridos nestas partes, e
« d'outra maneira não; pois a requerimento de S. Alteza
« me mandou a estas partes da India; e assim El-Rei N.
« Sr. me mandou chamar em Lisboa, e me entrégou da
« sua mão á minha as Provisões de Nuncio Apostolico
« para estas partes da India.—Como cheguei á India apre-
« sentei as Provisões de Nuncio Apostolico ao Sr. Bispo
« D. João d'Albuquerque, as quaes approvou: e agora
« parecendo ao Sr. Bispo meu Prelado, e Superior, que
« faria muito serviço a nosso Senhor, me mandou a El-
« Rei da China a lhe notificar a Lei verdadeira de Jesu
« Christo Nosso Senhor, como parece pela Carta, que o
« Sr. Bispo escreve a El-Rei da China, a qual mando a
« V. Reverencia que a lêa, para que veja a vontade do Sr.
« Bispo, como he que vá a El-Rei da China; o Sr. Viso-
« Rei vendo que era muito serviço de Deos ir á China,
« mandou a Diogo Pereira, que fosse á Côrte d'El-Rei da
« China, como parece das Provisões que lhe mando com
« esta, as quaes tem mandado o Capitão da Fortaleza
« Francisco Alvares do Dezembargo d'El-Rei nosso Senhor,
« e Vedor da sua Fazenda, que se cumpram como o Sr.

« Vigario ou Prior respectivo entregue ao Prelado á porta prin-
cipal da Igreja a chave do Sacrario, indicando por este acto,
que lhe permitte a visita, ou por outras palavras que lhe resti-
tue a jurisdicção que recebera.

« Viso-Rei manda.—Agora o Sr. Capitão impede a embar-
« cação, e viagem de tanto serviço de Deos, e acrescen-
« tamento de nossa Santa Fé.—Pelo que requeiro a V.
« Reverencia da parte de Deos, e do Sr. Bispo nosso Su-
« perior, pois V. Reverencia está aqui em seu lugar, que
« manifeste ao Senhor Capitão a *Extravagante Super gen-*
« *tes* : e pois que ha por malditos, e excommungados a
« todos aquelles que impedem aos Nuncios Apostolicos
« para que não façam o que lhes he mandado por seu Su-
« perior : e requeiro a V. Reverencia da parte do Sr. Bis-
« po nosso Prelado uma, e duas vezes, e tantas quantas
« posso, que declare ao Sr. Capitão a dita Extravagan-
« te, e lhe rogue da parte de Deos, e do Sr. Bispo, que
« me não impida a viagem, da mesma maneira, que pelo
« Sr. Viso-Rei a trazia despachada, porque fazendo o con-
« trario fica excommungado; não por parte do Sr. Bispo,
« nem de V. Reverencia, nem da minha, senão pelos
« Santos Pontifices, que fizeram os Canones; e lhe dirá
« V. Reverencia da minha parte ao dito Sr. Capitão, que
« lhe peço muito pela morte, e paixão de nosso Sr. Jesu
« Christo, que não queria incorrer em tão grande ex-
« communhão; porque não duvide, senão que de Deos ha-
« verá o castigo muito maior do que elle cuidava.—E V.
« Reverencia mandará o treslado desta petição com a re-
« posta do Sr. Capitão, para mostrar ao Sr. Bispo como
« não ficou por minha negligencia ir á China cumprir seu
« mandado, e isto com muita brevidade, porque se aca-
« ba a monção; no que a Deos nosso Sr. fará muito ser-
« viço, e a mim esmola, e caridade, para cumprir minha
« viagem: porque não he possivel, que o Capitão, visto
« o Canon, logo as essas horas me não mande licença (162).

167—Levou o Padre Francisco Perez, Superior da re-

(162)—Esta Petição traz o Padre Sousa no seu *Or. Conq.* Vol. 1 Conq. 1.ª D. 1.ª § 72, extraida da *Chronica* do Padre Sebastião Gonsalves.

sidencia dos Jesuitas esta Petição ao Padre João Soares Vigario de Malaca, o qual vendo-a tão justificada, e como este era o ultimo remedio para dobrar as obstinações de D. Alvaro, se ajuntou com o Ouvidor Geral Francisco Alvares, e todos tres foram a sua casa dar-lhe a ultima bateria; levando comsigo as Provisões do Viso-Rei, e as cartas que escrevia ao Imperador da China.—Sentados todos, fez o Vigario bem o seu officio, mostrando-lhe o grave peccado, que commettia, e como incorria na censura fulminada no Canone; pelo que lhe amoestava como Pastor, pedia como amigo, e rogava como servo não quizesse obrigal-o a declarar publicamente por excommungado, porque em tal caso não poderia entrar na sua mercê, e não faltaria quem governasse por elle.—Vendo o Ouvidor o pouco caso que fazia D. Alvaro da Censura da Igreja, desenrolou as Provisões do Viso-Rei, e segunda vez lhe tornou a notifiar *a pena do caso maior* expressa nella.

168—Ouvida a notificação, se levantou Ataide da cadeira como leão, cuspiu no chão e deu com o pé, dizendo que não tinha que vêr com as Provisões do Viso-Rei mais que aquillo.—E a vozes desentoadas da janella para a rua começou a calumniar a Santo Apostolo *do peior homem do mundo, de um fino hypocrita e falsificador de letras Apostolicas &c.*—Passou a furia do amo aos creados, e mais familia de sua casa, com tamanha insolencia, que não podia o Santo pôr os pés fóra de casa, sem encontrar com o magote de gente vil, que o descompunham com ditos e acções indignas de se fazerem por affronta ao peior homem do mundo, como elle era na bôca de D. Alvaro (163).

(163)—Diz o Padre Sousa no seu *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 1. § 73, que o Apostolo declarára ao Padre Francisco Perez, que em 10 annos da India nunca tivera perseguição semelhante a esta, nem ainda entre os barbaros e idolatras; todavia na sua Carta ao Padre Barzeo, que breve leremos, diz laconicamente que *fora muito perseguido em Malaca.*

160—Choravam os cidadãos de Malaca lastimados e magoados de verem o Santo Apostolo afrontado, e perseguido naquella mesma Cidade, onde havia *resuscitado mortos, e obrado outras maravilhas estupendas*; mas ninguem se atrevia a impedir o desaforo dos creados por não incorrer na ira do amo.—Sereno e imperturbavel Xavier em tão furiosa borrasca, attribuia tudo a seus peccados, e só se affligia da perdição de D. Alvaro—O que mais lhe cortava o coração era ver as lagrimas, e ouvir as lastimas dos homens, que vinham accommodados com o Embaixador, e trasiam a seu cabedal empregado para o venderem na China, e ficavam em terra perdidos, porque D. Alvaro metteu na nao outro Capitão com 25 homens seus confidentes, e a mandou por sua conta ao commercio de Sanchoão.— Tudo isto he confirmado pelo mesmo Santo na sua carta que vai adiante.

170—O Unico alivio do Apostolo em todas estas afflicções era recorrer ao patrocinio da Rainha dos Anjos, passando as noutes inteiras na Igreja diante da sua Imagem.—Remunerou-lhe Deos tão heroica paciencia com a luz da prophecia tantas vezes repetida, que nestes ultimos tempos mais parecia habito permanente que illustração transeunte; pois antes da sua partida de Malaca fez as seguintes:—1.ª que Diogo Pereira havia de ser bem pago pelos gastos feitos para a malograda embaixada, e o foi grandiosamente (164)—: 2.ª que nem a elle, nem a seus filhos faltaria já mais de comer, e assim aconteceu (165)—: 3.ª dissuadio ao dito Diogo Pereira para não entre-

(164)—Diz o Padre Sousa no seu *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4. D. 1. § 74—que Diogo Pereira fôra por El-Rei D. João 3.º enchido de mercês, e honras com tanta larguesa, que na opinião de todos, e na propria do agraciado, montára em muito mais do que as perdas soffridas em Malaca, e do que ganharia na China.

(165)—Refere o mesmo Padre Sousa, no citado logar, que fôra necessario um milagre para autenticar esta prophecia; pois

gar a Gaspar Mendes as suas fazendas, que mandava para China, porque não fazia aquella viagem, e assim fôra, visto que logo adoecera e morrera:—4.° predisse ao Padre Francisco Perez que estava ás portas da morte, que não morreria daquella vez, e elle vivéra muitos annos: —5.° prophetizou que Deos castigaria na honra, na fazenda, e no corpo a D. Alvaro, e elle de facto o soffreu (166).

CAPITULO 64.

Da despedida do Santo a D. Alvaro: da Carta que escreveu a Diogo Pereira: o que mais praticou até largar para Sanchão do seu embarque antecipado.

171—Despediu-se finalmente o Apostolo de D. Alvaro, e se foi embarcar antes do tempo por não ter coração para ouvir as lastimas dos creados do Embaixador, como elle o diz na seguinte Carta a Diogo Pereira =« *La gracia, y amor de Christo Nuestro Señor sea en nuestra ayuda, y favor. Amen.*— « Pues mis pecados fueron tan

---

que um filho por nome Francisco que deixára Diogo Pereira seguindo a sua profissão de mercador, tendo chegado a extrema pobreza, e não tendo um real para comprar de comer para si e para sua familia, que pelos merecimentos do Santo enviára Deos um Anjo em figura de um menino, que vendia pão e frutas o qual lhe déra tudo que presisava, e desapparecéra, não querendo receber em penhor uma peça do vestido da sua mulher que lhe offerecéra Francisco Pereira.

(166)—A respeito destes castigos diz o Padre Sousa o seguinte, no supracitado paragrafo=« ... Quanto ao corpo he notorio, « que o cobriu uma lepra mui feia, o que dentro de 2 annos lhe « mandou o V. Rei D. Affonço de Noronha tirar a Capitania, con- « fiscar a fazenda, e levar preso em ferros de Malaca á India, e « da India a Portugal: e morreu na prisão corrupto de um a- « postema tão asqueiroso que o fez insofrivel a parentes, e a- « migos, desemparado dos quaes acabou sem honra, e sem fa- « zenda »=

« grandes, que por su causa no se quiso Dios Nuestro « Señor servir de esta nueva jornada: á ellos solamente « y no á otro, podemos echar la culpa do todo.—Ellos « son los que tanto mal causaron á V. md.—y á su « hacienda:—y yo el que le hice dispender, y perder « tan largamente sus caudales en esta empressa.—Aun- « que sabe Dios Nuestro Señor, como mi intento fue « servir á su Divina Magestad, y no de servir á V. md. « yo me voy á esperar en la Nave el tiempo de la par- « tida, por no ver á tantos, á quienes V. md. tiene ob- « ligacion, que con lagrimas en los ojos me vienen á « decir, que quedan perdidos.—Pidole, Señor, que no « venga donde yo estoy, por no acrecentarme el dolor « que tengo, viendo el contra tiempo, y estado tan ca- « lamitoso en que le dexo: aunque espero en Dios, « que de todo esto hade sacar maiores bienes para V. md. « Ni dudo, que el Rei de Portugal, á quien escrivo (167) « hade premiar essa voluntad de V. md. tan piadosa para « con nuestra Santa Religion.—Yo me despedi ya de

(167)—Na Collecção das Cartas do nosso Apostolo que possuimos, ordenada pelo Padre Cutillas, não temos a de que faz menção aqui.—A ultima que achamos na dita Collecção escrita pelo St.º a El-Rei D. João, he datada de Goa em 13 de Abril de 1552.—O motivo desta lacuna attribuimos á deficiencia da nossa Collecção, visto conter apenas 72, e o Padre Vieira assegurar (*Xavier dcordado* Sermão 1.º Pretendentes) que as que andam impressas são 115.—Em tempo oportuno esperamos colligir todas que podermos, para dar aos Assignantes daquella Collecção uma edição completa até onde poder ser.—Voltando á Carta de que se trata; ella de facto foi escrita, assim porque o Santo affirmou a Pero Velho, o que era bastante para a ter por escripta, como porque o Padre Sousa diz o que se segue (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4. D. 1. § 74 *in fine*)—« Suspeitou D. Alvaro, que « o Santo escreveria contra elle ao Serenissimo Rei D. João, e a- « panhando por traça uma das vias, que remettia a Portugal, não « achou nas Cartas contra si uma só palavra de queixa, quanto « mais de accusação ».

« el Capitan, que assi ha impedido este nuestro camino, « tan apropósito para adelantar nuestra Religion Chris- « tiana.—Dios se lo perdone, y harto me compadezco de « los castigos que le esperan, que son maiores, que lo « que el juzga.—Dios Nuestro Señor guarde á V. md. y « sea mi compañero, y guia en este camino.—Amen. De « esta nuestra de Malaca, estando yá para embarcarme, « á 25 de Junio de 1552.—Siervo, y amigo de V. md. « siempre. *Francisco.*

172—Tornou a desembarcar Xavier e foi despedir-se de N. Sr.ª de Outeiro, e acompanhado de todos os Cidadãos de Malaca desceu á praia para voltar á náo. —Pediram-lhe elles com muitas instancias não fizesse a viagem á China, porque entrando nella sem titulo de embaixada se arriscava a perder a liberdade por toda a vida, e muito melhor seria deixar-se ficar em Malaca onde eram tão fructuosos os seus trabalhos.—Não aceitou o conselho, mas gratificou-lhes o amor deixando-lhes por sua lembrança naquella ultima despedida os avisos necessarios para segurarem a vida eterna, que todos receberam com as lagrimas nos olhos. —Chorava o povo, e o Santo caminhava para o Batel, quando se chegou a elle o Padre Vigario João Soares, e lhe disse. —« *Devia V. Reverencia já que se embarca para tão longe fallar a D. Alvaro, que se quer para tapar as bocas a seus apaniguados, que dizem que diz elle que sente V. Reverencia isto como de carne* » a que elle respondeu. —« Provera a Deos, Padre meu, que fôra eu tal, que « sentira isto por honra de Deos, como era rasão; mas « minha imperfeição foi a causa disso.—E quanto a fal- « lar a D. Alvaro, como me dizeis, já não pode ser, nem « mais nesta vida nos veremos mais elle, e eu; porém « vernos-hemos no valle de Josafat no dia da tremenda « Magestade quando Jesu Christo Filho de Deos, e Se- « nhor nosso vier julgar os vivos, e os mórtos, diante « do qual estaremos elle, e eu a juiso, e lhe será to- « mada conta da rasão que teve para tolher ir prégar

« a infieis Christo Filho de Deos posto na Cruz por pec-
« cadores: assim vos affirmo que muito cêdo por prin-
« cipio de castigo deste peccado terá alguns trabalhos
« na honra, na fazenda, e na vida; e quanto ao de
« sua alma, Jesu Christo Deos Nosso Senhor haja mi-
« sericordia della »—E pondo os olhos na porta princi-
pal da Igreja, que tinha de fronte, se pôz de joelhos
e levantando as mãos como que orava por elle, disse
com um tamanho impeto de lagrimas, que lhe impe-
diam a falla=« O' Jesu Christo, amores de minha alma
« pelas dores da vossa Santissima Morte e Paixão vos
« peço, Deos meu, que ponhaes os olhos no que por
« nós continuamente appresentaes diante do Padre E-
« terno, quando lhe mostraes as vossas preciosas cha-
« gas; e o que por ellas para nós mereceestes, isso con-
« cedaes para salvação da alma de D. Alvaro, porque
« encaminhado pela via de vossa misericordia seja per-
« doado diante de vós »=E debruçando se com o rosto
no chão, esteve assim um pouco sem se lhe ouvir mais
outra cousa: levantando-se depois descalçou, e sacudiu
os capatos sobre uma pedra, dizendo *que nem o pó que-
ria levar de tão má terra*, e deixou a todos em um
alto e triste silencio.—Então o Padre Vigario João Soa-
res chorando lhe disse:=« Como! este apartamento he
« para sempre, ou porque nos deixa V. Reverencia tão
« disconsolados?—Pois eu espero em Deos N. Senhor
« que muito cedo o hei de tornar a vêr nesta terra com
« muito descanso »=; e elle lhe respondeu: »=*Assim
« prazerá a sua dina misericordia* » e se foi metter na
não Santa Cruz e deu a vela.

CAPITULO 65.

*Da sua chegada ao Estreito de Sincapura: das Cartas que
aqui escreveu: e dos milagres, e prophecias que fez
durante o resto da viagem.*

173—Seguindo a Viagem, chegou ao Estreito de Sin-

capura donde escreveu ao Padre Gaspar Barzeo, Reitor do Collegio de Goa, duas Cartas, uma em 21, e outra em 22 de Julho do referido anno de 1552. — Na 1.ª, acerca da perseguição que soffreu, e da viagem que emprehendia para a China, diz « No podereis creer, Padre « Maestro Gaspar, ni yo os lo podré decir, quan 'per- « seguido fui en Malaca; mas por outra via lo sabereis. « —Yo me voy á las Islas de Canton, desamparado y « disconfiado de todo favor humano, mas com esperanza « en el divino favor de Dios Nuestro Señor, que al- « gun Moro, infiel, o gentil, me lleve a tierra firme de « la China; yá que fieles me impedieron la embarca- « cion en la cuidad de Malaca.... » e recomendando em seguida para fazer que o Bispo mandasse publicar excommunhão segundo os Canones contra os que impediram a mesma viagem, afim de evitar no futuro que os Padres da Companhia que fossem para a China e Japão não soffrerem taes impedimentos: para promover alguma esmola a favor dos Padres que estavam em Japão, e mandar outros que os ajudem, e nos que estavam em Maluco &c. —Na 2.ª recommendando muito que promovesse alguma esmola, até 30 pardáos, a favor de Joane Japão, por ser muito pobre (168).

174—Não obstante de estar Xavier com o pensamento todo empregado nas christandades de Japão, e Maluco,

(168)—O Padre Sousa diz que o Santo escrevera em Sincapura 3 Cartas; 2 ao Padre Barzeo, nas datas de 21 e 22 de Julho, e a 3.ª ao Padre João da Beira na 1.ª das ditas datas.—As 1.ª duas transcreve no seu *Or. Conq.* Vol. 1 Conq. 4.º D. 1. § 78 e 79. e a 3.ª, que he relativa á christandade de Maluco, na Conq. 3.ª D. 2.ª § 2. do mesmo Vol., declarando ser esta inedita.—Na Collecção das Cartas do Santo Apostolo, que possuimos, existe a p. 361 do Vol. 2.º a 1.ª das mesmas Cartas, cujo trecho acabamos de ler, e uma outra a p. 366 do mesmo Vol. datada de 22 do referido mez de Julho, dirigida a Diogo Pereira, da qual o Padre Sousa não falla, e por ser muito interessante a reproduzimos em seguida na sua integrá.

e em descubrir meios para se introduzir na terra firme do Imperio Chinez, não se lhe desvanecia da memoria a reminiscencia das cousas que respeitavam a Diogo Pereira, e dos trabalhos e perseguição que elle soffreu, como se vê da seguinte carta, que lhe dirigiu de Sincapura=

« La gracia, y amor de Christo Nuestro Señor sea siempre en nuestra ayuda, y favor. Amen.—Nuestro Señor sabe el grande sentimento, e continua memoria, que de « V. md. llevo; y el increible cuidado que me causa « vèr, que queda en tierra tan pestilente, y mala, me « hace acordar mas veces de V. md.—En esta nāo, todos « me hacem muchas mercedes por respeto de V. md. « dando-me todo lo necessario muy cumplidamente, assi « para mi, como para mis companeros, que vàn enfermos, « y con harto trabajo.—Sea en Señor por todo alabado, y « el pague a V. md. y à los suyos, la mucha caridad que « me hacen en su Nāo.—Pidole, Señor, mucho por mer- « ced, que mire mucho por su salud, y que com mucha « prudencia vaya curando las cosas con el tiempo, que todo lo gasta: y tambien le suplico se llegue mucho à « Nuestro Señor, para que de el sea consolado en tiempo « tan trabajoso: y por amor de Nuestro Señor me haja una « caridad, que para mi sera muy grande; y es: que con- « fiesse y trate muy à menudo con los de la Companïa, que « estān en essa ciudad, consolandose com ellos.—Enco- « miende V. md. a Dios sus cosas, y conforme-se com su « santa voluntad; y la venganza de nuestros enemigos sea « con hacellos buenas obras, porque el castigo de Dios les « vendra mayor de lo que ellos, y nos otros pensamos: y « plegue a Dios no les sea ya venido, de que tengo gran- « de compassion, y lastima.—Espero en Nuestro Señor « que este trabajo, y persecucion de V. md. le han « de ser à mas provecho, y honra suya.—Si Dios me « llevare à la China, no dexe V. md. de escrivir-me « muy à menudo de sus cosas; porquē donde quiera « que estuviere, holgagrè mucho de saberlas; e si allà « llegare, como digo, yo dire à los Portuguezes cauti-

« vos, que allè estan, la mucha obligacion, que à V. « md. tienen, por los muchos gastos, que V. md. ha- « via hecho para los rescates, y la voluntad que de « ello llevaba, si no se lo huvieran impedido en Ma- « laca; dandoles esperanzas, que para el año que viene « lo hará V. md. con el ayuda de Dios.—Se el Señor « no abriesse camino en la China, para que yo pueda « entrar en ello, en la primera ocasion que allí encon- « trasse, tornare à Malaca y de ai à la India, para « escrivir desde allá à S. A.—Con esta ván las cartas « que a hora le escrivo al Señor Virrey: embièlas V. « md. à buen recaudo, y escriva V. md. à S. A. y à « su Señoria los muchos provechos, è interesses tem- « porales, que tendra del Reino de la China, si en el « entràre, para que con esto le mueva a pretender « la entrada, con que Nuestro Señor Dios sea conoci- « do, adorado, y servido, el qual sea siempre con V. « md. y le dè su consuelo en esta vida, y en la otra « tanta gloria, como yo para mi deseo. Amen.—De este « Estrecho de Suncapura à 22 de Julio de 1552.—Si- « ervo de V. md.=*Francisco*=

175—Tendo a não dobrado o cabo mais austral da terra firme acalmaram-se os ventos, e a não não pôde dar um passo adiante por 14 dias, e durante este tempo foi-se gastando a agoa, a ponto de para dar um quartilho della por dia a cada individuo (a não levava 500) ser preciso não comer cousa cosida.—Lançou-se o batel ao mar em busca de agoa, e elle voltou sem ella depois de 7 dias, e a não se enchia todos os dias de enfermos, e freneticos por causa da sêde.—Nesta extrema miseria um dos passageiros lembrou aos de mais que levavam comsigo ao Padre Mestre Francisco obrador de tantos milagres, quantos se publicavam por todas as costas Orientaes, e todos com lagrimas nos olhos lhe pediram que se compadecesse de tantas almas.—Enterneceu-se o Santo e fazendo-os pôr todos de joelhos diante de um Crucifixo entoou com elle as Ladainhas

e depois feita uma oração em particular se metteu no batel com um menino, ao qual mandou que com a mão tirasse agoa do mar e a provasse, da 1.ª vez achando-a salgada mandou repetir a experiencia pela 2.ª vez, e achando-a doce, fez prover della todas as vasilhas que estavam a bordo e fez nellas o sinal da cruz, com que a agoa ficou tão dôce que na experiencia de todos excedia muito a de Bangani (celebre fonte em Goa)!—Apoz este fez differentes outros milagres, prophecias e conversões durante a viagem, e taes são: 1.º fez aparecer depois de 6 dias um menino mouro que tinha cahido no mar, e o pai com a sua familia se baptisou: 2.º no Porto de Chincheo converteu 60 mouros que haviam hido a bordo para verem o Apostolo, ouvindo em terra os milagres referidos: 3.º estando resando em terra, e vendo condusir a bordo a Diogo Queiroz, disse que o não levassem, porque certamente morreria, e de facto falleceu, e foi necessario aos mesmos reconduzirem o corpo a terra para lhe darem sepultura, e o Santo sahio a recebel-o com sobrepeliz e estola, e lhe fez o officio funeral: 4.º navegando deste Porto para o de Sanchão (169), disse, contra o parecer de todos, que estavam já fora da altura do porto que era demandado: e mandou largar o ferro, e tomar lingoa, e não voltando o batel durante tres dias disse Xavier que vinha com refrescos de Sanchão, e atraz delle algumas naos dos Portuguezes, e assim foi, com as quaes foram entrando no Porto.

(169)—*Sanchão*, diz o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 1. § 83) que são 3 Ilhas muito juntas, e parecem uma, por isso os Chinas lhe chamam *Sanchoa*, palavra composta de *Sam* que significa 3, e de *Choa*, Ilha; e que a principal tem o porto na ponta que olha para Macáo—*Carv. e Sous.* (no seu n.º 1.º da Hist. de Macao) chama a esta Ilha *Sancxuan* e ao seu Porto *Tamão*—e *Guimarães e Freitas*, *Sanciam*, nas suas Memorias sobre Macáo p. 20. —Dista de Cantão 25 legoas segundo Fernão Mendes Pinto. *Peregrinações* Cap. CCVI.

CAPITULO 66.

Da chegada do Apostolo a Sanchão: do que aqui praticou e dos milagres, e prophecias que fez.

176— Finalmente a nao fundeou no Porto de Sanchão no mez de Agosto, depois de 23 dias de viagem. —A este tempo estavam tambem surtas muitas outras, as quaes festejaram com entusiasmo a vinda não esperada do nosso Xavier, e com grande alvoroço, e alegria inexplicavel lhe fabricaram em um outeiro, que vinha descendo á praia do Porto, uma Eremida, com paredes de taboas, e tecto de rama, obra de dous dias, onde o Santo dizia missa; por quanto para doutrinar os meninos, que eram muitos nas naos; para compôr as discordias, que nunca faltam entre soldados, e mercantes; para corrigir os lacivos, e desfazer os contractos injustos, pregando, e confessando, todas as naos e toda a Ilha lhe serviam de Igreja (170)!—E effectivamente deu-se ao trabalho de doutrinar, confessar, e pregar aos marcantes e passageiros que o Santo achou a bordo das naos e na Ilha.

177—Estando occupado neste importante exercicio offereceu-se-lhe a occasião de casar uma moça orfãa e pobre, por reverencia á castidade, e faltando-lhe dinheiro para o dote, o foi pedir a Pero Velho (171), mercador rico, seu amigo, e companheiro na viagem.—Estava elle jogando com outros amigos, e como era engraçado e jovial,

(170)—De facto assim era; porque a Ilha estava deserta, e diz *Carvalho e Sousa* (Historia de Macáo n.° 1.° p. 19) que os navios ficavam ancorados ao pé da Ilha, em que S. Francisco Xavier fôra enterrado em 1552: que no fim da monção todas as transacções se suspendiam, fechavam-se as contas, e se abandonava o porto, e a Ilha ficava desemparada até á volta dos mercadores, por conseguinte os trabalhos do Santo Apostolo se limitavam á gente da tripulação dos navios.

(171)—Este Pero Velho he o mesmo de quem trata o § 129.

lhe respondeu *que vinha a muito máo tempo pedir dinheiro a um jogador pobre, e fora de sua casa.—Como posso eu dar agora o meu*, dizia elle, *se estou trabalhando para ganhar o alheio?—Para fazer bem*, tornou o Santo, *todo tempo he bom, e para dar esmola este he melhor, porque tendes o dinheiro a mão.—Ora, está feito*, replicou o Velho, fingindo-se enfadado: *he necessario fazer que V. Reverencia nos deixe: aqui tem* (entregando-lhe uma chave, debaixo da qual guardava 30$000 taeys (172), ou 45$000 cruzados, e disse) *e advirta que tudo quanto achar he seu.*—Abriu Xavier o cofre, e tirou 300 cruzados, e tornou a entregar-lhe a chave.—Desfeito o jogo foi Pero Velho a sua estancia, e notando que nada faltava no sacco que Xavier abrira, sahiu em sua busca, e lhe fez uma amorosa queixa, e respondendo-lhe elle que tirára 300 cruzados; *pois a mim*, disse Pero Velho, *não me falta um real; mas seja como fôr, Deos perdoe a V. Reverencia: quando eu lhe entreguei a chave, a minha tenção foi que repartissemos igualmente os 30$000 taeys, porque a mim me bastavam 15$000.*—Fallava o bom Portuguez do coração, e o Santo com o rosto todo abrasado, e com uma vehemencia de espirito, como costumava, quando Deos o illustrava com a luz da prophecia, lhe respondeu nesta forma.—*Pero, a vossa offerta foi recebida por aquelle Senhor, que pesa as tenções mais occultas da vontade; elle vos pagará a seu tempo; entretanto vos prometto da sua parte, que nunca nesta vida vos faltará com que passar commodamente.—Tereis occasiões de empobrecer, mas achareis bons amigos, que vos soccorram; e alem de tudo isto não morrereis, sem primeiro saber o dia de vossa morte.*—Foi cou-

---

(172)—*Tael*: moeda imaginaria da China, e se divide em 1000 caixas, e equivale a 6:1:15 de Goa, ou 1000 reis fortes.—Tambem se divide em *condrins*: 10 condrins faz 1 *maze*, 10 mazes 1 tael. —Em moeda Ingleza 1 tael equivalle a 6 soldos e 8 dinheiros sterlinos, sujeitando-se ao agio da moeda.

sa admiravel que daquella hora em diante se transformou o Velho em outro homem, todo dado ás cousas do espirito, e ás obras da piedade, mercador de profissão, e quasi religioso na vida.—Consolava-se muito quando se lembrava da promessa do Santo Apostolo.—Mas como Xavier lhe não declarou o modo desta previsão, e elle desejando muito sabel-o, animou-se um dia a tirar esta duvida, e o Santo de improviso lhe respondeu—*que se apparelhasse para morrer quando lhe soubesse mal o vinho* (173).

(173)—Affirma o Padre Sousa (no seu *Oriente Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 1. § 85,) que se verificou completamente esta prophesia, pela maneira seguinte:—Viveu Pero Velho até a ultima velhice sempre prospero, e abundante, assim de dinheiro, como de outros bens da fortuna.—Esteve algumas vezes arriscado a quebrar, mas com os subsidios dos amigos, que promptamente lhe acudiam, tornava a levantar a cabeça.—Finalmente estando um dia muito alegre e festival em um solemne banquete pediu vinho, e parou ao primeiro sorvo, porque lhe sonhe com o feito e trazendo á memoria ao mesmo tempo a prophecia do Santo, teve um certo horror a tão improviso annuncio da morte.—Querendo certificar-se mais, passou a taça aos amigos, e perguntou-lhes á que sabia aquelle vinho.—Responderam, que era excellente.—Mandou vir outros copos, e outras castas diversas de vinhos, e todos lhe amargavam.—Não lhe restando já ponto de duvida, levantou os olhos ao Ceo, e tacitamente se pôz todo nas mãos de Deos, e referiu aos convidados a prophecia do Santo, e o cumprimento della, que agora se verificava, e começou a preparar-se e bem morrer.—Repartiu da sua fazenda liberalmente com os pobres, e deixou o restante aos filhos, que viveram depois ricos, e abastados.—Despediu-se dos amigos, muitos dos quaes vendo-o são, e valente, e ouvindo-o fallar da morte tão visinha, como elle dizia, imaginavam que já tontava, ou pela muita velhice, ou por alguma repentina melancolia, e tratavam de o divertir com lhe dizer cousas alegres.—Mas elle os levou a todos comsigo á Igreja, onde havia mandado aprestar tudo quanto era necessario para um officio funeral: tomou o Santo Viatico, e a extrema-uncção das mãos do Vigario, e deitando-se na tumba, como se estivesse morto, fez cantar com solemnidade uma Missa de Requiem.

178—Elle resuscitou um menino defuncto; fez afugentar de uma Ilha visinha grande numero de ferocissimos tigres que comiam os seus habitantes, andando em bandos, tendo encontrar-se com elles em uma noute, e lançando sobre elles agoa benta.—Revelou aos Portuguezes os graves disgostos que corriam em Malaca entre D. Alvaro, e Bernardim de Sousa, que depois se verificaram; assegurou aos mercadores, que estavam afflictos sobre o destino de uma nao, que ella estava já em Japão, e tambem que chegaria na mesma semana a Macão (174) como na verdade entrou carregada de grandes riquesas.

—Estava já na Igreja povo innumeravel, uns esperando para verem o cumprimento da prophecia do Santo, e outros para se rirem da doudice do velho.—No fim da Missa se chegou o Sacerdote com os ministros junto a tumba para lhe cantarem, como he costume o ultimo responsorio.—Estava elle ainda vivo no principio desta Ceremonia, mas acabado o responsorio, e cantado o *Requiescat in pace*, se chegou um creado a elle para o levantar, e achou-o morto.—Incrivel foi o ruido, e o abalo do povo, que acabava de desenganar-se, e entre lagrimas, abençoar a memoria do Santo Apostolo.—Que esta passagem tese logar em Macao, e ella, do certo, parece-se muito com a que aconteceu a Carlos V de Hespanha, fallecido (talvez na mesma epoca em que morreo Pero Velho) em 21 de Setembro de 1558 no Convento de São Justo em Biscaia; com a differença porem que Carlos foi tirado do feretro acommettido de febre violenta, que o levou breve para a sepultura.—Vid. a Viagem de 24000 legoas, 2.ª parte p. 22.

(174)—Macão: Cidade de China, situada na Provincia de *Quang-Tonga ou Kang-Tung* (Cantão) construida pelos Portuguezes, os quaes em 1583 lhe deram o nome de — *Porto do Nome de Deos, e Porto de Amacão*, ultimamente foi chamada *Cidade do Nome de Deos do Porto de Macao*, e ao prezente *Cidade do Santo nome de Deos de Macão na China*—Macão foi erecto Bispado pelo Papa Gregorio XIII pela Bulla—*Super Specula* de 10 de Fevereiro de 1575, e foi seu 1.º Bispo D. Belchior Carneiro (Jesuita) conforme a Hit. Gen. da Casa Real, e Iastr. de 1774 ao Arceb Primaz.—El-Rei D. João IV deu a Macão o titulo de — *Leal Cidade*; e acerca deste titulo se lê na porta da casa do antigo Senado a seguinte inscripção:

CAPITULO 67.

Das diligencias que empregou para a sua passagem para a China: e do ajuste que fez para esse fim.

179—Apesar de estar Xavier occupado em differentes sortes de actos piedosos, e em fazer milagres e prophecias referidas, não se lhe passava da memoria a empresa da China, cuja pretenção lhe havia causado tão grandes fadigas, e disgostos inesperados.—Para conseguir pois o fim do seu vehemente desejo elle não poupava occasião alguma de propôr convenções aos Chinas. —Os Portuguezes, a quem as disgraças passadas (175) faziam cautelosos, lhe dissuadiam com efficassimas rasões a entrada na terra firme daquelle Imperio, pondo-lhe diante dos olhos a lei inviolavel, e durissima contra os estrangeiros que ousassem a pisar as suas praias (176);

« Cidade do Nome de Deos, não ha outra mais leal.—Em nome de « El-Rei N. Senhor D. João IV mandou o Governador e Capitão « Geral da Praça João de Sousa Pereira pôr este letreiro em fé de « muita lealdade, que conheceu nos moradores della em 1654.

Esta Cidade fez parte do Governo Geral deste Estado, desde a sua fundação, e depois pelo Dec. Administrativo de 7 de Dezembro de 1836, e desligada delle foi constituida em Governo separado reunido-se-lhe o Estabelecimento de Solor e Timor, por Dec. de 20 de Setembro de 1844. —Solor e Timor foi novamente reunido ao Governo deste Estado por outro Dec. de 25 de Setembro de 1856. —A'cerca de Macáo, e Solor e Timor temos dado alguma noção no Gab. Lit. Vol. 3.º a p. 270, e a respeito de Macáo dão noticias mais amplas *St. Lurente Carv. e Sousa—Guimarães e Freitas*, aos quaes podem os nossos Leitores consultar.

(175)—Refere-se a cruel matança e arrasamento da Cidade de Liaripó, de que dá conta o *Or. Conq.—Fernão Mendes Pinto, e Carvo Sousa*

(176)—He verdade os estrangeiros que chegassem então ás praias da China não soffriam o simples ameaço, como o da Deusa Calypso a Telemaco do grande Fenelon; mas sim eram presos,

e crueldade inexoravel dos Mandarins (177). — Advertindo porém que o Apostolo não desistia do seu designio lhe mandaram protestar pelos mesmos mercadores Chinas, se não arriscasse a tão temeraria empreza.—Foram porem muito contrarios os effeitos deste protesto, porque os Chinas ouvindo praticar ao Santo sobre os mysterios da Fe ficaram mui satisfeitos, e o animaram a não temer os perigos.—Levasse comsigo os Livros da Lei de Christo, e soubesse que o Imperador da China havia enviado por todos os Reinos continantes com o seu Imperio homens sabios, e prudentes a informar-se de suas leis, ritos, e costumes.—Esta noticia fez crescer a Xavier grandes esperanças, e tratou de buscar um interprete, que fallasse a lingoa da Côrte, porque o seu China Antonio a ignorava.—Deparou-lhe a sua diligencia um lingoa; mas a maior difficuldade era achar marinheiros que o levassem a terra firme, porque as leis condemnavam a morte todo aquelle que introduzisse algum forasteiro no continente do Imperio.

180.—Expoz-se finalmente a este perigo um honrado mercador china, por alcunha *Capochica*, com quem ajustou a sua passagem para Cantão em 200 cruzados de pimenta, que em nome de Diogo Pereira lhe prometteu (178).—Accordou-se que o mercador o levaria em uma barquinha, e a remo sahiu no maior silencio da noute,

---

arcabuzados cruelmente, em diversas estações, e lhes cortavam os dedos, tudo com formalidades aparatosas da Justiça, a que ficou sujeito Fernão Mendes Pinto, como elle o conta nas suas *Peregrinações*.

(177).—A crueldade dos Mandarins he bem conhecida: todos os Autores que tem tratado da China fallam dallas.—Leão-se as Cartas de *J. J. d'Andrade*, e o *Diccionario das penalidades de todas as partes do Mundo conhecido por M. B. Saint-Edme*.

(178).—Desta concerto o Santo da conta ao Padre Perez na Carta de 22 de Outubro de 1552, e na de 12 de Novembro immediato a Diogo Pereira.—Coll. Vol. 2. p. 375 e 384.

e o pôria na praia; e havendo perigo o teria escondido em sua casa, e em uma madrugada o conduziria as portas de Cantão, donde poderia ir apresentar-se ao Governador, e apresentar-lhe as cartas que levava do V. Rei, e do Bispo de Goa para o Imperador.—Depositaram-se os 200 cruzados em terceira mão, e á instancia do mercador jurou Xavier de não descubrir a barca, nem o arrais que o passára, ainda que lhe dessem tratos, e o condemnassem á morte.—Os Portuguezes porém temiam que introdusido o Santo na terra firme viesse sobre elles o Mandarim de Cantão com uma armada, e os despojasse, como cumplices no delicto, das vidas e fazendas, ou pelo menos lhes prohibisse o commercio mais tolerado, que era concedido naquella Ilha.—Deste temor os livrou o Santo Apostolo promettendo-lhes não fazer a jornada até não partirem todas as naos portuguezas, e neste sentido se ajustou o dia em que o mercador devia vir para o levar.

CAPITULO 68.

Doença que teve Xavier: do seu restabelecimento: propheçia que fez: do seu prezario sustento: de não cumprimento do ajuste, e de sua nova molestia.

181—Estando as cousas neste estado adoeceu Xavier de uma febre, mais molesta pelo estorvo que lhe podia pôr a viagem, que pelo perigo.—Convaleceu em duas semanas, e escreveu varias Cartas para Malaca e Goa (179).—Partiram neste tempo todas as naos, ficando apenas a nao Santa Cruz, em que o Santo viera de Malaca, e a ultima que levantou o ferro foi a de um Capitão, em cuja barraca se agasalhava o Santo, o qual em

(179)—Nas datas de 21 de Outubro ao Padre Gaspar Barzeo: na de 22 do dito ao Padre Francisco Perez: 2 na de 12 de Novembro a Diogo Pereira, e ao Padre Francisco Perez, e na de 13 do dito mez ao Padre Gaspar Barzeo.

premio da hospedagem o persuadia a deter-se em Sanchão até lhe chegar um junco, que havia mandado comprar.—O miseravel homem incredulo ás palavras do Apostolo, em quanto este dizia missa fez de vela.—No fim da missa voltando o Santo para os circunstantes e correndo a vista por todos, perguntou por elle; e sendo lhe respondido que navegava na volta de Malaca, disse: —*Não sei se vai bem com Deos.—Aonde o levam os seus peccados?—De que foge?—Quem o lança fora?—Porque não esperou pelo junco que desejava?—Ei-lo ali*: e apontou com o dedo para o mar.—*O que esse desventurado busca em Malaca, elle o sabe, mas não sabe a morte que o espera pouco depois de chegar a terra.—E que morte?* (180).—E não passou adiante.—Dahi a poucas horas se avistou o junco pela mesma linha que o Santo mostrara.

182—Havia já por este tempo na Ilha grande falta de mantimentos, porque os Mandarins não consentiam que os Chinas os levassem aos Portuguezes, e assim era necessario que Antonio (creado do Apostolo) pedisse todos os dias de esmola o sustento preciso para si, e para ja amo.—Estando o Santo entretendo assim a sua precaria subsistencia á espera do dia 19 de Novembro, dia ajustado para a sua hida para Cantão (181), passou este, e vendo Xavier frustrada ainda esta esperança, que entre tantas fadigas o alentava, ou de introduzir a Fe de Christo no Imperio da China, ou de dar a vida por ella, adoeceu novamente em 20 do mesmo mez.—A hora foi depois de celebrar a missa em um Domingo, quando o accometteu a febre.— He muito verosimil que elle pedisse durante a

(180)—De facto o mercador fugitivo depois de chegar a Malaca teve desgraçada morte, pois que indo no mato cortar madeira para consertar o seu navio foi feito em pedaços pelos ladrões ás cutiladas. *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 1. §. 89.

(181)—Conforme a Carta de 22 de Outubro de 1552. Coll. Vol. 2. p. 375.

missa e alcançasse de Deos a terminação dos seus trabalhos, e que tambem lhe revelasse o dia do seu transito, porque o disse ao Piloto Francisco de Aguiar, como este o affirmou com juramento.—Já o Santo antecedentemente sabia que não era mui larga a sua vida, porque estando em um dia em conversação com seis Portuguezes, *Irmãos*, lhes disse, *aparelhemo-nos para morrer, porque dentro de um anno a maior parte de nós já não estará neste mundo!* —E effectivamente dos 7 que elles eram por todos, morreram 3 durante o anno, sendo Xavier um delles!

CAPITULO 69.

Do conhecimento que teve da sua proxima morte: do seu embarque e desembarque da náo Santa Cruz: dos seus padecimentos, e tratamento.

183—Certificado já da sua morte se foi metter na náo Santa Cruz, como se lhe quizesse confirmar com esta ultima visita a milagrosa benção que já lhe havia lançado.—Mas porque os ventos, e os balanços da náo o incommodavam e lhe não deixavam firmar o pensamento em Deos, no seguinte dia pedio ao Capitão Luiz de Almeida que o mandasse pôr em terra.—E vendo o deitado na praia o Portuguez Jorge Alvares, e não lhe soffrendo o coração deixal-o exposto ao sol, sereno, e ventos frios, e desabridos do Norte o fez levar para a sua choupana não muito longe do mar, porém aberta a todos os ventos, e sem abrigo de uma só arvore, e como as paredes, e o tecto eram de ramas, servia de menos mal o seu reparo.—No outro dia (22 de Novembro) já vehemencia das dôres se declarou a pontada por um dos lados, e Jorge Alvares lhe pediu que se deixasse sangrar.—Sabia muito bem Xavier a pouca destreza do sangrador da náo, porem sujeitando-se a obediencia do patrono, em cuja casa estava, offereceu o braço á lanceta e foi tão infeliz a picada, que retrahindo se os nervos lhe sobreveio logo um espasmo, e dali por diante tão

grande fastio, que não podia comer umas poucas de amendoas, que por grande obsequio lhe dera o Capitão do páo, quando voltava para terra.—Não obstante o máo successo da primeira sangria, quiz levar a segunda da mesma mão, que foi pouco melhor que a primeira.—Crescia cada dia mais a força do mal, via-se prostrada a natureza, mas não a serenidade de rosto, nem o vigor do animo.—Perseverou deste modo até aos 28 do mesmo mez de Novembro, com os olhos continuamente levantados ao Ceo, que se deixava ver pelas aberturas que havia na choupana, ou postos em um Crucifixo, que sempre teve nas mãos, fazendo-lhe devotissimos colloquios.

184—Nesse dia (28) perdeu o juizo, e começou a delirar soliloquios amorosos, e discursos sobre a sua passagem á China.—Emudeceo de repente, e perdeu de todo a fallla, e só a recobrou no ultimo dia do mez, e deste dia por diante não poz mais bocado na bôca.—Restituido ao juizo, e á fallla tornou aos colloquios com Deos, repetindo muitas vezes: *Jesu Fili David miserere mei*: e a Rainha dos Anjos: *Monstra te esse Matrem*, e a sua ordinaria jaculatoria: *O Sanctissima Trinitas!*—Mandou levar á mão os paramentos da missa, e as suas composições sobre a doutrina christãa, que era o seu unico thesouro, e avisinhando-se já muito a morte, tratou de se dispor para passar da terra ao Ceo.—Assistiam-lhe Antonio e Christovão, xiodos com elle da India, e acompanhado tambem da prophecia até o ultimo alento, fixou os olhos neste segundo, e mudou de côres: depois com voz compassiva, e lastimosa lhe repetio duas vezes: *O miseravel! O miseravel*, e correram-lhe as lagrimas em fio (182).

(182)—O motivo desse dito repetido, e lagrimas, diz o Padre Sousa que fôra a desgraçada morte que este mancebo teve em menos de 6 mezes, porque estragando-se em vicios deshonestos com escandalosa liberdade, morreu de repente a violencia de uma bocca de fogo. *Or.* Conq. Vol. I. Conq. I.ª D. 1 § 90.

CAPITULO 70.

Da sua gloriosa morte: do que então praticaram os Portuguezes: e da sepultura que lhe deram.

185—Era uma sexta-feira, duas horas depois do meio dia, 2 de Dezembro de 1552, em que Xavier lançou os olhos ao Crucifixo, e olhando para elle amorosamente revestiu o semblante de alegria, rompeu em um suavissimo pranto, e repetindo entre as doces lagrimas.—*In te, Domine, esperavi, non confundar in æternum*, foi triunfar do tempo á eternidade (184).

186—Sahida a morte do Santo Padre Francisco Xavier, muitos da nao concorreram á choupana, onde o acharam com tanta graça no rosto, e vivesa nas feições, que lançando-se todos por terra, com espanto e devoção se o choravam como a morto, tambem o veneravam como a vivo, beijando-lhe affectuosamente as mãos, e recommendando-se a elle com muitas lagrimas, como se não duvidassem da gloria que gosava no Paraiso.—Para o sepultarem, o vestiram com as vestimentas Sacerdotaes, ti-

---

(184)—O Padre Lucena diz que fallecera na sexta-feira e na antemanhã do Sabbado, e Ferdinando Diniz á meia noute, e os outros são omissos a respeito da hora; mas o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. I. Conq. 1.ª D. T. § 90) diz que constou-lhe o dia e a hora da sua morte por um diario de Francisco Gonsalves e cujo mercador da China, que estava presente em Sanchão, quando morreu o Santo Apostolo, e da sua mesma letra e escreveu e cotejando este memorial com o ultimo dia do suor do Crucifixo (§ 189) regeitara com moral certeza todas as mais opiniões nesta materia.

O Padre Vieira fallando desta morte diz:—*Quiz Christo acudir a morte de Xavier com a semelhança da sua, sendo a mesma em ambos o morrer, e abrir, quiz Christo morrendo abrio as portas do Ceo, e Xavier morrendo as portas da China; unas e outras ficaram fechadas a todos.*—*Xavier acordado*, Sermão 7.º *Doudices*.

rando-lhe primeiro das costas grande parte da lôba, e dividindo entre si os pedaços como preciosas reliquias. —O Piloto Francisco de Aguiar escolheu uma bota para perpetua lembrança do muito que devia ao Santo Padre, por lhe haver prophetisado duas felicidades taes quaes homens da sua profissão: a 1.ª *que nunca seria pobre*: e a 2.ª *que não morreria no mar* (§ 133). —E tanto se prezou o bom Piloto desta prenda, que dahi por diante lhe chamou *a sua bota*.

127.—Mandou Jorge Alvares fazer um caixão ao modo da China, onde depositaram o sagrado corpo, lançando-lhe por cima muita quantidade de cal virgem, para que se comesse a carne depressa, e podessem levar os ossos limpos a Iodia, quando a náo partisse para Malaca. — Estiveo sem ser sepultado até as duas horas da tarde da Domingo seguinte; e ignora-se o motivo disto.—Segundo escreveu Antonio da Santa Fé, ninguem o acompanhou á sepultura (184) senão o referido An-

(184)—Attribue-se a frieza da devoção dos Portuguezes, em não acompanharem ao corpo do Apostolo até a sepultura, ao grande frio que houve naquelle dia, que não lhes permittia sahirem das cabanas, pois o quarto, estimação do Santo os Portuguezes da India o proprio Santo o testificou a El-Rei D. João, escrevendo-lhe *Escreveo-lhe elle, Senhor, isto porque sempre a V. A. quer que tenha entendido com quanta honra, e respeito me favoreceo todos os vossos vassalos, que estão na India.* —*Verdadeiramente, Senhor, me parece deste dezar com toda verdade, que ninguem da gente de India a quem fomos fez tanta favor, e honra, como os Portuguezes, que aqui vieo, me bem fiche a ver a*... Na Carta datada em Malaca em 17 de Junho de 1549, na qual dá Xavier longa conta de sua partida para a missão do Japão, e da vida e favores recebidos dos Portuguezes. Coll. Vol 2. p. 62. —Nesta Collecção encontram-se apenas 3 Cartas escritas pelo Apostolo a El-Rei D. João 3.º, as quaes já apontamos na nota (129) a p. 113, na ultima das quaes (a de 18 de Abril de 1552) o Santo dando conta á rainha da sua missão á China, agradece a S. Alteza todas as mercês, e favores recebidos de sua mão.—Não foi esta confissão excessiva

touto, e dous malatos, que levaram ás costas o caixão até o lugar onde havia de ser enterrado, e achou-se presente ao tempo de enterro o Piloto Francisco de Aguiar.—Para o lugar da sepultura escolheram um outeiro, á raiz do qual surgiam as náos dos mercadores. —No alto deste outeiro havia uma planice, e no meio della uma cruz de páo, levantada pelos Portuguezes, e ao pé desta cruz abriram a cova, onde o enterraram, e para memoria de tão digno lugar, o divisaram com 2 montes de grandes pedras, um á cabeceira, e outro aos pés (185).

---

grande agradecimento do Santo, se não verdade absoluta, por elle experimentada até a data da citada carta, e do que mais fizeram posteriormente, em respeito á sua pessoa consta da relação dos annos posteriores que acabamos de lêr, e a sua confirmação he a seguinte passagem:—No anno de 1552 chegando a Lisboa o Capitão de uma náo, que se adiantou ás mais, e perguntando-lhe El-Rei, que novas trazia da India, respondeu «=*Trago novas, Senhor, de que vive ainda o Padre Mestre Francisco, e não podem vir da India se não boas novas em quanto elle fôr vivo; porque nelle consiste a sua conservação, e felicidade*»=Esta reposta bem deixa ver em que alta conta tinham os Portuguezes de então o nosso Santo Apostolo, por conseguinte não he de admirar que fizessem por elle tudo quanto o Santo disse a El-Rei, e a historia deixou registado!!

(185)—Diz Carvalho e Sousa na sua *Historia de Macáo* (n.º 1.º p. 20) citando *J. Drydez*, que=*Sancuan* (Sanchão) estava desde 1552 inculto; aos 2 de Dezembro deste anno S. Francisco Xavier expirou, e foi pelos seus amigos enterrado no vertice d'aquella Ilha, distante uma pedrada lançada da borda do mar.—Que fora levantada uma cruz, e a sepultura signalada por 2 pilares de pedra, um da parte da cabeça e outro da parte dos pés do fallecido Apostolo.

isso, o levaremos, para que não digam os moradores de Malaca, que não somos tão bons christãos como elles ».

CAPITULO 72.

Da exhumação do corpo do Apstolo; da sua incorrupção; o que fizeram os Portuguezes nesta circunstancia até o conduzirem a bordo da náo.

191—Em 17 de Fevereiro de 1553 estando já a náo Santa Cruz (a mesma em que o Apostolo havia hido a Sanchão), para largar para Malaca, Antonio de Santa Fé pedia ao Capitão mandasse vêr se já estavam limpos os ossos do Padre Mestre Francisco, para os levarem para Malaca. —Fez esta diligencia um Portuguez, que abrindo o caixão, e tirando a cal, achou o corpo do Santo *inteiro, solido, succoso, cheio de sangue*, e querendo segurar-se melhor deste seu estado, descubriu o joelho esquerdo, e acho-o *incorrupto*, lhe cortou pouco mais acima, pela parte de fora, um pedaço de carne, do comprimento de um dedo, que lançou sangue, como se estivesse *fresca e viva*!— Com este sinal inegavel de incorrupção do sagrado corpo voltou o Portuguez á náo, e deu conta da sua commissão, e do seu resultado tão singular!

192—A novidade maravilhou a todos da náo, e elles quizeram verificar pessoalmente o facto, uns por devoção, e outros por curiosidade, e assim em tropel se encaminharam á sepultura do Santo Apostolo, seguidos de quem lhes deu noticia de tão estupendo acontecimento.— Apenas viram o venerando corpo, ficaram todos assombrados *com tão boa côr, e sombra do rosto, os vestidos inteiros, e sem lesão da cal* (189), e o que mais os admirou,

(189)—A respeito da incorrupção do corpo do Santo e dos seus vestidos, sem lesão da cal, diz o erudito Padre Antonio Vieira (*Xavier acordado*, Sermão 3.º) morreu em fim S. Francisco Xavier, e como não ha duas cousas tão parecidas como a morte e a [illegible], sendo

lançando de si uma fragrancia tão suave, que se não podia comparar com as flôres mais odoriferas, e aromas mais preciosos da terra, e claramente se via que era suavidade do Ceo.

193—Em vista de uma tão extraordinaria maravilha, todos levantaram um pranto desfeito, uns de consolação e alegria espiritual, e outros de dôr e arrependimento, pedindo-lhe perdão com altas vozes de o não terem soccorrido no extermo desemparo da sua doença, por agradarem a D. Alvaro, cujos domesticos eram (190).—Depois disto tiraram o caixão da cova, e cobrindo o corpo

---

tão miraculosa a sua vida, não podiam faltar milagres na sua morte.—Depois della não foi embalsamado seu corpo; mas sim duas vezes cuberto de cal viva, que he a lima mais forte, e mordaz para roer, e desfazer em pó toda a materia tão varia, de que se compõem a fabrica de um corpo, até lhe despir e desconjuntar os ossos.—Mas tal foi o respeito com que a sua natural veracidade reverenciou aquelles despojos da vida na imagem morta de Xavier, que nem no menor fio da roupa se atreveu a lhe tocar, com que tambem a mesma cal por este milagre mereceu ser venerada por reliquia.—Não fez a morte no corpo de Xavier o que costuma nos outros, porque morreu matando.—Ella matou a Xavier, e Xavier a matou a ella.—Foi como a Abelha, que ferindo morre; ou menos doce, e mais nobremente como Samsão, que morreu matando.—A morte quando mata, e vive, depois de apparar a alma corrompe o corpo; mas quando matando morre, perde totalmente as forças, ficando ella o cadaver da morte, e o cadaver inteiro e incorrupto, com todos os outros accidentes de vivo.—Assim anticipou Xavier em si mesmo, como Precursor de Christo nesta parte, o que elle como triunfador da morte hade fazer universalmente no fim do mundo!

(190)—Destes domesticos fazia parte o de quem fallamos atraz no § 190, e fez côro com os mais para, arrependido, pedir perdão ao Apostolo, donde tinha razão, como diz a Padre Sousa, o V. Rey da India D. Affonço de Noronha de proferir=*que D. Alvaro matara ao Padre Mestre Francisco em Malaca, com as suas perseguições, e em Sancho com a crueldade dos seus agentes*. (Or. Conq. Vol. 1. Cap. 2.° D. 2. § 1.

CAPITULO 71.

Do tempo que viveu o St.º Apostolo na religião e na India: sua presença e outros dotes pessoaes: da Imagem que suava sangue: e da noticia da sua morte, que um creado de D. Alvaro deu a seu amo.

188—Viveu o Apostolo 35 annos, 12 na Companhia depois de formada em religião (186): e na India 10 e 7 mezes.—Foi homem de galharda presença, e não menos amavel que veneranda, de estatura um pouco mais que mediana (187), de boa compleição, e de forças

(186)—Assim o diz o Padre Sousa (Or. Conq. Vol. 1. Conq. 1.º D. 1. § 30): mas diz tambem que o instituto dos Jesuitas foi aprovado por Paulo 3.º em 27 de Setembro de 1540 (Vol. 1. D. 2. § 2. e § 3).—Assim mais refere o mesmo Padre Sousa (Vol. 1. Conq. 1. D. 1. § 3) que S. Francisco em 14 de Março do sobredito anno de 1540, na sua despedida de Roma entregara ao Padre Laynez uma cedula dos seus votos que teriam vigor quando a Companhia fosse confirmada em Religião (Vid. § 7).—Finalmente allega (Vol. 1. Conq. 1. D. 1. § 69) que em Fevereiro de 1552 se entregaram ao nosso Apostolo 2 Patentes do Santo Ignacio, datadas de 10 de Outubro, e 3 de Dezembro de 1549 (Vid. § 147), chegadas em 1550 uma nomeando o Preposito Provincial, e a outra communicando-lhe as graças concedidas ao Geral da Companhia (estas Patentes nada dizem as cartas do Santo).—Em vista do que fica apontado, se conclue que o nosso Santo não professou formalmente na ordem dos Jesuitas, ainda que fosse um dos membros da congregação donde nasceu aquella ordem: e daqui sem duvida o Marquez de Pombal tirou fundamento para dizer no § 6.º da Instrucção 1.ª de 10 de Fevereiro de 1774 ao Governador e Capitão General da India..... *até se dar a providencia de fazer o corpo de S. Francisco Xavier, antes usurpado pelos Jesuitas, restituido a ordem do clero secular em que aquelle grande Santo viveu, e morreu, como he bem sabido.*

A respeito dos annos da idade do Santo Vid. o § 1. e a nota (1) a pag. 1. desta Historia.

(187)—A tradição popular diz, que era de estatura baixa: porisso

proporcionadas ao peso de grandes fadigas; porém como estas foram desmarcadamente excessivas, emagreceu na India, nas Malucas começava a pintar de branco, e embranqueceu de todo em Amanguchi.—Foi de alegre, e aprasivel semblante, medianamente alvo de testa larga, de nariz decente, de olhos entre negros e castanhos, como ainda hoje se podem ver, de barba, e cabello castanho escuro (188).

189—Havia na casa onde o Santo nasceu um crucifixo de pao, antiga berança de sua familia, o qual todas as sextas-feiras deste anno suou sangue, e desta sexta-feira por diante estancou o milagroso suor (vid. a nota 183).—E nos annos antecedentes quantas vezes Xavier padecia na India alguma extraordinaria afflicção, tantas o declarava em Navarra o mesmo crucifixo, destilando-se todo em gotas de sangue, como se a estreita união entre um e outro lhes fizesse reciprocas as penas, padecendo Christo por Xavier, quando Xavier padecia por Christo!

190—Acerca da morte deste Santo Apostolo, e do seu enterro um dos domesticos de D. Alvaro, Capitão de Malaca, dos que estavam na náo Santa Cruz (Vid. § 169) escrevendo a seu amo disse o seguinte: — « *Aqui falleceu o Mestre Francisco, e nenhum milagre fez na morte.—Nesta praia de Sanchão o enterraram como a qualquer dos outros.—Quando embora partirmos, se o corpo estiver para*

---

a porta de sua capelinha era pequena; porém a porta que existe se fora primitiva dá testemunho em contrario; assim como o seu retrato que está sobre a porta da Capella do seu tumulo cuja copia (do retrato) esperamos apresentar na frente deste opusculo.

(188)—Esta côr de cabello refere-se visivelmente á época anterior ao embranquecimento, e que já era passada no tempo da morte. —E com quanto os cabellos que existem na cabeça achassemos serem castanhos escuros, esta côr parece-nos ser devida á cal e as alterações da diuturnidade do tempo.

do Santo com a mesma cal em que estava, o levaram com muita veneração sobre seus hombros para o hatel, e no hatel a não para enriquecerem a India com tão precioso thesouro (191).

CAPITULO 73.

Da partida da não Santa Cruz com o sagrado deposito: da cessação dos tufões naquellas paragens: da chegada da não a Malaca: do recebimento solemne do veneravel corpo, e ao seu enterro.

194—Finalmente a não Santa Cruz deu as vélas ao vento, e os tufões, que eram frequentes naquelles mares, respeitando o sagrado deposito, se ausentaram delles por alguns annos (192), e a não, sulcando o mar bonançoso, sem incidente algum, chegou a Malaca e lançou ferro aos 22 de Março do mesmo anno de 1553.

195—Sabida a noticia da vinda do veneravel corpo do Santo, tão anciosamente esperado, o povo concorreu em chusma a vel-o, e, como o caixão estava já em terra, os Sacerdotes com authorisação do Vigario, que estava pre-

(191)—Diz o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4.ª D. 2.ª § 1.), que acontecendo morrer no mesmo tempo, (de levar a bordo o corpo do Santo) um Portuguez, os companheiros o sepultaram na cova do Santo, esperando que pelos merecimentos de Xavier Deos o livraria das penas do Purgatorio, assim como a de Eliseo resuscitou um defunto.

(192)—O Padre Sousa refere, que sobre este mysterio, que padeceu suas contradicções, pela generalidade com que alguns modernos o referem, affirma o Padre Sebastião Gonsalves—Que não se houve por pequena maravilha cessarem os tufões na paragem da Ilha do Sanchão, porque sendo ali d'antes mui ordinario, e furioso este temporal, depois que o B. Padre santificou a terra com o divino Sacrificio da missa, e esteve nella sepultado, nunca mais até o anno de 1557 se levantou nem chegou áquelles mares, não deixando de assaltar impetuosamente, como costumava, as das outras partes da costa.

sente, abriram o mesmo caixão, e acharam o *corpo tão inteiro, e as côres tão naturaes, como se ainda estivesse vivo.*—Era já tarde para se fazer a solemnidade do recebimento; por tanto foi depositado em uma casa junto á praia.

196—Diogo Pereira, já prevenido, tinha mandado lavrar muita cêra, com a qual no dia seguinte se fez a mais solemne procissão, que nunca se havia visto em Malaca, acompanhada de toda a clerezia, nobreza, e plebe, e dos mesmos gentios, e mouros, que sendo diversos na lei, não eram differentes na devoção, e amor ao Santo Apóstolo; e todos faziam por tocar o caixão, e um homem doente dos peitos, tanto que a tocou, ficou são.

197—A penas o prestito foi entrando pelas ruas da Cidade, quando de improviso cessou a peste, que todos os dias matava grande numero dos atacados, e dali por diante dos affectados do mal nenhum morreu, e dos sãos nenhum enfermou (193).—Começaram tambem a entrar navios de varias partes carregados de mantimentos, com que parou a fome, e abundou a Cidade.—Parou finalmente a pompa funebre na Igreja de N. Sr.ª do Outeiro, e onde feitas as exequias tiraram o corpo do caixão em que vinha, e o enterraram á porta da Sacristia, como se costuma fazer a qualquer defunto vulgar.—E porque a cova era curta, e a força o metteram nella, lhe rebentou do pescoço dobrado, sangue tão fresco, como se naquella hora saltasse das veias; mas isto não bastou para se persuadirem aquelles Portuguezes que podia haver na India corpo incorrupto, e persuadindo que a terra o consumisse a calcaram fortemente ao masso, e como se tivessem feito ao Santo um grande obsequio se despediram!

(193)—Affirma o Padre Sousa, que estava D. Alvaro jogando com o Ouvidor quando passou a procissão, chegou então á janella, e zombando da credulidade, e simplicidade do povo tornou a continuar o jogo. *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 2. § 1.

CAPITULO 71.

Da segunda exhumação do corpo do Santo: como o acharam: o seu embarque para Goa: do que aconteceu durante a derrota, e os milagres que fez.

198—Voltando de Goa para Malaca, em Agosto do mesmo anno de 1553, o Padre João da Beira, com destino ás Malucas, e como amava muito o Santo Apostolo, não quiz partir daquella Cidade sem o ver, desejoso de o collocar com mais decencia, se estivesse tão incorrupto, como todos lhe affirmavam.—Communicou este pensamento a Diogo Pereira, a seu Irmão Guilherme Pereira, e a outras 3 pessoas, e todos juntos em uma noute, com muito segredo o desenterraram, e depois de haver estado cinco mezes sepultado naquella terra humida com excesso, o acharam *tão inteiro, fresco, e cheiroso*, como antes estava: e só tinha de mais *uma ferida no lado esquerdo*, procedida de uma pedra aguda, que o penetrou á força do masso, *o nariz amassado* pela mesma causa, e um *lenço branco*, com que lhe cobriram o rosto, *todo banhado em sangue fresco, e de todo incorruptas as vestimentas Sacerdotaes*.—Julgou a piedade dos presentes não era bem torrar a esconder na terra um thesouro tão desconhecido, e tão pouco estimado, e Diogo Pereira mandou fazer um ataude forrado de damasco, e coberto com um pano de brocado, em que o depositaram para o levarem para a India na monção seguinte.—Ardeu 18 dias diante deste ataude uma vela de cêra, que estava em um castiçal, a qual naturalmente não podia durar mais de 10 horas!

199—O Padre João da Beira na sua partida para Maluco deixou ao Irmão Manoel de Tavora para cuidar do sagrado corpo, e sobrevindo do Japão o Irmão Pedro de Alcaçova o embarcaram com muita solemnidade, na náo de Lopo de Noronha, e o vieram acompanhando até Goa. Era esta náo tão velha e podre, que ninguem se atri-

via a fiar della as suas fazendas: mas tanto que souberam que levava o corpo do Santo a tiveram por mais segura de todas, e não se enganaram (194).—Huma furiosa borrasca, no golfo, deu com ella sobre um areal, e não podendo avançar por ter a quilha cravada na area, quando menos se esperava, soprou de repente pela proa um vento impetuosissimo, que a foi levando com a popa para diante pelo mesmo caminho por onde entrara, até a lançar fóra do baixo; e para maior evidencia do milagre, se mudou logo o vento a outro rumo.—Junto a Ceilão investiu de golpe uma restinga, e ficou como pregada sobre uma lage, sem poder ir avante, nem tornar atraz, depois de lhe saltar o leme fóra ao cavalgar a restinga.—Nesta afflicção cortaram os mastros, e querendo alijar a fazenda o não poderam, porque os mares que rebentavam em flor sobre a pedra, batiam com violencia a não por todos os lados.—Neste extremo perigo, desenganados os mareantes de salvar a não por meios humanos, recorreram á intercessão do Santo, e trazendo-o ao convez com muitas velas acesas, lhe pediram com mais lagrimas que palavras, se livrasse a si do naufragio, e a tantos seus devotos da morte eminente.—Logo ouviram subitamente um grande estampido, e viram sahir a não quasi de salto ao mar, e ficaram entendendo que a lagem se abrira em duas partes, e lhe fizera canal pelo meio.

200—Continuando a derrota tocaram em Cochim, onde o Santo corpo foi visitado e venerado com grande concurso, e devoção da Cidade; e o Padre Francisco Perez superior então daquella residencia abriu o caixão e vio com os seus olhos a milagrosa incorrupção daquelle amantissimo companheiro, que na despedida de Malaca (§ 170) lhe prophetisara largos annos de vida.—Largan-

(194)—Esta não, depois de descarregada, por si mesmo foi a pique no rio de Goa. *Or. Cong.* Vol. 1. Cong. 4.ª D. 2. § 3.

do deste porto ferráram no de Baticalá (195), e por serem os ventos ponteiros o Capitão Lopo de Noronha partio em um batel a remo a esta Cidade de Goa, trazendo a nova de grande riquesa que trazia.—Em Baticalá estava muito doente a mulher do Feitor Antonio Rodrigues, e com firme esperança de recobrar saude, se visse o Santo, e se fez conduzir a nao, e o mesmo foi vel-o que sarar de repente.—Pedio depois um pedaço da orla da casula em que o Santo vinha revestido, e alcançando-o fez com elle muitos milagres.

201—Tanto que o V. Rei recebeu a nova tão satisfactoria, mandou esquipar uma embarcação ligeira (*Fusta*, segundo uns, e *Catur*, segundo outros) na qual se meteu o Padre Belchior Nunes, Vice-Provincial da India, com 3 da Companhia, e com 4 Collegiaes, musicos do Seminario, e largou para Baticalá, onde recebido o sagrado deposito cantando.—*Benedictus Dominus Deus Israel* &c. o depositou no tombadilho ricamente alcatifado, e entre as salvas de 6 navios que estavam no porto deu as velas para Goa.

CAPITULO 75.

Da chegada do veneravel corpo do Santo a Goa: do seu recebimento, e collocação solemne.

202—Aos 15 de Março de 1554 entrou o catur pelo rio a dentro d'Agoada, e deu fundo de fronte da Igreja de N. Senhora de Ribandar (196), e ali ficou o Santo aquella noute, em quanto na Cidade se aparelhava o recebimento, que seria muito mais solemne do que foi, se a prudencia, e modestia do Padre Belchior Nunes não fosse á mão a piedade, e magnificencia do V. Rei.

---

(195)—Baticalá dista de Goa 20 legoas. *Or. Cong.* Vol. 1. Cong. 1.° D 2. § 3.

196)—Ribandar, dista de Goa (Cidade Velha) quasi meia legoa.—O Orago da Igreja e Freguezia de Ribandar he Nossa Senhora da Ajuda.

203—Aos 16 do dito mez (sexta-feira de Lazaro) ao dispontar da manhãa appareceu Diogo Pereira (197) conduzindo 6 Balões fornecidos dos seus amigos e creados, com tochas e brandões de cêra branca nas mãos, em seguida mais 12 embarcações com a flôr da nobresa Goana, que com os seus cirios acesos foram acompanhando o catur até o caes da Ribeira (Arsenal), onde já o esperava o Viso-Rei com a sua corte, o Cabido, e toda a cleresia com suas cruzes, a Irmandade da Misericordia (198) com suas insignias, infinita multidão do povo e grande numero de enfermos, que se não podiam vir por seus pés, eram trasidos em braços alheios.—Desembarcado o corpo começou a procissão na seguinte ordem:

---

(197)—Este Diogo Pereira he o mesmo de quem já atraz fallamos (§§ 97—134—163 e outros) a respeito da viagem que o nosso Santo Apostolo fez na sua não de volta do Japão, embarcando-se em Sanchão para Malaca, e sobre o concerto da malograda embaixada e suas consequencias.—Depois do notado ultimo obzequio que elle fez ao Santo, não achamos mais memoria delle, apenas no *Oriente Conquistado* (Vol. 1.º Conq. 1. D. 2. § 19 a 21) se lê o seguinte, com referencia ao anno de 1557, relativamente a conversão de D. Maria de Alem-mar, filha de Meale, (Tio de Idalcan ou Idalcão Rei de Vizacpor, que havia sido tambem de Goa)=. . « *Vivia nas casas immediatas (as do Meale) Maria Toscana, matrona nobre, e virtuosa, mulher de Diogo Pereira, aquelle grande amigo de S. Francisco Xavier, com a qual a Princesa* (filha de Meale) *ás escondidas costumava a fallar de um balcão* »=Esta Princesa depois de tirada da casa do seu pai, pelo Governador Francisco Barreto, foi baptisada com grande solemnidade em 15 de Agosto do sobredito anno, e depois se casou com *Jorge Toscano, Irmão da referida Maria Toscana, que foi Capitão de Cananor*, e não teve successão.—Quem lêr a historia da conversão desta Princesa no *Or. Conq.* Vol. 1.º Conq. 1. Div. 1.ª § 19 a 22, facilmente conhecerá que se não seguiram nella licções e exemplos Apostolicos do grande Xavier.—Por honra de Diogo Pereira não se falla nelle nesta historia, ou por já ser fallecido, ou por andar ausente de Goa.

(198)—A Irmandade da Misericordia (*Casa de Santa Misericordia*, que vulgarmente se denomina *Santa Casa de Misericordia*): Esta

204—Precediam 90 meninos vestidos de branco com suas grinaldas de flôres na cabeça, e ramos de palma nas mãos, que ao levantar o ataude descubriram um devoto crucifixo, que levavam comsigo, e começaram a marchar entoando o cantico do *Benedictus Dominus Deus Israel &c.*

Instituição filha da piedade e politica dos primeiros Portuguezes, que se estabeleceram neste Estado teve nascimento entre os annos de 1515 a 1520, á imitação da de Lisboa, tendo por timbre exercitar as *obras da Misericordia e Caridade.*—Foi ella approvada por El-Rei D. Manoel, que lhe mandou dar 11 xerafios em todas as Sextas-feiras do anno para serem repartidos pelos pobres á porta da dita sua casa, a qual esmola foi depois confirmada por Regia Provisão de 20 de Março de 1557.—Para promover o seu augmento foram concedidos a este Estabelecimento muitos privilegios, e isenções, analogas ás concedidas á Misericordia de Lisbôa.—No principio, para a sua administração, adoptou-se o compromisso organisado pela Rainha D. Leonor para reger a sobredita Irmandade de Lisbôa, o qual tendo sido derogado por El-Rei D. João III. foi ordenado outro por Alv. de 23 de Fevereiro de 1633.—Neste compromisso foram fixadas as condições essencias para serem admitidos os pretendentes na Irmandade, e diversos estatutos para o bom governo do Estabelecimento, e dos seus gerentes, os quaes por serem muitos e variados não reprodusimos aqui.—A Irmandade estabeleceu os Hospitaes de *S. Lazaro, e de Todos os Santos* (Vid. a nota 10 a p. 34); e em 1681, em consequencia da deliberação do Senado, recebeu deste a administração do *da Piedade*, com consentimento do V. Rei C. de Alvor, descendente do Conde de Linhares, fundador em todo ou em parte daquelle Hospital (Vid. a nota 128 a p. 114) sob a condição de *recolher os mendigos, sustental-os, cural-os, e vestil-os* e constou que no mez de Março de 1759 existiam 80, e no de Abril immediato 20: que a despesa por mez importava o 270:0:59½ e total por anno 3242:1:20.—Semelhantemente foram entregues á mesma Irmandade 2 Recolhimentos, o de *N. Senhora da Serra*, e o da *Santa Maria Magdalena*, pelo seu fundador o grande Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, aquelle pela concordata de 13 de Setembro de 1610, para receber nelle as orfãas, filhas dos Fidalgos, Cavalleiros, e Cidadãos deste Estado, e o 2.º foi entregue por outra concordata de 23 de Fevereiro de 1611, para recolher as mulhe-

—Seguiam-se os Irmãos da Misericordia com a sua tumba coberta de brocado e insignias.
—Atraz delles os conegos da cathedral e os clerigos de todas as Parochias, com as suas respectivas insignias.

res que tivessem feito ma vida, e quizessem mudar-se della.—Um e outro sob Estatutos formulados pelo mesmo piedoso Prelado, os quaes por muito longos, e minuciosos não he possivel aqui apresentar.—Ao 1.º dos mesmos recolhimentos foi tambem adjudicada por Alv. de 6 de Março de 1616 a antiga instituição Regia denominada de—*Orfãas de S. Magestade.*—Orfãas que vinham de Portugal para aqui serem casadas, cuja vinda ficou depois cessada em consequencia das representações dirigidas a Sua Magestade, e do § 1.º da C. R. de 21 de Novembro de 1598.—O regimen destas instituições com o andar dos tempos tem soffrido grandes modificações, e mesmo alterações, reclamadas pelas circunstancias das respectivas epocas, das quaes não podemos tratar aqui por ser alheio do nosso proposito, e por não caberem no ambito de uma nota.—Voltando ao objecto principal; a Irmandade da Misericordia a par dos privilegios, e isenções teve tambem muitas e grandes doações, e deixas, das quaes temos dado alguma noticia no Preambulo que faz parte do Regulamento das Confrarias deste Estado.—De todas aquellas doações a mais valiosa he, na actualidade, a do Salvador Antão a respeito da qual corre a seguinte anecdocta = Que Salvador Antão, Bramane natural de Rachol, fizera aquella doação á Misericordia, em prejuizo de sua irmãa e seus filhos, com os quaes estava em desavenças, com clausula de se applicar as rendas dos bens doados aos Bramanes indigentes; mas que da palavra *Bramines* se fizera *Brancos*.—Correu tambem que certo Provedor daquella Irmandade déra por certo aquelle facto ao Arcebispo Galdino.—Um parente do doador que estava persuadido disso, nos apresentou alguns documentos de longa data, dos quaes nada podemos colligir nem pró, nem contra o boato, que nos parece invenção do seculo passado.—Ajuisamos por este teor, porque a Confraria da Misericordia que era composta dos Portuguezes casados pelo grande Albuquerque, tinha por timbre favorecer em geral a humanidade desvalida, e em especial proteger os *Orfãos, sustentar as viuvas honestas, alimentar os expostos, resgatar os captivos, soccorrer e defender os presos, e curar os doentes pobres* sem fazer cabedal da *naturalidade, casta e côr dos protegidos*,

—Depois o corpo do Santo em um caixão novo, aos

—Por que tal era maxima com que os casára o previdente Conquistador, e ella servira de principio vital a todas as instituições *pio-philantropicas* daquella feliz primeira idade da conquista de Goa: não só as fundadas pela Irmandade de que tratamos; não só as commettidas á sua piedosa gerencia; mas todas outras de igual natureza, creadas e administradas diversamente, cujo prova-lo o Seminario de Santa Fé dos Padres Vaz, e Borba, para creação de meninos de diversas nações (Vid. a nota 131 a pag. 229): —O do nosso Santo Apostolo, para educação de 100 meninos de varias nações Orientaes, e dos Orfãos, filhos dos Portuguezes (Vid. a nota 131 a pag. 122): —O Hospital do Padre Camerte para tratamento dos Christãos e Gentios (Vid. a nota 128 a pag. 114): —A Instituição das Obras Pias estabelecida sobre o producto de um por cento de todas as rendas, e contratos da Fazenda, mandado deduzir por determinação Regia de 20 de Março de 1558, corroborada pela Real Provisão de 13 de Março de 1606, para o mesmo producto se despender com as viuvas e filhos pobres dos fallecidos no Real Serviço, e em esmolas com as convertidas, nos termos do Alv. de 9 de Março de 1615, finalmente o liberal tratamento aos enfermos no grandioso Hospital Real, de que dá conta minuciosa o viajante Francisco Pyrad, como já dissemos na nota 40 a pag. 31. —Não eram somente nas instituições pias desconhecidas então as differenças de *castas, côres, e naturalidades*, mas tambem o eram na retribuição de serviços como se deduz dos seguintes factos: o lugar importante de Tanadar-mór das Ilhas, (hoje substituido pelo de Administrador do Concelho) tinha sido conferido ao Gentio Locú pelos seus serviços (depois o occuparam fidalgos em mercês triennaes, e vitalicias): a Mucundá Rão, em remuneração dos seus feze mercê das Aldêas, Nadorá, Reorá, e Pirna de Bardez, por Carta de 11 de Set. de 1609: —A José Collaço, Bramane Gancar de Margão, a do foro de fidalgo (por haver soccorrido com mantimentos aos sitiados na Praça de Rachol) a D. Martinho, Principe de Aracão, a do tratamento de—*Senhoria e o titulo do Conselho d'Estado sem exercicio* por Alvs. de 11 Jan. e 12 de Mar. de 1646: a Salvador Ferreira, Gancar de Divar a das passagens de Panchanay e Ambarim, por Carta de 3 Set. de 1620: a Mamodxá a de Governo das terras existentes na Arabia, por Carta do 1.º de Abr. de 1623: a D. Custodio de Pinho, Bispo de Hierapolis, (Bramane, filho de Verná de Salcete) não obstante de ser Missionario da Propaganda, pelos seus serviços ao Estado se lhe deu 500 xerafins, a titulo de ajuda de custo, por Por-

hombros dos sacerdotes da Companhia, e um thuribulo de cada lado.

taria de 20 de Janeiro de 1691 (Reg. Geral fol. 33), tanto basta para o fim proposto.—Concluindo-se dos variados factos apontados, que o espirito predominante da primeira idade da conquista era alheio ás differenças referidas, segue-se que esse espirito era o regulador da gerencia da Irmandade da Misericordia, e das instituições a seu cargo; por tanto aquella gerencia mereceu confiança a El-Rei D. Manoel, ao virtuoso Prelado, e ao Senado, para entregarem á administração da dita Irmandade as suas particulares instituições, fundadas sobre os principios estabelecidos, de que já fallamos.—Em presença deste estado de cousas, não he admissivel *a bonto* de que o doador Antão, apar de outros bramanes que tambem fizeram doações, sem igual condição, á Irmandade de que tratamos, concebesse o pensamento de singularisar a sua com clausula contraria ao espirito dominante, que regulava as beneficencias da dita Irmandade, e que esta a admittisse contra os principios geraes dos seus compromissos.—Tanto mais que o doador Antão, sem offender esses principios, podia estabelecer sobre si um cofre de obras-pias a favor dos Bramanes na Igreja de Rachol, sua freguezia, á imitação de varios Portuguezes que enriqueceram aquella Igreja com as suas deixas sob varios titulos, mas sem differenças odiosas.—Contra o que acabamos de expôr não pode, de certo, servir de argumento a apparente differença da *não admissão dos oriundos* na Irmandade; visto que essa differença he de *facto*, procedida de causas poderosas, e não de *direito*; porque os compromissos, de que já fallamos inhibindo unicamente a admissão dos que descendessem ou fossem casados com as da raça dos *mouros ou judeos*, as indigenas, cujas filhas e irmãas estavam ligadas por laços indissoluveis do matrimonio aos fundadores da Irmandade, estavam habilitadas de direito para associal-os naquella pia instituição; mas nos primeiros tempos não estando elles familiarisados com os Portuguezes, não comprehendendo a causa e os fins do instituto, e não tendo finalmente cargo algum publico, por não serem capazes disso, de facto não tinham a precisa illustração, nem posição capaz para pretenderem associar-se a referida corporação, composta de grandes fidalgos e altos funccionarios civis, militares, e ecclesiasticos, todos portuguezes, ou estrangeiros, e seus decendentes, cujas riquezas (muitos delles haviam construido á sua custa varias Igrejas, como a de Bom-Jesus, Santa Anna, Bambolim, Santa Ignez, Penha de França, Pomburpa &c.) a par da posição social de que gozavam

—Logo em seguida o outro caixão, em que o Santo Apostolo viera de Malaca até Ribandar.

---

os constituia um elevado corpo á parte, e a Irmandade a que pertenciam reprezentava, pelo prestigio dos seus associados e riquezas de que dispunha, um *Status in statu*.—Em prova de que a admissão dos indigenas na Irmandade da Misericordia era do direito constituido, mas que de facto não fôra por elles geralmente aproveitado por circunstancias imperiosas, apresentaremos aqui a integra literal da condição fundamental dos alludidos compromissos para aquella admissão=«*Primeiro, que seja limpo de sangue sem raca de Mouro ou Judeu, não somente em sua pessoa mas tambem em sua mulher se fôr casado*»=Respeitando esta condição eram admittidos na Irmandade indistinctamente toda a sorte de devotos, quer fossem de origem Portugueza, ou Europea em geral, quer fosse da Aziatica em particular, até, segundo uma declaração da Irmandade, fôra tambem admittido no seculo passado um Padre Indigena (alias mais); mas isto teve lugar (relativamente aos indigenas) em quanto permaneceu sem quebra o primitivo espirito que fundou a associação, logo porem que appareceram pretendentes interesseiros a Irmandade mudou-se dos principios, e sustentou opposição formal para não dar ingresso no seu gremio os nativos (salvo os que não fossem tidos por taes) - e para firmar melhor o novo pensamento reimprimio em 1833 os referidos compromissos, augmentando apenas uma e unica clausula nova á condição fundamental, como se conhece della textualmente transcrita=«A primeira, que seja limpo de sangue, *de ascendencia Europea*, sem raca de Mouro ou de Judeu, não somente em sua pessoa, mas tambem em sua mulher se fôr casado»=Este compromisso não está sanccionado; e nisto fundados alguns enthusiastas, quizeram, não ha muito tempo, solicitar entrada naquella corporação, contra o seu voto, não sabemos para que fim, se por ventura era com o de fazer obras de caridade, parece-nos que são mais meritorias as que cada um faz por sua conta, do que á custa alheia!

Em todas as possessões Portuguezas existem Irmandades de igual natureza, e nellas são admittidos os referidos indigenas; em Damão porem tendo havido opposição foram mandados receber por Prov. do Cons. Ultr. de 28 de Mar. de 1773. - A entrada em casa alheia contra a vontade do seu dono traz comsigo disgostos, que não se compadecem com o espirito da caridade!

—Atráz o Vice-Rei com a sua Côrte, Senado (199), Nobresa, Embaixadores de quasi todos os Reinos e Nações da Azia, que com a diversidade de côres e trajos faziam de mistura com o povo um formoso, e pomposo remate.

---

(199)—Senado da Camara, era o representante da *Cidade*: Foi creado pelo grande Albuquerque depois da 2.ª conquista de Goa, escolhendo, d'entre os que elle havia casado o pessoal para os cargos de *Vereadores, Juizes, Almotacés, Vinte e quatro dos Mesteres, e mais Officiaes*, como nas Camaras do Reino, e gozava dos privilegios do Senado de Lisboa (veja-se Barros, Dec 2.ª Liv 5. Cap. 11: e *Archivo Portuguez-Oriental* pelo Sr. Rivara, *Fasciculo* 1.º e 2.º) —Os Vereadores venciam nos primeiros tempos gratificação sob a denominação de *soldo*, e depois com o titulo de *propinas*.—Tinha esta Corporação a seu cargo grande numero de obras civis e militares, cuja memoria com referencia ao anno de 1777 apresentamos no fim deste artigo.—A par disto possuia avultadissimas rendas e gozava de muitas isenções, e variadas attribuições e regalias, —concorrendo muito para essa grandesa sua as qualidades pessoaes dos ricos e prosperados fidalgos, de que elle se compunha. —A estas circunstancias, de certo, se deve o conselho que segundo a velha tradição, um pai moribundo dera a seu filho=*que se quizesse viver bem e á grande, fizesse diligencia para ser Vereador do Senado ou Irmão da Meza da Mizericordia.* = Para atalhar aos abusos de poder das Camaras o Vice-Rei Conde de Linhares propunha a El-Rei a suppressão dellas na India, como se pode ver do seguinte documento:

=Senhor,—Nas vias dos dous annos passados dei conta a Vossa Magestade do ruim governo que tinha a Camara desta Cidade, porque como os Vereadores, Juizes, Procuradores, e mais Officiaes são eleitos por subornos, que custam grossas peitas, querem-se pagar ao sangue dos pobres os que sahem providos, e tudo vem a parar nos mantimentos.—No remedio que se lhe pode dar me desvelei, e ainda posso dizer que agotei o entendimento, mas como os meios ou canos por onde se hade fazer o provimento ou a despeza he a dos mesmos Officiaes da Camara, todas as traças ficam atalhadas: e sendo este anno de fome geral em toda a India valeram tanto as prevenções que fiz, que se poderá comer mais barato o arroz que nos dê móres bonanças; mas como me embarquei, e não pude tomar razão da repartição do dito arroz,

—As ruas, alem de estarem custosamente armadas ardiam em luzes, e recendiam com perfumes, e foi tal o concurso da gente conduzida de todas as Ilhas visinhas, que apenas se pôde romper caminho com muito trabalho das guardas, para chegarem ao collegio ás horas de dizer missa.

os Vereadores e seus amigos e compadres atravessaram a mór parte delle, e posto que contra os que o haviam recolhido mostrei que queria usar de rigor, todavia como o não fiz, não sahio todo o arroz ás tendas.—Uns banqueiros que aqui ha ricos se offereceram a trazer uma quantidade, com tanto que se lhe prestassem 18 mil xerafins da Fazenda de Vossa Magestade com boas fianças a pagar em quatro ou cinco mezes; propuz o negocio em o conselho que me assiste, e no da Fazenda: pareceu se lhe désse o dinheiro com boas fianças; veio o mantimento; entregaram os banqueiros o que se lhes prestou, e os que o tinham atravessado, com medo de perderem o arroz que recolheram, o abaratáram, e ficou a cidade e as ilhas adjacentes fartas.—Porém, Senhor, convém que Vossa Magestade mande ordenar algum remedio, porque tambem no Norte fizeram todas as Camaras terriveis crueldades, e já em outras muitas cartas escrevi a Vossa Magestade que tenho por opinião que convem muito ao bem commum, e ao serviço de Vossa Magestade que em nenhuma cidade da India haja Camaras, e os exemplos que apontarei me farão ainda affirmar mais.—Na....., Mocambique, e Dio não ha Camara, são melhor governadas, ainda tendo sido mofinas estas cidades em muitos Capitães que as governaram.—Em Ceita, Tanger, e Mazagão não ha Camara; muitos fidalgos ha que foram Capitães destas partes; elles poderão informar a Vossa Magestade se as poderam governar bem se houvera Camara; e lembro a Vossa Magestade por descargo de minha consciencia que se Vossa Magestade não acodir com remedio breve ao modo de governo das Camaras das cidades da India, que por meio dellas tenho por infalivel que se percam as mesmas cidades; porque onde não ha verdade nem justiça, não podem haver bens.—Deos guarde a catholica e real pessoa de Vossa Magestade como a christandade e seus vassalos havemos mister.—De Goa a 6 de Agosto de 1531.—*O Conde de Linhares.*—

(Livro 4.º de copias de ordens regias fl. 8 v., no archivo da Secretaria do Governo.)

—Das janelas e dos telhados se lançava continuamente sobre o Santo immensa copia de flôres.

—Em quanto assim marchava o mais solemne triunfo, de quantos tinha visto aquella, tantas vezes triunfante Cidade, acompanhavam estrondosamente os applausos, os continuos trovões da artilheria de todas as Fortalezas, e os alegres repiques dos sinos de todas as Igrejas.

O referido poder do Senado trazendo embaraços ao serviço, o Governo se vio na necessidade de restringir gradualmente muitas das referidas attribuições, do que temos dado alguma noticia na nota (150.) a pag. 78 da Parte 1.ª da Instrucção do Marquez d'Alorna.—Este poderoso e rico Senado desde 21 de Novembro de 1785 até 12 de Dezembro de 1823 emprestou á Fazenda Publica 226$032$534, os quaes lhe foram pagos por meio de desconto nas obras de Pangim, durante os annos de 1829 a 1834!—Na epoca fatal do decahimento da grandeza passada desse Corpo colossal teve elle por successor, segundo a nova ordem das cousas, um outro corpo denominado—*Camara Municipal*—que he um contraste completo, sem prestigio, força, rendas, do seu antecessor, e até para ter uma casa propria tem sido forçada a vender a unica reliquia valiosa que lhe restava das propriedades possuidas pelo antigo Senado!!—Tanto basta para dar idéa da origem do Senado, sua grandesa, e do aviltamento comparado da sua successora, o qual persuadimos-nos que continuará em quanto aquelle Corpo não fôr composto de Empregados Publicos, como o era o seu antecessor, pelas rasões bem conhecidas.

Memoria dos Edificios, cujas obras e concertos estão a cargo do Nobre Senado da Camara, feita aos 15 de Fevereiro de 1777.

Os Muros de Goa, que constam de Cortinas, Baluartes, e Fortes, que correm do Mar de Deos até o Forte de S. Braz, Forte de Sam Thiago, Forte de Mangoeiral, Forte de S. João de Sabaga, casas do Commandante; Tercena de Infanteria no Forte de Sam Thiago, casas do Commandante, e Tercena de Infanteria no Forte de S. Braz &c. &c.=N. B.—Os muros: Obra gigante do V. Rei D. Antão de Noronha, acerca da qual dizia o V. Rei D. Luiz de Attaide, quando a Cidade foi atacada por Idalcão=*Estes muros não fez D. Antão, mas sim S.t Antão. Or. Conq.* Vol. 2. Cap. 1. D. 1. § 38.=Vid. na nota (125.) a pag. 67 da Instrucção do Marquez de Alorna a In-

—Cobraram repentina saude nesta procissão alguns enfermos, que sahiram como podiam á rua; e entre os mais D. Joana Pereira, enferma de 3 mezes, e uma menina, que já estava com candêa na mão.

---

cripção que tem estes muros, e a continuação que elles tiveram em eras posteriores =

Ponte de Daugim, Igreja do Hospital de S. Lazaro, casas do Terreiro dos mantimentos, Trance de Goa, Bazar, e casas de Assougue, e casas de Almotaçaria de Goa, casas do Senado da Camara, Igrejas, e casas do Capellão de S. Catharina.

Ponte de Panelim, que vai para S. Pedro, Hospital Real, se entende desde a Capella inclusivé para a parte da casa da Fabrica de Polvora, casas do Capitão, e Officiaes da Fabrica, Igreja de S. Marçal, Quartel d'Infanteria, Carcere de Homens, e Mulheres e outras Officinas, tudo dentro da Fabrica, Abobada, e cano da Fonte publica de Panelim que dá agoa para o Hospital e casa de Polvora.

Os dous Quarteis, e casas dos Officines em Panelim, em que se acham aquarteladas as companhias de Infanteria, e Artilharia das duas Náus do Reino.

A Ponte que de Ribandar vai a Pangim.

A Tercena das casas dos Officines, e Cavalaria da Tropa de Pangim, Palacio de Pangim, casas de Assougue, e de Almotaces da Ribeira de Pangim.

Quartel do corpo de Artilheria em Gaspar-Dias.

Forte e casas do Commandante de Gaspar-Dias.

Fortificação e casa do Commandante de Nossa Senhora do Cabo.

Cortinas, e Baluartes, que fixam o Recinto das Praias de D. Paula.

Mormugão na extremidade da Provincia do Salcete a Sul da Barra de Goa, toda a Fortificação da dita Praça, e Forte do Micador, Palacio da Fortaleza, Igreja e Postos, tudo dentro da dita Praça.

Praça d'Agoada na extremidade da Provincia de Bardez ao Norte da Barra, todos os Mouros da Fortificação da dita Praça, a sahida della, do Farol, tres Tercenas da Infanteria, Igreja, casa do Commandante, casa do Tenente Coronel, casas do Sargento-mór, casas dos Officiaes do Regimento.

A Fortificação de Reis-Magos, casas do Commandante, Armazem das Munições, Quartel d'Infanteria tudo dentro da dita Praça.

— Entrou finalmente o triunfador do paganismo Aziatico, acompanhado de acclamações, e milagres na Igreja do Collegio de S. Paulo (200), e querendo gratificar tantos obsequios deu repentina saude *a cegos, tolhidos, leprosos, e a outros doentes de varias molestias.*

205—A' vista de tantos milagres levantou a voz João de Eyró, Religioso Francisco, e seu companheiro em Meliapor, em Malaca, e nas Malucas (Vid. §§ 35, 40, e 54) e contou publicamente quanto delle sabia, os segredos da consciencia que lhe descubrira, os futuros que lhe prophetisára, e este fôi o Sermão panegirico daquella solemnidade.

206—Collocado finalmente o corpo do glorioso Apostolo na capella-mor, que estava armada de festa, com o rosto e as mãos descubertas, e os pés descalços para ser visto do povo, mas este não contente com esta disposição, com o seu peso que era enorme quebrou a grade e a levou comsigo para se aproximar do corpo Santo!

207—Os Reverendos Conegos da Sé cantaram aquelle dia solemnemente a missa da Cruz (201) a qual acabada

---

A Fortificação e casas do Commandante de S. Lourenço na Ilha de Goa, que he passagem da Provincia de Salcete pela dita Ilha.

Na Ilha de Piedade, o Forte e casa do Commandante da Naroa fronteira ás terras do Bounsulo.

(200)—He este Collegio de cuja administração o nosso Apostolo havia tomado entrega das mãos do Vedor da Fazenda Cosme Annes (Vid. not. 131 a p. 122).—A respeito da conducção do corpo do Santo a este Collegio existe uma velha anecdota—que sendo o seu corpo conduzido de noute para o convento de S. Francisco, que o Porteiro não abrira a portaria, por tanto que o levaram para o referido Collegio, o que he falso, porque o corpo ficou na noute do dia em que havia chegado na Igreja de Ribandar, como atraz fica dito (§ 202).

(201)—Nas Actas da beatificação do Santo se diz que fôra cantada em seu louvor a missa—*Gaudeamus omnes in Domino diem festum celebrantes* &c. L. 2. Cap. 20 n.° 16.

não foi possivel lançar a gente fóra da Igreja, que era pequena, e foi necessario levantar o corpo do Santo 3 vezes á vista de todos, naquella propria manhãa, com inexplicavel devoção, e infinitas lagrimas dos presentes. —Esteve assim exposto até Domingo á noute com o mesmo ou mais concurso, e no Sabbado cantaram a missa de nossa Senhora os Religiosos de S. Francisco, que deviam a Xavier singularissimo affecto.—Na noute entre o Domingo e a segunda-feira o meteram em um sepulcro de abobada, que se abrio junto ao altar-mór da parte do Evangelho, e foi a 3.ª sepultura de Xavier.

208—Desta sepultura o mudaram em 1560, quando se derrubou a Igreja Velha, e esteve algum tempo no cubiculo do Padre Reitor, no do mestre dos noviços, e depois na Capella de S. Thomé, e na Sacristia do Collegio de S. Paulo (202).— Daqui o mudaram sem pompa para a casa Professa de Bom Jesus (203), onde esteve quasi 10 annos na salla sobre a Portaria, aposento dos V. Reis.

209—Estando nesta sala, a pedido do Summo Pontifice Paulo V, que mesmo antes de beatificação deseja a possuir uma reliquia do corpo do Santo, maravilhado da sua prodigiosa incorrupção, por ordem do Rvd. Padre Geral Claudio Aquaviva lhe cortáram o braço direito. —O lugar que se escolheu foi uma Capella interior para onde se trasladou o venerando corpo, a titulo de maior decencia; o tempo, o mais secreto da meia noute, sem noticia dentro nem fóra do que estava determinado, *Ne tumultus fieret in populo.*—Os assistentes eram

(202)—Assim o affirma o Padre Sousa, referindo-se ao Padre Sebastião Gonsalves, que os Irmãos estudantes despois de ouvir missa costumavam ir á Sacristia fazer oração diante do corpo do St.º, antes de elle ser beatificado, e o mesmo faziam os Sacerdotes depois de dizer missa, para dar graças.

(203)—A descripção desta casa Professa temos dado na nota (1) ao 1.º Documento, onde os leitores a podem vêr.

o Visitador, o Provincial, o Preposito, e 3 Consultores da Provincia: o executor um Irmão Leigo (Thomas Dias). —Postos de joelhos todos levantou o executor o braço do Santo tão natural, e flexivel como se fosse de corpo vivo, e indo para o cortar, eis que subitamente tremeu a terra, a Capella, e todos os que nella estavam. —Tornaram segunda vez a intentar a golpe; e ainda maior foi o tremor.—Insistindo porém pela terceira vez no mesmo intento, o tremor foi espantoso, com que todos attonitos se sahiram fóra.

210.—Consultando novamente entre si, entraram outra vez na mesma Capella, e postos de joelhos fallou nos seguintes termos um dos Prelados « *Bemaventurado Santo, bem sabeis que viemos aqui não tanto por nossa vontade, quanto por obediencia de nosso Padre Geral.—E pois em vida fostes tão obediente, dai-nos agora depois de morto licença para que passamos executar o que se nos ordena, mandando esta reliquia de vosso corpo, que pede o Summo Pontifice* »=Então obedeceu o Santo, e o braço se deixou cortar (204), manando da ferida tanto sangue que encheu um vaso de prata, e banhou nelle uma toalha (205) Teve lugar o mesmo corte do

---

(204)—Conforme o testimunho do erudito Padre Vieira, (*Xavier acordado* Sermão IX. Braco), e o Padre Sousa, (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1.ª D. 2.ª § 4). —E segundo a tradição popular, logo que o Santo fôra intimado da ordem do Papa fizera deslocar *a mão*, a qual pelo preceito do Summo Pontifice escrevera o nome do Santo na primeira folha de uma resma de papel, sobre que ella fôra collocada, e que esse nome reproduzira em todas as folhas, em vista do que o Apostolo fora canonisado.—A respeito do pedido do Papa são belissimas e mui vivas as considerações e os similes que apresenta o Padre Vieira no seu citado Sermão as quaes por muito extensas não reproduzimos aqui.

(205)—Segundo affirma o citado Padre Vieira a toalha fôra depois levada pelo V. Rei Conde de Linhares na sua retirada do go-

braço aos 3 de Novembro de 1614.—A sua parte superior foi para Roma em 1615, a inferior se dividio em duas partes, uma das quaes se mandou ao Collegio de de Malaca, a outra ao de Cochim, e a pá do braço, que tambem se cortou foi do de Macáo (206).

CAPITULO 76.

EPILOGO

Das qualidades pessoaes e virtudes moraes do Apostolo: seu amor divino: amor dos homens: obras de misericordia: heroica paciencia: peregrinações: conversões: milagres: e apparições.

211—Grande e admiravel foi em verdade em todas as suas cousas, o nosso inclito Xavier.—A'cerca das suas *qualidades pessoaes*, e *virtudes moraes* diz D. Francisco de la Torre no seu *El Peregrino Atlante* o seguinte:

Qualidades Pessoaes	Virtudes Moraes
Aguila, en la velocidad.	*Angel*, en la pureza.
Leon, en la vigilancia.	*Ardente raio* del vivo esplendor.
Bezerro, en la fatiga.	*Todo*, en la virtud.
Hombre, en el valor.	*Nada*, en la humildad.

verno, para offerecer a El-Rei D. Felippe 4.º—O Conde de Linhares governou este Estado desde 6 Novembro de 1629 até 8 de Dezembro de 1635.

(206)—Assim o refere o Padre Sousa, *Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4. D. 2. § 4.—Por pá se deve entender o *Omoplata*.

212—A respeito do seu *amor divino* he belissima a seguinte

CANÇÃO:

Em Latim.	Em Portuguez.
Ardens amore vivens,	Ardendo em amor morro,
Et occidis amore:	E ardendo em amor vivo;
Ibas amore victus	Andaveis pelo mundo
Ceu ebrius per orbem.	Como ebrio, e sem juizo.
Ergo si facit ebrium,	E se o amor embriaga,
Se mentes facit impotem,	E faz perder o siso;
Se vires amor erepit.	Tambem vos, Senhor, fostes
Amor te quoque perdidit.	De amor um perdido.
Qui me desipere impulit,	Nas doudices que faço
Hic mentem eripuit tibi.	Me privou do juizo,
	Mas fez primeiro em vos
	O que usa comigo.

Era tão ardente em Xavier este amor, que a cada passo lhe abrasava o rosto, e acerca disto disse o Summo Pontifice Gregorio XV = « *Vultu adeo inflamatus, ut Angelicum prorsus charitatem repræsentaret.* »

213—O Padre Sousa diz (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 1. D. 1. § 92) relativamente aos effeitos que causava este amor: que elle era tão attractivo no St.° Apostolo, que lhe levantava, e suspendia o corpo no ar por largas horas, coroado de resplandores, e com o semblante muito devoto, e affectuoso, que grande numero de testemunhas de vista juraram este facto: em Manar o vira muitas vezes Thomaz Fernandes um covado levantado da terra, com o rosto cercado de luzes, e com os olhos tão resplandecentes, que pareciam duas estrellas: os que andavam em busca delle, o achavam dentro dos bosques, aonde se revirava para orar: no porto de Tivanapatão, e na horta do Collegio de S. Paulo Velho de Goa, fôra visto primeiramente *immovel em estase* com os olhos fitos no Ceu, e irse *levantando* da terra pouco a pouco: outros que

lhe assistiam á missa, particularmente em Malaca e Meliapor, advertiam que ordinariamente se arrebatava, e suspendia no ar, um pouco antes da consagração, e quando commungava (207): o mesmo lhe aconteceu por vezes estando fallando de Deos: na Igreja de S. Paulo (o velho) dando communhão ao povo, não em pé, como he costume, se não de joelhos por maior reverencia de tão veneravel sacramento se levantára do chão 3 palmos assim de joelhos como estava, e assim suspenso fôra ministrando pelo ar a sagrada Eucharistia: que ainda estando dormindo muitas vezes lhe ouviram repetir em voz clara *O meu Jesu! O meu doce-Jesu! O Jesu do meu coração! O Santissima Trinitas!*, e outros affectos semelhantes: finalmente que estando sem sentidos em Moçambique (§ 12), quando começava, e em Sanchião (§ 181), quando acabou a sua conquista, todo o seu fallar ou era com Deos, ou de Deos, como se o fogo da caridade ainda naquelles termos prevalecesse ao excessivo calor da febre (208).

214—Relativamente *ao amor dos homens* diz o illustrado Padre Vieira (*Xavier acordado*, Sermão 8.º Finezas) taes eram os estados, e differenças das Nações e pessoas, a que Xavier prégava: uns eram como de ouro, Principes e illustres: outros como de chumbo, (em fraze da India) *casta baixa*: uns como de marfim, brancos *como os Portuguezes*: outros como de ebano, *negros como os Ethiopes*: uns como de marmore, fortes e constantes, *como os Japões*: outros como de barro, fracos e mudaveis, *como os de Tolo*.—Mas como em todos se representava a Imagem de Deos reformada por Christo, tanto estimava

207)—Estes factos estão consignados nas Actas da Beatificação. Bent. XVI de Canon. SS. L. 3. Cap. 27. n.º 3., e na Bulla da Canonisação § 4.

208)—Sobre o amor divino do nosso Santo lêa-se as interessantes passagens do erudito Padre Antonio Vieira no seu *Xavier dormindo*, Sonho 1.º p. 18 a 21 e seguintes.

o Santo a uns, como a outros, e tanto a cada um, como a todos, e a todos, como a cada um (209).

215—A respeito de suas *obras de misericordia temporaes*, refere o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4. D. 1. § 95) que era elle muito estremoso, do que déra grandes provas, adoçando a agoa do mar para dar de beber aos que tinham sêde, repartindo com os nús, e os que

(209)—A respeito de nenhuma attenção que dava o nosso Apostolo á differença de côres pessoaes dos homens, temos um exemplo dos tempos modernos na Instrucção 4.ª do grande Marquez do Pombal (commum ao Governador e Capitão General e ao Arcebispo Primaz de Goa,) datada de 10 de Fevereiro de 1774, na qual se lê o seguinte=« Terceira Maxima= : coherentemente « te deve V. Sr.ª dispôr as cousas de tal sorte, que o dominio util « das terras, os ministerios sagrados das Parochias e Capellas, « o exercicio dos Empregos Politicos, e até os Postos Militares, « se confiram na maior parte ou a naturaes da terra, ou a filhos « e netos destes, posto que sejam *não côr mais brancos, ou mais escuros*: porque além de serem todos igualmente vassalos de « Sua Magestade, assim he conforme ao Direito Divino, Natu- « ral e das Gentes; os quaes não permittem de nenhuma sorte « que os estrangeiros hajam de excluir os Naturaes da cultura das « terras onde nasceram, e dos Officios e benefícios dellas; re- « sultando do contrario um odio implacavel, e uma injustiça que « clama ao mesmo Ceo por uma satisfação condigna. » — Em seguida manda na 4.ª maxima castigar com severidade inflexivel todas as pessoas, que em contravenção daquella maxima, ou notarem os naturaes da India com os epithetos de *Negros, Mesticos e outros semelhantes*, ou os inhabilitarem para *quaesquer actos ou empregos nobres*, ou ainda civis com aquelles ridiculos pretextos; prendendo e castigando logo immediatamente os que forem seculares, e remettendo para Portugal, pelos primeiros navios, os transgressores do Foro Ecclesiastico sem remissão alguma! —Declarando finalmente que assim se praticára com bons effeitos no Grão-Pará, onde se achavam já estabelecidas 70 e tantas villas que não haviam antes daquella providencia.

A disposição da sobre dita Instrucção 4.ª he analoga ao que se praticou no principio da Conquista de Goa. Vid. a nota 198.

tinham fome, tudo quanto recebia da cortesia dos amigos, e da caridade dos devotos.—Andando continuamente mendigando para remediar gravissimas necessidades de mulheres e filhas de mercadores honrados, que entregues á mercê das ondas e dos ventos, perdiam em uma hora, o que haviam adquerido em muitos annos.—Visitando e servindo os enfermos apenas desembarcasse em qualquer Cidade onde houvessem Hospitaes, como em *Goa, Bacaim, Cochim, Coulão, Malaca*, etc.

216—No tocante *ás obras de misericordia espirituaes*, diz o citado Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. 4. D. 1. § 97) que toda a sua vida foi um continuo exercicio dellas: nas conversações, nas doutrinas, nos pulpitos, nos confessionarios, nos carceres, nos Hospitaes, nos Palacios dos Reis, nas cartas que escrevia, nos Livros que compôz em prosa, e verso, nos Collegios, nas ruas, nas praças, nas náos, nas estradas, nos bosques &c. &c. que outra cousa fica se não dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, consolar os tristes, e reprehender vicios, e pecados?

217—A'cerca de sua heroica *paciencia em perdoar as injurias, e soffrer as fraquezas dos nossos proximos* ha muito eloquente o testemunho do Cardeal Francisco Maria ao referido Summo Pontifice Gregorio XV = «*Contume-*«*lijs, probris, irrisionibus, et omnis generis illusionibus,* «*et injurijs appetitus: Verbera insuper, lapidationes, ac* «*sputa passus, omnia semper non solum æquo animo, sed* «*sibi plaudente, illius vere discipulus, qui Apostolis di-*«*xit: Cum vos oderint homines, et exprobraverint, et ejec-*«*cerint nomen vestrum tanquam malum propter filium ho-*«*minis, gaudete, et exultate: Itaque propterea in omni-*«*bus gratias hilaris, et humilis agebat, et pro illusori-*«*bus, ac persecutoribus deprecabatur.*»

218—Respectivamente ás *suas peregrinações, padecimentos, trabalhos* (vid. § 229), *empenho da propagação da Fé de Christo, e desejos ardentes de martyrio*, os P.es da Sagrada Rota Romana testificaram ao Summo

Pontifice que dous eram os motivos de todas as suas viagens, *morrer por Christo e dilatar a Fé*, como se vê do seguinte trecho =« *Varia infidelium loca peragravit, non minus ut pro Christi fide sanguinem profunderet, quàm ut Fidei lucem gentibus inferret* »=

Ao mesmo respeito diz elegantemente o Padre Sousa (*Or. Conq.* Vol. I. Conq. 4.ª D. 2. § 4.)=« Peregrinou « Xavier em corpo e alma por immensos mares, e remotis- « simas Provincias: desceu em forma de peregrino do Céo « á terra, e até o seu corpo já morto, e sem alma an- « dou peregrinando de Sanchão a Malaca, de Malaca a « Goa, de uma sepultura em outra, mudando *tumulos, a-* « *taudes, cubiculos, salas, e capellas* (210)!—Finalmen- « te satisfez-lhe Deos os excessivos e continuos dese- « jos do martyrio, e tal vez lhe revelasse em vida, para « seu maior merecimento, os successos porque tinha de « passar depois de morto: pois que lançou sangue fres- « co o seu sagrado corpo de 6 feridas que lhe fizeram:— « a 1.ª em Sanchão, quando lhe cortaram uma parte da « carne sobre o joelho:—a 2.ª do pescoço dobrado em « Malaca, quando por força o metteram na cova:—a 3.ª « do nariz na mesma occasião ao calcar da terra:—a « 4.ª em Goa quando uma matrona lhe tirou com os den- « tes o dedo minimo (211):—a 5.ª no exame que fez

(210)—A respeito dos trabalhos do nosso Apostolo comparados com os do Apostolo S. Paulo vejam-se as considerações que faz o Padre Vieira no seu *Xavier dormindo* Sonho 2.º.

(211)—Este facto teve lugar segundo refere o Padre Sousa quando o corpo do Santo chegou de Malaca, e por 3 dias teve os pés expostos aos osculos do povo.—A Matrona se chamava D. Izabel de Carom, a qual á hora da morte restituiu parte do dedo furtado, e he a que então, e talvez ainda hoje, se leva nas procissões.—Em satisfação do piedoso furto ella offereceára ao Santo um formoso diadema de prata dourada, com pedras finas, do valor de 1.500 xerafins.—A outra parte do dito dedo se conservava com veneração e decoro em casa de Antonio de Sousa Coutinho,

« do seu Corpo o Doutor Cosme Saraiva em 1556 :—a. « 6.ª quando lhe cortaram o braço (212), e por ultimo « soffreu desfalque o seu veneravel Corpo com o referi- « do corte.

Sobre o mesmo assumpto, sua consequencia, e effeitos, apresenta D. Francisco de la Torre, no seu *El-Peregrino Atlante*, o seguinte elegante terceto, que em poucas palavras diz o quanto se pode dizer a tal respeito!

« Camino fue el suyo de treinta mil legoas.
« Verdad, impraniola en 1.200$000 almas.
« Vida, dióla á cincuenta y siete resucitados.

219—Relativamente *ás suas conversões*, o erudito Padre Antonio Vieira (no seu *Xavier dormindo, e Xavier acordado*), se expressa— « Em 10 annos que Xavier cul- « tivou a Azia converteu a Deos 1.200$000 almas, d'entre « *Canarins, Decanis, Malabares, Chingalas, Bengalas,* « *Pegús, Malaios, Jaos, Abexins, Siameses, Malucos,* « *Mindanaos, Japões, Chinas, Cochichinas, e outras gentes* « *orientaes, nascidos*, e creados nas trevas da idolatria

---

fidalgo velho de Goa.—Desta casa passou a mesma reliquia para a de D. Lopo Jose de Almeida, conforme o seu testimunho consignado no auto do 1.º de Janeiro de 1782, e foi incorporada no morgado, e com o qual tendo passado ao seu genro D. Francisco de Castro, dizem que a nora deste D. Viridiana Constança Leite de Sousa e Castro, viuva de D. José Maria de Castro e Almeida (hoje falecida) a levára para Portugal entre outras preciosidades.

Na 2.ª parte deste opusculo desenvolveremos a noticia dada nesta nota.

(212)—Conforme o Padre Antonio Vieira, *Xavier accordado*, Sermão 9, Braco.

He bellissima, á comparação, e simile que o muito erudito Padre Vieira apresenta sobre o derramamento deste sangue por 6 vezes com o que outras tantas vezes Christo derramou, *Xavier dormindo*, sonho 3.º

« (213).—Repartida esta somma pelos annos, e pelos « dias; pelos annos são 120$000 almas cada anno, e « pelos dias são 329 almas cada dia.—E que segundo « Thomaz Bosco, diligente examinador dos Annaes Eccle- « siasticos, todos os Heresiarcas em 1.500 annos não rou- « baram tantas almas fieis á Igreja, quantas Xavier em « 10 annos lhe adquiriu de gentios: por isso ella diz, « orando = *Deus qui Indiarum gentes Beati Francisci præ- « dicatione, et miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti*»

220—Pelo que respeita *aos milagres de resuscitação dos mortos*, feitas pelo nosso Santo, segundo diz de la Torre (*El Peregrino Atlante* Cap. 30) que os mais averiguados são 56: dos quaes 20 foram referidos em publico Consistorio ao Summo Pontifice Gregorio XV, e comprovados nos processos da canonisação: 7 são os posteriores que referem commummente os Autores: e 29 os que *novamente* a Imagem do Santo obrára no districto de Potamo.

221—E o Padre Ribandaneira a respeito dos seus *milagres em geral, feitos* depois da morte: =« Foram depois da sua morte tantos e tão grandes os milagres, que se pode duvidar, se igoalaram, ou se venceram aos da vida.—Resuscitaram por sua intervenção depois de morto 36 mortos.—Não se achara enfermidade que não sarasse.—Em fim para indicio da multidão das suas maravilhas basta saber, que só em Aldêa Potami de Calabria se contam em nossos tempos 212 milagres, que andam impresos e aprovados »

(213) —A respeito destas conversões de Xavier, diz o Illustrado Padre Vieira—como todas estas Nações tem os seus Reis particulares, a todos estes pregou o Apostolo, bastando para serem muitos só os do Imperio de Japão, em que se contam 66 Reis, debaixo do Supremo Cabeçama; e nomeadamente elle pregou a El-Rei *de Firando, de Bungo, de Maluco, de Ternate, de Tidore*, e tambem baptisou por suas mãos a El-Rei de *Nallesagra, de Olate, de Rafalão, de Maldiva, de Macassar*, e a Rainha *Neachile*, filha, mulher de Rei, e Mãi de 3 Reis. *Xavier acordado*, Sermão 12.

222—O Padre Vieira, que em Napoles no seu tempo, no Altar de S. Francisco Xavier se viam pendurados 29 estandartes, com o nome de cada um dos 29 bairros, em que está dividida aquella Cidade, e uma inscripção em todos, que dizia = *Ob urbem à peste servatam*=por ter defendido a Cidade da cruel peste, quando os mortos se contavam por *centenas de milhares*.

223—A Bulla de sua canonisação alem de apresentar todos os milagres que acabamos de lêr atraz, no § 4 espécifica os seguintes: Um menino de Goa desde o nascimento leso dos pés, ficou livre pelo voto que a ama ou mestra fez de visitar com elle 9 dias o sepulcro do Santo; na 3.ª visita ficou de pé, e começou a andar, e dentro dos 9 ficou livre:—foi ressuscitado um outro menino, pelo voto que os paes fizeram de um donativo ao Sepulcro do Santo, e impôr ao menino o nome de *Francisco*: um cego, a quem apparecendo o Santo o capacitára para visitar a Igreja da sua invocação de Cotala, porque recuperaria a vista, e cumprindo o cego a insinuação indo 9 dias orar perante a Imagem do Santo, de repente ficára livre da cegueira:—um leprosó, tendo, com grande confiança no Santo, untado o corpo com o oleo da alampada que ardia diante da sua Imagem, e estando prostrado e orando, ficou de repente perfeitamente são de todo: Francisca Rebello ficou tambem livre de fluxo de sangue, e de um tumor no ventre, com grandes dôres, com a untura do oleo de uma alampada que ardia diante da Imagem do Santo: Gondisalo, da Cidade de Concina, padecendo um doloroso cancro, sendo desenganado dos medicos ficou completamente livre com a applicação da Imagem do Santo a ulsera que tinha (214):—Manoel Rodri-

(214)—A respeito de sarar os doentes com applicação da Imagem do Apostolo diz o Padre Vieira=« Que o Santo havia doutrinado na Fé, em Goa, uma mulher de origem China, por nome Luzia Vilhançano, a qual sendo da idade de 120 annos

gues, da mesma Cidade, que tinha os pés chagados, e contraidos os musculos, sendo desenganado pelos medicos, recorreu ao patrocinio do Santo, e fez correr a sua Imagem pelo seu corpo em forma de cruz, e bebendo a agoa em que tinha sido banhada a mesma Imagem, o curou perfeitamente:—Maria Dias, com lavagem de igoal agoa se livrou de parlesia, e outros soffrimentos que padecia por 7 annos.

224—Lê-se na vida do Beato João de Brito, (veneravel Martyr de Maduré) que sendo elle de 11 annos de idade (215) padecera uma gravissima molestia, e em um dos mais apertados accidentes, que nos seus mortaes symptomas indicava a pouca duração de sua vida, invocára a S. Francisco Xavier, pedindo que lhe alcançasse de Deos a saude, e milagrosamente a obtivera, e em reconhecimento disto vestira o habito de St.° Ignacio.—Depois tendo-se feito Jesuita, e estando na missão de Maduré soffrêra uma grave molestia, a que tendo-se ajuntado uma vehemente dôr dos olhos, no seu maior aperto recorrêra ao St.° Xavier, fazendo-lhe voto de perseverar na missão até á morte, e no ponto em que acabara de o fazer parára a dôr, e em poucos dias ficára são de todo.

225—Tambem se lê no *El-Peregrino Atlante* de D. Francisco de la Torre que os Padres Francisco Mastrili, Felippuci, e o menino Mauricio, ficaram livres das molestias perigosissimas de que estavam affectados, por meio de Novenas que fizeram em louvor do Santo (216).—Assim

---

e de conhecida virtude, com uma Imagem do seu Santo Mestre sarava de repente todo o genero de enfermidades, applicando-a aos enfermos, só com estas palavras: « Em Nome de Jesu Christo, e do Padre Francisco Xavier Deos te restitua a saude.—*Xavier acordado*. Sermão 9, Braco.

(215)—O Beato João de Brito nasceu em 1.° de Março de 1647, conforme *a Historia do seu nascimento, vida e martyrio* pelo seu Irmão Fernando Pereira de Brito. Edic. de 1852.

(216)—Do que demos noticia na mesma novena que publicamos.

mais que Felippe o grande dizia= *Mas victorias devo a los favores deste Santo, que a las armas de mis exercitos.*=

226—Lê-se igualmente no n.º 3721 da Nação (Jornal de Lisbôa) que D. Gaspar de Villarcelo, Bispo de S. Thiago, Capital de Chilli, tendo ficado sepultado nas ruinas do seu Palacio, por intercessão do nosso Santo, ficara livre da morte, e sem nenhum incommodo, e em agradecimento deste milagre composera em Latim a Ladainha do mesmo Santo, (217).

227 —Finalmente diz o eminente Padre Vieira (*Xavier acordado*. Sermão 8.º, Finesas) que asim como Christo, depois de resuscitado não só appareceu peregrino e glorioso aos peregrinos de Emaús, se não, no mesmo dia da Pascoa á Magdalena, ás Marias, a S. Pedro, aos Discipulos no cenaculo.—Peregrino e glorioso lhes tornou a apparecer no mesmo Cenaculo presente já S. Thomé, e os foi buscar a todos a Galilea, e lhes appareceu ou juntos ou divididos, na praia, no monte, e em diversos lugares.—Peregrino e glorioso depois de subir ao Ceo appareceu a S. Pedro, a S. Paulo, e aos outros Apostolos, e appareceu tambem a S. Pedro Alexandrino, a Santo Ambrosio, a S. Gregorio Papa, a S. Remigio, ao Imperador Basilio, ao Imperador Marciano, a Clodoveo, Rei de França, a Affonço 1.º, Rei de Portugal, e a outros muitos Santos e Santas, ou porque já o eram, ou para que o fossem.—Da mesma maneira o nosso grande Thaumaturgo S. Francisco Xavier começara desde logo a exercitar a sua 2.ª missão, do Ceo á terra, em que Christo foi o 1.º e elle o 2.º, para que se não diga já: *Unus est, et secundum non habet*; a fim de ajudar aos proximos no ministerio da vocação, e promover a *conversão dos gentios, reforma dos christãos, e salvação de todos*; e assim appareceu não só na India, se não em muitas

(217)—A qual traduzida em Portuguez pelo Monsenhor D. Izidoro de Noronha publicamos na referida Novena, e em separado.

partes do mundo (218).—Peregrino na Asia, peregrino na Europa, e tambem peregrino com as mesmas maravilhas na America.—*Já presente: já ausente: já visto: já invisivel: já rogado: já não rogado: já por si mesmo: já por suas reliquias: já por suas imagens: já por qualquer memoria sua: e tambem sem memoria nossa, esquecido, mas sem nunca se esquecer: sempre accudindo, sempre ajudando, sempre favorecendo a todos: e não só espiritual, se não temporalmente, sem deixar meio, modo, ou motivo de reduzir as almas ao serviço de Deos*, e as pôr no caminho do Ceo.—E a este respeito diz elegantemente o referido Padre Vieira.

« *Muitos Santos (e todos) quanto oraram, quanto trabalharam, quanto padeceram, foi para alcançar, e segurar a gloria, e bemaventurança do Ceo: e Xavier depois de a estar gosando, deixou o mesmo Ceo, do modo que he possivel, e anda neste mundo entre nós, para nos soccorrer, e ajudar a ser bemaventurados.* »

CAPITULO 77.

Do conceito que fazem os Protestantes do nosso Santo, e da sua virtude, e missões.

228—Cremos que não será desagradavel aos leitores achar aqui a par do que dizem os authores Catholicos, alguns excerptos do que um auctor Inglez, e Protes-

(218)—O Padre Vieira especifica os logares, e pessoas a quem appareceu o nosso Santo, o que ommittimos para evitar grande digressão, e para não repetir muitos dos mesmos factos dos quaes já tratamos.

tante escreve do nosso Santo Apostolo.—(*The North British Review.*=Vol. XIII. Edinburgh. 1850 Art. *Christianity in India*, pag. 592)=(219).—Diz pois o auctor Inglez.

« O zêlo protestante só merece despreso quando nega que Francisco Xavier era um grande homem ».

« Elle affrontava as mais tremendas provações com um « valor e constancia sem igoal; e proseguia nos mais « arduos e temerosos trabalhos com uma energia, e per« severança, de que ha raros exemplos na historia das « acções humanas (vid. Cap. 24 a 28).

« Era para elle um privilegio padecer oppressões, e « vêr-se cercado de difficuldades no proseguimento de sua « grande obra (vid. § 95).—Sua intrepidez crescia na pro« porção que os objectos, que topava em seu caminho, se « lhe affiguravam de maior vulto; e singrava por um mar « da pollução, que jazia diante delle, como quem não se « temia de ir a pique.—Começou a sua carreira trabalhando por trazer os seus compatriotas de Goa (a) a « um melhor termo de vida; e como ninguem desde os « dias do Apostolo S. Paulo conheceu melhor que elle « quando convinha exaltar-se, e quando abater-se, era « fraco com os fracos, era tudo para todos (vid. §§ 8 e « 211); e não havia meio de que se não servisse para sal« var alguem (vid. § 11).—O espirito de cavallaria nun« ca se extinguiu nelle; a cavallaria e cortezia de fi« dalgo de antiga linhagem juntava a fluencia e discrição « do sabio; e quer fosse entre os folgasões officiaes da « comitiva do Vice-Rei da India, quer entre os pobres « pescadores da costa de Malabar, o nobre sangue, que « corria em suas veias, imprimia dignidade em seu as-

(219)—Estes artigos muito interessantes, e dos quaes não tinhamos conhecimento, devemos ao favor do Sr. Rivara.

(a)—O auctor Inglez julgou que Xavier era Portuguez. (Nota do traductor)—Vid. § 14.

« pueto, suavidade em seu fallar, e a mais atractiva ge-
« nerosidade em suas acções.—E ou fosse quando a fren-
« te de um esquadrão de opprimidos christaos, accom-
« mettia, com o crucifixo na mão, um bando de devas-
« tadores inimigos (vid. §§ 26 e 27); ou quando affron-
« tava a morte nos hospitaes de pobres, ou de lazaros,
« praticando sem nojo os ministerios mais repugnantes
« ainda aos outros iscados de outras taes enfermidades,
« resplandecia nelle em tudo a mesma nobre coragem, e
« abnegação » (vid. §§ 4, 11, 12, e 157).

« Dando largo desconto ao que seus biographos nos
« referem do numero das conversões que fez, ainda res-
« ta na balança um formidavel pezo de christandade
« para ser lançado á conta do Apostolo.—Sua sobrehu-
« mana energia parece ter sido recompensada com mi-
« lagrosos resultados.—Os idolos cahiam por terra aonde
« elle chegava; as Igrejas surgiam a seu mandado; e
« o signal da Cruz era recebido como reconhecido sym-
« bolo de confraternidade entre os visinhos de Aldêas
« inteiras.—De Goa continuou as suas peregrinações para
« o Sul ao encontro dos pescadores de perolas do Cabo
« de Còmorim; e depois de soccorrer esta pobre gente,
« que havia sido expulsa dalli para as praias do estrei-
« to de Manar (§ 26), voltou para a costa occidental,
« e começou seus trabalhos com extraordinaria energia
« e aproveitamento em Travancor.—Segundo a sua pro-
« pria narrativa baptisou dez mil gentios n'um só mez,
« proseguindo nesta santa obra até não poder articular
« as palavras da formula, nem levantar a mão para a
« cerimonia (vid. § 27).—Daqui navegou para as ilhas
« orientaes; visitou Malaca, Amboino, Ternate, e Java;
« e passado tempo tornou a visitar as suas Igrejas da
« India meridional; e a apparelhar-se para a grande cru-
« zada contra os Bonzos do Japão.—Mais de dous annos
« gastou nesta guerra santa; mui estranhas aventuras
« lhe aconteceram aqui; fez muitas conversões; fundou
« muitas Igrejas (vid. Cap. 42 a 56); mas sua carreira

« hia-se approximando a seu fim.—Voltou a Goa, e aqui « de accordo com um Diogo Pereira, Capitão do navio, « em que o Apostolo viéra na sua estranha e perigosa « viagem de Japão, formou o magnifico desenho de con- « verter o imperio Chinez (220).—Porém não chegou a pi- « sar aquella florida terra.—Surgiram difficuldades a em- « presa (vid. Cap. 63).—O Apostolo sahiu em terra na « ilha de Sanchoão; e aqui, quando com o coração cheio « de esperanças, estava em vesperas de se aggregar a uma « embaixada Siameza, e dest'arte poder facilmente pe- « netrar no interior do imperio celeste (China), a mão « de Deos lhe cortou sua triumphante carreira; o divi- « no mandado = *até aqui chegaras, e daqui não passarás* = « foi intimado ao humilde, e bem apparelhado servo de « Deos; as intimações foram acompanhadas de extasis; « e na praia nua, ou debaixo de uma miseravel choupa- « na que o não abrigava nem do calor do dia, nem do « frio da noute, lhe chegou o termo de uma vida de an-

(220)—O accordo teve lugar na viagem de Japão para Malaca, (vid. § 134).—Dissemos na nota (197), que depois de ultimo onsequio que Diogo Pereira fez ao Santo em 1551 não achavamos memoria delle; mas por um acaso deparamos na pag. 739 do Vol. 1. do *Or. Conq.* o seguinte que serve de emenda á dita nota= « Escreveu S. Francisco Xavier ao Serenissimo Rei D. João 3.º as « grandes perdas, que Diogo Pereira recebéra pelo serviço de Deos, « e de S.A., pedindo-lhe mandasse satisfazer-lhe os damnos recebi- « dos.—A esta divida de seu glorioso Avô satisfez El-Rei D. Sebas- « tião, ordenando ao V. Rei D. Francisco Coutinho Conde do Redondo « que tornasse a mandar a Diogo Pereira por Embaixador da Chi- « na, e Capitão de Macáo.—Chegou o V. Rei á India em Setem- « bro de 1561 com algumas peças de muita estima para o pre- « sente da embaixada, e sabendo como Diogo Pereira estava em « Macáo, no Abril do anno seguinte (1562) apresteou um Galeão, « no qual mandou a Gil de Goes, dando a escolher a Diogo Pe- « reira *ou ir por Embaixador, ou ficar governando a Cidade.*—Escolheu « Diogo Pereira a Capitania, e Gil de Goes, que era seu cunhado « foi com a embaixada. »

« gustia e bemaventurança, de humilhação e triumpho « (vid. § 183) de que difficilmente haverá parallelo na « historia do mundo ».

« Tal foi, segundo se pode contar em poucos paragra- « phos, a carreira de Francisco Xavier.—Morreu a 2 de « Dezembro de 1552, ás portas do imperio Chinez ».

« Não se acha outro digão de ser associado á memoria « de um tão grande homem.—Na historia das missões dos « Jesuitas na India Francisco Xavier se levanta em soli- « taria grandesa como um homem Apostolico (a) »

229—Ponhamos ainda o testimunho de outro auctor Protestante.—N'um livrinho, recentemente publicado em Londres na lingua Ingleza pela *Sociedade dos Tratados Religiosos (The Religious Tract Society)*, com o titulo de=*The Inquisiton and the Jesuits*=livrinho, que pela sua origem, e pelo seu contexto está insento da suspeita de parcialidade a favor da Igreja Catholica, e especialmente dos Jesuitas; tratando-se das acções de Francisco Xavier, diz o auctor, a pag. 37: «

« Não sejamos injustos para com o aventureiro Missio- « nario.—Naquella época a India era pouco conhecida. « —Os Portuguezes possuiam alguns estabelecimentos na « costa de Malabar; mas o sertão ainda não era ex- « plorado.—A China era uma vasta terra bravia, cha- « mada o Cathayo, não trilhada dos viajantes europeos. « —A America do Sul era principalmente conhecida pelos « thesouros do Perú, e pelas barbaras conquistas de Cor- « tez e de Pizarro.—Não era pois um homem ordina- « rio aquelle que então ousasse correr de polo a polo « para christianisar o mundo. »

E depois de fazer a seu modo a resenha das acções de Xavier, continua o auctor, a pag. 42 :

(a)—Ue digna de ser comparada esta opinião moderna de um auctor protestante com a que nos primeiros annos da entrada dos Jesuitas na India exprimia o Vedor da Fazenda, Cosme Annes, segundo já se referiu (Nota do Traductor) *Vid. a Nota* 109.

« Foi elle na verdade um extraordinario homem. — A « caridade christãa de mui boa vontade acreditará que as « distinctas qualidades, que elle manifestou, eram o re- « sultado—não da natureza, mas da graça. . . . . « Tinha o genio de um heroe christão etc. »

Seguem-se no livro varios erros historicos, que não he aqui o lugar de serem debatidos.—Basta ao nosso proposito o que fica dito.

CAPITULO 78.

Das diligencias que se fizeram para a canonisação do Santo Apostolo.

230—Escandalisavam-se muito os povos que conheciam de perto o Santo Apostolo de o não verem canonisado, e por satisfazer a estas queixas fôra necessario que El-Rei de Bungo pela christandade de Japão, e os Arcebispos de Goa, e da Serra, e o Bispo de Cochim, e outros pelas suas Dioceses se juntassem em Concilio, e suplicassem pela sua canonisação ao Summo Pontifice; e vindo de Roma a solicitada licença, se formaram os processos canonicos.—Aquelles que haviam conhecido o Apostolo se admiravam muito, quando eram perguntados se tinham em opinião de Santo ao Padre Mestre Francisco, e muito mais, quando lhes pediam juramento, como se podesse haver duvida em cousa tão manifesta e notoria (221).—Elle foi em fim canonisado pelo

(221)—Assim o diz o citado Padre Sousa. (*Or. Conq.*, Conq. IV. D. 1. § 103); mas o Abb. Godescard affirma que por ordem de El-Rei D. João 3.º de Portugal se fizeram os processos verbaes da vida e milagres do Apostolo, não só em Goa mas em outros districtos *das Indias* (lugares que percorreu o Santo) *por pessoas esclarecidas, haveis, e de reconhecida probidade.*—Que os prodigios obrados nas *Indias* e no Europa por intercessão de Xavier foram tão maravilhosos que muitos protestantes não poderam contestar a sua verdade.—Que Tavernier fallando do Santo o compa-

Summo Pontifice Gregorio XV, aos 22 de Março de 1622 (222).

CAPITULO 70.

Dos merecimentos do Apostolo para a sua canonisação.

231—Diz o insigne Orador Sagrado, Padre Antonio Vieira (*Xavier acordado.*— Sermão 10, Canonisação) « Foi canonisado S. Francisco Xavier; e se teve alguma cousa de admiravel, ou milagrosa esta canonisação, eu lhe não acho semelhança entre os milagres de Christo, senão a do banquete no deserto, de cujos sobejos recolheram todos os Apostolos, quanto cada um podia levar.—O mesmo digo, e não posso dizer menos, nem sei dizer mais, senão que foi canonisado S. Francisco Xavier com tanta superabundancia de merecimentos, que

---

ra a S. Paulo, e lhe dá o titulo de *Verdadeiro Apostolo das Indias.*—Godescard. Vol. 12. pg. 78.

E se lê a pg. 265 do 1.º Vol. *do Indice dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica de Evora* pelo Sr. Rivara, que na dita Bibliotheca existe por letra contemporanea a Carta Regia de 28 de Março de 1556 ao V. Rei D. Pedro Mascarenhas, pela qual El-Rei ordenára ao V. Rei que mandasse proceder á inquirição da vida, e milagres do Padre Mestre Francisco da Companhia de Jesus (S. Francisco Xavier).—O Padre Conescio diz a pg. 630 do seu *Flos Sanctorum* que a alludida Carta Regia era de 5 de Abril de 1556, e que a fizera executar o Governador Barreto, e de facto Francisco Barreto succedeu em Via de Successão ao V. Rei D. Pedro Mascarenhas, e governou desde 1555 até 1558; todavia no Archivo deste Governo Geral não ha memoria da dita Carta Regia, por falta, talvez, dos Livros da correspondencia contemporanea, ou porque fez parte do Processo.—Alem disto consta na Bulla de canonização do Santo, que adiante leremos, que El-Rei D. João 3.º e Felippe 3.º de Hespanha solicitaram a mesma canonisação.

(222)—Como diz o Padre Sousa; porém o Abb. Godescard affirma que o Apostolo fôra beatificado pelo Papa Paulo V, em 1619 (ho que os mais autores citados são omissos, salva a al-

dos sobejos da sua canonisação se podéram canonisar outros muitos Santos.

« Muitos Santos nem um só milagre fizeram; e Xavier não só foi milagroso, mas, como muitos authores lhe chamam, foi o milagre dos milagres.—Muitos Santos não sararam umas maleitas; e Xavier, alem dos que se não sabem, resuscitou 68 mortos.— Muitos Santos não diséram uma prophecia; e Xavier assim via as cousas futuras, ou ausentes, e falava nellas, como se as tivera diante dos olhos.—Muitos Santos não converteram um homem á Fé; e Xavier de todas as seitas converteu tantos, quantos ellas em mil, e quinhentos annos não poderam perverter.—Muitos Santos, contentes com a salvação da sua alma, não salvaram outra; e Xavier de

---

lusão incidente do Padre Vieira no § antecedente ao notado) e canonisado pelo Papa Gregorio XV, em 1621.—O Padre Ribadaneira e D. Francisco de la Torre, que fôra canonisado em 12 de Março de 1622, e o Bullario Magno contem o seguinte.=»

Beatificatio Francisci Xavieri, Sacerdotis Societatis Jesu, cum facultate recitandi officium, ac celebrandi Missam de communi Confessoris non Pontificis, quotannis die 2 Decembris.

Istum Beatum Franciscum una cum Beatis Ignatio Loyola, d. societatis Fundatore, Isidoro Agricola Hispano, Theresia Virgine, fratrum, monialiumque Carmelitarum Discalceatorum Fundatrice, Philippo Nerio, Congregationis Oratorii similiter Fundatore, in sanctorum numerum fuisse relatos scito à Gregor. XV die 12 Mensis Martii, anni 1622.— Attamen Bullas hujusmodi Canonisationum non omnes habere potui, eas vero quas habui, posui, videlicet D. Theresiæ, quam expedivit d. Gregorius XV. ut inf. in ejus Const. 20 *Omnipotens.* SS. Ignatii Loyolæ, et Philippi Nerii ob mortem d. Gregor. expedivit desuper literas S. D. N. Urb. VIII. ut in Constitut. 2. *Rationi*, et Constit. 3: *Rationi.*—Alias veró duas S. Isidori, et hujus Sancti Francisci non adhuc habere potui. —N.° CXIX. » *Tom* 3 *Magni Bullarii, p.* 370.

Mas no Apendice existe a mesma Bulla a qual vai adiante entre os nossos Documentos.

N.B —As sobreditas Actas da beatificação foram submettidas a novo exame na occasião de canonisação.—Canon S.S. L.1. Cap. 25 n.° 6.

innocentes, e adultos, seguindo os que menos dizem, salvou, ou pôz em estado de salvação, um milhão, e duzentas mil.—Muitos Santos, guardando perpetuo silencio, nem a sua lingoa fallaram; e Xavier prégando a innumeraveis nações barbaras, a todas fallava na sua propria lingoa.—Muitos Santos, servindo a Deos a seco, não tiveram illustrações, nem consolações do Ceo; e em Xavier foram tão continuas, e tão excessivas, que não lhe cabendo no peito, apartando de sobre elle as roupas, quasi desmaiado dizia: *basta*, Senhor, *basta*, *basta*.—Muitos Santos se queixavam amorosamente a Deos dos trabalhos, entrando neste numero o mesmo Job; e Xavier, sendo tantos, e tão extraordinarios os seus pedia a Deos, que lhos mostrava. *mais*, *mais*, *mais*. —Muitos Santos nunca sahiram da patria; e Xavier, tendo deixado a sua, e sendo tão estimado em toda a parte, que se poderá contentar com ser Cidadão do mundo, sempre o teve por desterro.—Muitos Santos nunca puzeram o pé no mar, nem o viram; e Xavier desde o ultimo do Occaso até o primeiro do Oriente, debaixo de todos os climas, não só experimentou a furia das suas tempestades, senão as dos seus naufragios.—Muitos Santos fizeram grandes penitencias por seus peccados; e Xavier tomando sobre si os alheios para pagar por elles, não só os chorava com lagrimas, mas lavava-os com copioso sangue das proprias veias.—Muitos Santos, porque viviam só com Deos, e comsigo, não padeceram perseguições dos homens; e Xavier não só as padeceo crueis de todos os que não tinham fé nem religião, mas até dos mesmos christãos foi cruelissimamente perseguido. —Finalmente muitos Santos nunca se offereceram á morte, nem se puzeram a perigo della por amor dos proximos; e Xavier com o peito aberto ás settas, e azagaias, ferido, e quasi morto os defendeu muitas vezes.

282—Demos outra volta, e seja a ultima, á mesma canonisação, e acharemos, que sendo S. Francisco Xavier canonisado *com titulo do Confessor*, o poderá ser por

todos os outros gráos de dignidade, e laureolas, com que os mais Santos se distinguem, e reinam coroados na gloria; *como Patriarcha*, com os Patriarchas, *como Profeta*, com os Profetas, *como Apostolo*, com os Apostolos, *como Martyr*, com os Martyres, *como Doutor*, com os Doutores, *como Virgem*, com as Virgens.—E sendo que de um só homem sabemos que fosse canonisado por Anjo, como foi o maior dos nacidos, quando delle disse a mesmo Christo: *Ecce ego mitto Angelum meum*; em todas as Gerarchias, e em todos os coros dos Anjos dão logar a Xavier, os que mais exactamente escreveram sua vida: *como Anjo*, em guardar os homens, *como Archanjo*, em presidir ás Cidades, *como Principado*, em procurar a conservação dos Reinos, *como Potestade*, em sogeitar os demonios, *como Virtude*, em obrar os milagres, *como Dominação*, em ter imperio sobre as creaturas, *como Trono*, em descançar nelle a Magestade Divina, *como Cherubim*, na altissima sabedôria, e *como Serafim*, no ardentissimo amor de Deos, e dos homens, em que sempre viveu, e morreu abrasado.

CAPITULO 80.

Dos festejos da canonisação do Apostolo, e sua collocação.

233—A canonisação de S. Francisco Xavier foi celebrada em Goa pelos Padres da Companhia juntamente com a canonisação do Patriarcha Santo Ignacio de Loyola, e beatificação do Padre Luiz de Gonzaga; hoje tambem canonisado (223).

(223)—Tambem devemos este artigo ao favor do Sr. Rivara. —He elle muitissimo interessante pelo seu contendo, porque nos appresenta os festejos e folias então usadas, e enche a lacuna que deixaram a tal respeito os autores Nacionaes e Estrangeiros, ainda o celebre Francisco Pyrard, que dá minunciosas noticias sobre todos

Das sumptosissimas festas, delineadas segundo a moda do tempo, que entretiveram por muitos dias todas as attenções da Capital da India, sahiu uma *Relação* impressa.—Deixou-nos tambem memoria das mesmas Pietro della Valle, fidalgo Romano, que a ellas assistiu, da narrativa do qual (*Voyages de Pietro della Valle, gentilhome Romain*, Nouvelle edition, Rouen 1745.—Tom. 7.º pag. 340 e 348), tiramos o seguinte summario.

A 10 de Fevereiro de 1624 (porque até então se differiram as festas, para dar tempo aos aprestos necessarios) começou a festa especialmente dedicada ao Santo Xavier pelas vesperas, que se cantaram solemnemente na Igreja da Casa Professa do Bom-Jesus; e á noute houve ao clarão de fachos accesos uma cavalgada mui numerosa dos estudantes externos das escolas dos Padres da Companhia, e vinham os estudantes soberbamente montados; paramentados todos de mui ricos e mui galantes vestuarios, em mui boa ordem, precedidos de uma bandeira com a effigie dos Santos, Ignacio, e Xavier. —No seguinte dia cantou-se com toda a solemnidade a Missa na Igreja da Casa Professa, e houve prégação do Padre Visitador A. Palmeiro, em presença do V. Rei, e de toda a Côrte.—A' tarde houve dança de moços mascarados, vestidos de camponezes, sobre um grande theatro, que se havia levantado na praça, que está na frente da Igreja, para nelle se representar em muitos dias successivos a Vida de S. Francisco Xavier.

A 12 de Fevereiro representou-se em presença do V. Rei, de toda a nobresa, e do povo da Cidade, para commodidade dos quaes os Padres Jesuitas fizeram levantar palanques ao redor da praça, e do theatro, o

os objectos que respeitam a este Estado, com referencia aos annos de 1608 a 1611.—No nosso tempo uma como apparencia dos referidos festejos teve lugar na entrada do Vice-Rei Conde de Sarzedas em 1807.

primeiro Acto da apparatosa Comedia ou Tragedia da Vida do Santo Xavier, a qual tambem sahiu impressa, e era composta, e foi representada segundo o pouco apurado gosto litterario e artistico daquelles tempos.

A 13 do mesmo mez por se achar molesto o Vice-Rei, não se continuou esta representação; mas nos tres dias seguintes, representando-se dous Actos cada dia, concluiu-se toda a Tragedia que comprehendia não somente toda a vida, mas ainda a morte do Santo, a trasladação do seu Corpo a Goa, e a da sua Alma ao Céo; e em-fim a sua canonisação.

O dia 17 foi dedicado a celebrar a festa da Beatificação do Padre Luiz Gonzaga.

A 18 de Fevereiro cantou-se uma Missa solemne, acompanhada de excellente prégação na Igreja de S. Paulo o Velho; e á tarde preparou-se no terreiro diante da Igreja do Bom-Jesus uma estacada para ahi se correrem os jogos, que faziam as delicias dos cavalleiros daquelle tempo, e nos quaes muitos Fidalgos Portuguezes, que appareceram mui louçãos, deram grandes provas de sua destreza em presença de uma infinidade de Damas, que estavam nas janellas, e nos palanques para isso apparelhados.—D'alli estes mesmos Fidalgos sairam á rua de S. Paulo o Velho, onde ordinariamente se celebram aquelles jogos, e ahi os repetiram em presença de outro não menor concurso de nobreza e povo de todas as classes.

A 19 do dito mez fez-se uma mui solemne procissão, que saindo da Igreja de S. Paulo o Velho, seguiu pelas principaes ruas da Cidade, e recolheu na do Bom Jesus; e consistia esta procissão principalmente em carros triumphaes, navios, e outras maquinas, cheias de gente que representava diversas cousas, e de quantidade de bons musicos, acompanhados de muita outra gente a pé dacando a compasso.—Muitos Padres da Companhia revestidos de capas seguiam immediatamente todas estas decorações, e levavam o Corpo de S. Francisco Xavier em um bello

Caixão de prata (224) sob um pallio tambem de prata mui bem trabalhado, e atraz de tudo a imagem do Santo.—Os Padres levavam igualmente nesta procissão uma grande bandeira, na qual estava bordada a figura do Santo; e foram acompanhados de todas as Cruzes das Parochias de Salcete, e da Commudidade dos Religiosos de S. Francisco somente, porque os das outras Ordens, de que havia muitas em Goa (225), não quizeram assistir, porque os Jesuitas não hiam ás festas delles, e assim com esta bella procissão se terminou ao meio dia a festa destas canonisações.

(224)—O Caixão de prata, de que falla este summario, parece ser differente daquelle que hoje encerra o Corpo do Santo, cuja descripção apresentamos no Doc. n.º 1., porque pelo seu *volume, feitio, e peso* (só a prata pesa 600 marcos, além de madeira, que he rija e bastante grossa para suster o peso da prata) não era proprio para ser levado em procissão; por conseguinte deve ser outro em forma de ataude do Senhor Morto, que se leva na procissão da Sexta-feira maior, o qual com o pallio, que era tambem de prata seria depois empregado talvez na fabricação do actual Caixão, se este tiver sido feito em Goa, o que aliás não parece, ou teriam aquellas peças outro destino.

(225)—As muitas Ordens Religiosas de que se trata, e que estavam estabelecidas neste Estado até o anno de 1624, em que teve lugar o festejo da Canonisação do nosso Apostolo, são as seguintes: A de S. Francisco, em 1510 (Vid. a nota 37);—A dos Jesuitas, em 1548 (Vid. a not. 131 p. 122);—a de S. Domingos, em 1548 (Vid. a nota 151);—a dos Reformados de S. Francisco (Madre de Deos) em 1606;—e a de S. Agostinho, em 1572, com os seus *Noviciados, Collegios, Seminarios, e Hospicios.*

A Ordem dos Reformados de S. Francisco se estabeleceu no Convento de *Madre de Deos.*—El e foi edificado á sua custa pelo 1.º Arcebispo de Goa D. Gaspar de Ornelas, em consequencia de uma visão que teve, e o doou, em 1569 com authorisação Regia, aos Religiosos Reformados da Arrabida que tinham sido mandados por El-Rei D. João 3.º em 1566, sogeitando-o á Custodia do Apostolo S. Thomé (Vid. a nota 37).—Em 1612 ajuntaram-se a este Convento as Casas de Malaca, e China, e em consequencia do Capitulo Geral de 1618

234.—Depois do festejo referido foi o Santo collocado na Capella, que hoje he de S. Francisco de Borja, e daqui o transladaram em 1655 á Capella, onde presentemente se venera.

---

de Salamanca, foi o mesmo Convento elevado a Custodia da *Madre de Deos* dos Religiosos Capuchos na India, com 12 Conventos; e em 1622 á cathegoria da Provincia do mesmo titulo, pelos Papas Gregorio XV, e Urbano VIII, por Bulla de 29 d'Outubro de 1627.—Tanto basta para o nosso intento: os curiosos, que desejarem saber as suas particularidades as acharão no Vergel de Plantas e Flores.

A Ordem Agostiniana: para aqui ser estabelecida vieram 12 Religiosos, os quaes sahiram de Lisboa em 18 de Março de 1572, e chegaram a este Estado em 3 de Setembro; ficaram hospedados do Convento de S. Francisco: no principio de Dezembro do mesmo anno passaram a uma pequena casa, e escolhendo depois local apropriado no monte Santo ou do Rozario (Vid. a nota 131 p. 129), sem terem mais de 18 xerafins, lançaram fundamento ao Convento sob a invocação de *N. S. da Graça*, em 9 de Setembro de 1597, com assistencia do V. Rei o Conde de Vidigueira D. Francisco da Gama, do Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, dos Fidalgos, e Nobreza.—A Igreja deste Convento era sumptuosa, e toda abobadada, e maior do que a de outros Conventos.—A seu respeito ainda existe a tradição de que 2 vezes se abatêra a abobada desta Igreja, que era quasi horisontal, a final o architecto, que era Italiano, a reconstruira á sua custa, e para dar prova da solidez da obra, ou, em caso contrario, ficar sepultado nas ruinas della, porque não tinha meios para satisfazer os fundos que tomára emprestados, se colocára com o unico filho que tinha, debaixo do fecho daquella grandiosa obra, e dera fogo a um Canhão de grosso calibre, que antetempo trasia preparado, e felismente a sua explosão não tendo causado o mais pequeno prejuiso á mesma abobada, os Religiosos lhe satisfizeram liberalmente o seu serviço e os sustos que levára! Esta tradição parece reproducção do que teve lugar na construção do Convento da Batalha, os curiosos porem lhe daram o valor que quiserem.—A referida abobada que ainda existe em parte bem mostra a solidez da construcção.—A parte della que no principio se abateo deixou sepultada nas suas ruinas a colossal Imagem do St.º Patriarcha, e de N. Sr.ª da Graça, Padroeira da Igreja. A este Convento foi doada em 19 de Junho de 1606 a Igreja de St.º Antonio pelo sobredito Arcebispo D. Fr. Aleixo, o que foi

CAPITULO 81.

Dos milagres posteriores á collocação.

235.— Apoz a sobredita collocação o Santo fez muitos milagres, que refere o Padre Francisco de Sousa, dos quaes apresentaremos aqui só 2 dos mais notaveis: o 1.º Achando-se o Governador do Estado, Antonio Paes de Sande em 1678, no Collegio novo de S. Paulo (S. Roque) já desesperado dos medicos sem pulsos, e todo frio, a ponto de o Arcebispo Primaz D. Fr. Antonio Brandão, seu companheiro no governo, depois de lançar-lhe

---

confirmado por El-Rei, e Paulo 5.º.—Nesta Igreja se estabeleceu uma Irmandade dos Officiaes e soldados da mar, confirmada pelo Arcebispo Primaz D. Fr. Antonio Brandão em 9 de Fevereiro de 1679.—O Convento de que tratamos foi depois augmentado em 1633 com o grande Collegio do Populo, obra magnifica e bem situada, para o qual dava passagem um bem lançado arco, por debaixo do qual deixava livre a larga rua denominada *dos Judeos*.—Esta Ordem Religiosa estando já firme em Goa construio em 1622 um Seminario em Neura o grande, sob a invocação de S. João Baptista, o qual foi annos depois reduzido a Igreja Parrochial.—Teve a doação da Casa e Ermida de St.ª Iguez na Freguezia de Talcigão, que foi depois elevada a Igreja Parrochial em 26 de Outubro de 1600.—Reconstruio, sendo Provincial Fr. Agostinho dos Reis, a Igreja *da Cruz dos Milagres*, lançando os seus fundamentos em 23 de Fevereiro de 1671, á sua custa, e concluio a obra ajudada de esmolas de devotos.—He de notar que a 1.ª Igreja que havia sido construida depois de apparecimento da Imagem de Christo na Cruz dos Milagres em 22 de Fevereiro de 1619, se tinha abitido em 8 de Agosto de 1659.—Na nova Igreja se estabeleceu a *Congregação do Oratorio*, a qual tinha tido nascimento depois do apparecimento da referida Imagem de Christo tendo á sua testa o Padre Pascoal da Costa Jeremias, natural de Margão, e oriundo de Nagoa da Freguezia de Santa Cruz de Vernã, e estava reunida em 1682 no Recolhimento *de S. João do Deserto* da Freguezia de Guadalupe, com licença do Arcebispo D. Manoel de Sousa e Menezes.—Com a ruina daquelle edificio passou para a dita Igreja então disponivel.—Em 25 de Setembro de 1685 tendo-se, re-

a benção Episcopal, dar ordens para os aprestos do seu funeral, appellaram os Padres da ultima instancia da morte para a intercessão do Apostolo.—Ordenou o Provincial Padre Fernão de Queiroz, que se abrisse o tumulo do Santo, e lhe atassem na mão uma fita.—Concorreram á sua Capella todos os Padres da Casa Professa (Bom-Jesus), e o Padre Francisco Simões subiu ao tumulo, e com a maior humildade, e devoção lhe apertou um dedo com uma fita.—Neste mesmo tempo no Collegio de S. Paulo (o Velho) se abriu o cofre de prata, onde se guardava a sobrepeliz, que o Santo havia levado comsigo á China, e a lançaram sobre o Enfermo, o qual immediatamente recobrou o calor, e foi-se melhorando, e já perfeitamente convalescido assistiu pouco tempo depois aos funeraes do Arcebispo Primaz (226), e depois voltou para Portugal em 1681 (227).

---

unido aos congregados o veneravel Padre José Vaz, natural de Sancoale (Vid. a nota 130 p. 118) foi este logo nomeado Proposito daquella Congregação, então elle armou um dormitorio de madeira, o fez vir de Portugal os estatutos *da Congregação do Oratorio de* S. Felipe Neri de Lisboa, os quaes foram approvados pela Se Apostolica em 1707, (vid. a vida do P.e José Vaz, pelo Padre Sebastião do Rego L.o 1.o Cap. 5.o).—Com a extincção das Religiões em 1835 ficou tambem extincta esta Congregação, denominada vulgarmente dos *Padres Congregados da Cruz dos milagres*, e tambem o Convento, e a *Cruz*, por Ordem do Conselheiro Pestana, foi trasferida para a Sé Primacial, e collocada na Capella fronteira a do Santissimo.—Taes são as dimensões da mesma Cruz—Comprimento 9 covados e 1½ palmos, ou 28½ palmos—dos braços 4 covados, 2 palmos, e 6 polegadas, ou 14 palmos e 6 polegadas—da cabeça ou extremo superior 2½ palmos:—largura pouco mais de 1 palmo. A historia do apparecimento da Imagem de Christo na Cruz he muito longa, assim como a descripção dos Conventos, suas missões, e outras particularidades, por tanto omittimos, por falta de tempo.

(226)—O Arcebispo D. Fr. Antonio Brandão falleceu a 6 de Julho de 1678.

(227)—Antonio Paes de Sande antes da doença ia todas as Sextas-feiras com a sua Côrte visitar o Sepulcro do Santo, devoção

236—O 2.º foi: em 21 de Novembro de 1683 desceu sobre Goa de noute o inimigo Sambagi com 20:000 homens, 4 a 5 mil de cavallos, 10 elefantes, e outros apparatos de guerra, e se fez senhor da Ilha de Jua ou de Santo Estevão (228) pelas 8 horas da noute. —Tocou-se a rebate na Cidade pelas 10 horas da noute, e o V. Rei Conde de Alvor aos 23 pela manhãa passou a Santo Estevão com perto de 400 homens, entrando os casados, que nunca levaram arma á cara, vieram ás mãos, mas tendo os nossos perido animo buscaram o rio sem accordo, e uns se salvaram em uma manchua, e outros deram comsigo em tal abismo de lama que alli pereceram.—O Conde ficou somente com 40 ou 50, e fez retirar o inimigo, depois se fortificou n'um vallado, e a salvo se recolheu á Cidade.—Dos nossos morreram 10 no campo, e sairam feridos 33.—Ficou o inimigo senhor do Forte e da Ilha; mas breve se retirou rapida e desordenadamente, largando muito fato no Forte (229).

---

que depois continuou o V. Rei Conde de Alvor, e seus successores, como diz o Padre Sousa.—(*Or. Conq.*, Conq. IV. D. 1. § 106.)—O V. Rei Marquez de Alorna affirma, que por costume inalteravel os Governadores e V. Reis iam fazer oração a S. Francisco Xavier, ou na Madre de Deos nos Sabbados.—(*Instruc. de Marq. de Alor.* Port. 3. p. 82.)—Durou a mesma pratica até o V. Rei C. do Rio Pardo, que ia para a Madre de Deos nos Sabbados pela tarde, como observámos.

(228)—A Ilha de Jua he separada da Cidade velha por um estreito braço do rio Mandovi.

(229)—A invasão de 1683 he tradicional neste Estado, e se denomina *Oriem ragico* (invasão grande) assim como a de 1739 *Dociem ragico* (invasão pequena).—A'cerca do facto de Santo Estevão não achamos mais documento official que o seguinte:

Paragrapho 4.º do Officio do V. Rei Conde d' Alvor a El-Rei, datado de 16 de Dezembro de 1683.

Poucos dias depois de eu ter chegado a Goa (de volta do Pondá) commetteu o inimigo a Ilha de Santo Estevão, e achando dormindo as vigias della, e as de um reducto que ahi ha, entrou

—Tambem se havia apoderado o inimigo das terras de Bardez e Salcete, assediado a Fortaleza de Rachol, ganhado os 3 Fortes de Tivim, e o Fortim de Chaporá, e havia-lhe sido entregue a povoação de Margão por desesperarem de soccorro, e a Ilha de Goa arriscada a ser entrada pelo inimigo.—Via-se o Conde accomettido por tantas partes, por tão poderoso inimigo, a gente popular medrosa e desmaiada, a penuria de soldados, e tudo ameaçando uma lastimosa ruina (230).—Nesta afflicção o Conde recorreu ao

com a mesma facilidade em uma e outra parte.—Com a noticia deste successo juntei aquella noute a pouca gente, que aqui havia, e com ella pela manhãa cedo caminhei para o inimigo, o qual vendo a resolução com que era investido, começou logo a fugir, mas nem isso bastou para que os nossos Soldados, receiosos de uma pouca de Cavallaria que viram, deixassem de virar as costas, e esquecidos da honra, sem nenhuma vergonha me viram ficar entre o inimigo, e por fugirem a um perigo contigente buscaram outro quasi certo, lançandó-se ao rio em que alguns perderam a vida que pelejando puderam gloriosamente acabar ou remir.—A' vista deste successo me foi forçozo retirar, e com até cincoenta homens que ficaram, entre os quaes era um delles D. Rodrigo da Costa, que assim nesta como nas mais occasiões de Fronda me acompanhou sempre valerozissimamente, e agora sahiu com tres feridas, me fiz forte á margem do rio de trás de um pequeno valado, que alli achei, e sendo naquella paragem varias vezes commettido pelo inimigo houve naquelles poucos soldados tanta constancia que elle disistiu da empreza, e nós nos pudemos livremente embarcar.—Na noute que se seguiu mandei navegar para a Ilha as Galiotas da Armada do Norte que estava aprestada para partir, e por esta razão, ou *por outra superior que tambem se diz*, largou o inimigo o forte, e se passou a outra banda com tanta pressa que não só deixou a artilheria, mas ainda muitas cartocas, que são as armas de que usa, se vão agora achando no rio (Liv. das Mone. n.° 18. fl. 182).—O contheudo deste § se conforma em geral com o que diz o Padre Sousa no *Or. Conq.*, Conq. IV. § 107 e seguintes, onde dá conta circunstanciada daquella invasão.

(230)—Parece que a esta invasão se refere o Marquez d'Alorna no seu discurso de 19 de Novembro de 1741, Vid. *Instrucção do Marquez de Alorna*, a pag. 66 da Part. 3.ª

patrocinio do Santo Apostolo, e descendo a sua Capella com os Religiosos da Casa Professa, depois de se resarem as Ladainhas, Antifona, e Oração do Santo, tomou com os Padres uma larga diciplina, acabada ella se accenderam as tochas, e se abriu o Tumulo do Santo, e o V. Rei lhe entregou o bastão, a Patente Real, e um papel de sua lètra e sinal, no qual em nome do Serenissimo Rei de Portugal (231), lhe commettia o governo do Estado, paraque o defendesse, e conservasse com o seu milagroso patrocinio. Veio logo descendo os Gates um exercito innumeravel de Mogoles, conduzido por Achar, filho primogenito do Imperador Aurangzebo (232).—Estes foram os soccor-

---

(231)—A entrega do bastão feita pelo V. Rei Conde de Alvor, a quem imitou o V. Rei Conde de Villa-Verde, como affirma o Padre Sousa, dizem ser á origem desta solemnidade na posse dos V. Reis e Governadores na Igreja de Bom-Jesus, e a troca que fazem da rota ou bastão.—Não achamos documento algum a resto de uma e outra cousa.—As posses dos V. Reis e Governadores, pela maior parte, eram solemnizadas na Igreja dos Reis-Magos até o anno de 1793, em que começou effectivamente a solmnisarem-se na Igreja do Bom-Jesus, e a troca das rotas naquelle acto.—Antes disso parece que a mesma troca, se a havia, tinha lugar no acto da entrada, que faziam os V. Reis, e os Governadores iam fazer a mesma troca sob o titulo de solemnisação da posse, como fez o Coronel Vieira.—Vid. *Fac-Similes das Assig. dos V. Reis e Governadores.*

(232)—Segundo o Padre Sousa (*Or. Conq.* Conq. IV. D. I. § 108).—O poderoso Exercito do Mogol de 60$000 de cavallo, e innumeravel de infanteria veio alojar-se junto a ribeira do rio de Divar (Naroá de Bicholim) e na barra a sua armada de 120 vélas. —Os documentos officiaes contemporaneos são muito laconicos a este respeito, e apenas dizem que Xha Alama Achar primogenito do Imperador Mogol chegára á outra banda (Bicholim), e fôra nomeado João Antunes Portugal para o visitar da parte do Estado, em 17 de Janeiro de 1681. (Cart. e Ord. de 1681 a 1683 fl. 81 v.); mas antes disto he certo que o Grão Mogol *Aurangzebo* mandou ao Conde de Alvor a Xeque Mamed por seu embaixador, e de sagoate um *cavallo malhado e 6 atalas de ouro*, pedindo soccorro

ros que Xavier nos enviou, para sacudir o inimigo, que com esta noticia tratou logo de fazer paz com nosco, e aos 3 de Janeiro mandou a Daugim quatro enviados a dar publica satisfação da gerra passada, e pedir a paz.—Para se ajustar passou a outra banda tres dias depois Manoel Sarayva de Albuquerque nosso enviado, e logo cessaram as hostilidades; e o inimigo levantou o cerco de Bachoi, e se retirou de Bardez, e como andava já tudo perturbado com a vinda do Mogol, Manoel Rebello de Castello Branco, Capitão da Fortaleza da Aguada, acabou de lançar os

---

por mar e terra contra Sambagi, e foi retribuido o sagoate com um tampadario grande de christal, e 1 candil de cera lavrada, conforme o Ass. do Cons. da Fazenda, de 15 de Jan. 1683, Liv. 15 fl. 77.— O seu filho, o Principe Acbar, de Colapor mandou outro embaixador com novo sagoate, que foi retribuido conforme o Ass. do Cons da Faz. de 30 do referido mez e anno, Liv 15 fl. 78. —O mesmo Principe repetiu novo sagoate ou troca de um traste, em dinheiro, e lhe foi retribuido segundo o Ass. do dito Cons. da Faz. de 10 d'Ab. de 1683.—He de advertir que este Principe *Acbar* he 3.º neto do grande Acbar fallecido em 1605, cuja memoria he ainda hoje muito respeitada entre os Mouros e Gentios, e tem a sua moeda de ouro, (que he quadrada e rarissima, e se denomina=*Choucondy* (quadrada) *ou Acbari-mór*, cunho de Acbar=) na conta de talismão, e a compram por 50 a 60 xs., tendo alias de peso 3 oitavas e 22 gr., e de valor intrinseco 38 xs., e a seguinte he a sua estampa.

Choucondy, ou Acbari-mor.

ultimos de Betim, e de Chaporá, ficando todas estas terras desoccupadas do inimigo gentio (233).

CAPITULO 82.

Das oblatas que teve o Santo Apostolo

237.—A'cerca das oblatas dos seus devotos, o Padre Sousa diz: Seria nunca acabar querer referir todas as offertas! Apontaremos portanto as mais notaveis, de que elle faz especial menção.—A Rainha D. Anna de Hespanha mandou um *barrete*, que levou o Conde d'Alvor, e o encorporou no seu morgado.—A de Portugal uma vestimenta sacerdotal, consistente em uma *casula, estola, manipalo, e barrete* bordado, e guarnecido de aljofar, que he hoje toda a gala do Santo (234).—Estas vestimentas trazem bordadas na casula as Armas da mesma Rainha, cujo desenho he o que appresentamos junto. — Nove alampadas que pendiam dentro da Capella.—As 3 que ardiam de continuo diante do altar, que está das grades para fora, cada uma do peso de 70 marcos (235).—O Cai-

(233)—Cabe bem aqui apresentar a tradição que vigora, de que, quando em 1739 foram invadidas, a um mesmo tempo, pelo poderoso Maratha, assim as terras do Norte, como as Provincias de Salcete e Bardez, e estavam em eminente perigo de o serem tambem as Ilhas de Goa, e por isso os seus habitantes em activa diligencia de se refugiarem na Cidade em construcção na Praça de Mormugão, a perturbação dos animos e a confusão geral fez que os Jesuitas largassem, sem saber como, nas praias da Cidade de Goa o corpo de S. Francisco Xavier, sendo alias objecto, a todos os respeitos, de alta valia.—Deste inesperado facto tendo-se concluido que o Santo reprovava a retirada e abandono da Cidade e da Ilha, todos voltaram a ella, e se terminou depois a guerra.

(234)—Parece que esta vestimenta veio em 1699, na occasião em que o Santo foi declarado Defensor da India.

(235)—O peso destas 12 alampadas somma em 840 marcos, e o seu valor corrente sobe a 335600 xerafins.—Segundo a relação do actual Administrador de Dom-Jesus, e da Capella do Santo,

xão externo he do peso de 600 marcos (236).—A Imagem do Santo de prata fundida, foi offerta de uma Senhora Genovesa, tem de peso 200 marcos, e de altura seis e meio palmos, inclusivè um do pedestal, no qual se lê o seguinte (237).

SANCTISSIMO INDIARUM APOSTOLO
FRANCISCA DE SOPRANIS PATRITIA GENUENSIS
URBANI DURATII OLIM UXOR.
NUNC MARIA FRANCISCA XAVERIA
IN CELEBERRIMO INCARNTIONIS MONASTERIO
CHRISTI SPONSA
PEREGRINO CAELESTI
PERIGRINI AMORIS VOTUM, ET MONUMENTUM.
P. P. ANNO DÑI 1670.

O Diadema de ouro com pedras finas pesa tres marcos, os quaes fôram mandados dos rios de Cuama da Africa. —O magestoso Tumulo ou Mausoleo, sobre que esta collocado desde 1655 o Caixão, em que está depositado o corpo do Santo, he offerta do Grão-Duque de Toscana

diante do Tumulo do Apostolo estão pendentes 4 grandes alampadas, que pesam 305 marcos, uma dellas arde perennemente: que houve tempo, em que ardiam constantemente 12, dentro e fóra da Capella, das quaes 8, com varios frastes de ouro de grande valor, pela sua materia, e mais ainda pelo primor da obra, e um Crucifixo de coral vermelho, peça inteiriça de mais de um palmo de comprido, sendo recolhidas na Fazenda em 1810, foram pouco depois os de ouro e prata mandados para a Casa da moeda, e reduzidos a Rupias e Santomés!! *Jornal da St.ª Igreja Lusitana do Oriente* de 1816, n.º 6. p. 72.

(236).—O seu valor a 40 xs. o marco somma em 24$000 xs. —Uma grade do mesmo Caixão, que fôra furtada se avaliou em 1600 xs.

(237).—He da mão desta Imagem que se troca a rota ou bastão na posse dos Governadores do Estado.—Segundo o valor actual de prata dos 200 marcos são 8 mil xerafins.

(238), do qual apresentamos aqui as seguintes duas faces em perspectiva da maneira como nos foi possivel obter, e a sua descripção, do Caixão que sustenta, e da Capella que o contém, damos no Doc. N.º 1.º—Além do que fica referido o Santo teve muitas oblatas de joias de ouro e prata, as quaes tendo sido levadas para Portugal voltaram intactas (239), parte das quaes foi depois refundida a moeda !

238—Na China os devotos do Santo collocaram em Sanchôão uma lapida no gosto chinez (240) sobre a sua

---

(238)—Sendo este Tumulo collocado em 1635, parece que se deve a sua offerta ao Grão Duque Ferdinando II (Medicis) filho de Cosme II, que conforme Saint-Laurent começou a reinar em 28 de Fevereiro de 1621, e falleceu em 1663 ; o qual Tumulo segundo o primitivo desenho, que tem o Sr. Padre Peres, era de dimensões mais amplas, mas por estreiteza do logar o Artista que o acompanhou o reduzia ao actual estado ; e isto se conhece em vista das proporções comparadas do 1.º e 2.º degrão.—O Sr. Carlos José Caldeira dá descripção abreviada do dito Tumulo e Caixão na sua viagem de Lisboa á China, e vice-versa, a pag. 35, e o mesmo auctor dá outra descripção do mesmo Tumulo acompanhada de uma gravura no *Archivo Pittoresco* n.º 32, pag. 249.—Este Tumulo do Santo Xavier, e o Mausoleu da Rainha *Noor Jehan* (a luz do Mundo) construido pelo seu esposo o Imperador do Mogol Sha-Jehan são as 2 mais magnificas peças de architectura, que existem na Azia. —O Tumulo, como sabemos, he obra Florentina, e a respeito do Mausoleu diz o Bispo Heber ser tambem de estilo Florentino, (Vid. o *Hand-Book Of India* do Stockler).

(239)—Conta de 6 de Maio de 1801. — Monções Liv. 181, p. 83 v.

(240)—Diz o Sr. Carlos José Caldeira " que a pedra, com a forma que representa o desenho tem 1 *li* de altura, 2 de largo e 4 pollos de espessura.—O *li* he medida Chineza, que corresponde proximamente a 3 decimetros.—Que este monumento existia ha poucos annos, o proximo delle se viam tambem os ruinas de uma Capella contemporanea.—*Archivo Pittoresco* n.º 32 p. 250.

O Sr. Carvalho e Sousa apresentando o desenho do padrão na sua historia de Macáo (t.º 1.º p. 20, edic. de 1815) diz que de-

FACE DO TUMULO DO LADO DA IGREJA.

FACE DO TUMULO DO LADO DO OCCIDENTE

sepultura com inscripções gravadas em lettras portuguezas, e chinezas, cujo desenho em portuguez he o seguinte:

Verso da lapida.	Reverso da lapida.
✠	.....
I H S	.....(241)
AQUIFOISEPUL	.....
TADOS.FRANCIS	.....
CO XAVIERDACÕ	AQUIFOI SEPUETADO
PANHIADEIESUS	SFRAN.co XAVIER DA
APLÕDOORIENTE	COMPA DE IESUS APLÕ
ESTE PADRÃO	DO ORIENTE
SELEVANTOUNO	ESTE PADRÃO SE LEVAN
ANNO	TOU NO ANNO DE
1639	1639

---

pois de quasi 100 annos a morte do St.º Apostolo alguns Jesuitas no seu caminho á China tocaram a *Sanxuan* (Vid. a nota 169) e levantaram uma pedra da altura de 6 covados China, pouco mais ou menos, de largura 2, e de grossura 4 pontos, com epitafio em Portuguez de um lado, e de outro em Chinez. — Perto de 70 annos depois *Premare*, Jesuita, escrevêra de Cantão que devia-se construir uma Capella no lugar onde o Santo espirára, consagrada á alma do Apostolo.—Que não se sabe se ella fôra construida ou depois de erecta se destruira, porque em 1613 o Bispo de Macáo D. Fr. Francisco de N. S. da Luz Chacim com alguns amigos tendo ido aquella Ilha não achou a Capella, e a muito custo póde descobrir a referida pedra, e fazel-a colocar devidamente.—Que os devotos prometeram construir nova Capella sobre os alicerces velhos, mas que não constava que até a data em que escrevia a sua historia se desse principio áquella construcção. —Que o sobredito Bispo para cuidar da referida memoria (padrão) dava uma gratificação annual a um China; mas que depois do seu fallecimento ninguem mais se importou com a tal memoria, e lhe constava que sobre a dita memoria os Chinas tinham levantado barracas, porque a Ilha estava muito povoada, e os seus habitantes desfructavam nella saude e fertilidade.

(241).—Inscripção em caracteres chinezes.

CAPITULO 83.

Da consideração que mereceu o Santo Apostolo em vida, e depois de morto, aos Monarchas Portuguezes, e aos seus Delegados neste Estado.

239.—Já temos feito vêr aos nossos Leitores, e devotos visitantes quanta tem sido a dedicação dos Summos Pontifices, dos Arcebispos e Bispos, dos Reis e Rainhas e dos Fieis em geral á memoria do Glorioso Apostolo e Defensor da India: resta-nos agora apresentar-lhes em conclusão a alta consideração em que sempre tiveram os nossos Monarchas, e os seus Lugar-Tenentes neste Estado, a pessoa, em vida, e o corpo, depois de morto, do Taumaturgo do Oriente! Sabemos já, pelo que atraz fica referido, que El-Rei D João . 3.° summamente affeiçoado ás singulares virtudes de S. Francisco Xavier se resolvera a não afastal-o da sua Côrte, e por uma não esperada insinuação mudára do proposito (§ 9), a que se refere a allusão de—*O Céo o deu á India.*—Que S. Alteza depositando nelle todo a sua confiança lhe recomendára visitasse as Praças e Fortalezas, e lhe désse conta (§ 10); e aos seus V. Reis que o consultassem sobre diversos negocios (nota 129 p. 117), e soliciton a sua canonisação (nota 221 pag. 252).—Que os seus Lugar-Tenentes neste Estado, possuidos de grande respeito e veneração á sua pessoa lhe deram promptamente todas as providencias que delles sollicitára.—Vejamos agora, depois da morte do grande Apostolo da India o como se tem havido os nossos Soberanos, e os seus Delegados neste Estado a respeito do seu veneravel corpo e gloriosa memoria, na seguinte resenha chronologico-documental.

1556—Mar. 28—El-Rei D. João 3.° manda proceder ao inquerito da vida e milagres do Santo, (nota 221) e sollicita a sua canonisação (242).

(242)—Padre Conesio no seu *Flos Sanctorum* a pag. 630. (Vid nota 221 p. 252)

»—Nov. 18—O V. Rei ordena o exame do corpo do Santo, e a elle procedem o Dr. Saraiva, e o Dr. Ribeiro.—Doc. N.° 2.

1623—Agosto. 6—Expede-se a Bulla de Canonisação, Doc. N.° 3

1670—Jun. 14—outra de indulto da Resa e Officio especial, Doc. N.° 4.

1681—Jan. 24—O Governo sollicita luminarias e procissão para a sua festa—Doc. N.° 5

1682—Mar. 16—S. M. concede as luminarias e procissão, na forma pedida.

1683—Dez 17—S. Magestade estabelece 500 xerafins annuaes para solemnisar a sua festa—Doc. N.° 6.°

1694—Dez. 5—O V. Rei para a solemnidade da festa estabelece lugares ao Cabido, Senado, e authoridades.—Doc. N.° 7.°

1697—Fev. 4—S. M. approva a distribuição dos lugares.

» —Dez. 2—Remette o V. Rei ao Cabido a copia da Ordem Regia de 4 de Fevereiro antecedente

» — » »—Ordena ao Cabido que execute a Regia determinação sem duvida alguma.

1699—Mar. 24—Toma El-Rei D. Pedro 2.° ao Apostolo por DEFENSOR DO ORIENTE, e lhe dedica um grande Medalhão de ouro, cujo dezenho apresentámos na gravura que acompanha, Doc.N.° 8.° (243).

» —Dez. 22—O V. Rei dá execução a inauguração.

1700—Jan. 7—O V. Rei dá conta que lhe parece que o Santo aceitára o titulo, e a protecção offerecida Doc. N.° 9.°

1711—Dez. 19—O V. Rei dá conta da desobediencia do Senado em assistir á festa, e da reprehensão que lhe dera—Doc. N.° 10.

---

(243)—Este Medalhão tem de pezo 18 oitavas e 24 gráos, e o seu valor, a dez e meio xerafins, são 192 e meio, elle está collocado do lado dos pés no Caixão em que está depositado o Corpo do Santo.

1748—Jan. 28—O V. Rei pede a S. M. que solicite do Santo Padre para o Defensor do Oriente ser proclamado PATRONO DE TODA A INDIA—Doc. n.º 11 (244).

1748—Mar. 27—Manda S. M. levar a effeito o Breve Apostolico, declarando o Santo PATRONO DE TODA A INDIA.

1755—Ab. 2—S. M. prohibe a abertura do Caixão do Santo.—Doc. n.º 12.

1765—Ab. 15 - S. M. commette ao Arcebispo Primaz a administração do Caixão—Doc. n.º 13. (245).

1768—Fev. 8—O Governo interino manda concertar o Caixão, e a Capella do Santo.—Doc. N.º 14

1769—Ab. 17—Approva S. M. as providencias dadas, e ordena proceder ao auto do Corpo do Santo.

1770—Fev. 11—O Governador executando a Ordem remette o auto a que procedera.

1781—Mar. 4—Manda S. M. expôr o Corpo do Santo á veneração publica.—Doc. N.º 15

1782—Jan. 1.º—Procede-se ao auto do estado do Corpo.

« — « 15—O Arcebispo Primaz annuncia a exposição do Corpo do Santo.

1859—Maio 28—O actual Governador Geral o Exm.º Visconde de Torres-Novas pede auctorisação a Sua Magestade para novamente expôr á veneração publica

---

(244)—Segundo o Breve he tambem Patrono da Africa, que fica do Cabo a dentro; pois a Carta Regia de 21 de Março de 1699 mandava tambem inaugural-o nos Rios de Sena Defensor do Oriente.—Rios de Sena ou de Cuama significam na linguagem antiga toda a Africa Oriental Portugueza, porque naquella epoca a 1.ª Authoridade daquella Capitania residia nos Rios de Sena.

A Cidade da Bahia no Brazil tambem o tomou por seu Patrono.

(245)—Depois da extincção do lugar Vedor da Fazenda a sua chave passou ao Intendente da Marinha, e desta ao Cancellet, e com a deportação do ultimo em 1822, e retirada do Arcebispo em 1823 para Sadossivagod todas aquellas chaves se reuniram no Secreto da Secretaria do Governo Geral, onde ficam.

o Corpo do Glorioso Defensor e Patrono da India, e em 11 de Jul. he concedida a mesma auctorisação; a qual se publica no Boletim do Governo n.° 64, designado os dias 3 de Dezembro de 1859 até ao 1.° de Janeiro de 1860, para a alludida exposição.— Doc. N.° 16.

« —Out. 12—Procede-se ao auto do estado do Corpo do Santo, depois de 77 annos.

Todas estas Peças Officiaes, pelo seu theor, dão testimunho irrecusavel do alto e devido respeito, e dedicação sincera, que, em todas as épocas, os nossos Soberanos, e seus Representantes neste Estado tem consagrado ao veneranndo Corpo, e á memoria do *Inclito Defensor do Oriente e Patrono das Indias*.—Que durante 307 annos por 5 vezes se tem procedido ao auto do estado do seu veneravel corpo, e por 3 vezes tem sido exposto ao culto publico por determinação superior (246).

FIM.

(246)—Particularmente foi aberto o Caixão, depois de colocado, varias vezes pelos Jesuitas, que o tinham na sua administração, do que he prova sabida as aberturas que tiveram lugar por occasião *da molestia* de A. Paes de Sande (§ 235): para tirar o *barrete* que levou o C. de Alvor (§ 237): para *certa diligencia* de que falla o seguinte paragrafo da Carta do Beato João de Brito, dirigida ao seu Irmão Fernando Pereira de Brito, datada de Goa em 26 de Janeiro de 1691 (Hist. do nas., vida, e mart. do B. J. de Brito, Edic. de 1852 p. 225).

« O Padre Agostinho Louzado vos entregará uma grande re-« liquia do Santo Xavier, que he um barrete posto e tocado no « seu santo corpo pela minha mão; porque se abriu o sepulchro « do Santo para *certa diligencia*, assistindo o Padre Provincial, « o Padre Preposito, o Irmão Sacristão e eu.—Peço-vos que o « tenhaes no oratorio de nossa Mãe e Senhora, em quanto ella

« viver, que queira Deus seja por muitos annos, e que depois « vá lograr de Deos por toda a eternidade, que he só o que de- « devemos desejar, e o que eu procuro, confiado em sua divina « misericordia; e por isso não faço conta de tornar a Portugal; « mas na primeira embarcação me parto, Deos querendo, para « a minha missão. »

E outras diversas vezes, como se collige da C. R. de 2 de Ab. de 1735 (Vid. Doc. n.º 12).

Segundo a tradição os mesmos Jesuitas muitas vezes expuzeram á publica veneração o corpo do Apostolo no dia da sua festa, nos primeiros annos.—A historia e os documentos supraapontados porém dizem que fôra aberto com authorisação do Governo para os exames dos Doutores Saraiva, e Ribeiro—na occasião da invasão em 1683—em 1699 quando foi inaugurado *Defensor da India* para lhe vestirem as vestimentas que traz—em 1763 para concerto do Caixão—em 1769 e 1782 por Ordem da Côrte.—Dizem tambem que o V. Rei Conde de Sarzedas, com o Arcebispo St.ª Catharina o fizeram abrir secretamente.—Modernamente o Governador Geral Visconde d'Ourem pretendeu abril-o, mas não levou a effeito o seu desejo, distrahido com outros negocios do Estado.

DOCUMENTOS,

QUE ACOMPANHAM

A PRIMEIRA PARTE DO RESUMO HISTORICO

DA

VIDA DO GLORIOSO APOSTOLO,

DEFENSOR DO ORIENTE, E PATRONO DAS INDIAS,

S. FRANCISCO XAVIER.

N.º 1.

Descripção da Capella, Tumulo, e Caixão de prata de S. Francisco Xavier (247).

CAPELLA.

Foi preparada esta Capella para a collocação do magnifico Tumulo em 1655.—Sobre a sua porta da entrada que fica ao Sul, assenta na parte exterior um precioso quadro de 8 palmos de alto, e 6 de largo, fóra o cai-

(247)—Extrahida da Relação da Visitação do Arcebispo Torres, publicada no n.º 6.º do *Jornal da St.ª Igreja Lusitana do Oriente* de 1846.—Sabemos que esta Relação fóra ordenada pelo Administrador do Bom-Jesus e da Capella do Santo, o Muito Reverendo Mestre Escola Caetano João Peres, que ha pouco falleceu sendo Governador deste Arcebispado.—A Capella referida he situada no Cruzeiro da sumptuosa Igreja da extincta Casa Professa

xilho com obras de entalho, columnas e remate, tudo dourado.—Este quadro he o retrato de S. Francisco Xavier, em meio corpo, com uma presença agradavel, e magestosa, estatura um pouco mais de mediana, complei-

dos Jesuitas, cuja descripção, da sua magnifica Sacristia, e da Casa Professa he como se segue, tambem devida ao sobredito Padre Peres, e extrahida do Jornal supracitado. (Vid. *Or. Conq.* Vol. 2. Conq. 1. D. 2. § 105)

IGREJA DE BOM-JESUS.

Está situada esta grandiosa Igreja quasi no centro da Velha Cidade de Goa, e fóra do recinto da que fóra dos Mouros; e no terreiro, que n'outro tempo chamavam *dos Gallos*; tendo ao lado direito a estrada real, que vai de Panelim até S. Thiago.—Na mesma estrada, ou na pequena praça, que esta forma junto á Igreja, embocam a calçada da Graça em linha pararella á mesma estrada, e uma rua, que passando por detraz da Igreja vai terminar na rua direita. pouco abaixo da inteiramente destruida Igreja do Priorado da Nossa Senhora da Luz.—Cortado he aquelle terreiro quasi no meio pela estrada da Misericordia, aberta no tempo do Governo do Exm.º D. Manoel de Portugal e Castro.—Para o occidente olha a Igreja, e he mui notavel pelo seu frontispicio, que he todo de pedra préta de granito e variado com bellissimos ornatos, e relévos, tem, fóra o socalco de 6 palmos a cima do plano da rua ou estrada, 109 palmos na sua maior altura, e 105 na maior largura.—Dão entrada para o Templo tres porticos na frente, e dous em ambos os lados, que tem cada um 4 columnas canneladas, e que com as 3 grandes janellas de Côro, 3 oculos, que lhes correspondem, e um quadrangulo cheio d'arabescos, e ornatos de ordem composta, formando quatro andares, appresentam uma fazada bem magestoza.—Tem esta Igreja uma só nave, e de comprimento desde a porta principal até o Altar-mór 250 palmos craveiros, de largura 77 e de altura 85.—Tres ordens de janellas de cada lado, além das do espaçoso Coro, communicam para o interior do Templo sufficiente claridade: sendo que as da segunda a meia parede formam cinco gandes tribunas com obras de entalho pintadas, e douradas.—

ção robusta, o rosto largo, o colorido bello, mas não muito alvo, o nariz proporcionado, olhos vivos de côr entre negra e castanha, testa aberta, a barba, e o cabello

---

He o Altar da Capell-mór dedicado ao *Menino Jesus*, Orago titular deste Templo, e tem o Cruzeiro de cada lado uma Capella; sendo a da parte do Evangelho votada á memoria de *S. Francisco de Borja*, Padroeiro do Reino de Portugal, e suas Conquistas, e a do lado da Epistola ao veneravel Sanctuario do Corpo de *S. Francisco Xavier*.—N'um dos Altares do Vestibulo debaixo do Coro estão collocadas n'uma caixa de vidraça as Reliquias de *S. Paulina Martyr*, que arranjadas em forma d'um Corpo inteiro, e munidas com uma authentica, passada pelo Bispo Prophyriense, Perfeito do Sacrario das Réliquias, foram em 23 d'Outubro de 1784, reconhecidas pelo Exm.º Arcebispo Primaz.—Começou esta Igreja a edificar-se em 24 de Novembro de 1594 á custa dos legados de D. Jeronimo Mascarenhas, cujo cenotaphio existe na parede da Igreja junto da porta travessa do lado do Norte, achando-se esculpida n'uma lapida, e em relêvo a seguinte letra=*Sepultura de D. Jeronimo Mascarenhas, Capitão, que foi de Cochim, e Ormuz &c. A cuja custa se fez esta Igreja: em gratificação a Companhia de Jesu lhe dedicou este logar.—Falleceu no anno de* 1593=Figuras resaltadas representam em quatro lominas os feitos deste Capitão; e o cimo desta memoria que todo he po bronze dourado, se remata como troféo das suas armas côroadas d'um dragão, sustentado o todo sobre dous Leões e Sagrada pelo Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes aos 15 de Maio de 1605, foi esta Igreja enriquecida pelos Summos Pontifices com singulares graças, e privilegios por conta da grande, e universal devoção dos fieis, que alli concorriam, e até o Papa Urbano VIII lhe concedeu as mesmas indilgencias planarias que se ganham em visitando as cinco Igrejas de Roma.—Não nos fique por notar, que de fronte do Altar de S. Xavier na Igreja está a sepultura de D. Luiz de Menezes, Conde de Ericeira, Marquez do Louriçal, segunda vez Vice-Rei da India fallecido a 12 de Julho de 1711.

Acrescentamento do Editor.

Acrescentaremos a esta relação do Conego Peres, que o Altar da Capella-mór ainda que seja dedicado ao Menino Jesus: como diz,

castanho escuro.—Deve de representar ao Apostolo ao chegar da Europa, porque depois com as inscriveis fadigas que soffreu se emagreceu; e o cabello, que nas

e donde provem o titulo—de *Bom-Jesus*—á Casa Professa; todavia no centro do Retabulo desse altar avulta uma colossal Imagem de *Santo Ignacio*, Patriarcha dos Jesuitas, cujas dimensões e do dito Retabulo são as seguintes:

IMAGEM DE SANTO IGNACIO.

Altura..... covados 4½ ou palmos 13

RETABULO.

Altura..... covados 25 ou palmos 75
Largura..... « 14 « 42

SACRISTIA.

Ao lado do Sul da Igreja existe a magnifica Sacristia, edificio magestoso, e unico deste genero nestas partes Orientaes; he abobadada com variados relevos de estuque: o o arco da Capella, que existe no fundo, he todo de estuque dourado, e pintado a fresco, assim como os dous arcos lateraes, em que estão encaixados dous grandes, e sumptuosos armarios de obra marchetada, e dourada, como os são tambem as seis grades commodos, todas com boas e apropriadas repartições para roupas, paramentos, utencilios, livros, &c. Foi esta bella obra da Sacristia feita á custa d'um devoto, como se vê d'uma campa, que existe na Capella da mesma Sacristia com esta inscripção lapidar=*Sepultura de Baltazar da Veiga á cuja custa se fez esta Sacristia; a Companhia de Jesus em gratificação desta boa obra e de outras que fez á esta casa, lhe dedicou este lugar para seu jazigo. Falleceu a 14 de Janeiro de* 1659. São as paredes adornadas com ricos, e numerosos quadros de pincel mui delicado: e sobre a porta pelo lado interior está um quadro de Murilo representando a Magdalena em extase de amor com este distico dos canticos=*Fulcite me floribus, stipate me malis quia amore langueo.*

279

S. FRANCISCO XAVIER

Dimidium cernis, quem magnum suspicit orbis:
Xavier est: totum nulla tabella capit.

Malucas começou a pintar de branco, embranqueceu de todo em Amanguchi de Japão (vid. o § 188 da vida).—Está de roupêta prêta, manteu pardo, com um hordão, e tem

CASA PROFESSA DE BOM-JESUS

Fica este Convento ligado ao frontispicio da Igreja, continuando na mesma linha parallela á estrada real; e, com tres andares n'uma parte do edificio, e quatro n'outra, apresenta uma bella fachada. Contava n'outro tempo tres longos corredores, mas o fogo, e as ruinas o tem reduzido unicamente a parte da frente, que serve de accomodação ao Administrador, e mais empregados. Foi Casa Professa dos Jesuitas, e fabricada em 1686 á custa de D. Fr. Sebastião Pinto Pimenta, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, cujo retrato ainda ahi se vê (ácerca deste retrato fallaremos opportunamente na 2.ª parte).—Na expulsão daquelles Padres foi o Convento entregue á administração do Arcebispo Primaz, continuando a celebrar-se o culto Divino na Igreja, na conformidade da Carta Regia de 1.º de Abril de 1760, dirigida ao Vice-Rei Conde da Ega.—Foi alli depois erecto um dos tres Seminarios para instrucção, e educação do Clero, e com a sua extincção continuou a ser a mesma Casa administrada por algum Conego da Cathedral, proposto pelo Prelado á Junta da Fazenda Publica, até que Sua Magestade por immediata Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar n.º 76 de 30 de Outubro de 1840, Foi servida Nomear o Reverendo Conego Caetano João Peres por Administrador della.

Accrescentamento do Editor.

A esta descripção da Casa Professa accrescentaremos a seguinte nota curiosa.—Sobe-se aos 3 andares superiores deste magnifico edificio, por uma sumptuosa escada de 98 degráos, divididos em 7 lanços, e ha outra, do lado da Sacristia, de 51 degráos divididos em 2 lanços.—Os degráos de cada divizão, e suas particularidades são as seguintes:

os olhos fitos no Ceo, a mão direita sobre o peito, e com a esquerda apresenta um Coração exalando chamas.—Em baixo com letras douradas em relevo está o seguinte distico:

ESCADA DA ENTRADA, EXTERIOR 7 LANÇOS.

1.° andar { 1.° Lanço—He de pedra preta: a sua largura he de 12 palmos, menos 1 polegada, e tem 20 degráos. / 2.° Dito—Dito—largura 10 pal. e 1 poleg.—degráos 8 / 3.° Dito—Dito.....—Dita 9 pal. e 6½ poleg.—Ditos 13

2.° andar { 4.° Dito—De madeira—Dita 9 pal. e 5 poleg.—Ditos 14 / 5.° Dito—Dito.....—Dita 9 pal. e 1½ poleg.—Ditos 15

3.° andar { 6.° Dito—Dito.....—Dita 9 pal. e 1½ poleg.—Ditos 14 / 7.° Dito—Dito.....—Dita 9 pal. e 3½ poleg.—Ditos 14

DITA DO LADO DA SACRISTIA, 2 LANÇOS.

1.° Lanço—de pedra preta—a sua largura he de 10 pal. 1½ poleg. e tem 22 degráos.
2.° Dito—Dito—Largura 10 pal. 2½ poleg. e tem 29 degráos.

RESUMO

ESCADA PRINCIPAL.

Andares.	Degráos.	Lanços.		
1.° Andar	41	3	1.°—20, 2.°—8, 3.°—13	41—De pedra preta.
2.° dito	29	2	1.°—14, 2.°—15	29—
3.° dito	28	2	1.°—14, 2.°—14	28— De madeira.
	98	7		98

DITA DO LADO DA SACRISTIA.

1.° andar—2 Lanços { 1.°—22 / 2.°—29 } 51 degráos de pedra preta.

« *Dimidium cernis, quem magnum suspicit orbis:*
« *Xavier est: totum nulla tabella capit* (248).

Além das janellas, e portas de vidraça, he a mesma Capella ornada interiormente com pinturas e douraduras, e as paredes adornadas com 27 quadros, representando os passos e milagres do Apostolo.—Os 8 que estão embutidos na parede ao lado esquerdo do Tumulo são da Escola Italiana.—Os 2 inferiores representam, um o Hospital dos invalidos de Veneza, e o beijo que déra Xavier na asquerosa ulcera (§ 1 p. 5): o outro o encontro do Santo em Figem com Duarte da Gama, e outros Portuguezes,

---

A parte que resta dos 3 andares superiores do Convento contem: o 1.º que he sobre o Sotão, 18 Cellas, alem de 2 Salas, e Casas de parla; o superior a este tem igual numero de Cubiculos, Salas, e Casas de parla, mas estas, segundo parece, maiores do que as antecedentes: e o 3.º que he o 4.º andar consiste em uma Sala; alem disto existem differentes outras Casas em diversas situações desligadas dos alegres e vistozos Corredores.

A's Torres dos Sinos sobe-se por uma escada de 118 degráos de madeira, que por ser de teca tem durado por mais de 250 annos; essa escada he dividida em 11 lanços, intermediados de 11 taboleiros, a cada um dos quaes corresponde uma janella, que dá bastante luz no interior.—A' divisão referida he pela maneira seguinte.

A ESCADA DAS TORRES DOS SINOS.

Lanços	*Degráos*	*Lanços*	*Degráos*	*Lanços*	*Degráos*
1.º ..	17	5.º ..	13	9.º ..	8
2.º ..	10	6.º ..	13	10.º ..	7
3.º ..	11	7.º ..	9	11.º ..	9
4.º ..	13	8.º ..	8	Total ..	118

(248)—Consta que o Conselheiro Lopes de Lima quando veio á India pela 1.ª vez, fez uma traducção livre deste distico, e foi publicada na Gazeta de Goa; temos uma copia della; mas como os entendidos dizem estar mal capeada ou alterada, por tanto não a apresentamos aqui.

e as honras com que o receberam (§ 99 p. 148).—Os tres da segunda ordem representam: o 1.º a Xavier com sobrepeliz e estola em oração, parece que se refere á cessação de uma horrivel peste na Ilha de Manar pelas Orações do Santo (§ 33 p. 63): o 2.º representa a visita do Apostolo ao Rei de Bungo no Japão (Cap. 51 p. 151): o 3.º a despedida de Xavier do Papa Paulo III, recebendo delle a missão e a benção (§ 7 p. 8).—Dos restantes 3 quadros da terceira e ultima ordem, ou dos lados, que são pequenos, apresentam: um á Xavier feito creado de uns Cavalleiros Japonezes (§ 91 p. 142), e o outro Xavier em pé em um extasis (§ 213 p. 237).—O do meio he o do seu glorioso transito em Sanchão (§ 185 p. 210).

TUMULO.

O veneravel Sanctuario de que fallamos, contém o magnifico tumulo do glorioso Apostolo da India, S Francisco Xavier, que he todo de fino marmore de varias côres.—Diz se haver o mausoleo sido offerta d'um Gram-Duque de Toscana, pois como refere o Padre Francisco de Sousa no seu *Oriente Conquistado a* J. C. (Vol. 1 Conq. 4 Div. 1. § 109) passando por Florença o Padre Francisco Sarmento, Procurador Geral da Provincia Jesuitica de Goa offertou ao Gram-Duque um coxim, que serviu de almofada muitos annos a cabeça do Santo, depois de morto, presente que Sua Alteza agradeceu, promettendo mandar fabricar um magestoso sepulcro de pedras ricas de Italia com embutidos; obra que fosse digna de tão magnifico, e poderoso Principe, e de tão milagroso e abalisado Santo.—consta de tres degráos além do Caixão de prata.

1.º Degrão.—O socalco ou o primeiro degrão he de jaspe, o fundo de côr vermelha arroxeada, raiado de branco e as bordas ou os resaltados de pedra branca com veios amarelentos.—Os florões, festões, arabescos, e varios outros relêvos, assim como oito Querobins grandes nos quatro angulos, e nos lados compridos, quatro dito pequenos se-

bre as tarjas laterаes, e as mesmas quatro tarjas emblematicas são de hellissimo alabastro de Carrara.—Tem este degrão de altura seis palmos; de comprimento vinte seis e meio, e de largura treze, e imita a figura d'uma Urna.

2.º Degrão.—Forma este segundo degrão, ou socalco um quadrangulo regular, cortado a pique com altura de sete e meio palmos; comprimento de deseseis, e largura de sete e um quarto.—Este degrão he tambem de jaspe finissimo; o fundo verdoengo salpicado de pintas brancas, negras, e cinzentas; os resaltados, os frisos, as fasquias dos quadros de jaspe amarello com veios brancos e pretos, e de um pollido tão brilhante, como vidro.—No centro de cada um dos quatro lados ha uma rica lamina de bronze, e aos lados da lamina duas tarjas, cujo fundo he de jaspe prêto raiado de branco, com fasciculos, ou ramalhetes d'açucenas embutidos.—São de bronze pintado de negro as ditas laminas, ou quadros, e representam varios passos da vida de S. Xavier.—Cada um destes quadros tem por cima uma tarja de pedra de côr azulada transparente, representando diversos emblemas, allusivos aos quadros correspondentes: as fasquias são de bronze pintado igualmente de prêto, e cada tarja he sustentada pela mão de dous Anjos de alvissimo alabastro com delicada estructura, cada um do tamanho d'um menino de quatro a cinco annos, os quaes assentados por cima deste segundo degrão seguram com a outra mão uma faxa com letreiro.—O quadro dos pés, que olha para o Occidente representa o Santo Apostolo descalço com a roupeta de Jesuita e com sobrepeliz e estola a imagem do Crucifixo na mão esquerda e baptizando com a direita uma multidão de selvagens, os homens vestidos com uma cintura de pennas, ou com cobertores de pano, as crianças núas, e as mulheres n'um traje quasi a europea; tem ao lado um Padre, que cathequiza.—Representa os seus trabalhos nas Malucas (§ 40 p. 74).—A tarja superior mostra o sol no pino, e o letreiro da faxa diz = **Ut vitam habeant.**—A tarja debaixo, isto he, a que fica no socalco

correspondente a este quadro, mostra um livro, e varias cruzes descendo, ou caindo do alto.—O quadro, que fica pelo lado direito, isto he, da parte que olha para a Igreja, representa o glorioso Apostolo prégando aos selvagens, estes, e aquelle vestidos, como no quadro anterior, e só apparece um homem ao longe vestido d'uma especie de tunica até os joelhos, sapatos, ou chinelos nos pés, espada, ou cimatarra pendente da cintura, e armado d'um troço de páo.—São os mesmos Insulares das Malucas (§ 47 p. 82).—A tarja superior appresenta o Sol nascente, e a letra diz:=**Nox inimica fugat**=A tarja inferior he um Sol com dous circulos concentricos radiosos.—No quadro do lado esquerdo, Xavier se precipita n'um rio segurando-se n'um madeiro para passar á outra banda, fugindo, e escapando ao furor dos Javaros montezes da Ilha de Moro, que vestidos, como nos dous quadros antecedentes, o perseguem com flexas, e pedras. —A tarja superior mostra um leão no meio de uma furiosa tempestade, e a letra diz:=**Nihil horum vereor** —e a tarja inferior um coração exalando chamas entre 2 circulos radiosos.—O quadro da cabeceira representa o Santo na praia de Sanchoão na China, extendido sobre uma miseravel esteira na choupana do Portuguez Jorje Alvares, expirando entre dous homens, Antonio, e Christovão seus discipulos, e assistido de Anjos (§ 183 p. 208). —Está vestido de roupeta, e descalço, abraçado estreitamente com o seu Crucifixo; e seu chapeo, e cajado, e uma bilha de agoa aos pes.—Na tarja superior se vê o Sol a pôr-se e o letreiro diz:=**Maior in occasu**=A tarja inferior apresenta o Ceo nebulozo, despedindo raios, que derribam uma Mesquita coroada de meia Lua.

3.º Degrão.— Este ultimo degrão he uma gradaria de jaspe de côr arroxeada com manchas brancas.—São de pedra negra raiada de branco os resaltados, os frisos das quatro columnas dos angulos; e de jaspe amarello os plinthos de cima, e debaixo.—Tem de comprido treze palmos, de largo cinco, e de alto tres.— Assenta sobre

uma base de jaspe rôxo pintado, e mosqueado de branco, e outras côres.

CAIXÃO DE PRATA.

Sobre esta gradaria do terceiro degráo assenta o Caixão todo forrado de prata (249), que encerra o preciozo deposito do Corpo do Apostolo da India.—Tem de comprimento nove e meio palmos, de largura quatro, e de altura quatro e meio, tirando a tampa, que he abaulada na altura de 2 palmos (250). —Por cima della ha uma peanha de dous e meio palmos de alto, quatro e meio de comprido, e um de largo, que tem 3 tarjas lateraes com quatro columnas em cada lado comprido, e uma tarja em cada um dos estreitos, e toda esta obra he corôada por uma Cruz de tres e meio palmos de alto.—A peanha da Cruz, que remata este Caixão de prata, apresenta em ambos os lados estreitos dous Anjos com emblemas na mão, o da cabeceira tem um coração em labaredas, e o dos pés este letreiro =**Satis est Domine, satis est**= palavras que o Santo costumava repetir, quando o seu coração não podia já conter a torrente das consolações celestiaes.—A prata, aberta com variados lavores, assenta sobre veludo carmezim (251); e he cravejada de diversas pedras de brilhantes cores.—O longo do Caixão de cada lado he dividido por oito columnas em sete repar-

(249)—Este Caixão he de suppôr, que fez parte da offerta do Grão-Duque; porque o feitio das peças de prata anda a par das do Tumulo, e parece tudo obra italiana; alem disto o primitivo desenho que acompanhou o Tumulo apresenta o Caixão collocado como o vemos actualmente.

(250)—Esta tampa tem no meio uma queda, que, a quem a vê de baixo, parecem duas peças uma sobre posta a outra, conforme a observamos em 12 d'Outubro do anno de 1859.—Deste Caixão fallaremos na 2.ª Parte.

(251)—O qual por estar desbotado foi reformado.

tições o que tende, cada uma duas laminas, uma superior e outra inferior, formam conseguintemente com as quatro laminas das duas repartições da cabeceira, e dos pés trinta e dous quadros, que representam em relêvo varios milagres, e passos da vida do Santo.—Além dos ornatos já ditos tem cada uma das dezaseis columnas em cima um Anjo do mesmo metal com diversos emblemas nas mãos, e cada um delles com a base respectiva tem d'altura doze pollegadas.—Ha de mais neste Caixão seis pyramedes, ou pinhas grandes, e algumas outras pequenas muito brincadas com flôres douradas, e cravejadas de brilhantes pedras.—Muitos outros adôrnos pertencentes ao mesmo Caixão foram, por vezes, d'envolta com outras preciosidades desta Igreja, recolhidos para a casa da moeda! Este Caixão (diz o mesmo Padre Francisco de Sousa no lugar já citado) peza seiscentos marcos de prata, que a quarenta xerafins o marco importam em vinte e quatro mil xerafins.—Não deixe de se notar tambem a grande valia da obra, que se comprehende nos trinta e dous quadros, de que fizemos menção, e cuja discripção he a seguinte, segundo a ordem, em que se acham, começando pelos da cabeceira, e caminhando para o lado direito em toda a volta (252).

(252)—Todos os referidos quadros tem molas para se poderem separar, e tirar para serem alimpados, e como não estão numerados, em alguma occasião foram mal collocados, portanto não seguem a ordem chronologica dos successos que representam, conforme o Autor do artigo.—Nós porem tivemos occasião de observar de perto os mesmos quadros no referido dia 12 de Outubro por acharmos o Caixão apeado do Tumulo, e notamos que as laminas de prata estão pregadas sobre peças de madeira, e estas tem na parte inferior 2 pregos perpendiculares, que se firmam nos buracos apropriados, e seguram desde lado os mesmos quadros, e na parte superior uma pequena fechadura com chave para os segurar por esta parte.

Disse-nos um vogal da Commissão encarregada dos arranjos da Exposição do Corpo do Santo, que os referidos quadros haviam sido

1 QUADRO—Está Xavier prostrado com ligaduras nos pés e braços, as quaes por milagre arrebentaram (§ 3 p. 4).
2—Beija uma asquerosa ulcera no Hospital de Veneza (§ 4 p. 5).
3—Doente no Hospital de Vicencia, he visitado por S. Jeronimo seu devoto (§ 4 p. 5).
4—Xavier no Hospital em Roma vê na visão que teve o conjuncto de todos os seus trabalhos (§ 6 p. 7).
5—Vizão da sua Irmãa Abbadeça sobre o destino de Xavier (§ 6 e nota 7 p. 8).
6—Salva o Secretario, e um familiar do Embaixador D. Pedro Mascarenhas (§ 8 p. 9).
7—Xavier levanta da sua cama um enfermo (§ 12 p. 16).
8—Xavier baptisa grande multidão de idolatras.—Talvez he allusão aos 10,000 de Travancor (§§ 19 e 27 p. 39 e 51).
9—Xavier resuscita no Cabo de Comorim um mancebo affogado n'um poço (§ 25 p. 48).
10—Cura repentinamente um enfermo (§ 25 p. 48).
11—Xavier aterra e afugenta os Badegas em Travancor (§ 28 p. 53).
12—Tres milagres do Apostolo: resuscitando um defuncto enterrado em Coulão: Em Multão um rapaz, que levavam a sepultar: e na Ilha das Vacas um menino sarraceno (§§ 29 e 33 p. 53 e 62).
13—O milagre das moedas em Meliaper (§ 34 p. 67).
14—As duas curas milagrosas em Malaca (§ 38 p. 72).
15—A restituição do Crucifixo cahido no mar, por um caranguejo (§ 43 p. 77)

---

colocados na sua devida ordem, quando o Caixão veltou para o seu lugar; por tanto nesta 2.ª edição os apresentamos como naturalmente se devem seguir uns aos outros, em relação á successão de factos que representam, e para facilmente acharem os nossos leitores os lugares da historia que tratam daquelles factos, vão todos elles designados pelos paragrafos e paginas.

16—Préga a uma grande multidão de gente (§ 47 p. 82).
17—Prégando na Sé de Malaca em 4 de Dezembro de 1547, annuncia a victoria dos nossos contra os Achens (§ 67 p. 99).
18—Converte em Cariapatão um Portuguez, a quem havia acompanhado desde Goa para esse fim (§ 76 p. 112).
19—Ajuda a bem morrer um enfermo, e affugenta os demonios, que se tinham apossado delle (§ 81 p. 131).
20—O Santo de joelhos tem aos hombros um menino, talvez o menino inchado que sarou (§ 84 p. 136).
21—Faz viagem a pé de Amanguchi a Meaco com o fato ás costas (§§ 90 , e 91 p. 141).
22—Xavier dá uso de palavra, e dos pés a um mudo paralitico em Amanguchi (§ 94 p. 144).
23—Restitue o orgão de audição a um Japonez (§ 94 p. 144).
24—Xavier durante uma tempestade está orando na náo de Duarte da Gama , e se reproduz no Batel desprendido (§ 130 p. 168).
25—Xavier baptisa 3 Reis (alias um) de Maldivas em Cochim (§ 143 p. 175).
26—Sára um Religioso desenganado , no Collegio de S. Paulo, de volta de Japão (§ 146 p. 177).
27—Adoça a agoa na viagem de Malaca para China (§ 175 p. 199).
28—O Apostolo em agonias em Sanchão (§ 184 p. 209).
29—Xavier aparece depois de morto a Catharina de Chaves , como havia promettido na ultima despedida (§ 134 p. 181).
30—O Santo paramentado he exposto á veneração dos fieis, e obra milagres (§ 206 p. 232).
31—Elevado 3 palmos acima do chão dá comunhão (§ 213 p. 237).
32—Está o Santo n'um nicho com vellas acesas em Chaul (§ 151 p. 180).

Está o segundo Caixão dentro do de prata; he todo de vidraça, tem as suas junturas forradas de veludo, e co-

bertas de galão, apparecendo suspensa do tecto em toda a sua extensão uma especie de volante de sêda com fios d'ouro, e pendentes á cabeceira, e no meio por cadêas d'ouro quatro bolas d'ambar gris com encastoações tambem d'ouro.

No interior deste existe o terceiro Caixão de tampa abaulada forrado de tissu vermelho d'ouro, agaloado com galão largo do mesmo metal (253).—Suppor-se deve, que o St.º está revestido com as mesmas vestimentas, mandadas pela Rainha de Portugal (254), de que falla o mesmo Padre Francisco de Sousa no logar citado (§ 108), a saber: cazula, estola, manipulo, e barrete bordado, guarnecido de aljofares.—Expondo-se este Sagrado Corpo frequentes

(253)—Esta relação de tres Caixões he filha da apparencia, vendo-se o interior do Caixão de prata, tirando-se qualquer das laminas já referidas.—No dia 12 de Outubro do corrente anno (1859) tendo-se separado os Caixões para o exame do Veneravel Corpo, observámos que o dito Caixão na parte correspondente ás laminas mencionadas tinha interiormente um vidro, e isto deu occasião a supôr-se a existencia do segundo Caixão de vidraça.—No interior do mesmo Caixão, que he forrado de damasco amarelo, estavam suspensas do tecto com duas ordens de cadeas de ouro seis bolas de ambar gris, tres de cada lado longitudinal; hoje porém existem só cinco, faltando a do meio do lado esquerdo.—Neste Caixão estava collocado, sobre um estrado (especie de antigos *andores* ou *andas*, que se assemelham com as actuaes *macas*) forrado de tissu e guarnecido de prata lavrada, com roldanas por baixo, para facilitar a sua introducção, o Caixão que contém em deposito o Corpo do Santo Apostolo.—Este Caixão está forrado exteriormente de riquissimo tissu de ouro com lindissimas flôres de côres, que apesar de ter 160 annos, no supposto que fôra alli empregado em 1699, quando o Santo foi proclamado Defensor do Oriente, parece que apenas acaba de ser forrado.—O Caixão tem tres fechaduras e duas chaves douradas, e do lado dos pés exteriormente está pendente o medalhão de ouro dedicado por El-Rei D. Pedro 2.º do qual trataremos em outro lugar.

(254)—Destas vestimentas fallaremos opportunamente.

vezes em outro tempo á vista dos fieis, nenhuma exposição se ha feito desd'o anno de 1782, em que, durante 3 dias foi visitado por innumeravel concurso de povo.

N.º 2.

Exame do Corpo do Santo pelos Doutores Saraiva e Ribeiro.

« Certifico eu o Doutor Cosme Saraiva, fisico do Sr. Visorey, que vindo o Corpo do Padre Mestre Francisco a esta Cidade de Goa eu o fuy ver, e toquei por todas as partes, e em especial na barriga, em que achei tacto, e corpulencia de seus intestinos sem estar embalsamado, nem ter outra alguma cousa artificial, que lhe preseruasse a corrupção.—Achei-lhe um buraco, ou chaga no lado esquerdo da parte do coração, e pedindo a dous Irmãos da Companhia, que metessem per elle os dedos, metendo-os sahio o sangue a caso, que cheirei, e nam cheirava mal.—As pernas, e outras partes do corpo vinham inteiras, e com carnes, de modo que per via de fisica, e medecina se não podiam conseruar naturalmente; assi por hauer perto d'anno, e meio, que era fallecido, e estar perto d'um anno sepultado.—Certifico-o assi pelo juramento de meu cargo em Goa a dezoito de Nouembro de mil e quinhentos, e cincoenta, e seis. »

(Padre Lucena. Cap. XXIX p. 904.)

« Certifico eu o Doutor Ambrosio Ribeiro, Prouisor, e Vigario geral, e Administrador d'este Bispado de Goa e mais partes da India, pelo juramento de meu cargo, que he verdade que vai em noue annos, que vim a estas partes da India, e sirvo os sobreditos cargos, e em todo este tempo sei que o Padre Mestre Francisco até

a sua morte andou nestas partes continuamente prégando, doutrinando, e ensinando as cousas de nossa santa fé, assi aos Portuguezes, como a todas mais gentes de diuersas nações da India em Malaca, Maluco, Amboino, Japão, e em outros lugares remotos por terras de infieis; onde conuerteu grande numero d'elles com sua doutrina, virtude, e exemplo de vida; edificou Igrejas, e passou muytos trabalhos até sua morte: e depois d'ella veyo seu Corpo a esta Cidade de Goa, onde foy recebido com muyta solemnidade acompanhado de toda a clerezia, e com grande concurso de gente foy leuado ao Collegio de S. Paulo, aonde ao presente está.—E por se affirmar que o Corpo vinha inteiro, e parecer cousa sobrenatural hauendo tanto tempo que fallecêra, estando onze mezes sepultado, tres na China, e oito em Malaca, segundo a informação, que na verdade d'isso tomei; e o Sr. Visorei, que então era D. Afonço de Noronha, me mandar tambem que o fosse ver, para lhe dar relação d'isso, o fuy ver ao dito Collegio e dizendo ao Padre reytor d'elle m'o mandasse mostrar, se acendéram duas velas, e se abriu a caixa, em que estaua na Capella mor do dito Collegio ás noue ou dez horas do dia, em que vimos o dito Corpo per muyto espaço, pondo as mãos nas pernas, correndo até os joelhos, e pelos braços, e vendo, e tocando a maior parte do Corpo me affirmo estar a carne cuberta com toda a sua côr per cima, e inteiro sem corrupçam, e a carne com substancia, e humidade pela maior parte do Corpo: na perna esquerda acima do joelho uma mam tranessa da banda de fora tinha como cortado da maneira d'uma ferida de cumprimento d'um dedo, que parecia ser quebradura de golpe de alguma cousa, que lhe deu na perna, e ao redor da ferida se mostraua uma nodoa, que manifestamente parecia ser de sangue já preto, como cousa de muyto tempo; na barriga da banda esquerda tinha um buraco pequeno, que tambem parecia quebradura, por onde meti os dedos até o cabo, que achei vam, e

dentro toquei em uns pedaços de cousas pequenas, que a meu ver pareciam dos intestinos, que estariam secos pelo muito tempo, que estaua sepultado, e nenhuma corrupçam senti, nem achei no dito Corpo, pondo o meu rosto com elle muyto chegado.—Debaixo do pescoço trazia uma almofadinha pequena de damasco da China, da qual a maior parte, onde o pescoço estaua, vinha passada d'uma nodoa, que parecia ser de sangue, da maneira que mostraua o que trazia na perna, mas d'uma côr preta já gastada.—E pol-o assi vermos da maneira sobredita na verdade pelo juramento do cargo, que recibi, mandei ao escriuam do meu cargo, que o escreuesse assi, e eu assignei de minha mam ao primeiro de Dezembro de mil e quinhentos, e cincoenta, e seis. »

(Padre Lucena, Cap. XXIX p. 902.)

N.º 3.

Bulla da Canonisação de S. Francisco Xavier (283).

Canonizatio S. Francisci Xaverii de Societate Jesu, Indiarum Apostoli, ejusque in Sanctorum Confessorum numerum adscriptio, cum institutione ejus festivitatis die 2 mensis Decembris.

(283)—Esta Bulla e a seguinte, com suas traducções devemos ao favor do Sr. Rivara, o qual he força confessar que na publicação deste Resumo Historico (1.ª e 2.ª edição) muito nos tem favorecido com documentos por elle descobertos, e com varias indicações no arranjo da obra, o que muito lhe agradecemos. —A Bulla referida da canonisação para publicar na 1.ª edição bem diligencia fizemos pessoalmente, e por pessoas entendidas, e o resultado foi acharmos a seu respeito no Bullario Magno Tom. 3.º p. 370 apenas a seguinte declaração.—*Alias vero duas S. Isidori, et hujus Sancti Francisci non adhuc habere potui.*—(Vid. nota 222 a p. 233 in fine).—O Sr. Rivara porém a achou no Appendice ao Tomo 4.º do mesmo Bullario.

Hunc S. Franciscum canonizavit Greg. XV, die 12 Martii anno 1622, cum BB. Isidoro Agricolâ, Ignacio Loyola, Philippo Nerio Confessoribus, ac Teresia Virgine; sed morte praeventus Const. Canonizationis non potuit expedire.

URBANUS EPISCOPUS,

Servus Servorum Dei.

Ad perpetuam rei memoriam.

Rationi congruit, et convenit æquitati, ut ea, quæ de Romani Pontificis providentia processerunt, licet ejus superveniente obitu, Litteræ Apostolicæ desuper confectæ non fuerint, suum debitum consequantur effectum.—Dudùm siquidem felicis recordationis Gregorius Papa XV, Praedecessor Noster, pié praemeditans, quòd ùnigenitus, et coaeternus aeterni Patris Filius, cùm de regalibus sedibus in hunc mundum, ut salutem humani generis operaretur, descendisset, semen bonum verbi sui in agro Orbis terrarum seminaverat; ut omnium cœlestium virtutum, et ad extremum æternæ vitæ fructum credentibus germinaret: quodque, cùm pro divinæ hujus segetis incremento, pretiosissimum sanguinem suum ignominiam Crucis voluntariè subiens, effudisset; ac perfecto demum opere, ad quod missus fuerat, super omnibus Cœlorum sublimitatibus ad dexteram Patris in saeculorum æternitate confessurus ascendisset, plurimos servos, et amicos suos in terris *reliquerat, qui laboribus, vigiliis,* atque ad *ipsius exemplum proprii sanguinis effusione,* divinam *hanc excolentes sementem, messem quàm uberrimam in horreum ejus congregarent*; ejusque fines eo usque dilatarent, donec, juxta promissionem Patris, omnes gentes, et termini terrae darentur ei in haereditatem, et possessionem.—Et quamvis verbum ejus semper à generatione in generationem prosperatum esset, attamen, quandò ab aeternis temporibus praedestinatum

beneplaciti ejus tempus advenerat, ut abundare faceret, quasi imbrem inundantem, misericordiam suam magnam super universum semen filiorum Adam, gloriamque Crucis suae usque ad ultimum terrae, et in mari longè propagaret; veré admirabilis facta erat potentia ipsius, cùm revelatis incognitis anteà tribubus, et linguis, ac populis, et nationibus, messem magnam atque uberem aperuerat, atque in eâ operarios multiplicaverat; tantâque fructuum abundantiâ labores eorum compleverat, ut ipsis annuntiantibus Evangelicae praedicationis sonus usque ad extremos Orbis Terrarum fines penetrasset; et á Solis ortu usque ad occasum, ab Aquilone et mari, magnum nomen Domini Dei nostri in universis gentibus redditum esset.—Inter caeteros verò, quos ad perficiendum voluntatis suae Sacramentum, in tantarum gentium vocatione Dominus praeordinaverat, egregius Servus ejus Franc. Xaverius, novus Indiarum Apostolus, gloriâ Sanctitatis, et meritorum splendore praecipue emicuerat: Qui, cùm juventute suâ perfectè coràm Deo ambularet, spretisque ac conculcatis divitiis, ac saeculi dignitatibus, ac semetipso juxtà verbum Domini abnegato, animam suam, pro nomine Domini nostri J. Christi tradidisset, dignus inventus erat, qui á Spiritu Sancto in tàm insigne opus assumeretur, ac, tamquàm aliorum dux Divinâ Providentiâ constitutus, Apostolicis charismatibus affluenter decoraretur: etiàm ob signa Apostolatus, quae in eo omni patientiâ, in signis, et prodigiis, ac virtutibus, manifesta facta erant, novarum gentium Apostolus unanimi totius Christiani Orbis consensu meruerat appellari: Ac propterea decebat, ut tantum Dei famulum, qui pro gloriâ ejus, et animarum Domini nostri Jesu Christi sanguine redemptarum salute, innumeros maximosque labores, atque aerumnas perpessus erat; ingentiaque terrâ marique subiverat pericula, quem Deus adeò magnificaverat, ut nomen ejus honorabile esset apud omnes gentes.

§ 1.—Idem Gregorius Praedecessor, pro suo Pastora-

li munere, veré Sanctum, et Electum Dei, in militanti Ecclesiâ declararet; ejusque virtutes, tanquàm eximias, et praecellentes, universis Christi fidelibus imitandas proponeret: ut populus Christianus actiones suas ad honorem Dei, ipsius exemplo, dirigens, eum apud Deum, et Dominum Jesum Christum in ejus necessitatibus habere mereretur intercessorem: atque, ut omnes Christi fideles promptiùs ad laudandum Deum Omnipotentem secundùm multitudenem magnitudinis ejus excitarentur, devotionisque ardor erga tantum Dei famulum augeretur, dum ejus in terris coelestem, et laudabiliter actam vitam Orbis Terrarum explicaret, et patefaceret:

(Segue-se no resto do § 1.°, e nos §§ 2, 3, e 4 da Bulla a relação da vida, morte, trasladações, e milagres do Santo.)

§ 5.—Hinc que factum erat, ut, cùm tot tantisque signis servum suum Omnipotens Deus in brachio excelso clarificaret; et per universum jam terrarum Orbem tot mirabilium praeconia longe lateque diffunderentur; ac propterea non solum Christi fidelium erga ipsum devotio, magna susciperet incrementa; sed multorum etiam Infidelium corda ad agnoscendum Deum et Dominum nostrum Jesum Christum illuminarentur; Joannes Lusitaniae Rex praedictus, zelo devotionis accensus, institerat, ut à diversis locorum Ordinariis super ejus sanctitate et miraculis processus fierent.—Qui cùm diligenter munus suum explevissent; ac procedentibus temporibus omnia acta ad hanc Sanctam Sedem transmissa fuissent; recolendae memoriae Paulus Papa V. etiam praedecessor noster, tunc suus, instante pro servi Dei canonizatione etiam clarae memoriae Philippo III., Hispaniarum Rege Catholico; deputavit bonae memoriae Horatium Lancellottum tunc Rotae Auditorem: eoque ad Cardinalatus honorem sublimato; dilectum filium ma-

gistrum Joannem Baptistam Coccinum ejusdem Rotae Decanum; et pariter bonae memoriae Franciscum Sacratum, tunc Archiepiscopum Damascenum, et Auditoris Rotae Locum tenentem ac deinde S. R. E. Cardinalem; qui et antiquos processus examinarent, et novos auctoritate Apostolica faciendos, quatenus ipsis videretur, decernerent; atque omnia eidem Paulo praedecessori una cum eorum sententia referrent. — Qui litteras remissoriales ad diversos Praelatos in Hispaniarum, Lusitaniae, ac Indiarum Regnis constitutos, decreverant: atque ipsi interim in Curia novos testes examinarant.— Cúmque praedicti Judices partibus suis perfuncti essent; eisdem Auditoribus processus á se confectos transmiserunt.—Qui omnibus summa cum maturitate per plurimum temporis spatium (ut negotii gravitas postulabat) consideratis ac perpensis; eidem Paulo praedecessori retulerant, justa canonicarum sanctionum decreta abunde constare de vitae sanctimonia, ac eximiis virtutibus servi Dei Francisci, deque miraculis, quae tam eo vivente, quám post felicem ejus obitum, ejus meritis et intercessionibus, Deus Omnipotens operari dignatus erat: dignumque videri si eidem placeret, ut in Sanctorum Confessorum Catalogo adscriberetur.—Cúmque interim praedictus Paulus praedecessor humanitatis debitum persolvisset; et praedictus Gregorius praedecessor ad sacrum Apostolatus apicem divina providentia assumptus fuisset; ac pro parte charissimi in Christo filii nostri, tunc sui, Philippi III, Hispaniarum Regis Catholici, instanter requisitus esset, ut negotium hujusmodi promovere, ac ad ulteriora procedere dignaretur; accederentque aliorum Principum, ac Praelatorum, et totius Indiae Cleri, idem suppliciter exposcentium preces; praedictus Gregorius praedecessor, ut in re tam gravi ea, qua decebat, maturitate progrederetur; praedictorum Auditorum relationem ad S. R. E. Cardinales, sacris Ritibus Praefectos, ut rursus totum negotium quam diligentissimé discuterent, remisit.

§ 6.—Quod cùm illi accuratè perfecissent, ac pro servi Dei canonizatione omnes unanimiter censuissent.; honae memoriae Franciscus Maria Episcopus Portuen. S. R. E. Cardinalis de Monte nuncupatus, totius processus summam, et suam, collegarumque sententiam, coram dicto Gregorio Praedecessore, et Venerabilibus fratribus nostris, tunc suis, Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalibus, de quorum numero tunc eramus, in Consistorio suo secreto exposuit.—Quibus auditis, reliqui Cardinales adulteriora fore procedendum communi suffragio pronunciarunt.—Igitur, cùm in publico Consistorio quondam Julius Zambeccarius, tunc Aulae Consistorialis Advocatus, plurima de hujus servi Dei vita et virtutibus enarrasset; atque ejusdem Hispaniarum Regis Catholici preces pro eadem Canonizatione exposuisset; atque ad eam procedere dignaretur, humiliter supplicasset; dictus Gregorius praedecessor, praedicti Regis pietatem et Religionis zelum plurimum in Domino commendans, super retanta eosdem Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinales, atque Episcopos in Romana Curia praesentes consulendos esse respondit.—Atque interim Cardinales et Episcopos praedictos intimo cordis sui affectu vehementer in Domino hortatus est, ut in omni humilitate et lacrymis, in jejuniis, et eleemosynis, exposcerent ab eo, qui est via, et veritas, ut dirigere dignaretur gressus suos in semitis suis; ut ingrederetur in veritate sua, ut quod benè placitum esset in conspectu ejus, intelligere ac perficere eo auxiliante valeret.—Sequenti itaque semipublico Consistorio, ad quod non Cardinales modò, sed etiam Patriarchas, Archiepiscopos, atque Episcopos in Curia praesentes convocari mandavit; praesentibusque etiam Sedis Apostolicae Notariis, necnon Sacri Palatii Apostolici causarum Auditoribus; cum plurima de egregia viri Dei Francisci Xaverii vita ac miraculis enarrasset; et quanta insignis hic Dei Servus pro nomine Domini nostri Jesu Christi pertulisset, quantoque cum proventu (Domino incrementum dante) per incognitas nationes ver-

bum ejus disseminasset, exposuisset; commemoratis etiam instantiis, quae coram dicto Gregorio praedecessore tum a Rege Catholico, tum ab aliis etiam Reipublicae Christianae Regibus, et Principibus fiebant; cum singulorum sententias requisisset, omnes uno ore benedicentes Deum, qui honorificantes se glorificat; Servum ejus Franciscum Xaverium canonizandum esse, atque inter Sanctos Confessores adscribendum censuerunt.—Quorum omnium audito consensu, exultavit in Deo salutari nostro; gratias agens ei, qui est gloria virtutis nostrae, in cujus bene placito contra omnes adversarias potestates exaltatur cornu nostrum; qui Ecclesiam suam in diebus istis hoc lumine illustrare, ac novo patrocinio munire dignatus esset.—Canonizationis itaque publicavit diem infra scriptum: eosdemque Fratres, et Filios nostros paterna charitate monuit, ut bonis operibus inhaerentes, precarentur Deum misericordiarum, ut super eos sereno vultu respicere, et eorum actiones ad voluntatem ejus perficiendam dirigere dignaretur.

§ 7.—Demùm, peractis omnibus, quae ex sacris constitutionibus, ac Romanae Ecclesiae consuetudine peragenda erant; quarto Idus Martii, Pontificatus sui Anno secundo, in Sacrosancta Principis Apostolorum Basilica, cum eisdem Cardinalibus, necnon Patriarchis, Archiepiscopis, et Episcopis, Romanae Curiae Praelatis, Officialibus, et Familiaribus suis, Clero saeculari, et regulari, maximaque populi frequentia, convenit.—Ubi, repetitis pro Canonizationis decreto, nomine ejusdem charissimi in Christo filii nostri Philippi Hispaniarum Regis Catholici, à dilecto filio nostro, tunc suo, Ludovico tituli S. Mariae Transpontinae Cardin.—Ludovisio nuncupato, ejus secundum carnem nepote, per Julium Zamboccarium Advocatum peracdictum petitionibus; decantatis sacris precibus, ac Litaniis, et Spiritus Sancti Gratia humiliter implorata; ad honorem Sanctissimae et individuae Trinitatis, ac Fidei Catholicae exaltationem,

auctoritate Omnipotentis Dei, Patris, et Filii, et Spiritus Sancti, ac Beatorum Petri, et Pauli Apostolorum, ac sua, de eorumdem S. R. E. Cardinalium, Patriarcharum, Archiepiscoporum, et Episcoporum in Romana Curia praesentium consilio, ac hunanimi consensu, gloriosae memoriae Franciscum Xaverium, de cujus vitae sanctitate, fidei sinceritate, ac miraculorum magnitudine ac frequentia, plenè constabat; Sanctum esse definibit: et in Sanctorum Confessorum Catalogo adscribendum esse decrevit, et adscripsit: illumque ab universis Christi Fidelibus, tamquam verè Sanctum honorari, ac venerari mandavit.

§ 8.—Ac ut ab universali Ecclesia in ejus honorem Ecclesiae, et Altaria, in quibus sacrificia Deo offerantur, aedificari, et consecrari; et singulis annis, die secunda Decembris, qua ad cœlestem gloriam vocatus est, ejus officium, ut de Sancto Confessore, ad praescriptum Romani Breviarii celebrari posset, statuit.

§ 9.—Eademque auctoritate, omnibus Christi fidelibus verè pœnitentibus et confessis, qui singulis annis eodem festo die ad sepulchrum, in quo corpus ejus requiescit, visitandum accederent, unum annum, et unam quadragenam; iis verò qui in ejusdem Festi octava, quadraginta dies de injunctis pœnitentiis misericorditer in Domino relaxavit.

§ 10.—Postremò, gratiis Deo cum exultatione actis, quod Sanctum suum in conspectu omnium gentium honorificasset, ac tam insigni splendore Ecclesiam suam decorasset; cantata in Sancti Francisci honorem solemni Sanctorum Confessorum oratione, ad altare Principis Apostolorum Missam celebravit, cum ejusdem Sancti Confessoris commemoratione: omnibusque Christi fidelibus praesentibus plenariam omnium peccatorum suorum Indulgetiam elargitus est.

§ 11.—Ne autem de definitione, decreto, adscriptione mandato, statuto, relaxatione, aliisque praemissis (pro eo quod super illis ipsius Gregorii praedecessoris literae, ejus super veniente obitu, confectae non fuerunt) valent quomodolibet haesitari; Volumus, et Apostolica auctoritate decernimus, quòd definitio, decretum, adscriptio, statutum, relaxatio, impartitio aliaque praemissa, a dicta die, quarto Id. Martii suum debitum sortiantur effectum, ac si super illis ipsius Gregorii praedecessoris literae sub Dat. ejusdem diei confectae fuissent: prout superius enarratur: Quódque praesentes literae ad probandum plenè definitionem, decretum, adscriptionem, aggregationem, statutum, relaxationem, et alia praemissa, ubique sufficiant; nec ad id probationis alterius ad miniculum requiratur.

§ 12.—Caeterum, quia difficile foret praesentes nostras literas ad singula loca, ubi opus esset, deferri; volumus, ut earum exemplis, etiam impressis, manu publici Notarii subscriptis, et sigillo alicujus personae in dignitate Ecclesiastica constitutae munitis, eadem ubique fides habeatur, quae ipsis praesentibus adhiberetur, si essent exhibitae vel ostensae.

§ 13.—Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostrorum decreti et voluntatem infringere, vel ei ausu temerario contraire.—Si quis autem hoc attentare praesumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, ac Beatorum Petri, et Pauli Apostolorum ejus, se noverit incursurum.

Datum Romae apud S. Petrum, Anno Incarnationis Dominicae 1623 8 Idus Augusti, Pontificatus nostri anno 1.

✠ Ego Urbanus Catholicae Ecclesiae Episcopus.

Traducção em Portuguez do Bullo antecedente.

Canonisação de S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus, Apostolo das Indias, e sua inscripção no numero dos Santos Confessores, com a instituição da sua festividade no dia 2 de Dezembro.

Urbano Bispo, Servo dos Servos de Deos.

PARA PERPETUA MEMORIA.

Conforme he á razão, e convem á equidade que aquellas cousas que procederam da resolução de um Pontifice Romano hajam de surtir o seu devido effeito sem embargo de não haverem sido exaradas as letras Apostolicas respectivas por sobrevir a morte do mesmo Pontifice.— E por quanto Gregorio Papa XV, nosso Predecessor de feliz recordação, piamente considerando que o unigenito e coeterno filho do eterno Padre, como descesse dos reaes assentos a este mundo para levar a effeito a salvação do genero humano, havia semeado a boa semente da sua palavra no campo do universo orbe, para que germinasse para os que crêm no fructo de todas as virtudes celestes, e por ultimo no da vida eterna; e que para incremento desta divina seara, sugeitando-se voluntariamente á ignominia da Cruz, derramara o seu preciosissimo sangue; e concluida finalmente a obra, a que fôra mandado, subira acima de todas as sublimidades dos ceos para haver de se sentar á direita do Padre na eternidade dos seculos; havia deixado na terra muitos seus servos e amigos, que á força de trabalhos, e vigilias, e pela effusão do proprio sangue á seu exemplo, cultivando esta divina semente, recolhessem no seu celleiro a mais abundante colheita que ser podesse; e a tal ponto a dilatassem que, segundo a promessa do Padre, todas as gentes e termos da terra lhe fossem dados em herança, e possessão: considerando que com quanto a sua palavra sempre prosperamente fosse passando de geração

em geração, todavia, quando era chegado o tempo de seu beneplacito desde a eternidade predestinado, para que o fructo fosse abundante, propagava á maneira de chuva inundante a sua grande misericordia sobre a universa semente dos filhos de Adão, e a gloria da sua Cruz até aos ultimos confins da terra e mar; e que a sua potencia se fazia verdadeiramente admiravel quando, descobertas tribus, linguas, povos, e nações d'antes desconhecidas, abrira nova e abundante messe, e nella multiplicára os operarios; e com tanta abundancia de fructos recompensara os seus trabalhos, que sendo elles os annunciadores, o som da prégação evangelica penetrára até aos extremos limites do orbe terreste; e desde o nascimento até ao occaso do sol, da banda do norte e do mar, o grande nome de nosso Senhor Deos era re etido em todas as nações; considerando que entre os mais que na vocação de tantas gentes o Senhor havia predestinado para levar avante o Sacramento da sua vontade, o seu egregio servo Francisco Xavier, novo Apostolo das Indias, principalmente brilhava pela gloria da sanctidade, e pelo explendor dos merecimentos; o qual como na sua juventude se houvesse perfeitamente conformado aos preceitos de Deos, e desprezadas as riquezas e dignidades do seculo, e feita abnegação de si mesmo segundo a palavra do Senhor, entregasse a sua alma pelo nome de Nosso Senhor Jesus Christo, fôra achado digno de ser pelo Espirito Santo encarregado de tão insigne obra; e constituido pela divina providencia como Capitão dos outros, fôra affluentemente decorado de partes apostolicas: considerando alem disso que pelos signaes do Apostolado que nelle se haviam feito manifestos pela sua paciencia, prognosticos, prodigios e virtudes, merecéra pelo unanime consenso de todo o orbe christão ser chamado Apostolo das novas gentes: resolveu o mesmo nosso Predecessor Gregorio por seu pastoral dever que por todas estas razões era decente que tão grande servo de Deos, que por sua gloria, e pela salvação das almas remidas

com o sangue do nosso Senhor Jesus Christo, havia padecido innumeros e maximos trabalhos e magoas; e passado grandes perigos por terra e mar, e a quem Deos tanto havia magnificado que o nome delle era honrado entre todas as nações, fosse declarado na Igreja militante por Santo e eleito de Deos; e suas virtudes, por serem eximias e excellentes, fossem propostas a todos os fieis christãos como dignas de ser imitadas; para que o povo christão dirigindo a exemplo delle as suas acções á honra de Deos, merecesse tê-lo em suas necessidades por intercessor perante Deos e nosso Senhor Jesus Christo; e para que todos os fieis christãos mais promptamente fossem excitados a louvar a Deos Omnipotente segundo a multidão das suas grandezas, e se augmentasse o ardor da devoção para com tão grande servo seu, pareceu-lhe opportuno explicar e patentear ao mundo a celeste e louvavel vida que elle na terra passou.

(Segue-se no resto do § 1.°, e nos §§ 2. 3, e 4 da Bulla a ralação da vida, morte, trasladações, e milagres do Santo.)

§ 5.—E daqui procedeu que como o omnipotente Deos clarificasse no braço excelso com tanto e tão grandes signaes ao seu servo, e por toda a redondeza da terra já se extendessem os pregões de tantas maravilhas; e por esse respeito não somente a devoção dos fieis christãos para com elle tivesse grandes incrementos, mas ainda os corações de muitos infieis recebessem a luz para conhecer a Deos e a nosso Senhor Jesus Christo; o dito D. João Rei de Portugal, movido do zelo da devoção, havia instado para que pelos diversos Ordinarios dos logares se fizessem averiguações sobre sua sanctidade e milagres.—Os quaes como diligentemente cumprissem este encargo; e com o correr do tempo todos os autos fossem enviados a esta Santa Sé, O Papa Paulo V de feliz memoria, tambem nosso predecessor, então seu, instando tambem Philippe III de clara memoria, Rei Catholico das Hespanhas,

pela canonisação do Servo de Deos, deputou a Horacio Lancellotto, de boa memoria, então Auditor da Rota; e sendo este sublimado á honra do cardinalato, ao amado filho Mestre João Baptista Coceino, Decano da mesma Rota; e igualmente a Francisco Sacrato, de boa memoria, então Arcebispo Damasceno, e que servia do Auditor da Rota, e depois cardeal da Santa Igreja Romana, os quaes não só examinassem os antigos processos, mas decretassem quantos novamente lhes parecesse que por auctoridade apostolica houvessem de ser feitos; e tudo finalmente referissem ao mesmo Paulo nosso predecessor juntamente como seu parecer delles.—Os quaes expediram letras remissorias aos diversos Prelados constituidos nos Reinos das Hespanhas, Portugal, e Indias; e no entretanto elles mesmos examinaram na Curia novas testemunhas.—E como os sobreditos Juizes tivessem satisfeito ao que lhes fôra encarregado transmittiram aos mesmos Auditores os processos por elles feitos.—Os quaes Auditores consideradas e pesadas todas as cousas com summa madureza por muito espaço de tempo (como o pedia a gravidade do negocio) referiram ao mesmo predecessor Paulo que segundo os decretos das leis canonicas abundantemente constava da sanctidade da vida e eximias virtudes do servo de Deos Francisco, e dos milagres que assim em sua vida, como depois de sua venturosa morte, o omnipotente Deos se dignára obrar pelos merecimentos e intercessão delle; e que o haviam por digno, se ao mesmo Santo Padre parecesse, que fosse lançado no cathalogo dos Santos Confessores.—E como nesse meio tempo fallecesse o sobredito Paulo nosso predecessor, e o sobredito Gregorio tambem nosso predecessor fosse pela divina providencia assumpto ao sagrado cume do Apostolado; e por parte do nosso, então seu, carissimo filho em Christo Philippe III, Rei Catholico das Hespanhas, fosse instantemente requerido que se dignasse promover este negocio, e leva-lo avante; e como accrescessem as preces de outros principes e

prelados, e de todo o Clero da India, que reverentemente supplicaram o mesmo; o sobredito Gregorio nosso predecessor, para que em tão grave negocio caminhasse com a madureza, que cumpria, remetteu a relação (256) dos sobreditos Auditores aos Cardeaes da Santa Igreja Romana, que presidem aos Sagrados Ritos, para que novamente discutissem todo o negocio com a maior diligencia que ser podesse.

§ 6.—Ao que tendo elles satisfeito com pontualidade, e como todos unanimemente votassem pela canonisação do servo de Deos, expoz Francisco Maria, de boa memoria, Bispo Portuense, Cardeal da Santa Igreja Romana chamado *de Monte*, em consistorio secreto perante o dito Gregorio nosso predecessor, e os veneraveis nossos, então seus, irmãos, Cardeaes da Santa Igreja Romana, de cujo numero então eramos, toda a summa do processo, e o seu parecer, e dos seus collegas.—Ouvidos os quaes, os demais Cardeaes por commum suffragio, pronunciaram que se devia proceder as ulteriores diligencias.—Pelo que como em publico consistorio nesse tempo Julio Zambeccario, então Advogado do Paço Consistorial, referisse muitas cousas da vida e virtudes deste servo de Deos, e exposesse as preces do mesmo Rei Catholico das Hespanhas a favor da mesma canonisação; e humildemente supplicasse que se dignasse proceder a ella; o dito Gregorio nosso predecessor, emcommendando

(256)—Esta relação eram as Actas da Beatificação, como já dissemos na nota (222) *in fine*.—A Beatificação do nosso Apostolo foi feita pelo Papa Paulo V, como se lê na Const. 121. p. 417 Tom. 3.º—Nesta occasião concedeu-se rezar Officio e Missa a Companhia de Jesus em todas as suas Igrejas nos Reinos da India Oriental, e *on Cidade Xavier em Pamplona*, a todos os Clerigos Seculares e regulares, no dia 2 de Dezembro. Bul. *Mag.* T. 1 p. 48 no Repert.—Vide a nota (222).—Não apresentamos aqui a Bulla da Beatificação por julgarmos desnecessaria em presença da da Canonisação.

muito ao Senhor a piedade e zelo religioso do mesmo Rei, respondeu que sobre tão grande cousa deviam ser consultados os Cardeaes da Santa Igreja Romana, e os Bispos presentes na Curia Romana.—E no entre tanto com intima affecto do seu coração exhortou vehementemente ao Senhor aos sobreditos Cardeaes e Bispos, para que em toda a humildade e lagrimas, em jejuns e esmolas supplicassem áquelle que he o caminho e verdade que se dignasse dirigir-lhe os passos pelos seus caminhos, para que entrasse na sua verdade e com seu auxilio podesse entender e levar avante o que mais bem acerto fosse na sua presença.—E assim no seguinte consistorio semipublico, a que mandou convocar não somente os Cardeaes, mas ainda aos Patriarchas, Arcebispos, e Bispos presentes na Curia; e sendo tambem presentes os Notarios da Sé Apostolica, e os Auditores das causas do Sacro Palacio Apostolico; como tivesse narrado muitas cousas da egregia vida e milagres do varão de Deos Francisco Xavier, e exposto quantas cousas este insigne servo de Deos padecéra pelo nome de Nosso Senhor Jesus Christo; e com quanto proveito (dando-lhe Deos o incremento) disseminara a sua palavra por incognitas nações; trazendo tambem á memoria as instancias que perante o dito Gregorio nosso predecessor eram feitas assim pelo Rei Catholico, como por outros Reis e Principes da Republica christãa, requerendo o parecer de cada um; todos a uma voz bem dizendo a Deos que glorifica aos que o honram, accordaram que o servo de Deos Francisco Xavier devia ser canonisado, e metido no numero dos Santos Confessores.—Ouvido o qual accordo de todos, exultou em Deos nosso Salvador, dando graças áquelle que lhe a gloria da nossa virtude, em cujo beneplacito se exalta o nosso poder contra todas as potestades adversas por se ter dignado de illustrar a sua Igreja naquelles dias com esta luz, e munil-a deste novo patrocinio.—Por tanto assignalou para a canonisação o dia abaixo declarado, e aos mesmos irmãos e filhos nossos admo-

estou com paternal caridade para que applicando-se a boas obras, supplicassem ao Deos das misericordias que se dignasse lançar sobre elles semblante sereno, e dirigir as suas acções ao aperfeiçoamento da vontade delle.

§ 7.—Finalmente cumpridas todas as cousas que na forma das sagradas constituições, e estilo da Igreja Romana se deviam fazer, aos doze de Março do segundo anno do seu Pontificado, na sacrosanta Basilica do Principe dos Apostolos, se congregou com os mesmos Cardeaes, e outrosim com os Patriarchas, Arcebispos e Bispos, Prelados da Curia Romana, officiaes, e familiares seus, Clero secular e regular, e muito concurso de povo.—E ahi, repetido pelo nosso amado filho, então seu, Cardeal chamado Ludovisio, do titulo de Santa Maria Transpontina, seu sobrinho segundo a carne, o decreto da Canonisação, e as petições feitas em nome do mesmo carissimo em Christo nosso filho Felippe Rei Catholico das Hespanhas por Julio Zambeccario sobredito Advogado, cantadas as sacras preces e Ladainhas, e implorada humildemente a graça do Espirito Santo; em honra da [illegible]tissima e individua Trindade, e exaltação da Fé [illegible]ca, por auctoridade do Omnipotente Deos Padre [illegible]o e Espirito Santo, e dos Bemaventurados Apos[illegible] S. Pedro e S. Paulo, e sua, com conselho e unidade acordo dos mesmos Cardeaes da Santa Igreja Romana, Patriarchas, Arcebispos, e Bispos presentes na Curia Romana, definio que Francisco Xavier, de gloriosa memoria, de cuja sanctidade de vida, sinceridade de fé, grandeza e frequencia de milagres plenamente constava, era Sancto; e decretou que seria dever lançal-o no catalogo dos Santos confessores, e o lançou nelle, e finalmente mandou que como verdadeiramente Santo fosse honrado e venerado por todos os fieis christãos.

§ 8.—E estatuio que pela universal Igreja fossem edificadas e consagradas em sua honra igrejas e altares, onde se offerecessem sacrificios a Deos; e em cada um anno a dous de Dezembro, dia em que foi chamado a

gloria celestial, se podesse celebrar o seu officio como de Santo Confessor na forma prescripta no Breviario Romano (257).

§ 9.—E com a mesma auctoridade misericordiosamente relaxou um anno e quarenta dias das penitencias impostas a todos os fieis christãos verdadeiramente penitentes e confessados que em cada anno no mesmo dia da festa forem a visitar o sepulchro onde jáz o seu corpo, e quarenta dias aos que forem na oitava da mesma festa (258).

§ 10—Por derradeiro, dadas a Deos graças com exultação, por ter honrado ao seu Sancto á vista de todas as nações, e decorado a sua Igreja com tão insigne esplendor; cantada em honra de S. Francisco a oração solemne dos Santos Confessores, celebrou Missa no altar do Principe dos Apostolos com a commemoração do mesmo Santo Confessor; e concedeu a todos os fieis christãos presentes plenaria indulgencia de todos os seus peccados.

§ 11.—E para que de nenhum modo se possa hesitar acerca da delinição, decreto, adscripção, mandado, estatuto, relaxação, e outras cousas sobreditas (por isso que as Letras do mesmo nosso predecessor Gregorio sobre essas cousas não foram passadas, por lhe sobrevir a morte) queremos, e por auctoridade apostolica decretamos, que a delinição, decreto, adscripção, estatuto, relaxação, mandado, e outras cousas sobreditas surtam o seu devido effeito desde o dito dia 12 de Março, como se sobre ellas as Letras do mesmo nosso predecessor Gregorio fos-

(257)—Por este paragrafo a resa do Officio do Santo Apostolo era facultativa, mas foi depois reclusida a preceito, e mandou-se inserir no Breviario Romano por Bulla de 14 de Junho de 1670, que vai adiante—Vid. Doc. n° 4.

(258)—A festa do Sancto do dia 2 do Dezembro, de que trata o § antecedente estava transferida para o dia 3, e as indulgencias desde § o foram depois pela Bulla de 18 de Julho de 1663, de que fazer se trata.

sem passadas em data do mesmo dia, como acima se refere; e que as presentes Letras sejam bastantes para em toda a parte provar a definição, decreto, adscripção, aggregação, estatuto, relaxação, e as outras cousas sobreditas, nem para isto se careça do adminiculo de outra prova.

Indulgentia plenaria perpetua pro visitantibus Ecclesias Societatis Jesu in Festo S. Francisci Xavieri, à die 2 mensis Decembris ad diem 3 ejusdem mensis translata.

ALEXANDER PAPA VII.

Ad perpetuam rei memoriam.

Cum sicut accepimus, aliás fel. record. Gregorius Papa XV. Prædecessor noster volens omnes, et singulas Ecclesias Presbyterorum Societatis Jesu ubique existentes aliquo spirituali munere illustrare, de Omnipotentis Dei misericordia, ac Beatorum Petri, et Pauli Apostolorum ejus auctoritate confisus, omnibus, et singulis utriusque sexus Christi fidelibus verè pœnitentibus, et confessis, ac sacra communione refectis, qui aliquam ex dictis Ecclesiis Presbyterorum Societatis Jesu ubique existentes, in Sancti Ignatii ultima Julii, ac S. Francisci Xaverii 2. Decembris mensium celebrari solitis festis diebus à primis Vesperis usque ad occasum Solis dierum hujusmodi singulis annis devotè visitassent, et ibi pro Christianorum Principum concordia, hæresum extirpatione, ac Sanctæ Matris Ecclesiæ exaltatione pias ad Deum preces effuderint, plenariam omnium peccatorum suorum indulgentiam, et remissionem in Domino perpetuo concessit, prout in ejusdem Gregorii Prædecessoris literis in simili forma Brevis die 8 mensis Junii 1622 desuper expeditis, quarum tenor præsentibus pro plene, et sufficienter expressis habero volumus, uberius continetur.

§ 1.—Cum autem sicut prædicti presbyteri Societatis Jesu Nobis nuper exposi fecerunt, quod Officium, et festum prædicti S. Francisci Xaverii die secunda ad tertiam diem mensis Decembris Apostolica auctoritate per Nos translata sint; Nobis propterea humiliter supplicari fecerunt prædicti Presbyteri Societatis

§ 12.—Mas porque seria difficultozo fazer chegar estas nossas presentes letras a todos os logares onde fosse necessario, queremos que aos trestados dellas, ainda impressos, subscriptos por mão de Notario publico, e munidos do sello de alguma pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê em toda a parte a mesma fé,

---

Jesu, ut Indulgentias, et peccatorum remissiones á prædicto Gregorio Prædecessore Ecclesiis Presbyterorum Societatis Jesu hujusmodi die festo ejusdem S. Francisci Xaverii, die 2 mensis Decembris, ut præfertur celebrari solitum contentas ad tertiam diem ejusdem mensis Decembris etiam transferre de benignitate Apostolica dignaremur.

§ 2.—Nos igitur eosdem Presbyteros Societatis Jesu spiritualibus favoribus, et gratiis prosequi volentes, supplicationibus illorum nomine Nobis super hoc humiliter porrectis inclinati, Indulgentias, et peccatorum remissiones á praedicto Gregorio Praedecessore Ecclesiis Presbyterorum Societatis Jesu die festo praedicti S. Francisci Xaverii die 2 mensis Decembris singulis annis celebrari solitis concessas, ad tertiam diem ejusdem mensis Decembris, servata tamen in reliquis omnibus, et singulis dicti Gregorii Praedecessoris literarum hujusmodi forma Apostolica auctoritate tenore praesentium perpetuó transferimus, et perpetuis futuris temporibus translatas esse decernimus, ità ut in posterum Christi fideles aliquam ex Ecclesiis Presbyterorum Societatis Jesu ubique existentium visitantes, Indulgentias, et peccatorum remissiones á praedicto Gregorio Praedecessore aliás concessas, non amplius secunda, sed tertia die mensis Decembris hujusmodi lucrabuntur.

§ 3.—Non obstan. ejusdem Gregorii Praedecessoris literis praedictis, ac Constitutionibus, et ordinationibus Apostolicis, necnon Cancellariae Apostolicae Regulis, caeterisque contrariis quibuscumque.

Volumus autem quod praesentium transumptis etiam impressis manu alicujus Notarii publici subscriptis, et sigillo personae in dignitate Ecclesiastica constitutae munitis, eadem prorsus fides exhibeatur, quae praesentibus adhiberetur, si forent exhibitae vel ostensae.

Dat. Romae apud S. Mariam Majorem sub Annulo Piscatoris, die 18 Julii 1663 Pontificatus nostri Anno nono.

que as proprias se duria, se apresentadas ou mostradas fossem.

§ 13.—A nenhum homem por tanto seja licito infringir esta pagina do nosso decreto e vontade, ou contradize-lo com temeraria ousadia.—E se alguem presumir attentar tal cousa, saiba que bade incorrer na indigna-

---

Traducção em portuguez da Bulla antecedente.

Indulgencia plenaria perpetua para os que visitarem as Igrejas da Companhia de Jesus na festa de S. Francisco Xavier, transferida do dia 2 para o dia 3 de Dezembro.

Alexandre Papa VII.

PARA PERPETUA MEMORIA.

Segundo fomos informados, em outro tempo o nosso predecessor de feliz memoria Gregorio Papa XV, querendo com alguma graça especial illustrar todas e cada uma das Igrejas dos Padres da Companhia de Jesu, confiado na misericordia de Deus omnipotente, e na auctoridade dos Bemaventurados S. Pedro e S. Paulo seus Apostolos, concedeu perpetuamente a todos e a cada um dos fieis christãos de ambos os sexos, que verdadeiramente penitentes, confessados, e commungados, devotamente visitassem alguma das ditas Igrejas dos Padres da Companhia de Jesus, em qualquer parte existentes, nos dias, ultimo de Julho, em que se costuma celebrar a festa de Santo Ignacio, e 2 de Dezembro, em que se celebra a de S. Francisco Xavier, desde as primeiras vesperas até ao pôr do sol destes dias em cada anno, e ahi dirigissem a Deos pias preces pela concordia dos Principes christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja, plenaria indulgencia de todos os seus peccados, e remissão em o Senhor, na forma em que mais amplamente se contém nas letras do mesmo nosso predecessor Gregorio, semelhantemente expedidas em forma de Breve no dia 8 do mez de Junho de 1622,

ção de Deos Omnipotente e dos Bemaventurados S. Pedro e S. Paulo seus Apostolos.

Dada em Roma em S. Pedro, no anno da Incarnação do Senhor de 1623, aos 6 de Agosto, primeiro anno do nosso Pontificado.

✠ Eu Urbano Bispo da Igreja Catholica.

---

cujo teor queremos que nas presentes seja havido por pleno e sufficientemente expresso.

§ 1.—Como porem os sobreditos Padres da Companhia de Jesus agora nos enviaram expôr que o Officio e festa do sobredito S. Francisco Xavier havia sido por nós por auctoridade apostolica transferido do dia 2 para no dia 3 do mez de Dezembro; e porisso os ditos Padres da Companhia de Jesus humildemente nos enviaram supplicar que tambem por benignidade apostolica nos dignassemos transferir as indulgencias e remissões de peccados concedidas pelo dito predecessor Gregorio ás Igrejas dos Padres da Companhia de Jesus no dia da festa do mesmo S. Francisco Xavier, que, como dito he, se costuma celebrar a 2 de Dezembro, para o dia 3 do mesmo mez de Dezembro.

§ 2.—Nós pois querendo favorecer com favores e graças espirituaes aos mesmos Padres da Companhia de Jesu, e inclinados ás supplicas que em seu nome humildemente nos foram dirigidas, com auctoridade apostolica, e pelo teor das presentes perpetuamente transferimos, e decretamos que nos tempos futuros por todo sempre fiquem transferidas para o dia 3 do mesmo mez de Dezembro as indulgencias e remissões de peccados pelo sobredito predecessor Gregorio concedidas ás Igrejas dos Padres da Companhia de Jesu no dia da festa do sobredito S. Francisco Xavier que em cada anno se costuma celebrar no dia 2 do mez de Dezembro, guardada toda via em todas e cada uma das mais cousas a forma das letras do dito predecessor Gregorio; de sorte que para o futuro os fieis christãos que visitarem alguma das Igrejas dos Padres da Companhia de Jesu em qualquer parte existentes, não hajam de ganhar no dia 2, mas sim no dia 3 do mesmo Dezembro as indulgencias e remissões de peccados pelo dito predecessor Gregorio outr'ora concedidas.

§ 3.—Não obstante as sobreditas letras do mesmo predecessor

N.º 4.

Indultum de Officio S. Francisci Xaverii in Breviario sub Ritu Duplici apponendo, et ab omnibus qui ad horas Canonicas tenentur, de Præcepto recitando.

CLEMENS PAPA X.

Ad perpetuam rei memoriam.

In eminenti Principis Apostolorum Sede, meritis licet imparibus divina disponente clementia, constituti, muneris nostri esse arbitramur, ut Sanctorum in cœlis regnantium, illorum præcipuè, quibus annunciantibus, Evangelicæ prædicationis sonus usque ad extremos Orbis terrarum fines penetravit, cultum, et veneration[em] in terris, quantùm Nobis ex alto conceditu, augere satagamus.—Itaque pro peculiari nostra erga S. Franciscum Xaverium Societatis Jesu, qui Apostolicis charismatibus affluenter decoratus, novarum Gentium Apostolus, unanimi totius Christiani Orbis consensu meruit

Gregorio, e as constituições e ordenações Apostolicas, e tambem as Regras da Chancellaria Apostolica, e outras quaesquer em contrario.

Queremos porém que aos transumptos das presentes, ainda impressos, subscriptos pela mão de algum publico Notario, e munidas com o sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê inteiramente a mesma fé, que se daria ás presentes, se apresentadas e mostradas fossem.

Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do signal do annel do Pescador, no dia 18 de Julho de 1668, nono anno do nosso Pontificado.

(Bull. Mag. T. 6. p. 187)

N. B.—He de observar que a indulgencia plenaria, e a festa transferida para o dia 3 de Dezembro, quando recahia em Domingo de Advento he passada para outro dia livre, por Urbano VIII, Const. 234 § 2 p. 312.

appellari, devotione, ejus venerationem condignis honorum incrementis, ampliare cupientes, auctoritate Apostolica tenore præsentium jubemus, ut ejus Officium de Mandato fel. rec. Alexandri Papæ VII prædecessoris nostri in Calendario Romano sub ritu Semiduplici appositum, in posterum sub ritu Duplici de præcepto in eodem apponatur, ab omnibus, qui ad horas Canonicas tenentur, tùm Sæcularibus, tùm Regularibus utriusque sexus ubique de praecepto recitandum.

§ 1.—Non obstantibus constitutionibus, et ordinationibus Apostolicis, caeterisque contrariis quibuscumque.

§ 2.—Volumus autem, ut earumdem praesentium literarum transumptis, seu exemplis etiam impressis, manu alicujus Notarii publici, vel Secretarii dictae Societatis subscriptis, et sigillo Praepositi Generalis ejusdem Societatis, vel alterius personae in Ecclesiastica dignitate constitutae munitis, eadem prorsus fides in judicio, et extra adhibeatur, quae praesentibus ipsis adhiberetur si forent exhibitae, vel ostensae.

Datum Romae apud S. Mariam Majorem sub annulo Piscatoris die 14 Junii 1670, Pontificatus nostri anno primo.

(Bull. Mag. T. 6. p. 303).

Traducção em Portuguez da Bulla antecedente.

Indulto para o Officio de rito duplex de S. Francisco Xavier ser posto no Breviario Romano, e de preceito recitado por todos os que são obrigados ás horas Canonicas.

Clemente Papa X.

PARA PERPETUA MEMORIA.

Constituidos por disposição da divina clemencia na eminente Sede do Principe dos Apostolos, posto que com fracos merecimentos, julgamos ser do nosso dever pro-

curar, quanto em nós do alto he concedido, augmentar na terra o culto e veneração dos Santos que reinam nos ceos, mórmente daquelles por cujo annuncio o som da prégação evangelica penetrou até os extremos limites do orbe terrestre.—E assim pela nossa particular devoção para com S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesu, o qual affluentemente decorado de partes apostolicas, por unanime consenso de todo o orbe christão mereceo ser chamado Apostolo das novas gentes, desejando ampliar a sua veneração com condignos incrementos de honras; com auctoridade Apostolica pelo teor das presentes mandamos que o seu Officio, por mandado do Papa Alexandre VII nosso Predecessor de feliz memoria, posto no calendario Romano sob rito semiduplex, para o futuro seja posto no mesmo sob rito duplex, e de preceito recitado em toda a parte por todos os que são obrigados ás horas canonicas assim seculares como regulares de um e outro sexo.

§. 1.—Não obstantes as constituições e ordenações Apostolicas, e outras quaesquer em contrario.

§. 2.—Queremos porém que aos transumptos ou copias destas presentes letras, ainda impressas, subscriptas por mão de algum publico Notario, ou Secretario da dita Companhia, e munidas do sello do Preposito Geral da mesma Companhia, ou de outra pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê inteiramente a mesma fé em juizo e fora delle que a estas mesmas presentes se daria, se apresentadas ou mostradas fossem.

Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do signal de annel do Pescador no dia 14 de Junho de 1670, primeiro anno do nosso Pontificado.

N.º 5.

Estabelecimento de luminarias e procissão.

Senhor.—Confessam os moradores desta Cidade de Goa

dever sua conservação e defensa ao Glorioso Apostolo deste Oriente S. Francisco Xavier, e que seu sagrado corpo que se venera na Igreja da Casa Professa da Companhia de Jesus, são as muralhas, e soldados que tem defendido, e defende dos inimigos do nome de Christo, que cada hora intentam suas ruinas, havendo em todos este conhecimento, não se vê demostração alguma d'obsequio particular, em reconhecimento de tantos e tão continuados beneficios.—Nesta consideração me vejo obrigado a pedir a V. A. prostrado a seus Reaes pés seja servido ordenar aos Officiaes da Camara desta Cidade de Goa, que na noute da vespera em que a Igreja celebra sua festa haja luminarias em toda a Cidade, e que ao dia seguinte saam os ditos Officiaes da Camara, com o Cabido em procissão da Sé a dita Igreja da Casa Professa, e Capella a onde esta o Sagrado Corpo deste glorioso Santo com a solemnidade, que se costuma a fazer nas mais procissões, que por Ordem de V. A. se fazem no decurso do anno.

Espero da Real grandeza, e piedade de V. A. o bom despacho desta supplica, e que a Religiosa attenção de V. A. supra a pouca que estes moradores ate agora hão tido com um tão insigne bemfeitor seu, o Apostolo da India.—Deos Guarde a Real pessoa de V. A. muitos annos como seus Vassallos desejamos. Goa, 24 de Janeiro de 1681.—*Antonio Paes de Sande.*

(*Liv.* das Mong. n.° 45 p. 197)

Francisco de Tavora, V. Rei da India, Amigo. Eu o Principe vos envio muito saudar.—Havendo mandado ver o que me escreveo o Governador Antonio Paes de Sande em Carta de 24 de Janeiro do anno passado, acerca de se dever a conservação e defensa dessa Cidadade de Goa ao Glorioso Apostolo S. Francisco Xavier, e seu Sagrado Corpo, que se venera na Casa da Companhia de Jesus, era a muralha, e infanteria, que defendia a mesma

Cidade dos inimigos, que a intentavam arruinar, e havendo em todos os moradores este conhecimento não se via demostação alguma de obsequio, em reconhecimento de tantos e tão continuos beneficios; Me pareceu dizer-vos, que aos Officiaes da Camara e Cabido dessa Cidade mando ordenar, que na noute da vespera, em que a Igreja celebra a sua festa, haja luminarias em toda a Cidade e ao dia seguinte saiam os mesmos Officiaes com o Cabido em procissão da Se á dita Igreja da Casa Professa, e Capella, aonde está o Sagrado Corpo deste Glorioso Santo, com a solemnidade que se costuma fazer nas mais procissões, que por ordem minha se fazem no decurso do anno, por ser merecedor este Glorioso Apostolo de toda a veneração, e vos ordeno tambem que assim se faça infalivelmente.—Escripta em Lisboa, a 16 de Março de 1682. =PRINCIPE=*Conde de Val de Reis*, P.—Para o V. Rei, e Capitão Geral da India.

(Liv. das Monç. n.° 47 p. 127.)

N.° 6.

Arbitramento de 500 xeraſins para a festividade.

Eu El-Rei faço saber aos que esta minha provisão virem, que tendo respeito ao V. Rei da India Francisco de Tanora por ordem minha haver mandado passar provisão na conformidade..... no Conselho da Fazenda do dito Estado para que o Vedor geral delle mandasse pelo Thesoureiro do mesmo Estado 500 xeraſins (259) em cada anno ao Padre Procurador da Casa Professa de Bom Jesus da Cidade de Goa para a festa do Glorioso S. Francisco Xavier, consignados na renda dos namoxins das terras de

(259)—Estes 500 xeraſins foram reduzidos a 335 xeraſins, ou ao mais que se despender dentro dos mesmos 500 xeraſins, por Provisão de 7 de Fevereiro de 1782.

Salcete, e tendo consideração ao que se me representou por parte do Padre Preposito da dita Casa, e ao que respondeu o Procurador da Minha fazenda a que se deu vista.—Hei por bem fazer mercê a dita Casa Professa de Bom Jesus da Cidade de Goa dos quinhentos xerafins de esmola em cada um anno para a festa do glorioso S. Francisco Xavier na forma da provisão e assento tomado no Conselho da Fazenda da India.—Pelo que mando ao meo V. Rei, ou Governador do Estado da India, e ao Vedor geral de minha fazenda delle cumpram e guardem esta provisão, e a façam inteiramente cumprir e guardar como nella se contem sem duvida alguma, e valerá como carta, sem embargo da ordenação do L.° 2.° T. 40 em contrario, e se passou por duas vias, uma só haverá effeito, e pagou de novo direito nada, por os não dever como constou por certidão do Escrivão dos novos direitos Manoel Peixoto de Carvalho.—Manoel Pinheiro da Fonceca a fez em Lisboa, a 17 de Dezembro de 1683.—O Secretario *Andre Lopes de Lacre*, a fez escrever.—REI—(260).

(Liv. de registo de Alv. Reaes n.° 8. p. 27 v.)

---

(260)—Este documento deixa ver que a festa do Glorioso Apostolo estava a cargo do Padre Procurador da Casa Professa de Bom-Jesus: ella passou depois da extincção da Ordem dos Jesuitas ao Administrador daquella Casa e Capella do Santo, e elle a solemnisou até o anno de 1839, e no anno seguinte por Portaria de 28 de Novembro passou (por equivoco, como se deve suppor) á gerencia do Cabido até o anno de 1850, em que voltou á direcção do referido Administrador da Casa, como se vê dos in clusos documentos.

N.° 1398.—O Governador Geral Interino do Estado da India, determina o seguinte:

Cumprindo não deixar de celebrar as Festividades solemnes do Corpo de Deos, Santa Catharina, e S. Francisco Xavier, que até agora tem estado a cargo da Camara Municipal destas Ilhas, que aliás não tem hoje meios de accudir ás despezas que demandam;

N.° 7.

Designação de lugares para as Corporações, Tribunaes etc.

Senhor.—Para pompa e solemnidade da festa, que do Glorioso Apstolo S. Francisco Xavier se celebra aqui no seu dia, tem Vossa Magestade ordenado, que na vespera faça procissão como as mais do uso a Camara e o Cabido, e no dia assistam os Tribunaes a aquella celebridade, e estando em uso assistir o Conselho do Estado, Relação, Camara, e Cabido, achei no anno passado duvida entre os Conegos, que pertendiam lugar superior a Relação, e assistiam sem sobrepelises, nem murças á dita festa.

---

e devendo estas Festividades ser feitas com a maior pompa, e solemnidade (sem exclusão da economia necessaria) com que se tributo gloria a Deos, honra aos seus Santos, Patronos deste Estado, e louvores ao Altissimo em dias de nossos triunfos: Hei por conveniente, que taes Festividades sejam de ora avante dirigidas pelo Reverendo Cabido da Sé Primacial, sendo a sua despeza por conta da Fazenda.—Espero do zelo inherente a tão respeitavel Corporação, que procurará dar-lhes o maior lustre, cortando ao mesmo tempo por gastos abusivos, taes como, a profusa distribuição de velas aos convidados, e outras, que nada tem de commum com o explendor do culto.—O mesmo Cabido, a mais Authoridades, a quem o conhecimento, e execução desta pertencer, assim o tenham entendido, e executem.—Palacio do Governo Geral em Pangim, 28 de Novembro de 1840.—*J. J. Lopes de Lima.*

(Boletim n.° 52 de 1840 p. 285)

N.° 375.—O Governador Geral do Estado da India, determina o seguinte:

Hvendo-me representado o Administrador da Igreja e Casa do Bom-Jesus, que, tendo sido sempre por Ordens Regias, do cargo do mesmo Administrador a direcção da festividade de S. Francisco Xavier; fôra ella por equivoco, em virtude da Portaria do Governo do Estado, de 28 de Novembro de 1840, entregue ao Cabido da Sé Primacial de Goa, simultaneamente com as festivida-

O estilo que se observava he que no arco da Capella-mór fica o sitial do Vice-Rei da parte do Evangelho, e á sua mão direita corre o Conselho do Estado, e a baixo delle o Senado da Camara, e da parte de Epistola fica a Relação em correspondencia do dito Conselho, resol-

---

dos do Corpo de Deus, e St.ª Catharina; e reconhecendo que não ha razão alguma para não confiar exclusivamente ao referido Administrador Caetano João Peres, a direcção d'aquella festividade ao passo que he elle, quem guarda as preciosidades que pertencem ao mesmo Santo; e tem d'entregal-as e recebel-as com a mais escrupulosa mindeza na gerencia de mais Administradores; sendo a responsabelidade toda sua; havendo, em fim, o Cabido da Sé, que ouvi sobre a respectiva Representação, declarado, que aceitára com repugnancia o onus em questão; e que attendendo ás ponderações feitas pelo Administrador do Bom-Jesus não tem duvida, em que a elle reverta a mencionada festividade; Hei por conveniente determinar, que fique desobrigado o Cabido da Sé do dirigir a festividade de S. Francisco Xavier, e passe a ser dirigida, como fôra d'antes, pelo Administrador da mesma Casa, o Conego Caetano João Peres; vigorando em tudo o mais as disposições da mesma Portaria. As Authoridades, a quem competir, assim o tenham entendido e executem. Palacio do Governo Geral em Nova-Goa, 24 de Dezembro de 1850.—*José Ferreira Pestana.*

(Bol. n.º 32 de 1850 p. 415.)

Esta ultima Portaria foi approvada pela do Ministerio da Marinha e ultramar do teor seguinte:

N.º 2479.—Sua Magestade A Rainha, Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, participar ao Governador Geral do Estado da India, em resposta ao Officio daquelle Governo, de 10 de Janeiro ultimo n.º 7, que Houve por bem Approvar a Portaria de 24 de Dezembro do anno passado, que o mesmo Officio inclue por copia, e pela qual foi resolvido que a festividade de S. Francisco Xavier passe a ser, como d'antes era, dirigida pelo Administrador da Igreja e Casa do Bom-Jesus, aonde he celebrada a mesma festividade.—Paço, em 21 de Março de 1851.—*Fernando de Castellões.*

(Bol. n.º 13 de 1851 p. 142.)

vi que o Cabido se sentasse da Capella mór para dentro chegado ao altar, porque assim lhe dava o lugar mais decoroso, e devido ao Ecclesiastico, e obviava com esta separação terem com os Tribunaes, que representam a Vossa Magestade, contenda, determinei tambem assistissem com sobrepelises e murças, habito canonical, porque assim só fazem Cabido, estão com respeito, e authorisam o acto da assistencia na Igreja: a tudo obedeceram e porque assim o ajustei com o Arcediago, tudo observaram (261).

(261)—Esta designação de logares foi novamente regulada por Portaria do teor seguinte:

N.º 1346.—O Governador Geral Interino do Estado da India, determina o seguinte:

Tendo reconhecido a pouca ordem que reina nas Festividades Religiozas, a que devem assistir as Corporações, e altos Funccionarios do Estado por Determinações da Côrte, e antigo costume; e sendo do meu dever fazer observar nessas Solemnidades a maior regularidade, e decoro, como foi recommendado ao Conde de Sarzedas, Vice-Rei que foi deste Estado em Carta Regia de 28 de Fevereiro de 1811: Hei por conveniente, que de ora em diante em todas as funcções solemnes, que se celebrarem nos Templos desta Capital se observe, na disposição dos logares, em harmonia com a citada Carta Regia, a ordem seguinte:—Na Capella-mór do lado do Evangelho á direita da Cadeira d'Estado do Governador Geral se collocarão tamboretes forrados para os Membros do Conselho do Governo, e Secretario, seguindo-se-lhe a Camara Municipal, segundo a pratica antiga.—Do lado da Epistola, em frente da cadeira do Governador ficará a Relação no logar, que lhe he assignado, seguindo-se-lhe a Junta da Fazenda, e o Supremo Conselho de Justiça Militar.—E haverá ahi tambem cadeiras para Officiaes Generaes, Intendente da Marinha, Juizes da 1.ª Instancia, Administrador do Concelho, e Ajudantes d'Ordens do Governo.—No Corpo da Igreja, junto a Têa, terão assento em cadeiras os Officiaes Superiores dos Corpos Militares, e Chefes das Repartições Civis, seguindo-se Banqueta para todos os outros Officiaes, Empregados publicos, e mais pessoas de distincção.—As Authoridades, e Pessoas, a quem o conhecimento e

Este anno estando eu na fe. de que o mesmo praticavam, sem me haverem dito palavra entraram no dia da festa com barretes e capas, e mandando eu lhe dizer que assistissem a festa, se foram dizendo que não traziam ordem do Cabido para o fazerem.

Escandalisou esta acção a todos por ser contra o que estava assentado, e por se faltar ao culto que um tão grande Santo merece, e na Igreja, onde está seu veneravel corpo, e porque lhe deve este Estado maior veneração por tantos favores e beneficios.

Propuz no Conselho do Estado esta materia, venceu-se que eu extranhasse ao Cabido por carta, e desse conta a V. Magestade para resolver o que fôr servido. Deos Guarde a muito alta e muito poderosa pessoa (*sic*) por felessissimos annos.—Goa, 5 de Dezembro de 1694. —*Conde de Villa-Verde.*

(Liv. das Monç. n.° 58 fl. 318)

Conde de Villa-Verde, Vice-Rei da India, Amigo.—Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que amo. —Vio-se a vossa Carta de 5 de Dezembro de 1694, em que me daes conta do que despuzestes na ordem da assistencia que os Tribunaes fazem na Igreja do Veneravel S. Francisco Xavier no dia da sua festa, e o que o Cabido obrou contra o que tinha comvosco assentado.

E parece-Me dizer-vos que obrastes bem no particular de que dais conta, e assim deveis estranhar ao Cabido em não assistirem os Conegos a esta festa do Veneravel S. Francisco Xavier, com murças e sobrepelizes, e no lugar que lhe destinastes.—Escripta em Lisboa, a 4 de Fevereiro de 1697.—REI—*Conde de Alvor*—Para o Conde de Villa-Verde, Vice-Rei da India.

(Liv. das Monç. n.° 61 fl. 162)

---

execução desta peticonçer, assim o tenham entendido, e executem. Palacio do Governo Geral em Pangim, 24 de Novembro de 1850. —*J. J. Lopes de Lima.* (Bol. n.° 51 de 1850 p. 277)

Com esta mando remetter a V. S.ª uma copia da Carta de S. Magestade que Deos Guarde, vinda na presente monção, e della verá V. S.ª a forma com que devem assistir na festa do veneravel S. Francisco Xavier, e como ao anno seja o seu dia, devem todos os Capitulares dessa Sé Primacial irem assistir a festa do dito Santo na forma que S. Magestade dispoem. Deos Guarde a V. S.ª. Panelim, 2 de Dezembro de 1697.—*O Conde de Villa-Verde.*

(L.º de Cartas e Ordens de 1693 a 1698 fl. 96 v.)

Vi a carta que V. S.ª me escreveu, e reparo muito de dizer-me tinha escripto ao Padre Provincial da Companhia para lhe ter lugar preparado quando este bade ser na forma que S. M. que Deos Guarde manda, que he o mesmo que eu tinha disposto a V. S.ª no 1.º anno que assisti a festa de S. Francisco Xavier, á qual espero venha assistir V. S.ª sem mayer outra duvida para assim se observar o que o dito Sr. manda por sua carta cuja copia mandei hoje remetter.—Deos Guarde a V. S.ª Goa, 2 de Dezembro de 1697.—*O Conde de Villa-Verde.*

(Liv. de Cartas e Ordens de 1693 a 1698 fl. 96 v.)

N.º 8.

Inauguração do Santo em Defensor do Oriente.

Vice-Rei e Capitão General do Estado da India, Amigo.—Eu El-Rei vos envio muito saudar.—São tantos e tão grandes os beneficios que esse Estado deve a Deos Nosso Senhor pela intercessão do bemaventurado S. Francisco Xavier, sendo o seu Sagrado Corpo aquelle que sempre o livrou das invasões dos seus inimigos, e que já mais amnará (*sic*) aos Portuguezes, para que os vençam com gloria de Deos e das Armas de Portugal. E desejando de algum modo mostrar o meu agradecimento, e

a minha particular devoção para tão grande e prodigioso Santo, me resolvi a tomar por *Defensor do Oriente* ao seu Glorioso Apostolo S. Francisco Xavier, e vos ordeno que na Igreja, em que está o seu Sagrado Corpo, façais celebrar uma solemne festa com assistencia do Cabido, Camara, e Nobreza dessa Cidade, e que no Sermão se declare que aquella celebridade he em obsequio do Santo Apostolo Xavier, ao qual tomo por *Defensor do Oriente*, e nas mais Cathedraes do dominio desta Coróa, entrando tambem a do Administrador dos Rios, fareis celebrar a mesma festa.—Com tão grande Defensor tereis rezão de não temer os inimigos desse Estado, e de esperar que os maiores perigos serão para fazer mais gloriosos os triumfos, pois se vê empenhado na defensa do Oriente aquelle valente braço de que a poderosa mão de Deos vinculou o seu poder para exaltar o seu nome, e consternar a seus inimigos.—Escripta em Lisboa, a 24 de Março de 1699.=REI=Para o V. Rei do Estado da India, 1.ª via.—n.º 102 (262).

(Liv. das Monç. n.º 62 fl. 109).

Senhor.—Tenho satisfeito ao que V. Magestade por esta Carta me ordena com a festa que se fez ao Glorioso Apostolo S. Francisco Xavier na Igreja de Bom Jesus, em que jaz o seu Santo Corpo, com toda a solemnidade e no sermão della se fez a todos notoria esta Carta de V. Magestade, por se declarar com ella melhor a

---

(262)—Já temos fallado, e apresentado no corpo da Obra a estampa do Medalhão de ouro desta inauguração.

Antes de El-Rei D. Pedro tomar ao maravilhoso Apostolo por *Defensor* da India, o Senado da Camara da Bahia então capital do Brazil o havia inaugurado *Padroeiro* daquella Cidade, com voto da festa, o que fôra approvado por Provisão Regia de 3 de Março de 1687, como se lê no Reportorio Remissivo da Legislação da Marinha e Ultramar por Antonio Lopes da Costa Almeida, da edição de 1856, com referencia a Ribeiro Tom. 3. p. 61.

pia devoção e consumada fé que V. Magestade tem no dito Santo, por meio dos prodigiosos milagres que obrou neste Oriente, e com um tão singular defensor não tem que temer hoje os moradores delle os inimigos communs da Christandade; e em todas as mais Igrejas Cathedraes tenho mandado fazer solemnemente a dita festa (263), e nesta monção hirá ordem para que nos Rios se acábe de consumar o acto desta festividade, e todos com mui justa razam devemos esperar que pela intercessão deste glorioso Apostolo triumphem as Armas de V. Magestade dos inimigos que se lhe oppoem, e que em tudo se adiantem nos progressos, e nas felicidades com que as desejamos ver esclarecidas.—A Muito alta. etc. Goa 22 de Dezembro de 1699—*Antonio Luiz Gonsalves da Camara Coutinho.*

(Liv. das Monç. n.° 63 p. 110)

N.° 9.

Officio, em que o V Rey dá conta que lhe parece que o Santo Apostolo aceitára o titulo de Defensor.

Senhor.—A 26 de Dezembro entrou nesta barra a Fragatinha Bom Jesus de Masagão, que V. Magestade foi servido mandar em minha Companhia, a qual eu a tinha despedido para o Norte para andar a corso contra os inimigos Arabios, trouxe uma presa que foi sentenciada a favor da Fazenda de V. Magestade em 80 mil xerafins, que constava de marfim, ambar, tartaruga, e chanda-

(263).—He verdade que se expediram Ordens para em todas as Fortalezas e Praças do Norte inaugurarem ao Grande Xavier *Defensor da India*, e solemnisarem a sua festa; e consta tambem que se mandára abonar ao Feitor de Chaul 140:2:00 que gastou para aquelle acto, por Assento do Conselho da Fazenda de 21 de Janeiro de 1700 (Liv. 18 C. 139).

posso, he para notar que foi tomada no dia de S. Francisco Xavier, com que parece que o Santo acceitou a protecção que V. Magestade lhe offerece. Goa 7 de Janeiro de 1709.—*Antonio Luiz Gonsalves da Camara Coutinho.*

(L.° das Monç. n.° 63 de 1699 fl. 412.)

N.° 10.

Officio do Vice-Rei do Estado, dando conta da desobediencia do Senado em assistir a festa, e da reprehensão que lhe dera.

N.° 19.—Senhor.—Em Carta de 21 de Março de 1699, foi V. Magestade servido ordenar a Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho Vice-Rei que foi deste Estado, que na Igreja em que está o sagrado corpo do B. Apostolo S. Francisco Xavier fizesse celebrar uma solemne festa, com assistencia do Cabido da Sé Matriz desta Cidade, Camara e Nobreza della, como se tem observado até o presente; E porque os Officiaes da Camara da vereação passada de setecentos e dez faltaram a esta obrigação não querendo assentar-se nos seus Jugares por serem abaixo dos Conselheiros do Estado, que ficam junto ao citial do V. Rei como sempre foi uzo e custume na mesma linha a mão direita do mesmo Vice-Rei, como a V. Magestade poderão informar os Vice-Reis que foram da India, e se acham nessa Côrte, se resolveram os ditos Vereadores a se hirem da dita Igreja, com o pretesto de ficarem os seus assentos no pavimento della abaixo do degrão do cruzeiro da dita Igreja, acção que escandalizou a todo o Povo que devotamente assistia naquella festividade, pelo que me foi forçoso advertil-os deixando de dar conta a V. Magestade por lhes escuzar a reprehenção que merecem, entendendo não seria necessario maior diligencia para emmenda desta incivilidade; mas como os vereadores da presente vereação

seus sucessores a seu exemplo continuaram este erro, os reprehendi asperamente (264), a respeito de faltarem as Ordens de V. Magestade, sem desculpa de sua ignorancia, assi o fiz sem sahir da modestia com que trato a todos os Ministros, e aos mesmos vereadores, reservando o castigo de que se tem feito dignos para a Real Severidade com que V. Magestade os deve punir, porque de outra sorte obraram absolutamente o que lhes parecer sem a atenção e respeito com que deve executar as Ordens de V. Magestade e dos V. Reis deste Estado.— Deos guarde e prospere a Real pessoa de V. Magestade os felices e ditosos annos que todos seus vassallos dezejamos.—Goa, 19 de Dezembro de 1711.—Rubrica do V. Rei *D. Rodrigo da Costa*.

(Liv. das Monç. n.º 77 fl. 130)

N.º 11.

Declaração Apostolica de S. Francisco Xavier em Patrono de toda a India.

Illm.º e Exm.º Sr.—Os Padres da Companhia desejando augmentar a devoção do seu Santo Xavier, e que toda India reconheça o seu patrocinio, me requerem que proponha a S. Magestade ser conveniente que o dito Senhor queira impetrar de S. Santidade, que nomee ao mesmo Santo *Patrono* de toda a India, desde o Cabo de Boa-Esperança até a China, e Japão, como o he de toda a Hespanha, com rito de Duplex da primeira classe, e com oitava.—Não sei se a esta pertenção terá legitimos

---

(264).—Deria ser de viva vóz, porque no Livro respectivo não ha registo de algum Officio a tal respeito.

embargos o Apostolo S. Thome, nem se elle he declarado Patrono da India, mas ainda que assim seja, não faltam titulos, com que se possa fomentar a devoção e o culto do mesmo Santo Xavier na India, onde brilharam mais as suas virtudes.—Eu refiro o requerimento dos seus Padres, que não discorda da minha particular devoção ao mesmo Santo.—S. Magestade determinará o que fôr servido. Deos Guarde a V. Ex.ª muitos annos.—Goa, 28 de Janeiro de 1745.—*Marquez de Castello-Novo.*

(Liv. das Monç. n.º 117 fl. 312).

Illm.º e Exm.º Sr.—Sendo presente a S. M. a carta, em que V. Ex.ª referiu, e apoiou o requerimento dos Religiosos da Companhia de Jesus, para se sollicitar da Sé Apostolica que declarasse a S. Francisco Xavier Patrono principal de todo o Oriente, desde o Cabo de Boa-Esperança até o Japão; o mesmo Senhor não só approvou e louvou a pretenção, mas excitado da sua natural piedade, e da particular devoção, que professa a aquelle Santo Taumaturgo, e Precursor das Missões Orientaes, mandou logo rogar ao Papa instantemente, para que se dignasse deferir a tão pia e justa supplica.—Assim o determinou S. Santidade pelo Breve incluso, de que V. Ex.ª fará collocar o original no Archivo desse Estado, mandando entregar um dos tres transumptos authenticos, que juntamente lhe envio, ao Reverendo Arcebispo Primaz, para que o participe a todas as Igrejas da sua dependencia; outro ao Provincial da Companhia de Jesus da India, e o terceiro deve ficar a V. Ex.ª; pois teve tanta parte neste negocio.—Deos Guarde a V. Ex.ª a 27 de Março de 1748.—*Marco Antonio de Azevedo Coutinho.*—Senhor Marquez de Alorna.

(Liv. das Monç. n.º 121 fl. 315).

Breve Apostolico (265)

BENEDICTUS PP. XVI.

Ad perpetuam rei memoriam.

Indiarum Gentibus Beati Francisci Xavierii Societatis Jesu, qui Apostolicis Charismatibus affluenter decoratus novarum Gentium Apostolus unanimi totius Christiani Orbis consensu meruit appellari, praedicatione, et mira-

---

(265)—Antes de ser nosso Santo por este Breve Padroeiro de toda a India, já em 1657 havia sido proclamado Padroeiro do Reino de Navarra, decidindo uma questão suscitada a tal respeito, como se conhece da seguinte:

BULLA.

Quod in Regno Navarrae quotannis recolant Festa Sanctorum Firmini, et Francisci Xaverii tanquam de Patronis atque Principalibus dicti Regni, ex praecepto Ecclesiae.

ALEXANDER PAPA VII.

Ad perpetuam rei memoriam.

Sacrosancti Apostolatus Officii Nobis per abundantiam divinae bonitatis, nullo licet Nostrorum suffragio meritorum impositi debitum exposit, ut veneration Sanctorum Domini in terris augendae, necnon Christifidelium tranquillitati, et animorum concordiae conciliandae, quantum Nobis ex alto conceditur, studeamus.

§ 1.—Itaque ad secundas graves, et scandalosas contentiones, magno cum publicae quietis et animarum salutis discrimine in Regno Navarrae jamdiu super patronatibus Sanctorum Firmini Martyris, et Francisci Xaverii Confessoris excitatas, paterna charitate seduló intenti, ac praeterea considerantes, quod Congregatio Venerabilium Fratrum Nostrorum Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalium Sacris Ritibus praepositorum, necnon dilecti filii Capellani Nostri, et Causarum Palatii Apostolici Auditores, re pluries maturè perpensa, acriterque discussa, probationes hinc inde allatas nostri partium satis suffragari, imò in pluribus eas deficere dignoscentes, rem ipsam etiam cum ingenti partium ea-

culis ex tot, tamque dissitis regionibus Catholicae Ecclesiae aggregatis, ut gloriosa ejusdem merita alacrius veneranies, et relicta sibi quoque praeclara virtutum exempla ardentius imitantes praesentissimum illius in Caelis apud mirabilem in Sanctis suis Deum sibi patrocinium certo polliceri valeant, ipsum Sanctum Franciscum novis honorum incrementis colendum, novoque titulo in terris decorandum, invocandumque proponimus,

---

rundem dispendio, gravique incommodo, numquam, vel sero difficillime terminandam, indecisam dimiserint.

§ 2.—Motu proprio, non ad alicujus personae Nobis super hoc oblatae petitionis instantiam, sed ex certa scientia, et matura deliberatione Nostris deque Apostolicae potestatis plenitudine, ac ex speciali gratia, tam praedictis, tum aliis ex causis Nobis tantum notis animum nostrum moventibus, Clero seculari, et regulari, necnon Universitatibus, et Populo Pampilonensi, totiusque Regni Navarrae hujusmodi harum serie injungimus, ut quotannis, tamquam de Patronis aeque principalibus dicti Regni ex praecepto Ecclesiae recolant festa praefatorum Sanctorum Firmini Martyris, et Francisci Xaverii Confessoris, eorumdemque Officia, et Missas cum Octavis aeque in posterum recitent, et respective celebrent.

§ 3.—Non obstantibus praemissis, ac Constitutionibus, et Ordinationibus Apostolicis, ac quatenus opus sit dicti Regni, et aliis quibusvis etiam juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis statutis, et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis, et literis Apostolicis in contrarium praemissorum quomodolibet concessis, confirmatis, et innovatis.—Quibus omnibus, et singulis, illorum tenores praesentibus pro plene, et sufficienter expressis, et ad verbum insertis habentes, illis alias in suo robore permansuris, ad praemissorum effectum, hac vice dumtaxat specialiter, et expresse derogamus, caeterisque contrariis quibuscumque.

§ 4.—Volumus autem, ut praesentium transumptis etiam impressis, manu alicujus Notarii publici subscriptis, et sigillo personae in ecclesiastica dignitate constitutae munitis, eadem prorsus fides in Judicio, et extra adhibeatur, quae praesentibus ipsis adhiberetur si forent exhibitae, vel ostensae.

(Bull. Mag. T. 6. p. 54.)

atque mandamus.—Etsi autem pro singulari pietate, et incensibili erga res Sacras, Sacrosanctae religionis rationes, et Sanctorum reverentiam zelo suo Carissimus in Christo filius noster Johannes Portugaliae, et Algarbiorum Rex illustris per dilectum filium Emmanuelem Pereira de Sampaio, militiae Jesu Christi Commendatorem

---

Traducção em portuguez da Bulla antecedente.

Para que no Reino de Navarra se festejem os Santos Firmino, e Francisco Xavier sejam havidos por preceito da Igreja como de Padroeiro e Principaes daquelle Reino.

Alexandre Papa VII.

PARA PERPETUA MEMORIA.

O dever do sacrosanto Officio do Apostolado a nós, posto que sem merecimentos nossos, imposto por abundancia da divina bondade, pede que procuremos augmentar na terra a veneração dos Santos do Senhor, e outrosim conciliar a tranquilidade dos fieis christãos, e a concordia dos animos, quanto do alto nos he concedido.

§ 1.—E assim dirigindo attentamente os nossos cuidados a compôr com paterna caridade as graves e escandalosas contendas, com grande risco do publico socego e salvação das almas no Reino de Navarra ha muito tempo excitadas, sobre o Padroado dos Santos Firmino, Martyr, e Francisco Xavier, Confessor; e alem disto considerando que a Congregação dos veneraveis irmãos Cardeaes da Santa Igreja Romana propostas aos Sagrados Ritos, e tambem os amados filhos nossos Capellães e Auditores das causas do Sacro Palacio, maduramente e muitas vezes examinado o negocio, e fortemente dubatido, conhecendo que as provas de parte a parte adduzidas a nenhuma dellas suffragavam assaz, antes em muitos pontos eram deficientes, deixaram indeciso o mesmo negocio, que ainda com grande dispendio e grave incommodo das mesmas partes, tarde, ou nunca, e mui difficilmente seria terminado:

ejusdem Johannis Regis negotiis apud Nos et Apostolicam hanc Sanctam Sedem expediendis Praepositum Nobis supplicavit, ut tanti Indiarum Apostoli cultum, et venerationem in terris, quantum Nobis ex alto conceditur, adaugere satagamus; ipsa tamen in Sinarum maxime Regno in Christifideles ibi degentes mota, atque in Evangelicae praesertim praedicationis Operarios saeviens persecutio, ut pii laudati Johannis Regis votis ac precibus, paterna benignitate obsecundantes, id praestemus alacrius, vehementer urget et extimulat.—Itaque ad majorem Dei laudem, divinique cultus augmentum auctoritate Apostolica tenore praesentium Sanctum Franciscum Xaverium Patronum principaliorem, ac protectorem Indiarum, quae numerantur a Capite Bonae Spei dicto usque ad Regna Sinarum, et Japoniae, eisque adjunctarum provinciarum, et adjacentium Insularum cum omnibus, et singulis praerogativis, quae juxta Breviarii, et Missalis Romani rubricas Sanctis Patronis principaliboribus, et protectoribus competunt, habendum, invocandum, et colendum esse statuimus, declaramus, atque jubemus.—Praterea ut in posterum solemnis tanti Patroni memoria majori, quam antea celebrabatur, pietate ac debitis laudum praeconiis quotannis recolatur, volumus, et omnibus utriusque sexus Christifidelibus,

---

§ 2.—De motu proprio, não a instancia de alguma pessoa, que sobre isso nos offereceria petição, mas de certa sciencia e madura deliberação, e pela plenitude do poder Apostolico, e graça especial, movidos assim pelas sobre ditas, como por outras causas Nos nos somente conhecidas, por estas letras ordenamos ao Clero secular e regular, e assim mesmo ás Universidades e povo da Pamplona e do todo o Reino de Navarra, que todos os annos hajam de festejar dos sobre ditos Santos Firmino, Martyr, e Francisco Xavier, Confessor, por preceito da Igreja como de Patronos e Principaes do dito Reino, e igualmente para o futuro recitem, e respectivamente celebrem os Officios e Missas dos mesmos com Oitava.

qui ad horas canonicas tenentur, auctoritate, et tenore paribus indulgemus, at que mandamus, ut annua ipsius Sancti Francisci Xaverii dies subrita duplici Primae Classis cum octava peragatur.—Decernetes easdem praesentes Literas semper firmas, validas, et efficaces existere et fore, suosque plenarios et integros effectus sortiri, et obtinere, et illis, ad quos spectat, et pro tempore quandocumque spectabit, in omnibus, et per omnia plenissime suffragari; sic que in praemissis per quoscumque Judices Ordinarios, et Delegatos, etiam Causarum Palatii Apostolici Auditores, judicari, et definiri debere ac irritum, et inane, si secus super his a quo jam quavis autoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari.—Non obstantibus praemissis, ac Constitutionibus et Ordinationibus Apostolicis, ceterisque contrariis quibuscumque.—Volumus autem, ut earundem prae entium

---

§ 3.—Não obstante as sobreditas cousas, e as Constituições e Ordenações Apostolicas, e, em quanto mister fôr, os estatutos e costumes do dito Reino, e outros quaesquer, ainda roborados com juramento, confirmação Apostolica, ou qualquer outra firmeza, e outros em privilegio, indultos, e letras apostolicas por qualquer modo concedidos, confirmados, e innovados em contrario do sobredito: os quaes todos e cada um delles, havendo aqui nas presentes por plena e sufficientemente expressos em seu têor, e insertos por palavras, permanecendo álias em seu vigor, para o effeito do sobredito, por esta vez somente especial e expressamente derogamos, e outras quaesquer em contrario.

§ 4.—Queremos porém que aos transumptos das presentes, ainda impressos, subscriptos por mão de algum publico Notario, e munidos do sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê inteiramente a mesma fé em juizo e fóra delle, que a estas presentes letras se daria, se apresentadas ou mostradas fossem.

Dado em Roma em São Pedro debaixo do signal do annel do Pescador, no dia 14 de Abril de 1657, terceiro anno do nosso pontificado.

Literarum transumptis, seu exemplis etiam impressis manu alicujus notarii publici subscriptis, et sigillo personae in Dignitate Ecclesiastica constitutae munitis, eadem prorsus fides in judicio, et extra adhibeatur, quae adhiberetur iisdem praesentibus, si forent exhibitae, vel ostensae.—Datum Romae apud Sanctam Mariam Majorem sub Annulo Piscatoris Die XXIV Februarii MDCCXLVIII. Pontificatus Nostri Anno Octavo.

Loco † sigilli *Cajetanus Amatus.*

(Liv.das Mong. n.º 121 fl. 524)

Tradução do Breve antecedente

Benedicto Papa XIV.

PARA PERPETUA MEMORIA.

Ás nações da India, aggregadas á Igreja Catholica de tantas e tão desvairadas regiões, por meio da prégação e milagres do Bemaventurado Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, o qual, decorado abundantemente de influxos Apostolicos, por unanime consenso de todo o Orbe Christão mereceu ser chamado Apostolo das novas Gentes; para que venerando mais alegremente os seus gloriosos meritos, e imitando mais fervorosamente os preclaros exemplos de virtudes, que lhes deixou, possam esperar delle o mais poderoso e efficaz patrocinio nos Ceos perante Deos, admiravel em seus Santos; propomos e mandamos que o mesmo S. Francisco seja venerado com novos incrementos de honras, e condecorado e invocado na terra com novo titulo.—E por quanto o nosso carissimo filho em Christo, D. João, illustre Rei de Portugal e Algarves, por sua singular e incrivel piedade para com as cousas sagradas, negocios da sacrosanta religião, reverencia dos Santos, e zêlo, por intermedio do amado filho Manoel Pereira de Sampaio, Commendador da Ordem Militar de Jesus Christo, e Encar-

regado de Negocios do mesmo Rei D. João junto a Nós e a esta Sé Apostolica, nos supplicou que procurassemos augmentar o culto e veneração na terra daquelle tão grande Apostolo das Indias, quanto nos he concedido por permissão celeste: e ainda porque a fera perseguição, que ora se move no grande reino da China contra os fieis Christãos, que alli habitam, e principalmente contra os operarios de prégação evangelica, vehementemente nos urge e estimula a que attendendo com paternal benignidade aos pios votos e supplicas do referido Rei D. João lhe concedamos isto de mais boamente: Havemos por bem, para maior louvar de Deos, e augmento do divino culto, com Apostolica auctoridade pelo teor das presentes estatuir, declarar, e mandar que S. Francisco Xavier haja de ser tido, invocado, e venerado por Patrono principal e Protector das Indias, que se comprehendem desde o Cabo chamado de Boa-Esperança até aos Reinos da China e do Japão, e provincias a elles annexas, e Ilhas adjacentes; com todas e cada uma das prerogativas, que segundo as Rubricas do Breviario e Missal Romano competem aos Santos Patronos mais principaes, e Protectores.—Outrosim que para no futuro ser a solemne memoria de tão grande Patrono celebrada com maior piedade do que de antes era, e todos os annos se renovar com os devidos pregões de louvores, queremos, e a todos os fieis christãos de um e outro sexo, que são tendos de rezar as Horas Canonicas, por semelhante auctoridade e teor concedemos e mandamos, que celebrem a festa annual do mesmo S. Francisco Xavier com rito *duples* de primeira classe, e oitava.—Decretando que as presentes Letras sempre sejam, e hajam de ser havidas por firmes, valiosas, e efficazes; e que surtam e obtenham seu plenario e inteiro effeito; e aproveitem áquelles a quem tocam, e pelo tempo de qualquer modo tocarem; e assim deve ser julgado e definido nas sobreditas cousas por quaesquer juizes ordinarios, e delegados, e ainda ouvidores das causas do Palacio Apostolico; ficando irrito e

nullo tudo quanto em contrario das sobreditas cousas por qualquer auctoridade por ventura possa ser intentado com sciencia ou ignorancia; não obstantes as Constituições, e Ordenações Apostolicas, ou quaesquer outras em contrario.—E queremos que aos transumptos, ou exemplares, ainda impressos, destas mesmas presentes Letras, subscriptos por mão de algum Notario publico, e munidos do sello de pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se dê em juizo e fóra delle a mesma inteira fé, que se daria ás proprias presentes, se fossem exhibidas ou mostradas.—Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do signal do Annel do Pescador, no dia 24 de Fevereiro de 1748, do nosso Pontificado anno oitavo.—*Caetano Amato.*

N.º 12.

Prohibição para se não abrir o Caixão.

Conde de Alva, Vice-Rei e Capitão General do Estado da India, Amigo.—Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que amo.—Por me ser presente que de se ter aberto algumas vezes o Caixão, em que se guarda o Corpo de S. Francisco Xavier, lhe tem causado algum prejuizo, e se não se impedir para o futuro, o poderá causar muito maior á importantissima conservação de tão veneravel deposito: Sou servido ordenar, que daqui em diante se não abra o dito Caixão sem especial ordem minha, não se admittindo intelligencia, ou interpretação della por motivo algum, nem ainda a favor de pessoa alguma, posto que seja da mais alta qualidade, ou do mais elevado caracter, e emprego.—O que me pareceu avizar-os para o terdes assim entendido: e mandareis registar esta Carta nos Livros da Secretaria desse Estado, e nos da Camara de Goa, para que em todo o tempo se cumpra, e observe inviolavelmente esta minha Real determinação.—Escripta em Lisboa a dous d'Abril de 1755.—REI. (Liv. das Monç. n.º 128 fl. 621)

Illm.º e Exm.º Sr.—Fica executada a ordem de V. Ex.ª sendo registada a Carta Real de S. Magestade de 2 de Abril de 1755, em que o dito Senhor determina que se não abra mais o Caixão, em que se guarda o Corpo de S. Francisco Xavier, o qual registo fica feito no L.º das Cartas Reais ás fl. 37.—A pessoa de V. Ex.ª Guarde Deos. Em Meza 1.º de Outubro de 1755.—Eu Caetano José Pereira de Gusmão, Escrivão da Camara a fiz escrever.—Pedro da Costa Bonicho—D. Lopo José de Almeida—Francisco da Cunha Ares—Bento José de Macedo—Rodrigo dos Santos Araujo—Miguel Sapico de Menezes Sarmento—João Corrêa da Costa—Manoel dos Ramos—João Domingos dos Santos—Rafael Caetano.

(Liv. das Monç. n.º 128 fl. 622.)

N.º 13.

Distribuição das chaves do Caixão.

Illm.º e Exm.º Sr.—Na presente monção foi Sua Magestade servido determinar ao Arcebispo Primaz do Oriente que o Caixão, em que se conserva o Corpo de S. Francisco Xavier, ficasse debaixo da sua administração e que de tres chaves do mesmo Caixão devia ella Arcebispo conservar uma, outra V. Ex.ª, e outra o Vedor da Fazenda desse Estado.—O que o mesmo Senhor manda participar a V. Ex.ª para que assim o tenha entendido, e faça executar pela parte que lhe toca.—Deos Guarde a V. Ex.ª Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 15 de Abril de 1765.—*Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*—Sr. Conde da Louzã.

(Liv. das Monç. n.º 138 Parte 2.ª fl. 640.)

Illm.º e Exm.º Sr.—Fica executada a Ordem de S. Magestade, em que foi servido determinar ao Arcebispo Pri-

mez do Oriente que o Caixão, em que se conserva o Corpo de S. Francisco Xavier, ficasse debaixo da sua administração, ordenando que de tres chaves do mesmo Caixão tenha o mesmo Arcebispo em seu poder uma, outra este Governo, e outra o Védor da Fazenda deste Estado, na forma que V. Ex.ª participou na sua Carta de 15 de Abril do presente anno, dirigida ao Conde da Louzãa. —Deos Guarde a V. Ex.ª Goa, 9 de Dezembro de 1765. —(Rubricas dos Governadores) o Arcebispo Primaz, D. Antonio Taveira Brum da Silveira—o Chanceller, João Baptista Vaz Pereira—e o Védor da Fazenda, D. João Jose de Mello.

(Liv. das Monç. n.º 138. Parte 2.ª fl. 639)

N.º 14.

Concerto do Caixão, e da Capella, e exame do Corpo do Santo Apostolo.

Senhor!—Tivemos a noticia de que havia algumas chaves semelhantes ás que temos do cofre, em que está o precioso deposito do Corpo de S. Francisco Xavier, e a de que estas paravam nas mãos de alguns particulares Ecclesiasticos, de tantos quantos tem estado na administração da Casa Professa, depois que della sahiram os denominados Jesuitas; e parecendo-nos que esta materia pedia o devido exame, e a pratica de uma segurança, que fosse capaz de evitar ou a facilidade de se ver, ou a de alguma indiscreta devoção; nos resolvemos a examinal-a com o Védor da Fazenda, e com o Secretario do Estado, e a reduzir o mesmo Cofre aos termos de uma boa e melhor custodia, e achamos que necessitava de alguma, que logo mandamos praticar, e tambem que a Capella precisava de mais luz, e de um concerto, que a reduzisse a mais decente forma; o que tambem já fica praticado.

Nesta indispensavel acção, que exercitamos, conhecemos que favoreceu Deos a nossa devoção e aos nossos dezejos, por nos dar em o tempo do nosso Governo uma tão justificada occasião de vermos o Corpo deste admiravel Santo, ao qual pedimos nos segurasse com Deos a felicidade do Alto, e Augusto Dominio de V. Magestade, e a sua preciosa e Real Vida.

A muito alta e muito poderosa Real Pessoa da V. Magestade Fidelissima Guarde Deos felicissimos annos.—Goa 8 de Fevereiro de 1768.—(Rubricas dos Governadores) o Arcebispo Primaz, D. Antonio Taveira Braum da Silveira—o Chanceller, João Baptista Vaz Pereira—e o Vedor da Fazenda, D. João José de Mello.

(Liv. das Monç. n.º 142, fl. 592).

N.º 47.—Sendo presente a Sua Magestade a carta que os Governadores Interinos desse Estado me dirigiram na data de 8 de Fevereiro do anno proximo passado, em que referiam, que por terem noticia de haverem chaves em varias mãos de particulares do Cofre, em que está o Corpo de S. Francisco Xavier, lhes fizeram uma melhor e decente custodia reedificando-lhe a sua Capella, com a felicidade de verem este admiravel Santo, e de lhe pedirem segurasse com Deos Nosso Senhor a conservação daquelle Estado e a vida de Sua Magestade.

O mesmo Senhor aprova o que os ditos Governadores obraram a este respeito, e ordena que V. S.ª dê uma exacta conta do estado, em que se acha o Sagrado Corpo deste Glorioso Santo, a cujo exame deverá somente hir o Arcebispo Primaz, V. S.ª, os Provinciaes de S. Francisco, e S. Domingos sem companheiro algum, e aquelle Ecclesiastico, que o mesmo Arcebispo achar ser mais capaz para fazer o Termo, que deverá V. S.ª remetter á Real Presença de Sua Magestade.—E que parecendo ao dito Arcebispo, poderá levar comsigo o seu Vigario Geral.—Tendo V. S.ª entendido que a todos deve encar-

regar o mais inviolavel segredo.—E ao sobredito Arcebispo Primaz manda o mesmo Senhor escrever nesta conformidade.—Deos Guarde a V. S.ª Palacio de N. Sr.ª de Ajuda, a 17 de Abril de 1769.—*Francisco Xavier de Mendonça Furtado.*—Senhor D. João José de Mello.

(Liv. das Monç. n.º 143, fl. 459.)

Ill.mo e Exm.º Sr.—Em carta de V. Ex.ª datada de 17 de Abril do anno passado me ordena Sua Magestade Fidelissima que dê eu uma exacta conta do estado, em que se acha o Sagrado Corpo do Glorioso S. Francisco Xavier; e que ao exame para eu assim o poder praticar dêva eu só assistir: o Arcebispo Primaz: os Provinciaes de S. Francisco e S. Domingos sem companheiro algum, e aquelle Ecclesiastico que o mesmo Arcebispo achasse que era mais capaz para fazer o Termo, que devia ser remettido á Real Presença de Sua Magestade, e que parecendo ao dito Arcebispo poderia levar comsigo o seu Vigario Geral.

Executei esta Real e Pia ordem com assistencia das pessoas que ella me determina; e com o segredo que me foi recommendado; e como o Ecclesiastico que o Arcebispo achou mais capaz para a factura do Termo, foi o seu Vigario Geral, escreven este o que remetto a V. Ex.ª que na verdade não foi tão claro e especifico como eu desejava.

Tem de admiravel a conservação deste Sagrado Corpo o achar-se ainda no estado, em que se conserva tendo passado pelas experiencias de ser mettido em cal, e cortado ao meu parecer para ser mettido na caixa, que o transportou do seu primeiro deposito, com outras indiscretas devoções; e na preciosidade destas Sagradas Reliquias tem este Estado um penhor da sua felicidade.—Deos Guarde a V. Ex.ª Goa, 11 de Fevereiro de 1770.—Rubrica do Governador D. João José de Mello.

(Liv. das Monç. n.º 143, fl. 460.)

N.º 15.

Exame do Corpo, e sua exposição em 1782.

Sendo presente a Sua Magestade, por parte de Antonio Luiz dos Santos da Congregação da Missão, e ao presente Reitor do Collegio da Illa de Chorão, nesse Estado, a grande devoção que sempre conservaram, não só os Catholicos, mas os proprios Gentios ao Corpo de S. Francisco Xavier, por cuja intercessão tem experimentado todo esse Povo grandes auxilios de Deos, e antigamente era costume mostrar-se com toda a solemnidade o Corpo do dito Santo; e como havia muitos annos, se não tinha praticado a dita acção, e sendo isto criando a devoção dos Povos, pedia se renovasse o antigo costume. —A mesma Senhora attendendo á sobredita Representação, he servida que examinando-se primeiramente o Corpo, ou Reliquias do Santo, e o estado em que se acham, para se poderem mostrar aos Povos com a devida decencia, e não se considerando inconveniente em se renovar a dita acção, V. Sr.ª dê a providencia necessaria, para que ella se pratique na mesma forma que antes se observava.—E nesta mesma conformidade, escrevo ao Bispo de Cochim, Governador e Administrador desse Archebispado, para que pela sua parte assim o faça executar.—Deus Guarde a V. Sr.ª—Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 4 de Março de 1781—*Martinho de Mello e Castro.*—Senhor Dom Frederico Guilherme de Sousa.

(Liv. das Monç. n.º 162, fl. 103.)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1782 ao 1.º do mez de Janeiro, na Cidade de Goa, no Convento e Igreja do Bom-Jesus, na Capella, onde se acha o Tumulo do Corpo de S. Francisco Xavier, onde vieram o Illm.º e Exm.º Sr. D. Frederico Guilherme de Sousa, Governador e Capitão General do Estado, e o

Exm.º e Rm.º Sr. D. Fr. Manoel de Santa Catharina, Bispo de Cochim Administrador deste Arcebispado, e o Intendente geral da Marinha, D. Lopo Jose da Almeida, em execução da Ordem de Sua Magestade, que manda se vejam o Corpo e reliquias do mesmo Santo, paça se saber o estado em que se acham: E logo com as chaves que tinham S. Ex.ª e o dito Intendente se abrio o Cofre, em que está o Corpo do dito Santo, e se achou vestido de vestimentas Sacerdotaes: Que tem a cabeça inteira com bastantes cabellos no casco que sensivelmente se acham: Que tem o rosto com todas as feições corcomido, mas cuberto de pelle, exceptuando a parte direita que tem uma pequena contusão: Que tem ambas as orelhas, e todos os dentes viziveis, e somente lhe falta um: Que tem o Braço esquerdo com a mão inteira cuberta de pelle corcomida: Que lhe falta o Braço direito, e se diz por tradição que fôra para Roma no tempo que existiam os Padres da Companhia de Jesus, e tinha o mais Corpo, em que somente lhe faltavam os intestinos, como o apalpou Sua Ex.ª Rm.ª tocando com a mão o Corpo por baixo das vestimentas: Que tem as pernas cubertas de pelle rececada: Que tinha os pés nûs cubertos de pelle, divisando-se lhe as veas com as unhas nos dedos, e lhe falta somente um dedo no pé direito, que lhe foi tirado por devoção de uma pessoa devota, e se acha em casa do dito Intendente geral, como elle attestou: Ultimamente assentaram S. Ex.ª e o dito Intendente geral com as testemunhas abaixo assignadas, que o Corpo e reliquias do mesmo Santo se achavam em estado de se poderem decentemente mostrar ao publico para excitar e augmentar a devoção dos Povos; E de tudo o referido eu Sebastião Xavier, Official-maior da Secretaria, fiz este Auto, que S. Ex.ª, e o Intendente geral e testimunhas assignaram, e eu o Secretario Feliciano Ramos Nobre Mourão o fiz escrever por ordem do Illm.º e Exm.º Sr. Governador e Capitão General do Estado—D. Frederico Guilherme de Sousa—Bispo Governador—D. Lopo Jose de

Almeida Pimentel—O Deão e Provisor, José Duarte de Carvalho—Thezoureiro-mór e Vigario Geral, Antonio de Silveira—Henrique Carlos Henriques, Brigadeiro Geral—Antonio Luiz dos Santos, Reitor do Real Seminario de Chorão—O Padre Mestre, Manoel Corrêa Valente—O Conego Administrador, Caetano Xavier de Abreu—O Secretario do Estado, e Doutor Feliciano Ramos Nobre Mourão, Conselheiro do Conselho Ultramarino.

(Liv. das Monç. n.º 162, f. 105.)

D. Fr. Manoel de St.ª Catharina, dos Religiosos Carmelitas Descalços, por Mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo de Cochim, Governador e Administrador do Arcebispado de Goa, Primaz do Oriente, do Conselho da Rainha Nossa Senhora, &c.

Aos que esta nossa carta circular virem e ouvirem, Saúde e Benção no Senhor.

Fazemos saber que sendo S. Magestade servida, por sua Alta Piedade Conceder-nos licença, para expôr ao Culto e Veneração dos Fieis o Sagrado Corpo do Grande Apostolo da India S. Francisco Xavier, que a Divina Providencia conserva com admiravel e prodigiosa incorrupção ha 229 annos em testimunho da verdadeira Religião, e eximias virtudes, que observou em quanto viveu, no Tumulo da Casa chamada Professa de Bom-Jesus desta Cidade de Goa, depois de estar sepultado perto de um anno, por duas vezes em Sanchão, e Malaca, Conformando-nos com as piissimas intenções da Nossa Soberana nesta exposição, que vem a ser dar Gloria a Deos primeiramente em seus Santos, e em segundo lugar augmentar o Culto e Veneração do mesmo Santo, excitar a piedade dos Fieis á sua imitação, e commover todo o povo gentilico (tendo presente um testimunho authentico da verdadeira Religião,) a detestar a idolatria e trevas, em que andam, e reduzir se ao gremio da Santa Madre

Igreja Catholica Romana, determinamos fazer esta exposição a todo o povo, assim catholico, como gentio no mez de Fevereiro em tres dias successivos, convem a saber, a 10, 11 e 12 do mesmo mez.

Para colhermos os fructos de tão pia e religiosa acção exhortamos a todos os Fieis em Jesus-Christo a excitar em si mesmo o espirito dos nossos primitivos, a renovar os estimulos da Fé e Religião, que os animava em todas as suas acções.—Não sofframos, Irmãos meus, não sofframos a grande injuria, de que nossos tempos infelizes sejam sepulcro do seu zêlo e Religião Christãa, que tanto procuraram augmentar, reconheçamos naquelle Sagrado Corpo o mesmo que animava a alma grande do Santo Apostolo, os trabalhos, fadigas, e perseguições, que padeceu dos inimigos de Deos só pelos trazer ao conhecimento da verdadeira Religião, que os havia conduzido ao fim para que foram creados.—Veneremos neste grande Apostolo da India o Pai da Fé em todas estas Conquistas, e attendamos aos clamores, que nos está dando assim mesmo como se nos representa mais efficazes do que vivesse entre nós, em fim tributemos-lhe em acção de graças toda a nossa veneração, toda a alma, o coração todo, todo o culto interior, e exterior.

Pelo que respeita ao culto exterior mandamos que em todas as Parochias assim da Cidade, como das Ilhas de Goa, Salcete, e Bardez, e ainda na Provincia de Ponda, e Igrejas de Zambaulim, Sirodá, e Parodá se ponham luminarias na noute de todos os tres dias com repiques de sinos pela manhãa, ao meio dia, e a noute, e porque o culto exterior deve ser uma viva expressão do culto que interiormente lhe tributamos, por esta mesma causa fazemos saber a todos os Fieis, que o Sm.° Padre Pio VI, hoje Presidente na Igreja de Deos, nos tem concedido dar a Benção Papal tres vezes no anno a todos os Fieis nos dias que nos determinassemos, e applicar em cada um delles a Indulgencia Plenaria aos que verdadeiramente penitentes se confessarem e commungarem.—Jul-

gando nós agora que o uso desta graça era o meio mais proporcionado para o obsequio culto que pretendemos dar a S. Francisco Xavier nos dias da sua exposição, de sorte que seja grato a Deos, e ao mesmo Santo, havemos por bem declarar a todos os Fieis desta Diocezе que no dia terceiro, em que pretendemos fazer Pontifical, damos a Benção Papal no fim de Missa, e applicamos a Indulgencia plenaria a todos os que visitando em qualquer dos tres dias o Sagrado Corpo se confessarem e commungarem, rogando a Deos por intercessão do mesmo Santo, pelo augmento da Santa Fé Catholica; e conversão dos gentios.—Encommendamos aos Rd.os Parochos exortem suas Ovelhas para que se disponham a receber esta grande graça que do Thesouro da Igreja lhes applicamos, segundo a Concessão que temos da Sé Apostolica.

Como não he possivel se ajunte todo o Povo na Igreja do Bom-Jesus, para receber com a Benção Papal e Indulgencia plenaria, declaramos que nas Parochias e Capellas Publicas respectivas se ajuntarão todos aquelles que não tiverem impedimento fisico ou moral, e os que o tiverem em suas mesmas Casas postos de joelhos, ou do modo que puderem, e ali preparando-se com a confissão geral, e actos de verdadeiros penitentes esperarão o signal de peça que se hade dar na Cidade, e dali em todos os Castelos e Fortes das Provincias, e por espeço de um quarto de hora farão tenção de receber a Benção Papal, e ganhar a Indulgencia plenaria que lhes applicamos.—Os Reverendos Parochos explicarão da Cadeira da estação, e farão entender a todos os seus freguezes o que determinamos nesta nossa carta, e persuadirão aos gentios que venham com toda a modestia visitar o Santo Corpo, onde serão admittidos da mesma sorte que os christãos.—Esta carta tanto que chegar será copiada no livro dos decretos, e se tirará delle outra copia para se fixar no lugar onde todos a possam lêr, e ter noticia do que nella determinamos.—Dada no Palacio

de Santa Ignez sob o nosso sinal somente aos 15 de Janeiro de 1782=Bispo Governador=Carta Circular pela qual V. Ex.ª he servido determinar os dias para a exposição do sagrado Corpo do Apostolo da India S. Francisco Xavier, e applicar a Indulgencia da Benção Papal aos fieis pela maneira acima expressada.—Para V. Ex.ª vêr e assignar.

(Da original, que tem o Governador do Arcebispado.)

Illm.º e Exm.º Sr.—Pela Carta de 4 de Março do anno proximo precedente me participa V. Ex.ª, que sendo presente a Sua Magestade por parte do Padre Antonio Luiz dos Santos, da Congregação da Missão, e Reitor do Collegio de Chorão, a grande devoção, que sempre conservaram não só os Catholicos, mas os proprios gentios ao Corpo de S. Francisco Xavier, por cuja intercessão tem experimentado todo este Povo grandes auxilios de Deos, sendo antigamente costume mostrar se com toda a solemnidade o Corpo do dito Santo; e como havia muitos annos, se não tinha praticado a dita acção, e se hia esfriando a devoção dos Povos, pedia se renovasse o dito costume.—Que a mesma Senhora era servida, que examinando-se primeiramente o Corpo, e reliquias do Santo, e o estado, em que se achavam, para se poderem mostrar aos Povos com a devida decencia: Que não se considerando inconveniente em se renovar a dita acção, que eu désse a providencia necessaria, para que ella se pratique na mesma forma, que antes se observava: Que na mesma conformidade escrevia V. Ex.ª ao Bispo de Cochim, Governador e Administrador deste Arcebispado, para que pela sua parte assim o fizesse executar.

Fez-se na minha presença, do Bispo Governador do Arcebispado, e de outras Pessoas particulares exame no Corpo, e reliquias do Santo, e se achou que era conveniente mostrarem-se em publico para excitar, e augmentar a devoção dos Povos, como consta do documento n.º 1.º—Destinaram-se os dias 10, 11, e 12 do entru-

do do mez de Fevereiro proximo precedente, para se renovar esta pia acção.—Conduzio-se com solemne decencia o Corpo do Santo da Capella, e Tumulo, em que se achava, para o meio do Cruzeiro da Capella-mór para um Portotipo, em competente altura, que lhe mandei construir, pondo-se nella a mesma decente Caixa com o mesmo Corpo, em que estava, que ficou resguardado com o caxilho de vidraças, que mandei fazer para ser bem visto, e não o expôr a alguma indiscreta devoção.

Foi innumeravel o Concurso do Povo Catholico, e gentilico, que veio vêr, e venerar o Corpo do mesmo Santo.—Na noute do dia 12 se conduziu para a Capella e Tumulo destinado, o que participo a V. Ex.ª, para ser presente a S. Magestade. Deos Guarde a V. Ex.ª Goa, 14 de Março de 1782.—(Rubrica do Governador, e Capitão General do Estado). *D. Frederico Guilherme de Sousa* (266).

(Liv. das Monç. n.º 162, fl. 104.)

N.º 16.

Licença, exame do Corpo, e sua exposição em 1859.

N.º 100.—Sendo presente a Sua Magestade El-Rei o Officio do Governador Geral do Estado da India, de 28 de Maio ultimo, n.º 130 pedindo ser authorizado para no dia 3 de Dezembro deste anno, consagrado á festa de S. Francisco Xavier, e nos dias seguintes, fazer ex-

(266)—Este he o unico documento descriptivo que temos do solemne acto da exposição do Corpo do Santo Apostolo á veneração publica, em 1782:—O seu theor deixa ver que os devotos apenas o viram, e não beijaram o seu sagrado pe, nem isso seria possivel em tres dias que durou aquella funcção, em presença do que teve logar na ultima exposição, cuja noticia damos na segunda parte deste Opusculo.

posição do Corpo do mesmo Santo, que se acha depositado na Igreja do Bom-Jesus de Goa, Manda o Mesmo Augusto Senhor, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, communicar ao referido Governador Geral, que Ha por bem conceder-lhe a sollicitada authorisação, devendo elle tomar as necessarias providencias, não só para que os venerandos restos do Apostolo da India não soffram damno algum, como para que na numerosa reunião de fieis, que deve concorrer á mencionada exposição, se conserve a melhor ordem possivel. Paço em 11 de de Julho de 1859.—*Adriano Mauricio Guilherme Ferreri.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos cincoenta e nove, aos doze de Outubro ás dez horas da manhãa, na Igreja do Bom-Jesus, que foi Casa Professa dos Padres da Companhia, sita na antiga Cidade de Goa, onde se acha o Tumulo com o Corpo de S. Francisco Xavier, compareceram o Illm.º e Exm.º Sr. Visconde de Torres-Novas Governador Geral do Estado da India, o Governador do Arcebispado de Goa, a Relação do Estado, a Camara Municipal do Concelho das Ilhas, e as outras Corporações. Authoridades, Chefes das Repartições Publicas deste Estado, abaixo assignados que foram convidados para assistirem á abertura do dito Tumulo, para se saber o estado em que se acha o Corpo do mesmo Santo, em virtude da authorisação concedida por Sua Magestade em Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar n.º 100 de 11 de Julho do referido anno, abaixo transcripta: E logo com as chaves, que existiam na Secretaria do Governo Geral, que neste acto foram apresentadas, se abriu o Cofre, em que está o Corpo do dito Santo, e se achou vestido de vestimentas Sacerdotaes; e procedendo os Facultativos, de que se compõe a Junta de Saúde, o Fisico-mór, Eduardo de Freitas e Almeida—o Cirurgião-mór, Jose Antonio d'Oliveira, e o Cirurgião da 1.ª Classe, Antonio José da Gama, ao exa-

me do mesmo Corpo, acharam o craneo revestido pelo lado direito do respectivo coiro cabelludo ainda com cabellos, mas raros, e do lado esquerdo completamente descoberto.—A face revestida toda de pelle resequida e escura com uma abertura do lado direito communicando com o seio maxillar do mesmo lado, a qual parece corresponder ao lugar da contusão, a que se refere o auto feito em o 1.º de Janeiro de 1782;—dos dentes visiveis, só falta um dos incisivos inferiores;—existem ambas as orelhas;—falta o braço direito;—e a mão esquerda acha-se inteira inclusivé as unhas, do mesmo modo como está indicado no referido auto;—as paredes abdominaes cobertas de pelle resequida, e algum tanto escura, e não contendo, o ventre os intestinos (267);—os pés cobertos de pelle tambem resequida e escura deixando perceber a saliencia dos tendões—faltando no pé direito o quarto e quinto dedos, existindo porém d'um destes restos da pelle e phalanges em estado muito esponjozo;—

(267)—Consta-nos que alguem lá na Provincia suppõe que o Corpo fôra embalsamado; contra esta supposição a historia he clara, e os factos testimunham o contrario.—A historia diz que o Cirurgião da náo St.ª Cruz, unica que estava no porto de Sanchão ao tempo da molestia e fallecimento do St.º Apostolo, era imperito para sangrar (!), que o Corpo para ser sepultado fôra mettido em um Caixão, *lançando-lhe por cima muita quantidade de cal virgem, para que se comesse a carne depressa, e podessem levar os ossos limpos á India*—que o Caixão fôra conduzido á sepultura por dous *mulatos*, acompanhados unicamente do pobre Antonio da St.ª Fe, proselyto do Apostolo.—Seriam estes por ventura que o embalsamariám, e em uma tal Ilha deserta?! Além disto o testimunho do Dr. Saraiva, que achou corpulencia de intestinos, e de que por via de *fisica e medicina* não podia ser conservado o Corpo no estado, em que o achou: o do Dr. Ribeiro, que achou uns pedaços de cousas piquenas, que lhe pareciam de intestinos, são indubitaveis provas de que o Corpo do Santo não fôra embalsamado.

em vista do que se assentou que o Corpo e reliquias do mesmo Santo estam em estado de se poder expôr á veneração publica, para excitar e augmentar a devoção dos povos: e de todo o referido, eu Christovam Sebastião Xavier, Official-maior da Secretaria do Governo Geral deste Estado (268) fiz este auto, em que se assignaram todas as Corporações e Authoridades acima mencionadas.—E eu Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Secretario do Governo Geral, o fiz escrever.—Visconde de Torres-Novas—O Governador do Arcebispado, Caetano João Peres—José de Vasconcellos Guedes de Carvalho, Presidente interino da Relação de Goa—Eduardo de Freitas e Almeida, Fisico-mór do Estado e Membro do Conselho do Governo—José Antonio de Oliveira, Cirurgião-mór do Estado—Antonio José da Gama, Cirurgião da 1.ª Classe—Agostinho Jose Ferreira de Brito, Major Chefe da Repartição Militar—Antonio Luiz Lobato de Faria, Coronel Vogal do Supremo Conselho—Fernando Luiz Leite de Sousa e Noronha, Coronel Vogal do Supremo Conselho—Francisco da Costa Mendes, Escrivão Vogal da Junta da Fazenda, e Membro Effectivo do Conselho do Governo—Antonio José Pereira, Conego da Sé, e Vigario Geral do Arcebispado—Antonio Faustino dos Santos Crespo, Juiz de Direito da Comarca das Ilhas, servindo na Relação do Estado—Candido Jose Mourão Garcez Palha, Major Engenheiro Inspector das Obras Publicas—Francisco Manoel Lopes Pinheiro, Coronel Commandante do Regimento de Artilheria—Joaquim Antonio do Rozario, Conego da Sé Primacial—João José Pereira de Azambuja, Capitão do Regimento d'Artilheria—José Marculino Gameiro, Chefe interino da Repartição Fiscal do Exercito—Francisco da Costa Campos, Coronel Len-

(268)—Este Official-maior da Secretaria do Governo Geral he bisneto, em linha recta, do outro, que escreveu o auto de 1.º de Janeiro de 1783.

RESUMO HISTORICO

DA

VIDA DO GLORIOSO S. FRANCISCO XAVIER,

APOSTOLO, DEFENSOR, E PATRONO DAS INDIAS.

Sic luceat lux vestra coram hominibus,
Ut videant opera vestra bona,
Et glorificent Patrem vestrum qui in Cœlis est.
(Math. 5.)

PARTE SEGUNDA.

Memoria Historica da Exposição do seu venerando Corpo em 1859.

CAPITULO 81.

Da noticia previa da exposição de 1782.

240— A Exposição solemne de 1782 do venerando corpo do grande Apostolo das Indias.—S. Francisco Xavier—ao culto publico, era á presente geração um facto puramente historico-tradicional de remota era, transmittido de paes a filhos, e quasi esquecido nos ultimos tempos, por falta de escritos descriptivos daquelle grande acto (269), cuja leitura fazendo effectiva a memoria

(269)—Segundo affirma o Revarendo Peres (*Jornal da Sc.ª Igreja Lusit. do Or.* n.º 6 de 1846 p. 71) o Padre Cicala, Latinista Italiano, que esteve na Casa Professa de Bom-Jesus, e assistiu aquella solemnidade fizera uma relação da mesma festa; e tambem o *Jornal Historico Litterario* de 15 de Março de 1783 a pag. 419, e o de 1.º de Março de 1788 a pag. 323 publicara uma outra, mas nenhuma dellas podemos obter, não obstante as diligencias que empregamos neste Estado, e em Bombaim onde falleceu o dito Padre Cicala.—Dos documentos que sobre a mesma exposição vão publicados neste opusculo, estavam até agora alguns inedítos.

da sua celebridade, aviventasse a piedade religiosa dos fieis.—Tal era o motivo que havia estimulado a devoção dos Povos, apesar dos relevantes e variados titulos, porque o inclito Taumaturgo da India se fizera credôr da veneração dos Reis e Rainhas, Papas e Bispos, dos grandes e pequenos, ricos e pobres, sem distinção de catholicos, protestantes, mouros, gentios, e de outros seguidores de diversas seitas, em que estão divididos os Paizes que elle percorreo, como acabamos de ler na sua vida.

241—Os preparativos porém para a renovação daquelle religioso acto em 1859 tendo proporcionado occasião para se descubrirem e dár á luz, os poucos documentos Officiaes que existiam, relativos aquella grandiosa funcção piedosa (270), e outros attinentes ao valioso Protector da India, que deixamos registados na 1.ª Parte deste resumo de sua vida (271); uns e outros até ali desconhecidos do publico, finalmente a publicação na Folha Official, e em avulso, da authorisação Regia para a referida exposição, e dos dous autos que verificam o estado daquelle sagrado corpo em 1782, e em 1859, fizeram não só confirmar authenticamente a tradição recebida; mas tambem despertar a fé amortecida dos Povos, e crear nos seus animos o desejo irresistivel de vir em peregrinação, reunidos em massas, ao sumptuoso Templo de Bom Jesus, para prestar homenagem á Reliquia veneranda do homem prodigioso em vida, e depois de morto, sugeitan-

(270)—Vid. o Doc. n.º 15 a pag. 311.—He de observar que este Documento comprehende 4 peças Officiaes — a 1.ª he a authorisação para a abertura do caixão — a 2.ª he o auto do exame do corpo do Santo, o qual nós publicamos, em 1846 por uma copia avulsa, no *Gabinete Litt.* Vol. 1.º pag. 213 — a 3.ª he a Carta Circular do Arcebispado que estava na mão particular, e o Reverendo Peres a obteve, e nos franqueou — e a 4.ª he a conta dada pelo Governador e Capitão General do Estado. Vid. a nota 266 a pag. 317.

(271)—São os Documentos relacionados no § 239 a pag. 270.

te da Escola Mathematica Militar servindo de Director—Domingos José da Almeida Barboza, Major Commandante da Guarda Municipal—João Ferreira Pinto, Juiz servindo na Relação—Victor Anastacio Mourão Garcez Palha, Major Engenheiro e adjunto á Inspecção das Obras Publicas—Bernardo Francisco da Costa, Lente da Cadeira da Chimica e Physica—Antonio Peixoto, Director da Alfandega Principal—Francisco Manoel Ferreira Martins, Capitão Engenheiro—Joaquim Manoel de Mello e Mendonça, Inspector do Arsenal—Sebastião José Siabra Preto, Alferes ajudante da Guarda Municipal—Padre Antonio Pedro Floriano Rodrigues, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, e Parocho de Ribandar—José Maria de Gusmão, Tenente Coronel Promotor do Supremo Conselho da Justiça Militar—Caetano Francisco Gonçalves, Membro Substituto do Conselho do Governo—Antonio Sebastião Borges da Costa, Tenente Coronel Lente da Escola Mathematica—José Bernardo Collaço, Procurador da Corôa e Fazenda—Michael Faustino de Sousa, Prior do Rozario—José Joaquim Soares da Veiga, Coronel Vogal do Conselho Supremo da Justiça Militar—O Conego, Eugeno Pereira—Francisco Xavier Soares da Veiga, Major Secretario do Supremo Conselho da Justiça Militar—Luiz Xavier Corrêa da Graça, Juiz Substituto da Comarca das Ilhas de Goa—Vicente de Sousa, Parocho da Igreja de Pangim—Caetano Francisco Rebello, Tenente do 2.° Batalhão—Francisco Xavier Peres, Contador Geral Graduado da Fazenda—Joaquim Sebastião Lourenço, Encarregado da Igreja de S. Pedro—Francisco Gonçalves Ferreira, Capitão d'Artilheria no Estado-maior do Governo—Antonio Manoel Soares da Veiga, Reitor do Lyceu Nacional— Joaquim Thomaz Xavier do Rego, Administrador Geral dos Correios—Piedade Custodio Pinto, Contador do Arsenal—Luiz Carneiro de Sousa e Faro, 2.° Tenente Engenheiro—O Conego, Francisco José Affonço—Euzebio Antonio de Sequeira, Presidente da Camara Municipal das Ilhas—José Maximiano Falcão de Carva-

lho, Administrador do Concelho das Ilhas—Mariano de Maria Santissima e Andrade, Vice-Presidente da Camara Municipal das Ilhas—Caetano Antonio Xavier Fernandes, Vereador—Antonio Francisco Caldeira, Vereador—Manoel Nicolão Picardo, Vereador—José Joaquim Fernandes, Escrivão da Camara—Jose Francisco Dourado, Escrivão da Regedoria—Christovam Sebastião Xavier, Official-maior da Secretaria do Governo Geral—Felippe Nery Xavier, Official-maior Graduado da Secretaria do Governo Geral, e Director da Imprensa Nacional—Miguel Vicente de Abreu, Amanuense da Secretaria do Governo Geral, e Revisor da Imprensa Nacional—Eugenio Justiniano Pereira Nunes, Official da Secretaria do Governo Geral—Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Secretario do Governo Geral.

Fim dos documentos da 1.ª Parte.

do se á avultadas despezas, incomodidades, e fadigas de longas viagens, por mar e terra, de pontos mais affastados da vasta India, como se vai vêr na continuação desta Memoria.

CAPITULO 83.

Da authorisação Regia para a exposição de 1859, e das diligencias que se empregaram para a levar a effeito.

242—A supra alludida Authorisação Regia, para expôr á publica veneração o corpo do exforçado Defensor da India — S. Francisco Xavier, — concedida ao Exm.º Visconde de Torres Novas, Governador Geral deste Estado, em Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar n.º 100 de 11 de Julho de 1859, apenas fôra publicada no Boletim do Governo n.º 64 de 19 de Agosto do mesmo anno (272), foi a sua noticia recebida pelos habitantes da India, sem differença de sexos, idades, e religiões com extraordinario enthusiasmo, e possuidos de diversos affectos pela novidade do acto que ia repetir-se depois de 77 annos, se entretinham em variadas conjecturas, aguardando impacientes o dia daquella grande solemnidade nunca d'antes vista!

243—Seguio-se á mesma publicação, e no mesmo Boletim o Annuncio da impressão do *Resumo-Historico* da maravilhosa vida e missão do Grande Apostolo da India, e a affluencia das assignaturas tendo deixado ver o empenho com que o dezejavam possuir, a Imprensa Nacional teve de elevar, contra a pratica até ali observada, a 2500 o numero de exemplares daquella edição, todavia ella se esgotou nos primeiros 20 dias daquelle acto; sem com tudo estar satisfeita a anciedade publica; por tanto se emprehendêo esta 2.ª mais ampla; acompanhada da noticia que respeita á mesma exposição.

(272)—A Portaria referida está transcrita neste Opusculo Doc. n.º 16 a pag. 347

214—O Governo do Estado, por Aviso de 23 do sobredito mez de Agosto, fixou o dia 3 de Dezembro seguinte a mencionada exposição, para durar até ao dia 1.° de Janeiro de 1860. Doc. n.° 17.

Em seguida communicou esta resolução, por meio de telegrafo-electrico (*), aos Governadores dos Bispados, para elles darem conhecimento della aos seus diocesanos. —Por Officio do 1.° de Setembro recommendou ao Governador do Arcebispado para de accordo com o Cabido da Sé Primacial dar as convenientes ordens para o serviço interno daquelle grande acto.—Por outro de 22 deste mez incumbiu ao Inspector das Obras Publicas para fazer apear do sumptuoso Tumulo o caixão externo de prata.—Por Circular de 10 de Outubro convidou as Corporações e Chefes das Repartições Publicas para assistirem a abertura do caixão que encerra o sagrado corpo, e ao Auto do exame do seu estado. Doc. n.° 18.

CAPITULO 86.

Da abertura do caixão que enserra o sagrado corpo.

215—O convite referido sendo, como era, restricto ás Corporações e Chefes das Repartições, como fica dito, tal vez para se fazer privadamente o pretendido exame das venerandas Reliquias, em sentido do que a semelhante respeito anteriormente se praticou por determinação da Ordem Regia de 4 de Março de 1781 (273), o enthusiasmo porém dos Povos, de que já atraz fallamos, tornou o acto grandemente solemne, accudindo ao Templo de Bom-Jesus povoações inteiras de diversas religiões e sexos das Ilhas de Goa, e numeroso concurso dos habitantes de Bardez e Salcete, que desde a madrugada

(*)—O Telegrafo-electrico havia sido estabelecido nesta Cidade no dia 13 de Fevereiro antecedente.

(273)—Vid. na Serie dos documentos da 1.ª Parte sob o n.° 15 a pag. 211

VERDADEIRO RETRATO DE S. FRANCISCO XAVIER.

NO ESTADO EM QUE SE ACHOU AOS 12 DE OUTUBRO DE 1859.

daquelle dia occupavam os arredores do Templo, e as ruas contiguas a espera da hora aprasada, tornando a Cidade deserta uma mui concorrida feira.—A hora marcada tendo comparecido o Exm.º Governador Geral, e achando-se reunidos os convidados, e numeroso povo que não foi possivel affastar, se abrio a porta da Capella do Santo do lado do Norte, e se pôz á vista o caixão que o encerra, collocado sobre o altar do Sumptuoso Tumulo, do qual, e do mais que lhe respeita ja atraz demos conta (274).

246—Em seguida sendo apresentadas duas chaves douradas do dito caixão, que estavam recolhidas no *Secreto* da Secretaria do Governo (275), o Exm.º Governador Geral deo sua commissão ao Secretario Geral para abrir a que lhe pertencia, e igual com o Governador do Arcebispo Metropolitano, Primaz do Oriente com a sua, abriram o mesmo caixão, e deixaram patente o veneravel corpo do Apostolo, conservado inteiro desde 307 annos, revestido de riquissimas vestimentas Sacerdotaes, como representa a gravura em frente.—Esta vista produsio nos circunstantes um estraordinario abalo e desejo impaciente de se aproximarem, e observarem de perto a maravilhosa conservação por 3 seculos do veneravel corpo do homem prodigioso!—Porem de Ordem do Exm.º Governador Geral se introduziram na Capella os Facultativos que compem a Junta de Saude Publica para proceder ao exame do estado daquella sagrada reliquia, os quaes de facto procederam a elle como cumpria a solemnidade do acto, como se vio, do que se lavrou o competente auto (276).

(274)—Nas notas 238 a pag. 268, e no Doc. n.º 1, a pag. 282.

(275)—Estas chaves eram 3, Vid. a nota 215 a pag. 272, e o Doc. a que se refere; das quaes desappareceu uma não se sabe como e quando. O *Secreto* he um armario forrado de cobre que esta embutido na parede, e tem 4 chaves, das portas dobradas externas.

(276)—Este Auto, que deixamos transcripto na serie dos Do-

247—Após os referidos facultativos tiveram entrada os convidados, e atraz delles, em quanto se lavrava o auto referido, em turmas, a torrente do povo que estava apinhoada á porta da Capella, e derramada pelos corredores e casas contiguas.—Tal era o enthusiasmo de que ficavam possuidas os que entravam na Capella, que não se satisfasiam de ver e beijar repetidas vezes os pes do Santo Apostolo, e queriam á porfia tocar no venerando corpo algum objecto que lhes servisse de reliquia, e não tendo ido prevenidos para aquelle fim se serviam daquillo que achavam a mão, e assim uns tocaram lenços, outros moeda, papel, até algodão.—Observando nos este grande dezejo dos devotos de possuir objectos tocados no corpo do Santo, sussitou-se em nós a idea de fazer Medidas tocadas no mesmo corpo, e com estas vistas tomamos, ajudados pelo Sr. Bacharel Antonio Faustino dos Santos Crespo, Juiz de Direito da Comarca das Ilhas, servindo na Relação do Estado, as dimensões necessarias do mesmo corpo.—Verificado o auto terminou-se a funcção pelas duas horas da tarde.

248—Voltando ao aspecto do corpo do Santo: ao primeiro golpe de vista pareceo-nos, e a muitos outros presentes, que era elle pequeno para a altura regular de um homem; mas reconheceo-se que isto procedia de facto porque o comprimento do dito corpo tem soffrido encolhimento geral, visto estarem retrahidos os ligamentos cartilaginosos de todas as articulações moveis longitudinaes, nem outra cousa se podia esperar no longo periodo de 3 seculos; com tudo parece ainda menor do que realmente o está, pelo caixão que o contem

---

cumentos da 1.ª Parte a pag. 318 sob o n.º 16 foi publicado com o anteriormente feito em 1782, no Boletim n.º 80 a pag. 527, e tambem em folheto, cuja 1.ª edição tendo sido promptamente consumo se fez a 2.ª, que tambem durou pouco, daqui se pode inferir o grao do enthusiasmo de que fallamos.

ser maior, e ainda maior o *andôr ou bandeja*, em que está collocado o mesmo caixão (277); pois que o veneravel corpo do Apostolo tem alias *seis palmos e duas pollegadas de marca* de comprimento.

249—Pela mesma maneira a cabeça do Santo pareceu estar separada do tronco, e assim o suppuseram alguns observadores; para verificar isso voltamos ao caixão, a muito custo pelo aperto do povo, e fizemos affastar quanto era bastante as vestimentas, e reconhecemos não ser real a separação alludida, e que a apparencia procedia de estar comprimido o *atlas* e as immediatas vertebras do pescoço, e encolhidos os seus ligamentos, e como o venerando corpo tem perdido o seu primeiro volume por estar resequido, não he portanto de admirar que fique mais baixo do que a cabeça colocada no primitivo travesseiro, que pelas alterações referidas fica sendo hoje mais alto, donde procede a sua actual posição. —Alem disto o Padre Sousa refere (*Or. Conq.* Vol. 1. Conq. IV D. 2. § 2 in fine) que o pescoço do Santo fôra *dobrado* em Malaca, por a cova, em que o sepultaram na segunda vez ser curta, o que tambem pode ser que influisse para ter a aparencia notada.—Desta vez a curiosidade nos levou a fazer arredar a renda da vestimenta do braço, e achamos que a sua pelle estava menos escura do que a dos dedos, e notamos a saliencia dos tendões.—E o dedo esponjozo do pé, de

(277)—As dimensões do caixão que encerra o corpo do Santo, e as do *andor ou bandeja*, em que está colocado o mesmo caixão são as seguintes:

Caixão	Andor
Comprimento, palmos 6 pol. 9	Comprimento, palmos 8½
Largura ..... « .. 2 « 1½	Largura..... « .. 2:5 pol.

que falla o auto, estar segurado a outros por meio de um fio de sôda encarnada (278).

256—As sobreditas vestimentas, são as mandadas pela Rainha de Portugal D. Maria Sophia, segunda mulher de El-Rei D. Pedro II, porque estão bordadas na parte inferior da dianteira da casula as armas daquella Rainha, cujo desenho apresentamos em outro logar (a pag. 266); mas para o completo da offerta relatada pelo Padre Sousa (*Or. Cang.* Vol. I. Conq. IV D. 1. § 198), e que deixamos apontada no § 237 da 1.ª parte, falta *o barrete*; pois que o Apostolo tem a cabeça descuberta.—As referidas vestimentas he provavel que fossem offerecidas na mesma occasião, em que o Santo foi inaugurado por El-Rei D. Pedro II em *Defensor do Oriente*, por sua C. R. de 21 de Março de 1699.—Ellas estão perfeitamente bem conservadas, e parecem feitas no momento.—A riqueza do seu bordado, a qualidade, regularidade, e grandeza das perolas, que ellas contem em profusão, de per si testimunhiam a piedosa devoção, e a grandeza da mão Real, que offereceu as mesmas vestimentas.—A par do bordado da casula, manipulo, estola, está tambem o delicadissimo transido, e o pregado da alva, e talvez a este transido se deve a tradição popular, de que todas essas peças eram bordadas pelas mãos de infantas de Portugal, não tendo aliás fundamento essa tradição por as Infantas não terem idade para isso (279). — A mesma

(278)—Não se sabe, por falta de documentos, em que época se fez esta diligencia de segurar por tal forma o referido dedo, e o auto de 1762 he omisso a este respeito, o que aqui deixamos notado *ad rei futuram memoriam*.

(279)—El-Rei D. Pedro teve do seu 2º matrimonio com a Rainha D Maria Sophia duas Infantas: D. Thereza, nascida em 21 de Fevereiro de 1696, e D. Francisca, nascida em 30 de Janeiro de 1699, conforme o Catalogo das Rainhas de Portugal pelo Padre D. José Barboza; por consequinte fica conhecido ser errada a tradição.

olva parece, pelo seu estado, apenas vestida: he de fazenda muitissimo delicada.

251—Ao lado direito do sagrado corpo se vio um bastão com castão de ouro, do comprimento pouco menos de tres polegadas, cravejado de 163 esmeraldas, sendo maior a do topo: e a ponteira tambem cravejada de 31 esmeraldas, ao todo 194 (280).—O mesmo bastão he de crer que fôra tambem offerecido por El-Rei D. Pedro II com o grande medalhão de ouro, cujo desenho já vimos atraz (a pag. 271); este como emblema de sua inauguração em *Defensor da India*, e aquelle como insignia daquelle titulo, porque os bastões naquella epoca eram o distinctivo dos Officiaes Generaes; e não, de certo, o que entregou o V. Rei Conde de Alvor, com a sua Patente, e uma declaração de sua lêtra, como diz a historia (281); porque a riquesa e feitio do seu castão, e a escolha positiva das esmeraldas, symbolo de esperança, para o seu ornato, deixa ver que [illegible] uma offerta allegorica da Real mão, e não um si[illegible] bastão de General que conforme a pragmatica devi[illegible] esmaltado, e não cravejado de pedras, e o V. Re[illegible] qu[illegible] arrecadou a Patente, e a sua declaração, he de [illegible] sup[illegible] que tambem retirasse o seu bastão (282).

---

(280)—No dia 17 de Novembro verificamos [illegible] compl[illegible] do Castão e o numero das esmeraldas; e não nos foi pote [illegible] zer pesar o castão, por ser necessario leva-lo ao fo[illegible] tão, e do grande medalhão de que já fallamos at[illegible] vid a nota 243 a p. 271; o inventario não dava conta, nem [illegible] quer havia noticia tradicional delles.

(281)—Vid. a § 236 a pag. 264.

(282)—Com quanto os Bastões em épocas [illegible]steriores deixassem de ser distinctivo militar; os que trocam os Governadores Geraes da mão da Imagem de prata do nosso Santo, que para aquelle fim se colloca no altar no dia da sua [illegible]sse, he ceremonial effectivamente adoptado desde 1793, como já dissemos na nota 231 a pag. 264, e para o levar a effeito estão promtos dous

CAPITULO 87

Dos preparativos preliminares para a exposição de 1859.

252—Terminado o acto do exame (283), os que tinham por obrigação, e outros que quizeram voluntariamente concorrer para solemnisar e fazer pomposa a grande função da exposição do corpo do Patrono das Indias, deram movimento aos preparativos preliminares constantes da seguinte resenha (284).

Out.—O Governo do Estado expede a Portaria n.º 144,
17 nomeando uma Commissão, encarregada da limpesa do caixão de prata, e de outros arranjos indispensaveis. Doc. N.º 19

20—Installa-se a Commissão referida, e procede ao desmancho, e limpesa das peças de prata do caixão, e depois o faz forrar de novo de velludo escarlate da Europa externamente, e por dentro de damasco (285).—O numero e o peso das ditas peças he como se vê no Doc. N.º 20

Bast[illegible] castões cravejados de diversas pedras; com tudo alguns [illegible] Reis por sua devoção mandaram fazer novos á sua custaos Vaquella troca, como o fez o V. Rei D. Manoel da Camara. —E[illegible]s parece-nos ser uma substituição dos antigos que nos r[illegible]nas d[illegible] V. Reis se vem nas suas mãos, tal vez, como symbolo [illegible] poder.

(283)—[illegible] exame, com mais antecipação do que da outra vez, teve lu[illegible] a pedido do Director da Imprensa Nacional, para ajuntar ao *Resumo Historico* da Vida do Apostolo então no Prelo, o Auto do me[illegible]o exame.

(284)—Esta resenha he procedente de documentos Officiaes que temos a vista, dos quaes apresentamos os mais notaveis, e outros citamos apenas, para não avolumar mais do que está este opusculo.

(285)—O forro velho do caixão foi dividido entre os circunstantes, alguns dos quaes remetteram parte do seu quinhão para as Pro-

21—A Imprensa Nacional publica um Aviso pedindo um exemplar da Novena do glorioso Apostolo para imprimir, e satisfazer assim os desejos dos devotos que solicitavam aquella publicação, Bol. n.° 82 pag. 545.

2—O Governador do Arcebispado faz alimpar a prataria da Capella do Santo, e da Igreja: conclue ajustes da armação da Igreja, e mais aprestos necessarios para o ornato do Templo: da cêra, musicas, e do mais que era preciso para a festa do Santo, e exposição do seu corpo.

Nov—A Camara Municipal publica a sua Postura para
9 limpesa e aceio da Cidade Velha, Doc. N.° 21.

10—O Governo do Estado expede a Portaria n.° 161 approvando e dando a execução o Programa do festejo da exposição, o qual se publica em Portuguez, Inglez, e Maratha, Doc. N.° 22.

17—O Director da Imprensa Nacional pede ao Exm.° Governador Geral uma abertura secreta do caixão para se retratar o Santo, e tocar no seu corpo as medidas de sua dimensão, com letreiro competente, e estampas de sua Effigie, e S. Ex.ª acolhendo o pedido, da sua commissão ao Secretario Geral do Governo para com o Reverendo Governador do Arcebispado procederem a mesma abertura, a qual effectivamente se leva a effeito (286).

---

vincias sob o especioso titulo de *reliquia do colchão do Santo*! outros os reduziram a reliquias para *nominas*, de diversos feitios, e as venderam em grande quantidade durante os 37 dias da exposição,° a meio xerafim cada uma.

(286)—Sem embargo de intermedear apenas dous dias entre a resolução do Exm.° Governador Geral, e a abertura privada do caixão para o fim referido, e de se ter tomado todas as cautellas para aquella resolução se não devulgar, e não soffrer a diligencia os ornatos que se expetimentaram na primeira abertura,

18—A Imprensa Nacional, annuncia a venda da Novena do Glorioso Apostolo. Bol. n.º 90 pag. 594.

21—O Governo do Estado expede a Portaria n.º 163 nomeando uma commissão para receber as oblatas, durante a exposição. Doc. N.º 23.

---

achamos o Templo de Bom-Jesus inopinadamente com imenso povo, assim das Ilhas, como das partes mais remotas de Salcete, e Bardez, de sorte que foi preciso fechar a porta de vidraça da Capella até se conseguir o fim para que se fizera a mencionada abertura.—Mais duas vezes o povo se reunio em grandes magotes na Cidade Velha, nos dias 25, festa de St.ª Catharina, que por isso foi muito concorrida, e no dia 29 de Novembro, pelo falso rumor de que se abria o mesmo caixão.—Passando agora ao objecto principal da nota:

De facto foi o Santo retratado pelo 2.º Sargento de Artilheria e Desenhista do Archivo da Escola Mathematica e Mi- [illegible] *Luiz Maria de Noronha*, e pelo Pintor *Antonio Francisco* [illegible], de Ribandar, o por sahir melhor o do primeiro; se- [illegible] o parecer das principaes Autoridades que viram o Santo no dia do 12 de Outubro, por elle se fez a chapa, e desta são as Estampas que apresentamos na 1.ª e 2.ª edição da sua vida. —Assim mais foram copiadas por *João Francisco Fernandes*, Desenhista da Imprensa Nacional, as armas da Rainha D. Maria Sousa, que estão bordadas na casula.—E em seguida foram tocadas no venerando Corpo pelo Reverendo Governador do Arcebispado, e depois bentas por elle, 1700 medidas, 4000 estampas de sua Effigie em meia folha, e 4200 em oitavo.—Contaram-se tambem as esmeraldas do Castão, e da ponteira do Bastão que o Santo tem a seu lado.

Durante o Reverendo Governador do Arcebispado tocava as medidas e Estampas á cabeça, mão, e pés do Santo, observamos dentro da palma da mão do mesmo Santo, entre os dedos polegar e index, um filete lisente, o qual parecendo-nos seria de alguma chapa de ouro pregada na vestimenta, contendo o anno do seu offerecimento, fizemos-a observar ao Reverendo Governador, o qual tendo levantado a mão, se reconheceu ser uma medalha de cunho de remota era, denominada vulgarmente *Veronica*, e como esta medalha tal vez fosse alguma das que o Exm.º Arcebispo, St.ª Catharina tocasse na exposição de 1782 no Corpo do Santo, a pe-

22—A Imprensa Nacional annuncia a venda das [illegible] didas do corpo do Santo, e Estampas da sua E[illegible] de- Bol. n.º 81 pag. 601. [illegible]ie,

23—O Governo do Estado expede a Circular [illegible] para a marcha da Tropa para a Cidade Velh[illegible] N.º 21. [illegible] Doc.º

26—O Governador do Arcebispado [illegible]lica um [illegible] Circular dando noticia da exposição [illegible] deter[illegible] Carta que em todas as Igrejas do Estado [illegible] quem [illegible]minando por tres vezes nos dias 3 de Dezembro [illegible] os sinos neiro, ao sinal apontado. Doc. N.º 25 [illegible] de Ja-

26—A Camara Municipal publica as suas [illegible] taixas para as barracas de vendilhões posturas de pag. 613. Bol. n.º 93.

---

dido dos devotos, e, por ven[illegible]ra, a de que tratamos, fi[illegible] do acto do Santo, por tanto a fizemos dezenhar, e [illegible] abaixo a sua estampa, como um testemunho, na falta [illegible] cumentos positivos, do que se praticou naquella ou e[illegible] ma occasião.

Medalha ou Veronica achada [illegible] do Santo Apostolo no dia 17 de Nov[illegible]o de 1859.

28 O Governo do Estado nomea os Cavalleiros que devem pegar nas Varas do Palio (287).

29 A Imprensa Nacional annuncia a venda do *Resumo Historico* da Vida do Santo Apostolo, Bol. n.° 93 pag. 615.

30 O Administrador do Concelho expede o seu Edital Official sobre a vinda dos estrangeiros, Boletim n.° 94 pag. 618.

30 Chegam a Nova-Goa, em um Vapor o Illm.° D.or Ca[illegible]gario Apostolico em Bombaim, acompanha-do dos Reverendos Gard, Charmillot, Doyle, e do Illm.° Loughnan, Juiz em Punem, para presta-rem ao glorioso Santo a sua homenagem.

[illegible]no do Estado convida a todos os Commen-[illegible], e Cavalleiros de differentes Ordens, Em-[illegible]s Civis e Officiaes Militares, que se achas-[illegible]n Nova-Goa para assistirem no dia 3 ás 10 [illegible] da manhaã á festa do Apostolo da India, Bol. [illegible] pag. 619.

[illegible]rensa Nacional avisa que desde o seguinte dia [illegible]ta [illegible] a venda no Pavilhão levantado na Velha Ci-dade [illegible] frente da porta principal da Igreja de Bom-Je[illegible], diversas Estampas, Medidas, e outros objectos que respeitam ao Glorioso Apostolo, Doc. N.° 26

«—A Camara Municipal annuncia ter estabelecido as suas sessões no extincto Convento S. João de Deos, Bol. n.° 95 p. 626 (288).

---

(287)—Os nomeados effectivamente pegaram nas Varas, e foram: o Presidente da Relação, Joaquim d'Azevedo e Lima—O Brigadeiro, João Antonio Salinas—O Thesoureiro Geral do Estado, Bernardo Heitor da Silveira de Lerena—O Escrivão Vogal da Junta da Fazenda, Francisco da Costa Mendes—O Fizico-mor do Estado, Eduardo e Almeida de Freitas e o Inspector das obras Publicas o Major, Candido José Mourão.

(288)—Convento de S. João de Deos. El-Rei D. Pedro II man-

1—Uma Associação estabelece um Hotel no Refeitorio do extincto Convento de S. Francisco, Bol. 95 pag. 626 (289).

2—Uma Senhora pede ao Exm.º Governador Geral por um Requerimento seu licença para depositar no Cadão do nosso Santo, cobrindo os seus pés, um lenço por ella bordado; sobre o que ouvido o Reverendo Governador do Arcebispado se lhe defere o seu pedido (290).

---

dou em 1681 alguns Religiosos da Ordem denominada da *Hospitalidade* para se estabelecerem na India, os quaes chegando a Moçambique construiram um convento, donde vindo a este Estado edificaram o de que se trata, defronte de Santo Agostinho, comprando uma pequena casa ligada a outra grande, que para aquelle fim lhes deu D. Fernando Martins Mascarenhas, que governou este Estado por via de successão.—Este convento foi depois elevado a cabeça da Provincia, sob a denominação de *S. João de Deus*: e a Igreja que hoje está desmantelada teve a invocação de *Nossa Senhora do Bom Successo*.—O convento tinha de instituição 8 Religiosos, sustentados pela Fazenda, a 1 xerafim diario, e os de mais o eram á custa de esmolas.—Elles serviram de enfermeiros no Real Hospital Militar, e na substituição dos Jesuitas, até a extincção da Ordem em 1833. Eram filiaes desta Provincia os conventos de Moçambique, Damão e Dio.

(289)—Além deste hotel foi tambem estabelecida uma Hospedaria em um grande barracão, levantado entre a casa da Camara Agraria e do Caes denominado dos Arcebispos, além de grande numero de outras pequenas estalagens e tavernas espalhadas em todas as ruas da Cidade.

(290)—A Offerente foi a Exm.ª Senhora D. Maria Amalia da Silveira de Lorena, filha solteira do Sr. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.—O Lenço era de setim branco, orlado de uma trepadeira bordada de ouro, tendo no centro em figura de ellipse, e dentro da mesma ellipse, circundada de outra trepadeira a seguinte legenda, tudo bordado de ouro: FEITO E OFFERECIDO AO GLORIOSO, E MILAGROSO S. FRANCISCO XAVIER.—POR A SUA MUITO HUMILDE DEVOTA D. MARIA AMALIA DA SILVEIRA DE LORENA, NO MEZ DE DEZEMBRO DO ANNO DE 1859.—O Requerimento allu-

«—Aparecem, representando uma armada, no rio de Pangim muitos Patamarins, Bateiões, Mochnós, e grandes topas de cangalhas, armadas de toldos, procedentes dos portos estrangeiros do Sal e Norte; e mesmo dos nossos, de Ansoluá, Cabo de Rama, Baga, Morgim e Tiracol, umas lançando ferro, e outras seguindo para as praias da Velha Cidade, condusindo todas grande numero de passageiros de diversas côres, classes, religiões, e variados costumes, de romaria ao Tumulo do Glorioso Apostolo (291).

---

dido era do theor seguinte—«Illm.º e Exm.º Sr.—Diz D. Maria Amalia da Silveira de Loreha, que dezejando dar uma [illegible] equivoca prova da sua humilde devoção pelo Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, na proxima abertura do seu Tumulo, abertura que fixará na India uma verdadeira epoca unindo o nome de V. Ex.ª á eterna lembrança, que nestes povos deixará d'uma medida que he prova evidente da piedade e sentimentos verdadeiramente religiosos, de que V. Ex.ª he dotado, e principalmente confiada já na bondade de V. Ex.ª, já nos citados sentimentos, espera que V. Ex.ª lhe concederá licença para depositar no caixão do mesmo Santo cobrindo os seus pés um lenço bordado pelas *mãos do Supplicante*, e para que esta dadiva não possa em qualquer tempo ser removida do lugar em que a Supplicante deseja ella se conserve, espera tambem poder depositar [illegible] requerimento com o Despacho que V. Ex.ª se dignar lançar [illegible] portanto—P. a V. Ex.ª illm.º e Exm.º Sr. Visconde de Torres Novas, etc. que haja por bem de conceder a graça que a Supplicante requer; no que R. M.ce—Tanto continham as duas minutas originaes, que nos foram franqueadas: o Requerimento foi despachado em 3 e não ficou o seu registo:—N. B. Este lenço durante a exposição estava no caixão, e um outro vermelho tambem bordado de ouro cobria os pés do Santo, e segundo nos disseram por devoção da familia dos Senhores Mourões, para depois da exposição ser dividido em reliquias.

(291)—Grande foi o numero de embarcações de Gavea, taes como os Vapores *Telly*, *Gulmar*, *Bombay*, e *Victoria*—as de vella, Barcas, Brigues, Escenas—as costeiras, Patamarins, Bateiões, Mo-

«—A 2 horas da tarde deste dia começam os habitantes da parte central de Bardez a descer, como um formigueiro a ladeira de Malim fronteira a Alfandega, e a atravessar o Rio para Pangim, com destino para a Cidade Velha (292).

«—Por convite da Camara Municipal, os habitantes dos 3 bairros de Nova-Goa, começam a illuminar as frentes de suas casas situadas na estrada, que se dirige para a Igreja de Bom-Jesus (293).

«—No Templo de Bom Jesus o Ilm.º Cabido da Sé Primacial, a hora do costume, Officia as vesperas, acompanhado da melhor Orchestra do Paiz (294),

---

chuos, Manguerins e tonas de cangalha etc., que durante a exposição, e ainda depois, por engano, conduziram repetidas vezes milhares de romeiros; mas infelismente os documentos dublicados, e outros que temos á vista tem lacunas que não cabe no tempo eacher com novos esclarecimentos.

(292)—Este formigueiro, composto de homens, mulheres, e creanças continuou incessantemente, noute e dia, durante a exposição.—As ruas principaes de Pangim, durante aquelle tempo, estavam effectivamente atulhadas de immenso povo, uma parte delle percorrendo em direcção para a Cidade Velha, outra voltando para suas casas, e outra, finalmente, que vinha de proposito visitar a Capital de Goa aproveitando do ensejo da exposição, por ser uma e outra cousa, a muitas familias, uma novidade inesperada; pois vimos familias que não tinham chegado a ver mais de uma Aldêa da sua Provincia.—Na ponte entre Pangim e Ribandar, e na rua que se lhe segue até o Templo de Bom-Jesus não se via espaço algum desocupado, tal era o numero dos romeiros que hiam e vinham constantemente, não contentes com duas e tres visitas que faziam á Reliquia do Santo!

(293)—Os Convites da Camara foram dirigidos em diversas datas do mez de Outubro e Novembro; sendo alias impressos em 3 deste ultimo mez, sem data.

(294)—Esta Orchestra com mais instrumentos, e vozes, do que dos mais annos, durante a Novena e Vesperas tinha sido ajustada por 150 xerafins, duas partes em prata.

no meio de grande concurso do povo reunido para solemnisar aquelle acto, precursor da festa grandiosa, que vai contemplar.

CAPITULO 88.

Do aspecto da Velha Cidade no dia da exposição.

253—Raiou finalmente, duplicadamente celebre para os Annaes de Goa, o memoravel *dia 3 de Dezembro de* 1859, em que a Igreja solemnisa a festa do inclito Apostolo, Patrono e Defensor das Indias!—Dia celebre em verdade, por ser o em que, depois de 77 annos, se expõz com grande pompa á publica veneração de variegados povos, dissidentes nos costumes e nas crenças, o sagrado corpo, que incorrupto se conserva entre nos por 307 annos: desse homem portentoso, que andou 30 mil legoas, viveu 10 annos entre nações barbaras e desvairadas, converteu 1.200$000 almas, e resuscitou 57 mortos!—Celebre dia em fim, por ser aquelle, em que, pela vez primeira, se apresentou á vista a admiravel peripecia do pardieiro da Velha Capital da India Portugueza transformado, de noute para dia, em populosa Cidade, cheia de vida e de animação inconcebivel, como surgida das proprias ruinas, para recordar aos povos agglomerados no seu solo a época da sua magnificencia proverbial, em que o Glorioso Apostolo a intitulava=CIDADE DE BELLA VISTA (§ 17 a pag. 22)=e o estrangeiro que a ella aportasse=A FEIRA DO ORIENTE=(295)!

(295)—A'cerca da magnificencia, grandeza e trato deste Emporio Lusitano da India, lea-se a admiravel descripção que della faz Francisco Pyrard de quem já atraz fallamos na nota 36 a pag. 22, com respeito aos derradeiros annos do primeiro seculo da sua conquista, annos aliás, no começo da declinação do formidavel mando que os Portuguezes exerciam sobre os ricos, poderosos, e prosperados Reis do Oriente!

Ainda quando a Velha Cidade de Goa tinha erguidos os seus

234—A presente geração teve a não esperada ventura de assistir a esse grandioso aspecto da Cidade Velha, e dos seus arredores, e de testemunhar as apparatosas disposições internas do sumptuoso Templo de Bom-Jesus, e as augustas cerimonias com que se fez a memoravel exposição, de que tratamos.—Uma minunciosa descripção desta grandiosa função, de certo, era do dever dos

---

Palacios (o da Fortaleza, e o da Inquisação foram mandados demolir por Ass. da Junta da Fazenda de 19 de Julho de 1820): Os direitos de importação e exportação se arrecadavam no *Mandoci* (Alfandega, foi mudada para Pangim em 1811): Os Conventos eram povoados de numerosos Religiosos (extinctos em 1835) e as Igrejas dos respectivos freguezes: O poderoso Senado fazia as suas sessões no *Paço proprio*: a rica Misericordia entretinha os seus Recolhimentos e Hospitaes: varias casas eram habitadas por diversos funccionarios: a Relação, a Chancellaria, e os seus Cartorios: a Contadoria da Fazenda e as Repartições annexas (transferidas para Pangim em 1819): o Tribunal da Bulla: o Aljube: as Cadeas e os Cartorios dos Juizos Civis e Ecclesiasticos, em fim as Lojas dos Mercadores permaneciam no seu recinto, e ahi se armavão as feiras annuaes, e se faziam as funcções Nacionaes, chegamos a presenciar alguns desses actos publicos, sendo delles os mais notaveis as grandiosas exequias da Rainha D. Maria 1.ª (em 1815, á custa do Senado, que despendeo 7 mil xerafins), a pomposa entrada do V. Rei Conde do Rio-Pardo (em 1816): finalmente a entrada extraordinaria do V. Rei Conde de Sarzedas (em 1807), que era a 1.ª que se fez depois de 50 annos, e para cujo luzimento e ostentação não só se esmerou para á risca se executar o antigo formulario triumfal, que por muito extenso não apresentamos; mas até as ruas da Cidade pelas quaes o prestito devia transitar foram cobertas de louça branca, (por moiros—lavandeiros), e os Ourives lançaram, de espaço a espaço, sobre o objecto da festa, manchêas de pequenas flores de ouro e prata: comtudo isto ainda este festejo não achamos comparavel ao da exposição de que tratamos, em relação á affluencia do povo, o que he facil de se conhecer, visto que aquelles festejos se limitavam unicamente aos povos das Ilhas, Salcete e Bardez (as Novas Conquistas ainda viviam sobre si) e o da exposição se estendeu á India toda!

actuaes transmittir aos vindouros, para seu conhecimento e satisfação; nós bem quizeramos tomar sobre nós este encargo; mas não contando com cabedal sufficiente para a delinear nos precisos termos, como cumpre; contentamos-nos em deixar registado nesta pagina os factos mais salientes que observamos durante os 37 dias que continuou aquella festividade, acompanhados do que os Nacionaes e Estrangeiros escreveram ácerca della, a fim de que a posteridade, em vista destes dados, possa, pelo menos, ajuisar do que lhe não coube em sorte presenciar.

255—Ás 5 horas e meia da manhãa desse dia embarmos nós em Pangim no caes da meia laranja, contiguo ao Palacio do Governo, deixando o largo immediato e as ruas visinhas em extraordinario movimento, pela gente que affluia de Bardez, e outra que desembarcava dos transportes surtos de fronte da Alfandega, toda dirigindo-se para a grande Ponte do Conde de Linhares, caminho direito para a Velha Cidade, e seguimos o rio acima, acompanhados de varios escaleres, e numerosas tonas, desamarradas de diversos pontos de um e outro lado do mesmo rio, conduzindo homens, mulheres, e creanças, em numero superior as suas capacidades (296), e disputando entre si a precedencia a voga forçada, para chegarem mais depressa ao seu destino (297); e seguidos

(296)—A causa destes transportes levarem numero de pessoas superior a sua capacidade era porque o seu fretes estava, por esta occasião, muitissimo elevado; pois os escaleres que se afretavam ordinariamente, para de Pangim irem a Cidade Velha por 2 a 2 rupias, não se contentavam com 6 e 7; e as tonas que eram pagas com 6 tangas, exigiam 6 a 8 xerafins; e o frete de Salcete para Goa de 3 a 3½ xerafins tinha chegado de 14 a 18 xerafins; e os boiás não tinham commedimento no seu pedido.—Mandaram-se vir carros de Bombaim, vierão dous, mas chegarão tarde.

(297)—Por ser contra mare, e a emulação os obrigar a tanto.—A viagem de Pangim para a Cidade Velha na mare he de 2½ horas, e contra mare de 3½ a 4, e mais, segundo a força da vasante.

pela referida Ponte de uma interminavel columna serrada de populaça, levando a mesma direcção que nos. — A proporção que nos affastavamos do ponto donde partimos, se hia engrossando a nossa companhia com novos escaleres e tonas, umas vindo do rio abaixo de Britona, e outras de Ribandar, e do interior dos seus arcos, e assim fomos seguindo sempre com o numero crescente de transportes, e tendo a vista constantemente a sobredita columna serrada, em demanda do cues denominado do Arcebispo (298).

256—Chegado em fim com esforço ao ponto demandado, se nos apresentou um magestoso Panorama, que deleitando a vista nos trouxe á memoria recordações mui pungentes! —O antigo rio do *Mandovi* (299), que he o actual da Velha Cidade, se via sustentar sobre as suas agoas um vapor com bandeira estrangeira, mas amiga, acompanhado de varios patamarins e batelões, na mesma situação em que o famoso Marte Portuguez havia largado o ferro da sua poderosa Armada, e em annos posteriores se viram surtos centenares de navios de guerra, uns apenas chegados com reinos e cidades ganhas, e outros proximos a partir para novas empresas; e mais de 300 mercantes de diversas Nações e Portos abaterem as suas bandeiras, em homenagem, ás Quinas Portuguezas que viam tremular sobre a torre do Palacio da Fortaleza, que era a Sé de dos V. Reis!—O rio se via todo juncado de transportes Nacionaes e Estrangeiros, varios nos tamanhos,

(298)—Este caes he obra da época da tentativa da reedificação da Cidade; pouco mais ou menos no mesmo lugar do antigo caes de Santa Catharina.

(299)—O Rio denominado hoje—*da Velha Cidade*—se chamava em eras felizes—*do Mandovi*—isto he da Alfandega, porque Mandovi era o nome das Alfandegas no tempo da Conquista, não só em Goa mas em todas as possessões Portuguezas, por conseguinte he impropria chamar-se rio Mandovi o rio de Pangim, porque a sua Alfandega não usa do antigo nome de Mandovi.

e diversos nós feitos e armações, e outros que accorriam presurosos pelo rio e seus braços, e esteiros, de Chorão, Piedade, S. Mathias, Naroá, e Gandaulim!—A grande extensão do litoral da Cidade desde o caes do extincto Collegio de S. Boa-Ventura (300) pelo Poente, até o caes da antiga Alfandega pelo Nascente, estava toda occupada de embarcações de transporte, emparelhadas de 3 a 3, e 4 a 4 das quaes desde a madrugada se tinham desembarcado os passageiros; de sorte que os novos que chegavam eram obrigados a passar de umas tonas para as outras até chegarem a terra, como nós, e outros que estiveram no mesmo caso, o fizemos!

257—Apenas pousamos o pé em terra, divisamos em frente de nós um outro quadro de diversa especie: a longa rua sobre o litoral de que fallamos, limitada de um lado com o muro do Arsenal, e de outro com as ruinas do antigo *Mandori* (Alfandega) se via toda cheia de immenso povo apenas desembarcado, e preparando-se para assistir a solemnidade do dia: o grande terreiro ou esplanada do Palacio dos V. Reis (uma das duas reliquias que apenas existem das muitas obras, que inutilmente

(300)—Collegio de S. Boa-Ventura.—O Fundo para a construcção deste Collegio, em somma de 200 mil xerafins, era levantado por meio de subscripção por algumas Matronas ricas e nobres do Norte (Bacaim), para construcção de um Mosteiro para 200 Irmãs Freiras da Ordem de St.ª Clara do Patriarcha S. Francisco; mas oppondo-se a esta instituição o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, o Custodio Fr. Miguel de S. Boa-Ventura reverteu aquelle fundo na construcção deste Collegio, destinando-o para casa de estudos em 1602.—A sua subsistencia consistia na ordinaria de 1000 xerafins concedidos por Alv. R. de 16 de Abril de 1617, e missas, acompanhamentos, e sufragios pelos soldados brancos do 1.º Regimento, e da Legião dos voluntarios Reaes de Ponda, que se enterravam no Capitulo e Claustro deste Collegio.—E tinha á sua conta o Hospicio de Nossa Senhora de Saude, de Valverde de Reis-Magos, e o do Monte de Guirim, etc. etc.

se fizeram para a pretendida reedificação (301) da Velha Cidade) dividida em 3 porções muradas, deixando uma rua sobre o litoral, e intermedeando 3 largas travessas, uma sobre o caes denominado do Arcebispo, com direcção em linha recta a porta chamada do *carro*, alias do rio, do extincto convento de S. Francisco, sobre cuja porta se via tremular uma bandeira com o distico = Hotel = tendo esta rua ao lado direito a casa da Camara Agraria das Ilhas de Goa (a segunda reliquia das referidas obras da Cidade) toda cheia de gente (302), e na sua frente um grande barracão de outro Hotel dando aviamento aos seus hospedes.—A 2.ª travessa com posição directa a Sé.—E a 3.ª encaminhada ao Arco ou Portico denominado dos V. Reis.—Por estas travessas se viam passar appressuradamente torrentes do povo para chegarem com tempo ao Templo de Bom-Jesus, visitando pelo caminho o que achassem de mais notavel, porque tudo lhes causava novidade por ser a primeira vez que pisavam a solo desta Palmira de Goa!

238—Maravilhados destes variados espectaculos, não esperados, nem d'antes vistos, e impacientes por contemplar o que mais tivesse produsido a subitanea metamorphose das ruinas solitarias da antiga Capital de Goa, em Cidade populosa, percorremos os principaes lugares della, constantemente no meio de tropel de povo e de turbilhões de poeira que se levantava de todos os lados, em quanto não soava a hora aprasada do grande festejo.—Em resultado desta diligencia achamos que o Exm.º Governador Geral

(301)—Para esta pretendida reedificação, além da Fazenda, a Camara das Ilhas concorreo com 1003000 xerafins, a de Salcete com 1363000, e a de Bardez com 1403000, ao todo 3366000 xerafins. Vid. o Rosr. Hist. das Communidades Parte 1.ª pag. 60.—O Terreiro possue actualmente o Sr. Ludovico Xavier Mourão por titulo de aforamento.

(302)—Esta casa serviu por muito tempo de Aljube ou Carcere Ecclesiastico.

tinha estabelecido o seu Quartel General no extincto Convento de *S. Caetano da Divina Providencia* (303): que no mesmo edificio estava alojado o Thesoureiro Geral com a sua familia.—O Secretario Geral, e o Administrador do Concelho com as suas estavam aposentados na extincta

(303)—Convento de S. Caetano. A Ordem denominada dos *Theatinos* para se estabelecer neste Estado teve os seguintes motivos:—O Papa Urbano 8.º tendo mandado os Clerigos Regulares *B. Pedro Avilabile*, (como Superior)—*D. Francisco Manco*—e *D. Antonio Maria Ardicone* para prégar a Fe no Reino de Golcondá, elles não poderam entrar naquelle Reino; por tanto vieram a este Estado, e moraram em uma casa particular atraz de S. Paulo velho, por beneplacito do seu dono Rui Gomes Barreiro, Deão da Sé Primacial, donde por molestias passaram para as de Fr. Diogo de Santa Anna, na calçada de N. S. do Rosario para a rua de S. Boaventura, destas por arruinadas, se mudaram para umas que aforaram a Misericordia e haviam sido de João Vas Casquão, situadas no beco do Bacharel, reduzido modernamente a larga travessa pelo Intendente da Marinha Jeronimo Antonio Pussich, para dar passagem ao seu carro para o Arsenal, pela grande porta da terra que abriu pelo lado d'Oeste. —A estas casas querendo os ditos Religiosos dar a conveniente forma, foram intimados pessoalmente pelo Dezembargador Ouvidor Geral do Civel Lopo de Lagares Passanha, acompanhado do seu Escrivão Manoel do Prado, na data de 27 de Agosto de 1643, da Portaria do Vice-Rei Conde de Aveiras, datada do dia antecedente, para suspenderem a obra começada.—Depois os Padres alcançaram Beneplacito Regio em Provisão de 26 de Setembro de 1650 para morarem no dito Hospicio do beco do Bacharel, e nelle continuarem os exercicios espirituaes.—Assim mais por C. R. de 7 de Março de 1655 mandou-se-lhes favorecer, no particular de suas pretenções, e finalmente por outra de 22 de Março deste ultimo anno permittio-se-lhes a sua mudança ao novo Hospicio no Terreiro do Paço, que he o local, em que está situado o Convento denominado de *S. Caetano da Divina Providencia*, Orago da Igreja. —Este local occupavão duas casas, uma particular que foi cedida aos Religiosos, e a outra em que se fabricava polvora, a qual parece que lhes foi tambem cedida para aquella construcção por estar vaga, com a mudança da fabrica de polvora para Mallar onde

Casa Professa de Bom-Jesus.—O Presidente da Relação, o Escrivão Vogal da Junta, o Phizico-mór do Estado e varios outros Funccionarios de diversas cathegorias, e grande numero de particulares tinham escolhido as suas acomodações no extincto convento de S. Francisco.—Na

esteve algum tempo.—Desde 1610 até 1750 vieram 56 Professos, e 3 noviços, todos estrangeiros, dos quaes 23 chegaram a este Estado, falleceram 13 nas missões e 12 voltaram para Europa.—Não sendo possivel vir mais Religiosos da Europa, o Prefeito D. Carlos José Fidelis, ultimo Italiano, obteve do seu Superior a conveniente licença para receber os filhos de Goa, a qual foi confirmada por El-Rei D. José, sob a clausula de os professos não terem outra sugeição mais que ao Padre Geral *in spiritualibus* e para o acto da profissão assistiam sempre 2 commissarios do Governo do Estado por elle nomeados.—Ao principio a licença se limitava a 4 naturaes, depois ampliou-se para 12, e 4 leigos, finalmente para 20.—Esta admissão teve principio em 1750, e até o anno de 1804 o numero dos admittidos importou em 39, e 1 leigo.—Deste numero falleceram no Convento 20, e 9 nas missões.—Depois do estabelecimento destes Religiosos elles emprehenderam as seguintes missões, a do Reino de *Golcondá*, (para a qual haviam vindo)—de *Baunagar*—*Ilha de Borneo*—e *Sumatra*, mas não podarão sustentar por falta de Religiosos, e as restabeleceram depois de admittidos os nativos, aos quaes a Fazenda dava para ajuda de custo 150 xerafins a cada um.—Na falta de Religiosos eram empregados Padres Seculares, como o foi em Maselipatão o Padre Paes de Sangoldá.—Os Theatinos além do Convento principal tinham um Hospicio em Mailor, Freguezia de S. Mathias, com uma Capella, que hoje pertence aos herdeiros de Daniel Mariano Picardo, ex Official-maior da Santa Casa de Mizericordia, por compra á Fazenda Publica.—Ao principio os sobreditos Religiosos viviam de esmolas, pelo titulo de=*Aurum et argentum non est mihi*= do S. P.dro, e a isto se deve a tradição, que ainda hoje de todo não está apagada=que *os Theatinos ou Caitanistas se sustentavam das bucetas dos Fidalgos*; isto he dos jantares que mandavam os Fidalgos em bucetas.—Seja ou não verdadeira a tradição, podemos com tudo affirmar por experiencia, que os Religiosos nunca pediam objecto algum de que carecessem.—Com o andar do tempo esta ordem teve bens de raiz.—O Convento primitivo era

casa da Intendencia estava o Inspector do Arsenal com a sua familia e dos seus parentes; e assim nenhum edificio ainda em paredes deixava de ter seus hospedes.— Semelhantemente a tropa estava aquartelada em S. Boa-Ventura, no Arsenal, S. Francisco e Bom-Jesus.

---

limitado, e o noviciado muito escasso e situado ao redor do zimborio; elle foi depois transferido para o pavimento baixo, e na proximidade da extincção daquella ordem construio-se um novo no andar superior.—A Igreja he magnifica, e ainda hoje esta bem conservada: ella em miniatura representa, segundo dizem, e varias estampas testificam, a Igreja, sem par, de S. Pedro em Roma.

No centro da Igreja existe um poço abobadado, com uma pequena abertura coberta (hoje hermeticamente fechada) com uma pedra quadrada.—A's exhalações deste poço se attribue a grande mancha esverdeada que se vê no fecho da cupula, apezar da sua altura, por o mesmo fecho estar a prumo sobre o poço.—A'cerca da existencia deste poço na situação apontada, diz a tradição, não sabemos com que fundamento, que tendo-se abatido por duas vezes as paredes da Igreja, o Padre Manco que era o seu architecto, e estava cego, mandara abrir aquelle poço e regulara a sua profundidade apertando entre mãos a terra que se tirava da escavação, depois disto fizera abrir os alicerces dando-lhes a fundura que julgou conveniente.—Debaixo do altar-mór desta Igreja he situado o carneiro do Convento, para o qual foram trasladados em 12 de Novembro de 1812 os caixões que contem os restos mortaes dos Exmos. Barões de Sabroso, e Candal, Governadores Geraes que foram deste Estado, da Igreja desta Capital, com lusido acompanhamento e solemnidades (Vid. a Port. de 4 Nov 1812, e o Programa que se lhe segue no Boletim 50 a pag. 301).—A entrada para este Carneiro pela Igreja está hoje pregada, por se ter introduzido na mesma Igreja um ratoneiro, arrombando a porta do mesmo Carneiro que dá para a horta.— Dizem, e não temos averiguado, que por esta occazião os referidos dous caixões foram soterrados, para evitar desacato dos ratoneiros. —Sobe-se ás Torres dos Sinos desta Igreja por uma belissima escada de caracol de 50 degráos, sendo destes 42 argamaçados, e 8 de madeira.

259—Não satisfeito com estes conhecimentos, visitamos ainda, por o tempo o permittir, as praças, estradas, ruas, travessas, e calçadas de redor do magnifico Templo de Bom-Jesus, e observamos algumas de proximo aterradas, e em geral todas em muitissimo aceio, e uma dellas (a da Misericordia) occupada lateralmente com barracas de vendilhões, e estalagens, e nenhuma dando mostra de ser de uma Cidade abandonada; mas sim de uma povoação florecente, apresentando para o completo da visão, lampiões colocados de espaço a espaço, para illuminação nocturna, como está em uso na Europa, e em algumas Cidades da Azia.—Todos os lugares e vias alludidas achamos atulhadas de immenso povo, em continua agitação como as ondas do mar, dirigindo-se em turmas, umas para o Arsenal (304), que se deixava ver invadido por todas as partes de gente bisonha, que de tudo se admirava: outra á grandiosa Sé Metropolitana, e ás escavações visinhas das ruinas do temivel Palacio da Inquisição (305), dando mostras de quererem descubrir

(304)—Arsenal.—Desta repartição, e da sua grandesa passada temos dado comprida noticia no Dic. His. Adm. na palavra—*Arsenal*—a pag. 193.

(305)—Inquisição.—A'cerca deste temivel Tribunal, e do seu Palacio temos discripto o que sabiamos na nota 154 a pag. 90 da parte Primeira da Instrucção do V. Rei Marquez de Alorna ao seu successor o Marquez de Tavora, da edição de 1856, reservando apenas para melhor occasião dar conta da divisão interna do mesmo Palacio.—No anno proximo passado, pouco antes da exposição de que tratamos, começou-se a fazer remover uma parte das ruinas daquelle Palacio para outra parte, com o fim de alargar e aformosear o terreiro da Sé, e nesta occasião se descubriram nas escavações alguns lanços de escadas subterraneas de largas pedras prêtas, como observamos, e tambem no dia 23 a 24 de Novembro uma moeda, que nos disseram os trabalhadores ser de ouro, mas quem a teve na sua mão affirmou ser de latão, não duvidamos, porque nós possuimos uma outra tambem de latão, mas que parece ser de ouro, achada nas ruinas de uma parede das

algum testemunho das barbaridades que nelle se executaram: umas outras encaminhando-se para a Capella do Glorioso Apostolo, para contemplar os lugares que elle santificou com contiua oração e meditações: outras, em fim, subindo e descendo a calçada da Graça para no Convento de Santa Monica (306) se premunirem de Contas ou Rosarios, bentinhos e nominas, para, tocadas no corpo do Santo, levarem como reliquia, na volta da romaria!

---

casas do Monte denominado do *Vigario Geral*; e he do cunho do Rei Augusto de Inglaterra.—Além disto nos fins de Dezembro immediato encontrou-se uma massa de chumbo lavrada de um lado, e escavada de outro, tendo de baixo de si ossos.—Um ancião respeitavel de Bardez suppoem que essa massa seria campa de alguma sepultura da familia do Idalcão, que teria no seu proprio Palacio o carneiro de sua familia; pois a materia de que he composta, e os lavores externos não deixam presumir que seria um dos muitos instrumentos com que naquelle Palacio martyrisavam os disgraçados.—O comprimento daquella massa, que não chegamos a ver, dizem ser de 3 a 3½ mãos; no centro he larga, e nas extremidades estreita, tendo a figura de uma canôa dos pescadores, outros porém dizem ter a figura de balêa.—Ella foi recolhida no Arsenal, e a sobredita moeda arrecadaram os Administradores da Fabrica da Sé.

(306)—Convento de Santa Monica.—Foi construido este vasto edificio com licença de El-Rei D. Felippe III, pelo grande Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes em 1606, com o titulo de= Mosteiro de Santa Monica=debaixo do Instituto e regra de Santo Agostinho para 100 religiosas.—Mereceu confirmação este instituto do Papa Paulo 5.°, pelo breve de 27 de Novembro de 1613; e depois de Gregorio 15.°, pelo breve de 10 de Março de 1622, e o beneplacito e approvação regia, por C. R. de 24 de Janeiro de 1629, e 24 de Dezembro de 1633, e S. Magestade acceitou o seu Padroado por Alvará Regio de vinte e seis de Março de 1636.—Fixou-se o seu fundo em 8 mil cruzados; mas elle teve grande fundo, e tambem grandes rendas até a perda do Norte; depois do que esse fundo ficou redusido aos bens existentes neste Estado, cuja renda em 1804 importava em 11.652, a qual hoje está muitissimo abatida por varias circunstancias.—Segundo a conta dada pelo V. Rei Conde de Linhares, em 1 de Janei-

260—Dirigimos-nos finalmente ao terreiro de Bom-Jesus, passando pelo meio de infinidade de cabres, carroças, carros, cavallos &c. que estavam retirados na sua visinhança, e pela frente da força armada, que em grande e lusida uniforme formada no largo da Igreja estava estendida ao longo da rua que conduz ao Arsenal. —O amplo terreiro, de que fallamos, a estrada real

---

ro de 1630 (Liv. das Monç. n.° 13 f. 18) este Mosteiro he maior de todos os de Portugal, com excepção do de Odivellas. —Elle he dividido em 8 Dormitorios, com as seguintes denominações —*Da Madre de Deos*, com 11 celas:—*de Sant'Anna*, com 16 —*do Divino Salvador*, com 11 —*de Santo Agostinho* com 16: *Do Sepulcro*: *De Belem*: *da Senhora da Candêa*: e *De Cima*. —Os ultimos 4 estão deshabitados e tambem arruinados. —Em 1804 tinha 42 religiosas *do veo preto*, e 19 *do veo branco*: 4 Novigas: 5 Pupilas: e hoje apenas existem, ao todo 6, sendo sua Priorasa a muito respeitavel Seror Josepha do Coração de Jesus, Thia dos Senhores Mouroes.

Neste Mosteiro tiveram lugar dous factos portentosos, do um dá conta o Reverendo Leonardo Paes no seu Promptuario de diffinições Indicas (Trat. 1. Cap. 4. pag. 48) com referencia a Monarchia Luzitana de Souza Per., e a Azia de Faria e Souza, e do outro existem documentos Officiaes, dos quaes factos daremos aqui succinta noticia para conhecimento dos nossos Leitores que a não tiverem.

O 1.°=Em 8 de Fevereiro de 1636 (1.ª Sexta-feira da Quaresma) fallou a Imagem do Senhor Crucificado, que está no coro do dito Convento, e abriu os seus olhos, e segundo diz o Padre Fr. Jeronimo da Madre de Deos, religioso de S. Francisco, que em presença do Bispo Governador D. Fr. Miguel Rangel, do V. Rei Pero da Silva, e mais fidalgos abrira a mesma Imagem muitas vezes os olhos, deitando muitas lagrimas!=Esta Imagem está actualmente na tribuna da parede da Igreja, fronteira á porta, e tem á sua direita em letras pintadas na parede o epitaphio do Padre Fr. Diogo de Sant'Anna, da Ordem de Santo Agostinho, celebre Administrador deste convento de Santa Monica, que falleceu em 26 de Outubro de 1644.—No coro existe outra Imagem.—O comprimento da que tratamos he de 3 covados, e meia polegada ou 9 palmos e meia polegada, e da do coro 2 covados e 2½

que lhe fica ao lado, e a larga rua fronteira se via tudo inundado completamente de immenso povo, que occupava estes sitios, collocando-se amphitheatralmente, uma parte no solo da estrada que he baixo, outra nos degráos do terreiro, e a de mais no plano elevado deste; e até o muro do foço da Cidade Moura estava escalado, e as janelas do coro do Templo, e da casa contigua atulhadas de gente, comprehendendo toda essa

---

polegadas, ou 6 palmos, e 2½ polegadas.—A Fazenda contribue 200 xerafins annuaes para a Alampada da 1.ª das ditas Imagens.

A noticia que acabamos de transcrever do Promptuario do Padre Leonardo Paes ácerca do Crucifixo do Mosteiro de Santa Monica, suscita em nós a lembrança de algumas outras Imagens de Christo que temos visto, tanto colossaes, como monumentaes; por tanto dignas de especial menção para conhecimento dos que as não tiverem visto, para esse fim apontaremos aqui algumas breves notas a seu respeito.

A Inquisição teve duas muito respeitaveis, pelo seu feitio e tamanho.—Depois da extincção deste temivel Tribunal, a maior das mesmas Imagens, bem magestosa, que estava na Capella, foi transferida para a Igreja do Arsenal, onde está em uma Capella particular ao lado direito da entrada: ella tem de comprido 3½ covados e 1 pollegada, ou 10 palmos, e 5 pollegadas.—A 2.ª que estava ao lado da mesa do despacho, onde a vimos, sendo transferida para a Capella do Palacio nesta Capital, esteve por muitos annos sobre um altar ao lado direito da entrada, donde foi transladada para a Sacristia da mesma Capella: ella tem de comprimento 2 covados, e 2 pollegadas, ou 6 palmos, e 2 pollegadas.—Estas duas Imagens parece que tem olhos de vidro, e he de presumir que ellas foram da época do estabelecimento daquelle Tribunal neste Estado.—A'cerca da 2.ª Imagem ainda existe a tradicção=que os *bagateiros* (feiticeiros) e outros criminosos da Inquisição apenas colocados em frente della, uns cahiam em terra sem sentidos, e outros ficavam a tremer espantosamente, sem poderem fitar a vista na Imagem=A ser verdadeiros estes factos elles podiam ser effeito de differentes causas; porque os taes criminosos eram pela maior parte gente bisonha arrancada das Aldêas, e matos!

Na Freguezia da Piedade, da Ilha de Divar, existem outras

multidão, homens, mulheres, e creanças, assim Nacionaes, como Estrangeiras em mutuo contacto, esquecidos da religião, e classes a que pertenciam, distinguindo-se porém os *christãos*, *gentios*, *mouros*, *parses*, *banianes*, *gugires ou batias*, *nacuás*, *parias*, *farazes*, *chingalás*, *malavares*, *negros*, e outras diversas classes de que se compunha aquelle *mare-magnum* pelos seus respectivos ves-

---

2 Imagens sob o epitheto de=*Milagrosas Imagens de Divar*=uma tem a denominação de *Crucifixo*, porque serve para a representação do passo da Sexta-feira maior; e a outra *de Redemptor*, e he levada em procissão no referido dia.—Ellas são, em verdade magestosas, e muito respeitaveis, e tem os cabellos da cabeça e barba tão bem dispostos, e fixos, que parecem naturaes.—O comprimento da do Crucifixo são 3 covados e quasi 3 polegadas, ou 9 palmos, e quasi 3 polegadas, e a do Redemptor 3 covados, e quasi 1 polegada, ou 9 palmos e quasi 1 polegada.—Desde a mais remota antiguidade estiveram estas Imagens em casa particular, em uma salla de proposito costruida para aquelle fim, e eram conservadas em 2 caixões, ardendo diante dellas uma Alampada á custa das oblatas, assim internas como externas, especialmente da Africa, com o producto das quaes tambem se sustentava a familia da casa.—Da referida casa foram as mesmas Imagens transferidas provisoriamente em 5 de Maio de 1857 para a Igreja, por ordem superior, e tendo-se comprado, por meio de subscripções, a referida casa, no dia 25 de Novembro de 1860 se póz a primeira pedra para alicerce de uma Capella para nella serem depositadas as mesmas Imagens.—A'cerca de sua origem ninguem sabe dar noticia certa, e as tradições são varias!

O 2.°—Em 2 de Janeiro de 1683, ao meio dia, tendo fallecida na idade de 78 annos a Madre Maria de Jesus, que antes de professa se chamava D. Maria de Crom ou Carom, filha de Fernão de Crom (de quem fallaremos em outro lugar), e viuva de D. Manoel de Sousa, a Prioresa descubriu na fallecida sinaes de chagas nas palmas das mãos, e nos peitos dos pés, o que sabendo o Cabido, na ausencia do Arcebispo, mandou na mesma tarde 2 Capitulares, e o Escrivão do Juizo Ecclesiastico, os quaes observaram em presença dos Confessores, geral e particular do Mosteiro, e a Communidade das Religiosas, os referidos sinaes, e os mandaram esfregar com *vinagre e sal*, para se certificarem se eram ou não artificiaes, e

tuarios, alguns bem extravagantes, mas que nem por isso provocavam um unico sorriso mofador; seguramente porque os devotos de diversas religiões, que solicitos se reuniram para venerar o exforcado Defensor da India, possuidos do devido respeito ao grande homem, cujo corpo iam ver, se situassem sem repugnancia na referida disposição, apesar de suas crenças, e inveterados prejuisos, recordando-se de que o Santo Apostolo nas

---

vendo que não soffriam alteração se retiraram, e a defuncta foi sepultada.—O Provisor Ecclesiastico porém tendo representado que o caso demandava maior averiguação, o Cabido no dia 3 ordenou que o Provisor fizesse desenterrar a defuncta e procedesse ao novo exame com Medicos e Cirurgiões, e assistencia de Religiosos doutos, o que de facto se procedeu a elle entre ás 10 para 11 horas, pelo Fizico-mór do Estado (o Dor. Simão de Azevedo, Clerigo do habito de S. Pedro) e Cirurgiões, estando presentes varios Prelados de Religiões, e acharam que os 2 sinaes das palmas das mãos *eram como callos, com igual proporção, sendo o da mão direita alguma cousa maior na circunferencia, e a côr distincta das mais partes da mão, e que os sinaes não passavam das palmas para as costas, e o facto no lugar era duro e aspero, e nas mais partes brando*: e tendo feito lavar e esfregar repetidas vezes os mesmos sinaes *com sabão, sal, e vinagre* não soffreram mudança alguma. — Tambem fizeram a mesma experiencia nos sinaes dos peitos dos pés, que eram sobrecompridos, e não passavam para as solas, e tiveram o mesmo resultado.—Em seguida tendo descuberto o peito acharam nelle um sinal comprido e estreito como de uma lançada, de côr róxa desmaiada, no qual tendo-se feito igual experiencia como nos antecedentes, notou-se que cada vez que se repetia a experiencia o sinal se tornava mais vivo.—O corpo, apesar de ter passado 24 horas, estava *brando e flexivel, e as juntas se moviam* como de um corpo vivo.—De tudo isto tendo-se dado parte ao Exm.º V. Rei Francisco de Tavora, (Conde de Alvor) este fez convocar para ás 2 horas da tarde desse mesmo dia no Mosteiro o Cabido, a Relação, os Inquisidores, os Prelados das Religiões, varios Mestres, e Theologos, as Authoridades, Fidalgos, o Fisico-mór, o Cirurgião-mór, e Cirurgiões.—Reunidos todos, em sua presença, do Exm.º V. Rei e da Communidade das Religiosas, se repetiram as experiencias referidas, e tendo-se notado a côr dos sinaes mais viva, e o cor-

suas missões, conversões, e milagres não attendera a differença de religiões, classes, e côres, como lêmos na sua Vida (§§ 214 e 219, pag. 237 e 241).—Alora a multidão dos visitantes, o terreiro referido tinha um elegante Pavilhão da Imprensa Nacional, collocado de fronte da porta principal do Templo, e a seu lado direito uma espaçosa Tenda da Guarda de honra do dito Templo.

---

po sem sinal algum de corrupção, resolveo-se conserval-o até no dia seguinte (quatro) para ser sepultado pela tarde.—A' hora aprazada do seguinte dia se reuniram todos os sobreditos, e mais 2 Religiosos Medicos, (um Jesuita, e outro Carmelita Italiano) e estes tornando a fazer as diligencias pela quarta vez, acharam a côr dos sinaes ainda mais viva do que d'antes, por tanto os julgaram sobrenaturaes.—Depois disto se deo ordem para o enterramento, mas o povo, que estava apinhoado tendo pedido com vez em grita que lhe deixasse ver o cadaver, foi este levado processionalmente, com os sinaes patentes, pelas ruas visinhas do Mosteiro, passando pela Igreja de Santo Antonio, Adro de Santo Agostinho, e voltando pelo do Collegio de S. Paulo novo ou S. Roque, sendo conduzido pelos Capitulares, Inquisidores, e Prelados das Religiões, entre alas das Companhias de Infanteria para desviar a populaça.— Voltando o prestito á Igreja do Mosteiro, e Cabido fez declarar ao povo que não era de sua tenção qualificar de Santa a defuncta religiosa, nem dar-lhe culto, conformando-se nisto com os decretos da Sé Apostolica: mas sim honrar a defuncta, dando graças a Deos pela maravilha que nella obrara.—Mandou depois ao Vigario Geral e ao Provisor fazer auto de tudo que passou, inquerindo testimunhas *ad futuram rei memoriam*.—Além do auto referido o Exm.º V. Rei mandou fazer outro, em que se assignou com todos os convocados para o exame referido, e o remetteu a S. Magestade em seu Officio de 24 de Janeiro de 1683, de cuja copia autentica, que esta a fl. 221 da 2.ª parte do Liv. das Monç. n.º 17, tomamos estes breves apontamentos.—De inquerito das testemunhas consta que a fallecida era filha de Fernão Crom, Fidalgo Alemão, baptisada na Freguezia de Santo Aleixo, que depois de viuva professara em 24 de Abril de 1630, sendo V. Rei o Exm.º Conde de Linhares, e fallecêra no governo de seu neto o V. Rei Francisco de Tavora, Conde de Alvor, etc., etc.

CAPITULO 89.

Das apparatosas disposições do interior do magnifico Templo do Bom-Jesus.

261— Dos apertões do terreiro passamos ao magestoso Templo do Bom-Jesus, cuja descripção acabamos de lêr (not. 247 a pag. 276).—Mesmo á sua entrada se nos apresentou este Templo, muitas vezes por nós d'antes visitado, com nova e sumptuosa vista festival.—As suas paredes, e tribunas se viam adornadas de damasco de variadas côres, e com enfeites correspondentes (307)—O vasto corpo da Igreja de uma só nave, dividido em 3 partes, para diversas serventias determinadas no Programma: tomando a parte esquerda a porta lateral do Norte, a da direita a porta do Sul, e a do centro correspondendo ás tres portas da entrada, e todas ellas e as outras do Templo com sentinellas postadas.—O cruseiro todo alcatifado, e no meio delle levantado um cadafalso ou estrado forrado de verde, e ricamente ornado com tella de ouro e prata, e sobre elle depositado o magnifico Tumulo de prata, cuja descripção já vimos (308).—Nos 4 angulos deste tumulo pendiam 4 grandes alampadas de prata (309): nos dous lados, do Norte e Sul do estrado, se erguiam 4 tocheiros gigantes, e outros 6 em baixo, todos do mesmo metal, com os respectivos braudões.—Na extremidade deste estrado, do lado da Capella-mor, estava situada uma banqueta, e no centro della a caixinha de prata da sobrepeliz do Glorioso Apostolo, e nos lados as

---

(307)—Para armar e desarmar a Igreja com damasco, tapeçaria, lençarias, e 100 pires de caldim para ornato custou 253$1:00.

(308)—A descripção deste tumulo se lê a pag. 285, e o numero das peças de prata que elle contém, e o seu peso consta do Doc. N.º 20.

(309)—As alampadas referidas arderam perenemente durante a exposição.

32 laminas, tambem de prata, que representam em relevo varios dos seus milagres e passos de sua vida, cuja descripção já lêmos (a pag. 287), e em baixo 4 grandes quadros, comprehendendo a vida, missões, conversões, e milagres do Taumathurgo da India, estampados em setim, e orlados de espiguilha de ouro, e medidas do corpo Santo tocadas no proprio e hentas, com as competentes molduras e vidros (310).—A parte do tecto da Igreja correspondente ao estrado se divisava delicadamente armada em forma de sobreceo (311).—O altar externo da Capella do Mausoleo curiosamente exornado e nelle exposta a Imagem do Santo, de prata, dadiva de uma devota (vid. a pag. 267); e, nas columnas lateraes sobre que se firma o arco, se viam dous quadros, contendo em um 10, e em outro 8 emblemas de prata, representando varias partes e membros do corpo humano, offerecidos pelos devotos, que nos tempos passados receberam algum beneficio por intercessão do Santo Apostolo.—Abaixo dos degraos do dito altar estava estendido um tapete e sobre elle um coxim, para o Exm.º Governador Geral se ajoelhar e fazer oração á sua chegada.—Do lado opposto, a Capella do Sanctuario se apresentava tambem ornamentada, assim como os 2 altares laternes, e o altar maior, e todos compostos com grande numero de vellas de cêra, á espera do começo do acto para serem acêsas (312).—Na

(310)—Estes quadros foram deliberados pelo Director da Imprensa Nacional, e executados pelo seu Compositor-mestre, *Silvestre de Sousa*, á custa da mesma Imprensa, e remettidos officialmente pelo dito Director para ornar o Tumulo, durante a exposição do corpo do Santo, para depois passarem para a exposição industrial, o que tendo-se realisado o Jury respectivo premiou o sobredito Compositor-mestre com uma medalha.—Os mesmos quadros servem hoje de ornamento á sala da composição da dita Imprensa.

(311)—O sobreceo do estrado, e tudo o mais que respeita a elle custou 108$200 em prata, e 474$243 em cobre, total 582$443.

(312)—Desde a novena até ao dia do encerramento da exposição.

Capella-mór, e debaixo dos seus degráos, de um e outro lado do sobredito estrado, estavam dispostos os competentes assentos, conforme a pragmatica.—E para complemento da magnificencia deste espectaculo, o Templo, calculado com capacidade para 6 mil pessoas, estava todo cheio, assim nas 3 divisões referidas, no cruzeiro, coro, e tribunas de um e outro lado, até os corredores, as casas contiguas, e os claustros e salas superiores da Casa Professa apinhoadas de gente, aguardando anciosa a hora dada!

CAPITULO 90.

Das solemnes cerimonias, com que se fez a exposição do corpo do glorioso Apostolo e Defensor das Indias em 3 de Dezembro de 1859.

262—Soou em fim a desejada hora, entrou então processionalmente na Igreja o Illm.º Cabido da Sé Primacial do Oriente, passando pelo meio da multidão, que a cercava, precedido das competentes insignias; e depois da devida venia ao Santo, se encaminhou á Sacristia, para nella depositar as vestes sagradas.—Pouco depois o bradar ás armas, o toque da continencia militar, e o repicar dos sinos deu aviso da chegada do Exm.º Chefe do Estado, immediatamente o Reverendo Governador do Arcebispado, o Cabido, as principaes Authoridades, e Empregados publicos, foram recebel-o á porta da Igreja, e o acompanharam ao toque do orgão até á Capella do Santo, onde, ajoelhado no lugar que lhe estava destinado, fez uma breve oração, e foi occupar o assento d'estado que lhe estava aparelhado, e á sua imitação o seu estado maior, e os mais altos funccionarios tomaram tambem os seus, em quanto o Cabido se paramentava para a cerimonia.

---

consumiram-se 14 maós, e 19 arrateis de cêra em tochas, velas, &c. cujo custo importou em 617:2:40½.

263—Estando tudo prestes, o Illm.º Cabido, acompanhado do Exm.º Governador Geral, do Rd.º Governador do Arcebispado, da Camara Municipal, das Authoridades, e Chefes das Repartições, se dirigio á porta do poente da Capella do Santo, entre apertões do povo, que occupava o claustro, para o qual dá a mesma porta.—Abrio-se então esta, e 6 Capitulares revestidos de Damantes pluviaes tiraram do altar para fora o Caixão, em que está o corpo venerando, e debaixo de um rico palio, em cujas varas pegaram os 6 Cavalleiros atraz indicados (nota 287 a pág. 366), ladeado de brandões acesos, e precedido de thuribulos recendendo aromas suaves (313), o conduziram em prestito pela porta do claustro, que fica ao Sul, para o meio do cruzeiro, seguidos dos referidos altos funccionarios com tochas acesas na mão.—Chegados ao Tumulo de prata, no meio de immensas luzes das tochas que os circunstantes tinham nas mãos, outras que ardiam de redor do tumulo, e das vellas dos Altares e dos seus nichos, e á vista de milhares de espectadores, sendo os mais notaveis d'entre elles o Illm.º Dr. Canoz (314) que com

(313)—O consumo da massa aromatica durante a novena, e exposição importou em 23:1$00.

(314)—A' cerca da vinda do Dor. Canoz, e sua assistencia á exposição de que tratamos, o Boletim Official publicou um bellissimo artigo sob o titulo de—QUE HE DO SCHISMA?—no n.º 96 de 1859, do qual copiaremos aqui alguns paragraphos que respeitam ao desembarque e assistencia neste Estado do referido Dor., Sáio em terra o Illm.º Canoz no dia 1.º de Dezembro trazendo patente a sua Cruz Episcopal, no que se fez algum reparo, pois sabido he que um Bispo, entrando em territorio de Diocese alheia não costuma trazer patente a sua Cruz, antes de lhe ser isso facultado pelo Prelado da Diocese, o qual em regra logo na primeira visita tira com sua propria mão para fóra das vestes do Bispo hospede a Cruz, que este nellas traz occulta.—Foi porém attribuido a pura inadvertencia este successo; e o Agasalho e cordial recebimento, que Sua Illustrissima experimentou durante os poucos dias, que se deteve em Goa, da parte do S.

os seus companheiros occupava a 1.ª Tribuna do lado da Capella do mausoleo, os quaes todos possuidos de devido acatamento, silenciosos tinham fitos os olhos sobre o Caixão, foi este aberto pelo Exm.º Governador Geral, e pelo Rd.º Governador do Arcebispado, e deslocada a sua

---

Ex.ª o Sr. Governador Geral, Visconde de Torres-Novas, do Illm.º Governador do Arcebispado e Mestre Eschola da Sé Primacial, Caetano João Peres, e de todas as mais auctoridades das diversas ordens, mostrariam com evidencia a Sua Illustrissima que nenhuma outra interpretação se deu ao facto, que mencionamos.—Nem nos pode passar pela ideia que um varão da Illustração, prudencia, e cortesia de Sua Illustrissima tivesse alguma intenção reservada neste particular.

A alegria, que os Catholicos Portuguezes e Goanos sentiram com a chegada de Sua Illustrissima, cresceu quando o viram a elle e a seus Reverendos Companheiros celebrar Missa na Igreja do *Bom-Jesus*, e estar na mais perfeita e completa communhão religiosa com o nosso Clero.—Sua Illustrissima celebrava em um Altar ao mesmo tempo que o Illm.º Governador do Arcebispado Primaz de Goa celebrava em outro Altar contiguo.—E não ha duvida que o Reverendo Padre Charmidot celebraria a par do Padre Furtado, se presente estivera; e o Padre Doyle a par do Padre Peroty.

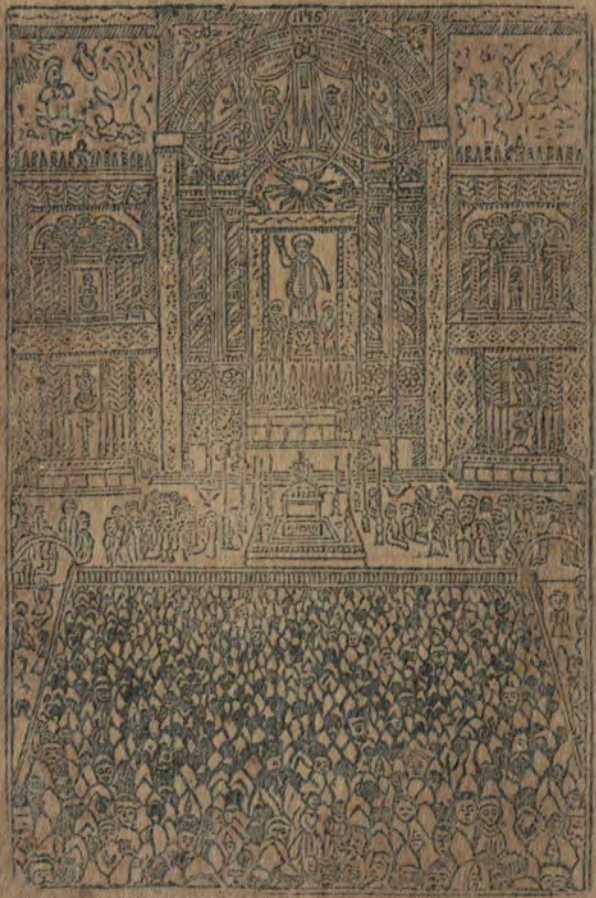
Subiu de ponto a alegria nos Catholicos Portuguezes quando na missa solemne e festiva do dia 3 ao pedir o Reverendo Prégador uma *Ave Maria* pela integridade do Real Padroado Portuguez, e por seus defensores, foi visto o Illm.º Canoz reza-la com a mais edificante devoção, e religioso recolhimento.

E como não trasbordaria de contentamento o coração de todos os leaes Catholicos Portuguezes e Goanos considerando que naquella mesma Igreja, em que ha pouco tempo o Illm.º Dr. Hartmann orava solitario pela extincção do supposto *Schisma*, agora perante um concurso immenso invocava o Illm.º Dr. Canoz, successor do Dr. Hartmann, o auxilio celeste a favor do Padroado Portuguez, e implorava a benção divina para seus defensores!

E se Sua Illustrissima tambem da sua parte, os seus Reverendos Companheiros, Mr. Loughnan e as Irmas de sua familia, mostraram achar-se muito satisfeitos de tudo quanto viram em Goa, e especialmente da porfeição e necessaria dos actos e se-

391

VISTA INTERIOR DO TEMPLO NO DIA DA EXPOSIÇÃO.



(Des. L. M de Noronha.) (Grav. N. B. Xelle.)

tampa, foi collocado no tumulo referido, com os pés do lado da porta, para serem beijados pelos devotos, postos de joelhos sobre o estrado (315).

264—Neste momento solemne, de um lado os sinos das torres do Templo, com os seus sonoros e alegres repiques, e d'outro o Parque d'Artilheria com o estampido dos seus canhões, no meio de harmonioso toque de Orgãos annunciaram a Goa toda o começo da anhelada exposição do venerando corpo de homem dos prodigios, os quaes repiques, e tiros foram correspondidos com iguaes demonstrações de alegria pelos sinos gigantes da Cathedral, e de todas as Igrejas do Estado, e com salvas reaes, pela bateria do Arsenal, das Praças e Fortalezas.—Tudo isso produsiu uma extraordinaria emoção enthusiastica nos assistentes; a que se seguiu um breve intervalo de respeitoso silencio, em que os devotos se occuparam em dirigir as suas homenagens ao Santo, as Authoridades tomaram os seus assentos, e o Cabido se foi revestir de paramentos convenientes para officiar a missa da festa.—Tal he o estado que apresenta a Estampa em frente.

---

lemnidades religiosas, não foi menos agradavel a impressão que ellas deixaram no animo de todos os que tiverem a honra de trata-los; e podem ficar certos que serão sempre lembrados com grata recordação; tanto mais, quanto, depois da visita destes illustres hospedes, se alguem ainda ousar perguntar-nos=Que he do *Schisma*?=podemos affoutamente responder=o *Schisma* [já que assim lhe tem chamado], o *Schisma* acabou no dias 3 e 4 de Dezembro de 1859 na Igreja de *Bom-Jesus* de Goa aos pés do grande S. Francisco Xavier, Apostolo, Defensor, e Padroeiro das Indias.=

Seja Deos louvado.

(315)—Ao com este fim, certamente, que o tumulo de praia foi situado muito baixo sobre o estrado, ou porque a sua maior elevação impedisse a vista do altar-mor: pois essa situação baixa obrigara aos devotos a se inclinarem demasiado para ver o Corpo pelos lados.

263—Pouco depois foi interrompido este silencio com o começo da missa, officiada com todo o ceremonial das festas magnas pelo Illm.º Cabido, acompanhado de uma escolhida Orchestra (316), sendo seu celebrante o Rd.º Conego Joaquim Antonio do Rosario.—Depois do evangelho subio ao pulpito o Rd.º Miguel Felippe de Quadros, e recitou um panegyrico em louvor do Santo, com relação á funcção do dia, pelo theor do Doc. n.º 27.

266—Quasi no fim do sermão o Exm.º Governador Geral, que se achava incommodado de saude desde alguns dias, se retirou por não poder continuar a assistir á conclusão do acto.

267—Terminada a missa o Illm.º Cabido, o Rd.º Governador do Arcebispado, o Illm.º Dr. Canoz (Vigario Apostolico de Bombay) e seus companheiros, as Corporações, Authoridades, Empregados publicos, e a multidão dos assistentes, que impaciente se agitava por se approximar, successivamente chegando ao Tumulo, veneraram o Santo Apostolo, beijaram os seus pés, e lançaram na bacia proxima o seu Obolo, e assim ficou concluida a solemnidade deste grande dia pelas 4 horas da tarde, annunciau-

---

(316)—Esta orchestra era composta dos melhores cantores, e instrumentistas do Paiz, e dirigida na parte instrumental por Antonio Estrocio, (ex Mestre da Musica do Batalhão de Infanteria n.º 2), e na vocal por Manoel Antonio Damasceno Pinto (Tabellião Publico das notas no Concelho das Ilhas).—A voz de *Contra-alto* foi desempenhada pelo referido Pinto—a de *Tenor* por Antonio Francisco Menezes (Mestre Capella da Igreja de Soccorro de Bardez),—a de *Baixo*, por Nicolão dos Pobres e Sousa, de Saraulim de Salcete—e a de *Tiple* por Domingos Jose Fernandes (Tiple da Se Primacial.) —Os quaes cantaram o *Kyrie* com a *Gloria* da composição do Professor Portuguez F. A. Norberto Santos Pinto—o *Credo* da de Moreira, e o *Sanctus* da de Antonio José Ximenes, Mestre que foi da Musica do Regimento de Artilheria, e de outros corpos militares deste Estado, e a quem todos elles devem o seu actual estilo proprio das musicas marciaes, que antes delle era desconhecido por um tal executado.

do-o a Orchestra religiosa com tocadas alegres, a militar com o toque da retirada da força armada, os sinos com repiques sonoros, e o parque de Artilheria com uma retumbante salva real.

268—O Boletim Official deu no n.° 95 succinta noticia da realização deste festejo, prevenido desde 23 de Agosto antecedente (§ 244), e um Romeiro estrangeiro mais ampliada, acompanhada de um lanço de vista sobre a situação do paiz, monumento do grande Apostolo, e varios edificios religiosos da Velha Cidade no n.° 44 do *Bombay Catholic Examiner*, Doc. n.° 28.

CAPITULO 91.

Da solemnidade com que continuou a exposição em dias posteriores, e dos factos notaveis, que tiveram lugar durante ella.

Dez—269—Ás 6 horas da manhã os sinos do Templo, com
4 o seu tanger apressado e uniforme, deram aviso do começo da exposição, e ao mesmo tempo as sentinellas occuparam os seus postos, e se abriram, de par em par, as portas da Igreja, e deram entrada á torrente do povo, que desde a madrugada aguardava este momento! — O Conego e dous Capellães, pautados pelo Cabido, aquelle de roquete e murça, e estes de sobrepellizes, abriram o Tumulo do Apostolo, e se postaram á sua porta. — Em seguida começaram-se as missas privadas, que eram numerosas. — Passantes 9 horas entrou a missa solemne, acompanhada da orchestra. — No entretanto os visitantes insoffridos, que tinham acabado de ouvir missa, e de dirigir suas preces, se encaminhavam em fileira compacta ao Tumulo, para beijar os pés ao Santo, e solicitar o Reverendo Conego que lhes tocasse no corpo venerando os *rosarios, benzinhos, noninas, lenços, medalhas, moedas,*

Dez—até *pão*, que levavam para aquelle fim (317).—
4 As 11 horas, apesar de não estarem satisfeitos os desejos dos concorrentes, a exposição ficou encerrada, e pouco depois a Igreja fechada.—Pelas 2 horas da tarde novamente se abriu a Igreja, o Tumulo, e a exposição, sem quebra alguma das formalidades prescriptas, e postas em execução na manhãa.—A's 2½ horas para 3 houve Sermão em Por-

---

(317)—O pão era para ser distribuido com os doentes que os visitantes haviam deixado em casa, e os de mais objectos para os terem como reliquia.—Em dias subsequentes, especialmente depois do 13 deste mez, o Conego e os 2 Capellães que assistiam á exposição não tinham mãos a medir em tocar os objectos que lhes apresentavam, pois até lascas tiradas de uma jaqueira morta, e agoa de 2 poços que ficam na visinhança da Capellinha do Santo Apostolo (do que breve fallaremos) era apresentada para aquelle fim, e não sendo admittida, furtivamente os devotos tocavam os vasos em que a levavam, do que tendo resultado cahir de caixão parte da mesma agoa, tomou-se cautelas para os devotos se não aproximarem do tumulo com taes vasos, nem por si tocarem os objectos.—Tal era a devoção enthusiastica de tocar os objectos no corpo do Santo, que um Cavalheiro respeitavel pela sua posição, fez tocar algumas Imagens de Christo que tinha em casa, e varias Senhoras repetidas vezes as joias do seu ornato.—Singular foi neste particular o que praticou um extrangeiro desconhecido, de porte grave e respeitavel, que por aus 8 dias morou em um cubiculo do extincto convento de S. Francisco, o qual em todas as manhãs daquelles dias, depois de ouvir missa, e nas tardes depois de oração, se chegava ao tumulo e tendo beijado os pés ao Santo, tocava por si no seu corpo varios objectos que levava comsigo, ainda do fato do seu uso, e as medidas, medalhas ou veronicas, e estampas já tocadas e bentas, que havia comprado em grande porção no Pavilhão da Imprensa Nacional.—Este Cavalheiro até ao fim se não deu a conhecer, e diziam uns que era o General Commandante de uma força militar estacionada na Presidencia de Madrasta que um Telegrama annunciara ter sahido para Goa, e outros que era um Jesuita disfarçado.

Dez— tuguez.—A's 5 horas se fechou a exposição, e em
4 seguida a Igreja.—A affluencia dos devotos de diversas côres, classes, e religiões, (sendo grande o numero dos gentios), ainda que não fosse como a do dia antecedente, todavia, o concurso das feiras populosas deste Estado não era comparavel com o que occupava o Templo, e a Cidade toda, percorrendo-a em diversas direcções, sem o mais leve disturbio (318).—O Illm.º Doutor Canoz enviou para Europa uma relação concernente á solemnidade do dia antecedente, e deste, a qual foi publicada no n.º 46 do *Bombay Catholic Examiner*, e he do theor do Doc. n.º 29.

5 —270—Durante todos estes dias a exposição continuou com a solemnidade, pompa, e regularidade prescripta no Programma, sem que a grande concorrencia dos devotos de diversas classes e religiões,
6 assim nacionaes como estrangeiros, que em massas crescentes accorriam noute e dia á Cidade Velha, motivasse o mais leve motim!—Essa Cidade
7 de ha muito abandonada se apresentava toda povoada, e na rua do litoral do velho terreiro do Paço parecia estar restabelecida a antiga feira que alli se
8 armava!—Já corriam surdos boatos de que muitos devotos tinham experimentado maravilhosas e rapidas curas, por intercessão, e aos pés do valioso
9 Protector.—Affirmava-se tambem que antes do começo da exposição o contacto das medidas tocadas no seu corpo e bentas, tinham deixado sãos graves
10 enfermos.—Em fim que apóz a abertura da mesma exposição tinha cessado a peste e a fome que ameu-

---

(318)—O estado deste concurso de dia para dia se foi augmentando, especialmente depois do dia 13, de sorte que foi forçoso alterar a disposição do art. 12 do Programma, e prorogar até 8 de Janeiro a exposição, como se verá.

Dez—cava flagelar este Paiz (319)!—Estas noticias eram
11 recebidas por uns com devota admiração, por outros
attribuindo-as á cega credulidade dos que as davam,
e por outros finalmente com indifferença, natural aos
12 que não podem comprehender as cousas e succes-
sos extraordinarios!

---

(319)—A 1.ª cura de que se fallou, antes da exposição, foi a de uma mulher de Britona, de Bardez, a qual tendo ficado paralitica da mão e pé direito, prendera essas partes lesas com uma medida tocada no corpo do Santo e benta, fazendo o voto de por seus pes ir venerar o seu corpo, se ella ficasse livre da lesão, e de facto ficára como desejava, e satisfizera o voto no devido tempo. —A este seguiram os do desembaraço dos partos, desenganados da mulher de Ignacio Aleixo de Barbosa, de Guirdolim, e de uma outra de Verná, ambas de Salcete, tambem pelo contacto das medidas.— Depois de aberta a exposição, em sete e oito se fallou da cura de Pedro Antonio José da Cunha, de Candolim, além de outras de dôres de cabeça, febres etc. de que vagamente se diz... —Pelo que respeita á *peste e fome*, a peste era a *colera-morbus*, da qual appareciam varios casos antes da exposição e durante ella ninguem fallou do tal mal, ou porque estava cessado de todo, ou porque a gente occupada com novo objecto não se importou delle. —A fome supunha-se que a acumulação de gente estranha nesta Cidade devia encarecer muito os objectos de primeira necessidade, porque pela maior parte estavam com o preço subido; mas, felizmente, a vinda dos hospedes não trouxe differença alguma, a não ser nos frotes *dos esculeres, tonas, e boias!*—Sabemos que a direcção da Companhia Commercial em attenção á nova gente que vinha, mandou vender o vinho branco e tinto, durante a exposição em garrafas, a menor preço do que nas lojas; mas que um tratante a sorrelfa fez monopolisar na sua loja todo o vinho destinado para aquelle fim, tocando 2 a 3 garrafas por differentes individuos! Oh! veja-se quanto póde a ambição, que não respeita consideração alguma!—Em conclusão não podemos deixar de registar aqui, que a Cidade Velha sem embargo de ser epidemica; pois nós proprios pagamos uma vez bem caro, com 3 mezes de febres intermittentes, por uma noute que ficamos em Bom-Jesus, e a guarda do Arsenal não ficar isenta daquellas febres endemicas; todavia da multidão dos visitantes que permaneceu

Dez—271—Nada houve que se notasse a respeito da so-
13 lemnidade, e concurso destes dias, mas em ver-
dade, muito tiveram os devotos que admirar no
facto portentoso da cura maravilhosa de João Tho-
maz Fernandes, vulgo *Tontú*: rapaz de 9 annos a-
leijado desde o nascimento, tendo o bordo exterior
do pé esquerdo voltado para baixo, a planta para
14 dentro, e andando sobre o mesmo bordo, de noute
para dia ficar completamente livre da aleijão, depois
de beijar os pés ao Santo (321), como o fizeram outro
rapaz de quem falla a Bulla da canonisação do San-

---

na dita Cidade, e a populaça que praticou mil extravagancias durante a exposição, expondo-se ao Sol, dormindo ao sereno, e comendo arroz frio, e até bebendo, por devoção, agoa estagnada nos dous poços que estão na visinhança da Capellinha do Santo, no supposto de terem sido santificados pelo Apostolo, em lavando os seus pés, e outro bebendo a sua agoa, raros foram os que ficaram acommettidos de taes febres.

(320)—Este rapaz no dia 14 e seguintes, foi apresentado como em triumpho em todas as reparticões publicas do Estado, e em varias casas particulares, e todos o viram com admiração andar com a planta do pé esquerdo assente em terra sem difficuldade ou incommodo algum, e o bordo externo do mesmo pé sobre que, ainda no dia antecedente, se firmava, voltado para fora, figurando uma especie de pequena bolça com calosidade, e a planta do pé macia e mimosa como de uma creança.—A'cerca da referida deformidade teve lugar uma discusão jocosa entre um philosofo, um *medico cirurgião*, e um *theologo*.—O 1.° argumentava que a cura da lesão não era milagrosa, porque alias o pé não ficaria com a deformidade que ainda apresentava, ou que o Santo não completára a sua obra, addusindo raciocinios em abono do seu juizo.—O 2.° discorria, que a conservação da borda calosa era para testemunhar a lesão passada, e a sua situação era para provar a presente cura sobrenatural, dando razões scientificas relativas a insuscetibilidade de cura radical de lesões de estructura de tal ordem.—O 3.° que ouvia silencioso terminou a questão dizendo ao philosofo=acertadamente obrou mal o Apostolo em não consultar a V. Sr.ª antes de fazer a cura!=

Dez—to Apostolo (§ 223 a pag. 243)!!—Este espantoso
13 facto deu brado altisonante, penetrando até os cantos os mais reconditos de Goa toda; cresceu a fé dos devotos; abalou os animos dos scepticos obstinados: atterrou os que lá na Provincia, ostentando sabença, sustentavam pertinazes que o corpo do inclito Taumathurgo era *embalsamado* (not. 267 a pag. 349): e aos que ameaçavam com tres excommunhões aos vendedores e compradores das estampas, me-
14 didas, e outros objectos tocados *naquelle venerando corpo, que diziam ser embalsamado*, e fez que todos elles fossem repetidas vezes prostrar reverentes, e beijar compungidos os pés desse homem prodigioso em vida e depois de morto, apesar de volverem sobre o seu corpo inanimado 307 annos, e comprassem tambem á porfia todos esses objectos, que despresavam, com offensa da piedade religiosa dos devotos!!!

15 —272— Deste dia por diante, até o penultimo da exposição, o ceremonial da festividade continuou como nos dias decorridos, seguindo em tudo o Programma; mas, em vista da cura maravilhosa, de que acabamos de fallar, o concurso foi crescendo demasiado, e se notava visivelmente que os devotos se
16 chegavam aos pés do grande Patrono, possuidos de maior acatamento, muita fé e esperança, a qual cada dia se robustecia com novas curas portentosas, que os agraciados publicavam de alto e bom som; com presença pois deste concurso recrecido foi
17 forçoso deixar abertas as portas do Templo desde o nascer até ao pôr do Sol, alterando nisto a disposição do Programma, com tudo muitos visitantes ficaram dois e tres dias sem entrar, e outros se retiraram desenganados de poderem chegar aos pés do Santo!

18 —273—Neste dia começaram as Recolhidas dos Recolhimentos da N. Sr.ª da Serra, e das Convertidas estabelecidas no extincto Convento dos Carmelitas

Dez—Descalços de Chimbel (321) a visitar o corpo do
18 Defensor da India, e durou por 3 dias succes-

(321)—Já demos conta da origem destes recolhimentos na nota 198 a pag. 223—Elles depois da extincção das ordens religio-as em 1835, passaram em Junho do seguinte anno para o magnifico Convento do Santo Agostinho, donde em 21 de Junho de 1841 foram transferidos para o auctual dos Carmelitas: um anno depois, em 8 de Setembro de 1842, se abateo a grandiosa abobada da Igreja do sobredito Convento de St.º Agostinho.

A Ordem Carmelitana teve origem neste Estado em 2 Clerigos seculares, o *Padre João Baptista Falcão, e Padre Francisco Xavier dos Anjos*, os quaes estabelecendo-se na Eremida da invocação de—Soledade de N. S. do Carmo—na Aldêa Chimbel da Freguezia de Ribandar, pediram licença ao V. Rei Marquez d'Alorna para viverem sob os Estatutos da Ordem 3.ª Carmelitana, com os seus Companheiros presentes e futuros, e tiveram o seguinte Despacho=,, Os Supplicantes podem escolher a vida solitaria que lhes parecer conveniente á sua salvação, sem que para isso seja necessario de licença. Panelim, 20 de Junho de 1750. Rubrica—,, e do Arcebispo Primaz o seguinte=,, Concedemos a licença pedida. Panelim, 22 de de Junho de 1750. Rubrica ,,= e do V. Rei Marquez de Tavora do theor seguinte=,, Cumpra-se a Portaria junta do Sr. Marquez d'Alorna, de 20 do Junho do prescote anno. Panelim, 14 de Dezembro de 1750. Rubrica ,,=Em consequencia desta licença o Arcebispo D.Fr. Lourenço de St.ª Maria, que estava encarregado pelo Padre Geral da Ordem dos Carmelitas descalsos, Fr. Nicolão de Jesus Maria, desde 14 de Fevereiro de 1749, para fundar áquella Ordem, e estava para se ausentar, deo habito, dispensando do noviciado por ser urgente, aos ditos Padres João Baptista Falcão—Francisco Xavier dos Anjos, e ao Padre José da Apresentação, na data de 11 e 12 de Dezembro do sobredito anno de 1750, e nomeou Commissario ao referido Padre Falcão, Prior ao Padre José, e sub Prior ao Padre Francisco.

Esta instituição foi confirmada pelo Arcebispo Neiva Brum, por Provisão de 30 de Setembro de 1758, e por S. Magestade por C. R. de 26 de Fevereiro de 1781, que tomando-a debaixo de sua protecção, lhe fez varias doações. —O Arcebispo Santa Catharina deo a esta Ordem novos estatutos em 11 de Julho de 1785, os quaes foram confirmados por Pio 6.º em 26 de Abril de 1790, do

Dez—sivos a mesma visita, em razão do seu numero
18 (322)—As Freiras de Santa Monica que tiveram igoal permissão, não quizeram gosar della, para não interromper, ainda por momentos, o voto de clausura perpetua, apesar do seu grande desejo de venerar a Reliquia do Varão Santo; mandaram porem as creadas, e as recolhidas voluntarias.
19 —274—A não ser o augmento do concurso para a exposição, não houve mais novidade, além de se apresentar na Secretaria do Governo Geral o Rd.º Martinho Zuzarte, de Guirim de Bardez, e declarar por escrito de proprio punho, que elle por intercessão do Santo Apostolo ficara livre da lesão que padecia, havia um anno, na mão direita.

que se obteve beneplacito Regio em 1791.—O numero total dos seus Professos antes da extincção da Ordem eram 20, e 3 Leigos. —Era singular a usança de não serem admittidos nesta Ordem senão os *Charadás* ou *Rajaputros*, classe a que pertenceram os fundadores.— Igual usança havia tambem a respeito da Congregação da Cruz dos Milagres, e dos Theatinos, em não receberem mais que os *Bramanes*, naquella porque os seus fundadores foram daquella classe, e nesta porque os successores dos Italianos foram *Bramanes*, mas esta singularidade durou pouco na dos Theatinos, e foram admittidos nos ultimos tempos os de outras classes.

Existiu tambem neste Estado uma outra ordem dos Carmelitas descalços por alguns Padres Italianos, estabelecida em 1630 e tinham construido um pequeno Convento com beiissima Igreja, mas conhecendo-se que dos religiosos existentes um unico era Portuguez, e passados tempos muitos Alemães e Flamengos, por ordem da côrte mandou-se conservar unicamente os Portuguezes, e Italianos, subditos do Papa; e posteriormente havendo total falta de religiosos foi o Convento entregue aos Congregados da Cruz dos milagres por acto judicial presidido pelo Juiz dos Feitos, e Procurador da Côroa e Fazenda em 16 de Novembro de 1707, com tudo quanto lhe pertencia.

(322)—As convertidas pelo seu grande numero foram em 3 turmas: no dia 18 em 2, escaleres: no dia 19 em outros 2, no dia 20 tambem em 2 e em 21 em 1, e pagou-se de fretes aos escaleres para do Ribandar irem para Goa 70 xeraffins, a 10 xeraffins cada um.

Dez—275.—Publicou-se neste dia a noticia de estar con-
20 cluida, entre a Côrte de Portugal, e a Curia Romana, a Concordata por longo tempo desejada, sôbre o Real Padroado do Oriente.—Foi esta noticia recebida com grandissima satisfação, não só pelos Nacionaes, mas tambem pelos habitantes da India toda, que até hoje consagram á Nação Portugueza a affeição que lhes legaram os seus avoengos, e, em testemunho disso, fallam, de preferencia, a sua lingoa, a pesar de terem passado a diversas dominações em seguida á Portugueza!—A mesma conclusão foi piamente attribuida, ainda pelos povos dis-
21 sidentes nas crenças, á valiosa protecção, em causa propria, do Apostolo da India, que havia lançado os primeiros fundamentos do Real Padroado.—A notavel circunstancia de ser assignada a referida Concordata depois da abertura do seu Caixão em 12 d'Outubro, e de ter chegado essa noticia á India durante o tempo em que o seu venerando corpo estava á vista dessas mesmas Nações, entre as quaes
22 elle fundára o imperio da Religião do Crucificado, parece dar a entender que o Ceo quizesse confundir aos que soltavam afoutos proposições temerarias!—Continuaram nestes dias vozes vagas de curas, e favores recebidos por varios devotos (cujos nomes apresentaremos em outro lugar) em premio da sua fé, e firme esperança no patrocinio do grande Xavier.
23 —276—Neste dia tendo sido conduzida aos pés do Santo Protector, Maria Isabel de Sousa, mulher de Pedro de Noronha, de Tivim de Bardez, de 19 annos de edade, que estava tolhida, sentiu ao aproximar-se do venerando corpo uma sensação estranha e dolorosa nas partes lesas, e ficou vertiginosa, foi accudida pelo Capellão e mais circunstantes que estavam presentes para a não deixarem cahir, passado este estado beijou os pés ao Santo; e por si, sem adjutorio algum, desceu os degraos do

Dez 23 estrado livre da lesão, do que os empregados da Administração do Concelho que estavam presentes tomaram nota.—Se a cura, de noute para dia, de *Tontú*, de que já fallamos (§ 271 a pag. 397) abalou a uns, e atterrou a outros, esta instantanea, verificada aos pés do proprio Santo, e á vista da multidão que tinha fitos os olhos sobre o facto, veio confirmar aquella, e corroborar a fé dos devotos, e mudar de opinião aos que porventura ainda duvidavam da sobredita cura de *Tontú*. e fez que quantos *tolhidos*, *leprosos*, *reços*, e affectados de differentes outros males existiam em Goa recorressem ao valioso patrocinio do Santo Apostolo!

25 —277—Uma negra de Pangim da edade de perto de 45 annos tomou baptismo neste dia; estes e outros factos, que corriam de bôca em bôca, tendo feito que a concorrencia dos devotos visitantes cada vez fosse maior, e constando de mais que estavam em caminho muitas familias para assistirem á exposição, o Governo do Estado se vio na previsão de a prorogar até 8 de Janeiro por Portaria desta data, para satisfazer a anciedade publica. Doc. N.º 30.

26 —278—D. Maria Antonia da Costa Campos, filha solteira do Coronel de Artilheria e Lente da Escola Mathematica e Militar, Francisco da Costa Campos, da edade de 13 annos, que tinha perdido a sensibilidade e movimento da extremidade inferior da perna direita, e andava á saltinhos sobre o pé esquerdo, tendo hido neste dia visitar e beijar os pés ao Santo, pela segunda vez, possuida de grande fé e decidida esperança de ficar livre da lesão, em vista das curas já referidas, e de outras muitas que a voz publica proclamava, apenas havia beijado os pés ao Santo, e tocado nelles a extremidade lesa, sentio nella dôres violentas, e perdeu

27 os sentidos, foi acudida immediatamente, e tendo recobrado os sentidos começou logo a andar com

Dez—ambos os pés (323)!—Esta espantosa cura, que tam-
26 bem foi como o antecedente instantanea, e no mesmo momento, em que a devota acabava de beijar os pés ao inclito Thaumaturgo, fez altamente convencer a multidão presente, que era uma prova evidente de que o corpo venerando do grande Xavier, apesar de inanimado, conservava ainda a virtude,
27

(323)—Em reconhecimento desta maravilhosa, e não esperada cura, o Coronel Costa Campos fez ajuntar ao nome da agraciada o de—*Francisca Xavier*—e dedicou ao inclito Protector um curioso e rico Quadro de prata, do valor de 280 xerafins, mui delicadamente trabalhado, contendo sobre veludo carmesim no seu topo superior o retrato do Santo Apostolo, no estylo em que se acha no Caixão, e pós apresentamos a pag. 337.—No centro uma peça massissa, comprehendendo uma *perna*, e pé em allusão as partes curadas: em um dos lados da mesma peça um distico em latim, e no outro a sua traducção em Portuguez, gravada tambem em prata do theor seguinte.

Distico em Latim.

S. FRANCISCO XAVERIO
INDIARVM APOSTOLO, PATRONO, ATQVE DEFENSORI,
OB CARISSIMAM FILIOLAM
MARIAM ANTONIAM FRANCISCAM XAVERIAM
A COSTA CAMPOS,
INSANABILI, ET IAM DESPERATO MORBO,
SOLUCTA,
CRVRE CONTRACTO, ET OMNINO INSENSIBILI
POST ALIQVOT ANNOS LABORANTEM,
SVBITO, MIRABILITER QVE
PER CORPORIS BEATI APOSTOLI CONTACTVM
SANATAM,
DIE XXVI DECEMBRIS A. D. MDCCCLIX
IN PERPETVVM GRATISSIMI,
DEVOTISSIMI QVE ANIMI MONVMENTVM.
FRANCISCVS A COSTA CAMPOS
VXOR QVE
MARIA ANTONIA MATTOS ET GOMES
PARENTES POSVERE.

Dez— que lhe fôra concedida em vida, de curar os enfer-
26 mos com o seu toque, e que estava elle prompto em
soccorrer aos que sinceramente delle se valiam,
27 como diz o erudito Padre Vieira (§ 223 a pag.
243).
28 —279—Nestes quatro dias chegaram dous Vapores
e um Brigue, procedentes do estrangeiro, trasendo
visitantes; a saber no dia 28 o Vapor *Victoria*,
Capitão Joaquim Manoel Corrêa, com 60—no dia
29 30 o Vapor *Telly*, Capitão James, com 49, uns e
outros vindos do Norte e Sul—e no dia 31 o Bri-
gue *Cadria*, de Alapé, com 12—além de Palamá-
rins, Batelões, Mochuós, e outras Embarcações,

Traducção em Portuguez.

A S. FRANCISCO XAVIER,
APOSTOLO, PATRONO, E DEVENSOR DAS INDIAS,
DEFICA FRANCISCO DA COSTA CAMPOS
E SUA MULHER
D. MARIA ANTONIA DE MATTOS E GOES
EM PERPETUA LEMBRANÇA
DO EXTREMO DE SEU RECONHECIMENTO E DEVOÇÃO
PELA SUBITA E MILAGROSA CURA,
QUE SÓ COM O TOQUE DO CORPO
DESTE BEMAVENTURADO APOSTOLO,
SUA QUERIDA FILHA
D. MARIA ANTONIA FRANCISCA XAVIER
DA COSTA CAMPOS,
DEPOIS DE PADECER POR MUITOS ANNOS,
SEM ESPERANÇA ALGUMA DE REMEDIO,
DE UMA PERNA TOLHIDA
E TOTALMENTE INSENSIVEL,
RECEBEO NO DIA 26 DE DEZEMBRO
DE 1859.

A descripção dos soffrimentos da agraciada, feita pelo Facultativo que della tratou, está publicada no n.º 44 do *Ultramar*, a qual não reproduzimos aqui por muito longa.

Dez— mendas, das quaes não foi possivel tomar apon-
28 tamento.—Os devotos visitantes que voltaram para
Bombaim no Vapor *Victoria* deram naquella Ci-
29 dade noticia do que presenceáram até o ultimo
destes dias, e foi essa noticia publicada no *Bom-*
bay Times and Standard de 9 de Janeiro, Doc.N.° 31.
30 Um outro deu tambem em diverso sentido, confir-
mando a que déra o Illm.° Dr Canoz, e foi publi-
31 cada no *Bombay Catholic Examiner*, n.° 2 de 14 do
referido mez Doc. N.° 32.

Jan—280—A concorrencia todos os dias crescia de mais,
1 a noticia das curas se augmentava, e tambem era
recebida com enthusiasmo.—No dia 2 baptisa-se
2 um gentio adulto, Chingalá ou Maduré, creado do
3 Consul Portuguez em Ceilão João Baptista Missó.—
No dia 3 um outro tambem adulto, de Sirulá de Bar-
4 dez, do que deram conta os Boletins n.° 1.° e 2.°
5 —281—As novidades do dia eram *concorrencia, ba-*
ptismos, e curas!—A respeito da concorrencia se
podia dizer, relativamente ao Templo e seus arre-
dores, que era superior a todo o encarecimento;
de sorte que ella obrigou a alterar de novo o
Programma, e permittir entrada no Templo pela noute
a dentro!—Para baptismo se preparavam varios
gentios adultos.—Dos milagres davam-se grandes re-
lações, declarando nomes, molestias, e moradas dos
6 curados, escandalisando-se por não se colligir os
factos ennumerados, em vista do que o Reverendo
Governador Archiepiscopal, de combinação com o
Exm.° Governador Geral, nomeou uma Commissão
para classificar e canonicamente examinar os mes-
mos factos, convidando aos agraciados para darem
os precisos esclarecimentos na forma insinuada,
Doc. N.° 33 e N.° 34.
7 —282—Recebe-se neste dia pelo Correio de Cochim
uma carta com sobrescrito =*Igreja grande St. Fr.*
Xavier-Goa=; he aberta na Secretaria do Governo

Dez.—Geral; e dizia por dentro—*Promessa de uma devota de Cochim a St.º Francisco Xavier—Barido Chikoo*—24 Dec. 1859—Continha uma madeixa de tio de prata, e uns pequenos olhos de prata (Bol. n.º 4 pag. 10).—Baptisam-se neste dia um gentio da Villa de Mapuçá, e uma gentia de Bombaim.—Deu-se entrada aos visitantes até 1 hora da noute, e nem por isso ficaram todos aviados.

CAPITULO 92.

Das pomposas ceremonias com que se encerrou a exposição do corpo do Apostolo, em 8 de Janeiro de 1860.

283—Amanheceu, em fim, o dia aprasado para o encerramento da grande exposição do Patrono e Defensor das Indias, S. Francisco Xavier, que, para confirmar o que referem as historias, e dizem as tradições, acerca das maravilhas por elles obradas, deu aos presentes, ainda em corpo inanimado, provas exuberantes do seu poderoso valimento com o Ente Supremo, como acabamos de ler, durante os 37 dias que esse veneravel corpo esteve exposto á vista e veneração de mais de 200$000 devotos de diversas nações, castas, côres, costumes, e religiões (324), que indistinctamente e reverentes beijaram os seus pés!

---

(324)—De facto, era uma agglomeração da gente de tal ordem que só pelos seus vestuarios singulares e diversidade de triumfas se distinguiam as classes, a que pertenciam os visitantes.—Muitos pelos seus vestuarios paresiam fantasmas, (as mulheres do Sul e de Baçaim), e outros (os *mainatos*—lavandeiros—de Baçaim) com as suas carochas, representantes dos Zagores.—Na sua vivenda em Goa, parece que não sustentaram os prejuizos da classe e religião; pois 2 Parses, que nos tivemos por hospedes comiam e bebiam de tudo que vinha á mesa.

284—O concurso deste dia, não he necessario que nós digamos que foi superior ao da abertura da exposição, porque a repetida alteração do art. 12 do Programma, e a entrada do Templo franqueada ultimamente até a uma hora da noute, para beijar os pés ao homem maravilhoso, sem com tudo poderem muitos satisfaser os seus desejos, dão de per si testemunho incontestavel da multidão innumeravel, que se reuniu para lançar a derradeira vista, sobre o objecto de sua profunda veneração, que por ventura, não contam tornar a ver em sua vida!

285—Com a etiqueta do Programma, observada na abertura da exposição, do que já demos conta (§ 262 a pag. 388), entrou na Igreja, á hora determinada, o Illm.° Cabido, precedido de suas insignias.—Pouco depois chegou tambem o Exm.° Governador Geral com o seu Estado maior, uns e outros fazendo, a custo, passagem por entre a multidão que representava uma massa compacta, e depois da venia e breve oração, o Illm.° Cabido se dirigiu para a Sacristia, e o Exm.° Governador Geral tomou o assento que lhe competia, e em seguida as Corporações, Authoridades, e Chefes das Repartições os seus.

286—Em quanto o Illm.° Cabido se paramentava para officiar a Missa, continuaram os devotos a beijar os pes ao Santo.—Baptisou-se uma gentia de Bicholim.—Dous gentios adultos que se apresentaram para aquelle fim, foram mandados catechisar, por não estarem de todo aparelhados.

287—Apenas entrou a Missa solemne, celebrada pelo Muito Rd.° Antonio Mariano Soares, Thesoureiro-mór da Sé Primacial, e Vigario Geral do Norte, e acompanhada de Orchestra, de que já fallamos, suspendeo-se o ingresso dos devotos ao Tumulo do Santo Apostolo.—Depois do Euvangelho subiu ao Pulpito o Rd.° Antonio José Nicolao Barreto, e recitou um panegyrico concernente ao objecto do dia, pelo theor do Doc. N.° 35.

288—Concluida a Missa o Exm.° Governador Geral, e todas as Corporações, Authoridades, e Chefes das

Repartições se reuniram no Cruseiro, á porta do Tumulo.—Ao mesmo tempo os Commendadores, e Cavalleiros de diversas Ordens Militares se collocaram em alas, desde a divisão do Cruseiro até a porta lateral do Sul da Igreja, por onde devia passar o prestito.

289—Os Rd.^os Capitulares, destinados e ornamentados como já dissemos, tiraram do Tumulo o Caixão, e o collocaram debaixo do palio, em cujas varas pegavam os Cavalleiros atraz nomeados.—As 2 horas em ponto (325), se pôz a tampa do Caixão, e o Exm.^o Governador Geral, e o Rd.^o Governador do Arcebispado, o fecharam com as chaves que lhes tocavam.

290—Neste solemne, mas triste instante, os sinos das Torres do Templo e o parque d'artilheria deram o seu-tão sinal de estar encerrada (sabe Deos para quanto tempo!) a exposição do venerando corpo do miraculoso Apostolo das Indias; o sinal foi respondido no mesmo tom pelos sinos de todas as Igrejas do Estado, e pelos canhões das Praças e Fortalezas em geral.—Então o semblante da multidão, até alli alegre e prasenteiro, assumiu aspecto melancolico, como quem partilhasse de um commum lugubre sentimento!

291—Começou logo a marchar o prestito (326) pelo meio das alas referidas, precedido o Caixão de thumbulos fumantes de aromas, ladeado de brandões acesos, e seguido immediatamente da agraciada D. Maria Antonia Fran-

---

(325)—Dous Relogios marcavam este momento quando se collocou a tampa do Caixão.

(326)—O movimento deste prestito causou uma rapida agitação, como se fôra por um impulso electrico, na multidão, que occupava apertadamente o Templo: a parte desta multidão que estava apinhoada nas 2 divisões do corpo da Igreja, se lançou sobre as grades, que eram altas para as espalar, com o fim de ver pela ultima vez o caixão que encerrava o objecto de sua veneração; foi preciso então redobrar a guarda das grades, para conter os devotos excessos!

cisco Xavier da Costa Campos, do Exm.º Governador Geral, do Reverendo Governador do Arcebispado, e de outros altos Funccionarios, todos com tochas acesas na mão.—Chegado em fim o prestito á porta da Capella, que estava aberta, os Reverendos Capitulares depositaram o caixão sobre o altar, donde o haviam tirado; e assim ficou concluida a funcção magna da exposição do corpo venerando do Thaumaturgo da India!

CAPITULO 93.

Do desgosto que causou o encerramento a muitos devotos: e da noticia que os Periodicos deram daquelle acto, e do da exposição.

292—Este encerramento da exposição causou a muitos devotos intenso desgosto, porque, os que vieram de longes terras por mar, sugeitando-se a incommodos e gastos, chegaram no proprio dia a Pangim, mas horas depois de concluido o acto, e outros, desceram os alcantilados gates, (desfiladeiros) do Concão, no dia seguinte, apesar de sahirem de Mudrasta, e outros pontos distantes daquella Presidencia, a marcha marcha, depois de informados dos factos maravilhosos, que acabamos de ler, concluindo alguns doentes de molestias julgadas incuraveis! —Os mesmos devotos não podendo achar meio para conseguir o fim, se contentaram, os primeiros em ouvir missa, e fazer oração em frente do caixão, o que lhes permittiu o Reverendo Governador do Arcebispado, e Administrador da casa, condoido dos grandes padecimentos, e transtorno que soffreram; e os segundos, além disso, se deixaram ficar por pares de dias, no vestibulo da Capellinha do Santo (na Horta das ruinas de S. Paulo o Velho), habitando aquelle triste ermo ao relento, e servindo-se das aguas estagnadas dos 2 poços (327) que

(327)—*Dous poços*—Estes poços—(Vid. a not. 317 e 319 a pag. 391 e 396) são situados na proximidade da Capellinha de S.

ali existem, denominados desde a exposição *de S. Francisco Xavier*, occupados em fazer uma novena em louvor do Bemaventurado Protector, cujo corpo não chegaram a ver!—Outros finalmente tiveram de voltar do meio do caminho!

293—No dia immediato ao do encerramento da exposição, o Boletim Official (n.º 3 a pag. 15) deu conta desse acto, com as particularidades relativas á sua solemnidade.

Francisco Xavier, nos dous lados do caminho que se dirige á dita Capellinha.—O da esquerda, que hea mais affastado della e se encontra primeiro na quebrada que faz o caminho, he maior, menos profundo, e com pouca agoa.—Tem uma estreita escada no interior, arruinada no fim, e na borda 2 columnas com parte do arco e outros indicios do serviço de nora.—O 2.º que está á esquerda, e mais proximo da Capellinha, he menor, mais profundo, e parece que tem bastante agoa.—Uma bôa parte da boca deste poço he abobadada.

Não constava que á existencia desses poços estivesse ligada alguma tradição contemporanea; mas na occasião da exposição do corpo da dito Santo correu a vóz de que o 1.º dos mesmos poços era o em que o Apostolo *lavava os pés*, tal vez porque tem a escada referida, e que do 2.º elle *bebia a agoa*.—Esta improvisada tradição foi bem recebida pela população, e não só bebia a sua agoa, especialmente do 2.º; mas até levou provisão della para casa e nos consta que nesta Capital (nas Fontainhas) uma velha a dá como poderoso especifico aos doentes.—Da agoa do 2.º destes poços observamos se serviam os estrangeiros, de quem fallamos, e della continuava banhos um dos enfermos que tinha o corpo todo sarnento.—He sobre a superficie da agoa deste poço que a credulidade da população apprehendeu ver fulgurar, uns, uma grande estrella, e outros, uma como figura do sumptuoso Tumulo de prata do Santo Apostolo, e esta noticia fez correr ao poço a multidão dos visitantes noute e dia durante exposição!—Nos fomos para verificar se era real, e donde procedia um tal phenomeno; pelo caminho encontramos familias inteiras umas indo e outras voltando da visita, e, estas admiradas, affirmarem ser verdade o que se dizia, mas nós que chegamos depois de Sol posto, apenas divisamos no fundo do poço um pequeno espaço alvejante

294—O Reverendo Governador do Arcebispado expediu nesse mesmo dia a sua Circular dando igual conta, acompanhada da relação dos Reverendos Parochos, que cantaram a missa solemne durante os 37 dias do festejo, e de outra dos Sacerdotes que pregaram nos mesmos dias, Doc. N.º 35.

295—A respeito do *explendor da exposição, do concurso dos peregrinos, e da regularidade* com que se fez a mesma funcção, escreveram muitos, em diverso gosto, assim na India como em Portugal, accordes porém nos factos relatados:

---

que era a luz externa que penetrava pela parte da sobredita abertura do poço.

A' mesma credulidade fanatica se deve a nova farça que se pôz em scena por estes dias, em que isto escrevemos, do apparecimento de S. Francisco Xavier resuscitado, sobre a abobada do 2.º poço de que fallamos.

Não nos foi possivel ir pessoalmente para ver o objecto desse conto, por estarmos incommodados de saude, mas recorremos a uma pessoa cordata, que nos merece confiança, por nos constar ter observado o apparecido desde o seu principio, e o seguinte he o que se deprehende da sua informação.—Duas familias de Salcete, uma de Margão, e a outra de Cavelossim, tendo ido no dia 24 do corrente (Janeiro de 1861) pelas 11 horas da manhãa da Igreja do Bom-Jesus para a sobredita Capellinha, viram deitado sobre a referida abobada do poço um homem coberto de cambolim (estofo de lãa), de cara crescida, barba comprida, e o cabello da cabeça crescido.

Este encontro inopinado, em uma tal situação, e lugar ermo, surprehendeu-as, e lhes fez hesitar no principio, para se aproximarem daquelle phantasma: passada porem a primeira impressão foram ao seu encontro, e lhe perguntaram inutilmente por algumas vezes, *donde era, e porque estava naquelle lugar?*—Offereceram-lhe dinheiro, e objectos de comer, elle acceitou, nem deu mostras que os attendia, finalmente lhe offereceram alguns canudos (cigarros) então fez apenas um sinal negativo com a cabeça.—As familias na sua retirada daquella solidão perguntaram por conductores de pedras das visinhanças das ruinas de

296—Em 12 de Janeiro o sobredito Boletim do Governo publicou um amplo relatorio com referencia á abertura do caixão em 12 de Outubro antecedente, e aos 37 dias, que durou o seu festejo, trazendo á memoria varios factos historicos das épocas passadas, Doc. N.º 36.

297—O Sr. Manoel Joaquim da Costa Campos descreveu tambem na sua *Estreia* de 1861 aquella festa magna, começando a sua narração na alludida abertura, Doc. N.º 37.

S. Paulo Velho se tinham visto o homem de quem tratamos, se sabiam donde elle era, e tivêram por resposta que o não tinham visto, mas que tinham ouvido dizer estar um homem ajoelhado ao pé do poço.—A noticia desta existencia do homem disconhecido correu rapida por toda a Cidade Velha, S. Pedro e Ribandar, mas com o commento de ser S. *Francisco Xavier resuscitado*!—Pôz-se immediatamente a gente em marcha para o poço, em carros, catres, cavallos, e a pé, sob os auspicios do luar claro, sem attender á hora, á distancia, nem fadiga, possuidos pela maior parte de mera curiosidade, e a gente rude, e os gentios persuadidos ser real a resurreição!

Uns dos primeiros que chegaram ao sitio foram o Capitão do 2.º Batalhão, Domingos Luiz de Sousa Pereira, Commandante do destacamento estacionado no extincto Collegio de S. Boa-Ventura, e o Administrador deste Collegio, o Egresso Antonio das Chagas, os quaes cecoando que esse santão se baldeasse no poço o fizeram remover para o vestibulo da Capella.—Ás 7 horas da noute o nosso informante e um inferior do sobredito destacamento suberam dos ditos Capitão e Egresso no caminho a nova situação que haviam dado ao homem e para lá se encaminharam e ali o acharam estendido de costas no chão, coberto de cambolim, com a mão esquerda sobre o peito, tendo ao punho um pequeno embrulho, os pés cheios de pó, como de quem tem feito longa viagem; tinha a seu lado uma luz em uma *chereta* (metade da casca ossea da noz de coco) por favor de um gentio do bazar, alguns pães, figos, e poucas tangas, e estava cercado da gente do pilourinho, operarios do Arsenal, soldados, e alguns passageiros; interrogou-se-lhe *donde era, como se chamava, e a que religião pertencia*, a nenhuma destas perguntas respondeu, apesar de ser repetidas vezes instado, então o inferior referido tirou-lhe da mão

298—*O Ultramar* deu conta em diversos n.os do seu jornal do concurso do povo, da vinda dos estrangeiros, e publicidade a varios factos que tiveram lugar durante a exposição, e transcreveu tambem os Relatorios apresentados pelo supramencionado Boletim, dando noticia do encerramento da exposição.

---

o embrulho, e achou que nada continha, abaixou-lhe o cambolim, e isto deu a conhecer que não tinha o antebraço direito. —Neste meio tempo entre a torrente de curiosos apareceram o Capellão da Sé, o Padre Angelo Antonio Coelho, e um creado do Reverendo Administrador do extincto Convento de S. Francisco, os quaes conseguiram conduzil-o por seu pé ao dito Convento, para evitar a louca veneração da gente boçal. —Com tudo o numero dos curiosos crescendo de momento a momento, até á uma hora da noute.—No dia 25 o Administrador do Convento deu parte daquelle facto ao Governo do Estado.—Pelas 2 horas da tarde deste dia o Administrador do Concelho d'ordem do Governo collocou uma guarda de 3 soldados e um Cabo na portaria do Convento, permittindo que os curiosos podessem ver o sagrado, mas não beijal-o, como o faziam d'antes, apezar da repugnancia della.—Assim esteve até ao dia 27 cercado de immenso povo pela maior parte de Bardez e gentios e gentias das Ilhas.—Durante todos estes dias não tocou na grande porção de pão e figos (bananas) que tinha ao pé, e até rejeitou os alimentos que lhe offereceram, tomando apenas alguns goles de agoa.—No dia 28 porém de uma assentada comeu 7 pades de pão.—Até este dia a esmola que lhe deram, e á qual elle não prestou attenção alguma, importou em quasi 111 xeraphins!—Desde este dia as visitas se hão afrouxando, e no dia 29 e 30 eram já muito raras: a final elle foi parar por ordem do Governo no Hospital dos Pobres, no dia 31 em que escrevemos esta nota.

Em quanto na Cidade Velha se passava o que acabamos de dizer, em outras partes corria noticia de differentes edições: uns diziam que esse embrulho da cambolim era um mendigo de Mapuca, outros filho de Parrá, outros dos Oleiros de Anjuna, e outros finalmente de Colvale, que tinha estado em Hyderabad com um Iemão, onde déra uma quéda de carro, e perdéra o antebraço; que os seus paes vieram até Britona em sua busca, mas que não adiantaram por ouvirem que estava entre guardas et., com

299.—Os Periodicos Inglezes, assim Catholicos, como Protestantes, de Bombaim e Madrasta, publicaram relações daquelle festejo, que ficam atraz mencionados, nos §§ 268, 269, e 279; alem daquellas, a *Bombay Gazette* (Vid. Bol. n.º 2 de 1861 pag. 9) apresentou uma especial com descripção do Tumulo, e um epitome da vida do Santo, embora haja na sua narrativa alguns erros historicos.—E o Periodico *Saint-Thome Catholic Chronicle* de Madrasta reproduziu na sua folha a noticia dada pelo Illm.º Doutor Canoz.

---

todos esses dizeres nenhum da multidão dos curiosos de Bardez que o viram durante 4 a 5 dias o conheceu.—Parece-nos que este homem seja algum *Bava* (penitente) Indú dos Gates que são acostumados a escolher certos generos de penitencia; taes como não fallar, estar em certa posição penosa ao sol ou em lugar ermo, não comer por muitos dias etc.—Em nossos dias este he o 2.º milagre que a credulidade da gente rude tem improvisado: O 1.º foi o do nascimento de uma Cruz na toca de um Vimarandeiro em Nagoá, da Freguezia de St.ª Cruz de Verna de Salcete, de que demos conta no Gabinete Litt. Vol. 3.º a pag. 83, e no Subp. Hist. das Com. Part. 2.ª nota 147 a pag. 31, a qual cruz mandou cortar o Arcebispo S. Gabino, imitando a resolução de Sixto II.º, de mandar serrar ao meio uma Imagem de Christo de um convento das Freiras em Roma, a qual ao tempo da elevação da Hostia deitava lagrimas, donde procede a anecdota=*o Papa Sixto nem por Deos perdoa a Christo*=em allusão á rigidez dos seus principios, e assim acabou aquelle fanfarrão milagre: o 2.º he o do embugado de que tratamos, a quem fizeram *S. Francisco Xavier* resuscitado pelo facto de não ter o antebraço direito, e por ser encontrado sobre a abobada do poço, que a mesma credulidade sonhou ser daquelle Santo, tambem este passou em julgado por fatos com a comoda do manete para o referido Hospital!

Na visinhança do 2.º dos ditos poços e na distancia de 30 passos, da Capellinha existia no chão ao tempo da exposição um tronco de jaqueira morta, o qual, a credulidade da populaça de que fallamos, imaginou ser da jaqueira plantada por S. Francisco Xavier, e nella confiança o consumiram lerdamente suas lascas, como reliquias, e remedio poderoso para diversas molestias!—He

300—Semelhantemente, em Portugal, *a Revolução de Setembro* no n.º 3335 transcreveu da *Nação* uma carta de Goa, dando noticia da exposição, ainda que com muitas e graves inexactidões historicas; e algumas relativas á mesma exposição, e ao corpo do Santo (328)!

301—*O Jornal do Commercio* no n.º 1875 de 28 de Dezembro de 1859 deu tambem alguma noticia, por esta occasião, acerca da Capella que se pretendeu construir em Sanchão (329).

302—O mesmo Jornal no n.º 1877 do referido mez e anno esclareceu por que maneira se tirou ao Santo o dedo que lhe falta desde a 1.ª exposição em 1554, e onde elle está actualmente. Doc. N.º 38.

CAPITULO 94.

Do que mais se passou até ao dia do anniversario da abertura da exposição.

303—A Imprensa Nacional annunciou a publicação da 2.ª edição do *Resumo Historico* da Vida do Bemaventurado Apostolo, acompanhada da descripção da exposição do seu venerando corpo. Bol. n.º 6 a pag 42.

---

verdade que conforme uma tradição, S. Francisco semeara uma jaqueira ao pé da sobredita Capellinha, e que ella morrera ha mais de meio seculo, e da qual demos alguma noticia na nota 130 a pag. 117.

(328)—Não he de admirar que hajam inexactidões nesta correspondencia, que he de uma devota; porque as de factos historicos procedem de ouvir dizer, e as que respeitam ao estado do corpo do Santo provem da imaginação visto que no Tumulo não era possivel no meio da multidão dos devotos, e durante os instantes que a mesma devota beijava os pés do Santo, observar o seu estado, e achar o contrario do que diz o auto do exame feito detidamente por pessoas competentes e á luz clara do dia.

(329)—Acerca da Capella em Sanchão já demos noticia na nota 240 a pag. 268

304—O Governo do Estado dirigiu Officios ao Reverendo Governador do Arcebispado, ao Administrador do Concelho, e ao Tenente Coronel Inspector das Obras Publicas, reconhecendo os serviços prestados pelo Cabido, e Cleresia, pela Administração do Concelho, e pela Commissão encarregada dos arranjos da exposição, durante a festividade, para o seu esplendor, os quaes foram estampados nos Boletins n.° 10 a pag. 65, e n.° 11 a pag. 72.

305—O Reverendo Governador do Arcebispado expediu uma circular (Bol. 18 pag. 132) recommendando aos Reverendos Parochos para exhortarem aos seus Freguezes, que tivessem recebido algum favor ou graça por intercessão do Apostolo das Indias para darem pessoalmente informação dellas á Commissão encarregada de as colligir, e em caso de sua reluctancia, remetter-lhe uma relação circunstanciada dos mesmos factos.

306—No mesmo sentido a Abredita Commissão publica o seu aviso (no Bol. 18 pag. 144), prevenindo de estar encarregado o seu Presidente e Secretario para receberem todos os dias as informações precisas das curas e outras graças recebidas pelos devotos.

307—Em 25 de Abril 1860 com permissão de S. Ex.ª o Sr. Governador Geral, e do Illm.° Governador do Arcebispado, e com assistencia deste, foi o corpo e caixão interiormente limpo da poeira e objectos estranhos que durante a exposição se haviam introduzido pela devoção indiscreta dos visitantes (Vid. a not. 317); e porque o panno que o cobria estava todo já roto e em parte desfeito, foi nessa occasião, tambem com permissão das authoridades referidas, lançado sobre o veneravel corpo outro novo panno, offerecido pela Exm.ª Sr.ª D. Sabina Placida da Silva Monteiro, Esposa do Secretario do Governo Geral, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.—He este panno branco de finissimo linho, tecido com *mosquinhos* de ouro, guarnecido com tres ordens de renda de ouro, em cada ponta tem uma borla de canutilho tambem de ouro.—Foi permittido á devota offerente recolher

a panno velho, do qual conserva uma parte como preciosa reliquia, tendo já sido distribuido o mais delle por outros muitos devotos que anciosamente o solicitaram (230).

308—Em 9 de Junho subsequente a Commissão encarregada dos arranjos da exposição collocou no Tumulo de prata o Caixão que contem o venerando corpo do Apostolo, que até aquella data esteve sobre o altar, em quanto se concertava a grade do mausoleo; e neste acto foram encerrados na gaveta do dito Tumulo de prata (vid. a not. 18 a pag. 18), varios objectos, que respeitam á ultima exposição, estampados na Imprensa Nacional, e offerecidos pelo seu Director para os conservar no mencionado Tumulo para futura memoria, os quaes objectos constam do Doc. N.º 39.

309—A Commissão das oblatas apresentou a relação das que recebeu em dinheiro e em varios emblemas de ouro e prata, dedicados ao Apostolo pelos devotos visitantes, em reconhecimento dos favores recebidos por sua intercessão.—Igual relação dos emblemas de cêra obtivemos do actual Administrador da Casa do Bom-Jesus, e da Capella do Santo. Doc. N.º 40.

310—A Commissão dos arranjos da exposição apresentou tambem o seu Relatorio circumstanciado sobre os seus trabalhos. Doc. N.º 41.

311—A Commissão incumbida de colligir os factos maravilhosos de que atraz fallamos, igualmente deu conta do seu trabalho, cujo resultado foi publicado do pulpito em uma Pastoral no dia 3 de Dezembro de 1860, (dia da festa do Bemaventurado Apostolo das Indias, que neste anno foi muito mais concorrida, do que nos 10 annos proximos passados; e tambem do anniversario da abertura da exposição do seu venerando corpo), depois da missa

(230)—Nós tambem fomos participantes desta reliquia, por favor da devota.

solemne, a que se seguiu um *Te Deum laudamus* em acção de graças ao *Todo Poderoso* em reconhecimento dos factos maravilhosos que acabavam de ser publicados, Doc. N.º 42.

312—Desta maneira correu neste anno inteiro tudo o que respeita á exposição do sagrado corpo do incomparavel Xavier, e a sua historia entrou á final no dominio do passado, legando aos presentes recordações agradaveis associadas á existencia dos que presenceáram aquelle grandioso acto; e aos vindouros a sua noticia positiva e circunstanciada, nas diversas descripções que andam publicadas, couso que os actuaes não poderam obter a respeito da exposição anterior de 1782!

Fim.

DOCUMENTOS,

QUE ACOMPANHAM

A SEGUNDA PARTE DO RESUMO HISTORICO

DA

VIDA DO GLORIOSO APOSTOLO,

DEFENSOR DO ORIENTE, E PATRONO DAS INDIAS,

S. FRANCISCO XAVIER.

N.° 17.

Aviso fixando o dia da abertura e encerramento da exposição do Corpo do Apostolo.

Em consequencia da authorisação de Sua Magestade, communicada em Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, n.° 100 de 11 de Julho ultimo, publicada no Boletim deste Governo n.° 64, manda S. Ex.ª o Sr. Governador Geral deste Estado fazer publico que no dia 3 de Dezembro proximo futuro, dia da festa do Glorioso S. Francisco Xavier, Apostolo da India, vai ser exposto á veneração publica o seu milagroso Corpo na Igreja do Bom Jesus, e hade durar a mesma exposição até ao dia 1.° de Janeiro vindouro.

Secretaria do Governo Geral, 23 d'Agosto de 1859. —O Secretario do Governo Geral, *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

(Bol. n.° 66 de 1859, p. 431.)

N.º 18.

Circular convidando as Corporações, e Chefes das Repartições para a abertura do Caixão.

Illm.º Sr.—Tendo S. Ex.ª o Sr. Governador Geral deste Estado, determinado fazer a abertura do Tumulo de S. Francisco Xavier no dia 12 do corrente, convida o mesmo Exm.º Sr. a V. S.ª para assistir áquelle acto na Igreja de Bom Jesus ás 10 horas da manhãa do referido dia.

Deos Guarde a V. S.ª Secretaria do Governo Geral, 10 d'Outubro de 1859.—Illm.º Sr. Director da Imprensa Nacional—O Secretario do Governo Geral, *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

(Do original.)

N.º 19.

Portaria nomeando uma Commissão para limpeza do caixão, e mais arranjos da exposição.

N.º 141.—O Governador Geral do Estado da India determina o seguinte:

Hei por conveniente nomear uma Commissão composta do Reverendo Caetano João Peres—o Major Inspector das Obras publicas, Candido José Mourão—Major Engenheiro, Victor Anastacio Mourão—Inspector do Arsenal, Joaquim Manoel de Mello e Mendonça—e Official da Fazenda, Nicolão do Rozario e Sousa, para assistir aos trabalhos da limpeza e arranjos do Tumulo de prata de S. Francisco Xavier, examinar as faltas, e remedial-as do modo possivel. Palacio do Governo Geral em Nova-Goa, 17 de Outubro de 1859.—O Governador Geral, *Visconde de Torres-Novas.*

(Bol. n.º 11 de 1860 p. 71.)

N.º 20.

Relação das peças de prata, que cobrem o Caixão eterno de S. Francisco Xavier, seu numero, e peso, segundo as actas da Commissão encarregada da sua limpesa.

Situação das peças	N.º das peças	Peso Marc.	Onç.	Oit.
A Cruz, e seu pedestal	8	19	2	4
A Peanha	8	10	7	3
A baso da peanha	25	31	1	4½
A cupola (face da retaguarda)	1	4	"	4½
Outra conjuncta	1	2	"	7
A dita cupola (face da frente)	1	5	3	6½
Outra dita conjuncta	1	2	5	3
A parte superior (da direita)	6	9	1	2½
A parte inferior (da direita)	6	7	3	6
A parte superior (da esquerda)	6	10	7	7
A parte inferior (a esquerda)	6	7	7	7½
As Columnas grandes da esquerda	8	24	7	6½
Os Frisos, 7 pedaços, e enfeites 8 da parte superior das columnas	15	9	1	1
As Columnas grandes da direita	8	25	1	6½
Os Frisos, 6 pedaços, e 8 enfeites da parte superior das columnas	14	9	5	4
A cimalha	23	16	3	7½
Os Filetes largos, 4 estreitos, e as columnas	16	7	5	7½
Os Enfeites da parte inferior das columnas	14	7	6	"
As Laminas superiores do lado direito	7	13	3	5½
Os Pés da parte inferior	16	11	2	1
Os ditos pés da parte superior	16	11	0	1
Os Frisos da parte inferior	11	11	4	3
As Laminas da parte inferior	14	22	3	3½
Os pés da parte inferior	14	3	7	"
As Laminas dos topos	2	1	6	2
Os filetes dos topos	21	8	5	3½
As Laminas da parte superior do lado esquerdo	7	13	1	13

Situação das peças	N.º das peças	Peso Marc.	Onç.	Oit.
As Laminas, 2 do topo, 4 filetes largos, e 7 sorteados	13	11	6	2
Os Anjos com as suas azas e peanhas	16	53	6	7
Os Jarros completos com os seus enfeites	4	12	3	3
Os Engastes de prata que existem (331)	579	25	2	»
As Estrelas no interior do caixão 115 e na bandeja 9, com suas pedras, ao todo	124	1	4	4
As Pedras, que se encontraram (332)	478	»	»	»

(Das actas da Commissão)

N.º 21.

Postura da Camara Municipal para limpeza e aceio da Cidade.

Approximando-se a época da exposição do veneravel corpo S. Francisco Xavier, e cumprindo á Camara

(331)—Estes engastes eram ao todo, como se conheceu, 729, por conseguinte faltaram 150.

(332)—Destas 3 são verdadeiras: 2 topazios (1 grande e de outro pequeno) e 1 safira (grande); faltaram por tanto 251. O preço destas pedras daremos em outro lugar.—He de observar que as pedras embutidas primitivamente eram, segundo julgamos, todas preciosas, e lapidadas; as quaes, he de suppôr, que foram depois trocadas por outras brilhantes; mas menos preciosas, por serem de christal corado, e são as que hoje existem!—Esta opinião tem a seu favor: 1.º as 3 pedras das primitivas, que se encontraram escapadas ao barbaro trocador, por estarem situadas, tal vez, em lugares menos salientes, serem lapidadas: 2.º o emprego de violencia que se nota nos engastes para extrahir as primeiras: 3.º finalmente a troca de 1 grão de prata deste Tumulo pelo de chumbo (Vid. a nota 236 a pag. 267)!—Por esta ultima troca foi processado pelo Arcebispo S. Caldino, um dos Administradores, acta-

Municipal do Concelho das Ilhas adoptar algumas medidas tendentes a melhorar o aspecto da Cidade de Goa, onde hade concorrer por esses dias grande numero de Extrangeiros a visitar a dita exposição,—julgou do seu dever, a fim de que os estranhos não encontrando neste paiz sumptuosidade dignas de notar-se, achem ao menos o aceio, a limpeza, a boa ordem e policia que possuem quaesquer Cidades, que aspiram a considerar-se como civilisadas, crear e estabelecer por Postura o seguinte:

Artigo 1.º—Todos os proprietarios desde a ponte da Ribandar até a Velha Cidade de Goa que tiverem predios rusticos e urbanos, bordando as ruas publicas, serão obrigados alimpar as ditas propriedades, levantar os seus muros estando desmoronados, limpal-os, alinhal-os, remover o pedregulho, cortar os arbustos, que forem nocivos a saude, e impedirem o livre transito, assim como alimpar as suas testadas, e a caiar os edificios de qualquer côr, que não seja a branca.

Art. 2.º—Do mesmo modo são obrigados a limpar o littoral que corresponder a cada propriedade, os proprietarios de predios rusticos e urbanos, que assentam sobre a margem do rio, especialmente em Ribandar e S. Pedro, devendo cortar quaesquer salgueiros e outros arbustos, e fazer remover todos os objectos, que além de serem nocivos, offerecem um mao aspecto a quem passa.

Art. 3.º—Todo o individuo, que possuir na sua propriedade alguma poça de ma agoa, e por esta razão inutil para beber sera obrigado a entulhal-o, e quando lhe seja absolutamente indispensavel para a agricultura, será neste caso obrigado a cercal-o, de modo que não possa haver a elle facil accesso para se tirar a agoa, e sendo de agoa potavel sera outrosim obrigado a limpal-o dos arbustos, e a reparal-o com a respectiva borda.

Art. 4.º—Todos os donos dos casebres que bordam as ruas publicas desde Pangim até a Velha Cidade de

Goa serão obrigados a acciar as suas casas caiando-as de qualquer côr, menos a branca.

Art. 5.°—He fixado o prazo de oito dias para dar começo a todos os trabalhos, a que pelos artigos antecedentes ficam obrigados os referidos proprietarios, sendo estes contados desde a data da publicação desta Postura; devendo os ditos trabalhos ficar concluidos até 20 de Novembro seguinte.

Rectificado.

Art. 6.°—Expirado o prazo de oito dias marcado no artigo antecedente, o Presidente da Camara ou Vereador com o Juiz Eleito respectivo subirão de correição, e encontrando que algum Proprietario dos predios rusticos ou urbanos não tenha dado cumprimento ao disposto no referido artigo será condemnado em vinte mil reis, que serão revertidos a favor do Cofre do Municipio para limpeza da Cidade.

§ Unico.—Os Zeladores que denunciarem ao Juiz Eleito, a infracção do Art. antecedente terão direito a terça parte da condemnação.

Art. 7.°—Findo o prazo de oito dias marcados no Artigo antecedente, e não tendo dado começo aos determinados trabalhos, serão estes feitos por conta da Municipalidade, extrahindo-se conta da despesa, que se fizer para ser cobrada em conformidade do disposto no Art. 10 da presente Postura.

Art. 8.°—Sendo os trabalhos determinados nesta postura de muita urgencia, e não se sabendo quem sejam os differentes proprietarios de maior parte das propriedades, em que elles se devem fazer, como por vezes se tem verificado, fica substituida a intimação pessoal pela intimação por Edital do Presidente da Camara, que deverá ser expedido logo depois de approvada esta Postura, e o prazo será o determinado no Art. 5.°

Art. 9.°—Findos os oito dias proceder-se-ha nos trabalhos pela Inspecção das Obras Publicas, assistindo a

ellas um encarregado da Camara, que poderá ser o respectivo Regedor da Parochia ou Juiz Eleito.

Art. 10.°—Concluida a obra será pelo Inspector das Obras Publicas remettida ao Presidente da Camara, dentro em 24 horas, sob a sua responsabilidade a conta por elle authenticada da despeza feita, que servirá de base para ser cobrada pelo respectivo Juizo, a qual será immediatamente remettida pelo dito Presidente ao Juiz Eleito, ou ao Ministerio Publico, que mandando fazer a citação pessoal, ou por Edital, segundo se puder saber ou não, quem seja o proprietario para entrar com o importe da folha e mais cinco por cento para o Municipio, alem das custas no cofre do Juizo, mandará proceder a execução na respectiva propriedade; quando se não cumpra o preceito da citação, seguindo depois os ulteriores termos da arrematação até a real satisfação da despeza feita.

Art. 11.°—Não serão comprehendidos na disposição do art. 2.° os proprietarios, que tenham plantado salgueiros para a segurança dos vallados das suas propriedades (varzeas), devendo com tudo ser obrigados a dessipar os salgueiros, que estejam crescidos, e distantes cinco mãos fóra dos ditos vallados.

Art. 12.°—He livre a qualquer proprietario pagar a quantia que lhe fôr exigida das obras feitas, em qualquer estado de execução, requerendo para este fim ao respectivo Juiz, que lh'o deferirá na forma da Lei.

Art. 13.°—São inadmissiveis quaesquer embargos que se queiram oppôr;—porque sendo a despeza feita em virtude desta Postura no caso da propriedade, he por ella que se deve haver, sem que a questão de direitos á propriedade possa servir de embaraço ao pagamento exigido.

Art. 14.°—Ficam revogadas quaesquer Posturas em contrario a presente.

Dada nos Paços da Camara Municipal em Nova-Góa, aos 10 de Outubro de 1859.—Eusebio Antonio de Se-

queira, Presidente—Mariano de Maria Santissima e Andrade, Vice-Presidente—Manoel Nicolau Picardo, servindo de Fiscal—Antonio Francisco Caldeira, Vereador.

Accordam em Conselho de Districto.—Que approvam a Postura da Camara Municipal das Ilhas de 15 do corrente, ácerca da limpeza e aceio da Cidade Velha, com as seguintes modificações: a 1.ª no Art. 6.º onde estabelece o minimo da pena de 10 mil réis, estabeleça o maximo de 20 mil reis: 2.ª que a execução dos infractores seja feita pelo methodo do processo estabelecido nas Leis. Palacio do Governo Geral em Nova-Goa, 27 de Outubro de 1859.—O Governador Geral, *Visconde de Torres-Novas*=*Azevedo*—*Peres*—*Mendes*—*Vasconcellos*—*Eduardo* (333).

(Bol. n.º 89 de 1859 p. 586.)

N.º 22.

Portaria approvando o Programma do festejo da exposição.

N.º 161.—O Governador Geral do Estado da India determina o seguinte:

Sendo conveniente tomar as necessarias providencias, não só para que os preciosos restos mortaes do Apostolo da India S. Francisco Xavier, não soffram damno algum por occasião da sua exposição á veneração publica, como para que na numerosa reunião dos povos que devem concorrer a mesma exposição, se conserve a melhor ordem possivel: Hei por conveniente, que

(333)—A Camara Municipal havia tambem publicado uma outra postura de baixas de barracas dos vendilhões na data de 29 de Novembro immediato (vid. Bol. n.º 93 pag. 613); mas reconsiderando sobre o objecto revogou-a por Aviso de 7 de Dezembro seguinte (vid. Bol. n.º 95 a pag. 629).

naquelle acto se observe o Programma, que faz parte desta Portaria, e vai assignado pelo Secretario Geral do Governo. As Authoridades, a quem competir, assim o tenham entendido e executem. Palacio do Governo Geral em Nova-Goa, 10 de Novembro de 1859. —O Governador Geral, *Visconde de Torres-Novas*.

Programma a que se refere a Portaria da data de hoje.

PARTE 1.ª

1.º—Em consequencia da auctorisação de Sua Magestade obtida pela piedade de S. Ex.ª o Illm.º e Exm.º Sr. Visconde de Torres-Novas, Governador Geral deste Estado, o corpo do glorioso S. Francisco Xavier, Apostolo da India, milagrosamente conservado até hoje por trezentos e sete annos desde o seu feliz transito, será exposto á veneração publica na Igreja do Bom-Jesus desde o dia 3 de Dezembro até ao 1.º de Janeiro vindouro.

2.º—No referido dia da sua festividade, segundo o costume annual, sahirá da Sé Primacial ás 9 horas e meia A. M. o Illm.º e Rm.º Cabido, e dirigir-se-ha em Procissão para a referida Igreja do Bom-Jesus; e ahi depostas as vestimentas sacras, aguardará recebel-o á porta do templo a S. Ex.ª o Sr. Governador Geral, e logo que chegue o acompanhará com todo o ceremonial do costume á Capella do Santo, e d'ahi até ao lugar, que lhe estará preparado debaixo do arco da Capella-mór na forma da pratica.—Acabado este ceremonial, recolherá o Cabido á Sachristia, e começará logo a revestir-se para em seguida principiar a solemnidade da exposição.

3.º—S. Ex.ª o Sr. Governador Geral nomeará seis Cavalheiros d'entre as primeiras Auctoridades para pegarem nas varas do Palho; e logo que toquem dez

horas, o mesmo Exm.º Sr., o Cabido, a Camara Municipal, as Auctoridades, e os Empregados superiores das diversas Repartições do Estado reunir-se-hão a porta da Capella do Santo no Claustro.

4.º—Ahi seis Reverendos Capitulares, revestidos de pluvial, tirarão o Caixão em que se acha depositado o corpo do dito Santo, e o conduzirão processionalmente debaixo do Pallio ladeado de tochas para o lugar do Deposito no meio do Cruzeiro da Igreja, entrando para ella pela porta do claustro que fica do lado do Sul.

5.º—No meio do Cruzeiro da Igreja convenientemente seperado do corpo da mesma por uma grade, estará estabelecido dentro de uma teia formada de gradaria, uma especie de catafalso, e sobre elle o grande e magnifico Tumulo de prata com as suas molduras envidraçadas; e depois de aberto o Caixão, que contém o corpo do veneravel Santo, em presença dos circunstantes, será introduzido no referido Tumulo, e ahi deixado exposto á veneração publica coberto de um volante transparente, de modo que pelo lado dos pés possa ser beijado por todos, sem o expôr a alguma indiscreta devoção, como em outra epocha teve lugar.

6.º—Em volta do Tumulo haverá quatro grandes alampadas de prata sempre acesas, e grandes tocheiros do mesmo metal com os competentes cirios, que se conservarão tambem acesos durante o tempo em que cada dia o Tumulo se abrir á publica veneração.

7.º—Concluida a deposição do Santo o Cabido se retirará á Sachristia, a fim de se revestir para a Missa, e S. Ex.ª o Sr. Governador Geral e todas as Auctoridades e mais Empregados, que formaram o prestito, tomarão os seus assentos acostumados.

8.º—A Missa da festa e os mais actos concernentes tarão lugar na forma acostumada: e terminada a Missa, S. Ex.ª o Sr. Governador Geral, o Cabido, a Camara, e as mais Auctoridades se dirigirão a teia a venerar o corpo do grande Apostolo da Judia, e finda a ceremo-

nia S. Ex.ª será acompanhado até a porta pela Camara e Cabido, e este voltará á Sacristia, deixando ficar junto á entrada um Capitular e dous Capellães para presidir e assistir á exposição, e dahi voltará em prestito para a Cathedral.

9.º—Neste dia terminará a exposição do Sagrado corpo ás quatro horas da tarde, e logo depois de fechado o tumulo com as competentes laminas de prata se fecharão as portas da tela, e depois da retirada do povo as da Igreja.

10.º—Em todos os dias, até finda a exposição, a Igreja abrir-se-ha ás seis horas da manhã, e começarão as Missas privadas, e ás nove horas em ponto entrará para o Altar-mór a Missa solemne com acolitos, que será cantada e acompanhada de musica instrumental e vocal.

11.º—Para cantar a Missa solemne será nomeado pelo Prelado com antecipação qualquer dos Parochos por seu turno; e do mesmo modo será pelo Cabido nomeado um dos seus Membros que com roquete e murça, e ajudado por dous Capellães, ou quaesquer dous Clerigos com sobrepeliz, assista por turno á exposição de cada dia.

12.º—A exposição da manhã encerrar-se-ha ás onze horas, e meia hora depois estará a Igreja fechada.—Ás duas horas da tarde novamente se abrirá e começará a exposição, que findará ás cinco, e meia hora depois se fecharão as portas do Templo (334).

13.º—De tarde haverá interpoladamente Sermão, ora em Portuguez, ora em Concanim, ora em Tamul, ou em outras quaesquer linguas, conforme á concorrencia dos Peregrinos e Povo.

14.º—No dia 1.º de Janeiro terá lugar o encerramento do Sagrado corpo de S. Francisco Xavier, seguin-

(334)—Este paragrafo foi alterado depois (17 de Dezembro Vid. a pág. 397, e pag. 400.

do se puta o dito fim as mesmas ceremonias que se praticáram para a sua abertura, e que se acham descriptas nos artigos 1.º e 2.º deste Programma; e as dos artigos 3.º e 4.º com a alteração de que o ponto de reunião do prestito será no cruzeiro, e sahindo da Igreja pela porta lateral do Sul, dirigir-se-ha para a Capella do Santo, e entrando nella pela porta do claustro depositar-se-ha o Caixão no logar em que costuma ser conservado, e assim se dará por terminada a exposição.

15.º —Aos tres do seguinte mez de Dezembro, e 1.º de Janeiro vindouro, quando se abrir no primeiro e encerrar no segundo dos referidos dias a exposição, repicarão os sinos da Igreja do Bom-Jesus, e a este signal repicarão igualmente os sinos das mais Igrejas da Cidade Velha; e em todos os outros dias intermedios tanto de manhãa, como de tarde, será annunciada a abertura e encerramento da exposição por um repique somente dos sinos do Bom-Jesus.

Parte 2.ª

16.º—A entrada dos que forem venerar o corpo de S. Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus na Cidade Velha de Goa he franca indistinctamente a todos aquelles que se apresentarem com a decencia devida ao acto, segundo a sua possibilidade, uso, e costume.

17.º—O Templo será dividido em duas partes por uma gradaria, que tome a porta lateral do Norte, e percorra ao longo do degrão de pedra que se eleva do pavimento em forma de estrado até ao Cruzeiro, e volte encostada ao degrão que igualmente segue pela porta opposta e tome a porta do Sul, que dá para o claustro, e forme desta modo a primeira parte.—A parte de entremeio das grades e o restante corpo da Igreja formará a segunda divisão.

18.º—As entradas e sahidas tanto da primeira como da segunda divisão do Templo, são distinctas e separadas.

19.º—Na primeira divisão do Templo, que comprehende o Cruzeiro achar-se-ha depositado o Tumulo do corpo de S. Francisco Xavier, e dentro desta divisão não he permittida a demora de qualquer pessoa, a não ser a indispensavel junto ao Tumulo para venerar o corpo, tocal-o, ou beijal-o; exceptuando aquellas que em virtude deste Programma são obrigadas a nella presidir.

20.º—Na parte que constitue a segunda divisão he permettida a demora de todos aquelles que por devoção queiram fazer as suas orações.

21.º—Todos os que quizerem venerar o corpo de S. Francisco Xavier entrarão pela porta lateral do Norte e dirigindo-se por dentro da téa ao cruzeiro farão passagem junto ao Tumulo, e demorando-se ahi o tempo tão somente indispensavel para fazer a sua reverencia e beijar o Santo, encaminhar-se hão para a porta lateral do Sul, por onde devem sahir sem se deterem seja a porta seja no claustro, ou mesmo na portaria.

22.º—Aquelles que movidos por sua devoção quizerem fazer as suas orações no Templo, entrarão para a segunda divisão pela porta principal ou porta do meio, que dá para o adro e olha para o poente, e demorando-se o tempo que lhes parecer sufficiente, deverão sahir por qualquer das duas portas lateraes contiguas áquella por onde entraram, evitando sempre a demora seja á porta ou nas suas proximidades, seja dentro ou fora della.

23.º—São absoluta e rigorosamente prohibidas as entradas e sahidas, a não serem pelas portas indicadas, a fim de evitar a desordem e todas as mais consequencias que de ordinario se lhe seguem.

24.º—Durante o tempo da exposição haverá na Igreja o maior silencio evitando toda a voseria—sussurro—e murmurio, especialmente durante as Missas.

25.º—Haverá uma guarda d'Official subalterno reforçada, que dará para cada uma das portas as precisas sentinellas, e ellas serão responsaveis pelos abusos que se

commetterem, tanto nas entradas como nas saidas trocadas.—A porta principal e do Norte haverá sempre sentinellas dobradas.

26.°—O Commandante da Guarda ou qualquer inferior vigiará frequentemente as differentes gomas para observar e evitar qualquer abuso ou alteração de ordem.

27.°—Dentro do Templo serão postadas as sentinellas que a bem da ordem e segurança do precioso forem requisitadas pelo Administrador do Concelho d'accordo com o Administrador da Casa.

28.°—Ao Administrador do Concelho ou quem suas vezes fizer, cumpre vigiar e prevenir por todos os meios que forem condecentes, quanto possa concorrer para alterar o socego e ordem publica, e para este effeito usará de todas as suas attribuições, como chefe da Policia, e requisitará a força que para um tal fim julgar necessaria.

29.°—Dentro do Templo haverá sempre um Empregado da Administração ou da Regedoria para acudir a qualquer parte que seja preciso, e o seu lugar será dentro da teia perto do Tumulo.

30.°—O Administrador do Concelho terá uma sala no edificio do Bom Jesus para o seu expediente.

31.°—No dia 3 de Dezembro no momento em que se abrir a exposição de S. Francisco Xavier, e outro-sim em que se encerrar no dia 1.° de Janeiro vindouro, dar-se-ha na Cidade Velha de Goa uma salva de vinte e um tiros, que será repetida em todas as Fortalezas do Estado.

32.°—Pela Repartição competente se expedirão as ordens necessarias para a marcha da força militar, que se julgar precisa tanto para pompa e lustimento do acto da exposição, como para manter a ordem e segurança publica em todo o tempo que ella durar.

Secretaria do Governo Geral, 10 de Novembro de 1859. —O Secretario do Governo Geral, *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

(Bol. n.° 89 de 1859, p. 581.)

N.º 23.

Portaria nomeando uma Commissão para receber as oblatas.

N.º 163.—Sendo de esperar que por occasião da proxima exposição do veneravel corpo de S. Francisco Xavier queiram alguns devotos contribuir com suas oblatas, para serem applicadas ao explendor do culto em geral, e ao do mesmo Santo em especial; Hei por conveniente determinar o seguinte:

Artigo 1.º—He nomeada uma Commissão composta do Rd.º Mestre Escola, Caetano Jeão Peres, Administrador da Casa do Bom-Jesus; do Administrador do Concelho das Ilhas; José Maximiano Falcão de Carvalho; e de um Empregado da Repartição da Fazenda, que for indicado pela Junta da mesma Fazenda.

Art. 2.º—Esta Commissão fará todos os dias a contagem das oblatas recebidas, do que lavrará termo em livro especial, e por todos assignado; e as fará recolher em um cofre seguro.

Art. 3.º—Terminada a exposição será o dito cofre depositado no Thesouro Publico, dando-se a competente resalva a Commissão.

Art. 4.º—Opportunamente se deliberará sobre a applicação especial que, segundo a quantia a que montarem, se houver de dar as oblatas recebidas (335).

As Authoridades, a quem pertencer assim o tenham entendido e executem. Palacio do Governo Geral em Nova-Goa, 21 de Novembro de 1859.—O Governador Geral, *Visconde de Torres-Novas.*

(Bol. n.º 91 de 1859 p. 596.)

(335)—Em outro lugar daremos conta das importancias das oblatas recebidas pela Commissão, em dinheiro, e objectos de ouro, e prata.

N.º 24.

Circular para a marcha da tropa para a Cidade Velha

"Secção Militar" da Secretaria do Governo Geral em Nova-Goa, 23 de Novembro de 1859.

CIRCULAR N.º 24 (336).

Devendo ter lugar no dia 3 de Dezembro proximo a Festividade do Glorioso S. Francisco Xavier Apostolo das Indias, começando no mesmo dia a Exposição do seu veneravel corpo, na conformidade do Programma publicado no Boletim do Governo n.º 89 de 16 do corrente; S. Ex.ª o Sr. General Visconde de Torres-Novas Governador Geral deste Estado, determina que, em harmonia com o dito Programma, e segundo o disposto no seu art.º 3º se observe o seguinte:

1.º—Uma Bateria do Regimento d'Artilheria, e as forças disponiveis de todos os mais Corpos do Exercito se porão em marcha para a Cidade de Goa de modo que alli cheguem na madrugada no dito dia, e se aquartelarão:

A Bateria e a Força do 1.º de Caçadores, no Arsenal do Exercito.

A do 2.º d'Infanteria, na Casa Professa do Bom-Jesus.

A do 3.º e 4.º no Convento de S. Boa-Ventura.

E a do Corpo da Guarda Municipal, no de S. Francisco.

2.º—Ás 9 horas da manhãa, toda esta Força se achará formada no largo da Igreja do Bom-Jesus estendendo-se á esquerda da linha ao longo da rua que conduz ao Arsenal.

(336) Algumas disposições desta Circular foram alteradas pela outra n.º 25 de 26 do mesmo mez, publicada no Bol. n.º 91 a pag. 518.

Xavier separa-se em forma de gaveta do resto do ataude. —Foi conduzido pelas pessoas de mais alta dignidade na Cidade, e depositado no ataude no centro do Cruzeiro da Igreja.—Estava o ataude circundado de tocheiros de prata mussiça, e de bellas alampadas de prata.—Seguio-se a Missa cantada, durante a qual, depois do Evangelho foi recitado o panegyrico do Santo pelo mais eminente Prégador da Cidade (h), que concluio a sua Oração pedindo tres *Ave Marias*, a ultima das quaes foi pelo Illustrissimo Monsenhor Canoz (i).—Durante a elevação houve salvas de artilheria junto da Igreja, como se fôra uma Missa militar (j).

Concluido o Santo Sacrificio foi permittido aos fieis aproximar-se das veneraveis reliquias, e beijar os pés do Santo.—Estava tudo tão bem disposto, que não houve confusão na ceremonia.—O povo subia ao estrado, uma pessoa de cada vez, por um lado dos degraus, ajoelhava, beijava os pés de S. Francisco Xavier, e daqui caminhando á roda do ataude descia por outro lado, e subia da Igreja.—Porem poucos houve que não voltassem em occasião de menos concurso, para contemplar mais detidamente as santas reliquias, e poder orar junto dellas com mais quietação.—

(Bol. n.º 102 de 1859 p. 869).

(h)—Foi o Muito Rd.º Padre Miguel Felippe de Quadros, de Lentelhe, na Provincia de Salcete.

(i)—E a segunda foi pela integridade do Real Padroado Portuguez, e por seus fautores.

(j)—Advertimos ao auctor ou auctora da Carta que este uso estylo sempre guardado entre nós em todas as festas nacionaes.

N.° 29.

Relação dos festejos dos primeiros dous dias da exposição pelo Illm.° Do.r Canoz.

RELAÇÃO DA VIAGEM

DO ILLUSTRISSIMO DOUTOR CANOZ

A GOA.

POR OCCASIÃO DA EXPOSIÇÃO DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER.

Lê-se no *Bombay Catholic Examiner*, n.° 1, de 31 de Dezembro ultimo o seguinte:

Nossos leitores nos acompanharão nos agradecimentos ao Illustrissimo Doutor Canoz, por ter benevolamente accedido a nosso petitorio, e permittido que publiquemos em nossas columnas a relação que enviou a Europa, de sua peregrinação ao Tumulo de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias.

Bombaim, 10 de Dezembro de 1859.

Apresso-me a communicar-vos a ineffavel consolação que a providencia me concedeu por um modo totalmente inesperado, junto ao tumulo de S. Francisco Xavier, cujo sagrado corpo está exposto durante este mez á publica veneração dos fieis, havendo sido exposto pela ultima vez em 1782.

Um excellente Catholico * * *, que recebeu uma condecoração de Sua Santidade Pio IX (a), teve a feliz

(a)—Supprimindo nós a reticencia do Illustrissimo Canoz, declaramos que a pessoa a que elle aqui se refere, he Mr. Loughan Luiz ao Ponem.

3.º—O Sr. Commandante do 2.º Batalhão, como Official superior mais graduado e mais antigo entre os que hão de concorrer á formatura, tomará o Commando da linha, e fará observar tudo quanto he do costume em semelhantes festividades.

4.º—Logo que S. Ex.ª o Sr. Governador Geral se tenha retirado do Templo, a Força recolherá aos quarteis-mestres que lhes estão designados, e d'alli, no dia immediato de tarde, para os seus Quarteis permanentes, regulando a sahida e a marcha como fôr mais conveniente.

5.º—Os Batalhões d'Infanteria n.º 2, e 3, o 4. de Caçadores, e o Corpo da Guarda Municipal deixarão em Goa uma Guarda de honra, composta de um Capitão 2 Subalternos, 2 Officiaes inferiores, dous Corneteiros ou Tambores, 60 bayonetas, e Bandeira, e Musica os que a tiverem, alojando-se estas Guardas nos Conventos que pag. ... respectivos Corpos se acham acima designados.

6.º—O Batalhão de Caçadores n.º 1 deixará, no Arsenal do Exercito, uma Guarda de Capitão, Musica e Bandeira, 2 Subalternos, 2 Inferiores, 4 Cabos e Anspeçadas e 44 Soldados, em substituição ao destacamento do 2.º Batalhão d'Infanteria que alli se acha, e que deve retirar com o Corpo; bem como aque está na Fabrica da Polvra, sendo rendida por um inferior, 2 Cabos e 18 Soldados do 4.º Batalhão de Caçadores.

7.º—Os Srs. Commandantes dos Corpos farão substituir as praças que ficarem no serviço de guardas e destacamentos em Goa, por outras que estiverem disponiveis nos quarteis sendo a substituição feita de 8 em 8 dias, para que todas as praças dos seus Corpos venham por turno fazer o serviço em Goa durante a exposição do corpo de S. Francisco Xavier.

O que tudo se communica aos mesmos Srs. Commandantes dos Corpos, para seu conhecimento e devida execução.—O Major Chefe da Repartição Militar.—*A. J. F. de Brito.*

(Bol. n.º 94 de 1859 p. 617.)

N.° 25.

Carta Circular do Arcebispado dando noticia da exposição.

Caetano João Peres, Cavalleiro da Ordem de Christo, Mestre Escola da Sé Primacial, Desembargador da Relação Ecclesiastica, Provizor e Governador Interino do Arcebispado Metropolitano de Goa e Primacial do Oriente, pelo Exm.° e Rm.° Arcebispo Primaz Eleito D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, Vigario Capitular do mesmo Arcebispado.

A todos os que esta virem Saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo.

Entre os singulares beneficios, que devemos agradecer á Divina Misericordia, he certamente de grande valia aquelle que a piedade do nosso Augusto Monarcha, cedendo ás religiosas instancias do Illm.° e Exm.° Visconde de Torres-Novas Governador Geral deste Estado, nos proporciona, de podermos admirar e venerar o Sagrado corpo do Grande Apostolo das Indias S. Francisco Xavier que vai sêr exposto ao culto publico desde 3 do proximo Dezembro até o 1.° do seguinte Janeiro.—Deste heroe, maior que a sua fama, que, ou pela illustre nobresa do seu sangue, ou pelas letras, em cujo conhecimento era eminente pudendo-se distinguir a avantejar perante os homens, renunciou e abandonou toda a gloria do mundo, e levado d'um impulso sobre natural, qual altaneira aguia, arranca impetuoso vôo desde os ultimos confins da culta Europa, e atravessando vastos e procelosos mares, transpondo asperos montes, penetrando embrenhados bosques, despresando todos os perigos sacrificando a propria vida, só pára nas extremas do recondito Oriente, onde assim como antigamente os reinos faltarem á ambição de Alexandre, a terra falton á caridade desde novo Apostolo.

Que estado ou condição foi exceptuado dos seus cuidados Apostolicos? Ecclesiasticos, e Seculares, Catholicos, e Hereges, Mahometanos, Judeos, ou Idolatras, povos cultos ou nações barbaras, reis e vassallos, pobres e ricos, meninos e velhos, encarcerados, enfermos, soldados, marinheiros, escravos, todos em fim experimentaram igualmente os carinhosos effeitos da sua ardente caridade, sem distincção, e sem preferencia.

E que successos não acompanharam os seus trabalhos Apostolicos? Xavier, o pobre e fraco Xavier começa as suas conquistas onde o soberbo Alexandre com todo o poder de Grecia e Azia não póde levar as suas armas! passa além do mundo conhecido dos Romanos! Que digo? Mais adiante anda do que puderam penetrar as frotas victoriosas dos illustres Conquistadores do Oriente.— Por toda a parte aonde apparece illumina os entendimentos, move os corações, e produzindo uma total mudança nas indoles, nos costumes, nos affectos dos homens, consegue plantar o Evangelho, estabelecer a verdade, e collocar o throno de Jesus Christo sobre as ruinas da idolatria, da impiedade e da abominação!

E de que meios se valeu para obrar tantas maravilhas? Ah! Sem outros thesouros que a sua pobreza, sem outro apoio que a sua paciencia, sem outro conselho que a sua simplicidade, sem outro poder que as suas supplicas, sem outras armas que a Cruz de Jesus Christo, submetteu um mundo novo ao imperio do verdadeiro Deos! Um milhão e meio de idolatras chamados á fé do Evangelho; quarenta mil Templos dedicados á honra do verdadeiro Deos; as fronteiras da Igreja dilatadas por mais de seis mil legoas são os monumentos dos triumphos de Xavier.—Elle domou em todas as partes a infidelidade do paganismo, a obstinação da heresia, a libertinagem da impiedade!

Mas com que rapidez executa tantas e tão grandes cousas? Tantos passos, tantas victorias! Tão veloz como

o relampago que brilha no Oriente e apparece no Occidente. Xavier passa, corre vôa por todas as partes, e em todas as partes deixa vestigios de luz e perfeição! Se me dirdes o tempo parecer-vos-ha muito breve, mas se pesaes os successos crereis que durou um seculo? Apenas muitos homens, em uma longa serie de annos, seriam bastantes para tão vastos designios.—Para Xavier tudo foi trabalho de dez annos.—A solidez da obra pede que elle se tenha detido em cada um dos lugares, a brevidade da sua carreira persuade que não se demorou em parte alguma! Quem já mais vio maravilha igual! Ah! devemos exclamar aqui com S. Bernardo: *Verus profecto Apostolorum haeres est qui talia agit!*

Taes foram, em poucas palavras, os gloriosos resultados do infatigavel zêlo deste novo Apostolo, que outr'ora os nossos paes, esta Cidade, toda a India, o Oriente inteiro tiveram a ventura de testemunhar com pasmo e admiração!—Não só os povos do Oriente, não só todo o orbe Catholico reconheceu neste heroe as eminentes virtudes d'um verdadeiro Apostolo, mas os proprios inimigos da nossa fé os mais sabios entre os Protestantes, não podendo fechar os olhos a tanta luz tem dado ao nosso Santo os mais abonados testemunhos de sua admiração, não duvidando denomina-lo Ministro de Deos, seu Embaixador, seu verdadeiro Apostolo no Oriente; subindo a tal ponto o seu assombro que algum delles chega a invejar-no-lo, e declarar, que bem quizera que pertencesse á seita!—E pode haver testemunho mais insuspeito do que aquelle que nos vem dos nossos inimigos?—*Satis firmum est testimonium ad probandum veritatem quod adversis perhibetur inimicis*; disse já um antigo Padre da Igreja, Lactancio.

Venham agora os sabios do mundo, os prudentes do seculo, cuja cabeça he tão fecunda, mas cujo coração he tão arido e secco, venham intimar-no gravemen-

te que Xavier foi victima do seo fanatismo, ou perguntar-nos o que ia elle fazer entre esses idiotas e selvagens? Na verdade eu convenho que elle não ia, sobre o plano de sabios Academicos, tentar grandes discubertas philosophicas; elle obediencia somente áquelle Omnipotente Senhor, que lhe disse: Ide e ensinai: *Docete omnes gentes*; e sobre a fé desta ordem, com uma simplicidade extrema, elle abandona as commodidades e delicias da patria, para ir á custa do seo sangue, revelar aos barbaros que elle já mais conhecêra. O que? Nada, segundo o mundo; quasi nada: mas muito, mas tudo segundo a sã razão; a existencia de um Deos, e a immortalidade da alma, origem e fundamento de toda a civilisação do homem!

Uma doctrina porém superior ás inteligencias vulgares, contraria ás preoccupações do entendimento e ás inclinações do coração, sacrificando o bem presente pela felecidade futura, o Evangelho, Meus Irmãos, seria mui difficilmente crido e abraçado, se não fôra annunciado por homens poderosos em palavras e obras.—Eis o motivo, diz S. Gregorio, porque o dom de fazer milagres foi necessario para acreditar os enviados de Jesus Christo e autorisar o seu ministerio.

Eis aqui pois este milagre vivo da mão do Omnipotente que voz em breve dias ides ver e testemunhar! Deos tinha obrado pelo ministerio deste moderno Thaumaturgo grandes e estupendos milagres para confirmar a nova e santa doctrina que elle ensinava, e tinha estes milagres tão profundamente ferido a imaginação dos povos que nos successos de Xavier todos reconheciam uma força, uma virtude sobrenatural, e não podiam de[illegible] não reconhecer que o homem que obra taes [illegible] Dei pode deixar de ser enviado d[illegible] Deos [illegible]abamos e vir-*est hic*.—Mas o Senhor pag[illegible] servo, que quiz dar aos tudes heroicas deste [illegible] povos por elle conv[illegible], e ao mundo inteiro, um testemunho, [illegible] de authorisação da doctrina por elle en-

sinada, mas ainda quiz recompensar o seu Enviado por um novo e estupendo milagre, o de conservar o seu venerando corpo por muitos seculos incorrupto.—E com effeito, Meos Irmãos por mais que os homens se empenhassem, por assim dizer, em destruir os vestigios deste novo Apostolo, entregando o seu corpo por tres differentes vezes á terra para se consumir a sua carne mortal, outras tantas vezes a Mão poderosa do Omnipotente o preservou da lei ordinaria da natureza, e ahi o verei depois de mais de tres seculos em um admiravel estado de conservação.

Goa teve a ventura de ser escolhida pela Providencia para depositaria deste sagrado thesouro, que até a capital do mundo catholico nos inveja e cobiça.—Mas Goa foi preferida, porque foi o theatro de muitas das suas heroicas façanhas e donde como capital que era do Oriente e séde hoje o he do Catholicismo em toda a Asia, devia inspirar e dirigir essa multidão de Varões Apostolicos, que sahindo como um enxame, iam espalhar-se por todas as partes de Azia, cultivar as sementes evangelicas que o nosso heroe lançara, deixando á Providencia o cuidado de as fecundar e fructificar; e para aperfeiçoar a santa obra que o Grande Apostolo começára.

Os beneficios particulares que os povos de Goa tem colhido da especial protecção deste glorioso Santo são inauditos, que a instancias delles um dos nossos sempre piedosos Monarchas o Sr. Dom João 3.º o proprio que enviara Xavier ao Oriente e que em vida tanto o honrou, sollicitou do chefe da Igreja a sua beatificação, e canonisação, que passado algum tempo se conseguiu.—O Monarcha, o Sr. D. Pedro 2.º, o toma e declara [illegible] do Oriente.—O Sr. D. João 5.º obtem do SS. Padre [illegible] XIV, que este novo Apostolo seja declarado Padroeiro, Principal Protector das Indias que se comprehendem desde [illegible] de Boa-Esperança até a China e Japão e Provincias [illegible] annexas, e Ilhas adjacentes.—com esta protecção [illegible] sempre

nos assiste, nem com ella nos faltará quando com inteira fé, e com as devidas disposições d'um coração Christão a elle recorrermos.

E será possivel que os habitantes desta terra que Xavier tanto amou em vida, e tanto honrou depois de morto, confiando-lhe o sagrado deposito do seu veneravel corpo, como para mostrar que elle sempre vinha sobre os seus destinos, e sobre a execução da doctrina que ensinou, sejam ingratos, e rebeldes á voz do seu Pai espiritual, do seu Defensor, do seu Padroeiro, do seu Protector?! Não certamente.—Eu vejo com o coração transbordando de verdadeira alegria que uma multidão de fieis de todos os paizes, de todas as condições, de todas as idades, de todos os sexos, correm apressurados a levar aos pés do seu Glorioso Patrono o seu entranhavel reconhecimento; pedir-lhe com fé viva a sua efficaz protecção, e retirarem-se cheios de confiança depois de receber a sua Santa e fructuosa benção que tantos beneficios espirituaes e temporaes deve chamar sobre elles, e sobre a suas familias.

Sim; estas são as piissimas intenções do nosso Augusto Soberano, e do Exm.º Governador Geral nesta exposição, quer dizer, augmentar o culto e veneração ao grande Apostolo para maior gloria de Deos, Auctor de toda a santidade, exitar a devoção e piedade dos fieis para a sua conversão, e commover o povo gentilico, á vista deste tão autentico testemunho da santidade da verdadeira Religião, a detestar a idolatria, e fugindo das trevas em que jaz, reduzir-se ao gremio da Santa Igreja Catholica Romana.—Para colher-mos pois os fructos de tão pia e religiosa solemnidade, exorto a todos os nossos Irmãos em Jesus Christo a exitar em si mesmo o espirito dos primitivos Christãos, a reconciliarem-se com Deos, a se lavarem de todas impuresas do peccado por meio de uma fervorosa contricção no Sacramento da penitencia, e a renovarem em fim os estimulos da fé, da caridade, e da religião, que devem ser os fundamen-

tos de todas as nossas acções.—Não sofframos, Irmãos meus, que esta religiosa exposição a que vamos ter a ventura de assistir, e que em nossos tempos tal vez não vejamos mais de novo, seja um objecto de vã curiosidade, ou ainda de uma esteril devoção—proporemos, quanto em nos está, recolher todos os fructos espirituaes que nos fôr possivel—E para que todos os Fieis se approveitem desta opportunidade para se reconciliarem com Deos, concedo a todos os Confessores approvados desta Diocese durante o mez de Dezembro proximo a faculdade de poderem absolver os seus penitentes de todos os reservados; concedo igualmente a todos os Sacerdotes que estiverem suspensos das Ordens, poder rezar até 3 Missas na Igreja do Bom-Jesus durante a exposição.

Em demonstração do nosso respeito e de mais honrenagens devidas ao Grande Apostolo, determino que em todas as Igrejas, assim desta Cidade Velha, como das Ilhas de Goa, Salcete, e Bardez, ao ouvirem no dia 3 a 1.ª salva de tiros de peças, sinal de se começar a Exposição, repiquem os sinos por 3 vezes; e que o mesmo pratiquem ao 1.º de Janeiro quando as mesmas salvas das Fortalezas annunciarem que a Exposição está encerrada.

De 1.ª parte do Programma concertado comigo, e publicado no Boletim do Governo n.º 89, vereis que em todos os dias, durante a Exposição haverá nesta Igreja do *Bom-Jesus* Missa solemne cantada, e pela tarde Sermão, e o mais concernente a este objecto.—Agora accrescento que no ultimo dia, depois da Missa solemne, se hade cantar o *Te-Deum* em Acção de Graças ao Senhor Omnipotente, que nos concedeo a rara felecidade de vermos em os nossos dias o corpo incorrupto do Pai da Fe, e fundador de todo o Padroado no Oriente, do nosso Protector, do nosso Defensor, o Glorioso S. Francisco Xavier.

Esta minha Carta circular, á medida que fôr chegando a cada Igreja na ordem á margem notada, os Reverendos Parochos a farão registar e a explicarão aos seus freguezes, e procurarão persuadir aos gentios que venham com toda a confiança e modestia visitar o Santo Corpo, a que serão admittidos na Igreja do mesmo modo como os christãos.

Dado em *Bom-Jesus* sob o meu sinal e sello das Armas do Illm.° e Rm.° Cabido, aos 26 de Novembro de 1839.—O Governador Archiepiscopal, *Caetano João Peres*.

(Bol. n.° 93 de 1859 p. 609.)

N.° 26.

Aviso da Imprensa Nacional da venda de varios objectos no Pavilhão.

No Pavilhão da Imprensa Nacional na Velha Cidade, de fronte da porta principal da Igreja do *Bom-Jesus*, estarão expostos á venda, desde 3 do corrente, os objectos e livros seguintes:

Estampas grandes, em jogos de 4, contendo a vida do Santo, tocadas no proprio e bentas.—Em papel branco, cada jogo (337) . . . 2:000
Ditas em papel amarello, cada jogo . . . 2:200

---

(337)—Estas Estampas, em folha, eram ao todo 2.560, ou 640 jogos, cada um de 4 Estampas:

A 1.ª—era dividida em tres partes.—A 1.ª destas tinha no centro a Effigie do Santo, e nos lados 2 quadros, contendo o da esquerda *as qualidades pessoaes do Apostolo*, e o da direita *as suas virtudes moraes*.—A 2.ª parte era dividida em 2 columnas: as 2 da esquerda apresentavam em serie chronologica *a data do seu nascimento*, e *as das suas viagens principaes*, e as da direita *os seus milagres e pro-*

Ditas da Effigie do Santo, tambem tocadas no proprio, e bentas, em meia folha (338) . . . 0:0:45

---

precias mais notaveis.—A 3.ª parte continha 2 tarjas, a 1.ª com o *epilogo das suas viagens, conversões, e milagres*, e a 2.ª a data da exposição do corpo do Santo.—Sendo cada uma destas divisões, e os quadros intermedios orlados de diversas vinhetas de combinação, e todas ellas cercadas de variados enfeites, assim como os de mais tres quadros.

A 2.ª—Tambem era dividida em 3 partes.—A 1.ª parte tinha no centro a referida Effigie, e nos lados 2 quadros, o da esquerda contendo *as peregrinações* do Apostolo, e o da direita as *conversões* por elle feitas.—A 2.ª parte era dividida em 3 quadros, os dos lados contendo 2 Sonetos, e a do centro uma canção.—A 3.ª parte comprehendia um quadro apresentando o compendio dos *merecimentos do Apostolo para a sua canonisação.*

A 3.ª—Era igualmente dividida em 3 partes.—A 1.ª continha a Effigie no centro, e 2 quadros dos lados, o da esquerda tinha um quarteto *sobre o nascimento, vocação, e missão de Xavier*, e o da direita um tercêto *acerca de suas viagens, conversões e milagres.*—A 2.ª parte era dividida em 3 quadros, os dos lados continham as 2 faces do grande medalhão de ouro da inauguração do Santo Apostolo em Defensor da India, e o do centro a Carta Regia tomando o Santo por Defensor.—A 3.ª continha a declaração Apostolica de S. Francisco Xavier em Apostolo de toda a India.

A 4.ª—Tinha no tôpo o retrato do Apostolo com o distico do seu donvor.—Nos lados 2 faces do Tumulo: no centro destas as Armas da Rainha D. Maria Sophia, que estão bordadas na vestimenta do Santo, e abaixo dellas nos lados, as referidas 2 faces do medalhão, e no *centro* o extracto do auto de 12 de Outubro de 1859, fechando este quadro a descripção dos milagres que representam os 32 quadros do caixão de prata.

(338)—Forão no todo 7.332, ellas continham no tôpo superior a Effigie, e abaixo della, em serie chronologica, o que respeita ao seu nascimento em 1497, até a sua declaração pelo Papa em Protector das Indias em 1748.—Além disto imprimiram-se 7.100 exemplares em 8.º, para o Resumo Historico, Novenas (2 Edições), e para Madrasta e Cochim para o mesmo Resumo em Malabar, e em Inglez.

Ditas do Retrato do Santo (339)		0:0:45
Medidas do seu veneravel corpo, tocadas no proprio, e bentas:		
De séda da 1.ª sorte	(340)	3:0:00
Ditas da 2.ª sorte		2:0:00
Ditas da 3.ª sorte		1:0:00
Ditas da 4.ª sorte		0:4:00
Ditas da 5.ª sorte		0:3:00
Ditas da 6.ª sorte		0:2:30
Ditas da 7.ª sorte		0:2:00
Ditas de linho sarjadas largas		0:1:30
Ditas da 2.ª sorte		0:1:15
Ditas de algodão lizas		0:1:00

(339)—Estas estampas foram ao Pavilhão no 3.º ou 4.º dia, em numero de 5:800, as quaes continham no topo superior o Retrato do Santo, e pelos lados a declaração do dia da Exposição do seu corpo: em baixo o anno do seu nascimento, fallecimento, e canonisação, e no resto da Estampa dividida em duas partes, continha a da esquerda o Auto do exame do seu veneravel corpo em o 1.º de Janeiro de 1782, e na da direita, o de 12 de Outubro de 1839.—Assim a antecedente, como esta, eram orladas de cercaduras convenientes.—Alem destas se imprimiram em 8.º 5:100 para o Resumo Historico em Portuguez e para as encommendas, em Cochim, e Madrasta, para o mesmo Resumo traduzido em Malabar, e em Inglez.—A fóra estas estampas para os mesmos Resumos Historicos imprimiram-se as Armas da Raicha D. Maria Sophia em exemplares 5:100.—As 2 faces do Tumulo em 10:200—E as 2 do Medalhão em 10:200.

(340)—As medidas impressas foram ao todo 16:620, de diversas edições: conforme a largura das fitas. A da 1.ª edição levou o seguinte letreiro—✠—MEDIDA DO COMPRIMENTO DO CORPO DO APOSTOLO, DEFENSOR E PATRONO DAS INDIAS, S. FRANCISCO XAVIER, TOCADA NO PROPRIO E BENTA, 12 DE OUTUBRO DE 1839.—✠—tendo nas 2 extremidades a Cruz da Ordem de Christo.—A da 2.ª edição teve alteração na data, a do 3 de Dezembro, em logar de 12 de Outubro.—A 3.ª era com cercadura de todos os lados e com o mesmo letreiro tendo no principio, e no fim os seguintes versos

Memorias do mesmo Santo de sêda, e nastro ..... (341) 0:0:30
« 0:0:15
« 0:0:12

Livros.

Resumo Historico da Vida do Glorioso Apostolo S. Francisco Xavier (342) 1:2:30

No Principio.	*No Fim.*
Espanha lo dio al mundo	Camino, fue el suyo de 30 mil leguas
Franria á la Religion	Verdad, Imprimiola em 1:300$00
Roma á Portugal, y	almas
El Cielo á la India	Vida, diola a 57 resuscitados.

A 1.ª que eram largas tinham o mesmo letreiro, e no centro delle dividido, o Retrato do Santo, e no principio do letreiro o quarteto, o terceto acima, e no fim os seguintes quartetos.

Aguila, en la velocidad.	*Angel*, en la pureza.
Leon, en la vigilancia.	*Ardenta rato* del vivo esplendor.
Buey, en la fatiga.	*Todo* en la virtud.
Hombre, en el valor.	*Nada* en la humildad.

E nas 2 extremidades a cruz da Ordem de Aviz.—O seu preço era de 2 a 3 rupias, segundo a sua qualidade.

(341)—As memorias de sêda e nastro foram impressas ao todo 2718, com diversos letreiros, segundo a largura da fita, tendo nas 2 extremidades a Cruz da Ordem de Christo.—Os letreiros eram os seguintes na 1.ª Edição—✠ Memoria=S. F. X. =Tocada no seu corpo a punta 1859. ✠

A 2.ª edição era com cercadura de todos os lados, tendo nas extremidades a cruz referida, e dentro da cercadura de um lado o quarteto das *qualidades pessoaes* do Apostolo, d'outro as *suas virtudes moraes*, e no centro na 1.ª linha em versaletes=Memoria S. F. X. 1839=na 2.ª—Tocada no seu corpo a punta—e na 3.ª —Nasceu 1497.—✠—Morreu 1552.—

A 3.ª edição continua—Mem.—S. F. X.—1839.

(342)—Foram impressos 2.500 exemplares deste Resumo, e

Novena do mesmo Santo (343) 0:2:00
Programma da Exposição do Veneravel corpo de S. Francisco Xavier por (344) 0:0:30
Programma for the Public Exhibition of the Venerable Body of the Glorious St. Francis Xavier, Apostle of India (345) 0:0:30

(Bol. n.º 94 de 1859 p. 621)

---

depois de esgotada a edição, os particulares venderam os exemplares na mesma Velha Cidade, por 2 e 3 rupias.

(343)—Os exemplares da 1.ª edição foram 1.000, e da 2.ª outro mil.

(344)—Imprimiram-se em avulso 200.
(345)—Idem 200.

Resumo.

As estampas grandes, no formato de folha	2.561
A Effigie, em meia folha	7.332
Dita, em 8.º	7.100
O Retrato, em meia folha	5.800
Dito, em 8.º	3.100
As Armas da Rainha	3.100
As 2 faces do Tumulo	10.200
As 2 do medalhão	10.200
As medidas	26.720
As memorias	2.713
O Resumo Historico da Vida	2.500
A Novena	2.000
O Programma da exposição em Portuguez	200
Dito em Inglez	200

N.° 27.

Sermão prégado na festividade da exposição do veneravel corpo de S. Francisco Xavier, Apostolo do Oriente, aos 3 de Dezembro de 1859, pelo Padre Miguel Fellippe de Quadros.

Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae.

Discorrei pelo mundo inteiro, e levai o Evangelho a todas as nações da terra—Marc. 16.

Que é o que vêjo!!! multidão de Povo sem conta, n'uma agitação e moto continuo, quaes agoas ondulantes do Oceano, se vêm apinhoando para junto de nós! O grande confundido com o pequeno—o rico com o pobre—homens de todos os estados, idades, e condição—sem distincção—em profundo silencio—passo lento—alegria e esperança no semblante—compunecção e ternura no coração, vem todos em ar de supplicantes—curvão o joelho—batem nos peitos!.. O chefe do Estado com o que ha de mais lusido, em grande gala, como quem vem festejar a Nação no maior dia de sua gloria! Oh Ceos! Que espectaculo este, que nos pondes hoje diante dos olhos! Concorre-se de todas as partes da India—romeiros de todas as nações, linguas, côres, crenças, e costumes, vem confluindo quaes torrentes, como no grande dia do Pentecostes, louze dos seus lares, dos seus paizes, como se tivesse raiado sobre as suas cabeças a nova estrella dos Magos—ou soado aos seus ouvidos o terrivel estampido de Sinai! Vem attrahidos como para o monte Santo, que Isaias viu elevado acima dos mais altos montes da terra!..... Que! concorre-se para uma cidade erma e desolada! para uma cidade, outr'ora emporio riquissimo do Oriente, soberba com innumeros trofeos das nações subjugadas, e hoje uma Jerusalem abandonada, corpo sem nome, cadaver sem vida!

Ter-se-ha pois, descoberto aqui nesta solidão algum rico thesouro?! reproduziu-se entre nós algum phenomeno celeste, prodigio novo?! baixou do Ceo á terra o Embaixador do Omnipotente, algum Archanjo divino! Oh bemaventurado Xavier, brasão, honra, gloria immortal da Nação Portugueza..... Sois, pois, vós este inapreciavel thesouro, que as nações Indianas vem achar aqui, capaz de as enriquecer a todas?! Sois vós este milagre continuo, e estupendo, que ellas vem admirar hoje, capaz de despertar nellas sua fé amortecida ou vacillante?! Sois vós o Anjo tutellar, enviado do céo, que ellas vem invocar, capaz de as amparar a todas?!—Mas que! a um frio cadaver tanta veneração?! a uma simples roupeta tanto cortejo?! a um pobre Missionario, que andava por estas ruas, mendigando de porta em porta, lhe querem todos agora beijar o pé, venerar as suas reliquias?!..... Oh premio das virtudes Evangelicas!! Oh triumpho da Religião Christãa! Oh victoria do Catholicismo! Ó côroa e galardão dos trabalhos Apostolicos! como brilhaes hoje, ao clarão do Thabor, pelo testemunho, que o mesmo Pai Celestial dá a santidade da doutrina, e da moral do grande Apostolo das Indias?! *Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae.*

E poderei eu, Senhores, deixar de chamar hoje a vossa attenção neste solemne dia para a exposição do seu venerando corpo, ou fixar em outra cousa o meu ponto de vista? Espirito Divino, que fecundastes tão maravilhosamente a lingua deste novo Apostolo das gentes, ajudai-me pois neste proposito—E vós, Glorioso Santo, empenhai-vos perante o dador de todas as graças, para que eu possa dizer—como a santidade da vossa doutrina, e da vossa moral, que hoje recebe do Ceo um testemunho tão authentico, triumpha á prol da fé da Igreja Catholica, para que a professemos por palavras, e executemos com as obras—Mas era para a minha debil lingua assumpto tão sublimado? Mas vós, Senhor, folgaes de mostrar

o vosso poder, escolhendo para vossos Ministros, sugeitos os mais inertes e escuros, tenha pois, a mesma obediencia aos mandados do meu superior, por quem me enviastes esta missão, o merito que não podem ter os meus fracos talentos religiosos; ouvintes confortae-me com a vossa benigna attenção: e vós, Virgem sem macula, ajudai-me com a vossa poderosa intercessão: eu vos saudo com o Archanjo ;—*Ave Maria.*

Se a missão apostolica, *Euntes in mundum universum praedicate Evangelium omni creaturae* ; nos bellos tempos da primitiva Egreja, qual luz radiante do Firmamento atravez da noute de seculos, annunciou ao mundo adormecido no Paganismo por uma espantosa revolução do espirito humano, a gloria do Deos verdadeiro, como canta o Propheta: esta maravilha não teve lugar, Sr.ª secão porque as obras das mãos do mesmo Deos vieram primeiro em soccorro, e annunciaram o firmamento. —Eu me explico.—Se o Evangelho, na lingoa dos primeiros Apostolos do Salvador, mais veloz que o raio, que abrasa e consume tudo que encontra—ou mais impetuoso, que a torrente, que, despenhando-se, abate e arrastra comsigo quanto acha; derramando-se pelo mundo então conhecido, conquistou toda a terra, subjugou Reinos e Imperios, humilhou, e abateu as mesmas testas coroadas, e por toda a parte levantou sobre as ruinas do Paganismo o Estandarte da Cruz. Vós o sabeis, Sr.ª, que estas conquistas, estas victorias não se deverão, nem ao poder das armas, nem ao artificio da logica, nem aos influxos da eloquencia; mas sim unicamente, como diz S. Paulo, ao poder dos milagres, que o Ceo punha á disposição dos Apostolos, em confirmação da santidade da doutrina, que elles prégavam, e da moral que seguiam—Esta santidade semeou, esta santidade nutrio, esta santidade fecundou, e fez dar fructo á doutrina e á moral do Evangelho—civilisou os homens, e pacificou os Estados. E qual luzeiro brilhante, collocado

á vista de todos os homens, ou qual Cidade, na phrase do Evangelho, levantada sobre o monte, que não pode esconder-se, attrahio para si todas as Nações do mundo —a santidade foi o caracteristico da verdadeira Egreja de Jesus Christo, a pedra de tocar, e o signal obvio, que o Ceo deparou, pela bôca dos Profetas, aos homens chamados á salvação eterna. Assim as cousas corriam,— a fé do Evangelho levada de polo a polo por conquistas todos os dias novas—A Egreja gosava de paz no meio dos seus filhos, varões que pela sua sabedoria, que pela sua santidade a illustravam e fortificavam.

Mas ha! Que ouço! que brado é este, que trovoada, que desponta do Norte da Europa! que guerra, que carnagem no seio da santa Egreja!!!..... Ah! Os templos do Deos vivo abatidos,—as imagens dos St.os conculcadas—as Virgens consagradas á piedade arrancadas dos seus santos asylos!!!—emudeceo a cythara e o psalterio—converteu-se em luto!—já não se ouve a melodia dos hymnos, nem o doce resoar das festivaes canções nas ruas de Sião!!... Que! ah! O filho predilecto da Egreja St.ª, é este que acommette e dilacera as entranhas da sua mãi—elle a desconhece, despresa, persegue—quer refundi-la, renova-la—reforma la toda—elle, elle só!!!.... Como se aquella que assenta sobre os montes santos do Apostolado—que animada sobre o seu divino esposo, vive da vida delle—pudesse perecer ou desfigurar-se pelo máo tratar, ou pelo abuso, que venha quiçá a soffrer d'alguns dos seus ministros—como se a familia do crucificado que, na fraqueza, nos padecimentos, nos opprobrios plantou o pendão da sua victoria, e quiz que seus filhos na fraqueza vegetassem nos padecimentos se nutrissem nos opprobrios se fortificassem, e nas perseguições triumphassem, e que, emfim, na corrupção e desmazelo dos seus proprios ministros quiz ostentar a indefectibilidade da sua Egreja, e a infallibilidade da sua promessa, do que de modo nenhum *as portas do Inferno prevaleceriam contra ella*—

digo—esta Egreja podesse merecer reforma nos seus dogmas, ou na sua moral qualquer alteração que houvesse na sua disciplina!

Levanta-te, ergue tua cabeça, reveste-te de tua coragem, filha de Sião, triste e desolada, enxuga estas lagrimas, veste-te de vestidos festivaes dos dias do teu prazer, que já não passara por ti o ar pestilente do incircumciso e do immundo, não te poderão envenenar seus viperinos halitos: sim, ao contrario, elles te farão sair mais brilhante—realçar, de mais a mais, a gloria do teu triumpho. Não vês, como vem surgindo dos valles dos Pyreneos, um Capitão valente, que armado na cavallaria do Salvador, coberto da couraça do Crucificado vai, nas plagas adversas, oppôr ao inimigo—armas ás armas,—humildade ao orgulho, caridade ao odio, milagres do Ceo, ao poder e influencia do seculo—penitencia e mortificação de vida, á licença e liberdade das paixões?! Ah! poderei eu, Sr.ª, para sustentar este contraste, enumerar-vos aqui as acções maravilhosas, as virtudes Apostolicas do immortal heroe do seculo 16, o Apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, cujas venerandas Reliquias com tanta religião acatamos hoje?! Santo Apostolo, perdoai-me: temo que vossos elogios se escureçam na minha rude lingua—já disse, e disse bem, que não era para a minha lingua assumpto tão exaltado.—Vos, Sr.ª, tendes todos na mão o epitome da maravilhosa vida deste Santo Apostolo—vedes com os vossos olhos, no que elle he, o epilogo do que foi, desenhado pelo dedo do mesmo Deos—Appello para as historias de todos os seculos,—ao testemunho imparcial de todos os escriptores antigos e modernos,—para o dos mesmos Protestantes em geral, em fim ao desses Protestantes viajeiros dos nossos dias, que, apenas se lhes assombra a Ilha de Sanchão, termo da carreira do Santo, não podem conter lagrimas ao vê-la, nem passa-la alem sem queimar o incenso dos seus louvores á saudosa memoria deste Apostolo do Catholicismo—testemunho

insuspeito, que sendo, como he, dos inimigos, diz Lactancio, o faz uma prova de verdade a mais incontestavel =*satis firmum est testimonium ad probandam veritatem, quod ab ipsis perhibetur inimicis.*=

Mas oh! Que vasto campo de conquistas, Sr.ª! Que rapidez de marcha! Que numero immenso de conquistados! e em quão curto espaço do tempo, de dez annos e meio! Ah! se elle tivesse convertido neste espaço um só Reino, vós me direis, que era este espaço muito curto. Mas se elle fundou a fé da Egreja Catholica em 52 Religiões;—se arvorou o estandarte da Cruz em 30 mil legoas de paises—se baptisou por sua mão mais d'um milhão, tanto de Sarracenos, como de Pagãos—se ganhou para a Egreja maior numero de subditos, do que as heresiarchas todos lizeram de desertores, ou apostatas; não se pode dizer, que a rapidez dos conquistadores os mais memoraveis não igoalou a sua, e que se tivesse elle enchido a medida commum da vida humana, o mundo inteiro para o seu zêllo, mais do que para o seu valor, teria sido um campo muito pequeno?!!! E tudo isto, Sr.ª, não demonstra com evidencia, que esta conversão tão incrivel foi devida á santidade da doutrina, e da moral do Santo Xavier, confirmada pelos milagres dos primitivos tempos da Egreja, que Deos operou em seu favor e que se lêm na sua historia! Aqui não posso deixar de lamentar tua triste sorte, illustre Baldeo, sequaz de Calvino, que reconhecendo em Xavier outro Apostolo das gentes, S. Paulo, e venerando-o como o Embaixador e Ministro do Altissimo, enviado do Ceo, tua cegueira te desviasse, para não adoptar a sua communhão, e que mais antes desejasses, que elle pertencesse á tua—*utinam cum talis sis, noster esses*—O xalá! « já que foste um tão grande Santo na Igreja Catholica que o fosses antes nosso, ou adoptasse a nossa » como se a santidade da Egreja Catholica em o seu ministro podesse ser commum á sua contraria—Eis ahi, Sr.ª, como a santidade da doctrina,

e da moral do Santo Xavier foi, he, e será sempre o triumpho do christianismo, da verdadeira Egreja de Jesus Christo, que um só dia Santa em o seu ministro, foi e será sempre e indefectivelmente santa, até o fim dos seculos, porque he o unico meio da salvação, que Deos jámais pode negar aos homens.

He verdade, logo, que somos nós a vinha deste tão divino lavrador?! que a luz dos nossos olhos, e o succo da fé que gira em as nossas veias nós os recebemos deste tão grande Pai?! que somos nós os discipulos da Escola deste tão admiravel Mestre?..... Oh Tempos ditosos do primitivo christianismo da India! oh tempos gloriosos da monarchia, que, debaixo d'um orisonte tão risonho, rodaveis venturosos á face das Quinas e da Cruz, de conquista em conquista, de victoria em victoria, triumphando, ao mesmo tempo das armas da ignorancia, da idolatria, e da barbaria do Oriente: para aonde fogistes? como nos escapastes das mãos, que hoje só vossas saudades nos atormentam? Nação briosa e sabia, aonde está a tua India?! Rainha dos mares, e terras, desde o cabo até o Oceanio, aonde estam as tuas armadas, aonde o teu poder, os padrões de tua gloria?! Apertada n'um estreito recincto, timida e acanhada, não vês ao redor de ti ayultarem rivaes tão poderosos, na posse de tuas heredades?! Glorioso Apostolo, esta he aquella vossa Cidade a Capital do vosso Apostolado?! Estes os Portuguezes que te chamaram de tão longe, e que te conduziram tão longe a taes conquistas e taes tropheos da Religião de Jesus Christo?! Estes são os novos convertidos, que educastes, e em quem vos gloriaveis, como nas primicias do vosso Apostolado?! Reconheceis nelles as feições de vossos filhos?! Ceos! abri-vos!—deça aqui do throno da gloria, que occupa a alma do Apostolo—entre neste seu corpo—anime e vegete estes seus pios e resequidos membros—apparesça em meio de nos—que falle..... E sustentareis vos a magestade da sua Presença?, com a consciencia re e acusadora dos vossos crimes—da vossa indi-

gnidade?!—podereis fitar vossos olhos em o seu semblante terno e paternal, filhos infieis e degenerados?! Quereis vê-lo—quereis ouvi-lo?!=*Pater clarifica filium tuum*=Pai celestial honrai vosso filho, vosso Apostolo. Quereis ouvi-lo?!.... Ei-lo que falla: Que me quereis Povo da India?!=*populo stulte et insipiens*=povo nescio e insensato, desconhecestes vosso Deos—manchastes o seu Santo nome, e me quereis vêr?! Eu vivia occulto e encerrado neste tumulo, para não ser testemunha dos vossos desvarios—gemia, e suffocava no fundo do meu peito minhas penas,—occultava as minhas lagrimas, que a vossa desgraça me fazia derramar ha tantos annos, vós me chamastes, vós me suscitastes em fim. Que me quereis?! Sou eu hoje o objecto da vossa vã curiosidade, ou do vosso amor e piedade? Quereis escarnecer-me hoje com a vossa rebeldia e impenitencia? ou consolar-me com as vossas lagrimas e com a vossa penitencia? Catholicos ouvintes. Eis o momento fatal—soou a hora extrema: levantemo-nos com as Ninivitas ao grito do Jonas, que como o seu Rei o nosso Chefe he o primeiro que nos dá o exemplo—o nosso Chefe, o nosso bom Pai e Governador, que na consternação do seu Povo abrio-nos este thesouro—revelou-nos este prodigio—invocou-nos este Patrono tão poderoso diante de Deos—o nosso Chefe—este nosso Codro, que está prompto a sacrificar-se pela salvação do seu Povo—lagrimas sinceras, dôr pungente do coração. Corramos ao Santo lancemo-nos aos seus pés digamos=*peccamimus, injuste egimus, iniquitatem fecimus*=peccamos—fomos injustos—fomos iniquos—Perdão, perdão, perdão—Divino Apostolo: abre-nos, pois o podeis, os thesouros da divina misericordia—mudai desde já, pois sois milagroso, a face deste estado no Espiritual e no temporal—defendei-nos sempre, pois sois nosso Patrono Abençoai a nação—ao Rei, aos magestrados—fazei florecer nas mãos do nosso Chefe este Estado, levantai-o do abatimento em que jaz—abençoai ao Clero, o Cabido e seus Prelados—e a nós todos—Disse.

ADVERTENCIA.

O Pregador pedio em louvor do Santo Apostolo quatro *Ave Marias*; a 1.ª pela integridade do Padroado e seu Real Padroeiro; a 2.ª por este Estado e seu Chefe, Tribunaes, e Repartições; a 3.ª pela Sé Metropolitana e seu Cabido, pelo Clero e seus Prelados; a 4.ª pelo Prelado estrangeiro aqui presente (346), e outros estrangeiros, e por nós todos.

N.º 26.

Noticia da exposição por um Estrangeiro.

VISITA DE ALGUNS ESTRANGEIROS A GOA

NA OCCASIÃO DA EXPOSIÇÃO DO CORPO DE

S. FRANCISCO XAVIER. (347)

Lê-se no Bombay Catholic Examiner, n.º 41, de 17 do corrente:

A seguinte carta, escripta por um nosso amigo, que esteve em Goa por occasião da recente festividade de S. Francisco Xavier, interessara muitos de nossos leitores, e provavelmente excitara em grande numero delles um ardente desejo de visitar uma Cidade tão cheia de memorias do Christianismo na India. (a)

(346) — Era o Illm.º Canoz, Vigario Apostolico em Bombaim.

(347) — Extrahida do *Boletim do Governo*, n.º 102 de 1859. — As notas marcadas com as letras do alphabeto são originaes do traductor do documento a que respeitam, e as numeradas são do autor deste *Resumo Historico*.

(a) — He a esta Cidade que o *Examiner* confessa tão cheia de memorias do Christianismo na India que ha mais de dous seculos se move atroz perseguição religiosa por aquelles mesmos, que se dizem *Propagadores* do Evangelho! — Se a Cidade estivera cheia de memorias pagãs, mussulmanas, e ainda hereticas, comprehender-se-hia a causa daquella perseguição; mas á vista da confissão dos perseguidores, só podem occorrer explicações menos atrozes á sua religião e á sua moral.

—Meu caro.—Persuadido de que vós, e igualmente muitos dos meus amigos em . . . . . vos recreareis em receber de mim uma descripção de nossa visita á Goa, trabalharei por dar-vos della uma relação tão interessante quanto eu* puder.

Depois de uma pequena e agradavel viagem chegamos a Nova Goa uma manhãa no fim do mez passado; e ficamos encantados nos primeiros momentos da chegada com a belleza da scena do rio, sobre o qual estão situadas assim esta Cidade nova, como a antiga. —Alguns da nossa comitiva foram quasi immediatamente á velha Cidade de Goa, e voltaram de tarde; em quanto outros, que haviam preferido ficar repousando durante o calor do dia, tiveram a vantagem de dar um pequeno passeio a remos pelo rio á hora do fresco da tarde, e gozar da fresca briza, que era tão suave que apenas encrespava as aguas serenas e claras.—Supponho, que não he mister dizer-vos como os remos á compasso se mergulhavam no rio, e logo se levantavam lançando e espargindo ao redor de si um chuveiro de fios de perolas; nem tão pouco julgo necessario descrever-vos as elevadas margens do rio, as quaes suavemente se inclinão cobertas de densos palmares, que nascem desde a sua borda, e se debruçam sobre ella, curvando seus frondosos ramos sobre as aguas transparentes: he assaz que imagineis a scena.—Deixarei pois as descripções romanticas, e passarei ás mais interessantes realidades de nossa visita.

No seguinte dia pela manhãa cedo fomos á Igreja do Bom Jesus em Goa, e ali ouvimos a missa do Illustrissimo Monsenhor Canoz.—Esta Igreja com o convento contiguo pertencem antigamente aos Jesuitas.—Foi erigida expressamente para os Padres da Companhia de Jesus por Pedro Mascarenhas, famoso guerreiro, e Capitão-mor das armadas portuguezas na India (b), e sua

(b)—A Casa do Bom-Jesus foi fundada pelos Padres da Com-

nobre architectura, bem como a belleza de suas decorações internas, dão ainda mais glorioso testimunho das grandes partes de seu fundador, do que a sua gloria militar.

O principal objecto que nesta Igreja attrahe a attenção he o monumento de S. Francisco Xavier; mas não pode passar-se em silencio a Imagem de Santo Ignacio no altar-mór (Vid. a p. 278), a qual he de madeira dourada e pintada, excellentemente executada.—A attitude de Santo he cheia de dignidade e inspira respeito; a expressão do rosto a de um inspirado.—Tem a mão direita levantada, á maneira de um general que manda avançar os seus soldados, mas ao mesmo tempo aponta para o Ceo; e diz-se ser esta exactamente a attitude de Santo Ignacio quando proferio aquellas memoraveis palavras=quão vil parece a terra quando olho para o Ceo!=

O monumento de S. Francisco Xavier he uma Capella elevada, e estreita; da mesma altura da Igreja, e communicando com ella por um arco vedado com uma grade de bronze dourada (c), debaixo do qual arco da parte da Igreja ha um altar, e nelle uma bella imagem de S. Francisco Xavier (d).—Dentro da Capella a

---

panhia para o que elles chamavam *Casa Professa*.—A Igreja porém correu por conta, não de *Pedro de Mascarenhas*, como diz o auctor ou auctora da Carta, mas de *Dom Hieronimo Mascarenhas*.—Eis o epitaphio que se lê no corpo da mesma Igreja na parede delle, da parte do Evangelho em um bello cenotaphio de bronze:

=*Sepultura de Dom Hieronimo Mascarenhas, Capitão que foi de Cochim e Ormuz, e a cuja custa se fez esta Igreja: em gratificação a Companhia de Jesus lhe dedicou este lugar. Falleceu no anno de 1593.*=

(c)—Altas—madeira dourada.

(d)—Parece que não notou o auctor ou auctora que esta Imagem he toda de prata.—Por isso daremos aqui della a noticia,

parte inferior consta de quatro altares de marmore.— Sobre estes se levantam quatro corpos mais pequenos.

---

que nos deixou o Padre Francisco de Sousa no *Oriente Conquistado*, Part. I. Conq. IV. Divis. I. § 109.

« Uma Senhora Genoveza entregou ao Padre Sebastião de Almeida tres mil cruzados, com os quaes se fundio uma Imagem « do Santo de prata de *Rupia* (assim chamamos na India á prata « fina, e sem liga), a qual está no seu Altar com a sobrepelliz « á italiana por memoria da nação.—Tem de alto seis palmos e « meio, e de peso duzentos marcos, porque levou ainda mais prata.

« Quasi pelo mesmo tempo lhe mandaram dos Rios de Cuama « tres marcos de ouro, de que se lavrou um diadema para a « dita Imagem com suas pedras finas, que passa de dous mil « e quinhentos xerafins »

No pedestal desta Imagem se lê.

SANCTISSIMO INDIARUM APOSTOLO

FRANCISCA DE SOPRANIS PATRITIA GENUENSIS

URBANI DURATII OLIM UXOR.

NUNC MARIA FRANCISCA XAVERIA

IN CELEBERRIMO IMCARNATIONIS MONASTERIO

CHRISTI SPONSA

PEREGRINO CAELESTI

PEREGRINI AMORIS VOTUM, ET MONUMENTUM.

P. P. ANNO DNI 1670.

Pela simples leitura da inscripção he facil ficar-se persuadido que a propria Imagem foi dadiva da nobre viuva de Urbano Durazzo.

He da mão desta Imagem que os Governadores Geraes da India recebem o bastão no acto de sua posse, o que explica haver na mão della dous bastões; sendo um de prata, proprio da Imagem; e outro de *rota* (canna da India), que he do Governo.

Vejasse acerca desta mesma Imagem o *Resumo Historico da Vida de S. Francisco Xavier*, que acaba de publicar na Imprensa Nacional de Nova-Goa o Sr. Felippe Nery Xavier, a pag. 120, e 123; e nesta 2ª edição nas notas 231 a pag. 261, e 237 a pag. 267.

ornados de bellos baixos relevos em bronze, representando varios successos da vida do Santo, em um dos quaes está baptisando os pobres gentios. — Em cima desta ha outro corpo mais estreito, tambem de marmore sobre o qual assenta ordinariamente o ataude de prata, que contem o corpo do Santo. — E-te ataude comtudo havia sido removido de seu acostumado logar, e posto no centro do cruzeiro da Igreja sobre um elevado estrado, coberto de panno carmesim (alias verde). — He de madeira coberto de chapas de prata; na parte inferior tem janellas de vidro e columnas de prata, formosamente lavradas, sustentam um pavilhão superior decorado da mesma maneira, e rematado por uma cruz (e). — As santas reliquias estavam áquelle tempo na sua caixa cerrada, sobre um dos altares interiores da Capella, aonde era permittido aos fieis entrar, e venera-las.

Saindo da Igreja do Bom Jesus fomos á Cathedral, que he dedicada a Santa Catharina de Alexandria. — He na verdade um nobre edificio. — A' semelhança de todas as outras Igrejas de Goa, he edificada no estylo da architectura da renascença; e como foi fabricada antes de que o espirito que animou os architectos das cathedraes gothicas estivesse de todo extincto, reune aos arcos redondos da renascença as nobres proporções do estylo gothico (f). — As decorações da Capella do Santissimo

(e) — As janellas de vidro tapam-se sobre o mesmo vidro com grandes laminas de prata, lavradas de baixos relevos com varios passos da vida do Santo.

As ditas laminas estavam deslocadas ao tempo de visita do auctor ou auctora da Carta, mas expostas á admiração publica n'uma banqueta proxima do ataude.

(f) — A actual Sé Cathedral de Goa he a segunda (Vid. a not. 38 a pág. 26). — A primeira não era exactamente no mesmo sitio. — Principiou a fundação desta Igreja pelo meiado do seculo XVI, e proseguiu a sua ultima perfeição perto do meiado do seculo XVII. — A-

Sacramento são singularmente bellas, nem devo deixar no esquecimento as portas de bronze da mesma Capella, e a Imagem de Santa Catharina de Alexandria com sua roda ao altar-mór da Igreja.—Os sinos desta Cathedral são os mais finados que tenho ouvido: e era grande prazer ouvi-los, como muitas vezes nos aconteceu retinindo sobre o quieto rio.

Depois de um pouco de repouso continuamos de tarde na nossa agradavel tarefa de visitar as Igrejas.

A primeira, que de tarde visitamos, foi a de S. Francisco de Assiz, a qual com o seu Convento não pode deixar de tocar o animo com um sentimento parte de reverencia, e parte de pena pelos velhos bons tempos, que já lá vão.—Não está em ruinas, mas está deserto inteiramente (g).— No refeitorio estão duas antigas pinturas, uma representando a morte do seraphico Padre; e a outra a de uma Freira, provavelmente a sua illustre filha espiritual, Santa Clara.—Não sei se como obra de arte podem estes painéis passar por

---

briu-se ao culto em Junho de 1819.—O architecto, que deu maior impulso a estas obras, foi Julio Simão, que jaz sepultado na mesma Sé, no cruzeiro, junto dos degrãos da Capella-mór.—Sobre sua sepultura se lê este epitaphio:

=Sepultura de Julio Simão, Quarteleiro fidalgo da Caza del Rey nosso Senhor e seu Engenheiro por deste Estado Mestre Arquitecto das obras desta Sé e de sua mulher Caterina de Bustamante, e erdeiros =

Este mesmo architecto he auctor do *Arco dos Vice-Reis* como acima se lê.

Parece ser estrangeiro, e talvez francez, ou italiano (Vid. a not. 37 a pag. 23).

Não estamos completamente de accordo com a opinião artistica do auctor ou auctora da Carta em quanto á architectura deste edificio, mas não he aqui o lugar proprio de disputar essa materia.

(g)—Está deserto de Communidade de frades: mas não deserto inteiramente, como o auctor ou auctora da Carta diz—He habitado por um Padre Administrador com seus servidores.

bellos, porem a expressão das faces certamente o he. —Quando divagavamos pelos corredores, espreitando as Capellas das differentes partes do Convento, e entrando nas celhas desertas, encontrámos inesperadamente alguns dos nossos companheiros de viagem, que nos havião precedido.—Elles haviam subido ao alto da torre e ficaram encantados com a vista do azulado do rio, do verde de suas margens orladas de coqueiros; um pouco mais longe com a das montanhas, e mais perto com a da Velha Cidade e suas innumeraveis Igrejas arruinadas.—Fomos depois todos juntos ao côro.—Contem cadeiras para noventa Frades.—Attentámos para a Igreja, que quando no seu estado de perfeita conservação era talvez a mais magnifica de todas.—No altar-mor ha um crucifixo dourado e pintado.—O braço figura estar desprendido da cruz, e abraçando a imagem de S. Francisco de joelhos; como lemos que realmente succedera.—Mais em baixo, e em um nicho aberto pela parte de troz que o sobredito está em relevo, ha um bello tabernaculo, que servia para a exposição do Santissimo Sacramento.—He de madeira dourada, entalhado mui delicadamente, e pintado de azul claro.—Tem janellas de vidraça, e he de figura oitavada.—Em cada uma destas janellas ha uma pequena porta de madeira dourada e entalhada; porem quando alli se expunha o Santissimo Sacramento as portas abriam-se, e a luz entrando livremente deixava ver declaradamente o mesmo Sacramento.—A combinação das côres com o dourado he tão perfeita, que ainda agora a distancia o côro parece inteiramente fresco; mas de perto ve-se que está gasto.

A Igreja porem que ainda ao presente está em mais perfeita conservação, e he por muitos a mais admirada, he a de São Caetano.—O tempo me impede de a descrever agora.

A 3 de Dezembro, dia da grande festa, os sinos tangiam alegremente á hora aprasada para a ceremonia da exposição.—O cazão em que repouza o Corpo de S. Francisco

ideu de fazer esta peregrinação com sua familia; e obteve para este fim o barco de vapor do Governador de Bombaim.—Um Padre Irlandez, ha vinte e dous annos Missionario na India, e ora residente em Bellary e um dos nossos Padres, já tinham sido convidados.—Eu não me esquecia de me aproveitar de tão boa opportunidade, mas receiava que a minha posição official como Bispo da *Propaganda* houvesse de causar algum embaraço, quando recebi um attencioso e apertado convite para me reunir áquella piedosa companhia.—Não hesitei um instante.

Embarcamos todos *na tarde do Domingo, 27 de Novembro, para sairmos no dia seguinte da manhãa cêdo, e chegamos na quarta feira pela manhãa a Paulgim* (Nova-Goa), aonde *surgimos no rio, em frente do* Palacio de Governador.—*Depois de termos mandado a* S. Ex.ª nossa carta de *cumprimento, e recebido a sua resposta*, appressámo-nos a render nossa homenagem ao grande Apostolo da India, e a fazer nossa apresentação as authoridades ecclesiasticas.—Fomos em escaler, porque só no dia seguinte he que o nosso barco de vapor póde subir pelo rio, e ahi ancorou defronte da celebrada metrópole da India, que hoje em dia está deserta, e coberta de ruinas.—O nosso vapor assim surto a pequena distancia da praia nos serviu de aposento durante os 5 dias, que nos detivemos em Goa.

Em todos estes dias, hiamos pela manhãa dizer missa junto do tumulo do Santo; e o resto do dia passavamos em visitar as Igrejas e Conventos, que escaparam do vandalismo da revolução, ou das injurias do tempo.—Os mais notaveis destes edificios são, a Cathedral (vid. not. 38 p. 26), que he realmente grande e magnifica, a Igreja de S. Francisco d'Assis, com seu immenso Convento (vid. not. 37 p. 28); a de S. Caetano, que tambem tem Convento (vid. not. 303 p. 376); e a do *Bom-Jesus*, que foi antigamente Casa Professa da Companhia de Jesus, e

na qual se conserva o corpo do S. Francisco Xavier (vid. not. 247 p. 275).—Esta Igreja era pois de maior interesse para nós em razão do precioso thesouro, que encerra.—Foi edificada no anno de 1592 por D. P. Mascarenhas (b).—Tem uma só nave, mui larga, e em cada topo do Cruzeiro tem uma capella, sendo de um lado de S. Francisco Xavier, e do outro lado de S. Francisco de Borja.—O altar-mor he dedicado a Santo Ignacio que he ahi representado n'uma imagem collossal, com os olhos levantados ao Ceo, e n'uma attitude semelhante aquella, em que deveria estar quando, n'um rapto de amor, exclamou=*Quam sordet mihi tellus, quum cœlum aspicio!*=quanto me enfada a terra quando olho para o Ceo!—Não vos farei a descripção das riquezas e decorações dos varios altares, cuja obra he realmente admiravel, e o dourado mui bem conservado.—Dentro da Capella de S. Francisco Xavier se levanta o famoso monumento erecto á honra do grande Apostolo das Indias pelo Grão Duque de Toscana no anno de 1699 (c), o qual se vê atravez de uma grande gra-

(b)—Já nas *Notas* a outra semelhante Relação desta visita a Goa, que publicamos traduzida no *Boletim* n.º 102 do anno antecedente, (vid. not. (b) p. 457) advertimos que o fundador da Igreja do *Bom-Jesus* foi *D. Hieronimo Mascarenhas*, e não *D. Pedro Mascarenhas*.—Taes equivocações porem são desculpaveis em viajantes, que sempre tomam á pressa os seus apontamentos.

(c)—Não ha certeza do anno, em que teve lugar a offerta do Grão Duque, mas julgamos que he anterior ao anno de 1699. (vid. notas 238 a p. 268—e nota 240 a p. 295).

Eis a memoria, que a tal respeito nos deixou o Padre Francisco de Sousa no *Oriente Conquistado* (Parte I. Conquista V. Divisão I. § 109).

« Passou por Florença o Padre Francisco Sarmento, Procurador « Geral desta Provincia, e offertou ao Grão Duque de Toscana « um cuxim, que servio de almofada muitos annos á cabeça do « Santo depois de morto.—Agradeceu Sua Alteza o presente, e « prometteu mandar fabricar um magestoso sepulchro de pedras « ricas de Italia com embutidos, obra digna do tão magnifico e « poderoso principe, e tão milagroso e abalisado Santo.

de de bronze dourado delicadamente obrada, que enche todo o arco da Capella (d).—Pena he que este monumento esteja encerrado n'um logar estreito, e escuro, que torna impossivel o aprecia-lo cômo elle merece.—He formado de marmore branco, deixando um grande espaço livre para um altar em cada uma das quatro faces da base.—A segunda parte do monumento, que assenta sobre a base, he no centro ornada de baixos relevos em bronze, representando d'um lado ao Santo baptisando os pobres gentios, n'outro lado prégando as verdades da salvação, e no terceiro morrendo desamparado na ilha de Sanchão ás portas da China.—Finalmente a terceira peça do monumento, o qual vai diminuindo gradualmente de amplitude, a proporção que vai subindo, he remattada por um magnifico ataude de prata, que contém o corpo do Santo, e he ornado de pequenas columnas, entre as quaes se encaixam boas peças de crystal (e).—O ataude havia já sido deslocado, a fim de ser posto em um estrado, coberto de uma alcatifa verde erecto no Cruzeiro da Igreja, porém o caixão, que encerra o Santo corpo, e he coberto de rico tisso de prata, lavrado n'um custoso estylo, tinha sido tirado de dentro do ataude, e depositado em um dos altares de marmore do monumento, aonde era permitido aos fieis o veneral-o.—Um dia, depois de haver dito missa no altar opposto, prostrei-me diante deste Cofre, e o abracei com intimo contentamento do meu coração, e prolonguei com praser as minhas orações, meditando nas virtudes e meritos do Santo, a quem o

(d)—Já a proposito da outra Relação atraz citada advertimos que esta grade he de madeira vid nota (e) a p. 258).

(e)—O Illustrissimo Canoz não reparou em que estas peças de crystal são ordinariamente cobertas de laminas de prata, lavradas de baixos relevos representando passos da vida do Santo; as quaes laminas naquella occasião deslocadas estavam expostas n'uma banqueta, proxima do ataude.—Este mesmo reparo deixou de fazer o auctor ou auctora da outra Relação, com a em seu lugar advertimos vid nota (e) a p. 260).

mesmo corpo de Jesus Christo, que eu tambem acabava de receber, havia sanctificado de tão prodigiosa forma; e a final fui divertido pelo tropel dos piedosos peregrinos.

Finalmente o grande dia da festa de S. Francisco Xavier chegou, e foi solemnemente annunciado pelo magestoso tanger dos sinos da Cathedral, e de todas as Igrejas da Cidade, e pelos canhões da artilheria (vid. § 264. p. 391).—As tropas prevenidas para esta occasião desfilaram, precedidas de sua musica, para defronte da Igreja do *Bom-Jesus*, e tomaram suas posições na rua, por onde havia de passar o Governador; os Conegos da Cathedral, e o Clero havia já ido para Capella do monumento á espera de S. Ex.ª.—Logo que elle chegou, ás 10 horas em ponto, sahio a procissão, e atrevessando o largo corredor do claustro, entrou na Igreja.—O Caixão era levado debaixo do pallio por seis Conegos revestidos de capas (1), e era seguido do Governador, seu estado maior, e todos os empregados civis e militares do Estado, que se haviam congregado para esta bella cerimonia.—A procissão parou junto das grades do Cruzeiro, afim de se abrir o cofre, e remover a tampa.—Então o corpo do Santo, ficando exposto á vista, foi collocado dentro do ataude, e immediatamente se começou a cantar Missa solemne com musica, que foi interrompida pelo panegyrico do Apostolo da India.

O Administrador da Archidiocese havia disposto para nós um lugar n'uma tribuna, do qual podemos ver a pro-

(1)—Quando publicámos a outra Relação desta visita (*Boletim* n.º 102 do anno antecedente) escapou-nos advertir que o auctor ou auctora della se havia equivocado dizendo que o caixão havia sido conduzido pelas pessoas principaes da Cidade.—A verdade he esta que aqui diz o Illustrisso Cabido.—O caixão foi conduzido pelos Conegos, e as varas do pallio he que eram levadas pelas pessoas principaes; tudo conforme com o programma anteriormente publicado no *Boletim* n.º 89.

cissão.—Era impossivel ouvir uma só palavra do sermão em razão da grande distancia em que estavamos do prégador, e sussurro da multidão, que apressadamente hia e vinha ao sagrado tumolo, sem prestar attenção alguma ao prégador, que elles não podiam perceber.—Fui informado que elle pedira tres *Ave Marias* no fim do sermão, uma por El-Rei, outra pelo Governador, e a terceira pelo Bispo presente á cerimonia.—Os Goanos pretendem que eu orei com elles pelo Padroado, do qual com tudo o Prégador não fez menção alguma (g).—O Governador parecia estar descontente por me não haver sido offerecido um lugar de honra no presbiterio (h);

(g)—O Illustrissimo Cunoz foi mal informado.

Nós estavamos certos de ter ouvido pedir uma *Ave Maria* pela integridade do Padroado; mas para tirar todas as equivocações offerecemos a carta, que acabamos de receber do mesmo prégador; que he a seguinte:

Illm.º Sr.

Lautulim, 6 de Janeiro de 1860.

« Pela estimavel de V. S.ª, que neste momento recebo, fico « sabendo que o Dr. Canos, n'uma Correspondencia, publicada « no *Bombay Catholic Examiner*, nega, que eu, no fim do meu Ser- « mão de S. Francisco Xavier, pedisse uma *Ave Maria* pelo Pa- « droado e seus Defensores.—Em abono da verdade, que todo o « meu auditorio hade defender, sou a dizer a V. S.ª que eu a « pedi, e em primeiro lugar, e pelas palavras seguintes:—Em « louvor do Santo Apostolo peço quatro *Ave Marias*: a 1.ª pela « integridade do Padroado e seu Real Padroeiro: a 2.ª por este « Estado e seu Chefe, Tribunaes e Repartições: a 3.ª pela Sé « Metropolitana e seu Cabido, pelo Clero e seus Prelados: a 4.ª « pelo Prelado extrangeiro aqui presente, e outros extrangeiros, « e por nós todos.—

Tenho a honra de ser.

D. V. S.ª

Illm.º Sr. Muito humilde e obrigado servo.

P. *Miguel Felippe de Quadros.*

(h)—Estamos auctorisados para declarar que Sua Excellencia não deu demonstração alguma de descontentamento pelo motivo

em quanto eu pela minha parte estava mui satisfeito com o que se me havia destinado, pois estava alli mais folgadamente para orar em presença do tumulo do Santo. —Como o Governador não podia permanecer até ao fim da funcção em razão do estado de sua saude, veio antes de se recolher procurar-me a tribuna, para de algum modo se desculpar de não ter podido ainda receber-me, e por essa occasião me convidou para o almoço no

---

o que aliunde o Illustrissimo Canoz —Nem he Sua Excellencia tão pouco sabedor das antigas, e ainda não revogadas ordens da sua Côrte acerca dos Prelados e Missionarios estrangeiros, que houvesse de passar alem da tolerancia cavalleiresca de que usou.— Podiamos fazer um longo catalogo daquellas ordens da Côrte; mas para amostra basta só uma, e será a El-Rei D. João V, Soberano tão obediente á Santa Sé, que lhe merecêo o titulo de *Fidelissimo*.—Eis a ordem:

« Vice-Rei e Capitão General do Estado da India. Amigo, Eu « El-Rei vos envio muito saudar. —As monções passadas de 1711 « e 1712 vos mandey recomendar não consentisseis que nas terras « do meu Padroado Real na Azia se publicassem nem praticassem os Decretos de Novembro de 1704, e de Setembro de 1710 « sobre os ritos chinicos, por haver recorrido a Sua Santidade « pelo meu Embaixador extraordinario o Marquez de Fontes; e « porque até agora a mesma Santidade não tem deferido ás re- « presentações, que nesta materia lhe mandei fazer, me pareceu « mandar-vos dizer, deveis continuar na mesma suspensão até re- « ceberdes outro aviso, ainda que de Roma se expida o novo « Decreto ou Bulla, que confirme os referidos; e esta mesma or- « dem intimareis a todos os Bispos, e Superiores Regulares desse « Estado, encarregando-lhe muito a exacta observancia della; e « porque tambem vos ordenei em Carta de 16 de Março, de 2 de Abril « de 1712, de 27 de Março de 1713, que remettesseis para este Reino « a todos os Prelados e Missionarios estrangeiros, que fossem as terras « desse Estado, sem vos mostrarem licença minha, vos torno novamente « a recommendar a execução desta ordem, por ser muito do serviço de Deos « e meu; e fio de vós que assim o praticareis. —Escrita em Lisboa a « 28 de Março de 1715.=REY.=

« Para o Vice-Rey e Capitão geral de Estado da India.—1.ª via.

(Original no *Livro das Monções*, n.º 81, a folhas 107.)

dia de nossa partida.—Concluida a missa, um dos Officiaes da Igreja veio buscar-me antes, e a meus dous companheiros, o Padre Gard (i) e o Padre Charmillot, que havia chegado de Belgão no dia antecedente, para nos introduzir no santuario no momento em que começasse o acto de beijar os pés do Santo.—Parei junto do tumulo, repassado de devoção, porem assaz alegre, para deixar passar adiante de mim todos os Conegos, e clero officiante (j).—Não posso expressar-vos, meu Mui Reverendo Padre, a emoção, e sentimento de alegria e de ventura, que experimentei quando toquei com meus labios os sagrados pés, que caminharam por tão remotos paizes, pizaram tantas vezes esta terra da India, afim de pregar a tão desvariadas nações submersas nas trevas da idolatria as alegres novas da paz e salvação.—*Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!*—quão formosos são os pés dos que prégam a paz, dos que prégam cousas boas!—(k). Quão admiravel he Deos em seus Santos e quanto lhe apraz glorificar, mesmo aqui sobre a terra, aquelles que somente obram por sua gloria!—Em quanto com meus dous companheiros estive assistindo á tão pathetica ceremonia, considerei-me como um deputado em nome de toda a sociedade, e orei com todo o fervor, de que sou capaz, pela Igreja, e seu chefe, nas penosas circunstancias, em que actualmente se acha, por toda a

(i)—Confessamos agora que nos equivocámos no nosso Artigo do *Boletim* n.º 90 do anno antecedente chamando a este Padre pelo nome de Hoefelle.—A nossa equivocação procedeo de ser o Rev. Hoefelle Capellão no Culabo, e o Rev. Gard, seu Assistente.

(j)—*But how glad he let all the canons and officiating clergy pass before me.*—Confessamos que não podemos comprehender bem o sentido do illustrissimo Canoz nesta phrase.

(k)—Santa maxima, que a contrario senso nos ensina quão pouco fervorosos devem ser os pés dos que introduzem a guerra aonde reinava a paz.

sociedade, e por aquelle que o governo; pela extincção do schisma (l), e por nossas missões na India e China, unindo em meu coração Madurê e Bombaim (m); e implorando para nossos missionarios o apostolico espirito de S. Francisco Xavier, e a graça da conversão para as nações da India; recitando devotamente a bella oração do Santo Apostolo=*Æterne rerum omnium effector Deus*=Deos eterno artifice de todas as cousas.—O meu espirito embebido n'uma serie de piedosas reflexões não podia desapegar-se deste abençoado lugar.

Não tendo ficado satisfeito com primeira vista e beijo, voltei alli pela tarde, e no seguinte dia.—Alem disso para satisfazer plenamente a minha devoção e piedosa curiosidade, desejava de ser admittido a uma visita privada.—Havia ja fallado nisto ao Conego Pereira, Vigario Geral, que estava encarregado de presidir no Domingo a veneração das santas reliquias.—Fallei tambem neste negocio ao Administrador (da Diocese), e depois ao Secretario do Governo; e pude conseguir o meu desejo.—Aconteceu que havia esquecido fazer-se uso de um taboleiro, que gyra sobre rodas para facilitar o diario movimento do cofre, em que reposa o corpo, antes e depois do acto de ser beijado.—A hora do meio dia foi fixada para a operação de restituir a seu lugar aquella peça e eu fui convidado a assistir a ella com meus dous companheiros.—Podeis imaginar que fui pontual á hora aprazada.—Alli encontrámos algumas pessoas qualificadas, e algumas damas privilegiadas; eu proprio ajudei a levantar a preciosa carga, que foi posta no estrado em frente do ataude, de maneira que tive perfeita

(l)—Sem duvida o Schisma Grego; por quanto aquelle que alguem tem feito correr que ha na India, he o Illustrissimo Canoz o proprio que pelos seus actos da claras e publicas demonstrações de não crer na sua existencia.

(m)—O Illustrissimo Canoz foi muitos annos Vigario Apostolico de Madurê.

occasião de contemplar o corpo do Santo.—Está coberto de uma vestimenta bordada a ouro, decorada com perolas, presente da Rainha de Portugal em 1699, quando S. Francisco Xavier foi declarado Protector das Indias (a).—Mas a nossa attenção não era absorvida nisto; o nosso afan era tocar estampas, medalhas, e contas nos sagrados pés.—Nesta occasião um dos cavalheiros presentes me deu uma fita da medida exacta do comprimento do corpo do Santo; a qual eu vos envio.—Novamente dei ajuda a meter o corpo no ataude, e então foi quando mais á minha vontade, estando de joelhos junto de sua veneravel cabeça, pude contemplar em si propria a attitude do Apostolo, que parecia ainda estar pregando as apostolicas virtudes, de que elle deixou ao mundo tão

(a)—Quando traduzimos, e annotámos esta *Relação no Boletim do Governo* n.º 5 de 1860, obrigados de brevidade, com que desejavamos publicar o papel, e privados de livros onde dissemos sobre este ponto das vestimentas.—Agora porem advertidos pelo *Archivo Pittoresco* de Julho de 1860, pag. 152, podemos dizer que as vestes, que cobrem o corpo do Santo, foram um dadiva da Rainha D. Maria Sophia, mas offertadas antes de 1698, segundo o irrecusavel testemunho do P.e Balthazar Duarte, o qual dedicando á mesma Rainha o Tomo 8.º dos *Sermões* do P.e Antonio Vieira, em 1693 ou 1694, usa destas palavras:

«Não consentio a immensa distancia de terras e mares que V. Magestade se presentasse a seu sepulchro Real Peregrino; ainda que o desejo com tanta ancia, que, se lhe fora licito, o fizera, ainda com perigo de vida; mas aonde não pode chegar o corpo, chegou a Real munificencia de V. Magestade, mandando ao seu Xavier, por prenda de seu amor, riquissimas vestes sacerdotaes, com as quaes, ainda agora vivo, depois de morto, se vestisse mais augustamente como triunfador das leys da morte, por incorrupto: vestes, digo, sacerdotaes, brancas como a confessor, bordadas de vermelho, como a Martyr do amor; e para que não faltassem nellas symbolos do fervor, o affecto puro de V. Magestade, resplandecentes com o fogo do ouro, e com a neve das perolas.»

nobres exemplos, especialmente aquella maxima salutar, que saída dos labios de Santo Ignacio, fez sobre elle tão profunda impressão, que effeituou a sua conversão á perpetua dedicação ao serviço de Deos; aquella maxima, que elle inculcava a todos, e particularmente aos grandes do mundo, e principes da terra, que mais tinham della necessidade—*Que aproveitará a um homem ganhar o mundo todo, se perder a sua alma!*—

Ainda se podem discernir as feições daquelle heroico rosto, que tres seculos não tem sido bastantes para apagar.—A pelle está um pouco fusca; a bocca um tanto aberta, e deixa ver os dentes; os beiços, nariz, e as fontes da cabeça são completamente distinguiveis; parece haver alguns cabellos brancos sobre a cabeça, posto que se hajam pegado á pelle; a cabeça está um pouco levantada, e descança sobre uma almofada. O braço esquerdo coberto com a manga de uma alva de precioso tecido, extende-se sobre a vestimenta, e toda a mão está descoberta, e os dedos encolhidos e separados uns dos outros.—Sabe-se que o braço direito foi cortado em 1616 por ordem do Padre Geral Aquaviva, e levado a Roma, aonde está exposto no *Gesù* no altar de S. Francisco Xavier (o).—Desde

(o)—Eis o que o Padre Francisco de Sousa no *Oriente Conquistado*.—(Parte I. Conquista IV. Divisão II. § 4.) nos diz sobre o corte do braço.

« Estando (o Santo) nesta salla (sobre a portaria da Casa Pro-
« fessa do *Bom-Jesus*), por ordem do nosso Reverendo Padre Geral
« Claudio Aquaviva, que, segundo dizem, só pedia alguma reli-
« quia, lhe cortaram o braço direito inteiro, sendo Provincial o
« Padre Francisco Vieira, aos trez de Novembro de 1614.—Esteve
« presente com outros o referido Padre Sebastião Gonçalves, que
« refere o caso na sua *Chronica* manuscripta, e não diz mais sobre
« a materia, e se adverte que já neste tempo estavam secos, e
« mirrados os dedos e a mão.—Foi o executor desta ordem o Ir-
« mão Thomé Diaz, que contou o caso ao Irmão Manoel Gonçalves,
« um dos homens mais velhos desta Provincia, o qual me deu a
« noticia offerecendo-se á jura-la aos Santos Evangelhos.—A par-

o tempo desta amputação, que teve lugar na sala grande da Casa Professa, o corpo do Santo tem perdido muito daquella frescura e flexibilidade, que de antes havia conservado.—Os pés conservam perfeitamente a sua forma, e tem todos os dedos, excepto os dous menores do pé direito, que foram tirados; as proprias unhas são visiveis.—Um dos tres facultativos, que examinaram o corpo do Santo aos 12 de Outubro ultimo, na primeira abertura preliminar, me informou de que tivera receio de

---

« te superior deste braço cortado foi para Roma no anno de 1615; « a inferior se dividio em duas partes, uma das quaes se mandou « ao Collegio de Malaca, e outra ao de Cochim, e a pá do braço « (omoplata), que tambem se cortou, ao de Macáo..... Já com « um braço cortado, porque lhe bastava o outro para ter mão em « Goa, se bem com muito trabalho pelo grande pezo de nossos « peccados politicos, e theologicos, o colocaram depois de canonisa- « do pela Sé Apostolica na Capella, que hoje he de S. Francisco « de Borja, e fica dentro do Cruzeiro da Igreja do Bom-Jesus da « parte do Evangelho, e daqui o trasladaram no anno de 1655 « para a sua Capella correspondente da parte da Epistola, onde « hoje o veneramos..... jaz ao presente em um tumulo interior de « rodas para se poder tirar mais facilmente do mausoleu de pra- « ta, etc.

Até aqui haviamos nós escripto no *Boletim* n.º 5 de 1860, onde publicamos esta *Relação* vertida em Portuguez, e lhe accrecentámos as *Notas* presentes.

Mas agora depois de lermos no *Archivo Pittoresco*, Semanario de Lisboa, dos mezes de Junho e Julho de 1860, o Artigo intitulado=*Exposição solemne do corpo de S. Francisco Xavier em 1859*= accrecentaremos algumas palavras mais.

Repara o auctor daquelle Artigo que nós nesta *Nota* citassemos só o *Oriente Conquistado*, e não mencionassemos se quer o *Sermão* do Padre Antonio Vieira, dedicado especialmente a este facto do corte do Braço, onde o caso he referido com muito maior individuação. A este reparo do nosso illustre contemporaneo Lisbonense, e a alguns outros pontos do seu artigo respondemos com a seguinte carta, que dirigimos ao redactor principal do *Archivo Pittoresco*, o nosso amigo Senhor Antonio da Silva Tullio.

ficar *desapontado*, mas que promptamente ficára socegado. —Disse-me que achára a pelle do abdomen inteira, e sem alguma deterioração. —Attribue a certeza do corpo, que tem só quatro pés e meio de comprido, ao desapa-

CARTA

Illm.º Am.º e Sr. Tullio.

Goa, 19 de Fevereiro de 1861.

Vi o caderno do *Archivo Pittoresco* do mez de Junho de 1860, e agradecendo ao auctor do artigo (a pag. 142) sobre a « Exposição solemne do corpo de S. Francisco Xavier em 1859 » a honrosa menção que faz de meu nome, não posso todavia deixar de rectificar um facto, sobre o qual o mesmo auctor não foi exactamente informado.

Diz o artigo « A grande devoção, que não só os christandades « da Azia mas os proprios gentios conservam a S. Francisco Xa« vier suggerio ao..... secretario do governo da India portu« guez, o Sr. J. H. da Cunha Rivara, de accordo com o zeloso « governador d'aquelle estado, o Sr. Visconde de Torres-Novas, a « boa lembrança de fazer uma segunda exposição publica e so« lemne do corpo do Santo, tal qual se tinha feito já em 1782, « sendo capitão general da India D. Frederico Guilherme de Sousa. »

A verdade pede que eu declare que nenhuma parte tive nesta boa lembrança — Ha ella só de S. Ex.ª o Sr. Governador Geral, Visconde de Torres-Novas. —Estava eu em Bombaim, em commissão de serviço, quando ahi recebi uma carta de S. Ex.ª datada de 29 de Maio de 1858, na qual me referia que determinára fazer uma publica exposição do corpo de S. Francisco Xavier, e já para isso havia mandado pedir auctorisação ao Governo de S. M. — He pois a S. Ex.ª e a mais ninguem que os devotos devem ficar agradecidos.

E eu muito o ficaria tambem ao amigo Tullio, se admittisse no seu Archivo esta minha declaração.

Agora, já que estou com a penna na mão, darei ainda uma explicação ao auctor do mesmo artigo, quando (a pag. 151) observa que o *Boletim do Governo de Goa* (n.º 5. de 1860) tratando da historia do corte do braço do Santo, só citára o testemunho do *Oriente Conquistado* « sem mencionar se quer o notavel sermão de Vieira « que refere o caso com mais individuação. — A razão porque es-

recimento de varias cartilagens.—Desço a estas particularidades, porque estou certo que serão de interesse para vos, e para quem as ler, que sem duvida me invejarão a ventura de ter visto com meus proprios olhos estas reliquias, que tem sido milagrosamente preservadas, pré-

---

crevendo eu no *Boletim* sobre este assumpto só citei o *Oriente Conquistado*, e não o *Sermão* de Vieira, foi porque se pude haver á mão aquelle livro, e não este.—Se eu estivera na *minha* Bibliotheca de Evora, não me aconteceria outro tanto; mas aqui em Goa as cousas correm de outro modo.

Dos *Sermões* de Vieira não ha em toda a India uma collecção completa.—Algum volume, que apparece avulso, he, como são quasi todos os livros um pouco antigos, deste paiz, podre, roido do bicho, ou falto de folhas.—Do *Oriente Conquistado* haverá tres ou quatro exemplares semelhantemente avariados.—E de Lucena não conheço mais de um exemplar, e esse no mesmo lastimoso estado.

E esta penuria de livros faz-me ás vezes desesperar; mas infelizmente não lhe posso dar remedio.

Sirva isto, não de defesa, mas de circunstancia atenuante, em ommissões desta especie, que não será difficil notar em qualquer cousa, que eu aqui escreva.

Acceite o amigo Tullio, e seus illustres collaboradores, os protestos da alta consideração, com que tenho a honra de ser:

Seu muito affeiçoado e obrigadissimo venerador

J. H. da Cunha Rivara.

E agora que depois de alguma diligencia podemos obter o 8.º Tomo dos *Sermões* de Vieira, transcrevemos delle a passagem que o mesmo *Archivo* cita, e transcreve, corrigindo nós todavia alguns pequenos descuidos, que no *Archivo* escaparam devidos sem duvida ao copista. Diz pois o Padre Vieira no Sermão Nono (do dito Tomo 8.º) que intitula *Braço*, desta maneira:

=Assim perseverou inteiro o corpo morto de S. Francisco Xavier sessenta e tres annos, até que no de mil e seis centos e quatorze, que foi para a sua inteireza o climaterico, se dividio, e lhe foi cortado o braço direito.—E esta he, a que no exordio deste discurso chamei a crueldade mais honrosa, ou a honra mais cruel.—Começando pela honra: Constando ao Summo Pontifice

quadernos ainda agora pela mais elegante maneira a penitencia e mortificação, mostrando-nos aqui sobre a terra a gloria dos membros crucificados ao serviço de Deos, em antecipação do dia de sua gloriosa resurreição.

Paulo V. que o corpo do Padre Francisco Xavier se conservava inteiro, com isenções da natureza, e da morte tão singulares, desejou ter comsigo huma reliquia insigne do mesmo corpo, que assim chamá a Igreja as partes principaes de que elle se compoem. —E como os desejos da suprema autoridade são os mesmos mais apertados de mandar, declarão este por sua Santidade a Companhia, elle foi o golpe que a obrigou a huma tão rigorosa separação.—Mas que maior honra se pode imaginar no Ceo, ou Lugar da terra, que o mesmo Vigario de Christo, e Vice-Deos, tenha em Roma á sua mão direita a S. Pedro com as chaves, contra as quaes não podem prevalecer as portas do inferno, e á esquerda a S. Paulo com a montanha da doutrina, e Fé Catholica, de que sempre temeo o mundo, quizesse juntamente pôr, e ter a seu lado o braço de hum homem ainda, não canonizado por Santo, nem beatificado? Oh homem mais que homem da vida, honra e excepção de todos os homens depois da morte! Não ha Roma naquelle Santuario universal, que reparte reliquias a todo o mundo Christão?.....

.....

Mas já he tempo que vejamos o sacrificio, e preparem-se os corações de novo animo, e valor para hum outro visto espectaculo. —O lugar que se elegeo, foi huma Capella interior, para onde se trasladou o santo corpo a titulo de maior decencia.—O tempo, o mais secreto da meia noite, sem noticia dentro, nem fora do que estava determinado. *In tumultu fecit in populo*, porque sabendose, toda Goa, e toda a India se poria em armas para defender o braço, que tantas vezes a tinha defendido. Os assistentes erão, o Visitador, o Provincial, o Provisito, o Reytor, os Consultores da Provincia, o Executor hum Irmão leigo, não parecendo decente que as mãos Sagradas, que offerecem a Deos o Sacrificio abominavel de seu Filho, se ensanguentassem no de Xavier.—Postos assim de joelhos todos, levantou o Executor o braço do Santo, tão natural, e flexivel, como se fosse de um corpo vivo, que estivesse dormindo, e tudo para o cortar, ou que cahisse de novo á terra, e Deos, e todos os que nella

Agora algumas palavras de passagem sobre a Casa Professa fundada em 1606 por um rico Portuguez, D. José Vaz, pouco tempo depois de estar completa a Igreja do *Bom-Jesus*.—Uma inscripção, posta sobre uma das principaes portas do edificio, no primeiro andar, mostra quão cuidadosamente a Companhia de Jesus tem

---

estavão.—Tornão segunda vez a intentar o golpe, e não só o pavimento, mas as paredes, com segundo tremor, pareceo que se querião arruinar, desencavando-se as pedras.—Quem não desanimará com a repetição de tal prodigio! Insistindo porém terceira vez no mesmo intento, foi tanto maior o tremor, e abalio, que o terra, e todo o edificio daquella grande casa cahia sobre os que estavão na Capella, com que todos attonitos se sahirão fóra.—Quem não dissera de cada hum destes Padres naquelle caso, quando a execução não fora no verdadeiro corpo de Xavier, senão em alguma estatua sua: *Ter conatus erat casus effingere in auro, ter patriae cecidere manus* (Virg. 5. Æneid.) Feita por elles nova consulta, quando parece que se havia de resolver nella, que se rescrevesse a Roma, e se representassem os manifestos, e prodigiosos indicios, com que Deos mostrava que não era servido, que o santo corpo se dividisse, mas perseverasse inteiro, para que a sua mesma inteireza fosse hum perpetuo testemunho a todo o Oriente, da verdade da Fé que lhe prégara: o que se resolveo foi, que tomassem ao mesmo Santo por intercessor contra si, e lhe pedissem licença para a execução do que erão mandados.—Entrão outra vez todos na mesma Capella, e postos de joelhos, fallou assim hum dos Prelados: Bemaventurado Santo, bem sabeis vós que vimos aqui não tanto por nossa vontade, quanto por obediencia de nosso Padre Geral.—E pois em vida fostes tão obediente, dainos agora depois de morto licença, para que possamos executar o que se nos ordena, mandando esta reliquia de vosso corpo, que a pede o Summo Pontifice.—Disse; e em se ouvindo o nome do Summo Pontifice, do Padre Geral, e esta palavra obediencia, obedeceo o Santo, obedeceo a terra, obedecerão as paredes, obedeceo tudo, e o braço se deixou cortar, manando da ferida tanto sangue, que encheo hum vaso de prata, e banhou nelle huma toalha, que para este effeito hia prevenida, a qual depois de muitos annos levou o Conde de Linhares Vice-Rei da India, para apresentar a El-Rei D. Felippe IV.=

sempre preservado a memoria de seus bemfeitores, e ao mesmo tempo recorda a munificencia e piedade dos fidalgos Portuguezes do tempo antigo (p).—Terão ainda

---

(p)—Os apontamentos, que o Illm.º Canoz tomou sobre este particular, não foram bem exactos, e que he facil acontecer n'uma rapida visita a logares desconhecidos.

Já nas *Notas* á outra Relação (*Boletim* n.º 102 do anno antecedente) advertimos que a *Casa Professa* do Bom-Jesus fora fundada pelos Padres da Companhia.—Começou a fundação da Casa no anno de 1585.—Oppondo-se a esta fundação os Vereadores da Camara da Cidade, os Irmãos da St.ª Casa da Misericordia, e os Frades de S. Francisco, eis como os Padres da Companhia cortaram as difficuldades, segundo conta o seu Chronista Padre Francisco de Sousa no *Oriente Conquistado*, Parte II, Conq. I, Div. I, § 105) « intentámos levar por traça o que não era possivel conseguir-se por outro meio, sem demasiados estrondos; por nos constar de certo que os da Camera não haviam de dar licença para se começar a obra, que depois de começada haviam de louvar e approvar.—Communicada pois a traça em muito segredo com o Viso-Rei e Arcebispo, mettemos a nossa petição na Camera para se despachar aos 4 de Setembro, e na noite antecedente a este dia em que se haviam de ajuntar os da Cidade para nos authenticarem a repulsa, tratámos de tomar posse do sitio, transformando em Igreja uma casinha, que compramos entre dous Padeiros.—Meteram-se nella de noite secretissimamente dous Padres, e um Irmão levando comsigo todo o apparelho necessario para dizer Missa; armou-se decentemente um altar, e collocou-se sobre a porta o Santissimo nome de Jesu, que havia de ser a invocação da Casa Professa. . . . Ao despontar do dia abrio a porta o Irmão Antonio Pereira, e tocou a campanha, que causou grande espanto na visinhança.—Acodiram logo todos á novidade, e vendo sobre a porta o saudavel nome de Jesu, e a casinha bem armada com seu altar aparamentado, e o Padre Christovam de Castro já nella revestido para dizer a primeira Missa, ficaram mui contentes por terem Igreja á porta.—Souberam os da Camera o que passava, e não houve mais fallar na materia.—Residiram nesta Casa até ao fim do anno alguns Padres, indo ora huns, ora outros a dizer Missa e confessar, em quanto se accommodava uma Igreja, e casas para

algum dia os Jesuitas a boa fortuna de tornar a tomar

« morarem nellas, e de todo se mudaram uma sexta-feira 12 de « Janeiro do anno seguinte (1586).

O architecto de todas as obras desta casa foi o Irmão Domingos Fernandes, natural de Mello, que veio do Reino no anno de 1578.—(*Oriente Conquistado*, Parte II, Cong. I Div. II. § 33)—E mestre das mesmas obras foi Mestre Simão, nascido nestas partes (*Archivo Portuguez-Oriental, Fasciculo 3.º Docum. 79—IV.*) A fundação da Igreja começou em 1594 á custa da fazenda de D. Hieronimo Mascarenhas fallecido em 1593.—Foi sagrada pelo Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes em 1605, como consta das duas inscripções, que estam na mesma Igreja, nas columnas, que sustentam o choro; das quaes a do lado do Evangelho diz:

Hanc Ecclesiam Jesu solemni ritu consecravit Reverendissimus et Illustrissimus Dominus D. Aleixius Menesius Archiepiscopus Goensis Indiae Primas. Anno Domini M. D. C. V. Id. Ma.

E a do lado da Epistola diz assim:

Esta Igreja de Jesus se começou a 24 de Novembro de 1594 e consagrou-a o Reverendis. e Illustris. Senhor D. Fr. Aleixo de Menezes Arcebispo de Goa Primaz da India. Anno do Senhor 1605, 15 de Maio.

A inscripção, a que o Illustrissimo Canoz se refere, e diz *estar sobre uma das principaes portas do edificio no primeiro andar*, he sem duvida a que se lê n'um retrato, e diz:

=D. Frei Sebastião Pinto Pimenta Cavalleiro Professo da Ordem de Christo fundador deste Collegio.=

Deve porém advertir-se que este cavalleiro não pode ser fundador da *Casa Professa* do Bom-Jesus, porque nunca os Padres da Companhia confundiam as denominações das suas Casas, discernindo bem as *Casas Professas* dos *Collegios*.—He provavel que o *Collegio*, a que se refere o letreiro do retrato, seja o de S. Roque, vulgarmente chamado de S. Paulo o *novo*; e que o retrato fosse trasferido á *Casa do Bom-Jesus* quando o dito *Collegio* de S. Roque cahio em ruinas.—Se por ventura não houver o mesmo retrato pertencido a algum Collegio das Praças, que se perderam, e que por algum zeloso Padre fosse salvo de ficar em poder do inimigo.

posse daquella abençoada casa, junto do veneravel tumulo do Santo Apostolo da India, a quem elles se gloriam

---

Até aqui escreviamos no já referido *Boletim* n.º 5 de 1860.—O descobrimento posterior de alguns documentos veio confirmar a verdade da nossa ultima conjectura.—O retrato de Sebastião Pinto Pimenta pertence ao Collegio de Chaul, ao qual só se pode applicar a designação de seu fundador, como se vê do seguinte:

Alvará.

Eu El-Rei Faço saber aos que este Alvará virem que por parte do Provincial da Companhia de Jesus da Provincia de Goa, se me representou que Sebastião Pinto, Cavaleiro que foi da Ordem de Christo, havia ordenado em seu testamento que por sua fazenda se dotassem ao Collegio que a Companhia tem na Cidade de Chaul com rendimento bastante para sustento dos sugeitos que no dito Collegio vivessem, e Bartholomeu Lopes ter dotado o Collegio da Companhia da Fortaleza de Mocambique com renda bastante para sustento dos sugeitos delle, pedindo-me lhe fizesse mercê conceder-lhe licença para que pudesse acceitar as ditas fundações e dotes na forma que os testadores ordenam, e poderem-nos empregar em bens de raiz para sustento dos mesmos Collegios desistindo das ordinarias que a elles se pagavam de minha fazenda; e tendo respeito ao referido, e ficar ella alliviada por este meio das ditas ordinarias, e ser em utilidade da mesma fazenda para as necessidades do Estado da India, e visto a reposta que na materia deu o Procurador de minha Fazenda, e aquelles Collegios estarem já fundados: Hey por bem e me praz de lhes fazer mercê conceder-lhes a dita licença para que possam acceitar as ditas fundações e dotes na mesma forma em que os ditos dotadores ordenaram, e que possam juntamente empregar os ditos dotes em bens de raiz em cujo rendimento tenham os Religiosos que assistirem naquelles Collegios certa sua sustentação que tinham nas referidas ordinarias de que desistem, assim por ser essa a vontade dos fundadores, como tãobem por ser necessario terem de que se sustentem. —Pelo que mando ao meu V. Rei do Estado da India, e a todos os mais ministros de minha fazenda e justiças delle e quaesquer outros officiaes a que o conhecimento deste pertencer, o cumpram e guardem, e facam inteiramente cumprir e guardar como nelle se contem sem duvida nem contradição alguma, e valerá como carta

de chamar seu religioso irmão e camarada! (q) Depois da dispersão da Companhia, esta Casa foi feita seminario, sob a direcção de alguns Lazaristas. — Mas logo depois um incendio destruidor consumio dous terços do edificio.—Além de um immenso claustro quadrado, de dous andares, com um pateo no meio, nada resta senão a face do norte, que ao presente he occupada e conservada em reparação pelo Mui Reverendo Conego Peres, Administrador da Archidiocese, e guarda do monumento. —Esta parte consiste em um largo corredor com uma serie de pequenas Camaras, que eram de antes a morada dos religiosos.—Este edificio he contiguo ao outro claustro, que he menor, porém bem conservado, o qual por um dos seus lados he adjacente a Igreja, e pelo outro á Capella de S. Francisco Xavier, e Sacristia.— Neste claustro ha quartos só na trazeira do edificio.

Não quiz sair de Goa sem haver visitado o antigo Collegio da *Santa Fé*, já tão afamado no tempo de S. Francisco Xavier, cuja Igreja era dedicada a Deos debaixo do patrocinio de S. Paulo; e está a uma boa

---

sem embargo da Ordenação do 2.º Livro, titulo 40, em contrario, e se lhe passou por tres vias, alem das duas que em seis de Abril do anno passado de 647 se lhe passaram, cumprido um, os outros não haverão effeito: e pagará o novo direito se o dever na forma do Regimento.—Manoel Antunes o fez em Lisboa a dez de Março de 1648.—O Secretario Marcos Rodrigues Tinoco o fez escrever.—Rey.

(Liv. 3.º de copias de ordens Regias fl. 328, na Secretaria do Governo.)

E na = Lista das Casas, Collegios, e Missões da Provincia de Goa, da Companhia de Jesus=dada pelo Provincial Gaspar Affonso no 1.º de Dezembro de 1686, le-se:

=Em Chaul um Collegio, em que assistem de ordinario sinco da Companhia; fundação de Sebastião Pinto Pimenta, cuja morte consternou Sua Magestade.=(Liv. das *Monções*, n.º 51, fl. 35.)

(q)—Parece-nos negocio um pouco difficultoso.

milha de distancia da Igreja do *Bom-Jesus*.—O corpo do Santo foi alli primeiramente depositado quando chegou de Malaca.—Ah! Só resta uma porção do frontispicio; e no logar aonde era o Collegio nada se vê senão ruinas e espinhos.—Alli junto está a Capella, na qual S. Francisco Xavier costumava ensinar todos os dias os primeiros elementos da religião aos meninos (r). —He bom o seu estado de conservação; as quatro paredes ainda estão em pé; parte do tecto tem desapparecido, e o resto que cahia a pedaços, acha-se agora reparado.

Quão solitarias e desoladas são aquellas ruas, outr'ora tão populosas, e agora todas desertas, e só assignaladas com velhas paredes arruinadas!—Tal foi a triste reflexão, que occupava nossas mentes em quanto passeavamos de manhãa, não muito cedo, antes de almoço sob um sol abrasador.

A gente lamenta agora profundamente que um tão bello sitio, e tão fertil tracto de terra fosse abandonado em razão de uma epidemia, que podia não haver de durar largo tempo, e a repetição da qual poderia facilmente ser atalhada desecando uma pequena Ilha pantanosa, formada pelo rio em sitio fronteiro á antiga Cidade (s).—Para dar ainda a esta Cidade uma sorte

---

(r)—He muito duvidosa a verdade desta tradição, mas podemos facilmente crer que por aquelles sitios passeava o Santo meditando nas suas apostolicas empreznas.

(s)—A insalubridade do sitio da antiga Cidade começou a ser sensivel no ultimo quartel do seculo XVI.—Talvez se podesse remediar, então; mas não se remedion; e com o correr dos tempos cresceo o terror panico dos habitantes, o qual teve mais força para a destruição da Cidade do que todas as tentativas para a sua restauração.—A pertinacia, com que o governo da Metropole insistio nos ultimos annos do seculo XVII e primeiros do seculo XVIII na tranferencia da Cidade para Mormugão, radicou as apprehensões e terrores populares, e foi talvez a mais poderosa causa da ultima ruina da Cidade.

de existencia, o melhor plano seria estabelecer alli algumas casas religiosas, que tivessem o cuidado de cultivar as terras adjacentes aos seus Conventos.—Por estes meios uma população laboriosa e christã seria gradualmente attrahida á antiga Goa e então aquelle deserto e abandonado paiz, sendo cultivado, facilmente recobraria sua antiga salubridade.—Tal he tambem a opinião de algumas pessoas distinctas, com quem fallei sobre este plano.—No que toca aos Jesuitas, fizeram-me a observação de que isso seria difficultoso em razão dos fortes prejuizos, que ainda duram em Portugal contra elles, salvo se mudassem de nome (t).

Um dia subi com um dos meus companheiros de viagem ao alto da torre da Cathedral, não só para ver alli os bellos sinos, cujo alegre tanger havia acabado de annunciar a solemnidade da manhã, mas ao mesmo tempo para gozar da vista da paizagem, que me diziam ser

(t)—Ao que dissemos na *Nota* antecedente accrecentaremos que o Marquez de Pombal (que aliás attribuia a decadencia e perdição da Cidade aos Jesuitas) não poude restaura-la apesar de muitas leis, que para isso promulgou.—A Rainha D. Maria I. que empenhou na mesma diligencia todo o poder do seu braço Real, nada igualmente poude conseguir, sem embargo de estarem então ainda prosperos todos os Conventos de Goa, e abundantemente providos de fundos, excepto os Jesuitas.—Por isso desconfiamos que o plano do Illustrissimo Canoz, surtiria agora ainda muito menor effeito.—A nossa opinião he que não ha forças humanas, que resuscitem uma Cidade, contra a qual tem actuado as causas que destruiram a de Goa.—O Desembargador Magalhães, nas suas *Memorias* (pag. 94) fallando destas tentativas de restauração da Cidade diz=« Este procedimento era tão absurdo como se o Bxá de « Damasco quizesse hoje reedificar Palmyra, porque fôra fundada « por Salamão, cabeça de um Reino florescente até Aureliano, o « o principal entreposto do commercio por terra com a India. »

Mas isto não obsta a que ao mesmo tempo entendamos a conveniencia de conservar os monumentos, que ainda restam da antiga Cidade.

mui aprasivel quando disfrutada daquelle ponto.—Na verdade a vista era magnifica, e tão bella que não vi ainda cousa semilhante na India.—Um largo rio serpentea pela planicie abaixo, toda coberta de rica vegetação, e dividindo-se em varios ramos desapparece detraz das montanhas a grande distancia.—A vista extende-se até aos Gates sobre collinas e valles, todos cobertos de coqueiros.—Mais perto jaz em redor o sitio da antiga Cidade, da qual só restam em pé e inteiras algumas Igrejas, estando outras já caidas em ruina; as casas desappareceram, e no lugar onde ellas estavam, só arvores se vêm.—Se alguns heroes Portuguezes de antigas eras visitassem agora aquella desolada terra, só as palavras das lamentações de Jeremias, ou o cantico dos Hebreos desterrados—sobre os rios de Babylonia—seriam proprias para exprimir a sua dôr—como jaz solitaria a deserta Cidade!—

Finalmente chegou o tempo de deixarmos um sitio tão agradavel, e cheio de recordações historicas.—A 5 de Dezembro, depois de eu haver dito a ultima Missa no altar de Santo Ignacio, e ainda outra vez venerado as reliquias de S. Francisco Xavier, fomos dizer adeos ao Administrador, e voltámos ao nosso barco de vapor, que logo nos levou a Nova-Goa, aonde todos estavamos convidados para almoçar com o Governador.—O escaler de S. Ex.ª, provido de desoito remeiros com seu gracioso uniforme oriental, estava á espera para levar a nossa pequena comitiva ao Palacio, situado na margem do rio. —Fomos mui benevolamente recebidos por S. Ex.ª, e por alguns Cavalheiros, que haviam sido convidados para nos fazer companhia.—Depois do almoço fomos conduzidos á grande Salla do Throno, e á galeria dos retratos aonde todos os Governadores de Goa, incluindo os primeiros Conquistadores da India, D. Vasco da Gama e Albuquerque, estam representados (n).

(n)—O conquistador de Goa foi, como he sabido, Affonso de

Como nós tinhamos exprimido o dezejo de visitar o Seminario do Chorão, antigo noviciado dos Jesuitas, situado n'um oiteiro quasi seis milhas distante, defronte da antiga Goa, S. Ex.ª mui benevolamente deu as ordens para sermos alli transportados no seu proprio escaler, e enviou comnosco uma banda de musica, cujas alegres melodias accrescentaram o prazer de nosso passeio.— Desde o lugar de desembarque até ao Seminario tivemos de andar uma boa milha ao sol.—Achámos alli o Rd.º Padre Lourenço, antigamente alumno do Collegio da *Propaganda* em Roma, que foi Reitor do Seminario, e agora o unico habitador daquelle immenso edificio, o qual foi abandonado, como os outros, em razão de ser insalubre. —Recebeo-nos mui urbanamente, condusio-nos por aquelles extensos corredores, e mostrou-nos toda a casa.—A minha attenção foi particularmente dirigida a uma Capellinha, no interior da casa, onde se guardam debaixo do altar as reliquias de cinco veneraveis martyres Jesuitas, mortos pela fé na Ilha (v) de Salcete junto a Goa.—Um delles era sobrinho do Mui Rd.º Padre Claudio Aquaviva.

Tendo voltado a nosso barco de vapor, tomámos algum repouso, e depois novamente fomos á Cidade, e visitamos a Igreja situada na encosta de um oiteiro, do alto do qual descobrimos toda a Cidade de Nova-Goa, torneando as faldas do mesmo oiteiro em forma de semicirculo.—Era já noute quando regressámos a bordo.—No seguinte dia, 6 de Dezembro, ante manhãa largamos

---

Albuquerque em 1510.—Figura porém na serie antes delle o Vice-Rei D. Francisco de Almeida que nunca viu Goa.—O retrato de Vasco da Gama está no seu lugar de Vice-Rei, que foi em 1525.

(v)—Aliás—terra firme.

para Bombaim, e apezar de nos ser o vento contrario, o nosso vapor fez o trajecto em 42 horas, chegando ao porto no dia 7 á meia noute por um magnifico luar.—Assim terminou nossa peregrinação, sobre a qual o nosso bom Deos foi servido lançar sua benção.

A excessiva benevolencia, com que fui recebido em Goa pelas auctoridades, assim civis, como ecclesiasticas, pareceo-me um presagio de proxima paz e união, tanto mais quanto as novas de haver sido a Concordata assignada por Sua Santidade, haviam chegado a Bombaim pouco tempo antes.

A minha visita ao tumulo de S. Francisco Xavier tem servido de argumento a alguns de nossos amigos de Goa para confutar a imputação de schisma, de que são accusados; mas o meu amigavel trato com o Clero de Goa não he prova de que elles estejam perfeitamente justificados.—E na verdade a sua *legal* posição em Goa, e outros lugares dos territorios sujeitos á Coróa de Portugal, de nenhum modo deve ser confundida com a *illegal* posição de outros Padres de Goa naquellas missões, que tem sido *exclusivamente* submettidas á espiritual auctoridade e jurisdicção dos Vigarios Apostolicos pelos Decretos dos Soberanos Pontifices Gregorio XVI, e Pio IX. —Todavia, ainda que não haja schisma externo nos territorios Portuguezes da India, pode-se comtudo de algum modo dizer que Goa he o *quartel general do schisma*, porque Goa manda e sustenta Padres nas missões não sugeitas á sua espiritual jurisdicção, contra as positivas ordens da Santa Sé: mas, repito, os Padres, que exercem a sua jurisdicção espiritual em Goa, e se sugeitam a seus legitimos superiores alli, não são schismaticos, e por tanto he perfeitamente legitimo communicar com elles, ainda em materias espiritnaes.—Esta distincção, que acabo de estabelecer, he de si propria evidente, e pode facilmente ser comprehendida por qualquer pessoa não cegada pelo prejuizo.—Apezar disso com espanto meu o redactor do *Boletim* de Goa parece ter desprezado esta dis-

tinccão.—E ainda corrobora este raciocino com todos os encomios, posto que perfeitamente immerecidos, que elle tão benevolamente me confere (x).

(x)—Apesar de todas as explicações, que o Illustrissimo Doutor Canoz por sua bondade se servio de nos dar aqui neste paragrapho em referencia a um Artigo nosso (*Vide* Boletim n.° 96 de 1859); apesar da distincção que elle estabelece, e que reputa de si propria evidente, confessamos que não comprehendemos bem, ou que ao menos achamos nova a sua doutrina sobre o *schisma*: talvez por estarmos, segundo elle inculca, cegados pelo prejuizo.—Como porém o nosso desejo seja esclarecer a nossa mente e alcançar a verdade, pedimos venia a Sua Illustrissima para lançarmos aqui algumas reflexões, que nos suscitou a dita doutrina, para que, se infelizmente estivermos no erro, possamos, ou por Sua Illustrissima (se disso nos quizer fazer mercê) ou por alguma outra pessoa competente, ser cabalmente esclarecidos, e convencidos.

A distincção do Illustrissimo Canoz cifra-se nisto, segundo cremos; que o Clero de Goa se divide em dous campos; um dos Padres que tem posição *legal*, por assistir em Goa, e mais lugares sugeitos á Coróa de Portugal; e outro dos que estam em posição *illegal*, por se intrometterem naquellas missões, que tem sido *exclusivamente* submettidas á espiritual auctoridade e jurisdicção dos Vigarios Apostolicos pelos Decretos dos Soberanos Pontifices Gregorio XVI, e Pio IX.

Se estes dous campos nunca, nem de forma alguma se confundissem, tudo correria a favor da distincção proposta pelo Illustrissimo Canoz.—Mas he Sua Illustrissima o proprio que logo em seguida attenua o valor daquella distincção.—Sua Illustrissima admitte que não ha nos territorios Portuguezes da India *schisma externo*; o que vale o mesmo que confessar que o ha *interno*.—Admitte igualmente que de algum modo se pode dizer que Goa he o *quartel general do schisma*, e o prova (não de algum modo, mas absolutamente), porque Goa manda e sustenta Padres nas Missões não sugeitas á sua espiritual jurisdicção contra as positivas ordens da Santa Sé.—Ora he um facto patente e notorio que todo o Clero de Goa, dentro e fóra dos territorios sugeitos á Coróa de Portugal, reconhece, como sempre reconheceo, uma só cabeça: todos os Padres que obedecem á jurisdicção Goana são membros de um

Mas nunca houve quem sobre o meo procedimento pozesse macula, ou lhe desse incorrecta interpretação.—Eu mui ardentemente desejo, e sinceramente espero que

---

só corpo indivisivel e compacto; saindo continuadamente os Padres de Goa para as Missões, e recolhendo das Missões para Goa.—Mas sem embargo disso affirma Sua Illustrissima que os Padres que exercem a sua jurisdicção espiritual em Goa, e se sugeitam a seus legitimos Superiores alli, não são schismaticos, e por tanto he perfeitamente legitimo communicar com elles, ainda em materias espirituaes.—A distincção, do Illustrissimo Canoz cessa aqui de ser distincção, porque nada distingue.—Mas continuemos ainda um pouco mais avante na averiguação dos factos.

O Arcebispo Torres, que sustentava, como o Prelado actual sustenta, a sua jurisdicção espiritual nas Missões contra os Decretos, que o Illustrissimo Canoz ha por authenticos, genuinos, e valiosos, foi chamado pelo Doutor Fenelly, então e ainda agora Vigario Apostolico em Madrasta, *Archi-schismatico*; e delle diz o Rev. Fr. Angelico, antecessor interino do Illustrissimo Canoz em Bombaim: «Neste meio tempo (1844) o ultimo Arcebispo de Goa, «Joseph da Silva Torres, chegou á India.—Seguio o estandarte «do *schisma*, e por quasi cinco annos encheu toda a India de con«fusão, escandalo e afflicção=(Proclamação Pastoral de 27 de Dezembro de 1857, no *Bombay Catholic Examiner*, n.° 1.° de Janeiro de 1858) Pela saida do Arcebispo Torres de Goa, foi eleito Vigario Capitular.—Uma carta collectiva dos Vigarios Apostolicos a Sua Santidade assim se exprime sobre esta eleição=«Porém «qual não foi a nossa dôr, quando soubemos que a Santa Sé «tinha approvado o Vigario Capitular de Goa, cuja eleição con«traria aos Canones, era inteiramente nulla, e o espirito *schis«matico* do qual, e suas disposições hostis aos Vigarios Apos«tolicos, não podiam ser ignoradas, mesmo em Roma=» Esta Carta tem entre outras assignaturas a seguinte=» *Aleixius Canoz. S. J. Episcopus Tamassensis, Vic. Apost. Maduraensis supplicationis libellum 1 Maii* 1853 *in toto subscripsit.=*»

Se o Arcebispo Torres era schismatico, archi-schismatico; se a eleição do Vigario Capitular, que lhe succedeo, era contraria aos Canones, e inteiramente nulla; se a Santa Sé era censurada pelos Vigarios Apostolicos por ter approvado uma tal eleição de um schismatico; como he que o successor do mesmo Vigario

a conclusão do artigo do *Boletim* se realise, isto he= que o schisma tenha acabado nos dias 3 e 4 de Dezem= «bro de 1859 na Igreja de *Bom-Jesus*, aos pés do glorio-

Capitular, eleito pela mesma forma, possuido do mesmo espirito, he canonico, e *legal*?—Como he que o substituto deste Vigario Capitular, que delle recebeo todos os poderes, não he schismatico, e por tanto he perfeitamente legitimo communicar com elle ainda em materias espirituaes, como o Illustrissimo Canoz communicou?—Não sabemos responder, porque a tanto nos não ajuda a distincção proposta pelo Illustrissimo Canoz.

Da cabeça desçamos aos membros, e vejamos se os factos mudam de natureza.—No dia 3 de Dezembro de 1859 celebrou a Missa, a que assistio o Illm.º Canoz, o Muito Rd.º Conego da Sé Primacial, Joaquim Antonio do Rozario.—Este Sacerdote foi Missionario nas partes do Sul, e ahi exerceo jurisdicção conferida pelo Prelado Goano, depois da promulgação do Breve *Multa Praeclara*, e outros semelhantes Decretos.—Recolhendo a Goa foi Secretario do Arcebispo Torres, e o ajudou na porfiada lucta que este Prelado sustentou contra os defensores daquelles Decretos.—E todavia o Reverendo Conego Joaquim Antonio do Rozario não he schismatico, e por tanto he perfeitamente legitimo communicar com elle, ainda em materias espirituaes, como o Illm.º Canoz communicou.

Em outras cadeiras de cabido se sentavam, e na mesma Igreja celebravam actos religiosos, Ecclesiasticos que igualmente tem exercido contra os allegados Decretos, e actualmente exercem jurisdicção fóra dos territorios Portuguezes; e todavia não são schismaticos; e portanto he perfeitamente legitimo communicar com elles, ainda em materias espirituaes, como o Illm.º Canoz communicou.

Ainda mais.—He Thesoureiro-Mór da Sé Primacial, e ao presente a sua primeira Dignidade, o Muito Reverendo Antonio Marianno Soares.—Vigario da Igreja de N. Sr.ª da Gloria de Mazagão em Bombaim, e Vigario Geral do Norte.—Este Sacerdote está, e sempre tem estado, em perfeita communhão com o Prelado de Goa, com o Cabido da Sé Primacial, e com todo o Clero Goano.—Se nesse dia estivera presente, occuparia a primeira Cadeira do Cabido, e presidiria á cerimonia, como presidio no dia 8 de Janeiro, no qual celebrou a Missa solemne, e praticou todos os mais actos, que ao seu lugar competem.—Mas he este um dos Ecclesiasticos,

« so São Francisco Xavier, Apostolo, Denfensor, e Pa-
« trono da India. = Esta minha cara esperança he
agora reforçada pela conclusão da Concordata entre Sua

---

a quem o Breve *Probe Nostis* suspende *á divinis*, e ha por schismaticos, e separados da unidade catholica, se entre dous mezes se não retractassem, e de feito não se retractaram.—Todavia não está suspenso, nem he schismatico; e por tanto he perfeitamente legitimo communicar com elle, ainda que seja em materias espirituaes, como o Illm.º Canoz communicou, ao menos virtualmente.

Sendo estes os factos, e sendo o procedimento do Illm.º Canoz aquelle que foi; ou a sua distincção não he tão evidente como se lhe affigura, e elle communicou com os schismaticos; ou o schisma he uma invenção de quem esta cegado pelo prejuizo.—Salvo se o Illm.º Canoz quer dizer que o territorio de Goa he um asylo impenetravel aos raios do Vaticano; porque estes não só não attingem aos que daqui mandam e sustentam os Padres nas Missões não sujeitas á jurisdicção Goana, contra as positivas ordens da Santa Sé; mas até perdem todo o seu vigor logo que os que delles são feridos lá fora cruzam novamente as raias do territorio Portuguez, ficando assim por um modo estranho absoltos das censuras, e relevados da nota de schismaticos, com que até aquella hora gemiam oppressos.—Doutrina na verdade nova, e que nós duvidariamos acceitar, se não viera a lume com o sello da respeitavel auctoridade de Sua Illustrissima.—Mas sob esta auctoridade a acceitamos tanto de mais bom grado, quanto a mesma doutrina hade sem duvida levar a tranquilidade e a segurança a muitas consciencias timoratas e vacillantes.

Por ultimo julgamos do nosso dever não concluir esta, posto que já mui extensa, *Nota*, sem declarar que os encomios, que ousámos dirigir á pessoa do Illm.º Canoz, longe de serem immerecidos, como á modestia de Sua Illustrissima parecêo, os achamos plenamente merecidos, e aqui os ratificariamos, se necessario fosse. —Por quanto alguma divergencia, que possa haver entre nossas opiniões, não he bastante para nos encobrir o conhecimento das prendas, e virtudes, que ornam a Sua Illustrissima pessoa; sendo ainda os actos, que Sua Illustrissima praticou em Goa, uma cabal prova de quanto os sentimentos benevolos do seu coração, e o seu genio cortez e agasalhador, prevalecem sobre os rigores logicos de seus principios abstractos.

Magestade Fidelissima D. Pedro V, e Sua Santidade o Papa Pio IX.—*Assim seja! Assim seja!*—(Ps. XL. 14.)

(Bol. n.° 5 de 1860 p. 26.)

N.° 30.

Portaria prorogando a exposição até 8 de Janeiro.

O Governador Geral do Estado da India determina o seguinte:

Tendo ido em continuado acrescentamento a concurrencia dos devotos a venerar o corpo de S. Francisco Xavier; e não sendo de esperar que no dia 1.° de Janeiro proximo futuro esteja satisfeita a anciedade publica: Hei por conveniente, com o voto do Muito Reverendo Governador do Arcebispado Primacial, prorogar a exposição do corpo do mesmo Santo até ao dia 8 do proximo mez de Janeiro: transferindo-se para este dia as cerimonias que no respectivo Programma estavam designadas para o dia 1.° dito mez. As Authoridades, a quem competir assim o tenham entendido e executem.—Casa de S. Caetano na Cidade de Goa, em 25 de Dezembro de 1859. —O Governador Geral, *Visconde de Torres-Novas* (348).

(Supplemento ao Boletim n.° 100 de 1859.)

(348)—Houveram muitos pedidos, e ainda projecto para prorogar por mais alguns dias a exposição assim por não estarem satisfeitos os desejos dos devotos, como para dar tempo aos que se sabia vinham em caminho por mar e terra de longes terras; mas os trabalhos dos 37 dias decorridos tendo excessivamente fatigando o Rd.° Governador do Arcebispado, que poucos dias depois veio a fallecer, os Membros do Cabido, a Clerezia, a Tropa, e as Orchestras, e seguindo-se logo a exposição industrial, não teve lugar a protendida prorogação.

N.º 31.

Noticia da exposição publicada no Bombay Times and Standard.

No *Bombay Times and Standard*, de 9 de Janeiro, lê-se o seguinte:

S. Francisco Xavier.

Senhor!—O que vou a dizer he o que pude colligir de varios cavalheiros, que regressaram de Goa a bordo do vapor *Victoria* na noute de 3 do corrente, depois de estarem algum tempo naquelle lugar.—Posto que ouvi a cada um em separado, as suas asserções são uniformes em quanto aos pontos materiaes, a saber, que a concurrencia de estrangeiros a Goa he de quasi toda a India.—Gente de Bengala, Agra, Madrasta, e Presidencia de Bombaim alli se encontra com o fim de visitar o afamado corpo de S. Francisco Xavier.—Que nos seis dias anteriores á partida do vapor mais de 26 embarcações, vapores, brigues, patamares, hotes &c. entraram naquelle porto com homens, mulheres, e crianças para assistirem á festa.—Que um estrangeiro que desembarque em Pangim não carece de perguntar qual seja o caminho, ainda que o Convento do *Bom-Jesus* na antiga Cidade seja distante de Pangim 16 (aliás 6) milhas, porque todos os caminhos, que se dirigem áquelle Convento, estam constantemente atulhados de povo desde pela manhã até á noute.—Que a Igreja do *Bom-Jesus* he capaz de admittir milhares de pessoas; e que estando toda cheia de gente que visita o Santo, o silencio e ordem que todos espontaneamente guardam he cousa para admirar.—Que individuos de todas as castas e crenças.—Hindus, Parses, Mogoles, Arabes, Judeos, Christãos, Catholicos, e Protestantes, Moplás, Chinezes, &c.—são vistos simultaneamente no templo visitando o corpo do Thaumaturgo.—Que o numero dos visitantes orça por

5 e 6 mil cada dia.—Muitos destes vem de pontos distantes da India; e repetem suas visitas duas e tres vezes antes de sair de Goa.—Que em consequencia do diario accrescentamento do numero dos visitantes o periodo da exposição do corpo se prorogou até 8 do corrente. —Varias repentinas, e extraordinarias curas se diz terem tido lugar no templo em visitantes que padeciam de paralysia, e outras enfermidades chronicas; mas abstenho-me de dar conta particular destes casos até que os factos sejam authenticados pela competente auctoridade.

A Exposição industrial começará a 12 do corrente.

Bombaim, 6 de Janeiro de 1860.

Um morador.

(Bol. n.° 5 de 1860 p. 32.)

N.° 32.

Noticia da Exposição publicada no Bmbay Catholic Examiner.

No *Bombay Catholic Examiner*, n.° 2, de 14 de Janeiro, lê-se o seguinte:

—Um Catholico Irlandez, residente n'uma estação fóra de Bombaim, escreve a um amigo desta Cidade.—Fiz uma digressão a Goa para ver S. Francisco Xavier, e tenho muito gosto em vos enviar a inclusa fita, a qual foi tocada no sagrado corpo, e ha a medida exacta do comprimento delle.—Não me intrometto a dar-vos narração do que alli vi, porque a discripção dada pelo Bispo no ultimo *Examiner*, vos dará clara idéa de tudo quanto alli ha digno de ver-se, melhor do que eu fária. —Algumas Igrejas são excessivamente bellas; e em quanto á sua amplidão, nunca vi na nossa patria ou na India cousa que com ellas se possa comparar.—A Cathedral de Mazagão poderia caber muito folgadamen-

te em algumas, especialmente na Igreja de Todos os Santos, que tem quinze altares (a), cada um dos quaes em uma Capella mais larga do que a Capella do Forte (b), e magnificamente decorados com ouro, prata, e pedras preciosas de grande valia.—Ainda quando em Goa não estivera depositado o corpo de S. Francisco Xavier, valia bem a pena de qualquer pessoa fazer uma digressão alli, só a fim de ver as Igrejas.—Nova-Goa, 12 milhas (c) mais proxima do mar do que a antiga Cidade, fez-me lembrar a nossa patria.—Nenhuma das sujas e immundas Cidades da India, se lhe pode comparar de forma alguma e parecer-vos-hia estar em alguma Cidade de nossa Irlanda, com a differença de ouvirdes fallar Portuguez em lugar da nossa cara lingua materna.=(Vid. a not. 317 a p. 394.)

(Bol. n.° 6 de 1860 p. 39)

N.° 33.

Portaria nomeando uma Commissão para colligir e examinar canonicamente os factos maravilhosos que se proclamavam.

ARCEBISPADO DE GOA.

Caetano João Peres, Cavalleiro da Ordem de Christo, Mestre-Escola da Sé Primacial, Desembargador da Relação Ecclesiastica, Provisor e Governador Interino do Arcebispado Metropolitano de Goa, e Pri-

---

(a)—O auctor parece referir-se á Cathedral; a qual tem a invocação de Santa Catharina, e não de Todos os Santos.

(b)—Em Bombaim.

(c)—Alias—6 milhas.

macial do Oriente, pelo Exm.º e Rm.º Arcebispo Primaz Eleito D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, e Vigario Capitular do mesmo Arcebispado.

A todos os que esta minha Provisão virem saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo.

Apregoando a fama publica muitos factos portentosos, entre os quaes sobresahem curas promptas, permanentes, e assombrosas, obradas pelo simples beijo dos pés do Glorioso S. Francisco Xavier, durante a Exposição do seu venerando corpo desde 3 de Dezembro proximo findo, as quaes passam por milagrosas; e sendo do dever do Prelado verificar juridicamente a veracidade de taes factos, e da sua qualidade de milagrosos, fui servido mandar publicar no Boletim do Governo deste Estado n.º 2 de 7 do corrente mez, um annuncio a este respeito; e usando da authoridade que me compete na qualidade de Governador do Arcebispado Primaz, coadjuvado nesta diligencia pelo Illm.º e Exm.º Sr. Governador Geral Visconde de Torres-Novas, em consequencia do meu Officio de 3 do presente mez: Hei por conveniente nomear uma Commissão composta do Dr. Antonio Felippe Lourenço, Desembargador da Relação Ecclesiastica, d'um dos Membros da Junta de Saude Publica que fôr indicado pela mesma Junta; do Rd.º Conego Martinho Antonio Fernandes, Promotor de Fé e da Justiça Ecclesiastica, do Rd.º Conego Joaquim Antonio do Rozario, e do P.º Caetano Xavier de Abreu, morador em Pangim, para receber a relação de todos os factos milagrosos, que forem noticiados em consequencia do dito annuncio, com todos os documentos e esclarecimentos relativos; proceder ao exame do estado anterior, e actual das pessoas que se apresentarem como curadas milagrosamente, a fim de se formar a base do processo juridico da verificação dos milagres apregoados; devendo servir o pri-

reiro do Juiz Commissario Preparador e Relator da presente causa, que hade ser julgada n'uma Junta de Theologos por mim presidida; o segundo de Facultativo e pessoa habilita para opinar *pro veritate facti* no curso do processo; o terceiro de Promotor da Fé para oppor o que achar justo e conveniente em razão do seu officio; o quarto para promover a causa, allegando provas e documentos a favor da mesma, ficando facultado para nomear um Medico-Cirurgião legalmente habilitado para o coadjuvar; e o quinto de Escrivão e Vogal da Commissão, e que deverá tambem escrever no processo.

O Rd.º Juiz Commissario fica authorisado para mandar citar as testimunhas apontadas e referidas, corresponder com as Authoridades, e sollicitar os documentos que julgar precisos.

E para que chegue ao conhecimento de todas as pessoas nomeadas e que tem relação com estes processos, mandei passar esta sob o meu sinal e sello das Armas do Illm.º e Rm.º Cabido.

Goa em Bom-Jesus, aos 5 de Janeiro de 1860.—Eu Antonio João Affonço 1.º Official da Camara Pontificia, servindo na Secretaria do Governo deste Arcebispado a fiz e subscrevi.—O Governador do Arcebispado, *Caetano João Peres*.

(Bol. n.º 18 de 1860 p. 131.)

N.º 34.

Annuncio convidando os agraciados para darem os precisos esclarecimentos a dita Commissão.

Havendo nos a Divina misericordia liberalisado, du-

rante a presente Exposição publica do veneravel corpo do nosso Padroeiro S. Francisco Xavier, os effeitos da sua infinita bondade nas Graças e favores que por sua poderosa intercessão tem concedido aos seus devotos, em muitos factos prodigiosos, entre os quaes sobresahem algumas curas promptas e permanentes, e que pelas suas circunstancias se podem classificar como sobrenaturaes; e cumprindo-me, para maior Gloria do dito nosso Santo Patrono, mandar examinar estes prodigios para extremar, segundo as regras da Sam Critica Theologica, os que forem verdadeiros dos duvidosos e falsos: Faço saber ao publico que de combinação com S. Ex.ª o Ilm.º e Exm.º Sr. Governador Geral, tenho nomeado uma Commissão para o referido exame, a qual funccionará desde o dia 10 do presente mez n'uma das Salas da Casa Parochial da Igreja de Pangim das 10 horas da manhãa até ás 2 da tarde.—Convindo por tanto e rogo a todos os que exprimentaram por intercessão do Grande Apostolo algum beneficio extraordinario, que se possa classificar por milagre ou Graça, se apresentem perante a dita Commissão com todos os meios que possam servir de base para o referido exame, taes como tres ou quatro pessoas idoneas que conheçam ao individuo beneficiado, o seu estado anterior ao curativo obtido, preferindo-se entre estas pessoas ou testemunhas os Facultativos que trataram do enfermo curado; etc.—Sendo os beneficiados de menor idade serão acompanhados dos seus maiores ou aquelles a cujo cargo ficam.—Os Rd.os Parochos darão deste annuncio noticia as pessoas que na Freguezia obtiveram estas Graças do Glorioso Santo Xavier, e lhes persuadirão a que não faltem de vir apresentar se á mencionada Commissão e quando estas pessoas sejam inteiramente destituidas de meios lhes subministrarão o que se julgar rasoavel, dando-me disto conta para os indemnisar.—E para que chegue ao conhecimento de todos com a maior brevidade, será communicado pelo Boletim do Governo.—Goa, em

Bom-Jesus, 5 de Janeiro de 1860.—O Governador Archiepiscopal, *Caetano João Peres* (349).

(Bol. n.º 2 de 1860 p. 8.)

N.º 35.

Sermão do dia do encerramento da exposição do corpo de S. Francisco Xavier na Domingo infra-octavam da Epiphania.

Quid est, quod me quærebatis? Nesciebatis, quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?

Porque afflictos vem me buscar? Não sabieis, que me convém primeiro cumprir, o que he de meu Pai? S. Luc. c. 2.

Illm.º e Exm.º Sr.!—Dos gloriosos nichos de immortalidade vejo descer entre os esplendores santos a virtude soberana, virtude evangelica; no meio do templo santo havemos recebido a misericordia do Senhor: graças á Munificencia Real; graças ao Exm.º Chefe do Estado, a cuja piedade e religião devemos este rico presente. Deos o abençoe.

Temos a ventura de ver com estes nossos olhos coroado de lauréis de santidade aquelle varão bem-aventurado, hoje engolfado no gozo do Senhor na feliz mansão dos justos, fazer raiar sobre este precioso thesouro, que possuimos, a gloria, que o cerca nos Ceos; aquella magestade e alteza, de que he revesti-

(349)—Um outro annuncio igual a este foi publicado pelo Rd.º Antonio José Pereira, que succedeu no governo do Arcebispado ao Rd.º Peres, na data de 3 de Março deste mesmo anno; no Bol. n.º 18 de 1860 pag. 132.

do ao pé do throno de Deos das virtudes, aquelle poder soberano, que Deos justo, seguro depositario das gloriosas fadigas do seu Apostolado, confere com a dextra omnipotente ao seu leal servo: poder, magestade, gloria, que durará pelo seculos de eternidade.

Digo o immortal Francisco Xavier; e o tenho assaz elogiado: qual astro do dia, que na expressão do Salmista *surgindo do aureo leito* afasta as trevas da noite, abre carreira ao alegre dia, e faz passo de gigante de um polo a outro; assim o incomparavel filho de Jasso, e Xavier, nascido pelo Decreto de Providencia no mesmo dia, que o heroe Portuguez partio de Bastello para levar a gloria da Nação ao famoso theatro do Oriente, veio o incomparavel Francisco Deixar um pé na Europa a edifica-la maravilhando com o esplendor das suas virtudes, e fazer passo gigantesco a Índia, China, Japão, como farol evangelico para illuminar, acalorar, e fecundar este vasto campo do Senhor com um milhão e duzentas mil cepas, cultivadas com a poderosa influencia de graça, e regada com o suor do seu rosto.

E haverá um só homem sensivel, a quem o bronze não fundio o peito, que não beije os seus abençoados pés, banhando-os com lagrimas de amor e gratidão? Exclamo no emphase de S. Paulo *o ut quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!* oh que abençoados os pés dos que evangelisam a paz, nos trazem venturas permanentes! Rom. 10.

E se todos os dias foi mais que justo derramarem os fieis aos pés do Santo os seus corações, hoje quaes saudosos povos de Mileto na solemne, mas triste despedida de Paulo, em tropel as Nações, o respeitavel Senado, os Principes, e os Grandes vem cahir ao collo do seu amado Apostolo, e banha-lo com lagrimas de amor; presurosa se estreita no recinto deste memoravel templo a India, porque não mais verá talvez a face do immortal Xavier a quem deve a sua salvação, e toda felecidade: que gloria da virtude!

Digo virtude modelada sobre o Divino Exemplar, o Menino Deos, que sacrifica hoje, e que tem de mais caro na terra, as lagrimas da Sacratissima Virgem Mãe, dizendo *« quid est, quod me quærebatis? »* virtude desinteressada, sublime, *soberana*, que Francisco imita, e he glorioso na terra 1.° p.—Virtude *evangelica*, que para maior gloria de Deos obra tudo pelo bem da humanidade *« nesciebatis, quia in his, quæ Patris mei sunt oportet me esse? »* e he bemaventurado nos Ceos 2.° p.

Santo Apostolo da India, que a nos sentados nas sombras da morte trouxestes o lume da revelação; e inflammado no amor de Deos e dos homens vos sacrificastes na ara de caridade de fadigas Apostolicas: eu vos peço uma centelha de nosso coração incendido para abrasar em ardentes desejos de virtude os peitos christãos que havieis criado.

1.° Ponto. Quanto he difficil e custoso o sacrificio de renuncia, penas, e trabalhos, a que se entrega o illustre filho de Jasso e Xavier para ganhar a preciosa perola, a virtude desinteressada, sublime, soberana? *« valde laboriosum est »* diz S. Gregorio.

Nascido na opulencia, enfaixado na rica tela, abeis Francisco olhos a grandeza, vê em torno de si a pobreza, postos eminentes, fortuna risonha; a sua educação he igual ao seu nascimento; possue talento, que floresce na Academia de Paris, brilha na tadeira, quanto he difficil á mocidade deliciosamente nutrida largar a estrada semeada de flores, e tomar a estreita e espinhosa vereda, que conduz a virtude e merito so digno de honra e gloria? Quantos ainda menos favorecidos de fortuna, quaes Israelitas cobardes recuam pelas portas da Terra Santa estremecidos com o panico dos gigantes, que soubem? Mas não.

Francisco apenas tocado de graça por Santo Ignacio, ao clarão da luz celeste nos olhos nos Ceos, e qual outro Paulo prestes renuncia á carne e sangue *« continuo non acquievi carni, et sanguini »* Galat. 1. Grande

immortalidade! Só o teu alegre pensamento póde exaltar um coração terrestre, e lhe fazer ver o caduco da figura do mundo, que passa! E que heroismo!!

Sahe Francisco trocando a gala rica em pobre roupeta, o precioso cinturão em duras amarras, que lhe inchão as carnes, inflammam montando altas geladas penhas; lastimoso espectaculo! Chaga incruavel! Um milagre só pôde conservar á nos Indios esta vida preciosa ante as portas de Venesa; e podia não ser o incomparavel Santo uma lucerna ardente para espalhar até a Capital do orbe Catholico os fulgores da sua eminente virtude?

Então cumprida a palavra do Evangelho «*sint lumbi vestri praecincti, et lucernae ardentes in manibus vestris*» S. Luc. c. 11. resplandece o Santo na casa do Senhor em santidade e justiça; no hospital dos Invalidos he consolação ao afflicto, soccorro ao desgraçado, companheiro da miseria, e morte, faz portentos de caridade hoje 8 de Janeiro, que por um feliz pensamento conclue o piedoso espectaculo, fazendo epocha em Goa: digo caridade desinteressada «*quae non quaerit quae sua sunt*» Ep. 1. Cor. c. 13 vivendo do pão de esmola o grande Mestre Francisco, homem de tão alta reputação; «Deos! quanto exaltaes os humildes de coração!!

Arrebatado Govea de ver esta tocha flammejando virtudes, informa ao seu pio e religioso Soberano o Sr. D. João 3.º, que alcança do Santo Padre Paulo 3.º a excelsa graça, a que he devido possuirmos este farol do Oriente, cuja ardente chamma passados hoje mais de tres seculos abrasa corações, que animando as ruinas desta cidade, tão famosa na historia, vem postar-se mais de um mez aos pés do amado Xavier entre os hymnos, e canções: e não he digno de ser corôado de honra, e gloria tão alto merito? Ser revistido de alta dignidade de Nuncio Apostolico?

Mas o grande heroe de Xavier longe de se infatuar com

tão eminente dignidade, vê os perigos do Apostolado, o desprezo: os opprobrios, e affrontas, que tem a devorar: embora: atravessar mares, que o brio e valor portuguez decantado, e digno de o ser, apenas tem sulcado; não teme: intrepido Xavier, animado de virtude sublime, desinteressada, soberana, postergá as illustres Personagens da sua nobre familia, que saudosos o esperam a despedir, dizendo apos o Divino Mestre o bom discipulo «*quid est quod me quæretis?*» porque saudosos me buscaes? Toma cajado, uma pobre loba, um breviario, este grande Nuncio, este varão divino, e apostolico, tão respeitado dos nossos Augustos Soberanos, adorado pela sua eminente santidade, com que brilhou em Lisboa; embarca-se em Nao Capitania: mas quando falta campo vasto a caridade christãa?

Incançavel o Santo em pregar, doutrinar, e reformar sobre a coberta; medico, amigo, servo da tripulação nas suas enfermidades falla com a sua benevolencia mais eloquente, que pelos discursos elaborados; dormindo sobre a mortificante amarra prega, maravilha, converte «*facit, et docuit*» Math. 5. Com esta provisão de abundante oleo de caridade podia não se accender este lampadario na casa do Senhor? Podia não ser posto alto do Santuario para illuminação das Gentes? Admira, que elle sobranceiro tivesse superado as furiosas, e encapeladas ondas do Cabo? Não havia de resplandecer como astro da justiça e santidade em Moçambique? Triunfar dos poderes horrendos em Melinde!

2.° P. Ateado então o fogo de caridade no peito do Divino Francisco pela effusão de Espirito Santo, respirando incendio e chammas do amor de Deos e dos homens poem os seus benditos pés na India: feliz dia, gloriosa epocha! «*Benedictus, qui venit in nomine Domini*» abençoado quem vem em nome do Senhor: desde já o Oriente muda a lugubre veste de barbara idolatria, da tyrannia de paixões, erigidas em Divindades, respi-

ra a liberdade de Santa Sião; que digo! O cego Paganismo, o fanatico Islamismo irrita-se, brame, morde-se, desembainha o alfange para esquartejar o Ministro de Deos, que o vem combater, e vencer.

Sim; mas o immortal Xavier, Ministro de Deos da paz, todo mansidão, candura, beneficencia, mettido como ovelha entre os lobos vorazes, não respira, se não o amor da humanidade; á todos abre o seu coração cheio de bondade e compaixão: longe deste peito illibado de candida pomba o sordido interesse, a refalsada hypocrisia, o barbaro fanatismo: modelado sobre o Divino Mestre, que hoje para cumprir com a sua missão todo se emprega no bem da humanidade para maior gloria de Deos, e diz «não sabieis, que me cabe primeiro executar, o que he de meu Pai?»: verdadeiro assecla do Apostolo das Gentes, feito tudo á todos ganha corações, nelles reina prendendo-os com doces laços de amor; e quem pode resistir á um varão assim formado? á este attractivo irresistivel?

Vereis o grande Mestre Francisco trocando os soberbos paços pelos horriveis hospitaes, e enfermarias; os seus illustres amigos pelos pobres pescadores, enfermos, ulcerados em Goa, na Costa de Pescaria, em Travancor; não tendo outra companhia, que a miseria e a morte: então o seu merito falla mais alto, que o brado da sua voz, e o som das campanas: os Ceos enarram a sua gloria, e os astros de noite passam um a outro a senha das suas fervorosas orações, das lagrimas correntes, das suas disciplinas de sangue, que attrahem benções dos Ceos sobre os enfermos a curar, mortos a resuscitar, Quinas Portuguezas a fazer triunfar em toda parte. «*nox nocti indical scientiam*» Salm. 18.

Não são loquelas, nem sermões que não sejam ouvidos; em toda a parte se propaga a fama da sua eminente santidade; ante a sua face radiante precede o glorioso pendão da sua justiça, e misericordia na expressão de Isaias c. 58. a sua humanidade, beneficencia, cordera

são mais eloquentes, que todas linguas, e por todos entendidas; até a miseria, a perdição, e a morte alto proclamam, e dizem, nós ouvimos a sua fama « *perditio, et mors dixit, nos audivimus famam ejus* » Job. c. 28.

E he para admirar, que o Divino Francisco tenha convertido milhares? se ache com braços fatigados em baptisar desde nascer do Sol até a volta da noite? que tenha ganhado para os Ceos mais almas em dez annos do que a heresia assanhada roubado por quinze seculo? que elle tivesse curado os enfermos, e resuscitado os mortos? convertesse aguas salsas em doces para salvar quinhentas vidas? que ate hoje atravessando tres seculos depois de fallecido vejamos, que os cegos vem, os coxos andam, os enfermos se curam, bejando os seus pés ante o tumulo glorioso que o expoem? Que gloria da virtude!

A feliz Goa, o Malabar, a China vê o immortal heroe de Xavier, tão abalizado Apostolo, Filho de tão nobres Paes pizando legoas a pé descalço, e ensanguentado; dormindo na terra a rigor de estação, e calor, atravessando em chalupas bravos mares, enxugando aqui lagrimas aos infelises, ahi consolando aos desgraçados, vivendo do pão de caridade em toda parte!! que lagrimas verteremos de amor a vossos pés! com que effusão de coração os bejaremos, glorioso, amado Xavier?

Nas Indias cahiamos prostrados aos pés de pedra e pão, adoravamos paixões divinisadas, e elle nos trouxe o lume da revelação; eramos escravos sob o jugo da servitude do peccado, e elle despedaçou os nossos grilhões; pagãos em costumes, e elle nos reformou apos as Bandeiras Portuguezas, que nos civilisaram: que retribuiremos por tanto, que se afadigou por nós, e morreo isolado na Ilha de Sanchão para nos salvar? « *Calicem salutaris accipiam... et sacrificabo hostiam laudis* » Salm. 115. tomarei o calix de salvação, e sacrificarei a hostia de louvor, reunindo a minha fraca voz com os melodiosos hymnos celestes da Patria dos

immortaes, onde vive o incomparavel e glorioso Santo engolfado no gozo do Senhor: que gloria da virtude! deste Moises do antigo Testamento, e Taumaturgo do Novo!

Tivesse linguas cem, não poderia enunciar ainda aquelle magnifico triumpho, aquella pompa celeste, que acompanha o seu radiante carro levando apos si em applausos gloriosos trofeos, que ganhou em Japão, Molucas, Ulate; em Malaca, Travancor, Melinde: que poderoso Advogado nosso! que Patrono, e Defensor do Real Padroado; e poderão contra elle prevalecer os poderes das trevas, e seus embustes?

Apparecei glorioso Santo Apostolo no meio deste sagrado templo rodeado de esplendores santos, coroado de honra e gloria celeste, revestido da estolla de immortalidade: eis a gloria da virtude, bella e amavel, quando sabe ganhar corações, e nelles reinar; candida e formosa, quando he sincera, benefica, desinteressada segundo o Evangelho! Em sua respeitavel presença, e magestosa gloria desapparecem os espectros politicos, as manobras da injustiça, a oppressão da prepotencia, que pode esmagar, mas não avassallar o nobre coração do homem, que só intende a lingoagem da beneficencia, se rende ao seu bem: duvides? Reflecti.

Quem anima hoje depois de tres seculos este theatro de gloria Lusa? Quem faz povoar esta Jerusalem desolada, cujas estradas como de Sião lamentavam, porque não havia, quem passasse por ellas? Quem desperta hoje a piedade, e religião do grande e pequeno, rico e pobre, moço e velho para vir de longuinquo com trabalho, e fadiga a cahir aos pés do Santo e glorioso Apostolo da India? A sua caridade e beneficencia, desinteressada e soberana, evangelica, e verdadeiramente philantropica.

Sim « *in memoria æterna erit justus* » Salm. 111 o tempo roe os marmores, e derriba as columnas, murcha os louros, dessecca as palmas, a maior memoria se apaga,

se perde convertida em triste esquecimento; mas a memoria do justo he eterna: Deos com a sua dextra omnipotente a sustenta; elle conserva os seus restos mortaes « *custodit Dominus omnia ossa eorum* » Salm. 33. para veneração, culto, e gloria da virtude; e vós glorioso amado Apostolo a nos despedir? « *Magnus factus est* » Act. 20.

Entre as emoções de gratidão, e respeito por tantos, e tão custosos sacrificios, a que devemos a salvação do Oriente, a gloria da Nação, a Victoria do Padroado, ainda completa durante a Exposição, o poder, e exaltação do throno, a paz e felecidade de Goa, em que vivemos, e somos, prostrados com lagrimas de amor vos pedidos, Santo Apostolo, que na expressão de S. Bernardo seguro da vossa immortalidade sois solicito da nossa: abençoai ao nosso amavel e augusto Soberano; o glorioso nome de Pedro 5.º seja estampado nos corações dos seus subditos, que accolho como sua propria familia: afastai da Real familia todos acontecimentos tristes; seja feliz na estrada de permanentes venturas: restaurai os gloriosos tempos da Nação Portugueza tão decantados, e dignos de o ser; fazei reviver sob o Exm.º Chefe do Estado, os dias de Albuquerque, Castro, e Alvor, tão famosos nas paginas da historia: protegei e defendei o innumeravel devoto povo, abençoai estes filhos do vosso amor, que ha mais de um mez com lagrimas vos supplicam benção, e hoje prantean na despedida: e sob o Exm.º Pastor, que nos rege, animai a fé, restabelecei a caridade, a virtude reine em todos os corações; esta a vossa victoria, nossa felecidade e gloxia.

Disse

P.º *Antonino José Nicolão Barreto*, Dezembargador da Relação Ecclesiastica.

(Do Original).

N.º 36.

Relatorio do Boletim ácerca do festejo da Exposição.

NOTICIA DA EXPOSIÇÃO

DO VENERAVEL CORPO DE

S. FRANCISCO XAVIER,

DESDE 3 DE DEZEMBRO DE 1859

ATÉ 8 DE JANEIRO DE 1860.

A indiscreta facilidade, com que antigamente se fazia patente o corpo do Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, obrigou a El-Rei de Portugal a que por carta de 2 de Abril de 1755, dirigida ao Vice-Rei Conde da Alva, ordenasse que dalli em diante se não abrisse o caixão, em que se guarda aquelle veneravel corpo sem especial ordem sua, não se admittindo intelligencia ou interpretação della por motivo algum, nem ainda favor de pessoa alguma, posto que fosse da mais alta qualidade, ou do mais elevado caracter e emprego.— Todavia passados alguns annos os Governadores do Estado (Arcebispo D. Antonio Taveira Brum da Silveira, o Chanceller João Baptista Vaz Pereira, e o Vedor da Fazenda D. João José de Mello) allegando ter chegado ao seu conhecimento que em mãos particulares paravam algumas chaves semelhantes ás que elles tinham do cofre; e achando que este necessitava de uma boa e melhor custodia; e tambem que a Capella precisava de mais luz, e algum concerto, abriram particularmente o cofre, e disso deram conta a El Rei por carta de 9 de Fevereiro de 1768; e Sua Magestade por outra carta sua de 17 de Abril de 1769, dirigida a D. João José de Mello, já então unico Governador do Estado, approvou

o que os ditos Governadores haviam obrado a este respeito, e ordenou que o Governador actual lhe désse uma conta exacta do estado, em que o sagrado corpo do Glorioso Santo se achava, a cujo exame deveria somente ir o Arcebispo Primáz, elle Governador, os Provinciaes de S. Francisco e S. Domingos sem companheiro algum, e aquelle Ecclesiastico, que o Arcebispo achasse ser mais capaz para fazer o Termo; devendo todos guardar o mais inviolavel segredo.—Cumprio-se esta ordem regia, e em Carta de 11 de Fevereiro de 1770 enviou o Governador a El-Rei o exigido Termo, o qual o mesmo Governador diz não ser tão claro e especifico, como elle desejava, e de que não resu copia ou trasiado nos archivos de Goa.—Chegado o anno de 1780 o Padre Antonio Luiz dos Santos, da Congregação da Missão, e Reitor do Collegio do Chorão, representou a Sua Magestade quanto seria conveniente mostrar-se ao publico o corpo do Santo, referindo ser antigamente costume mostrar-se com toda a solemnidade. —Nós porém não temos achado deste allegado costume menção, nem documento algum fidedigno; antes toda as noticias anteriores nos levam a crer que o venervel corpo sempre se mostrava sem publico apparato. —Talvez o Rd.º Reitor do Chorão tomou por exposições publicas e solemnes o que não passava de acções privadas, posto que mui devotamente praticadas.—Seja porém como fôr, he certo que a Rainha D. Maria I, attendendo á sobredita representação do Reitor do Chorão, mandou por ordem sua de 4 de Março de 1781, ao Governador D. Frederico Guilherme de Sousa, que examinando-se primeiramente o corpo, ou reliquias do Santo, e o estado em que se achavam para se poderem mostrar aos povos com a devida decencia, e não se considerando inconveniente em se renovar a dita acção se praticasse ella na mesma forma que antes se observava.—Clausula esta, que foi lançada na ordem regia no fundamento de ser exacta a informação do Reitor do Cho-

rão em quanto ao costume de dar apparato solemne a semelhantes acções.—Em virtude desta ordem o exame do corpo foi feito no 1.º de Janeiro de 1782, e consta do Auto de abertura, que se acha estampado no *Boletim* n.º 80 do anno de 1859.—Designaram-se para exposição solemne os dias de entrudo, 10, 11, e 12 de Fevereiro de 1782, e della dá conta o Governador a Sua Magestade em Carta de 14 de Março desse anno, referindo que o corpo do Santo se conduzio com solemne decencia da Capella e Tumulo, em que se achava, para o meio do cruzeiro da Capella-mór para um portotipo (assim se exprime o Governador) em competente altura, que lhe mandou construir; pondo-se nella a mesma decente caixa, em que estava o corpo, que ficou resguardado com o caixilho de vidraças, que elle Governador mandou fazer para ser bem visto, e não o expor a alguma indiscreta devoção.—O Governador Geral Visconde de Villa Nova de Ourem, dizem, que desejou repetir a exposição do veneravel corpo, mas distrahido com outros negocios do Estado não proseguio na ideia.

Estava reservado ao Illm.º e Exm.º Sr. Governador Geral Visconde de Torres-Novas renovar aquelle empenho, e realisar nova exposição, 77 annos depois da proxima antecedente de 1782.—Neste intento em Officio de 28 de Maio do anno preterito de 1859 requereo S. Ex.ª a Sua Magestade permissão para a desejada exposição e Sua Magestade foi servido concedê-la em Portaria de 11 de Julho do mesmo anno (*Boletim* n.º 64), prevenindo que S. Ex.ª devia tomar as necessarias providencias não só para que os venerandos restos do Apostolo da India não soffressem damno algum, como para que na numerosa reunião de fieis, que devia concorrer á mencionada exposição, se conservasse a melhor ordem possivel.—Ordenava mais Sua Magestade, segundo a proposta de S. Ex.ª que a exposição começasse no dia 3 de Dezembro dedicado á festa do mesmo Santo, e se prolongasse pelos dias seguintes.—Recebida esta or-

deu dispôz S. Ex.ª como acto preliminar fazer authentica abertura do caixão, que encerra o veneravel corpo do Santo Apostolo, e verificar o seu estado; e para isso designou o dia 12 de Outubro com a sua assistencia, e de todas as Corporações, Magistrados, e principaes funccionarios da Capital.—Tendo porém apparecido além das pessoas convidadas, muitas particulares, e algum povo, permittio S. Ex.ª que o veneravel corpo fosse visto por todos os circunstantes.—O Auto de abertura, contendo a exacta discripção do estado, em que se achou o veneravel corpo, foi publicado no *Boletim* n.º 80.

Na forma da permissão e determinações de Sua Magestade mandou S. Ex.ª de accordo com o Illm.º Governador do Arcebispado, e Reverendo Cabido aprestar tudo para o solemne acto da exposição que devia durar desde o dia 3 de Dezembro de 1859 até ao 1.º de Janeiro de 1860, e pelo Programma approvado por sua Portaria de 19 de Novembro de 1859 (*Boletim* n.º 89) deu as instrucções necessarias para se guardar a boa ordem, que convinha, dentro e fóra da Igreja durante a solemnidade. —Desde o dia 12 de Outubro cresceu a impaciencia e anciedade publica de maneira que o Santo Apostolo, o estado maravilhoso da sua conservação, já então conhecido, a sua futura e proxima exposição eram o unico emprego de todas as attenções.

Raiou finalmente o suspirado dia 3 de Dezembro de 1859, em que a Igreja celebra a festividade do Santo Apostolo, e em que os póvos da India correram á porfia ao templo de *Bom-Jesus* de Goa competindo sobre quem seria o primeiro a venerar as preciosas reliquias, ora patentes aos olhos de todos, depois do longo periodo de 77 annos.—Passou-se tudo como estava annunciado no Programma e só houve a lamentar que o Exm.º Governador Geral Visconde de Torres-Novas, por andar molesto, não podesse assistir a toda a cerimonia.—Pregou o Mt.º Revd.º Padre Miguel Felippe de Quadros, de Loutolim.—Entre varios estrangeiros distinctos achava-se

o Illm.° Doutor Canoz, Vigario Apostolico em Bombaim, e Mr. Loughnan, Juiz em Punêm, com sua familia.

Continuou o concurso nos dias seguintes; e foi em tanto crescimento passada a primeira semana, que foi mister alterar o Programma no Artigo 12, permittindo a entrada do publico na Igreja durante todo o dia sem interrupção.—Mesmo assim não era possivel dar avimento a todos os visitantes; e havia tal que se via forçado a esperar a sua vez por dous e tres dias.—Conhecendo S. Ex.ª que não bastava o prazo primeiramente marcado para satisfazer a todos os devotos, assim do interior do Estado, como dos estrangeiros, que diariamente affluiam e vinham em caminho, ordenou com o voto do Illm.° Governador do Arcebispado, por Portaria de 25 de Dezembro (*Boletim* n.° 101) que a exposição se continuasse até ao dia 8 de Janeiro de 1860.—Sem embargo desta prorogação a multidão redobrava em numero e em fervor, de maneira que nos ultimos dias foi novamente necessario alterar o Programma e admittir a entrada na Igreja pela noute adiante; chegando no dia 7 de Janeiro, vespera do encerramento, a prolongar-se o acto até á uma hora da noute; e ainda assim se não deu despacho a todos os devotos.

No dia 8 de Janeiro terminou com as cerimonias prescriptas no Programma a exposição do veneravel corpo. —O concurso excedeo a toda a expectação.—A Igreja estava completamente apinhada de gente em todas as suas partes; além disso o largo, e ruas adjacentes não podiam conter a multidão.—Celebreu Missa solemne o Mui Rd.° Antonio Mariano Soares, Thesoureiro-mór da Sé Primacial, Vigario da Igreja de N. Senhora da Gloria de Mazagão em Bombaim, e Vigario Geral do Norte.—Prégou o Mui Rd.° Padre Antonio Jose Nicolão Barreto, de Margão. S. Ex.ª o Sr. Governador Geral, felizmente restabelecido de seus incommodos, assistio a toda a cerimonia, e fechou o caixão com a chave, que lhe compete.—Neste dia a funcção tomou um aspecto de com-

punecção, e recolhimento admiravel.—Parecia que todo aquelle immenso numero de espectadores assistia ao lugubre cerrar da campa de um parente, de um amigo.

Pelas notas, que se tomaram, calcula-se em mais de duzentas mil almas as que nos 37 dias da exposição vieram beijar os pés do Santo Apostolo, e render homenagem a suas excelsas virtudes.—Raro seria o individuo do Estado Portuguez, que, podendo, não viesse ao menos uma vez; e de fóra do Estado affluiam por mar e terra innumeras multidões.—De toda a Presidencia de Bombaim, de todo o Canará, da Costa de Malabar, de Ceilão &c. &c. se contavam centenares de individuos, assim christãos, como gentios, porque estes não veneram o Santo Apostolo menos que os Christãos.—Parecia que a antiga Cidade de Goa se havia levantado de suas ruinas, viva, animada, e florente, como quando era o emporio do Oriente.—Em tão grande affluencia de povo não houve a lamentar um só desastre, uma só malfeitoria.—Tudo desde o principio até ao fim da grande solemnidade correo na maior ordem e regularidade, porque tudo prevenio a auctoridade com acertadas providencias, e a tudo acudio o zelo e discernimento de todos os funccionarios ecclesiasticos, civis, e militares, que intervieram neste acto.

Não poucas pessoas confessaram e apregoaram dever a intercessão do grande Apostolo para com o Supremo Arbitro do Universo o curativo de suas enfermidades o allivio de seus achaques, a consolação em suas tribulações.—Por isso os cegos, os aleijados, os tolhidos, e toda a especie de enfermos e affligidos se arrastavam do modo que podiam a prostrar-se ante os pés veneraveis do Apostolo, e a supplicar lhes valesse com seu poderoso patrocinio na presença de Deos.

Havia o Sr. Felippe Nery Xavier, Official-maior graduado da Secretaria do Governo, e Director da Imprensa Nacional, tomado o louvavel trabalho de ordenar um

Resumo historico da Vida do Santo Apostolo, additado com muitas noticias curiosas, e desconhecidas do publico —Fez-se deste livrinho a maior edição, que ainda sahio dos prélos de Goa, a saber, de 2.500 exemplares; mas apenas eram passados poucos dias depois da publicação, estava a edição completamente exhausta, e muitas mil pessoas procuravam debalde um exemplar.—Prepara-se porém nova edição muito mais accrescentada, com a qual serão satisfeitos os desejos dos devotos que não poderam obter a primeira.—Em Madrasta publica-se uma versão ingleza deste livrinho.—Muitos milhares de estampas representando umas o Santo em vida, outras o mesmo Santo no seu estado actual, e outros varios objectos relativos a elle; muitos milhares de medidas do seu corpo com o competente letreiro, foram avidamente consumidas pelos devotos, que todos desejavam levar uma memoria desta grande solemnidade.—Tudo foi obra dos prélos da Imprensa Nacional de Goa.

Não era só a Igreja do *Bom-Jesus* o ponto aonde se dirigiam os peregrinos em romaria; visitavam tambem a Capellinha, sita na cerca do antigo Collegio de S. Paulo, que a tradição vulgar admitte que fôra frequentada pelo Santo.—Esta Capella, que estava meio arruinada e coberta de mato, foi posta em aceio, e reparada provisoriamente.—Se não he a que existia no tempo do Santo, marca ao menos o lugar por onde elle, quando estava em Goa, meditava nas suas apostolicas expedições.

Todos os dias que durou a exposição, houve de tarde prégação, ou na lingua do paiz, ou em portuguez.

Alluminou Deos por intervenção do seu Santo o espirito de alguns que viviam fóra do gremio da Igreja, e receberam as aguas do baptismo os seguintes:

1.° No dia 25 de Dezembro uma negra de idade de 45 annos pouco mais ou menos, moradora em Pangim, e se chama Conceição: foram padrinhos André Constancio de Saldanha, e Anna Francisca de Saldanha.

2.° No dia 2 de Janeiro um gentio, natural de Madu-

re, de idade de 36 annos pouco mais ou menos, e se chama João; foram padrinhos o Sr. João Bonifacio Missó, Consul de Portugal em Ceilão, e a Sr.ª D. Maria Izabel da Penha Carvalho Goes Pinto, esposa do Sr. João Ferreira Pinto, Juiz servindo na Relação do Estado.

3.º No dia 3 de Janeiro um gentio, de Serolá de Bardez, de idade de 40 annos pouco mais ou menos, e se chama Ignacio Francisco; foram padrinhos Domingos José Fernandes, e Maria Severina de Albuquerque.

4.º No dia 7 de Janeiro um gentio, de Mapuçá, de idade de 36 annos pouco mais ou menos; e se chama Francisco Xavier: foram padrinhos o Padre João Baptista Xavier Rodrigues, Capellão da Sé, e a Sr.ª D. Antonia Martins de Brito, esposa do Sr. Major Agostinho José Ferreira de Brito.

5.º No mesmo dia uma gentia, de Bombaim, de idade de 40 annos pouco mais ou menos, e se chama Anna Joaquina: foram padrinhos Salustiano Manoel Cezar Gustião, e D. Violante Elvira Mangas Pimentel Simon.

6.º No dia 8 de Janeiro um gentio, natural de Siolim de idade de 36 annos pouco mais ou menos e se chama João Agostinho: foram padrinhos João Agostinho Fernandes, e Maria Francisca de Araujo.

7.º No mesmo dia uma gentia, natural de Usgão de Poadá, de idade de 34 annos pouco mais ou menos; e se chama Anna Francisca: foram padrinhos Francisco Cabral, e Helena Martins.

Deos permitta que o exemplo destes seja imitado por todos os que andam privados da lume da fé.

Por cumulo de felecidade dispoz o Senhor que por occasião da exposição do seu Apostolo, daquelle que debaixo da Bandeira Portugueza derramou a luz da Religião de Christo por todas as Nações Orientaes, fosse finalmente assignada a tão suspiradada Concordata, que virá pôr breve termo ás longas perturbações das Christandades creadas pelo Santo Apostolo, e outridas depois com o pasto espiritual pelos Bispos e Missionarios Por-

inguezes.—Foi talvez acaso, mas parecerá sem duvida mysterio aos especulativos, que a Concordata fosse assignada em Castel Gandolfo nos fins de Outubro, logo depois da abertura do caixão, que encerra as santas reliquias do Apostolo das Indias; e que as novas da sua assignatura chegassem á India poucos dias antes de começar a solemne exposição publica do veneravel corpo do mesmo Apostolo.—Nem podia este deixar de patrocinar o Padroado Portuguez, de que elle havia sido o mais zeloso, e incançavel cultor, não só como simples Missionario, mas como Nuncio da Santa Sé no Oriente.

Naquelles tempos apostolicos não havia os Vigarios deste nome; havia Bispos Diocesanos, e Vigarios das Igrejas; havia unicamente a geraroia que a Igreja Catholica manda que haja para seu bom governo espiritual. —Os Nuncios daquelle tempo conformavam as suas acções ás leis disciplinares; não se queixavam de lhes não ser dado o primeiro lugar nas solemnidades publicas perante os Prelados Diocesanos; nem inculcavam uma fôfa humildade quando aquelles a quem toca lhes tomavam a dianteira.

O Santo Xavier era Nuncio no Oriente; e vendo-se no maior aperto de sua vida quando em Malaca o Capitão D. Alvro de Ataide da Gama (filho do grande D. Vasco da Gama) lhe estorvava violentamente a sua tão desejada viagem da China; eis como elle (em cuja opinião aliás não havia restricções ao poder da Santa Sé) entendeo que lhe cumpria usar de suas apostolicas provisões.—Fez uma petição ao Vigario de Malaca, que era o maior prelado da terra, a qual petição traslada em sua *Chronica* manuscripta o Padre Sebastião Gonçalves e no *Oriente Conquistado* (Conquista IV. Divisão I. § 72) o Padre Francisco de Sousa; e diz assim.

« Reverendo Senhor.—Diz o P.e Mestre Francisco que o « Papa Paulo III a requerimento do El-Rey nosso Se- « nhor o mandou a estas partes para converter os infieis, « e porque a santa fé de nosso Senhor Jesu Christo

« seja acrescentada, e o creador do mundo seja conheci-
« do, e adorado das creaturas, que á sua imagem e se-
« melhança creou; e para fazer este officio mais per-
« feitamente o fez o Santo Papa Paulo III Nuncio Apos-
« tolico; *as quaes Provisões de Nuncio Apostolico man-*
« *dou a El-Rey nosso Senhor, para que se Sua Alteza*
« *disso fosse contente*, tivesse eu seus poderes espirituaes
« tão compridos nestas partes, *e de outra maneira não*;
« pois a requerimento de Sua Alteza me mandou a estas
« partes da India; e assim El Rey nosso Senhor me man-
« dou chamar em Lisboa, e me entregou de sua mão á
« minha as provisões de Nuncio Apostolico para estas
« partes da India.—Como cheguei a India *apresentei as*
« *provisões de Nuncio Apostolico ao Senhor Bispo D. João*
« *de Albuquerque, as quaes approvou* e agora parecendo
« *ao Senhor Bispo, meu Prelado, e Superior*, que faria
« muito serviço a nosso Senhor, me mandou a El-Rey
« da China a lhe notificar a Lei verdadeira de Jesu Chris-
« to nosso Senhor, como parece pela Carta que o Senhor
« Bispo escreve a El-Rey da China, a qual mando a V.
« Reverencia que a lêa, para que veja a vontade do Se-
« nhor Bispo, como he que vá a El-Rey da China; e o
« Senhor Viso-Rey vendo que era muito serviço de Deos
« ir á China, mandou a Diogo Perreira que fosse á Corte
« del Rey da China, como parece nas provisões, que lhe
« mando com esta, as quaes tem mandado o Capitão da
« Fortaleza Francisco Alvares, do Desembargo delRey
« nosso Senhor, e vedor da sua fazenda, que se cumpram
« como o Senhor Viso Rey manda Agora o Senhor Ca-
« pitão impede a embarcação, e viagem de tanto serviço
« de Deos e acrescentamento de nossa Santa Fé (a).—

(a)—Havia acabado o seu tempo do governo de Malaca o Capitão D Pedro da Silva da Gama, filho de D Vasco da Gama, e devia succeder-lhe seu irmão D. Alvaro de Attaide da Gama.—Os successos, a que se refere a petição do Padre Mestre Fran-

« Pelo que requeiro a V. Reverencia da parte de Deos, « e do *Senhor Bispo nosso Superior, pois V. Reverencia « está aqui em seu lugar*, que manifeste ao Senhor Ca- « pitão a Extravagante *Super gentes*; e pois que ha por « malditos e excommungados a todos aquelles que im- « pedem aos Nuncios Apostolicos para que não façã o « que lhes he mandado por seu Superior; e requeiro a « V. Reverencia da parte *do Senhor Bispo nosso Pre- « lado* uma, e duas vezes, e tantas quantas posso, que « declare ao Senhor Capitão a dita extravagante, e lhe « rogue da parte de Deos e do Senhor Bispo, que não « impida a viagem da mesma maneira, que pelo Senhor « Viso-Rey a trazia despachada, porque fazendo o con- « trario fica excommungado; não por parte do Senhor Bis- « po nem de Reverencia, nem da minha, senão pelos San- « tos Pontifices, que fizeram os Canones; e lhe dirá V. Re- « verencia da minha parte ao dito Senhor Capitão, *que « lhe peço muito pela morte e paixão de nosso Senhor « Jesu Christo que não queira incorrer em tão grande « excommunhão*; porque não duvido senão que de Deos ha- « verá o castigo muito maior do que elle cuidava.—E « V. Reverencia mandará o treslado desta petição com « a resposta do Senhor Capitão, para mostrar ao Senhor « Bispo como não ficou por minha negligencia ir á China « comprir seu mandado; e isto com muita brevidade « porque se acaba a monção; no que a Deos nosso Se- « nhor fará muito serviço, *e a mim esmola, e caridade « para cumprir minha viagem*; porque não he possivel « que o Capitão, visto o Canon, logo a essas horas me « não mande licença.

cisco, passaram-se em quanto governava Malaca o Doutor Francisco Alvares, veador da Fazenda, e Juiz Syndicante do Capitão D. Pedro da Silva. D. Alvaro obrára neste negocio como Capitão-mór do mar, que então era.

Aprendei aqui, soberbos do mundo, a respeitar os direitos, que a Igreja na plenitude do seu poder concede aos Soberanos benemeritos da mesma Igreja; aprendei a acatar a gerarchia Diocesana, sem a qual não pode haver governo, nem disciplina ecclesiastica.—Foi por estes meios que se evangelisou a India; foi por estes meios que se converteram tantas gentes barbaras, e infieis; foi por estes meios que se extendeo o imperio da Cruz sobre tantas regiões desconhecidas: foi por estes meios que um homem apostolico perpetuou uma ideia; que esse homem passados mais de 300 annos attrahe em poucos dias, rendidos a seus pés, mais de duzentos mil individuos de todas as castas, de todas as classes, de todas as regiões do Oriente e attrahiria ante si submissas todas as nações do mundo se coubera no tempo satisfazerem todos aos ardentes votos do seu coração.

Mas ou seja descoberto aos olhos das gentes, ou seja encerrado no seu ataude, elle ahi vela pelas christandades, que criou com o dom de sua apostolica palavra; elle dahi patrocina os direitos magestaticos dos successores do Monarcha, que tanto o amou, em cujas náos elle atravessou tantos mares, e sob cuja Bandeira peregrinou por tão desvariadas terras.—Descoberto, ou occulto em quanto ao corpo, lá está o seu sublime espirito intercedendo na Bemaventurança pelos fieis para que se conservem seguros na fé, pelos infieis para que se convertam ao gremio da verdadeira religião, pelos triumphos da Igreja Catholica, e pela exaltação da sua legitima gerarchia, contra a qual, por ser pedra fundamental da mesma Igreja, não poderá prevalecer especie alguma de perseguição.

(Bol. n.° 1 de 1860 p. 20.)

N.º 37.

Descripção do mesmo festejo da exposição na Estrella Goana.

EXPOSIÇÃO DO VENERANDO CORPO

DE

S. FRANCISCO XAVIER.

I.

A luz da religião de Christo, que o glorioso Apostolo das Indias derramára por tantas e tam desvairadas terras orientaes; que esplendida e brilhante guiára pelo caminho da verdade os christãos, e dera vista aos olhos de alma de muitos milhares de infieis no rapido mas fertilissimo periodo da sua missão evangelica, parecia extinguir-se em Goa ultimamente; a voz do Apostolo já não penetrava até aos nossos dias; e a fé outr'ora ardente e viva, origem de tantos feitos heroicos, de tantas virtudes e cousas sublimes, que ennobreceram esta terra, a Azia toda, já estava morta nos corações daquelles, que deviam de dar exemplos de religiosidade ao povo, que, apezar da falta delles se conservava felizmente na santa crença de Jesus.

E as ruinas das magestozas igrejas e conventos da cidade antiga de Goa, e o gemer funereo e triste das aves nocturnas em lugar dos sagrados e suaves canticos dos seus antigos e bons habitadores, symbolisavam o descrer e a impiedade dos espiritos deslumbrados pelas illusões e vaidades do mundo.

Mas a misericordia divina é grande.—Pela intercessão daquelle nosso Protector, que vella por nós constantemente lá na bemaventurança celeste, aprouve a Deus que o chefe deste Estado se lembrasse de expor a ve-

neração publica o sagrado corpo do Apostolo, que em magnifico tumulo jaz na igreja do Bom-Jesus da velha cidade; porisso S. Ex.ª o Sr. Visconde de Torres-Novas pediu a S. Magestade no mez de maio do anno proximo passado, e obteve logo authorisação para expor ao culto publico o venerando corpo no dia 3 de Dezembro, consagrado á festividade de S. Francisco Xavier, e nos dias seguintes.

Mas convinha antes disso proceder-se á authentica abertura do caixão, que encerra o sagrado corpo para se reconhecer o seu estado e se se achava em termos de ser patenteado aos povos.—Teve lugar a abertura do tumulo na Capella do Santo, no dia 12 de Outubro, e assistiram a este acto o Exm.º Governador Geral, o Governador do Arcebispado, a Relação do Estado, a Camara Municipal das Ilhas, e as outras corporações, autoridades e chefes das repartições publicas, convidadas para o mesmo acto; duas damas, alguns cavalleiros e algum povo, que invadira o templo inesperadamente.

O phisico-mór do Estado, e os outros membros da Junta medica procederam com o devido respeito ao exame do venerando corpo, que achou se no estado da mais admiravel incorrupção e conservação, apezar de serem já volvidos 307 annos que delle se apartou a alma de S. Francisco Xavier!... Está inteiro o seu milagroso corpo! Apenas lhe falta o braço direito, que foi cortado aos 3 de Novembro de 1614 e dividido em quatro partes, e dous dedos do pé direito, um dos quaes foi cortado com os dentes pela singular devoção d'uma matrona de Goa, D. Izabel de Carom, ao beijar o Santo defuncto em 1554, na occasião em que elle chegou de Malaca e esteve patente a veneração dos povos na Igreja do collegio de S. Paulo.—(*V. Estrea Goana de 1860.*) Algumas madeixas lhe cruam ainda a fronte; e a boca entre aberta mostra a serenidade com que na hora suprema, abandonado de todos, na solitaria e fria praia de Sanchão, exclamando suavissimas palavras do

seu intranhado amor a aquelle que o creára, lhe rendêra o espirito.

Em seguida os circunstantes entraram na capella a quatro e quatro, viram de perto o corpo do Santo, beijaram os seus pés, e algumas pessoas devotas tocaram nelles lenços brancos para serem guardados como reliquias.

Era meio dia quando se acabou de lavrar o auto da abertura do tumulo, o qual auto, ao contrario do que se praticou no dia 1.° de Janeiro de 1782, leva uma grande copia de assignaturas, mesmo de pessoas, que segundo a designação dos empregos explicada no auto figuram nelle talvez incompetentemente.

Começaram logo os aprestos para a exposição, que devia durar desde o dia 3 de Dezembro até 1.° de Janeiro; e alguns dias antes appareceu uma carta circular do Governador Arcebispado annunciando aquella festividade, e descrevendo em resumido mas vigoroso quadro as virtudes do moderno Thaumaturgo, e exhortando aos fieis a reconciliarem-se com Deos, e virem limpos das impurezas do peccado e preparados com o espirito da fé, da caridade e da religião render o seu culto ao corpo daquelle que com tanto amor e empenho, trabalhos e soffrimentos ensinou aos filhos do Oriente o caminho da salvação e da verdadeira felecidade.—Publicou-se tambem com antecipação um programma, approvado pelo governo, assim como a sua traducção em Inglez e maratha, para que os restos veneraudos do Apostolo não soffressem damno algum, e se conservasse a melhor ordem na numerosa reunião dos romeiros, que deviam concorrer a exposição.

Pouco tempo restava para se lhe dar principio; mas inexplicavel era a anciedade do publico de ver o Santo defuncto.—Todos desejavam satisfazer a uma devoção envolta com uma natural curiosidade de contemplar aquelle corpo incorrupto, conservado por mais de tres

seculos admiravelmente, e que depois de 77 annos de novo ia ser patenteado aos olhos dos povos.

Assim tardava já o dia 3 de Dezembro; todos o suspiram, quando uma manhã, aos 29 do mez antecedente, apenas se abriram as portas da Igreja do Bom-Jesus um tropel de gente começa a entrar no templo apoda-damente.—Uma hora depois se havia ajuntado nelle e no adro mais de tres mil pessoas, entre as quaes se viam muitas damas e cavalleiros; e parecia que todos aguardavam algum acontecimento importante.

Que successo seria esse que atrahira desse modo tanta gente? porque motivo se ajuntaram alli tantas pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições? Por suspeitas, por terem ouvido na vespera uma noticia vaga de que se ia abrir naquella manhã secretamente o cofre, que encerra o precioso corpo do Santo.

Largas horas do dia esperaram; longamente aguardaram a fim de o venerar, e só depois de desenganados de todo de que não se abria o tumulo, e muito tarde se retiraram desapontados tristemente.

II.

Passaram-se breves dias—foram longos annos para os povos que aguardavam com anciedade o dia 3 de Dezembro—até que raiou finalmente o sol daquelle dia tam suspirado.

E como formoso e alegre alumiava com os seus brilhantes raios uma multidão extraordinaria e variegada de gentes de varias terras, e religiões, seitas, e trajos movendo-se ruidosamente nas ruas da cidade antiga de Goa! Já desde a vespera as turbas haviam começado a affluir para ella por terra e pelo rio: e as carruagens, as manchilas e palanquins; os escaleres e outras embarcações conduziam incessantemente mais gente para a cidade, em quanto milhares de peregrinos vinham a pé, ainda dos mais remotos pontos do paiz.—Era um

immenso mar de chapeos, de mantos das mulheres nativas, de turbantes e barretes de varias formas e côres. —E as multidões escoam-se por diversas ruas para o formoso templo do Bom-Jesus, em torno delle se aglomeram espantosamente.

Proximo estava um parque d'artilheria, o corpo da guarda municipal, o 4.º batalhão de caçadores, e as guardas d'honra, todos com seus elegantes uniformes. —E de quando em quando as bandas de musica soavam alegres hymnos.

Seriam nove e meia quando o cabido, vindo em procissão da Sé Primacial, entrou na Igreja do Bom-Jesus que estava adornada sumptuosamente.—No centro do cruzeiro, sobre um socalco tapetado fulgurava o magnifico tumulo, que havia sido trasladado da sua capella para alli, em torno do qual estavam suspensas quatro lampadas grandes de prata, e se erguiam tocheiros gigantescos do mesmo metal com seus cirios.

D'hai a pouco chegou o Exm.º Governador Geral, tendo sido recebido pelo reverendo cabido á porta do tumulo foi acompanhado até á capella de S. Francisco Xavier.—Ajoelhou em frente do seu altar, e depois de breve oração se ergueu e occupou a sua cadeira de espaldar, collocada de baixo do arco da capella-mór.— A's dez horas S. Ex.ª, o cabido, a Camara Municipal das Ilhas, e alguns principaes funccionarios se dirigiram ao claustro, e pararam á porta da capella.—Então seis reverendos capitulares tiraram de dentro o caixão, que encerra o precioso corpo do Apostolo; abriu-se o palio cujas varas pegavam seis primeiras autoridades, e collocado de baixo delle e ladeado de tochas accesas foi conduzido processionalmente para o cruzeiro.

E alli em presença de milhares de almas aglomeradas no templo, e no meio d'um profundo e universal silencio foi aberto respeitosamente o cofre do venerando corpo do Santo!

Em seguida foi depositado no seu tumulo, ficando os

pés do lado da porta principal do templo; e ouviu-se no mesmo instante o repicar sonoro dos sinos da Igreja do Bom-Jesus, que se repitiu tres vezes e tres vezes foi correspondido pelos da cathedral pelos de todas as Igrejas da cidade e de toda a Ilha e terras de Goa; e ao mesmo tempo a detonação da salva dos canhões d'artilheria dada pelo parque e correspondida pelos de todas as praças e fortalezas do estado, annunciando solemnemente o principio da exposição do sagrado corpo do Apostolo das Indias.

Começou então a Missa solemne, acompanhada das castas e suaves melodias do orgam, commovendo e alçando o espirito para as alturas.

Terminada a espistola appareceu no pulpito um sacerdote, o Sr. Miguel Felippe de Quadros, que pregou um edificante sermão em louvor do glorioso Apostolo. —Depois do sermão o Exm.° Governador Geral retirou-se porque andava molesto.—E finalisada a Missa o cabido, o Governador do Arcebispado, o Vigario Apostolico de Bombaim, as corporações e os altos funccionarios; muitos cavalleiros e damas, nacionaes e estrangeiros, que estavam no cruzeiro se aproximaram do tumulo successivamente, e veneraram o sagrado corpo do Santo.

Seguiu-se o povo.—Perto de quatro mil almas estavam apinhadas na Igreja, e mais um grande numero dellas caberia ahi, se não fosse a demasiada largura do caminho que havia entre as paredes do templo e as grades que corriam desde as portas lateraes até ao cruzeiro. —Aquella multidão de gente tranquilla e socegada que fora das grandes assistira ao santo Sacrificio, logo que se acabou este, ondeou, e agitado e susurrante começou a lançar-se para fora da Igreja: porque para chegar ao tumulo lhes era precioso entrar pela porta lateral do norte.—Mas não era facil a entrada, que uma força militar postada junto a ella vedava a que todos entrassem conjunctamente.—Daquelle immenso oceano de muitos milhares de romeiros, impacientes, alvoroçados, eram re-

vebidos aos poucos dentro do templo.—Dirigiam-se então pelo caminho das grades até ao meio do cruzeiro, subiam os degraos do estrado sobre que se erguia o tumulo, beijavam os pés do Santo defuncto, davam uma volta á roda do ataude, tornavam pelo caminho do sul, entravam no claustro e saiam pela portaria para o atrio, em quanto alguns romeiros de joelhos oravam junto ao movimento.

E este rendimento do culto popular, sem distincção de religiões e seitas, continuou até que pela volta das 3 horas prohibiu-se o ingresso dos visitantes no templo por quanto d'ahi a pouco as suas portas rodando nos quicios se fecharam lentamente.

Assim terminou a festividade de S. Francisco Xavier e o 1.º dia da exposição do seu venerando corpo, diante do qual trezentos e sete annos ajoelham respeitosamente.

III.

Ainda o albor da madrugada mal assomára no oriente; ainda as portas da Igreja do Bom-Jesus estavam fechadas e immoveis, e já proximo a ella se ouvia um borborinho de vozes, e appareciam muitos vultos de homens e mulheres.

E á proporção que o crepusculo se aclara e vem assomando a manhãa, o susurro se augmenta, e o numero dos peregrinos se engrossa progressivamente.

Formoso arrebol purpurino se divisa por entre as palmeiras; rompe o sol em fim, e em breve as portas do templo se abrem de par em par.—E no mesmo instante centos de romeiros invadem a Igreja pelos portiços da frontaria, em quanto mais tarde os funccionarios, os cavalleiros e damas entram nelle pela portaria.—E da multidão apinhoada no adro, no largo e ruas adjacentes são recebidos pela porta do norte, de cada vez poucos visitantes, como no dia antecedente.

Se o expectaculo que offerecia o templo no primeiro

dia era bello e magestoso, não menos digno era o que se passava durante os dias subsequentes da exposição — Lá no meio do crozeiro o rico, formoso e elegante tumulo do Apostolo fulgurando a claridade da luz das lampadas e dos tocheiros;—peregrinos de ambos os sexos christãos e gentios e mouros; velhos e moços e crianças approximando-se do ataude, beijando os pes do Apostolo com devoção e respeito, tocando nelles terços medalhas, e veronicas; depondo a sua oblata junto ao moimento e saindo pela porta do sul;—as vozes dos sacerdotes celebrando o Santo Sacrificio, e as graves e singellas notas do orgam echoando suavemente;—das tardes pregação, um dia em portuguez outro na lingoa concani;—um ajuntamento extraordinario do povo fóra das grades a orar devotamente.

Mas o numero dos visitantes recrescia de dia para dia, e ainda não era passada uma semana foi preciso alterar-se o programma, conservando-se as portas da Igreja do Bom-Jesus, (que se fechavam ás 11½ da manhã e se tornavam á abrir ás 2 da tarde,) patentes desde o nascer até ao pôr do sol.—Com tudo milhares de peregrinos ficavam todos os dias sem terem a fortuna de conseguir ingresso no templo: por quanto novos visitantes do puiz e de fóra chegavam quotidianamente. —Assim não era raro o que se via obrigado a esperar dous e tres dias, e mesmo alguns peregrinos houve que não puderam conseguir venerar o Sagrado Corpo senão depois d'uma demora de quasi uma semana.

E em quanto os romeiros accorrem incessantemente á Igreja do Bom-Jesus, vêem-se muitos delles agrupados junto a um pavilhão, erguido em frente da porta principal da Igreja, na qual se acnava a venda grande copia de exemplares do *Resumo historico da vida* do Santo Apostolo, expressamente composto pelo Sr. Felippe Nery Xavier para os visitantes; e de outros livros religiosos; e bem assim milhares de varias fitas do comprimento do Corpo do Santo, e bocados de ou-

tras fitas ou memorias tocadas nelle e bentas.—Em breves dias exhaurio-se a edição daquelle livro, apezar de ter sido de 2,500 exemplares.—E desde o rico até o mais desfavorecido da fortuna não houve quem não levasse uma medida ou memoria do admiravel Thaumaturgo.

Mas havia além da Igreja do Bom-Jesus um ponto que attrahia a attenção dos peregrinos.—Era a capellinha tam-humilde, mas tam formosa, que está a alvejar por entre os arvoredos na cerca do antigo collegio de S. Paulo; por quanto segundo a tradição popular, aquella ermida era lugar onde o Apostolo costumava orar e meditar nos seus trabalhos evangelicos.—Assim pelo longo caminho que media entre ella e a Igreja viam-se constantemente muitos peregrinos, uns indo e outros tornando da ermida, onde de joelhos e em devota oração se viam os christãos frequentemente.—Tambem eu uma tarde orei alli em companhia d'algumas pessoas; e observei uma turbamulta ao pé d'uma jaqueira, que havia do lado esquerdo da capella, e em torno d'um poço, que está do mesmo lado.—Conforme a crença vulgar, aquella arvore fôra plantada pelo Santo, e tambem a agua daquelle poço por elle usada, e as suas virtudes são tidas como medicinaes.—Por isso em quanto uns se proviam das lascas que arrancavam da jaqueira, derribada em terra, e outros bebiam essa agua, e com ella banhavam o rosto e as maõs, outros a conservavam em garrafas, em frascos e vidrinhos.

Entretanto crescia cada vez mais a multidão dos peregrinos; assim do paiz como das terras do Ceilão do Canara, do Malabar, de Bombaim e Guzurate, vinham presurosos a render seu culto ao santo Apostolo: e reconhecendo se que não bastava o prazo marcado para esta exposição, ordenou-se que ella continuasse até o dia 8 de Janeiro deste anno, que surgiu sob os mais risonhos e promettedores auspicios.—Com tudo redobravam em numero, e fervor os visitantes.—E como não seria assim

se diante de seus olhos estava o Corpo incorrupto do seu antigo Apostolo, conservado por mais de tres seculos, aquelle milagre vivo do Omnipotente?—Se pela intercessão desse novo Moyses casos prodigiosos se estavam passando naquelle templo?—Muitas curas assombrosas, promptas, permanentes se operaram naquella Igreja em presença de innumeraveis testemunhas; curas que pelas suas circunstancias se podem qualificar como sobrenaturaes, como authenticos milagres, a cujo exame mandou proceder o illustrado prelado Caetano João Peres, para se extremarem os verdadeiros dos duvidosos ou falsos.

Pelo influxo destes prodijios começaram os infieis a converter-se para o christianismo desde o dia 25 de Dezembro.—E as multidões attonitas dos fieis e infieis se engrossavam cada vez mais; e os cegos, os aleijados, e os enfermos de toda a sorte se arrastavam para o tumulo do Santo.—Já se admittia a entrada delles no templo pela noite adiante nos ultimos dias, e na vespera do encerramento da exposição estiveram abertas as portas da Igreja até a uma hora da noite.—Com tudo innumeras pessoas ficaram sem poder beijar os pés do Santo Apostolo—e no seguinte dia, dahi a poucas horas, ia ser encerrado no seu tumulo o Sagrado Corpo, que jamais talvez teriam a fortuna de ver em seus dias.

IV.

Chegára em fim o dia 8 de Janeiro, o ultimo dia da exposição do veneravel Corpo do Apostolo das Indias.

Desde o romper de aurora as multidões dos peregrinos ondeavam em torno da Igreja do Bom-Jesus, e mal cabiam no largo e nas ruas circumvisinhas.

E o templo estava occupado em todas as suas partes completamente.—No cruzeiro via-se o Exm.º Governador Geral, o Governador do Arcebispado, as corporações e os altos funccionarios nos seus respectivos assentos, e muitas pessoas distinctas: o côro e as tribunas estavam atulhadas igoalmente de innumeras pessoas principaes e o re-

cinto das grades era um mar de mantos das mulheres nativas, salpicado de turbantes e cabeças descubertas.

Uma melancholia vaga, porem, um recolhimento se notava em todo este ajuntamento; parecia que todos vinham assistir a alguma cerimonia luctuosa e funebre.

Ás dez horas começou a Missa solemne cantada; e a voz do sacerdote e os sons melancholicos do orgam vieram augmentar a tristeza.—Houve pregação em portuguez, e o orador foi o Sr. Padre A. J. Nicolão Barreto.—Entretanto os individuos que estavam no Cruzeiro e que vinham de fora do templo iam successivamente beijando os pés do Apostolo, e dando lhe o seu adeus derradeiro, até que prohibiu se a aproximação dos devotos ao Sagrado Corpo, que ia ser encerrado no seu cofre.

Quando o sacerdote levantava o Santissimo e abençoava o povo, foi tirado do tumulo o caixão do Santo; e como a campa d'um sepulchro cahiu a tampa sobre o cofre dos restos amados do Apostolo; e foi fechado por S. Ex.ª com a chave que lhe compete.

Entam todos os restos exprimiram um pezar indizivel; e de muitos olhos correram lagrymas sinceras d'uma viva e funda saudade daquelle, que apezar de morto, apezar de afastado do mundo ha tanto tempo, fizera tantas curas miraculozas e derramára tantas graças e beneficios.

E os canhões da Artilheria do parque postado proximo, e das fortalezas do paiz echoavam; e os campanarios da Igreja do Bom-Jesus e de todas as Igrejas da Cidade, das Ilhas, Salsete e Bardez soavam, annunciando o encerramento da exposição religiosa.

E ao som do cantico edificante e grave dos sacerdotes e por entre as lagrymas de muitos corações sensiveis e gratos lá vae o caixão do Santo, conduzido por seis capitulares paramentados, debaixo do palio, e apoz este S. Ex.ª, alguns funccionarios e muitos devotos; e sahindo o cortejo funebre pela porta do Sul se dirigiu á porta da capella, onde sobre o altar foi depositado o caixão.—E

aquella porta fechou-se echoando dolorosamente no peito dos circumstantes.

Assim se encerrou esta solemne e religiosa exposição e assignalou uma época memoravel.

Num seculo em que não havia milagres, em que quasi ninguem cria nelles, e ninguem jamais os esperava ver, tiveram logar casos prodigiosos, sobrenaturaes, espantosos.—Feridos por elles não poucos individuos receberam as aguas do baptismo.—E se em tam feliz ensejo, sob a impressão daquelles prodigios, soasse uma voz eloquente d'algum pregador apontando aos infieis o caminho da salvação, da verdadeira felicidade, oh quantas almas se salvariam para o ceu!—E assim como muitas enfermidades do corpo se sararam admiravelmente, não poucas do espirito se sanaram tambem; innumeras foram as graças e consolações; reviveo-se a fé em muitos coracões e hoje aqui pensa-se mais em Deus e na immortalidade do espirito.

(Estr. Goana de 1861 pag. 16 e seg.)

N.º 38.

No Jornal do Commercio de Lisboa n.º 1877 de 30 de Dezembro 1859 achamos a seguinte noticia sobre a maneira porque se tirou ao Santo o dedo do seu pé.

«Julgamos a proposito historiar o modo como foi tirada do Corpo de S. Francisco Xavier uma das partes que lhe faltam,—um dos dedos do pé direito.—Em uma das occasiões em que o Corpo do Santo esteve exposto á adoração publica, uma Sr.ª (360), pertencente a uma das fa-

(360)—Na nota 211 a pag. 210 promettemos desenvolver nesta 3.ª Parte a noticia sobre o furto do dedo, de que trata este artigo, e como a mesma reliquia chegou ás mãos de D. Luiz Caetano d'Almeida, no supposto de que com tempo receberiamos de

milias mais nobres que então habitavam em Goa, e que pelo Santo tinha grande devoção, levou o seu fervor religioso a ponto de quando foi beijar-lhe o Corpo, ar-

---

Portugal alguns esclarecimentos que haviamos pedido; mas não nos tendo chegado os mesmos esclarecimentos daremos aqui os apontamentos, que colhemos dos Autores, do Archivo do Governo deste Estado, e de documentos particulares.

Segundo o *Oriente Conq.* do P. Sousa Vol. 1. Conq. 1. D. 2. § 5. o dedo foi tirado quando o Corpo do Santo chegou a Goa em 1554, e esteve exposto por 3 dias á veneração publica: a illustre Matrona que o tirou se chamava *D. Izabel de Carom* ou *Crom*, conforme jurou de vista Clara Alvares, sobrinha de Cosme Annes, Vedor da Fazenda, nas inquirições que tirou em 1613 o Arcebispo Primaz D. Fr. Christovão de Sá.—Nada mais se sabe acêrca desta Sr.ª; mas a respeito da reliquia diz o mesmo P. Sousa, que ella se conservava em casa de Antonio de Sousa Continho, fidalgo velho de Goa, e segundo o testemunho de D. Lopo José d'Almeida vemos que depois tinha ella passado para a sua casa, onde estava.

Ainda que não achamos documento algum do qual podessemos tirar esclarecimentos relativamente á origem daquella Sr.ª; todavia consta do L.º 2.º dos Alvarás, que na data de 4 de Dezembro de 1607, em consequencia da C. R. de 29 de Janeiro do mesmo anno, se passara Alvará a *Fernando Carom*, declarando que a defesa de estarem os estrangeiros nas Conquistas não se entendia com elle, pelos muitos serviços feitos neste Estado, e ser nelle cidadão casado com mulher nobre.—Consta mais a fl. 339 do L.º c.º 79 das Monç. que este Fernando Carom concorrêra em 1615 para construcção do Convento de N. S. do Pilar.—E segundo o Auto a que se procedera no Convento de St.ª Monica, de que já demos noticia na nota 306 a paz. 383, o referido Fernando Carom era Alemão, e casado em Goa com D. Maria Leitoa, e della tivera duas filhas, *D. Izabel Carom*, casada em primeiras nupcias com D. Pedro de Almeida, Capitão que fora de Dio, e em segundas com Diogo de Mello de Castro, Tenente Jeneral de Ceilão, onde fôra morto em combate, de quem tivera 5 filhos, a cujo favor ella pedia uma pensão, como se lê na C. R. de 15 de Fevereiro de 1640 (L.º da monç. n.º 21 fl. 173).—A 2.ª filha se chamava D. Maria Carom, casada com D. Manoel de Sousa,

rancar-lhe um dos dedos do pé direito.—Esta reliquia conservada com grande veneração tem passado de *ge-*

o qual tendo fallecido de volta de Portugal, dias antes de chegar a Goa, professara ella no convento de St.ª Monica com o nome de Soror Maria de Jesus em 24 de Abril de 1630, na idade de 24 annos, e fallecera em de 78 em 3 de Janeiro de 1683 tendo 54 annos de Religião (L.º da monç. n.º 47 f. 291).

Temos passado pela vista os Livros do Registo Geral, de Assentos de Mercês e os das Consultas de serviços, que existem, desde o anno de 1549 para descobrir alguma noticia da relação de parentesco da primeira D. Izabel com a segunda, e o seguimento das linhas dos filhos desta, e apenas achamos nas Consultas de 1648 uma declaração, que esta D. Izabel tivéra uma tença de mil xerafins annuaes, e os seus filhos varias Commendas e Fortalezas; mas o documento citado não expressando os nomes dos ditos filhos e das Fortalezas não nos foi possivel destinguil-os entre varios agraciados, que achamos com o sobrenome de *Mello de Castro*; portanto limitamos-nos a conjecturar que o sobredito Fernando pelo seu sobrenome de *Carom* era algum sobrinho, ou parente, e fora tambem herdeiro da illustre Matrona D. Izabel, que tirou o dedo ao Santo Xavier.

Em 1618 apparece um *Francisco Carom* no Conselho geral do Governo Hollandez em Batavia (L.º 4.º das copias de Ord. Regias f. 302), não podemos porem dizer se Francisco Carom tinha relação de parentesco com aquelle Fernando Carom.

Pelo que respeita a Antonio de Sousa Coutinho, *fidalgo velho de Goa*, consta nas Consultas de 1682, e em outros documentos, que este fidalgo era filho de Rui de Sousa Monteiro, e viera de Portugal em 1630, na armada de D. Jorge d'Almeida, e militara em Ceilão, Columbo, Cochim etc.—Que em 1645 fora Capitão-mor da Armada do Norte; em 1651 fizera parte da governança do Estado por morte do V. Rei Conde de Aveiras; em 1654 fora General de Bardez; em 1655 General de Ceilão; em 1656 a 1661 entrara na governança do Estado pelas mortes dos V. Reis, o Conde de Sarzedas, e o da Villa Pouca d'Aguiar; e desde 1666 era Conselheiro do Estado.

Este fidalgo desposou D. Maria Coutinha, filha de Francisco de Miranda Henriques, viuva de D. Baltazar, e foram recebidos em 3 de Outubro de 1671 por Fr. Luiz Coutinho, Provincial de S. Agostinho,

vação em geração aos successores da referida Sr.ª, de modo que em 1757, D. Luis Caetano d'Almeida, que foi

na Igreja do Convento, conforme a certidão passada pelo Pe. João de Sousa Lobo, Vigario da Igreja de N. S. do Rozario, como se lê no registo da carta que lhe fôra passada da Capitania de Dio, no respectivo Liv.º a fl. 73.—He de crer que por este consorcio elle herdasse a reliquia, e tambem a passasse por igual via a D. Rodrigo da Costa, ou ao seu Irmão D. Vasco Luis Coutinho, e deste a sua filha primogenita *D. Maria Antonia Coutinho da Silva Pimentel*, casada com D. Lopo José d'Almeida, tronco da casa dos Almeidas em Goa, ou ao seu filho D. Luis Caetano d'Almeida, que a encorporou no seu vinculo, da mesma maneira como passou á esta casa a metade de Casula offerecida ao sobredito D. Rodrigo da Costa.

D. Vasco Luis Coutinho, Moço fidalgo, filho de D. Antonio da Costa Pimentel, natural da Golegaã, veio a este Estado em 1666, na idade de 14 annos, servio muitos cargos importantes, e fez parte do Governo de Estado, por successão, por morte do V. Rei Antonio Luis Gonçalves da Camara Coutinho, desde 17 de Setembro de 1701 até 2 de Outubro de 1702.—Elle foi casado com D. Francisca Anna de Alencastro, e teve tres filhos, a sobredita D. Maria Antonia Coutinho da Silva Pimentel, D. Theresa Coutinho de Lencastre, e D. Rodrigo da Costa—D. Vasco teve aqui 2 Irmãos, D. Rodrigo da Costa, que governou o Estado por via de successão do V. Rey Conde d'Alvor, desde 13 de Dezembro de 1686 até 23 de Junho 1690, em que falleceu, sem successão, deixando a D. Vasco por seu herdeiro, e o outro, D. José da Costa, falleceo na guerra.

D. Lopo José d'Almeida, filho de D. Luis d'Almeida, (Irmão de D. Pedro d'Almeida 1.º Conde de Assumar, e V. Rei da India em 1677, e Avó do V. Rei Marquez d'Alorna) veio a este Estado em 1707, e casou, como fica dito, com a filha de D. Vasco, e do referido consorcio nasceo D. Luis Caetano d'Almeida, este desposou a D. Anna Francisca de Toledo e Castro, irmãa de D. Rodrigo de Castro (Par de D. Francisco Xavier de Castro) de quem teve a D. Lopo José d'Almeida, e D. Manoel Antonio d'Almeida, aquelle desposou a D. Francisca Xavier Mariana Faro de Mello e Castro, filha de Francisco de Mello e Castro, (filho do V. Rei Caetano de Mello e Castro, e neto do V. Rei Antonio de Mello e Castro) que vindo a este Estado em

Governador Geral da India (351), declarou em seu Testamento com data de 20 d'Abril, que annexava a mesma reliquia a um dos seus vinculos, e ficou pertencendo a seu filho e herdeiro D. Lopo José d'Almeida Pimentel, o mesmo que no auto da abertura do Tumulo em 1782 attestou possuil-a em sua casa, e assim successivamente tem sido transmittida, sendo hoje possuidor da mesma o Sr. D. Luis Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira

---

1733 occupou aqui o nos Rios de Senna altos Cargos, do qual consorcio nasceo D. Anna Rita Maria Josefa d'Almeida Pimentel, que foi casada com D. Francisco Xavier de Castro, de quem procede D. José Maria de Castro e Almeida, pai do actual possuidor da dita reliquia, o Sr. D. Luis Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu.

Só supponho ser, da rainheira referida, ligada a serie das successões desde D. Izabel de Carom, que tirou o dedo ao Santo, até D. Lopo José d'Almeida, tronco dos Almeidas, ou seu filho D. Luis Caetano, que o vinculou, se pode dizer que aquella reliquia chegou ao actual possuidor de *geração em geração*, como affirma o artigo notado, o qual he de crer, pelas particularidades que contem, fosse publicado por pessoa que de perto respeita ao dito possuidor, por conseguinte estava *ao facto* do que diz; e a nós não nos foi possivel obter mais esclarecimentos alem dos que apresentamos sobre a successão da 1.ª e 2.ª D. Izabel de Carom, e de Antonio de Sousa Coutinho, que possuio aquelle dedo, como assegura o P. Sousa; assim como acerca dos casamentos e linhagens das consortes de D. Rodrigo da Costa, e do seu Irmão D. Vasco Luis Coutinho, que deo baze ao tronco dos Almeidas, pois as duas Arvores genealogicas, que temos á vista, das familias enlaçadas dos *Almeidas e Castros Hombrinhos*, são tambem omissas a respeito daquellas successões.

(351)—D. Luis Caetano d'Almeida sahio Governador do Estado na Via de Successão do fallecido V. Rey Marquez de Lourical, conjunctamente com D. Francisco de Vasconcellos, Bispo de Cochim, e D. Lourenço de Noronha, aberta em 14 de Junho de 1749, e servio só, durante a ausencia dos companheiros, e, depois do fallecimento do Bispo, continuou tambem só até a chegada de D. Lourenço que estava governando Moçambique.

e Abreu, filho do Sr. D. José Maria de Castro e Almeida, e da Sr.ª D. Viridiana Constança Leite de Castro Pestana, já fallecidos. »

« Além da referida reliquia tambem possuia o Sr. D. Luiz metade de uma casula de que usava S. Francisco Xavier, a qual foi dada a D. Rodrigo da Costa, Vice-Rei da India (352), pelo Padre Gaspar Affonço, da Companhia de Jesus, segundo se prova pelo attestado authentico do dito Padre, passado em 9 de Abril de 1690, e igualmente lhe pertencem alguns cabellos da barba do mesmo Santo, que foram dados pelo Padre Rodrigo de Estrada da mesma Companhia, como se vê no attestado authentico do referido Padre passado em 1740. »

« Todas estas reliquias existem actualmente em Lisboa (353). »

(352)—Governaram este Estado dois D. Rodrigos da Costa, um com o titulo de Governador, nomeado na via de successão do V. Rei Conde de Alvor, aberta na sua retirada para Portugal em 13 de Dezembro de 1686, e governou até 23 de Junho de 1690, em que falleceu.—Este era Irmão de D. Vasco Luiz Coutinho, por conseguinte thio paterno da mulher de D. Lopo, e he a elle que se offereceu a metade da cazula conforme a data do attestado, e por isso veio parar em Casa dos Almeidas, e este facto faz presumir que por essa mesma via chegou tambem áquella Casa a Reliquia do Santo Xavier, por herança, na falta de successão nas Casas de Antonio de Sousa Coutinho, e de D. Vasco Luiz Coutinho.

O 2.º D. Rodrigo da Costa era V. Rei, chegou a este Estado e tomou posse em 29 de Outubro de 1707, e largou o governo em 19 de Setembro de 1712, e se retirou para Portugal.

(353)—Para acompanhar a estas reliquias mandamos ao seu possuidor o Sr. D. Luiz Caetano de Castro d'Almeida e Pimentel uma medida do Corpo do Santo, e um Retrato seu, ambos, do seu actual estado, tirados no proprio, na occazião da exposição de 1859.

N.º 39.

Relação de objectos depositados no caixão de prata para futura memoria.

Objectos entregues por Joaquim Gustavo A. Peres para serem archivados no Tumulo, do Santo Apostolo das Indias, enviados por Felippe Nery Xavier, Official-maior graduado da Secretaria do Governo Geral, e Director da Imprensa Nacional (351).

Um=Resumo historico da maravilhosa vida, conversões e milagres de S. Francisco Xavier.
Uma=Novena de S. Francisco Xavier.
Um=Auto da abertura do Tumulo de S. Francisco Xavier.
Quatro=quadros da vida do Santo Xavier, e da descripção do seu Tumulo.
Tres=ditos em formato menor, com o mesmo objecto, sendo dous em papel amarello.
Uma=medida do corpo do Santo, em fita larga de seda rôxa.
Uma=dita de dito, em fita de seda larga e branca.
Duas=ditas de dito de nastro branco.
Uma=dita de dito de dito côr de roza.
Tres=memorias do Santo em fitas de seda de cores variadas=Bom-Jesus 9 de Junho de 1860.

(351)—Estes objectos foram entregues por nós no dia do encerramento da exposição (em 8 de Janeiro de 1860), ao M.to Red.º Caetano João Peres, Governador do Arcebispado, e Presidente da Commissão encarregada dos arranjos da exposição, para os depositar no Caixão do Santo; mas tendo fallecido o dito Red.º Peres antes de o Caixão ser collocado sobre o Tumulo, o seu herdeiro o Sr. Joaquim Gustavo os entregou ao Tenente Coronel o Sr. Conselho José Mourão Garcez Palha, que servia de Presidente no dia em que o dito Caixão foi reposto no seu lugar.

Ficam estes objectos encerrados no caixão do glorioso Apostolo S. Francisco Xavier.—*C. J. Mourão.*

(Do Original).

N.º 40.

Relação das Oblatas que durante os 37 dias da exposição a Commissão respectiva recolheo, em moeda e emblemas de ouro, prata, e de cêra.

Em moedas de ouro.

Meias doblas	11
Libras esterlinas	6
Meias ditas	5
Pagode	1
Moeda Portugueza de 2$000 reis	1
Quartos de gulmores	6
Putoli	1
Venesiano	1
De cunho desconhecido	1

Em prata.

Rupias de Goa	93[illegible]
Rupias chirinas	81
Patacas columnarias	25
Meias ditas	6
Patacas de diversos cunhos	9
Moedas Francesas (5 francos)	2
Ditas de 2 francos	1
Quartos ditos	3
Crusados novos	2
Panoes de 30 reis	13
Moedas de cunho desconhecido	9

Em cobre.

Moedas Portugueza, xerafins	21710
Dita Ingleza, Rupias	381

Em papel.

Notas do Banco Inglez, de 10 Rupias cada uma	3
Total reduzido a cobre	23730:2:10½

Emblemas de ouro.

Menino Jesus pequeno	1
Barriga pequena	1
Olhos pequenos	2
Coroa pequena	1
Pedaço de ouro batido	1
Algumas flores pequenas	

Ditos de Prata

Penna dourada com o nome de Bernardo José de Lorena, que foi depositada no Tumulo conforme os desejos do offerente	1
Esphera occa	1
Annel pequeno	1
Olhos	6
Peça figurando um pulmão	1
Pequena porção de prata de galão	
Pedacinhos de prata batida	4
Meia esphera	1
Peça figurando barriga	1
Dita figurando 2 pés unidos	1
Manilha larga	1
Pé pequeno	1
Olhinhos unidos, peça	1

Fios de prata com denominação de ma-
deixo..... 1
Coroa pequena..... 1

(Do Livro respectivo)

Ditos de cêra.

Cabeças..... 4
Metades de cabeças..... 4
Meninos..... 3
Braços..... 6
Palmas da mão..... 8
Dedos..... 6
Peitos..... 15
Barrigas..... 39
Pescoços..... 9
Barrigas de perna..... 5
Plantas do pé..... 12
Olhos..... 22
Orelhas..... 9
Lingoas..... 5
Joelhos..... 7

« Além disto grande numero de vellas de cêra.

(Da Relação Original)

N.º 41.

Relatorio da Commissão dos arranjos da Exposição.

Illm.º e Exm.º Senhor.—A Commissão creada por Portaria de V. Ex.ª n.º 144 de 17 de Outubro de 1859, depois de ter dado pontual execução aos seus deveres no desempenho de tudo quanto lhe cumpria, em respeito á solemne Exposição á veneração Publica do Milagroso Corpo do grande Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, tem hoje a honra de elevar á presença de V. Ex.ª as inclusas contas relativas áquelle objecto, esperando

que, em attenção aos encargos de que, na sua maioria se acham onerados os Membros da mesma Commissão, se digne V. Ex.ª de desculpar a demora havida na promptificação e remessa dellas.

Entre os papeis que instruem as ditas contas, achará V. Ex.ª primeiramente as Actas da Commissão,—mas tão somente daquellas Sessões, em que teve de reunir-se para os trabalhos de caracter tal que demandassem uma expressa mensão das referidas reuniões,—não tratando do serviço, quasi diario, que os seus membros alli prestavam com a maior solicitude, tanto antes, como durante a época da dita Exposição, e mesmo dias depois do respectivo encerramento.

Das mencionadas Actas V. Ex.ª verá que a Commissão foi extremamente escrupulosa em todos os trabalhos relativos ao conhecimento do valor real da rica Caixa de prata em que se acha depositado o Veneravel Corpo do Santo Apostolo,—e que lhe com a maior exactidão possivel, que se formalizou a nota, appensa a estes papeis, da importancia da dita Caixa, fazendo-se nella a devida distincção entre o estado anterior aos seus trabalhos competentemente avaliado na quantia de 17:560$:375 e aquelle a que passou pelas reformas e substituição que posteriormente se fizeram, para o completo aperfeiçoamento da mesma Caixa, importante na quntia de 18:492$:230, que he na actualidade o seu valor.

Da conta documentada, igualmente appensa, conhecerá V. Ex.ª que a Commissão teve de despender em todos os trabalhos á seu cargo, a quantia de 2.290$:109$, empregados, não só na promptificação da Caixa de que se trata, se não tambem nos arranjos do catafalco em que ella foi assentada para o acto da Exposição do Santo Corpo, e em um pequeno concerto de que carecia a tumulação de marmore do magnifico Tumulo do mesmo Santo,—como tudo se vê desenvolvidamente da referida conta.

A Commissão tendo sido tambem incumbida, depois

do fallecimento do seu Presidente, o Muito Reverendo Padre Caetano João Peres, Governador deste Arcebispado, de tomar contas tanto das despezas ordinarias que foram feitas por occasião da Festividade annoal do Santo Apostolo, como daquellas que se fizeram para solemnidade da sua Exposição, na parte, alheia á Commissão, que respeitava ao mesmo Reverendo Padre, como Administrador da Casa Professa de Bom Jesus, preenchendo os deveres do seu novo encargo, examinando as referidas contas, e offerece á V. Ex.ª, em resultado como exactas, as duas folhas de despeza, prestadas pelo seu herdeiro, com os documentos que justificam as verbas ali consignadas.—Folhas estas que importam na quantia de 2.357:4.60½.

Vê-se do Resumo da Receita e Despeza tambem junto, que o dito Administrador, e a Commissão recebeu do Thesouro Publico, por seis diversas vezes, a quantia de 3.809:3:20, como designa a Nota, igualmente inclusa, e que a despeza total tendo subido á quantia de 4.648:0:10½, ainda o mesmo Thesouro deve, para a completa satisfação de todas as despezas feitas a quantia de 838:1:50½.

Da dita quantia de 4.648:0 10½, que he a somma total das referidas despezas, como se acaba de mostrar, deverá ser deduzida, a fim de se chegar ao verdadeiro conhecimento do que se despendeu particularmente para os arranjos do Caixão de prata, e para o mais que foi relativo á Exposição do Venerando Corpo do Santo Apostolo, a prestação annoal, que a Fazenda Publica contribue para a Festa ordinaria do mesmo Santo, e que não vai aqui consignada, porque a Commissão ignora qual ella seja.

A Commissão finalmente, deixando de parte, mas em posição muito superior, á Respeitavel Pessoa de V. Ex.ª cujos direitos ao reconhecimento da Christandade na India, tanto Portugueza como Estrangeira, não carecem de ser justificados, e não faltando, outro sim, ao muito que se deve ás Authoridades competentes, á diversos Empregados, e á alguns Cavalheiros, que todos a porfia se es-

meraram em prestar o seu valioso contigente,—tem a intima convicção, de que não desmereceu a honra que V. Ex.ª lhe fez, collocando-a á testa de trabalhos tão importantes, e de que pelos seus incansaveis esforços, lhe cabe, de feito, a gloria de haver concorrido distinctamente para o esplendor desse Venerando e sumptuoso acto, que chamou a attenção dos Nacionaes e Estrangeiros que o prezenccaram,—desse acto que ficará consignado nas paginas da Historia da India Portugueza, e que nos será sempre de grata recordação,—desse acto, em fim, que tivemos a fortuna de ver em os nossos dias, e sob o Governo de V. Ex.ª

Deos Guarde a V. Ex.ª.—Em Sessão da Commissão, 27 de Setembro de 1860.—Ilm.º e Exm.º Sr. Visconde de Torres-Novas, Governador Geral deste Estado.—*Candido José Mourão Garcez Palha.*—*Victor Anastacio Mourão Garcez Palha.*—*Joaquim Manoel de Mello e Mendonça.*—*Nicolão do Rozario e Sousa.*

Despezas feitas pela respectiva Commissão na limpeza, substituição, reforma, e todos outros arranjos de que carecia a Caixa do Apostolo S. Francisco Xavier para o acto da Exposição á veneração publica do Corpo do mesmo Santo.

	Prata	Cobre.
Para a limpesa da prata aos Ourives Vitola Xette e Camona Xette.....	250:0:00	
Prata nova comprada para o completo da dita Caixa, na importancia de 10 marcos, 7 onças e 6½ oitavas a 40 xerafins o marco.....	439:0:18½	
Feito de 17 marcos, 2 onças e 7 oitavas da obra nova feita pelos ditos Ourives, a 8 x.rs. o marco.....	138.1.22½	

	Prata	Cobre.
Douração de 150 engastes novos de prata, e 14 chapas, tambem novas e de prata, e de mais 10 ditos antigos..	160:0:00	
Limpesa e aperfeiçoamento das 4 jarras de prata, que enfeitaram a Caixa de prata....	24:0:00	
De 19 onças 5 oitavas e 48 grãos de galão de ouro....	197:0:00	
Doze covados e $\frac{3}{4}$ de veludo de Europa (encarnado)	114:0:00	
Vinte e um ditos e $\frac{3}{4}$ de dito de Macáo (tambem encarnado).	119:0:50	
Dez ditos e $\frac{4}{8}$ de damasco encarnado.....	65:0:00	
Cinco peças de fita de seda...		7:0:00
Tres ditas de nastro.....		0:3:00
Compra de folhas de ouro, e despezas da douração.. ..	94:3:45	
Preguinhos de cobre para pregar o forro de veludo &c...	2:0:00	
Lapidarios para a promptificação de 251 pedras novas..		45:3:00
Cinco covados de lustrim branco a 8 tangas o covado, para o forro das laminas da Caixa		8:0:00
Serralheiros e Ferreiros empregados no concerto da mesma Caixa.....		12:2:00
Aos Carpinteiros Francisco José de Sousa, e Domingos João Pereira.....		38:3:45
	1.603:4:16½	112:2:46

Despeza feita com os arranjos do Estrado, em que esteve depositada a Caixa durante a dita Exposição.

	Prata	Cobre.
Duas peças de setim-cloth....	25:0:00	
Vinte e sete onças e um quarto de fita de marvalho....	34:2:30	
Trinta e tres covados e um quarto de seraphina verde.		66:2:30
Sete covados e tres quartos de seraphina amarella.....		13:1:45
Sessenta e sete ditos de dita encarnada.....		121:1:00
Cincoenta folhas batidas.....		5:0:00
Carpinteiros empregados no referido trabalho, e vigia diária e nocturna, desde o 1.º de Dezembro até 11 de Janeiro do corrente anno.....		81:1:30
Officiaes veleiros para forrar o dito Estrado.....		11:2:00
Um pedaço de tapete para o Estrado.....	12:0:00	
Quinze covados de lustrim branco para as alças do Caixão		21:0:00
Limpeza de algumas tocheiras e castiçaes que ornaram o Estrado, e bem assim da arquinha em que se conserva a sobrepelliz do Santo..	15:0:00	
Armação do tecto correspondente á parte da Igreja, em que se achava collocada a Caixa, forro interior e exterior das divisões que formavam a têa, e as respectivas		

	Prata	Cobre.
communicações &c. inclusivé a indemnisação pelo estrago que soffreram os pannos, papelões pintados e dourados empregados nas ditas divisões &c.....		150:0:00
	1.712:1:46½	537:0:30
Despesas feitas no concerto da gradaria de marmore do Tumulo do Apostolo.....		106:1:46
Somma total.....S. E.	1.712:1:46½	693:2:16

Em Sessão da Commissão, 20 de Setembro de 1860.—*Candido José Mourão Garcez Palha*, Major Commandante d'Engenheiros e Inspector das Obras Publicas.—*Victor Anastacio Mourão Garcez Palha*, Major Engenheiro e Adjunto á Inspecção das Obras Publicas.—*Joaquim Manoel de Mello e Mendonça*, Capitão Inspector do Arsenal.—*Nicoláo do Rozario e Sousa*, Commissario de Fragata.

Importancia da prata, ouro, e pedras (verdadeiras e falsas) da Caixa do Apostolo S. Francisco Xavier, como ella se achava quando a Commissão tomou conta dos trabalhos respectivos (355).

	Prata
Prata que forma o forro exterior da referida Caixa,—a dos 16 Anjos que ornam a parte superior della,—e a dos engastes	

(355)—O n.º das peças de prata, e das pedras que continha o Caixão Vid. o Doc. n.º 20 a pag. 421.

	Prata.
das pedras que ali existem, tudo do peso de quatrocentos, e seis marcos,—quatro onças, e seis oitavas, sendo a prata a razão de 40 xerafins.....	16.263:3:45
Dita das cento e vinte e quatro estrellinhas que ornam o interior da Caixa, e a respectiva bandeja do peso de um marco—quatro onças—e quatro oitavas na mesma razão de 40 xerafins.....	62:2:30
Dita de quatro jarros com os seus enfeites, do peso de doze marcos—tres onças—e tres oitavas.....	496:4:22½
Um topazio grande do valor de.....	80:0:00
Um dito pequeno.....	10:0:00
Uma sapnyra grande.....	80:0:00
Duas ditas pequenas.....	50:0:00
Quatrocentas e setenta e tres pedras falsas de differentes côres e grandezas.....	142:0:00
Cinco espheras de ambar suspensas na parte interior da Caixa, e engastadas em ouro, enfiadas em aljofres.....	375:0:00
Somma..... (356)	17.560:0:37½

Augmento de prata e pedras empregadas pela Commissão para o completo da referida Caixa.

	Prata.
Proveniente de differentes artigos inserviveis (6 marcos—3 onças—e ½ oitava.. ..	255:1:33½
Prata nova, do peso de 10 marcos—7 onças —e 6½ oitavas, comprada a 40 xr.ˢ o marco.....	439:0:18½

(356)—Nesta somma falta o peso e valor das grades furtadas Vid. a nota 336, a pag. 267.

	Prata.
Duzentas e cincoenta e uma pedras novas	38:0:00
Somma..	732:1:52½
Importancia actual da referida Caixa..S. E.	18.292:2:30

Em Sessão da Commissão, 20 de Setembro de 1860.—*Candido José Mourão Garcez Palha*, Major Commandante do Corpo de Engenheiros e Inspector das Obras Publicas.—*Victor Anastazio Mourão Garcez Palha*, Major Engenheiro e Adjunto á Inspecção das Obras Publicas.—*Joaquim Manoel de Mello e Mendonça*, Capitão Inspector do Arsenal.—*Nicolão do Rozario e Sousa*, Commissario de Fragata.

(Bol. n.º 78 de 1860 p. 606.)

Despesa da Exposição feita pelo Reverendo Peres, Presidente da Commissão e Administrador da Capella.

	Cobre.
Missas cantadas 9, com acolitos nas novenas,	
70 Acolitos das missas cantadas durante 35 dias.....	53:0:00
Para 2 Sermões, do dia da exposição, e do enserramento em prata.....	60:0:00
1 Ajudante ao Sacristão por 47 dias.....	23:2:30
4 Meninos para ajudar Missas durante 37 dias, e 1 delles durante mais 9 dias de novenas.....	31:2:00
1 Turiferario, e 2 acolitos de ciriaes.....	21:0:00
2 medidas de farinha para Hostias e seu feitio.	03:1:00
Massa aromatica.....	23:1:00
125 Jornaes de Regarins.....	36:1:00
8 Calões de azeite de côco para 1 alampadas permanentes.....	60:0:00

	Cobre.
Para Mestre Capella, Caetano Antonio Lucas Piedade de Menezes, pelas muzicas de novenas, vespera, e festa com instrumentos, vozes, acrecidas além de annual 150 xerafins, 2 partes em prata=Dos 35 dias da Exposição 227½ em cobre, e do dia do enserramento 75 xerafins, 2 partes em prata: total.....	452:2:30
Armar e desarmar a Igreja.....	94:1:00
Para 1000 pires de calaim.....	18:0:00
Mais Armação.....	150:0:00
Para Cereiro de consumo de 14 mãos e 19 arrateis de cêra desde a novena até o enserramento da exposição, ao todo em prata	617:2:10½
Vinho para Guisamento (41 garrafas).....	102:2:30
Para almoço e jantar a 37 Celebrantes (Parchos) e 35 Pregadores.....	144:0:00

(Da Relação Original)

Relatorio do Presidente da Commissão e Governador do Arcebispado o sobredito Reverendo Peres dando conta da conclusão da exposição (357).

Caetano João Peres, Cavalleiro da Ordem de Christo, Mestre Escola da Sé Primacial, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, Provizor e Governador Interino do Arcebispado Metropolitano de Goa e Primacial do Oriente, pelo Exm.º e Rm.º Arcebispo Primaz Eleito D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, Vigario Capitular do mesmo Arcebispado.

A todos os que esta virem, Saude e Paz em Nosso Senhor Jesus Christo.

357)—Este Relatorio devia fazer parte do Doc. n.º 35; mas houve engano na sua composição e colocação.

Terminou-se a grande festividade da Exposição publica do milagroso corpo do Apostolo das Indias S. Francisco Xavier com felicidade muito maior do que podiamos esperar.—O fervor da religião se excitou por toda a parte, os Sacramentos foram frequentados com grande compunção, ainda por aquelles, que como ovelhas desgarradas, fugiam do verdadeiro aprisco.—Multidão innumeravel de povo veio depôr aos pés do Grande Santo as suas humildes preces, e homenagens, sem distincção de Christão, Gentio, Mouro, ou Protestante; até os Chefes e sustentaculos da opposição ao Padroado Portuguez, e que nos tratam tão sem caridade por scismaticos, vieram attrahidos da virtude do mais zeloso Promotor desse Padroado, a venerar as suas reliquias e beijar-lhe os pés! Não só os habitantes deste Estado, mas ainda os das mais longinquas terras desde Ceilão até o Deccan, e Guzurate chegaram com fé e humildade a venerar e invocar o seu antigo Apostolo, e se retiraram satisfeitos e consolados!

Tanta fé não ficou pois sem remuneração.—Fieis e infieis receberam graças e favores.

Muitos casos prodigiosos tiveram lugar por intervenção do Grande Santo; curas promptas, portentozas, permanentes se operaram diante de innumeraveis testimunhas e que ponderadas em todas as suas circunstancias são irrecusaveis Graças, ainda quando não as queriam acceitar como authenticos milagres! Já mandei proceder ao exame delles segundo as regras da sã Chritica Theologica.

Oh! quanto o nosso bom Deos he admiravel em os seus Santos (Ps. 61.)! Em lugar de nos castigar por tão continuas iniquidades liberalisa-nos os effeitos da sua infinita misericordia! Não devemos nisto reconhecer e confessar que tantos favores nos são concedidos pela intercessão do nosso Grande Protector? Até a noticia do acontecimento tão anciosamente desejado por todo o Oriente, e que por motivos da crise actual d'Europa era menos esperado, e ainda duvidoso, a retificação da Con-

cordata sobre o Padroado Portuguez, veio coroar tantas maravilhas que se operavam durante esta grande Exposição!..... Um christão não sabe, não pode dar outra significação a um successo desta ordem, e em tal conjunctura.

Oh! Meus Irmãos, deixai-me tornar a exclamar.—Quam bom he o nosso Deos! Longe de lembrar-se das nossas culpas, elle nos attrahe a si com indisivel suavidade. Em confirmando com novos prodigios, diante de nossos olhos, a santidade do seu Apostolo, elle nos convida, segundo se expressam a semelhante respeito os Padres reunidos em Trento (*Ses. 25 de invocat. SS.*), a que demos graças a Deos, ordenemos a nossa vida e costumes a imitação do seu Escolhido, excitemo-nos a adorar e amar a Deos, e exercitemos a piedade, e deste modo obtenhamos a vida eterna *ut vitam habeant, et abundantius* (*Joan.* 10. 10.)

Mas, meus Irmãos, sereis tão desgraçados que estes prodigios, graças e milagres longe de vos converter, só servirão para vos condemnar? Sereis como os Judeos, de quem dizia o Divino Jesus. *Se eu não tivera feito entre elles taes obras, quaes não fez outro algum, não haveria da parte delles peccado; mas agora elles não só as viram, mas me aborreceram tanto a mim, como a meu Pai, não tem pois desculpa* (*Joan.* 15. 22. e 24).

Pois, diz um grande philosofo, B. Pascal, *os milagres não só servem para converter, mas tambem para condemnar.*—Certo disto não duvidou escrever um celebre incredulo do seculo passado, J. J. Rousseau: *Por mais brilhante que fosse um tal espectaculo* (a resurreição d'um defuncto), *não quereria, por quanto ha no mundo ser delle testimunha; pois quem sabe o que me aconteceria! Em lugar de fazer-me submisso e crente, tenho muito receio que me tornasse doudo!* Não meus Irmãos; não vos aconteça uma tamanha desgraça, antes doceis aos avisos do Ceo, submettaes com humildade os vossos orgulhosos pensamentos a tantas demonstrações da bondade do nosso Deos,

observai com mais fervor os preceitos da sua santa lei, imitai á porfia as numerosas virtudes do nosso Santo Protector Francisco Xavier, que diante Deos vela sempre por nossa felecidade, recorrei a sua poderosa intercessão para que consigaes finalmente a sua feliz companhia.

Não terminarei esta sem fazer especial menção dos Rd.os Parochos desta Comarca das Ilhas, e de todos os Sacerdotes, que tão promptamente e com a melhor vontade, sem repararem nos seus incommodos, accederam ao meu convite, e me coadjuvaram no sagrado ministerio do altar, e do pulpito em cada um dos trinta e sete dias que durou a Exposição; dignem-se pois receber os meus agradecimentos e de toda a Communidade Catholica, a cujo conhecimento tenho a satisfação de levar os seus nomes em seguida a esta, e cujos serviços mais condignamente serão premiados por aquelle Eterno Remunerador, que pesa na balança da justiça a menor acção nossa.

Dada em Goa, em Bom-Jesus sob o meu Sinal e Sello das Armas do Illm.o e Rm.o Cabido, aos 9 de Janeiro de 1860.—O Governador Archiepiscopal, *Caetano João Peres*.

Relação dos Sacerdotes que prégaram durante os 37 dias da Exposição publica do venerando Corpo de S. Francisco Xavier

Dias	DEZEMBRO DE 1859.	*Idiomas*
3	Reverendo Padre Mestre Miguel Felippe de Quadros, de Loutulim na Missa.	Portuguez.
4	Rd.o José Nasario Pereira, Professor do Seminario de Rachol.....	Dito.
5	Rd.o Cosme Damião de Noronha de Pangim.....	Concany.
6	Rd.o Michael de Noronha de Saligão....	Dito.
7	Rd.o João Baptista Manoel Paes, Parocho da Igreja de Guirim.....	Dito.

8 Rd.° Mariano Gaspar Godinho de Marjorda..... Dito.
9 Rd.° Joaquim Saul Anna de Sousa, Parocho da Igreja de Loutolim..... Dito.
10 Rd.° Gaspar João Barreto, Professor do Seminario de Rachol..... Portuguez.
11 Rd.° João Agostinho Moraes, de Margão Concany.
12 Rd.° Avelino Collaço, de Margão..... Dito.
13 Rd.° Constancio Barreto, de Margão.. Dito.
14 Rd.° Elias Jeronimo de Nazareth, Parocho da Igreja de Ucassaim..... Dito.
15 Rd.° Pedro Paulo Quiterio de Sousa, Parocho da Igreja de Calangute..... Dito.
16 Rd.° Antonio Caetano do Rosario de Moira..... Dito.
17 Rd.° Antonio Victorino de Carmo Pinto, Parocho Encommendado da Igreja de Anjuna..... Dito.
18 Rd.° André Avelino Lobo, Parocho da Igreja de Assagão..... Dito.
19 Rd.° Avelino Francisco, Parocho da Igreja de Parra..... Portuguez.
20 Rd.° José Mariano Fernandes, Vigario Encommendado da Igreja de S. Pedro em substituição do Rd.° Parocho da de Murmugão, que ficou doente.. Concany.
21 Rd.° Luiz Xavier Fernandes, de Assagão Dito.
22 Rd.° José Mariano Fernandes, Encommendado da Igreja de S. Pedro.... Concany.
23 Rd.° Avertano de Carmo, Encommendado da Igreja de St.ª Cruz de Calapor Portuguez.
24 Rd.° Caetano Xavier d'Abreu de Pangim Dito.
25 Rd.° Rodrigo Ignacio Maria Mascarenhas, Professor de Theologia..... Dito.
26 Rd.° Antonio Pedro Floriano Rodrigues, Dezembargador da Relação Ecclesiastica e Parocho da Igreja de Ribandar Dito.

27 Rd.º Felippe Antonio Pinto, de Calangute ..... Concany.
28 Rd.º Caetano Bernardo de Natividade de Menezes, Parocho da Igreja de Varca ..... Dito.
29 Rd.º Cosme Damião de Noronha, de Pangim ..... Dito.
30 Rd.º Caetano Vicente Mascarenhas, Vice-Reitor do Seminario de Rachol. . Portuguez.
31 O mesmo, por inconveniente do nomeado ..... Dito.

JANEIRO DE 1860.

1 Rd.º David André Francisco de Sousa, de Calangute. ..... Dito.
2 Rd.º Antonio Pedro Floriano Rodrigues, Dezembargador da Relação Ecclesiasti ca e Parocho da Igreja de Rihandar Dito.
3 Rd.º Felippe Dias, Parocho da Igreja de Rachol ..... Concany.
4 Rd.º Cosme Damião de Noronha, de Pangim ..... Dito.
5 Rd.º Francisco de Ataide de Aldona. Dito.
6 Rd.º João Caetano de Sá, Parocho da Igreja de Assonora ..... Dito.
7 Rd.º Antonio Nicolau Barreto, Dezembargador da Relação Ecclesiastica. Dito.
8 O mesmo Rd.º Dezembargador Barreto. —Na missa em ..... Portuguez.

O Official da Camara Pontificia *Antonio João Affonço.*

Relação dos Rd.os Parochos que cantaram Missa solemne durante os 37 dias da Exposição Publica do Venerado Corpo de S. Francisco Xavier.

DEZEMBRO DE 1859.

3 Officiou o Ilm.º e Rm.º Cabido.

4 Rd.º Mathias Manoel de Silveira, Cura da Sé.
5 Rd.º Francisco Xavier Monteiro, Parocho da Igreja de S. Mathias.
6 Rd.º Luiz Manoel de Sousa, Encommendado da Igreja de S. Braz.
7 Rd.º Angelo Maria Ferreira, Parocho da Igreja de Corlim.
8 Rd.º Avertano de Carmo, Encommendado da Igreja de S. Cruz.
9 Rd.º José Galdino Ribamar Ferrão, Parocho da Igreja de Bambolim.
10 Rd.º José Excelso Leitão, Encommendado da Igreja de Siridão.
11 Rd.º Vicente de Sousa, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, e Parocho da Igreja de Pangim.
12 Rd.º Vigario Encommendado da Igreja de Curca.
13 Rd.º Joaquim Sant'Anna Coelho, Parocho da Igreja de St.ª Ignez.
14 Rd.º Manoel Antonio do Rosario Pinto, Parocho da Igreja de Taleigão.
15 Rd.º Luiz José de Sousa, dito de S. Lourenço de Agassaim.
16 Rd.º Martinho Xavier da Costa, Encommendado da Igreja de Batim.
17 Rd.º Luiz José de Sousa, Parocho da Igreja de S. Lourenço, a pedido do Rd.º Pio Prudente Cordeiro, Parocho da Igreja de Goa-Velha.
18 Rd.º José Mariano Fernandes, Encommendado da Igreja de S. Pedro.
19 Rd.º Ignacio João de Menezes, dito da de Sant'Anna.
20 Rd.º Antonio Xavier de Sousa, Parocho da Igreja de Mercês.
21 Rd.º Manoel do Rosario Pinto, Parocho da Igreja de Carambolim.
22 Rd.º José Bernardo de Menezes, Encommendado da Igreja de Marcella.

23 Rd.º Thimoteo Xavier Godinho, Parocho da Igreja de St.º Estevão.
24 Rd.º Pascoal Silvestre Mascarenhas, Encommendado da Igreja de Naroá.
25 Rd.º Michael Faustino de Sousa, Prior da Collegiada de Senhora do Rosario.
26 Rd.º Francisco Xavier de Nazareth, Encommendado da Igreja de Piedade.
27 Rd.º Parocho da Igreja da Graça de Chorão.
28 Rd.º Caetano Luiz de Sousa, Parocho da Igreja de S. Bartholomeu de Chorão.
29 Rd.º Damião Mathias de Menezes, Encommendado da Igreja de Azossim.
30 Rd.º Cornelio Cipriano de Lisboa, Parocho da Igreja de Mandur.
31 Rd.º João Feleciano Ferrão, Encommendado da Igreja de Neurá.

JANEIRO DE 1860.

1 Rd.º João de Rainha dos Anjos, Encommendado da Igreja de St.ª Lusia.
2 Rd. Antonio Pedro Floriano Rodrigues, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, e Parocho da Igreja de Ribandar.
3 Rd.º Angelo Maria Ferreira, Parocho da Igreja de Corlim.
4 Rd.º Ignacio João de Menezes, Encommendado da Igreja de St.ª Anna.
5 Rd.º Francisco Xavier Monteiro, Parocho da Igreja de S. Mathias.
6 Rd.º Mathias Manoel de Silveira, Cura da Sé.
7 Rd.º Antonio Xavier de Sousa, Parocho da Igreja de Mercês.
8 Officiou o Illm.º e Rm.º Cabido.

Goa em Bom-Jesus, 9 de Janeiro de 1860.—O Official da Camara Pontificia *Antonio João Affonso.*

(Bol. n.º 4 de 1860 p. 80.)

N.º 42.

A Pastoral dos Milagres.

Antonio José Pereira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego da Sé Primacial, Pro-Synodal, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, Vigario Geral e Governador Interino do Arcebispado Metropolitano de Goa, Primacial d'Oriente pelo Exm.º e Rm.º Arcebispo Eleito D. Antonio de Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, Vigario Capitular do mesmo Arcebispado.

Aos Fieis Catholicos que esta virem, saude e paz em Jesus Christo Nosso Senhor.

Coube-me por Mercê de Deos, e do Glorioso Apostollo e Patrono da India, S. Francisco Xavier, a rara e não merecida fortuna de executar neste Arcebispado o que sobre os milagres havidos novamente, o Sagrado Concilio de Trento prescreve aos Ordinarios do lugar na Sessão 25.ª; mas antes que o fizesse, pareceu-me dever lembrar ao Paiz, e a todos, que foram testemunhas oculares, aquelles dias do publico jubilo, que ao fechar do anno velho, ha pouco, rodaram tão alegres diante dos seus olhos, para dar entrada ao novo, que pode com razão chamar-se o mais venturoso de quantos viu a geração presente e a passada: dias em que a Omnipotencia, em preferencia a tantos Reinos poderosos e florecentes do mundo, distinguindo este pequeno recinto de Goa, ostentou nelle o esplendor das suas maravilhas, para dar á Igreja Catholica, no meio das Nações Pagãas e infieis, um novo triumpho, e a Nação Portugueza, sua primitiva gloria.

Deos quiz, e esta divina vontade S. Magestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V. a interpretou, mediante a supplica, e zelo do Exm.º Visconde de Torres-Novas, Governador Geral deste Estado, que unindo aos seus, os votos

do Clero e do Povo, lhe abriu no seu governo uma época da Religião a mais brilhante, que andará para sempre nos fastos da historia.—Com estes precedentes, e com um apparato, rica e sumptuosamente coordenado, abriu-se em fim, depois de 77 annos, no dia 3 de Dezembro do ultimo anno (hoje anniversario) no Augusto Templo do Bom-Jesus da cidade Velha, entre suspiros e lagrimas de ternura de immensa multidão concorrida do Clero, de grandes, e pequenos, nobres e plebeos, nacionaes e estrangeiros, o Venerado Corpo de S. Francisco Xavier, conservado mais de tres seculos entre nós; fortuna que talvez poucos da geração passada, teriam tido; e collocado em caixão aberto, visivel a todos, foi solemnemente exposto á veneração publica, desde esse até o dia 8 de Janeiro do anno corrente.

Não he preciso que eu vol-o diga; vós vistes com prazer, amados irmãos, a pompa destes ditosos dias, desta festa verdadeiramente religiosa, que o Clero, a Nobreza, e o Povo,—que o grande e o pequeno—, que cada um de vós se esmerava pol-a tornar mais alegre, e jubilosa. Vós vistes este trintario e mais um seteno da festa continua, em que o Templo do Bom-Jesus resoava sem cessar, quando o Clero, reunido ao Muito Reverendo Cabido, funcionava no ministerio da oração e da palavra; este, em redor do Corpo Santo, facilitando o accesso aos fieis, e esmerando-se para dar possivel lustre á festividade; aquelle exhortando-os, ou cathechisando os infieis á fé e á penitencia, offerecendo sobre os altares ao Altissimo a victima do Cordeiro Immaculado, repartindo ao povo o pasto espiritual, ou do pulpito, ou do tribunal sagrado da penitencia, fallando a cada um na sua propria lingua, secundando a impressão santa, e a commoção, que a presença do venerado Corpo havia produzido nos corações dos fieis e dos infieis.

Mas que cheios que foram, e festivos estes trinta e sete dias da Exposição santa! Que povo innumeravel, que por estes bellos dias concorreu em devotas caravanas, em

grandes e numerosas massas, a beijar o pé do Santo!! Este espaçoso Templo era pequeno, seus largos pateos eram acanhados, a Cidade, tão vasta como he, não bastava e parecia gemer debaixo do pezo deste sem numero do póvo, que ondulava em fluxo, e refluxo, por direcções diversas, noite e dia, durante todo este santo tempo das cinco semanas.—As estradas da Capital e seus suburbios as das Comarcas, e mesmo das Aldêas estavam apinhoadas de romeiros, as passagens dos rios obstruidas.—O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o velho curvado e o menino bambaleando, o enfermo acarretado, o christão e o gentio, o mouro, o impio, o incredulo, de terras proximas e distantes, tudo, em fim, estava ao pé do Santo Apostolo com fé viva, e confiança firme na sua poderosa intercessão!

Sim, meus amados irmãos: e esta sua fé, esta sua devoção chãa e sincera foi bastantemente remunerada; o Céo a acceitou, e voltaram todos contentes com as graças e beneficios, assim espirituaes, como corporaes, que solicitaram, e alcançaram.—E tão grande foi o numero de graças, afora as conversões dos infieis e dos incredulos, que a voz publica em toda a parte apregoava tão claras e patentes as curas milagrosas que á intercessão do Santo Apostolo se attribuião, que o Governo deste Arcebispado, cumprindo o seu dever, mandou colher os factos mais notaveis e averigual-os por uma Commissão de pessoas competentes, e Facultativos mais acreditados, nomeada pela Provisão de 5 Janeiro do corrente anno.

O resultado dos trabalhos desta illustre Commissão foi me apresentado: e eu, fazendo delle, assim como das novas investigações a que mandei proceder, a base do exame dos Theologos, os reuni no Palacio Archiespiscopal de Panelim aos 24 de Agosto ultimo, e ouvido o seu voto, com pleno e maduro conhecimento do objecto, e na forma do que estatue o sagrado Concilio de Trento na citada Sessão 25.ª, hei por reconhecidos, e juridica e canonicamente approvados como milagres, para gloria de

Deos, e do seu Apostolo S. Francisco Xavier, os factos prodigiosos, cuja relação vai em seguida, declarando que não coube no tempo e em as diligencias investigar tão completamente como cumpria, outros muitos milagres e graças, que Deos haja operado por esta occasião, e de que falla a voz publica.

Relação dos factos milagrosos havidos durante a referida Exposição do Venerando Corpo de S. Francisco Xavier.

I.

João Thomaz Fernandes vulgo Tontú que vem a dizer o côxo, filho de Pedro Fernandes, e de Mariana Fernandes, natural e morador em Pangim, da idade de 9 annos (hoje dez), tendo nascido com defeito no pé esquerdo, cujo bordo externo era voltado para baixo, e a planta para dentro, sem deslocação, nem falta de osso, cresceu com este defeito, não lhe tendo aproveitado medicamento algum, e por isso julgado incuravel.—Andava apoiando o bordo externo do pé sobre o chão, tendo a perna arqueada, e neste estado fazia longas digressões, acompanhando até aos caçadores, sem que por estes movimentos tivesse alguma mudança.

Na epoca da Exposição do milagroso Corpo de S. Francisco Xavier, tendo hido no dia 13 de Dezembro ao Templo do Bom Jesus, acompanhado da sua mãi, esta, orando pela cura do seu filho, o levou para beijar os venerandos pés do mesmo Santo, e no acto de beija-los, sente o rapaz no pé lezado umas dores agudas como se fossem produzidas pelas picadas de agulha, continuando até ao sahir da Igreja, o que communica á mãi que não dá importancia ao caso, attribuindo aos incommodos da jornada, e se recolhem ambos pela noite.—Na manhaã do dia seguinte levanta-se já livre sem aquelle defeito, e anda com planta assente no chão, e o bordo externo voltado para fora, tornando-se macia e fina a pelle da planta, sem

indicio de ter soffrido pressões! Que maravilha!! O agraciado he conduzido a varias casas para ser visto, o successo he admirado pelos que antes conhecerão o rapaz, o caso he publico e falado nas gazetas, he examinado pelos Facultativos, e reconhece-se o milagre tão manifesto!!!

II.

D. Maria Antonia da Costa Campos, filha do Coronel Francisco da Costa Campos, e de D. Maria Antonia de Mattos e Goes moradora em Pangim, da idade de 13 annos (hoje quatorze), em consequencia d'uma grave doença que teve no anno de 1855 perdendo a sensibilidade e movimento em toda a extremidade inferior direita até a região lombar tinha o pé em extensão sobre a perna, e esta flectida sobre a cóxa.—Não lhe valeram os recursos da arte, que empregou muitos remedios, nem os desvelos dos Pais, que dezejavam ao menos vel-a melhorada.—Foi julgada assim incuravel, e entregue á sua sorte.

Em consequencia deste estado, a doente não podia andar, se não sobre um só pé a saltinhos com auxilio de muletas, ou ajudada de alguma pessoa, sem nunca poder tocar o chão com a extremidade leza, que estava atrophiada, e o pé mais pequeno que outro.—Neste mesmo estado tendo ella hido beijar pela primeira vez os pés de S. Francisco Xavier durante a sua Exposição, voltou sem sentir nenhuma mudança, porém tendo ouvido posteriormente a maravilhosa cura de João Thomaz Fernandes acima relatada, animada com firme esperança de obter igual graça, no dia 26 de Dezembro, solicitando licença do seu Pai, torna a hir, acompanhada da sua irmãa, pela segunda vez á Igreja do Bom-Jesus, onde tendo beijado os pés do Santo, e tocado nelles a extremidade leza, sente dores violentas em toda aquella parte desde o pé até a cóxa, como que alguem lhe puxasse a perna com muita força, e logo perde os sentidos! Fizeram descançal-a n'um degrão do altar collateral alguns dos que lá assistiam; he

quando recobra os sentidos e começa logo a andar com ambos pés, subindo livremente até as altas escadarias dos edificios do Bom-Jesus, e de S. Caetano!!!

Já hoje anda com desembaraço sem auxilio de outra pessoa, nem de muletas.—O pé, a perna, e a coxa tem nutrição e completa sensibilidade, todos os movimentos livres, e perfeita flexibilidade das articulações.—Por esta graça, obtida pela intercessão do Santo, ajuntou ao seu nome o de Francisca Xavier, e hoje se chama D. Maria Antonia Francisca Xavier da Costa Campos.

Este prodigioso facto não foi menos publico e admirado que o precedente.

III.

Maria Isabel de Sousa, filha de Caetano de Sousa, e de Luisa Maria Rodrigues, de Candolim, cazada com Pedro de Norouha, da Freguezia de Tivim, e da idade de 19 annos (hoje vinte), sendo accommettida d'uma inflamação de utero, sobreveio-lhe outra molestia, que a deixou tolhida e jazendo na cama sem poder mover um pé leso, com grande embaraço e dores no braço e parte correspondente até ao pescoço, que esteve contrahido.—Não lhe tendo valido os medicamentos administrados por alguns Facultativos, estiveram até sem sensibilidade as partes lesas, de modo que cada dia, aggravado o mal, tinha a enferma tomado desengano da sua vida, e tratava das suas ultimas disposições, quando a sua mãi, não podendo mais vêl-a naquelle lastimoso estado, tomou a resolução de leval-a aos pés de S. Francisco Xavier, ainda que com receio de que no caminho terminasse a sua carreira.

Com effeito no dia 23 de Dezembro foi transportada sobre os hombros d'um individuo até ao embarcadouro, e dali proseguio em toua até á Cidade velha.—No Templo do Bom-Jesus neste dia foi condozida por sua mãi até os pés do Santo; e ahi dispondo-se ella a beijal-os da maneira como lhe era possivel pois que o pé tolhido não lhe permittia ajoelhar; eis que derepente, e no mesmo

instante sente na parte lesa uma pancada a que segue um estado vertiginoso, e lhe presta auxilio, para não cahir, um ecclesiastico que assistia ao Tumulo.—E tornando a subir logo por si e com desembaraço os degráos do estrado, beija os pés do Santo, de joelhos! e dando volta livremente ao redor do Tumulo se retira sem auxilio de pessoa alguma, ficando tão desembaraçada que vai até visitar alguns lugares, e edificios da Cidade, e se recolhe recuperando perfeita saude! Que prodigio!! Este successo foi presenciado e admirado pelo grande concurso da gente, que havia no Templo, estando no pulpito o Pregador.

A agraciada no dia immediato foi render graças ao Todo Poderoso na sua Igreja de Candolim, e os seus visinhos ficaram maravilhados desta portentosa transformação de uma enferma, que contavam ás bordas da sepultura!!

IV.

Pedro Antonio José da Cunha, da idade de quasi 50 annos, morador na Freguezia de Candolim, acommettido de tetano no Dezembro de 1855, já livre deste ataque conservou com tudo uma lesão que lhe impossilitava calçar sapatos, e dobrar joelhos do modo que se confessava e commungava, ficando em pé! Tendo hido neste estado á Igreja do Bom-Jesus para beijar os pés do Santo Apostolo aos 8 de Dezembro, sentiu ali mesmo tal allivio que, depois de padecimentos de quatro annos completos não somente póde calçar sapatos livremente, mas até ouvio missa inteira de joelhos, demorando-se quasi todo o dia, e andando sem embaraço algum! Desde esse dia já se acha livre, e não se atribue esta rapida e admiravel cura a nenhuma causa natural, mas sim á protecção do Santo, que tinha hido venerar, como o mesmo agraciado reconhece.

V.

Mariana Luiz, solteira da idade de 60 annos, da Fre-

guezia de Candolim, acommettida de paralyzia havia longo tempo, e tolhida de pés e mãos, ficou pouco melhorada, mas conservava lesão, que lhe impedia dar livre passo, e dobrar os joelhos. Andava com auxilio de outrem, e apoiada em um páo.

Quando no dia 15 de Dezembro quiz ir beijar os pés do Santo Apostolo, com difficuldade póde caminhar pelo adjutorio de outra pessoa, e com páo na mão até ao embarcadouro do rio, que banha a sobredita Aldêa de Candolim, pequena distancia.—Chegada á Igreja do Bom-Jesus, estando dentro do Templo, derepente se vê livre da lesão, anda sem embaraço, nem depende do adjutorio de alguem! Voltou á sua casa a pé desde o embarcadouro de Verém (Aldêa que dista uma legoa e meia.)

Anda hoje livre sem queixa, e ouve missa de joelhos. Admiravel cura que se attribue só ao milagroso patrocinio do Santo!!!

VI.

Humiliana Bernardina do Rosario, da idade de 34 annos, viuva de Benedito Francisco Fernandes, da Freguezia de Candolim, paralytica mais de 12 annos, com a perda de sensibilidade da mão direita, que esteve tolhida com dedos contrahidos, tornando-se inutil para qualquer precisão, e não podendo levantal-a até a altura da bôca, para ao menos levar alimento, foi abandonada á sua sorte por não lhe aproveitarem os recursos da arte.

Neste estado foi no dia 14 de Dezembro auxiliada por outros, a vista do seu lamentavel estado, para beijar os pés do Santo Apostolo Xavier, e estando mesmo no Templo derepente se vê alliviada de tão inveterada lesão, podendo persignar-se com a mão lesa, depois de doze annos e servir-se della para outras suas precisões! Successo que communica, ali mesmo ajoelhada, aos seus acompanhantes. Maravilha innegavel, que os Facultativos attestam não poder attribuir-se á causa natural.

VII.

Pedro Manoel de Sousa, filho de Antonio de Sousa, e de Josepha Fernandes, da Freguezia de Tivim, da idade de 8 annos (hoje nove) desde menino teve lesão em ambas as pernas, ficando unindo os pes, sem poder movel-os livremente; de modo que não podia andar sem adjutorio de outrem, ou sem tocar as mãos em terra, restando-lhe livre apenas o movimento da cadeira.

Neste estado foi conduzido pelos seus pais para beijar os pes do Santo Apostolo, e estando no acto de o fazer eis que sente tal commoção que se vê disposto a andar, e pede logo ao pai, que o ajude para descer do estrado onde estava o Corpo do Santo.—Com este adjutorio desce, sahe do Templo e caminha até ao pavilhão no adro! Recolhendo-se para casa, já anda! Maravilha, que certificam os Facultativos ser effeito sobrenatural.

VIII.

Jeronimo Ferrão, filho de João Ferrão, e de Natalia de Noronha, da Freguezia de Tivim, quasi de 21 annos perdeu juiz, e neste estado de alienação não tinha conhecimento do que via, nem fazia. Não se sabia a causa desta alienação; e tristes consequencias da sua furiosidade se viam em casa, e fóra nas visinhanças. Medicado com varios remedios, nenhuma melhoras teve, deixando em afflicção a familia, que via malograda a pretenção do seu casamento, que estava assentado.

No mesmo estado de alienação a sua madrinha o levou ao Templo do Bom Jesus, para beijar os pes do Santo Apostolo, quando á entrada do mesmo Templo teve um vagado, e ficou sem sentidos, sustido por algumas pessoas. Passado pouco tempo recobra os sentidos e o juizo! Beija os pes do Santo, e volta são! Não se attribue a sua santidade a nenhuma causa fisica, se não a protecção do Santo.

Tal he, amados irmãos, o ligeiro rasgo da magnifica e tocante scena, que, recente, se abrio, diante de nós! E a qual de vós que pela graça do Senhor conserváes ainda o deposito sagrado da Fé, se não encherá o coração de alegria, e o espirito, d'uma firme e terna confiança ao reflectir, que he o Pai das misericordias, que, sempre admiravel em os seus Santos, agora, pela intercessão do Apostolo das Indias abrindo o thesouro das suas graças obrára, entre nós, tantos prodigios pela sua Omnipotencia? prodigios nas almas, prodigios nos corpos! um nobre e doce enthusiasmo nos corações dos bons fieis para sua perseverança! confusão e dór nos corações gelados e quasi mortos á graça, para sua penitencia?! que alumiára os infieis e pagãos, e os fizéra renascer nas agoas do baptismo?! os hereges e incredulos, e os trouxéra ao gremio da Igreja?!! e que todos estes divinos beneficios selára com o cunho dos verdadeiros milagres, que os acompanharam, e abrilhantaram esta para sempre memoravel época da Christandade de Goa? época que presenciamos, e que transmittimos ás gerações vindouras como uma nova e recente prova da nossa Santa Religião e Catholicismo?!!

Sim, amados irmãos, este testemunho irrefragavel do Ceo, esta voz de Thabor, que se fez ouvir entre nós tão clara, e fallou por milagres, não só confirma mais esta vez tão authenticamente a doutrina, que recebemos do Santo Xavier, mas confunde victoriosamente o sceptícismo, e a incredulidade;—destroe os sophismas do materialismo, e faz bradar nelle a consciencia suffocada á prol dos deveres do homem;—substitue a Religião verdadeira pelo indifferentismo;—a moral pela libertinagem;—a gravidade dos costumes pela desenvoltura;—o amor da patria pelo egoismo;—a educação domestica pelo abandono, e máo exemplo dos Chefes da familia;—n'uma palavra, restabelece, entre nós, e no mundo inteiro, a Religião do verdadeiro Deos, tão discahida e es-

quecida neste seculo; e tudo pela intercessão do nosso Santo Patrono, cujo Corpo possuimos.

Felizes nós, habitantes de Goa, e mil vezes mais felizes que tantos outros povos do mundo, que, embora figurem hoje pela sua opulencia, e pelas suas forças, nós não lhes invejamos a sua fortuna, e o seu orgulho, nós que possuimos o mais rico, e valioso thesouro do Ceo o Corpo do melhor dos Patronos, do mais forte dos Defensores.

He tempo, amados irmãos, que aproveitamos das salutares palavras do Apostolo=*ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.... ne in vacum gratiam Dei recipiatis*=eis que nos coube agora a época favoravel, agora o dia da salvação.... não malogremos tanta graça, tanto favor da divina clemencia.—Acaso tantas maravilhas, de que temos sido testemunhas, em vez de servirem para o proveito das nossas almas, serão motivo para nossa ruina? Vendo-as com estes nossos olhos, admirando-as com tanto espanto, e alvoroço do nosso espirito, ainda continuaremos a ser cégos e estultos? Ah! que indisculpavel que será a nossa obstinação;—que feia a nossa ingratidão, se não nos conformamos com os designios da divina Misericordia, que tão liberal derramou sobre nós beneficios taes e tão raros nestes seculos? Temei e tremei, amados irmãos, que não aproveitando ao tempo destas graças singulares, incorramos como o povo da Judéa na indignação do justo Juiz, na reprovação, e condemnação eterna deste povo ingrato, de quem dizia o divino Mestre=*Si opera non fecissem in eis quæ nemo alius fecit, peccatum non haberent: nunc autem et viderunt et oderunt et me et Patrem meum*=(Joan. XV. 24.). Se não tivesse eu obrado entre elles milagres que nenhum outro fez, não se lhes arguiria a sua obstinação: mas elles os virão e com tudo aborrecerão tanto a mim como a meu Pai.—Foram surdos a tantas vozes e brados, agora pois não lhes resta escusa alguma da sua obstinação=*nunc autem excusationem non habent de peccato suo*=(ibid. 22)

Não seja assim, amados irmãos: ah! que Deos o não permitta.

Provemos, pois, pela regularidade da nossa conducta, pela pureza dos nossos costumes, por uma piedade illustrada, por uma caridade verdadeiramente evangelica, pela honestidade e modestia das nossas acções, que pertencemos ao Santo Apostolo, e somos sua familia, discipulos, e sequazes da santa Religião, que elle nos ensinou a unica verdadeira, fóra da qual não ha salvação.— Amados irmãos, prostremo-nos, em fim, em acção de graças, diante do soberano Senhor, que se ostentou tão magnifico no meio de nós, e lhe suppliquemos seus auxilios, para que aproveitando dos seus favores, lhe rendamos os tributos da nossa gratidão agora, e para sempre.

Os Reverendos Parochos deste Arcebispado publicarão esta da cadeira de estação, na forma da pratica, e depois de registada no Livro competente, se passará de uma Igreja á outra.—Dada em Panelim na minha Residencia sob o meu signal, e sêllo das Armas do Illm.° e Rm.° Cabido aos 3 de Dezembro de 1860.

O Governador do Arcebispado,

Antonio José Pereira.

(Bol. n.° 95 de 1860 p. 733.)

FIM.

INDICE DOS DOCUMENTOS.

PARTE PRIMEIRA

Documentos que acompanham a Historia da Vida de Santo.

Pag.

N.º 1—Descripção da Capella, Tumulo, e Caixão de prata do Glorioso Apostolo..... 274

N.º 2—Exame do Corpo do Santo pelos Doutores Saraiva, e Ribeiro em 1556..... 290

N.º 3—Bulla de Canonisação do St.º, e sua traducção 292

N.º 4—Bulla de indulto para o officio, e sua traducção 313

N.º 5—Conta, e C. R. do estabelecimento de luminarias e procissão..... 315

N.º 6—Provisão de arbitramento de 500 xeraphins para a festividade do Santo Apostolo..... 317

N.º 7—Conta, e C. R. de designação de lugares para os Tribunaes e Corporações para a festividade do Santo..... 319

N.º 8—C. R. inaugurando o St.º em Defensor do Oriente..... 323

N.º 9—Conta, participando que parecia o Santo aceitara o titulo de Defensor..... 325

N.º 10—Officio do V. Rei dando conta da desobediencia do Senado em assistir a festa do St.º.. 326

N.º 11—Declaração Apostolica do Santo em Patrono de toda a India..... 327

N.º 12—C. R. prohibindo abrir o Caixão do Santo.. 336

N.º 13—A. R. mandando distribuir as Chaves do Caixão do Santo..... 337

N.º 14—Officio dando conta do concerto do Caixão &c. 338

N.º 15—A. R. mandando fazer exame do Corpo do Santo, e expol-o á publica veneração &c..... 341

N.º 16—Licença, exame do Corpo do Santo, e sua exposição em 1859..... 347

PARTE SEGUNDA

Documentos que acompanham a Memoria Historica da exposição do Corpo do Santo Apostolo em 1859.

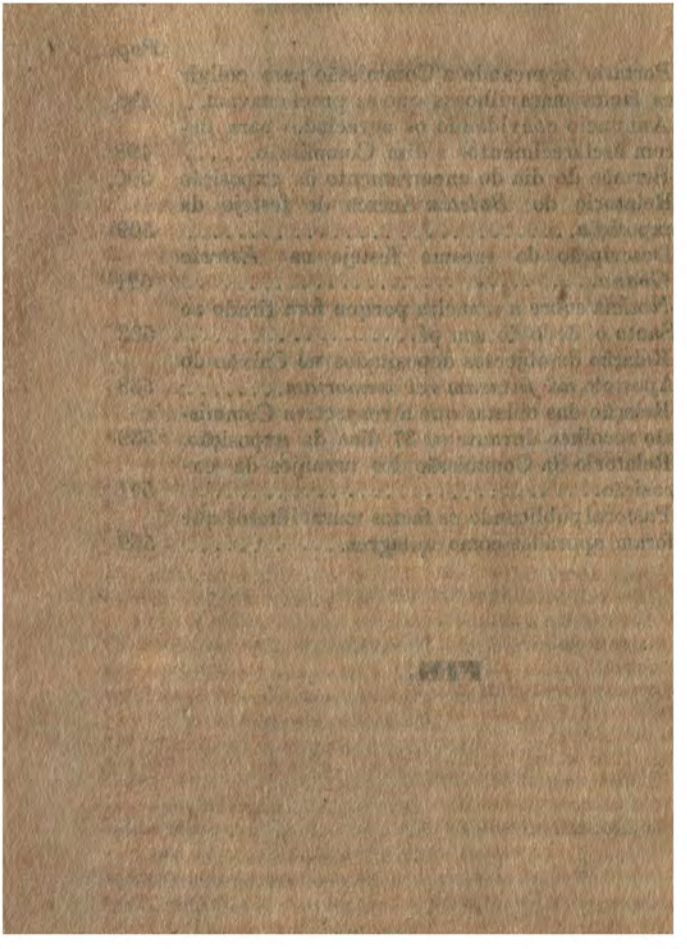
Pag.

N.º 17—Aviso fixando o dia da abertura e encerramento da exposição do Corpo do Santo á publica veneração..... 419
N.º 18—Circular convidando as corporações, e chefes das Repartições para a abertura do Caixão do Santo Apostolo, e exame do seu corpo..... 420
N.º 19—Portaria nomeando uma Commissão incumbida dos arranjos da exposição..... 420
N.º 20—Relação das peças de prata que cobre o Caixão externo do Santo..... 421
N.º 21—Postura da Camara para limpesa da Cidade... 422
N.º 22—Portaria approvando o Programma do festejo da exposição..... 426
N.º 23—Portaria nomeando uma Commissão para receber as oblatas..... 433
N.º 24—Circular para a marcha da tropa para a Cidade Velha..... 434
N.º 25—Circular do Arcebispado annunciando a exposição..... 436
N.º 26—Aviso da Imprensa Nacional da venda de varios objectos no Pavilhão..... 443
N.º 27—Sermão do dia da exposição..... 448
N.º 28—Noticia do acto da exposição por um extrangeiro..... 456
N.º 29—Relação dos festejos dos primeiros dous dias da exposição pelo Doutor Canez..... 464
N.º 30—Portaria prorogando a exposição até 8 Jan.º 493
N.º 31—Noticia da exposição publicada no *Bombay Times and Standard*..... 494
N.º 32—Noticia da exposição publicada no *Bombay Catholic Examiner*..... 495

Pag.

N.º 33—Portaria nomeando a Commissão para coligir os factos maravilhosos que se proclamavam.. 496
N.º 34—Annuncio convidando os agraciados para darem esclarecimentos á dita Commissão..... 498
N.º 35—Sermão do dia do encerramento da exposição 500
N.º 36—Relatorio do *Boletim* ácerca do festejo da exposição..... 509
N.º 37—Descripção do mesmo festejo na *Estreia Goana*..... 521
N.º 38—Noticia sobre a maneira porque fora tirado ao Santo o dedo do seu pé..... 532
N.º 39—Relação de objectos depositados no Caixão do Apostolo *ad futuram rei memoriam*..... 538
N.º 40—Relação das oblatas que a respectiva Commissão recolheo durante os 37 dias da exposição. 539
N.º 41—Relatorio da Commissão dos arranjos da exposição..... 541
N.º 42—Pastoral publicando os factos maravilhosos que foram apurados como milagres..... 559

FIM.



INDICE DE MARIAS MATERIAS

Referidas nas Notas.

A	Nota	Pag.
Aberturas do Caixão	216	279
—as particulares	»	»
—a solemne de 1782	270	354
—a solemne de 1859	276	357
—a privada	286	363
Achar—sua moeda	282	263
Achem, Reino de	114	83
Actos religiosos	134	122
Affonço de Noronha (D)	190	216
Agglomeração da gente	324	406
Alampadas offerecidas	235	268
—seu peso e valor	»	»
—á arderam perenes	309	386
Aljube antigo	302	375
Alvaro de Ataide (D.)	159	185
—abriu Carta de Xavier	157	195
—fez sua zombaria	193	218
—castigo que teve	166	192
Amboino, Ilha de	92	74
Amor ou Bandeja	277	352
—suas dimensões	»	»
Angiró, Japonez	128	106
Antonio Paes de Sande	227	261
Apparecimento de S. F.	327	411
Appellido de Xavier	3	2
Arcos maravilhosos	131	128
Armação do Templo	307	385
Arsenal do Exercito	301	379
Assentos ás Autoridades	261	321

B		
Babilonia Portugueza	87	68
Bacaim, Cidade de	78	60
—sua fundação	»	»
—grandeza passada	»	»
—perda subsequente	»	»
Banda, Ilha de	93	75
Baptismo de 10 mil idol.	65	51
—de Aldeas ou lugares	66	51
—da filha de Meale	197	222
Barões de Sabr. e Cand.	303	378
Bastião, sua entrega a X.	231	264
—tempo St.° no dado	280	361
—sua troca nas posses	282	361
—quando começou	»	»
Batical, Porto de	196	221
Beatificação de Xavier	222	252
—fez Paulo V	256	305
Bengala, (Paiz vasto)	113	101
Bispo de Goa (o 1.°)	27	18
—Dundense	28	19
—de Halicarnasso	85	65
Bode capado com leite	92	74
Bravos, que trouxe X.	18	13

C		
Bungo, Reino de	141	116
Cabido, seu pessoal	38	32
Cabo de Comorim	89	48
Cadeira de S. F. X.	130	119
Caixão de prata	221	258
—seu valor	256	267
—engastes de pedras	311	422
—numero de pedras	312	422
—seu conserto	313	347
Caixão q' contem o corpo	277	359
—tres ditos	283	289
Canauor, Cidade de	79	60
Candea, Reino de	81	61
Canonisação de Xavier	221	251

C	Nota	Pag.
—seu festejo	223	255
Canóz (Dr.) sua vinda	314	389
Cantigas na viagem	21	14
Capella da SS. Virgem	42	33
—de S. Francisco	130	117
—do seu Tumulo	247	275
—de Sanchão	329	415
Capuchos	225	259
Caranguejo da Imagem	99	78
Carceres em Goa	41	35
—como se chamavam	»	»
—quantos eram	127	111
Carlos Caldeira	87	67
Cariepatão	126	113
Carta da irmaã de Xav.	7	8
—de uma devota	328	415
Cartas de X. a El-Rei	16	12
—em que datas	129	115
—n.° total das suas Car.	167	193
Casa do P.e José Vas.	130	118
—Professa de B. Jesus	217	275
—sua Igreja	»	276
—sua Sacristia	»	278
—sua escadaria	»	280
—dita das torres	»	281
Castão do Bastão	280	361
Castigo na China	176	204
—de D. Alvro	166	192
Cathedral	38	26
—suas dimenções	»	27
Cavalleiro desconhecido	317	394
Ceilão, Ilha de	72	57
—sua descuberta	»	»
—sua doação	»	»
—perda	»	»
Celebes ou Macassar	89	71
Cêra, seu consumo	312	388
Ceremonias gentilicas	29	19
—seu composto	31	21
Chaves do caixão	215	272

C	Nota	Pag.
—quantas erão, e existem	275	337
China, seus limites	157	183
Chingalá	31	61
Cidade velha de Goa	36	22
Cochim	60	49
Collegio de Margão	131	120
—de S. Paulo	131	122
—de estudos	»	130
—de S. Boaventura	300	374
—do Populo	225	260
Colonias e metropoles	8	9
Columbo	82	62
Conceilo dos Jesuitas	109	86
—de X. pelos protestant.	219	247
—por Taverner	221	251
Concilios Provincias	131	125
Concurso do povo	318	395
Conde de Linh. (doação)	128	114
—da Ega (Hospital)	131	122
—de Linhares (toalha)	205	284
—de Vidigueira (S. Ag.)	225	259
—de Alvor (bastão)	231	264
—de Villa Verde (dito)	»	»
—de Aveiras (S. Caet.)	303	376
Confraria de Santa Fé	131	120
—de Jesus e do Rosario	131	178
Confrarias das Freguez.	131	120
Congregação d'Oratorio	225	260
Convento de S. Francisco	37	23
—de S. Paulo Velho	131	122
—de S. Domingos	131	176
—de S. João de Deos	288	366
—de S. Boaventura	300	374
—de S. Caetano	303	376
—de Santa Monica	306	380
—de S. Agostinho	321	399
—dos Carmelitas	»	»
—da Cruz dos Milagres	225	260
Conversões de Xavier	65	351
—em Travancor	»	»

C	Nota	Pag.
— em Japão..	213	242
—na Ilha de Moro.....	104	82
Convertidas (visita)....	322	400
Côr de Cabellos do St.º	188	214
Coromandel.....	83	64
Corpo de Xavier.....	184	211
—sepultado em Sanchão.	»	»
—foi desenterrado.....	»	»
—achou-se incorrupto..	»	»
—não foi embalçamado.	189	216
—foi conduzido á Malaca	»	»
—Idem para Goa.....	194	220
—anecdota ácerca disto.	200	232
—ficou nas praias de Goa	233	266
—supposição temeraria.	267	349
Corrupção de Goa.....	29	19
—sua cura por Xavier.	31	20
Corte do braço de Xavier	204	234
—Idem.....	(b)	471
Côrte do Norte.....	78	60
Cosme Annes, Vedor Gl.	109	86
Costa da Pescaria.....	43	37
Coutão (Quilon).....	62	50
Coxim. off. ao G. Duque	(c)	466
Crucifixo e Caranguejo .	100	78
Cruz de Jaqueira do Xav.	130	118
—da Igreja de S. Paulo	131	128
—dos Milagres.....	225	261
—suas dimensões.....	»	»
—de Nagoa (seu corte).	327	414
Curas portentosas.....	319	396
—sua continuação.....	320	397

D	Nota	Pag.
Dedo tirado ao Santo..	211	240
—por quem.....	350	532
—o esponjoso.....	278	360
Desmoralisação de Goa.	29	19
—sua cura.....	31	20
Devotas nocturnas.....	131	123
Differença de cores etc.	209	233
Dimensões da Sé.....	38	26
—da Igreja de S. Fran.	37	24
—da Imagem de S. F.	»	»
—da Mesquita d'Idalcão.	»	23
—da Cruz dos Milagres.	225	261
—da Igreja de B. Jesus.	247	276
—da Imagem de St.º Ig.	»	278
—do Caixão ou Andor	277	359
—de 6 Imag. de christo	306	382
Diogo Pereira.....	164	191
—seu concerto com Xav.	197	222
—foi Capitão de Macáo.	220	249
Discussão de Xavier....	24	16
—em Melinde.....	»	»
—com os Bramanes....	31	41
—joco-seria dos milag..	320	397
Distincção d'cores pessaes	209	233
—não fazia o Apostolo..	»	»
—nem O Rei D. José 1.º	»	»
Doações á Misericordia.	188	224
Dominicos.....	151	176
Doutrina nas Igrejas....	32	21
—cantada em casas....	34	22

E	Nota	Pag.
Edificios da Cid. Velha.	39	33
—em ruinas.....	»	34
—os demolidos.....	295	378
—os do cargo do Senado	99	230
Embaixada para Japão..	123	108
do Rei Mogol.....	132	284
Embarcações varias....	251	360
—Vapores.....	»	»
—Navios de Vella.....	»	»
—Bateiões.....	»	»
—Patamarins.....	»	»
Enfado de Xavier.....	73	59

E	Nota	Pag.
—reflecções do P. Vieira	»	»
Engastes de pedras	331	422
Ensino da Doc. Christaã.	32	21
—na Ermida da SS. Virg.	42	35
—da grammatica	131	121
Entradas dos V. Reis	231	264
—do C. de Sarzedas	295	371
—do C. do R. Pardo	»	»
Entrega do bastão	231	264
Ermida de SS. Virgem	42	35
Escadaria do C. de S. F.	37	25
—da Mesquita	»	»
—da Casa Professa	247	280
—das suas Torres	»	281
Escolas das Freguezias.	32	21
—Idem	33	22
Escolha de X. para India	15	11
Escravos, seu salario	28	19
Estampas da Elegie	337	443
—Idem	338	444
—do Retrato do Santo	339	445
Estatura de Xavier	187	213
Estrado da exposição	311	387
Estudos no Collegio	131	129
Exame do Corpo	283	362
—porque se antecipou	»	»
Exequato Regio	161	187
Exequias de D. Maria 1.ª	295	371
Exercito de Mogol	232	264
Expedição contra Jafanap.	80	60
Exposição de 1782	269	353

F	Nota	Pag.
Fernão Mendes Pinto	124	106
—sua confissão geral	»	108
—sua profissão	»	110
Festa do St.º transferida	258	308
—sua despesa	259	317
—Quem a fazia	260	318
Festejos de canonisação.	223	265
—antigos nacionaes	295	370
Fidalgo Velho	350	584
Fige	140	146
Figuras nas procissões.	131	120
Flagello da peste e fome	319	396
Forro do Caixão	285	362
—em que se empregou.	»	»
Fortaleza de Cochim	60	49
—de Coulão	62	50
—de Manar	69	55
—de Jafanapatão	70	56
—de Cananor	79	60
—de columbo	82	62
—de Nagapatão	83	63
Francisco X. (S.) vivo.	327	411
Freira com chagas	306	382
Fretes de transportes	296	372
Friesa dos Portuguezes.	184	211
—conceito de Xavier	»	»
Fundição de typos em G.	131	129
Furto do dedo do pé	211	240
—Idem por quem	350	582
—de 1 grade de tumulo.	332	422

G	Nota	Pag.
Gaveta oculta	18	13
Gipon (Japão)	133	133
Grade do tumulo trocada	332	422
Grande Rei do Malabar.	67	53
Grandesa de Goa	36	22
—Idem	295	370
Grão Mogolo	232	264
Gueda	118	101

H	Nota	Pag.
Habitantes de Bardez	292	369
Hospital Reals	40	34

	Nota	Pag.
H		
—sua mudança	131	132
Hospitaes em Goa	39	33
—2 em 1542	39	33
—Idem	40	34
—3 em 1548	128	114
—do Padre Camerte	198	225
Hotel	289	367
I		
Idade do Apostolo	1	1
Igreja Goense	27	18
—do C. de S. Francisco	36	23
—da Cathedral	38	26
—de Coulão	68	54
—de Cochim	149	175
—de Bom-Jesus	24[illegible]	276
—do P. do Rozario	4[illegible]	36
—de S. Thomé	81	65
—de Graça	124	108
—de Santo Agostinho	225	259
—tradição da sua abobad.	»	»
—de Santo Antonio	»	»
—da Cruz dos milagres	»	260
Ilha de Jua	228	282
Ilheos barbaros	99	78
Imagem de prata do Ap.	237	267
Imagens varias	151	178
—de S. Domingos	»	»
—de Santo Xavier	237	267
—de Santo Ignacio	247	278
—da Igreja de S. Monica	306	380
—da Inquisição	»	382
—da Ilha de Piedade	»	»
Imperio Chinez	157	183
Inauguração de Xavier	262	324
—em Padroeiro da Bahia	»	»
—Defensor da India	263	325
—Patrono de Navarra	263	323
—das Indias	»	»
I		
Incendios de S. Roque	131	139
Incorrupção do Corpo	189	215
—reflecções de P. Vieira	»	»
Indulgencias plenarias	238	313
Infantas de Portugal	279	360
Inquisição de Goa	305	379
Inscripção da Sé	38	30
Invasão de 1[illegible]	229	262
—Idem de 1739	233	266
Irmand. da Misericordia	198	222
—dos Officiaes do mar	224	258
J		
Jafanapatão	70	56
Japão, Imperio	122	105
—he de muitas Ilhas	133	133
—descuberto por quem	133	133
—Prof. a seu respeito	»	»
—foi fechado aos Portug.	»	»
—seus martires	»	»
—seus Bispos	»	»
Jaqueira de S. Francisco	130	118
—sua Cruz	»	»
Jeronimo Xavier (Pe.)	130	130
Jesuitas, seu conceito	109	86
João de Castro (D.)	125	117
Jubileo plenario perp.	258	309
L		
Lapida em Sanchão	240	268
—sua inscripção	»	»
Lenço offerecido	290	367
Liampó	175	204
Lonca dos Gentios	72	57
Lugares ás sectoridades	261	321
Luzia de Vilhançano	214	273
M		
Macáo	174	203
Macassar	89	71

M	Nota	Pag.
Macho do Cabrio	92	71
Macoco	77	59
Madrasta	83	64
Madre de Deos	225	258
Maduré	63	50
Mais, mais, mais	6	7
Malebar	67	53
Malaca	87	67
—sua conquista	»	»
—perda	»	»
Malpoco	97	76
Manar	69	53
Mandarins	177	203
—sua curveldade	»	»
Mandovi	299	373
Mão de Xavier cortada	201	234
—tradições a este resp.	»	»
Maria Toscana	197	222
Maria (D.) filha de Meale	»	»
Marqueza d'Alorna	227	262
—de Louriçal	247	277
—de Tavora	321	390
Massa de chumbo	306	380
—aromatica	313	389
Mecco	138	112
Meale, rio de Idalcão	197	222
Medalha da mão de S.	286	363
Medalhão de Ouro	248	271
—seu peso, e valor	»	»
Medidas ao Corpo de S.	350	453
Meio vintem	24	13
Meliapor	83	64
Memorias do Santo	311	416
Mercador fugitivo	180	207
—seu cruel morte	»	»
Mesquita de Idalcão	37	23
—suas demolições	»	»
Mestres de Capellas	131	120
Milagres da credulidade	327	414
Misericordia de Goa	198	222

M	Nota	P.
—sua fundação	»	
—instituições	»	
—administrações	»	
—encargos	»	
—de Damão	»	2
Missas cantadas	131	1
—dos apostolos	»	
Moeda de Achar	232	2
Molucas	92	
—são varias Ilhas	»	
—algumas barbaras	99	1
Monte Santo	131	1
Moro (Ilha)	93	
Morte de Xavier	183	2
—reflexões de P. Vieira	»	
Mulheres de Bacaim	321	1
Multidão de devotos	292	3
—Idem no ultimo dia	326	4

N		
Nababa Dilavargenga	83	
Não mais	130	1
Nascimento do Apostolo	1	
Navegação de Xavier	20	
Nautaquim	183	1
Negamatão	83	
Nicobar	15	
Nifon (Japão)	133	1
Noviciado de Chorão	121	1

O		
Objectos varios	317	3
—tocados no Corpo	»	
—depositados no Caixã	351	5
Obras pias (sobre renda)	189	2
—sua instituição	»	
—applicação	»	
Officio-maior	268	3
Orchesta, seu pessoal	316	3
Ordens Relig em 1621	225	2

O	Nova Pag.	Ant. Pag.
—seu estabelecimento	»	»
—da Conversão	221	249
—de S. Domingos	15	173
Orfãos de D. Magestade	198	226
P		
[illegible]	127	153
[illegible]	210	238
[illegible]	123	115
[illegible]	131	129
[illegible]	270	332
[illegible]	130	127
[illegible]	212	272
[illegible]	220	320
[illegible]	61	49
[illegible]	308	386
[illegible]	120	103
[illegible]	332	122
[illegible]	139	137
[illegible]	21	16
[illegible]	117	100
Penitencias nas procis.	131	123
Pero Velho, reprehensão	147	168
—dote que deo	171	200
—sua morte	173	202
Peso das alampadas	235	260
Petição de S. Francisco	161	187
Pia Baptismal da Sé	38	31
Poços de S. Francisco	227	409
Portuguezes, e Xavier	»	»
—sua affeição mutua	184	211
Posses dos V. Reis	231	264
Postura da Camara	231	264
Pregações em Goa	131	129
Premio da exposição ind.	310	387
Preste João	75	39
Principe Mogol	242	264
—seus embaixadores	»	»
Procissão do Rozario	42	30

P	Nova Pag.	Ant. Pag.
Procissões Velhas	221	249
—para commemoração de S.	»	»
Provisão de 6 de Outubro	234	262
—sua [illegible]	»	»
Prologo de Xavier	135	163
—a favor de Diogo Pires	165	191
—do cartorio de D. [illegible]	142	192
—da morte de Pero Vel.	170	242
Profissão de F. M. Pinto	131	159
—de Xavier	135	213
Prorogação da Exposição	316	392
Provincias dos Jesuitas	131	161
Q		
Quadros do Caixão	252	282
—da Vida do Santo	310	387
—do F. da C. Campos	325	404
Quaresma em Goa	131	122
Quinhentos xs. para festa	252	312
—sua redução a 336 x.ª	»	»
R		
Recolhimentos	198	243
—de N. S. de Serra	»	»
—da Stª M. Magdalena	»	»
—seu fundador	»	»
Reedificação da Cidade	301	378
—não era possivel	(1)	198
Reformados de S. Usna	226	258
Rei de Maluco	105	83
Religiosos Dominicos	151	176
Representações burlescas	139	134
Req. de D. Maria Amalia	290	367
Resa do Officio	237	268
Resenha de documentos	281	362
Retrato do Santo	234	264
—que o tirou	»	»
Revelação do Apostolado	7	8
Rio mandovi, seu estado	259	273

	Nota	Pag.
B		
Bitos e Ceremonias		29 31
—Idem		31 34
—Idem		131 124
Bodrigo da Costa (D.)		357 337
Borgia		77 78
S		
Sacristia de Bom Jesus		217 278
Salario dos escravos		28 19
Salvador Antão		198 224
—sua devoção		» »
—anecdota a seu respeito		» »
S. Boaventura		300 277
S. Caetano		303 316
S. Domingos		151 176
S. João de Deos		288 306
S. Paulo dos Arcos		130 128
S. Paulo Velho		» »
S. Paulo novo		131 129
S. Thomás		151 177
S. Roque		131 130
—soffreo 3 incendios		» »
—tres varios nomes		» »
—sua grandeza		» »
—sua ruina		» »
—sua apreciação		» »
S. Thomé Apostolo		85 65
S. Thomé Cidade		» »
S. Thomé moeda		» »
S. Caetano		303 316
Sacchão		168 198
Santo Agostinho		321 299
S. Monica		306 280
Sanxuan		185 212
Sara douentes		89 46
—com o toque de contas		» »
—com o da Imagem		214 248
S. Lactitio Picto Pinerolo		247 275
—tenente S. C. de Chaul	(a)	183
Sede da Comp. de Jesus		131 1
Sé Metropolitana		38
—suas dimensões		»
—sua construcção		»
—inscripção		»
Seminario de Santa Fé		61
—sua fundação		134 1
—creação de meninas		» 1
—sua entrega a Xavier		» 1
—sua reedificação		» 1
Senado da Camara		199 2
—sua creação		»
—anecdota a seu respeito		»
—contas contra elle		» 2
—obras a seu cargo		» 2
Sepultura do D. Jeronimo		247 2
—sua legenda		(b) 1
—de Julio Simão		(c) 1
—de M. de Lourical		247 2
—de Balthazar da Veiga		» 2
T		
Taci		172 20
Tamalé		99
Tamadar-mor		190 22
Telegrafo electrico		(*) 33
Templos da Cidade		39 3
—em ruinas		» 3
—os demolidos		295 37
Ternate		98
Terreiro dos Gallos		130 12
Tocalha ensanguentada		295 23
—levou o C. de Linhares		» »
Torre abatida da Sé		38 3
Torrinha em Pariz		1
Tradição em Mocambique		23 1
—da Capella do Santo		130 11
Traducção de Bullas		235 29
Travessa		54 5

00100589

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 20 February, 2016